ANTÓNIO AUGUSTO PAZO PIRES

A PERCEPÇÃO QUE A MÃE TEM DO TEMPERAMENTO DO BEBÉ:

DESENVOLVIMENTO DA PERCEPÇÃO E A SUA RELAÇÃO COM O COMPORTAMENTO DA CRIANÇA, E COM O COMPORTAMENTO, IRRITABILIDADE E AUTO-EFICÁCIA MATERNAS

Instituto Superior de Psicologia Aplicada
BIBLIOTECA

Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade

de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

AGRADECIMENTOS

Várias foram as pessoas e instituições que colaboraram neste trabalho ou contribuíram para que se realizasse e sem a ajuda das quais ele não seria possível.

Um agradecimento especial ao Professor Doutor Jesús Palacios, Catedrático de Psicologia Evolutiva da Universidade de Sevilha, por ter apoiado o meu projecto e por todas as sugestões prestadas.

Vários colegas tiveram a amabilidade de discutir comigo este trabalho numa ou outra fase da sua realização: Pedro Lopes dos Santos, Alan Fogel, Donna Gelfand, Barbara Rogoff, Jay Belsky; Uri Bronfenbrenner e Edward Tronick. A todos o meu agradecimento.

Um agradecimento às mais de 150 mães que contactei ao longo destes últimos 6 anos, em estudos preparatórios, no estudo piloto e na recolha final. Em especial, um agradecimento aquelas que contactei desde o fim da gravidez até aos seis meses de vida do bebé, pela sua paciência, disponibilidade, por terem partilhado comigo algo das suas vidas e dos seus bebés, por me terem proporcionado uma experiência gratificante e de grande aprendizagem.

Percorri um longo caminho até encontrar os locais ideais para contactar os sujeitos da amostra. Neste percurso foram contactadas muitas pessoas, muitos responsáveis por instituições e serviços que autorizaram o meu trabalho e colaboraram ou permitiram a colaboração de pessoal desses sectores. A todos os responsáveis e técnicos dos seguintes serviços os meus agradecimentos: Serviço de Obstetrícia do Hospital de Santa Maria; Serviço de Obstetrícia da Maternidade Alfredo da Costa; Serviço de Psicologia Clínica da Maternidade Alfredo da Costa; Serviço Social da Maternidade Alfredo da Costa;

Escolas de preparação para o parto "Descansauna", "Físico e Forma", "Varepique" e "Physical"; Dr. Macedo Dória, Dra. Odete, Enfermeira Marina Montargil. Um agradecimento especial à Dra. Graça Mexia.

Ao longo destes últimos anos vários foram os colaboradores que comigo contactaram as mães e me ajudaram a introduzir dados no computador. A todos os que se seguem o meu agradecimento: Chiara Marantonio, Carlos Carreira, Teresa Condeço, Alda Fonseca, Fátima Navarro, José Pedro, Paula Ferreira e Rita Inácio.

O meu agradecimento às estruturas directivas do ISPA, instituição onde trabalho, por me terem dispensado das aulas para que me dedicasse inteiramente à redacção da tese. A todos os colegas e funcionários agradeço as palavras de incentivo. Um agradecimento especial ao Professor Doutor Victor Almada pelo incentivo e pela ajuda no programa para descodificação dos registos audio do choro, e ao Dr. Carlos Lopes pela sua atenção e colaboração constantes. Ainda um agradecimento especial ao Dr. Rui Bártolo, Dra. Isabel Matta, Professor Doutor António Candeias, à Luisa, à Mita, à Celeste e ao José Narciso.

Finalmente, um agradecimento especial à minha família pela compreensão e paciência e também pelo carinho que sempre me proporcionaram.

RESUMO

A revisão de literatura inclui três temas principais. O primeiro é o temperamento infantil. Nesta parte começamos por definir o temperamento e temperamento difícil, apresentamos várias dimensões de temperamento assim como as principais teorias e instrumentos existentes para o medir e discutimos a sua origem e estabilidade temporal. A seguir são apresentados os modelos teóricos que procuram descrever a relação entre o temperamento da criança e a interacção mãe-criança e feita uma revisão sobre emocionalidade negativa. Por fim, é discutido o significado do temperamento infantil enquanto avaliação feita através de questionários preenchidos pelos pais e enquadrada esta discussão nas teorias existentes sobre percepção interpessoal.

O segundo tema é a irritabilidade. Depois de referir alguns aspectos históricos é definido o conceito de irritabilidade através das principais teorias existentes: A teoria de Spielberger, as teorias cognitivistas e teorias não cognitivistas, teoria neo-associacionista e sociológica. Definimos também irritabilidade parental e fazemos a revisão bibliográfica deste tema à luz do modelo de Theodore Dix sobre as emoções dos pais nas suas interacções com os filhos.

Finalmente, é discutida a relação entre percepção de temperamento e irritabilidade materna. O terceiro tema é a percepção de auto-eficácia. Define-se auto-eficácia em geral onde a teoria de Bandura é predominante, para depois se definir auto-eficácia materna e fazer a revisão de literatura sobre a relação entre temperamento e auto-eficácia materna.

Após esta revisão crítica da literatura são formuladas as principais questões e predições deste estudo que se prendem com o desenvolvimento da percepção de temperamento nos

primeiros seis meses e com a relação entre esta percepção e o comportamento da criança e da mãe, e a irritabilidade e auto-eficácia maternais.

Foi delineado um estudo longitudinal com 60 mães primíparas entre os 21 e 35 anos, contactadas em escolas de preparação para o parto e os seus bebés, metade de cada sexo. Todas as mães foram contactadas 4 vezes nas suas próprias casas. O primeiro contacto foi feito no terceiro trimestre de gravidez e serviu para recolher dados socio-familiares. Os contactos seguintes foram feitos no 1°, 3° e 6 mês após o parto. Nestas ocasiões foram aplicadas: Uma escala de impaciência/irritabilidade; uma escala de auto-eficácia materna; um questionário de temperamento infantil existente para os 4-7 meses. Foi feita uma gravação audio do choro da criança e preenchido no fim da visita várias escalas sobre comportamentos da criança e da mãe.

O estudo permitiu verificar que é possível construir um questionário de temperamento para os primeiros meses preenchendo uma lacuna entre os questionários já existentes para o período neonatal e os questionários para os 6 meses. A Análise de Componentes Principais evidencia no nosso estudo um conjunto de 3 dimensões semelhantes às encontradas por outros autores em estudos anteriores. A solução encontrada para os três momentos de avaliação é semelhante e as diferenças revelam alguma modificação da estrutura do temperamento. As duas dimensões principais estão relacionadas com o temperamento difícil sendo numa delas predominante o choro e noutra a previsibilidade dos ritmos biológicos do bebé. A estabilidade temporal destas medidas de temperamento é moderada e mais elevada do que as encontradas noutros estudos.

Dos vários comportamentos estudados, os comportamentos positivos da mãe tendem a estar associados a comportamentos positivos do bebé. Por exemplo, a resposta da mãe ao comportamento social positivo do bebé mantêm-se associada do primeiro para o terceiro mês com o estado de alerta e vocalizações do bebé; e o afecto positivo da mãe mantêm-se associado do terceiro para até ao sexto mês às vocalizações positivas da criança.

Quanto ao choro, os bebés que choram mais no primeiro mês têm mães com comportamento menos adequado aos ritmos e necessidades do bebé e os que choram mais no sexto mês têm mães mais próximas e envolvidas.

Quanto à relação entre o choro do bebé e a percepção de temperamento existe uma associação, mas esta relação é fraca apontando para a necessidade de no futuro se considerar este conceito distinto do comportamento ou temperamento da criança.

A impaciência/irritabilidade e a auto-eficácia da mãe também se encontram associadas à percepção de temperamento. As mães mais impacientes e menos auto-eficazes acham os filhos mais chorões e imprevisíveis. Quanto à dimensão de temperamento Chorão/Difícil é predita no primeiro mês pelo choro do bebé e pela sensação materna de irritabilidade e a percepção de temperamento imprevisível. No terceiro e sexto mês, só a sensação de auto-eficácia materna tem algum valor explicativo e mesmo assim pequeno. Quanto à dimensão de temperamento Imprevisível é predita no primeiro mês pelo peso e choro da criança, pela percepção de temperamento Chorão/Difícil e sensação de auto-eficácia materna. Aos 3 meses a sensação de auto-eficácia já tem o maior valor explicativo, tendo a sensação de irritabilidade materna e o choro do bebé ainda algum contributo. Aos seis meses só a sensação de auto-eficácia materna apresenta um valor explicativo apreciável.

Estes resultados são interpretados à luz dos temas dominantes na literatura.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 1

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO I: TEMPERAMENTO INFANTIL

1 Definição do conceito e teorias 9

1.1 Aspectos históricos 9

1.2 A teoria de Thomas e Chess 10

1.3 A teoria de Buss e Plomin 12

1.4 A teoria de Rotharth e Derryberry 14

1.5 A teoria de Goldsmith e Campos 16

1.6 Discussão 17

2 As dimensões do temperamento 20

2.1 Emocionalidade negativa - irritabilidade (características do choro) 21

2.2 Emocionalidade negativa - Capacidade para se deixar acalmar e capacidade para se auto-acalmar 28

2.3 Emocionalidade positiva - Características do Sorriso 30

2.4 Emocionalidade positiva - Olhar e olhar recíproco 31

2.5 Emocionalidade positiva - Características das Vocalizações positivas 33

2.6 Nível de actividade: motilidade, ritmos e reacção à frustração 34

2.7 Características dos estados de vigília 35

2.8 Capacidades sensoriais e limiares sensoriais 38

3 Medição do temperamento 39

3.1 Infant Temperament Questionnaire (ITQ) 40

3.2 Infant Behavior Questionnaire (IBQ) 43

3.3 Infant Characteristics Questionnaire (ICQ) 45

3.4 Discussão 47

4 Origem genética do temperamento 49

4.1 Avaliação pelos pais e observação directa do comportamento 55

4.2 Discussão 57

5 Estabilidade versus mudança no temperamento 60

5.1 Significado e tipos de estabilidade 60

5.2 Estabilidade em diversas dimensões de temperamento 64

5.3 Estabilidade em função da idade 68

5.3 Síntese e discussão 69

6 Temperamento infantil e interacção mãe-criança - modelos 72

6.1 Modelo homeostático 72

6.2 Modelo de ajustamento 75

6.3 Discussão 81

7 Integração do temperamento infantil nos fenómenos de interacção diádica 84

7.1 Ciclos de atenção e regulação mútua 84

7.2 Desajustamento, sobrestimulação e subestimulação 86

7.3 Situações extremas 90

7.4 Desenvolvimento do self e experiência subjectiva 94

7.5 Interacção fantasmática 97

7.6 Síntese e discussão 99

8 Emocionalidade negativa e comportamento da mãe 103

9 O significado do temperamento avaliado pelos pais 115

10 Percepção do temperamento versus. percepção social 129

CAPÍTULO II: IRRITABILIDADE/IMPACIÊNCIA MATERNA

1 Aspectos históricos 140

William James, as emoções e a irritabilidade 142

2 Definições recentes do conceito de irritabilidade e teorias 145

2.1 Teoria de Spielberger 145

2.2 Teorias cognitivistas 147

Teoria de Schachter 148

Teoria de Bernard Weiner 149

Teoria de Richard Lazarus 153

Teoria de Reimond Novaco 153

O Modelo de Oatley e Johnson-Laird 158

2.3 Teorias não cognitivistas 160

A Teoria de Zajonc e e a de Carroll Izard 161

2.4 Teoria cognitivo neo-associacionista de Berkowitz 162

2.5 Teorias construtivistas 165

Perspectiva construtivista de James Averill 165

Perspectiva sociológica de Terry Warner 168

3 Definição de irritabilidade parental 172
4 O modelo de Theodore Dix 175
4.1 Processos de activação 177
Efeitos dos interesses e expectativas sobre a emoção 177
Efeitos das avaliações sobre a emoção 180
As competências comportamentais dos pais 182
As características da criança 184
Os determinantes contextuais 185
4.2 Processos de participação e organização 187
Efeitos da emoção sobre a percepção e cognição 188
Efeitos da emoção sobre a motivação 193
Efeitos da emoção sobre o comportamento expressivo 196
Efeitos da emoção sobre as tendências comportamentais 197
4.3 Processos de regulação 198

CAPÍTULO III: TEMPERAMENTO INFANTIL E IRRITABILIDADE MATERNA

1 O comportamento da criança afecta a emoção da mãe 199
2 As emoções da mãe moldam o comportamento da criança 203
3 A percepção da mãe afecta a sua emoção 205
4 A emoção da mãe afecta a sua percepção 212
5 Efeitos de interacção 216

CAPÍTULO IV: PERCEPÇÃO DE AUTO-EFICÁCIA MATERNA

1 Definição do conceito de auto-eficácia 221
1.1 O que é que pode ser medido na auto-eficácia? 224
1.2 A partir de que fontes se constitui a percepção de auto-eficácia? 226
1.3 A veracidade das avaliações de auto-eficácia 226
1.4 A percepção de auto-eficácia é um produtor activo e não um preditor passivo dos níveis de realização 227
1.5 Percepção de auto-eficácia, percepção de resultados e afecto 229
1.6 Auto-eficácia e afecto e atitudes 231
1.7 A percepção de auto-eficácia é uma capacidade generativa 234
1.8 Auto-eficácia e Auto-estima 235
Auto-estima 235
Comparação entre auto-eficácia e auto-estima 238
2 Definição de auto-eficácia materna 244

CAPÍTULO V: TEMPERAMENTO INFANTIL E AUTO-EFICÁCIA MATERNA

1 Previsões a partir da teoria de Bandura 255
2 O modelo de Goldberg 261
3 A auto-eficácia materna como variável mediadora 264
4 O modelo de Donovan e Leavitt 268
5 Expectativas sobre o próprio e sobre o outro, comportamento interactivo e percepção de temperamento 273
6 Síntese 281

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO VI: OBJECTIVOS DA INVESTIGAÇÃO E HIPÓTESES

1 Síntese 285
2 Estrutura do temperamento nos primeiros seis meses 289
3 Estabilidade do temperamento nos primeiros seis meses 290
4 Relação entre a percepção de temperamento e as características socio-familiares e outras variáveis do bebé e da mãe 292
5 Relação entre a percepção de temperamento e os comportamentos do bebé e da mãe 293
6 Relação entre a percepção de temperamento e a Impaciência/Irritabilidade materna 295
7 Relação entre a percepção de temperamento e a de auto-eficácia materna 297
8 Síntese das questões de investigação e hipóteses 298

CAPÍTULO VII : MÉTODO

1 Visão geral sobre a metodologia 301
2 Sobre o estudo piloto 302
3 Sujeitos 303
4 Procedimento 303
5 Instrumentos 305

CAPÍTULO VIII RESULTADOS

1 Análise da escala de temperamento: Análise da estrutura factorial.....314
Comparação com os resultados de Bates e de Kohnstam.....321
2 Análise da escala de temperamento: Consistência interna.....325
3 Análise sobre os dados socio-familiares: Estatísticas descritivas.....327
4 Análise da escala de temperamento: Estabilidade temporal.....330
5 Análise da escala de temperamento: Estatísticas descritivas.....334
Comparação com os resultados de Bates e Kohnstam.....335
6 Análise dos itens de comportamento: Análise da estrutura factorial.....337
7 Análise dos itens de comportamento: Estabilidade Temporal.....341
8 Relação dos itens de comportamento do bebé e itens de comportamento da mãe.....342
9 Validade das avaliações de choro feitas pelos observadores.....344
10 Análise da escala de impaciência/irritabilidade: Consistência interna.....347
11 Análise da escala de impaciência/irritabilidade: Estabilidade temporal.....347
12 Análise da escala de impaciência/irritabilidade: Estatísticas descritivas.....348
13 Análise da escala de auto-eficácia materna: Consistência interna.....349
14 Análise da escala de auto-eficácia materna: Estabilidade temporal.....349
15 Análise da escala de auto-eficácia materna: Estatísticas descritivas.....350
16 Relação entre a percepção de temperamento e as variáveis socio-familiares, gravidez, parto e características do recém-nascido.....351
17 Relação entre a percepção de temperamento e os comportamentos observados do bebé e da mãe.....352
18 Relação entre a percepção de temperamento e a impaciência/irritabilidade maternais.....355
19 Relação entre a percepção de temperamento e a auto-eficácia materna.....356
20 Correlatos da percepção de temperamento no 1°, 3°. e 6° mês.....357

CAPÍTULO IX: DISCUSSÃO

1 Sobre a estrutura do temperamento 365
2 Sobre a estabilidade temporal do temperamento 368
3 Sobre os dados descritivos 370
4 Relação dos itens de comportamento entre si 372
5 Relação entre a percepção de temperamento e os comportamentos 374
6 Relação entre a percepção de temperamento e as características socio-familiares, e outras variáveis do bebe da mãe 380
7 Relação entre percepção de temperamento e impaciência /irritabilidade materna. 381
8 Relação entre percepção de temperamento e auto-eficácia materna 383
9 Correlatos da percepção de temperamento ao longo dos primeiros seis meses 386
10 Limitações do estudo e investigação futura 388

REFERÊNCIAS 391

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura I(1): Modelo de atribuições disposicionais de Trope 136

Figura II(1): Modelo atribucional sobre a motivação e emoção de B. Weiner (1986) 151

Figura III(1): Modelo de Bugental e Shennum sobre a relação entre atribuições de poder e afecto 207

Figura III(2): Modelo de Dix sobre a relação entre atribuições de intenção e disposições e emoções negativas 210

Figura VII(1): Visão geral sobre o método 301

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro nº 1a): Matriz dos factores após rotação Varimax para os itens da escala de temperamento - 1º mês. 315

Quadro nº 1b): Matriz dos factores após rotação Varimax para os itens da escala de temperamento - 3º mês. 317

Quadro nº 1c): Matriz dos factores após rotação Varimax para os itens da escala de temperamento - 6º mês. 319

Quadro nº 1d): Resumo da distribuição dos itens pelos diversos factores de acordo com a Análise de Componentes Principais após Rotação Varimax. 320

Quadro nº 2: Distribuição dos itens da escala de Bates e col. (1979) de acordo com a análise de componentes principais após rotação Varimax efectuada neste estudo e comparação com os resultados dos estudos de Bates e col., 1979 e de Kohnstamm (1984).. 322

Quadro nº 3: Consistência interna verificada na variável temperamento e comparação com os estudos de Bates e de Kohnstamm. 326

Quadro nº 4: Estatísticas descritivas de variáveis do bebé, mãe, e características socio-familiares. 328

Quadro nº 5: Estatuto Profissional. Distribuição de frequências. 328

Quadro nº 6: Habilitações da mãe. Distribuição de frequências. 329

Quadro nº 7: Como decorreu a gravidez. Distribuição de frequências. 329

Quadro nº 8: Tipo de parto. Distribuição de frequências....329

Quadro nº 9: Habilitações do pai. Distribuição de frequências. 330

Quadro nº 10: Estabilidade temporal verificada na variável temperamento e comparação com os estudos de Bates e de Kohnstamm. 331

Quadro nº 11: Opção da distribuição dos itens de temperamento por 2 factores. 333

Quadro nº 12: Estatísticas descritivas das variáveis de temperamento nos três momentos de avaliação. 335

Quadro nº 13: Estatística descritiva dos itens de temperamento no 1º, 3º e 6º mês.....337

Quadro nº 14: Correlação entre os diversos itens de comportamento do bebé no 1º mês. 339

Quadro nº 15: Correlação entre os diversos itens de comportamento do bebé no 3º mês. 339

Quadro nº 16: Correlação entre os diversos itens de comportamento do bebé no 6º mês. 339

Quadro nº 17: Correlação entre os diversos itens de comportamento da mãe no 1º mês. 340

Quadro nº 18: Correlação entre os diversos itens de comportamento da mãe no 3º mês. 341

Quadro nº 19: Correlação entre os diversos itens de comportamento da mãe no 6º mês. 341

Quadro nº 20: Correlação entre os itens de comportamento do bebé e da mãe no 1º mês. 343

Quadro nº 21: Correlação entre os itens de comportamento do bebé e da mãe no 3º mês. 343

Quadro nº 22: Correlação entre os itens de comportamento do bebé e da mãe no 6º mês. 344

Quadro nº 23: Correlação entre a avaliação de choro e o tempo de choro.....345

Quadro nº 24: Estabilidade temporal para a variável irritabilidade. 347

Quadro nº 25: Estatísticas descritivas da variável de irritabilidade nos três momentos de avaliação. 349

Quadro nº 26: Estabilidade temporal para a variável auto-eficácia materna 350

Quadro nº 27: Estatística descritiva da variável auto-eficácia nos quatro momentos de avaliação 351

Quadro nº 28: Correlação entre a percepção de temperamento "Chorão/Difícil" e os itens de comportamento do bebé.....353

Quadro nº 29: Correlação entre a percepção de temperamento "Imprevisível" e os itens de comportamento do bebé.....353

Quadro nº 30: Correlação entre a percepção de temperamento Chorão/Difícil e os itens de comportamento da mãe.....354

Quadro nº 31: Correlação entre a percepção de temperamento "Imprevisível" e os itens de comportamento da mãe.....354

Quadro nº 32: Correlação entre as variáveis de temperamento Chorão/difícil e Imprevisível e a variável Impaciência/Irritabilidade.....355

Quadro nº 33: Correlação entre as variáveis de temperamento Chorão/Difícil e Imprevisível e a variável Auto-eficácia materna.....357

Quadro nº 34: Análise de regressão múltipla para as variáveis que predizem a percepção de temperamento Chorão/Difícil no 1º mês (a variável dependente) e as variáveis dependentes "frequência de choro", "ritmos", "imprevisibilidade", "irritabilidade", e "auto-eficácia". 359

Quadro nº35: Análise de regressão múltipla para as variáveis que predizem a percepção de temperamento Chorão/Difícil no 3º mês (a variável dependente) e as variáveis dependentes "frequência de choro", "ritmos", "imprevisibilidade", "irritabilidade", e "auto-eficácia" 359

Quadro nº 36: Análise de regressão múltipla para as variáveis que predizem a percepção de temperamento Chorão/Difícil no 6º mês (a variável dependente) e as variáveis dependentes "frequência de choro", "ritmos", "imprevisibilidade", "irritabilidade", e "auto-eficácia" 360

Quadro nº 37: Análise de regressão múltipla para as variáveis que predizem a percepção de temperamento Imprevisível no 1º mês(a variável dependente) e as variáveis dependentes "frequência de choro", "ritmos", "Chorão/Difícil", "irritabilidade", e "auto-eficácia" 361

Quadro nº 38: Análise de regressão múltipla hierárquica para as variáveis que predizem a percepção de temperamento Imprevisível no 1º mês (a variável dependente) e as variáveis dependentes "Frequência de choro", "Ritmos", "Chorão/Difícil", "Irritabilidade" ,e "Auto-eficácia" depois de controlar o efeito da variável "Peso" 362

Quadro nº 39: Análise de regressão múltipla para as variáveis que predizem a percepção de temperamento Imprevisível no 3º mês (a variável dependente) e as variáveis dependentes "frequência de choro", "ritmos", "Chorão/Difícil", "irritabilidade", e "auto-eficácia" 363

Quadro nº 40: Análise de regressão múltipla para as variáveis que predizem a percepção de temperamento Imprevisível no 6º mês (variável dependente) e as variáveis dependentes "frequência de choro", "ritmos", "imprevisibilidade", "irritabilidade", e "auto-eficácia" 364

ANEXOS

Anexo A: Carta de apresentação do estudo aos sujeitos da amostra 1

Anexo B: Questionário sobre dados socio-familiares 3

Anexo C: Questionário de Temperamento
(Infant Characteristics Questionnaire, Bates et al., 1979) 5

Anexo D: Escala de Impaciência/Irritabilidade
(EMKK, Codreanu, 1984; e Engfer, 1984) 9

Anexo E 1: Questionário de percepção de auto-eficácia materna
(Parent Sense of Competence Scale, Gibaud-Wallston, 1977) 11

Anexo E 2: Questionário de expectativa de auto-eficácia materna (Alterações
ao Parent Sense of Competence Scale, Gibaudd-Wallston, 1977) 13

Anexo F: Grelha de comportamentos do bebé e da mãe 15

Anexo G: Descrição dos comportamentos do bebé e da mãe 17

Anexo H 1: Dados Brutos - dados socio-familiares 23

Anexo H 2: Dados Brutos - itens de temperamento 27

Anexo H 3: Dados Brutos - itens de irritabilidade/impaciência materna 35

Anexo H 4: Dados Brutos - itens de auto-eficácia materna 43

Anexo H 5: Dados Brutos - itens de comportamento do bebé e da mãe 45

Anexo H 6: Dados Brutos - tempos de choro 50

INTRODUÇÃO

Todas as crianças são diferentes à nascença. Distinguem-se nos padrões de sono e vigília, nas horas em que estão acordadas, no tempo total de choro, na atenção que dão ao que as rodeia, na maior ou menor facilidade com que são acalmadas, na intensidade das reacções e adaptação aos estímulos, além da sua aparência física, sexo, peso, etc. Tais características comportamentais ou particularidades da criança correspondem ao seu temperamento. O **temperamento** consiste em diferenças individuais nas tendências de comportamento que se apresentam precocemente e são relativamente estáveis através das situações e ao longo do tempo.

Thomas e Chess (1977) foram os primeiros autores a definirem temperamento difícil. Uma criança com **temperamento difícil** caracterizar-se-ia por apresentar com frequência afectos negativos (ex.: choro), irregularidade nos padrões de sono, alimentação e eliminação; reacção intensa e adaptação lenta a novos estímulos. Assim, algumas crianças seriam mais difíceis de lidar do que outras. É admitido que uma criança com temperamento difícil tem mais probabilidades de contribuir de modo negativo para a interacção com a sua mãe enquanto que uma criança com temperamento compatível (ou fácil) terá tendência a desencadear uma responsividade maior por parte da mãe.

O instrumento utilizado neste estudo para medir o temperamento, Infant Characteristics Questionnaire (ICQ) de John Bates (Bates, Freeland & Lounsbury, 1979) e em particular a subescala "Chorão-Difícil" deste questionário, mede o conceito de criança difícil ou criança problemática, que nos primeiros meses de idade corresponde a uma criança que chora muito e que é difícil de acalmar. A subescala "Imprevisível" mede também o conceito de criança difícil na medida em que é imprevisível quanto a uma ou mais funções fisiológicas. Este questionário é preenchido pela mãe e o seu resultado é produto de três aspectos: as características próprias da criança, a subjectividade da mãe e o erro

de medida (Bates, 1980). O facto de ser preenchido pela mãe revela-se o seu maior defeito ou principal vantagem, conforme o ponto de vista. Consideramos que o comportamento dos sujeitos para com os outros se baseia no modo como eles os vêem ou percepcionam mais do que no que eles são ou fizeram. Assim o facto deste questionário medir exactamente o que a mãe vê na criança é para nós uma vantagem. Neste estudo vamos pois considerar sempre o resultado do questionário como uma **percepção** da mãe independentemente da diferença que esta percepção apresente em relação às características "reais" da criança.

As mães formam rapidamente uma percepção do comportamento da criança. Logo dois ou três dias após o nascimento já nos dizem por exemplo, que o bebé é muito calmo, ou que é muito caladinho, que chora muito, etc. Esta percepção resulta em parte da observação do comportamento da criança, da comparação deste comportamento com o de outros bebés que estão na maternidade ou até com aquilo que esperavam vir a ser o bebé. Após estes primeiros contactos a ideia da mãe tem oportunidade de se manter ou alterar e até expandir em função de alterações do comportamento da criança ou do aparecimento de novos comportamentos no repertório do bebé resultantes do seu desenvolvimento. A maioria dos estudos que encaram os relatos dos pais sobre a criança como uma percepção social têm utilizado mães cujos filhos têm 4 ou mais meses de idade. Os próprios instrumentos sobre o temperamento infantil a preencher pelos pais, com a excepção da adaptação da escala de Brazelton por Tiffany Field (Field, Dempsey, Hallock, & Shuman, 1978), são aplicáveis apenas a partir do 4 ou 6 meses. Daqui resulta um desconhecimento e uma necessidade de saber como se **desenvolve** a percepção dos pais nos 1°s meses.

As mães também não são todas iguais. Algumas serão mais influenciadas pelo bebé do que outras, em função das suas características de personalidade, crenças sobre como deve reagir, expectativas sobre o que esperava vir a encontrar, experiências anteriores de maternidade, condições físicas em que se encontra após o parto, o apoio ou stress a que

está sujeita, as atitudes e sentimentos que tem em relação ao papel parental e em relação ao bebé, etc.

Uma das características que tem recolhido pouca atenção dos investigadores na primeira infância é a irritabilidade materna. A **irritabilidade materna** poderá ser concebida como um conjunto de sentimentos, como sensação de não ter paciência para a criança, sentir-se tensa ou ter vontade de lhe bater e ter tendência para se encolerizar, zangar, gritar, ou ralhar quando interage com ela (Pires, 1992). Esta irritabilidade parental pode ter origem tanto nas características e comportamento da criança como em factores que lhe são totalmente exteriores. Por exemplo, os bebés com temperamento difícil desencadeiam maior activação do sistema nervoso e perturbação nas pessoas que cuidam deles do que os bebés que não são difíceis (Boukydis & Burgess, 1982). Num estudo de Engfer (1986) observou-se que aos 4 meses o choro frequente estava associado nos pais a sentimentos de frustração e tendência para punir a criança. Por outro lado, as crianças que eram descritas como difíceis de acalmar provocavam sentimentos de impaciência e irritabilidade, de frustração e propensão para punir a criança. As mães que tenham a crença de que não podem controlar, ou de que não são capazes de controlar o choro do bebé podem experimentar elevada activação e irritabilidade quando ouvem o bebé chorar.

A irritabilidade materna também pode estar associada a outras características dos pais como expectativas inadequadas ou demasiada centração em si próprios. Os pais têm valores, objectivos e planos sobre como esperam ou desejam que a criança se comporte, ou como as interacções decorram. Se o comportamento da criança ou a interacção não cumpre esses objectivos ou planos, não promove esses valores, os pais tendem a apresentar emoções negativas de desapontamento ou irritação. Em alguns pais estas expectativas, planos e objectivos (interesses) sobre o comportamento da criança são demasiado altos ou irrealistas e as crianças não os podem promover ou cumprir. Outros pais estão mais centrados nos seus interesses do que nos da criança. Esperam que os seus

interesses sejam realizados e aborrecem-se com o facto de a criança prejudicar, dificultar ou interferir na promoção desses interesses.

Seja qual for a razão, a irritabilidade da mãe poderá influenciar a percepção do temperamento que a mãe tem da criança. Admite-se que as emoções negativas (como a irritabilidade) aumentam as expectativas negativas, assim como as percepções e avaliações negativas e promovem atribuições dos comportamentos negativos ao controlo e disposições da criança (Bugental, Mantyla & Lewis, 1989; Dix & Lochman, 1990; Dix & Reinhold, 1991; Dix, Ruble, Grusec, &Nixon, 1986; Dix, Ruble, & Zambarano, 1989). Os estudos realizados até agora sobre a relação entre as características da mãe, nomeadamente a irritabilidade, e a percepção que ela tem do bebé são escassos. Torna-se por este motivo pertinente estudar esta relação e em particular nas idades mais precoces.

Outra característica que suscitar pouca atenção dos investigadores é a auto-eficácia materna. A **auto-eficácia materna** diz respeito à sensação de capacidade da mãe para cuidar da criança. Se acha que executa de modo eficaz e confiante tarefas como mudar a fralda, dar o banho, dar de comer, despir e vestir, e ainda perceber as necessidades da criança, acalmá-la quando ela chora sobretudo em momentos mais difíceis. Sendo assim é de esperar que as crianças difíceis porque choram muito, porque são difíceis de acalmar, porque são imprevisíveis ou difíceis de perceber as suas necessidades, possam fazer com que as mães tenham dúvidas sobre as suas próprias capacidades. Por outro lado, de acordo com a teoria de Bandura (1977, 1982) as mães com baixa auto-eficácia perante situações difíceis tendem a desistir facilmente e a ser pouco persistentes o que diminui as possibilidades de virem a ser bem sucedidas nas suas interacções com a criança, aumentando os episódios de choro e o tempo que a criança chora.

Existem escassos dados sobre a relação entre o temperamento e a percepção de auto-eficácia. Os poucos estudos existentes revelam uma relação inversa entre auto-eficácia e temperamento ou destacam a auto-eficácia como um efeito mediador. Por exemplo,

Cutrona e Troutman (1986) encontram uma associação negativa entre auto-eficácia materna e temperamento infantil (ITQ-R) avaliados aos 3 meses. Neste estudo as autoras verificaram que a auto-eficácia funcionava como mediador entre o apoio social recebido e temperamento da criança e a depressão da mãe. No estudo de Donovan e Leavitt (1989) o temperamento da criança (ITQ) e a sensação de eficácia (medida pela "ilusão de controlo") estavam associados. As mães com baixa auto-eficácia achavam os seus filhos mais difíceis do que as mães com elevada auto-eficácia. No entanto, este resultado não se repetiu no estudo de 1990 (Donovan, Leavitt, & Walsh, 1990). Teti e Gelfand (1991) verificaram que a auto-eficácia materna é um mediador central entre o comportamento da mãe e outros aspectos como as percepções de temperamento da criança (Difícil/Chorão), a depressão materna e apoio social prestado pelo marido. Em face da escassa informação dos dados existente seria importante explorar a relação entre o temperamento infantil e a confiança que as mães têm nas suas capacidades.

Se os resultados existentes parecem confirmar, embora de modo ténue, uma relação entre ver a criança como chorona ou difícil e sentimentos, atitudes ou auto-avaliações negativas, no entanto, torna-se difícil dizer até que ponto a percepção da dificuldade é um antecedente ou consequência desses sentimentos e acções. Como refere Engfer, achar a criança difícil pode ser um meio de a mãe justificar a sua incapacidade para acalmar a criança (Engfer & Gravanidou, 1984). Também existe a possibilidade de ambos os factores dependerem de terceiro factor comum. A direccionalidade destes efeitos entre sentimentos de irritabilidade da mãe e a percepção que ela tem do temperamento da criança só poderá ser percebida através de estudos longitudinais.

OBJECTIVOS

Assim, os objectivos deste estudo são, por um lado, conhecer como se desenvolve a percepção que a mãe têm do temperamento do seu bebé nos primeiros 6 meses de vida

da criança, e por outro, identificar que relação existe entre esta percepção e o comportamento da criança e da mãe, a irritabilidade da mãe e o seu sentimento de auto-eficácia materna.

Para atingir estes objectivos começámos por, no **primeiro capítulo,** falar sobre o temperamento: (1) definir o que entendemos por temperamento infantil recorrendo aos vários modelos existentes e salientando as semelhanças e diferenças entre eles; (2) identificar as várias dimensões de temperamento; (3) descrever os instrumentos utilizados para medir o temperamento, nomeadamente os usados para medir o temperamento difícil; (4) discutir se o temperamento tem ou não uma base genética; (5) discutir o significado da falta de estabilidade temporal das dimensões de temperamento; (6) integrar as diferenças individuais entre as criança no contexto de interacção diádica; (7) descrever dois modelos teóricos que se centram sobre a influência que o temperamento pode ter na interacção mãe-criança, (8) rever a relação entre emocionalidade negativa do bebé e o comportamento da mãe (9) discutir o significado do temperamento enquanto avaliação feita pelos pais; e (10) exemplificar a relação entre os modelos de percepção social e a percepção de temperamento.

No **segundo capítulo** começamos a falar sobre a Irritabilidade/Impaciência . Depois de referir (1) alguns aspectos históricos; (2) é definido o conceito através das principais teorias como a de (2.1) Spielberger; (2.2) as teorias cognitivas de Schachter, teoria atribucionista de Bernard Weiner, teoria de Richard Lazarus, de Reimond Novaco e de Oatley e Johnson-Laird; (2.3) as teorias não cognitivistas de Zajonc e as teorias de Carroll Izar (2.4) a teoria neoassociacionista de Berkowitz; e (2.5) as perspectivas construtivistas de James Averill e a teoria sociológica de Terry Warner; a seguir (3) é definida a irritabilidade parental e feita a revisão de literatura sobre este tópico à luz da teoria de Theodore Dix sobre as emoções que os pais sentem na sua relação com os filhos; inicia-se com uma breve nota sobre (4) o afecto nas relações parentais; (5) Através do modelo de Dix descrevemos (5.1) os processos de participação, ou seja,

como é que os interesses e expectativas, as avaliações, e as competências educativas dos pais, as características da criança, e os determinantes contextuais activam ou determinam as emoções, nomeadamente a irritabilidade ou impaciência da mãe; (5.2) os processos de participação e organização, i. e., como é que as emoções, entre as quais a irritabilidade, uma vez activadas, influenciam as cognições e percepções, a motivação e comportamento expressivo; e finalmente (5.3) os processos de regulação.

No **terceiro capítulo** é revista a bibliografia sobre a relação entre temperamento infantil e impaciência/irritabilidade materna. Numa antecipação do capítulo sobre a formulação do problema são revistas teorias como a de Rothbart, a de Bugental e Shennum e a de Theodore Dix que podem servir como modelos de interpretação da relação entre os dois conceitos.

No **quarto capítulo** é definido o conceito de auto-eficácia incluindo as suas dimensões, os processos através dos quais é constituído, as suas relações com a cognição, acção e afectos, o que distingue as pessoas de elevada auto-eficácia das de baixa auto-eficácia e distinguido auto-eficácia e auto-estima. A seguir é definido o conceito de auto-eficácia materna.

No **quinto capítulo** é revista a bibliografia sobre a relação entre temperamento infantil e auto-eficácia materna através da teoria de Bandura e os modelos de Goldberg, de Teti e Gelfand, de Donovan e Leavitt e modelo de confirmação de expectativas.

No **sexto capítulo**, são apresentados os objectivos e hipóteses da investigação começando com o desenvolvimento da percepção de temperamento nos primeiros meses: (1) estrutura do temperamento e (2) estabilidade do temperamento; para a seguir colocar o problema da (3) relação do temperamento com as características socio-familiares, com os comportamentos da mãe e da criança, com a irritabilidade materna; e com a auto-eficácia materna, e finalmente (4) sintetizadas as questões e hipóteses de investigação.

O **capítulo sete** trata da metodologia utilizada neste estudo. Os sujeitos, o procedimento e os instrumentos são descritos e detalhados. Começa-se por uma descrição do estudo piloto que serviu para preparar esta investigação e uma visão geral sobre a metodologia.

O **capítulo oito** descreve os resultados. É apresentada uma análise sobre o constructo da variável temperamento através de Análise de Componentes Principais e feitas comparações com os resultados encontrados por outros autores. São apresentados dados sobre as características métricas dos instrumentos incluindo a análise da consistência interna e cálculo da estabilidade temporal. Apresentamos dados descritivos sobre as várias variáveis e a relação entre as variáveis de temperamento e as variáveis comportamento da criança e da mãe, de impaciência/irritabilidade materna e de auto-eficácia materna.

O **capítulo nove** faz a conclusão do trabalho discutindo os resultados à luz das perspectivas dominantes na literatura.

CAPÍTULO I

TEMPERAMENTO INFANTIL

(1) DEFINIÇÃO DO CONCEITO E TEORIAS

1.1 Aspectos históricos

O significado do termo temperamento sofreu alterações ao longo do tempo. Na concepção de Hipócrates e Galeno correspondia a perfis emocionais com origem em substâncias que circulavam no corpo. Galeno foi o primeiro a propor uma tipologia: sanguíneo (bem disposto e sociável), colérico (irritável e hostil), fleumático (calmo e não excitável) e melancólico. De acordo com Kagan (1989), Hipócrates e Galeno acreditavam que as qualidades temperamentais podiam ser criadas por condições ambientais estáveis, em especial o clima e a dieta. O pressuposto de que as características temperamentais são influenciadas por processos biológicos hereditários é uma ideia relativamente moderna.

As perspectivas constitucionais tiveram origem no século 19 e 20. Kreschmer (1926, citado em Kagan, 1989) postulou uma associação entre a constituição corporal (tipo) e o crime ou doença mental. Existiriam 3 tipos: asténico, pícnico e atlético. Os primeiros dois seriam mais vulneráveis à doença mental. A esquizofrenia era encontrada com mais frequência entre os asténicos e a psicose maníaco-depressiva entre os pícnicos.

Sheldon (1944, citado em Kagan, 1989) definiu três tipos físicos básicos: o ectomorfo, alto e magro; o endomorfo, gordo; e o mesomorfo, grande e atlético. Cada um tinha as suas qualidades psicológicas, o primeiro seria introvertido, o segundo extrovertido e o mesomorfo era descrito como activo, enérgico e afirmativo. Admitia que o tipo de personalidade não era um resultado directo da biologia mas um produto das pressões do meio agindo sobre uma pessoa com um psiquismo particular.

Eysenck definiu quatro tipos a partir de duas dimensões ortogonais: introversão-extroversão e labilidade-estabilidade. O tipo distímico seria introvertido e lábil, o

histérico seria extrovertido e lábil; o introvertido seria introvertido e estável; e o extrovertido extrovertido e estável.

Allport (1937) definiu como temperamento os fenómenos de natureza emocional do indivíduo incluindo: a susceptibilidade em se emocionar, a força e rapidez habituais das suas respostas, a qualidade prevalecente do humor e as suas flutuações e intensidade. Estes fenómenos eram considerados dependentes da constituição do indivíduo, e portanto em grande medida de origem hereditária.

O Temperamento é um conceito antigo na filosofia e psicologia mas recente na investigação sobre o desenvolvimento humano. Nas últimas décadas a literatura sobre o desenvolvimento infantil revelou um aumento exponencial na utilização de conceitos de temperamento. Este facto é resultante de vários factores entre os quais a descoberta das competências do recém-nascido, mas um dos factores mais citados corresponde ao trabalho pioneiro realizado por Thomas e colaboradores (Thomas, Chess, Birch, Hertzig, & Korn, 1963; Thomas & Chess 1977).

1.2 A Teoria de Thomas e Chess

Thomas e Chess desenvolveram a sua teoria através da análise de conteúdo de entrevistas feitas a pais num estudo longitudinal. Para estes autores o temperamento é o "**como**" do comportamento. Por exemplo, todas as crianças choram e este comportamento não constitui em si um elemento do temperamento. O que se pode considerar temperamento é o facto da criança tender a chorar com muita ou pouca frequência, se habitualmente chora alto ou baixo e se chora ou não com facilidade perante contrariedades. Depreende-se que o temperamento corresponde aos **parâmetros de intensidade e temporais do comportamento**. Os autores afirmam que pode ser equacionado como o estilo do comportamento e pode diferenciar-se da capacidade, que

diz respeito ao quê e ao quão bem do comportamento, e da motivação que diz respeito às razões pelas quais (porquê) as pessoas fazem isto ou aquilo (Thomas & Chess, 1977).

Os autores identificaram nove dimensões de temperamento:

(1) Nível de actividade - Relaciona-se com a tonicidade; maior ou menor número de movimentos, vigor ou placidez destes, i. e. espernear, mover os braços, ou a ausência destes comportamentos e ainda o vigor com que chucha.

(2) Ritmicidade - Relaciona-se com o grau de regularidade dos ciclos de sono/vigília, fome e eliminação e com os padrões de alimentação.

(3) Aproximação/Afastamento - Corresponde à natureza da resposta a estímulos novos. Novos alimentos, pessoas, locais, situações, 1° banho e objectos. Aproximação significa respostas motoras ou expressões emocionais positivas e Afastamento significa respostas negativas.

(4) Adaptabilidade - Tempo que a criança demora até reagir a situações novas como se elas fossem conhecidas. Adaptação a alterações na rotina, nos padrões habituais; habituação a situações novas, pessoas ou objectos.

(5) Limiar de resposta - Relaciona-se com a intensidade que um estímulo deve ter para desencadear uma resposta, i. e. se o sujeito reage a estímulos pouco intensos ou apenas a estímulos muito intensos. E se reage ou não a alterações na intensidade de estímulos conhecidos.

(6) Intensidade das reacções - Vigor das respostas, em particular se chora com muita força em face de um acontecimento e também o vigor do riso e sorriso.

(7) Humor - Balanço de afectos positivos e negativos. Quantidade de afectos positivos e negativos em geral e incluindo situações novas, desagradáveis, limitantes para o bebé.

(8) Distractibilidade - Eficácia de um estímulo para interromper um comportamento (atenção a um objecto, choro, rabugice) da criança.

(9) Concentração/Persistência - Duração da atenção para uma actividade e manutenção da actividade em face de obstáculos.

Um dos aspectos determinantes da teoria é defender uma perspectiva interaccionista dos processos de desenvolvimento. Os autores utilizam o conceito do "**melhor ajustamento**" (*goodness of fit*). O melhor ajustamento ocorre quando as propriedades do contexto circundante, as suas expectativas e exigências estão de acordo ou vão ao encontro das capacidades, características e estilo de comportamento do organismo. Assim, para se saber se o temperamento observado precocemente prediz o comportamento futuro é necessário considerá-lo no contexto das reacções e expectativas dos pais e outro agentes de socialização (Thomas & Chess 1977). Por exemplo, um traço da criança que seja desagradável para a mãe pode encontrar, da parte desta, um esforço no sentido de modificar o contexto circundante de modo a evitar a expressão desse traço. Portanto, a expressão desse traço poderá ser menos frequente no futuro.

Através da análise dos perfis das crianças nas nove dimensões os autores (Thomas, Chess, & Birch, 1968) identificaram o conceito de **temperamento difícil**. A criança com temperamento difícil seria caracterizada por um padrão consistindo em: frequente afecto negativo; irregularidade na alimentação, sono, e eliminação; intensas reacções aos estímulos; e aversão inicial aos estímulos novos; e adaptação lenta às mudanças do contexto circundante. Descrevem o temperamento difícil como uma qualidade da criança que por vezes estaria associada a psicopatologia mas só no caso de haver uma resposta adversa continuada por parte dos pais para com esta "maneira de ser" da criança.

1.3 A Teoria de Buss e Plomin

Buss e Plomin (1975, 1984) são outros dois autores que desenvolveram uma teoria de temperamento. Para os autores o temperamento deve ter uma origem hereditária e não deve ser considerado constitucional porque isso inclui influências não hereditárias, (perinatais por exemplo). O facto de definirem o temperamento como um conjunto de

traços de personalidade hereditários que aparecem precocemente leva-os a abandonarem aqueles traços que não vêm a revelar herdabilidade significativa como por exemplo a impulsividade.

Consideram que o temperamento deve revelar uma estabilidade considerável mas, reconhecem que as influências ambientais acabam por moldar os traços de temperamento.

Sugerem que existem 3 dimensões básicas de temperamento: emocionalidade, actividade, e sociabilidade (Buss & Plomin, 1984).

A **emocionalidade** refere-se à activação do afecto e comportamento em resposta aos acontecimentos. Esta activação geral ou emocionalidade nos primeiros meses corresponde à perturbação (distress), mas aos 2, 3 meses diferencia-se também em medo e aos 7 meses em raiva. Nas crianças de elevada emocionalidade a emoção dominante poderá ser o medo associado a elevada perturbação, noutras a raiva associada a baixa perturbação. A predominância de um ou do outro tipo de afecto negativo seria uma função da aprendizagem social ou da interacção com outros traços de temperamento. Estas crianças de elevada emocionalidade negativa poderão responder com mais facilidade a estímulos minimamente "aversivos" e serem mais dificilmente modificáveis do que outras crianças. Caracterizar-se-iam por uma dominância do sistema nervoso simpático em oposição ao parassimpático. As crianças com baixa emocionalidade apresentariam baixa perturbação, medo e raiva.

A **actividade** refere-se às variáveis tempo e energia despendida. A criança activa explora energicamente o ambiente, utilizando muitos movimentos e prefere jogos ou actividades vigorosas. Os autores referem que as medidas de actividade só são estáveis a partir do 1 ano de idade.

O terceiro conceito, a **sociabilidade**, é definida pelo nível de preferência pela recompensa em estar com os outros. As recompensas incluem aspectos como a presença e atenção dos outros, e a interacção. Um bebé sociável será aquele que inicia com frequência contactos com outras pessoas em geral, que não gosta de estar sozinho, e que responde de modo caloroso.

1.4 A Teoria de Rothbart e Derryberry

Rothbart (1987) vê o temperamento e personalidade como domínios de estudo sobrepostos, formando o temperamento a base biológica para o desenvolvimento da personalidade. Os autores definem temperamento como as diferenças individuais na reactividade e auto-regulação. Estas diferenças teriam uma base constitucional, isto é, constituição (*makeup*) biológica que é relativamente estável e influenciada ao longo do tempo pela hereditariedade, maturação e experiência (Rothbart & Derriberry, 1981).

A **reactividade** inclui a actividade motora, afecto e respostas autónomas e endócrinas. Pode ser avaliada através de parâmetros de limiar de resposta, latência, intensidade, tempo até atingir o pico de intensidade da reacção e tempo de recuperação. Existem duas formas iniciais de reactividade: positiva e negativa. A primeira é vista no recém-nascido pelas respostas de aproximação reflexa, e outros componentes mais tardios aparecem aos 2-3 meses e incluem movimentos dos braços e pernas (*cicling*), sorriso, riso e vocalizações. Aos 6 meses a reactividade positiva é revelada por expressões faciais de afecto positivo e/ou vocalizações e movimentos do corpo em direcção aos objectos recompensadores, i. e., aproximação. A reactividade negativa é vista no recém nascido através da resposta de evitamento reflexa e perturbação (*distress*) mais tarde, por expressões faciais de afecto negativo e/ou vocalizações e movimentos corporais para se afastar dos objectos punitivos, i. e., evitamento. As crianças de 3 meses por exemplo, olham para um objecto novo de modo intenso, ficam cada vez mais excitadas, com os

braços e pernas a mexer, vocalizações e sorrisos. No entanto os parâmetros referidos anteriormente variam fazendo com que cada criança expresse esta reactividade de modo diferente. Algumas ficam excitadas mais rapidamente, e atingem níveis de intensidade elevada mais rapidamente, enquanto outras reagem mais lentamente. Para algumas se a estimulação continuar, a reacção inicial positiva transforma-se eventualmente em perturbação à medida que fica sobrestimulada.

A auto-regulação refere-se aos processos que podem modelar (facilitar ou inibir), a reactividade, ou por outras palavras aumentar, manter ou diminuir a reactividade inicial. Incluem a atenção, a aproximação e afastamento motores, ataque, inibição do comportamento e capacidade para se auto-acalmar. Um dos processos comuns de auto-regulação nas crianças pequenas consiste em olhar para o lado ou afastar-se do estímulo para evitar a sobrestimulação. Portanto a direcção e orientação da atenção assim como a locomoção em direcção aos objectos ou para longe destes fazem parte dos aspectos de auto-regulação.

Esta teoria de temperamento é uma das que dá mais relevo ao desenvolvimento do temperamento. O desenvolvimento do temperamento é visto como uma utilização progressiva de controlos de auto-regulação sobre a reactividade inicial (Rothbart, 1988). Com o desenvolvimento do funcionamento cortical, o bebé seria cada vez mais capaz de regular as suas respostas ao contexto circundante, através da deslocação da atenção, modificando o próprio contexto, ou através de esforços para se acalmar. Por outro lado, os sujeitos variam não só nas suas características de reactividade inicial e na capacidade para utilizar mecanismos de auto-regulação, mas também no momento em que as características de reactividade tardias aparecem (idade em que surge o sorriso por exemplo).

Em síntese, as crianças diferem nas respostas motoras, atenção e emoções que apresentam perante um estímulo. Aquelas diferenças registam-se ao nível da

reactividade, em parâmetros como o limiar de resposta, tempo de latência, intensidade, tempo até atingir o pico de intensidade da reacção e tempo de recuperação. Estas características podem ser modeladas ou **auto-reguladas**, isto é, mantidas, aceleradas ou diminuídas através da orientação da atenção para esse estímulo ou para outros estímulos, e movimentos de aproximação ou afastamento desses estímulos.

1.5 A teoria de Goldsmith e Campos

Goldsmith e Campos (1982, 1986) definem temperamento como estruturas que organizam a expressão dos afectos. O temperamento corresponde aos aspectos expressivos das emoções e é relativamente estável.

O conteúdo do temperamento na infância corresponde a diferenças individuais nas emoções básicas, i.é., o temperamento consiste nos parâmetros de intensidade e temporais da expressão dos afectos. A noção de emoção para os autores é no entanto muito lata. Por exemplo, o nível de actividade é uma característica temperamental uma vez que reflecte o nível de activação e este é um componente básico das emoções. A sociabilidade (preferência em estar com os outros) não seria temperamento mas o afecto positivo evidenciado nos contextos sociais sim.

Goldsmith e Campos (1986) consideram que o temperamento pode revelar pouca estabilidade no primeiro ano de vida (early infancy). Referem que o temperamento se encontra em padrões de comportamento que para serem observados terão necessariamente de apresentar alguma estabilidade. No entanto, acham que uma dimensão de temperamento pode mostrar elevada consistência entre situações enquanto outra dimensão pode mostrar pouca. Do mesmo modo, acham que algumas dimensões podem mostrar elevada consistência ao longo das diferentes idades e outras dimensões revelarem baixa consistência. Em suma não acham que este critério, a estabilidade, seja

fundamental na definição do temperamento, o mesmo se passando com o critério de herdabilidade. Não propõem uma lista de dimensões de temperamento, no entanto só admitem incluir no temperamento os afectos sendo de excluir os aspectos cognitivos e sociais.

1.6 Discussão

Em síntese, o que há de comum e de diferente entre estas 4 perspectivas teóricas? Todos os autores vêem o temperamento como diferenças individuais no modo como os indivíduos fazem as coisas ou se expressam. As dimensões de temperamento são inferidas através do comportamento e referem-se mais a disposições ou tendências comportamentais do que a aspectos específicos. Todos consideram que estas diferenças individuais têm uma origem hereditária ou pelo menos constitucional, no entanto todos admitem uma influência maior ou menor dos factores do contexto circundante sobre o temperamento. Admitem ainda uma necessidade maior ou menor de estabilidade nas dimensões de temperamento.

Existem vários conceitos de temperamento e várias definições do conceito sendo portanto difícil encontrar aquilo que é comum a todas elas. Uma definição "fixa" de temperamento é provavelmente impossível de acordo com Hinde (Goldsmith, Buss, Plomin, Rothbart, Thomas, Chess, Hinde, & MacCall, 1987). Contudo, a definição mais geral de temperamento consiste em diferenças individuais nas disposições ou tendências comportamentais que surgem num período precoce da vida do indivíduo e que são relativamente estáveis através de situações e ao longo do tempo (Goldsmith, Buss et al., 1987, Bates, 1987). Os três aspectos gerais que são estudados como temperamento correspondem à actividade, qualidades comportamentais das emoções e qualidades comportamentais da atenção. A actividade inclui a frequência e vigor da actividade motora, e adequação da automodelação da actividade. As qualidades comportamentais

das emoções incluem se as respostas emocionais em geral são positivas ou negativas, como são as respostas emocionais a novos estímulos em geral, respostas emocionais a pessoas conhecidas e desconhecidas em particular e respostas emocionais em situações de impedimento ou confinamento. Finalmente, as qualidades comportamentais da atenção incluem os padrões da atenção como a capacidade para se auto-acalmar quando perturbado e a facilidade com que se distrai.

Os aspectos que diferenciam as teorias são essencialmente quatro. Primeiro, os autores divergem naquilo que deve ser considerado como temperamento (dimensões ou conteúdos). Por exemplo, Goldsmith e Campos só incluem aspectos relacionados com o afecto no temperamento, excluindo a actividade e sociabilidade.

Segundo, também são diferentes as operacionalizações ou medições que construíram para avaliar o temperamento. Por exemplo, Goldsmith e Campos (1982) sublinham que muitas das escalas de temperamento têm uma componente de expressão de emoções mas que nalguns casos a emoção é avaliada por variáveis molares e noutros por variáveis moleculares. Por exemplo, a perturbação (distress) em face de limitações de Rothbart é muito mais específica que a dimensão de emocionalidade de Buss e Plomin. Por outro lado, nalguns casos estão a avaliar-se conteúdos e noutros casos parâmetros do temperamento. O sorriso e riso de Rothbart correspondem a conteúdos emocionais, e a dimensão intensidade de Thomas e Chess mede um parâmetro do afecto evidenciado em diversas modalidades de resposta).

Terceiro, a ênfase dada ao papel do contexto circundante e à hereditariedade, não é o mesmo em todas as teorias. Buss e Plomin dão maior ênfase à necessidade das dimensões serem hereditárias para poderem ser consideradas como temperamento. Goldsmith e Campos colocam menor ênfase na hereditariedade.

Quarto, o critério de estabilidade não é o mesmo em todas as teorias. Goldsmith e Campos colocam menor ênfase na necessidades das dimensões serem estáveis para poderem ser consideradas como temperamento.

Goldsmith (1996), correndo o risco de uma simplificação, sintetiza o que as várias teorias enfatizam: os aspectos estilísticos do comportamento (Thomas & Chess, 1977); os aspectos hereditários da personalidade e que aparecem precocemente (Buss & Plomin, 1984); os aspectos energéticos do comportamento incluindo as funções regulatórias (Rothbart, 1989); ou os aspectos emocionais do comportamento (Goldsmith & Campos, 1982).

(2) AS DIMENSÕES DO TEMPERAMENTO

Nesta segunda parte vamos debruçar-nos sobre o que pode ser considerado como temperamento, isto é, quais são as dimensões do temperamento.

Se quiséssemos ser exaustivos incluiríamos tantas dimensões quantas as mencionadas nas várias teorias. Só Thomas e Chess (1977) mencionam 9: (1) nível de actividade, (2) ritmicidade, (3) aproximação/afastamento, (4) adaptabilidade, (5) limiar de resposta, (6) intensidade das reacções, (7) humor, (8) distractabilidade, (9) Concentração/Persistência. É a lista mais longa e mais completa. Rothbart (1987) inclui 5 dimensões que medem a reactividade: (1) limiar de resposta, (2) latência, (3) intensidade, (4) tempo até atingir o pico de intensidade de reacção, (5) tempo de recuperação; e 5 dimensões que medem a auto-regulação: (1) atenção, (2) aproximação/afastamento, (3) ataque, (4) inibição do comportamento, e (5) capacidade para se auto-acalmar. Buss e Plomin (1984) mencionam três dimensões: (1) emocionalidade, (2) actividade, e (3) sociabilidade. É fácil de perceber que Buss e Plomin referem dimensões muito latas. Por outro lado, algumas das dimensões de Rothbart são mais moleculares do que as escolhidas por Thomas e Chess.

Neste trabalho em vez de procurarmos ser exaustivos optámos por mencionar as dimensões que para nós estão mais próximas do repertório comportamental do bebé e a partir do qual se identificam a grande maioria das diferenças individuais ou temperamento. Recordemos o que diz Rothbart (1987). As crianças de 3 meses por exemplo, **olham** para um objecto novo de modo intenso, ficam cada vez mais excitadas, com os braços e pernas a **mexer**, **vocalizações** e **sorrisos**. No entanto cada criança expressa a reactividade de modo diferente. Algumas ficam excitadas e atingem níveis de intensidade elevada mais rapidamente, enquanto outras reagem mais lentamente. Para algumas se a estimulação continuar, a reacção inicial positiva transforma-se

eventualmente em perturbação (evidenciada entre outros aspectos pelo **choro**) à medida que fica sobrestimulada. Neste caso, algumas terão maior capacidade para evitar a sobrecarga de estimulação olhando para o lado, virando a cara ou auto-acalmando-se.

Por isso vamos abordar as dimensões do temperamento falando sobre a irritabilidade, a capacidade para se deixar acalmar e para se auto-acalmar, o sorriso, o olhar, vocalizações, o nível de actividade e reacção à frustração, os estados de vigília, e capacidades sensoriais. Simultaneamente vamos referir algumas respostas das mães a estes comportamentos. Todas as crianças choram e este comportamento não constitui em si um elemento do temperamento. O que se considera temperamento é o facto da criança tender a chorar com muita ou pouca frequência ou se chora ou não com facilidade perante contrariedades. Poderíamos dizer o mesmo em relação ao sorriso, o olhar para o adulto, a actividade, ou as vocalizações. Por esta razão vamos centrar a revisão nas diferenças individuais.

Recorremos sobretudo aos estudos de Wolff (1987) e Korner (1984) por incluírem muitas horas de observação dos comportamentos do bebé. Wolff efectuou um estudo com 22 crianças durante os primeiros 6 meses de vida. Algumas destas crianças eram observadas durante várias horas todas as semanas. Korner (1984) efectuou 300 metros de filme para cada um de 32 bebés obtendo mais de 10 000 metros de filme.

2.1 Emocionalidade negativa - Irritabilidade (características do choro)

Peter Wolff (1987) faz uma distinção entre choro e choramingar ou rabugice (fussing). No primeiro caso, choro, refere-se a vocalizações repetidas em cinco ou mais ciclos distintos, as várias vocalizações da criança não são separadas por mais de 3 segundos, são acompanhadas por uma expressão facial típica e habitualmente por movimentos vigorosos dos membros. No seu estudo o autor descobre que o tempo passado a chorar

ou a choramingar pelas crianças em relação ao tempo total de observação é muito curto mesmo no primeiro mês e decresce ainda mais no segundo e terceiro meses. Dez minutos no 1° e 2° mês e cerca de 8 no 3° mês para choramingar. Dois minutos no 1° e cerca de zero no 2° e 3° mês para choro. A partir do terceiro mês, na generalidade das crianças, os episódios de choro são muito poucos e muito curtos. Os períodos de choro contínuo raramente ultrapassavam os seis minutos no 1° mês e os três minutos no 2° ou 3° mês. Bell e Ainsworth (1972) registam 7 minutos e 7 segundos de choro por hora nos primeiros 3 meses e 4 minutos e 4 segundos por hora entre os 9 e os 12 meses.

No entanto, existiam variações intra e interindividuais consideráveis no tempo de choro e choramingo que, para Wolff, reflectem provavelmente o modo como as mães lidavam com a crianças. As mães tendiam a deixar a criança choramingar esperando que ela voltasse a adormecer mas intervinham se a criança chorava. Isto leva Wolff a considerar o choramingar como um sinal social menos peremptório. O choramingar também é a resposta que com mais frequência precede o choro, facto que leva o autor a considerar o choramingar como uma resposta mais precoce perante as causas que estão a "ofender" a criança, e no caso de não ser atendida começa então a chorar. No entanto, em cerca de metade das situações em que as crianças choramingaram as mães não atenderam e neste caso, as crianças revelaram igual probabilidade de começar a chorar ou de adormecer ou ficar acordados sem chorar.

Uma das características interessantes do choro é o facto de ele em certas circunstâncias se tornar auto-equilibrado assim que uma resposta de choro a um determinado estímulo exceda um determinado limiar de intensidade. Isto é, o choro "mantêm-se a si próprio". O choro de outros animais em resposta à dor, fome ou ameaças não continua se essas condições forem removidas. Isso nem sempre acontece nos bebés. Para isso talvez contribua o facto do choro estar associado a um aumento na frequência de movimentos dos membros e uma incapacidade da criança levar a mão à boca para chupar e portanto maior dificuldade em auto-acalmar-se.

São muito diversas as **causas do choro** nos primeiros meses. O bebé pode chorar por **fome**, **dores** ou **mal estar físico** provocado por alguma doença. **Ser despido** é outra situação que provoca choro. No estudo de Wolff (1987) 6 das 22 crianças eram particularmente sensíveis ao serem despidas no primeiro mês, cerca do fim do segundo mês já nenhuma criança chorava sistematicamente ao ser despida (Wolff, 1987). Sete das 22 crianças choravam vigorosamente e de modo persistente durante o 1° mês quando eram **postas no banho** mesmo quando a água tinha sido aquecida para a temperatura da pele. **Mudanças rápidas na temperatura** da pele como quando são tiradas do banho também faziam chorar a maioria das crianças. Ainda o **sabor "desagradável"** de alguns alimentos quando são inicialmente introduzidos na alimentação do bebé. **Não ser aconchegado devidamente** é outro factor. O aconchego eficaz tem de envolver contacto monótono e rítmico e imobilização completa dos membros. Isto faz parar o choro e facilita a passagem para o estado atento e calmo ou para o sono. Contudo, a restrição dos movimentos dos membros sem os imobilizar faz aumentar o choro fazendo algumas vezes provocar a raiva (Wolff, 1987). Cerca de um terço das crianças choravam com alguma frequência quando eram **postas na cama**. Este tipo de choro não diminuía ao longo do tempo, pelo contrário as crianças protestavam ainda com mais força e este comportamento mantinha-se aos seis meses. No primeiro mês as crianças só começavam a chorar depois das mães as porem na cama e deixarem o quarto. Mas, aos dois meses e meio já antecipavam o que ia acontecer e começavam a chorar logo que entravam no quarto ou assim que eram poisadas na cama. Todas as crianças pelo menos aos 3 meses choravam com frequência quando viam as suas mães deixa-los. Este fenómeno começa a ser observado entre as 4 e as 6 semanas. Entre o 3° e o 6° mês as crianças já choram menos quando vêm a mãe sair de ao pé delas e aos 6 meses retornam à sua actividade depois de ver a mãe sair. Este comportamento ocorre tanto com a mãe como com outro adulto que a criança veja **sair do seu campo visual** e pode corresponder a uma resposta específica da espécie no sentido de manter a proximidade da mãe.

Em relação a estes aspectos existe uma grande **variação individual**. "Alguns bebés nunca choraram ao ser despidos ou nunca protestaram ao ser postos na cama. Da mesma maneira a aversão a alimentos introduzidos pela primeira vez como os cereais não era uma resposta universal e as preferências alimentares mostravam considerável variação individual. Após exposição repetida a maioria das crianças eventualmente efectuou a sua acomodação a estes estímulos e deixou de chorar" (Wolff, 1987). "Estas diferenças individuais consideráveis podem ser concebidas como representando manifestações comportamentais de sensibilidades pré-funcionais ou preferências perceptuais ..." (Wolff, 1987). Diríamos nós, podem ser consideradas manifestações temperamentais.

O que é que as mães fazem para os bebés deixarem de chorar? **Pegar ao colo** é das respostas mais eficazes. É uma resposta que envolve vários tipos de estimulação, incluindo reajustamento postural, estimulação vestibular, contacto/conforto, embalar rítmico e aumento da estimulação visual. Nos primeiros dois meses se os bebés forem postos de novo na cama um minuto depois de serem pegados recomeçam logo a chorar. Pegar os bebés por cerca de 5 minutos sem falar antes de os voltar a deitar tem um efeito substancial sobre o estado do bebé. A partir do 2° mês e sobretudo do 3° mês, a **voz** da mãe torna-se uma resposta eficaz para o choro. Durante as primeiras seis semanas a chucha faz parar de chorar enquanto se mantém na boca. E se mantiver cerca de 5 minutos a criança habitualmente fica a dormir. Aos 3 meses os bebés já tendem a ficar atentos e calmos depois da chucha ser tirada. "O fim do choro como um estado parece depender de modo crítico de um período suficiente de inactividade para a indução de um novo estado" (Wolff, 1987).

No estudo de Korner (1984) com 32 recém-nascidos foi possível mostrar que as crianças são diferentes à partida em aspectos como a frequência com que choram ou o tempo total de choro, a sua capacidade para se deixar acalmar, a capacidade que possuem para se acalmar sozinhos ou auto-acalmar, nas características dos seus estados de vigília, e nos seus limiares sensoriais. Para a autora estas diferenças inatas são susceptíveis de

introduzir diferenças no domínio da experiência precoce tanto subjectiva como real. O recém-nascido jogaria um papel considerável no desenvolvimento da relação mãe criança e no estabelecimento do tipo de "maternage" que ela exige.

Quanto à frequência de choro e duração do choro espontâneo, os autores puderam constatar que as crianças se diferenciavam umas das outras em termos estatísticos, e que no curso de observações repetidas, elas conservavam relativamente bem a sua posição em relação ao grupo.

Koner interessou-se por realçar o significado que poderia ter o facto da quantidade de choro diferir de um recém-nascido para o outro. Moss e Robson (1968, citado em Korner, 1984) constataram que com bebés de um mês, são os recém-nascidos e não a mãe que solicita a maioria das interacções (cada 4 em 5 interacções ocorridas). Assim para Korner (1984) um bebé que chore com muita frequência produzirá interacções muito mais frequentes com a mãe que um bebé plácido. O bebé é assim, pelo menos em parte, um agente que determina a quantidade de estimulação que recebe.

Zeskind e Lester (1978) utilizaram registos de choros de bebés de alto risco e de baixo risco e pediram a adultos para julgá-los segundo diversas dimensões. A comparação mostrou que os adultos percepcionavam os gritos dos bebés expostos a factores de risco como mais urgentes, mais estridentes, "doentios", penetrantes, penosos e geradores de um sentimento de mal-estar. No estudo de Lounsbury (1978, citado em Lebovici & Stoléru, 1987) as mães também se diziam mais **irritadas** pelo choro dos bebés difíceis e **atribuíam** a origem dos seus gritos ao medo, à frustração, ao desejo de receber cuidados, enquanto os gritos dos bebés fáceis eram atribuídos a causas físicas (fome, etc.).

O choro forte face a um estímulo aversivo no período neonatal reflecte boa organização neurocomportamental no recém-nascido (Gunnar, Porter, Wolf, Rigasuto, & Larson,

1995). Estes autores verificaram que aquele choro estava associado a menor perturbação face a limitações (IBQ) aos 6 meses. Estes dados levam-nos a concluir que o choro forte face a um estímulo "aversivo" no período neonatal tem provavelmente um significado diferente de chorar com facilidade face ao menor estímulo, de chorar com frequência ou de outras características sonoras do choro.

A maneira como a mãe responde à angústia e aos gritos do bebé é muito variável. Algumas mães respondem a isso sem demora e de maneira regular e previsível. Outras esperam muito tempo ou reagem após uma demora irregular e imprevisível. A maneira como reagem também varia, podem pegá-los, abaná-los sem os pegarem, falar-lhes, pôr-lhes a chupeta, etc. A **interpretação** que as mães fazem do choro da criança também é um factor determinante para as respostas (Lebovici & Stoléru, 1987). Um ligeiro gemido numa fase de sono com movimentos oculares rápidos pode ser percebido como uma angústia e a intervenção da mãe terá então mais tendência a perturbar o sono do bebé do que a acalmá-lo. O leve gemido emitido durante o sono leve, interpretado como uma angústia, dá lugar a uma resposta perturbadora da mãe. O bebé desperta e passa ao estado de sonolência. Nesse estado, ele fecha os olhos e a sua mãe põe-no no berço. Então o bebé recomeça a chorar e a mãe volta a pegar nele.

O bebé tem um repertório de sinais que traduzem o seu estado e/ou as suas necessidades, (uns bebés são mais claros nos seus sinais do que outros) e cabe à mãe decifrá-los. Isto põe em jogo a sua sensibilidade a estas mensagens e a sua capacidade de as interpretar. É graças à sua sensibilidade e à adequação da sua interpretação e das respostas que ela dá ao bebé, que a interacção se desenvolve de maneira harmoniosa ou, pelo contrário, tensa e caótica. A interpretação da angústia está ela própria, sob a dependência da ansiedade a das projecções maternas, que perturbam a sua capacidade de empatia (Lebovici & Stoléru, 1987).

Em síntese, existe uma grande variação intra e inter-individual no tempo de choro e choramingo e nos factores (causas) que fazem a criança chorar. Por outro lado também existem grandes diferenças na prontidão com que as mães respondem ao choro e choramingo; na frequência com que respondem e nas estratégias que utilizam para interromper o choro e acalmar a criança.

A palavra irritabilidade (irritable baby) foi aqui utilizada, e é habitualmente referida na literatura, como sinónimo de chorona e não como irritada (angered baby). Ainda é mal conhecido o desenvolvimento do padrão típico da irritação (anger) na criança. Utilizando uma situação do tipo aprendizagem instrumental em que é retirado ou não dado algo que a criança "está à espera", Lewis, Alessandrini e Sullivan (1990) poderam demonstrar a expressão de irritação (anger) em bebés de dois meses de idade. É provável que se venha a observar expressões de irritação ainda mais cedo. Ainda não se conhecem as diferenças individuais no desenvolvimento da irritação mas é muito provável que estas tenham um impacto diverso na interacção com a mãe. A expressão irritada aparece portanto cedo e até agora também não se tem diferenciado ou identificado as situações de irritação que ocorrem nos episódios de choro. De facto, duas crianças podem chorar sensivelmente o mesmo e uma ter frequentes acessos de raiva ou irritação (ginete como por vezes se designa) e outra não.

Ao longo deste trabalho quando falarmos de irritabilidade da criança referimo-nos ao choro e quando referirmos mais tarde irritabilidade no adulto referimo-nos a uma emoção (anger).

2.2 Emocionalidade negativa - Capacidade para se deixar acalmar e capacidade para se auto-acalmar

Birns, Blank e Bridger, (1966) compararam a capacidade para se acalmar em recém-nascidos com idade de 2 a 3 dias. Utilizaram a chupeta, líquidos açucarados, ou um ligeiro embalo como meios de acalmar a criança. Verificaram que a facilidade com que um recém-nascido se acalma varia de bebé para bebé. Por outro lado, um bebé que era facilmente acalmado por um dos processos era também facilmente acalmado com a ajuda de outros meios; pelo contrário, um bebé que dificilmente se acalmava por um dos meios também era difícil de acalmar quando os outros processos eram utilizados. Estas diferenças individuais foram confirmadas por Korner (1984).

As crianças variam na sua capacidade para se deixar acalmar e no tempo que levam a chorar de novo uma vez acalmados. O impacto destas diferenças sobre a mãe, e em particular sobre uma mãe inexperiente, pode ser considerável. O seu sentimento de confiança enquanto mãe e o seu sentimento de poder comunicar com o bebé, estão estreitamente associados à **eficácia** que ela revela para reconfortar o bebé. Assim, não são somente a sua competência e dedicação que fazem dela uma mãe mais ou menos eficaz, mas o temperamento do recém-nascido também é factor de primeiro plano (Korner, 1984). De acordo com este autor quando um recém-nascido apresenta grande irritabilidade assim como extrema incapacidade para se deixar consolar, isso pode ter consequências funestas sobre a relação precoce mãe-recém-nascido. Nestes casos é corrente que a mãe manifeste movimentos depressivos, sentimentos de impotência e atitudes de rejeição, o que não faz senão agravar as dificuldades. Os trabalhos de Brazelton (1961) e de Prechtl (1963) já tinham evidenciado este aspecto. Uma criança muito irritável e difícil de consolar pode contribuir para o humor depressivo ou atitudes de rejeição que vão contribuir para acentuar as dificuldades da mãe. Conseguir acalmar o bebé é uma experiência muito importante para a mãe. Condiciona a **confiança** que a mãe pode ter como mãe, a sua imagem como mãe, assim como a sua relação com o bebé. O

bebé que se acalma graças à intervenção da mãe conforta-a na sua identidade de mãe (Lebovici & Stoléru, 1987).

Para Greenspan (1989), durante a etapa da **homeostase** (0 aos 3 meses), as duas principais tarefas ou objectivos da criança são a **regulação** e o **interesse pelo mundo** através de vários canais sensoriais. Desde cedo, as crianças variam em termos das suas capacidades de regulação e de interesse pelo mundo, isto é, dos padrões de **activação**, **reactividade**, **discriminação** dos estímulos humanos e do mundo físico, e **integração** das várias fontes sensoriais. Durante a fase de homeostase alguns bebés utilizam e integram todas as modalidades sensoriais. Seguem com o olhar objectos e pessoas e acalmam-se com a visão da mãe. Certas vocalizações, toque, embalo ou mudanças de posição são suficientes para **acalmar** o bebé e ajudá-lo a auto-regular-se. Outros bebés só utilizam uma ou duas modalidades sensoriais. Por exemplo, algums ficam atentos e acalmam-se perante estímulos visuais, mas perante estímulos auditivos, não respondem ou ficam hiperexcitados ou parecem confusos. Outras crianças parecem usar a visão e audição para se auto-regularem mas ficam irritados com certas manipulações físicas, só se acalmando quando colocadas horizontalmente. Em grande medida estes padrões são constitucionais em vez de aprendidos (Greenspan, 1989).

A **capacidade para se auto-acalmar** inclui movimentos espontâneos de levar a mão à boca, de sucção e de abocanhar, e chupar ritmado do polegar quando está a dormir. Um bebé que seja menos competente para levar a mão à boca, para mantê-la na boca ou que não se acalme com esta actividade terá maior probabilidade de chorar. Para Korner (1984) a capacidade de se acalmar do bebé terá influência indubitável sobre a intensidade dos seus estados de perturbação e sobre a necessidade da mãe para mediatizar e reduzir a tensão.

Keener, Zeanah, e Anders, (1989) utilizaram o vídeo para registar o comportamento de 23 primeiros filhos de 6 meses durante o sono. O temperamento das crianças foi

avaliado pelos pais. Todas as crianças acordavam durante a noite. Algumas acalmavam-se a si próprias e voltavam a dormir, contudo, outras choramingavam e requeriam a intervenção dos pais antes de voltar a dormir. Estas últimas crianças eram avaliadas como mais difíceis e arrítmicas pelos pais.

2.3 Emocionalidade positiva - Características do sorriso

No estudo de Wolff (1987) o autor pôde observar sorrisos quando a criança estava acordada e alerta desde as primeiras horas; mas são raros na primeira semana e não se observam em todas as crianças. Na segunda semana já era possível observar sorrisos em metade das crianças. Estes sorrisos eram sempre desencadeados pela audição da voz. Pelas quatro semanas a maioria dos bebés já sorria sistematicamente à voz humana. Pelas 5 semanas todas as crianças sorriam à voz humana mas a frequência de sorrisos à voz já era menor. Em contraste, a frequência de sorrisos ao acenar silencioso com a cabeça aumentou e a partir das oito semanas a visão da face já é mais eficaz do que a voz. A partir das 5 semanas a combinação da voz e do acenar é mais eficaz que cada um dos dois estímulos separadamente. A partir dos 3 meses alguns jogos como pegar nas mãos do bebé com os braços estendidos e abana-los torna-se um desencadeador importante do sorriso.

O sorriso ao rosto humano é inicialmente desencadeado pela visão de qualquer rosto não se dirigindo especificamente à mãe. Gradualmente torna-se uma resposta de sorriso específica (preferencial) dirigida à mãe, o que é visto como um sinal crucial de que um elo específico entre a criança e a mãe se estabeleceu. No contexto diádico o sorriso da criança toma um determinado sentido para a mãe que lhe responde. A repetição desta experiência permite à criança a construir uma representação interna generalizada com uma carga afectiva agradável.

Em suma, as crianças diferem na idade com que sorriem pela primeira vez, na facilidade com que é possível fazê-los sorrir e na frequência com que sorriem. A atenção da mãe aos sorrisos do bebé e a sua disposição para lhes responder também é variável. Assim, algumas crianças estarão mais expostas a interacções agradáveis do que outras.

2.4 Emocionalidade positiva - O olhar e o olhar recíproco

Através do olhar a criança conhece o mundo exterior. Os olhos servem também para regular o tipo e quantidade de estimulação que a criança pretende. Por exemplo, a criança de poucos meses fecha os olhos ou desvia o olhar para o lado quando quer evitar a sobrestimulação.

A observação da mamada de bebés de duas semanas mostra que eles tendem a fixar os olhos no rosto da sua mãe durante uma fracção significativa da mamada. Reciprocamente a maioria das mães olha para o seu bebé, estabelecendo com ele episódios de olhares mútuos. "Parece que o olhar recíproco da mãe aumenta a tendência do bebé a fixar os olhos sobre o rosto dela" (Mazet & Stoleru, 1990).

Wolff (1987) observou que ao nascer o bebé prefere olhar para coisas que se movam do que para coisas paradas. Esta preferência inicial é gradualmente substituída e no fim do primeiro mês já existe uma preferência para olhar para faces em vez de olhar para objectos. Às seis semanas o olhar para a face, particularmente quando inclui o olhar mútuo prende mais a atenção da criança do que qualquer coisa que se mova. Esta preferência aumenta até ao fim do 4 mês. Depois disto o bebé redirije o seu olhar para outras coisas ou para a sua actividade anterior olhando intermitentemente para a face se ela ainda se mantiver ali.

Depois das sete semanas os bebés tendem a explorar os vários aspectos salientes da face e a sorrir apenas quando encontram os olhos. A idade média em que o contacto visual antes do sorriso foi registado pela primeira vez foi 69 dias com uma dispersão entre 46 e 79 dias.

Mais uma vez existem **diferenças individuais** em relação à evolução do olhar, seja na exploração da face ou no tempo de contacto visual. As crianças que tardaram mais a manter períodos consistentes de alerta ou a sorrir de modo consistente para a face ou voz também respondiam mais tarde ao contacto visual da maneira descrita anteriormente. Entre as 8 e as 12 semanas o nível de actividade motora reduz-se significativamente quando o adulto olha directamente para os olhos da criança.

Enquanto alguns bebés participam activamente nos episódios de olhares mútuos, outros estabelecem um contacto visual menos prolongado e menos intenso. Alguns bebés tentam mesmo evitar os episódios de olhares mútuos.

As mães também respondem com grandes diferenças interindividuais ao olhar do seu bebé. Algumas mães encontram nesse olhar prazer e gratificação. O olhar mútuo está na origem de sentimentos positivos intensos. Estes sentimentos estão ligados ao facto de ser reconhecido de uma maneira extremamente pessoal e íntima (Lebovici & Stoléru, 1987). Outras mães podem não sentir esses sentimentos e reagir com angústia (Mazet & Stoléru, 1990).

Selma Fraiberg (1980) considera que a ausência de olhar do bebé cego não permite à mãe adaptar respostas automáticas ao pedido do bebé. Este facto explicaria a frequência de características autísticas encontradas nas crianças cegas. As mães destas crianças teriam um sentimento de estranheza. A criança cega parece muitas vezes ao observador uma criança indiferente para a mãe. O evitamento do olhar constitui um sinal de uma perturbação da comunicação entre a mãe e o bebé. Kreisler (1981) relata o caso de uma

criança de 3 meses, anoréxica, com um olhar penetrante, que seguia os observadores presentes como um radar mas sem jamais sorrir. O seu olhar era sempre lateral, era sempre com a cabeça de lado que procurava com os olhos, mesmo quando a mãe a alimentava.

2.5 Emocionalidade positiva - Características das vocalizações positivas

Quanto às vocalizações da criança é importante notar que aos três meses as vocalizações das crianças são mais estimuladas pela audição da voz do adulto do que qualquer outro tipo de estímulo. Por outro lado elas aumentam se em vez de o adulto falar pura e simplesmente ele intercalar cuidadosamente as suas vocalizações com as da criança como num diálogo. Portanto o diálogo vocal bem sucedido parece depender da sequência temporal dos elementos que são "trocados" entre adulto e criança. Estas conversas precoces são portanto uma propriedade emergente das acções coordenadas entre dois centros de causalidade independentes e são portanto um aspecto de adaptações comportamentais precoces que só são possíveis na relação da criança com pessoas (Wolff, 1987).

Um dos aspectos mais eficaz das vocalizações dos adultos é o seu contorno melódico. Os adultos utilizam um contorno melódico crescente para estimular a atenção e suscitar uma resposta da criança, um contorno em forma de onda crescente e decrescente para manter a atenção e uma contorno descendente para acalmar um bebé agitado (Papousek & Papousek, in Lécuier, Pecheux & Streri, 1994).

Para Lamour e Lebovici (1991) o conteúdo afectivo do discurso da mãe para a criança diminui ao longo dos primeiros 18 meses de maneira inversa ao conteúdo informativo do discurso. É sobretudo entre os 5 e os 7 meses que as mães mudam nitidamente este

registo; elas falam menos à criança do seu estado interno, das suas emoções, e mais das suas actividades e acontecimentos do mundo exterior. Estes dados sugerem que para estes autores os primeiros 5 ou 6 meses são sobretudo um período de "banho afectivo" (Lebovici & Stoléru, 1987), onde tudo é pretexto para comunicar o afecto; que as mães estão sobretudo atentas à criança e ao seu corpo que expressa as suas emoções. O facto de entre os 5 e 7 meses mudarem o seu discurso revela em princípio o facto da mãe observar a atenção que o bebé dá ao que a rodeia, atenção essa que, em todo caso começa a ser tão grande para os objecto como para as pessoas bastante mais cedo, aos 4 meses.

2.6 Nível de actividade: motilidade, ritmos e reacção à frustração

O feto apresenta **movimentos** gerados **espontaneamente**, isto é, movimentos não provocados por uma estimulação exterior mas sim por uma "descarga" interior. Nos fetos já se notam grandes **diferenças individuais** na motilidade (Vries citado em Lécuier, Pecheux & Streri, 1994). Para Streri existe uma continuidade entre a motilidade pré e pós-natal, as diferenças individuais observadas no feto também se observam no bebé. Para um mesmo bebé, o nível de actividade parece ser constante entre o 1° e o 4° dia e surge assim como um testemunho de uma característica individual (Lécuier, Pecheux & Streri, 1994).

Estes movimentos espontâneos não se realizam ao acaso mas segundo um ritmo próprio. O fechar e abrir das mãos, flexão e extensão das pernas e braços, pontapés, virar a cabeça ou balanceamento do tronco ocorrem no bebé de uma maneira repetida e com

um espaço de tempo mais ou menos constante. Ora, estes **ritmos** poderão variar de criança para criança e ser também uma marca da sua individualidade.

Para Streri a organização temporal destes movimentos espontâneos pode ter uma função social de inibição ou desencadeamento de comportamentos dos adultos (Lécuier, Pecheux & Streri, 1994). As condutas rítmicas são percebidas de maneira emocional pelo adulto que as interpreta como manifestações de mal-estar que é preciso interromper ou remover. Também poderão ser interpretadas como mau génio ou bom génio.

Fries e Wolff (1977, citado em Lebovici & Stoléru, 1987) mostraram que o nível de actividade congénita condiciona as suas **reacções de frustração**. Depois de os bebés estarem a beber o leite ao biberão ou ao seio por um minuto eram interrompidos e depois era-lhes dado novamente. Os bebés moderadamente activos acomodavam-se bem a esta interrupção. Os bebés activos podiam reagir por um sobressalto, ou agitar-se, não se acalmarem e só recomeçarem a mamar após uma espera. Os bebés calmos recolhiam-se sobre si mesmos, por vezes adormeciam e era necessário estimulá-los para retomarem a mamada. Assim, se a actividade atingia valores extremos, se a criança era hiper ou hipoactiva a interacção com os pais tornava-se mais difícil e produziam-se frustrações mais frequentes ou mais difíceis tanto para as mães como para os bebés.

2.7 Características dos estados de vigília

Os estados fisiológicos identificados por Wolff (1987) são 6: (1) sono profundo, (2) sono paradoxal, (3) sonolento, (4) acordado inactivo (também designado por atento e calmo), (5) acordado activo e (6) choro. Os bebés diferem no tempo que passam em cada um destes estados e na facilidade com que entram em alguns estados mediante estimulação exterior.

Nalguns casos o bebé, nas primeiras semanas só se encontra em dois estados: ou se encontra num sono profundo do qual é difícil de tirar, ou se encontra acordado chorando o tempo todo e hipersensível a qualquer estimulação, nada o fazendo acalmar. Por outro lado, é muito difícil obter a atenção de alguns bebés enquanto outros respondem por mudanças rápidas de estado a qualquer manipulação entrando com vivacidade num estado de vigilância visual em resposta às intervenções da mãe. As mães dos primeiros bebés terão mais probabilidade de se sentirem pouco estimulantes.

Existem diferenças importantes entre os bebés no que diz respeito à facilidade para se acalmar e adoptar um estado calmo e atento (Korner & Grobstein, 1966). As suas capacidades de manter de maneira duradoura esse estado são igualmente variáveis de um bebé para outro. Para alguns estes estados são efémeros, para outros são mantidos durante longo tempo. Além disso, sem que haja qualquer intervenção sobre eles, os bebés têm capacidades muito variadas de adoptar o estado de vigília atento e calmo. Alguns nunca o fazem espontaneamente, uns fazem-no raramente e um pequeno número fá-lo frequentemente.

A intervenção exterior por parte da mãe vai ter um papel importante na manutenção, transição de um estado para outro e progressivo aumento do tempo da manutenção de certos estados ao longo do tempo. Gomes-Pedro (1989) verificou que os bebés apresentavam valores de cotação mais altos no item de alerta da escala NBAS aos 3 dias quando as suas mães em vez de um contacto de rotina tinham a possibilidade de estar com eles por um período de meia hora após o nascimento. Lopes dos Santos (1992) mostrou que o comportamento afectusoso das mães aos 2, 3 dias estava associado ao tempo que os bebés passavam no estado atento e calmo na 3 e 4 semana. Olhar para o lado, (desviar o olhar, ou não estar a olhar) estava associado a menos tempo passado no estado atento e calmo.

Não é demais realçar a importância e o papel que o estado 4 tem na interacção com a mãe e no desenvolvimento do bebé. O estado 4 tem características ímpares, pois é quando o bebé está plenamente atento e disponível para a interacção e para os objectos. Inicialmente o bebé necessita de maior intervenção da mãe para manter um determinado estado ou para passar a outro estado. O prazer que a mãe sente ao olhar os olhos do bebé, o tempo que passa a olhá-lo e a falar com ele face a face são facilitados pela atenção que o bebé manifesta no estado 4 (estado atento e calmo), e estas experiências de interacção tendem por sua vez a organizam os estados do bebé. Progressivamente, o bebé passa a ser mais activo e é graças à sua atenção e seu interesse pelos objectos ou os seres humanos, característico do estado 4, que ele se pode apaziguar espontaneamente. Um factor determinante na modelação do estado atento e calmo é o "*handling*" e o "*holding*". Korner e Grobstein (1966) estudaram recém-nascidos que quando choravam eram pegados e examinados. Verificaram que os bebés eram levados a um estado atento e calmo quando pegados e postos contra o peito e espádua do adulto. Assim, os estados do bebé servem como meio de comunicação para a mãe pois esta pode pô-los em relação com os cuidados que prestou à criança. Por exemplo, se a criança que está no estado 6 (choro) se acalma e depois adormece quando ela o abana e lhe fala ela pode pensar que foi em função dos cuidados reconfortantes que lhe prestou. Os períodos de vigília calma e atenta são sempre mais longos imediatamente após as refeições.

Os estados de vigilância do recém nascido são assim não só realidades neurofisiológicas mas também verdadeiras mensagens que a mãe interpreta. A criança que chora frequentemente pode ser julgada como exigente e o bebé que dorme muito como preguiçoso etc. Além disso, os estados de vigilância são interpretados pelos pais como prova dos cuidados que prestam ao bebé e estes avaliam-se como pais em função do que o bebé lhes "devolve" em termos de qualidade dos estados de vigilância.

2.8 Capacidades sensoriais e limiares sensoriais

Os estudos de Korner (1984) mostram que existem diferenças significativas na frequência e na duração nos episódios espontâneos de atenção visual, na frequência da busca ocular de um objecto móvel, no nível de vigília em resposta a diferentes cuidados maternos, assim como na frequência das respostas a uma campainha ou ao ruído da câmara.

Benjamin (1961, citado em Korner, 1984) salienta que os bebés com limiares sensoriais baixos estavam mais sujeitos a cólicas na terceira ou quarta semana pós-natal. Para Korner (1984) os bebés mais sensíveis têm tendência a estar submergidos por uma sobrecarga de estímulos se a figura materna não jogar um papel redutor das tensões. Pelo contrário os bebés com limiares sensoriais elevados poderão ter pouca necessidade de protecção.

O limiar sensorial também afecta outras áreas da criança como por exemplo a capacidade para se deixar acalmar. Os bebés com limiares sensoriais elevados terão mais necessidade de serem aconchegados nos braços para se acalmar. Este contacto físico que se pode revestir de importância vital para alguns bebés, pode ser desadequado para uma minoria que responde negativamente a qualquer restrição física. Nestes casos, como na maioria das crianças, a estimulação vestibular, mesmo dada sem contacto físico, tem um efeito muito significativo acalmando-o e fazendo-o ficar com um olhar vivo e atento (Korner, 1984).

(3) MEDIÇÃO DO TEMPERAMENTO

Como é que se tem medido o temperamento infantil até agora? Por entrevista, questionários ou escalas preenchidos pelos pais e por observação directa. Nesta secção vamos descrever 3 escalas de temperamento aplicáveis no 1° ano de idade. Todas elas são escalas preenchidas pelos pais. Esta parte sobre instrumentos vai ser útil para completar a definição de temperamento iniciada anteriormente e para definir "temperamento dificil".

O primeiro instrumento utilizado para medir o temperamento na infância foi a **entrevista** desenvolvida por Thomas e colaboradores (1963, Thomas, Chess, & Birch, 1968) no NYLS (New York Longitudinal Study).

A entrevista construída por Thomas e colaboradores é morosa e não admira por isso que tenham surgido **questionários** e escalas procurando substituí-la. Existe hoje em dia mais de uma dezena de instrumentos medindo o temperamento desde a infância até à idade escolar. A maioria é preenchida pelos pais mas em alguns casos também são avaliados os relatos de temperamento feitos pelos professores. Os questionários preenchidos pelos pais e baseados no modelo de Thomas e Chess são a medição operacional de temperamento mais utilizada até hoje.

A utilização de observadores para registarem directamente o temperamento da criança em meio natural tem sido quase inexistente e o maior esforço nesse sentido foi realizado por Bates, Olson, Pettit e Bayles (1982). A **observação directa** do temperamento em meio natural pode utilizar quer itens moleculares de comportamento que vão sendo registados à medida que ocorrem (medições de frequências ou do tempo), quer o preenchimento de alguns itens das escalas ou questionários preenchidos pelos pais. Não existe, no entanto, nenhuma "grelha" de itens de observação directa para medir o

comportamento. A observação directa tem-se debruçado sobre um número restrito de itens de comportamento com a finalidade exclusiva de validar ou confirmar as avaliações feitas pelos pais, por exemplo, Bates e colaboradores (Bates, Freeland & Lounsbury, 1979, Bates, Olson et al. 1982) utilizaram a observação de episódios de choro com esse propósito.

Nesta parte sobre medidas de temperamento vamos referir-nos exclusivamente a instrumentos que tenham sido construídos para aplicações na idade mais precoce, entre os 3 ou 4 meses e os 9 meses. Não vamos analisar aqui escalas que podem ser aplicadas em fases ainda mais precoces como a de Brazelton (1973), (NBAS) e a de Field e colaboradores (1978) (MABI) mas que não são aplicáveis após o primeiro mês.

Assim, vamos referir 3 escalas: o Infant Temperament Questionnaire (ITQ) de Carey e MacDevitt, (1978); o Infant Behavior Questionnaire (IBQ) de Rothbart (1981); e o Infant Characteristics Questionnaire (ICQ) de Bates, Freeland e Lounsbury, (1979); Todas elas são preenchidas pelas mães.

3.1 Infant Temperament Questionnaire (ITQ) de Carey e MacDevitt, (1978)

O original do Infant Temperament Questionnaire foi construído por Carey em 1970 (Carey, 1970) com base na entrevista de Thomas e colaboradores (Thomas, Chess et al. 1963, Thomas, Chess, & Birch, 1968). Foi construído como um instrumento clínico de despistagem a partir de uma pequena amostra (101) da classe média. Foi delineado para representar os dados recolhidos por entrevista no NYLS e para obter "scores" para as suas nove dimensões: nível de actividade, ritmicidade, aproximação-afastamento, adaptabilidade, limiar de resposta, intensidade das reacções, qualidade do humor, distractibilidade e concentração/persistência. Tinha 70 itens e era aplicável entre os 4 e

os 8 meses. É o instrumento mais utilizado até hoje em estudos sobre temperamento e tem versões estrangeiras como a Australiana, Canadiana e da Formosa.

Este instrumento tinha contudo limitações conceptuais e psicométricas que obrigaram à sua revisão por Carey e McDevitt (1978). Passou a ter 95 itens que descrevem comportamentos do bebé em situações específicas e tem 6 alternativas de resposta.

Vejamos alguns exemplos de itens como ilustração: "a criança move-se bastante (contorcer o corpo, esticões, pontapés) quando está deitada no berço - nível de actividade; "à noite, o bebé fica com sono mais ou menos sempre à mesma hora" - ritmicidade; "a criança aceita a introdução de novos alimentos imediatamente, comendo-os prontamente" aproximação/afastamento; "a criança continua estranha ou com medo de estranhos depois de estar 15 minutos com eles" - adaptabilidade; "o bebé apresenta expressões intensas (riso ou choro vigorosos) quando lhe mudam a fralda ou a vestem" - intensidade; "o bebé choraminga quando acorda e quando o deitam" - humor; "a criança brinca com um brinquedo por um minuto e depois procura outro brinquedo ou actividade" - persistência; "a criança olha para um objecto que lhe oferecem mesmo que já tenha outro na mão" - distractibilidade.

Obtém-se um score global para cada uma das dimensões referidas atrás e, além disso, é pedido aos pais para fazerem uma apreciação global para cada uma das nove dimensões e ainda outra sobre se o seu filho é fácil, difícil ou médio.

Através do resultado em seis das nove escalas é possível identificar as 4 categorias de crianças referidas por Thomas e Chess (1977). As crianças **difíceis** apresentariam arritmicidade, afastamento, baixa adaptabilidade, elevada intensidade e humor negativo; as crianças **fáceis** apresentariam as características opostas, isto é, regularidade nas funções biológicas (elevada ritmicidade); tenderiam a aproximar-se e a ter respostas positivas para os estímulos novos (aproximação); adaptação rápida a novas situações ou

alterações na rotina (adaptabilidade); reacções emocionais de baixa intensidade (intensidade); tenderiam a ser sorridentes e palradoras (humor). Existiriam também dois grupos intermédios. No estudo de Carey e McDevitt são encontradas 9% de crianças difíceis e 42% de crianças fáceis.

Subsistem algumas limitações nesta escala que vamos passar a enumerar. Primeiro, parece não haver uma distinção conceptual precisa entre algumas das escalas. Por exemplo, o item 27 "a criança sorri e ri quando está pela primeira vez num sítio estranho (noutra casa, numa loja)" é considerado pelos autores como um item avaliando o humor mas ao mesmo tempo consideramos que podia ser um item de aproximação/afastamento.

Segundo, existe pelo menos um caso em que o conteúdo dos itens e o nome da dimensão em que estão agrupados não se ajustam. A maioria dos itens que avaliam a distractibilidade, são de facto itens sobre a capacidade para se acalmar (*soothability*), por exemplo, "a criança continua a chorar quando lhe mudam a fralda apesar dos esforços para a distrair com jogos, objectos, ou cantar". Seria mais adequado dar outro nome a esta dimensão.

Terceiro, faz falta na escala uma coluna em que as mães possam referir "não se aplica", já que alguns itens não parecem ajustados, pelo menos para todas as crianças dos 4 meses, por exemplo, "a criança continua a tentar alcançar um objecto que está fora do seu alcance, por dois minutos ou mais".

Quarto, a análise factorial dos itens da escala também não confirma os nove factores ou dimensões (Sanson, Prior, Garino, Oberklaid, & Sewell, 1987).

E por último, a sua larga utilização deixa-nos perplexos se tivermos em conta as suas características psicométricas (estudo original, Carey e McDevitt, 1978). Os valores de

consistência interna das várias escalas varia entre .49 e .71. Alguns são inaceitáveis como o da Distractibilidade - .49; Humor - .53; Intensidade - .56; Adaptabilidade - .57; Limiar de resposta - .57; Persistência - .62; os outros são apenas aceitáveis, Actividade - .64; Ritmicidade - .65; e Aproximação - .71. A baixa consistência interna da escala de distractibilidade, por exemplo, poderá ser justificada pela mistura de aspectos que são agrupados nesta dimensão. Esta dificuldade resulta da definição de distractibilidade - "a maior ou menor capacidade de um estímulo para interromper um comportamento da criança (atenção a um objecto, choro)". Parar de chorar porque lhe cantam uma canção (item 15) pouco tem de comum com parar de brincar quando alguém passa por ela (item 21) ou ainda com continuar a não querer tomar o remédio apesar de a tentarem distrair com jogos e truques (item 68). A facilidade em ser acalmado e a facilidade em distrair a criança do aspecto a que está a tomar atenção são dois aspectos importantes que podem diferenciar as crianças mas não deveriam em princípio fazer parte da mesma escala.

3.2 Infant Behavior Questionnaire (IBQ) de Rothbart (1981)

É aplicável a crianças dos 3 aos 12 meses e contém 6 dimensões:

(1) nível de actividade - motricidade global da criança, incluindo movimento dos braços e pernas, contorcer-se e locomoção;

(2) sorriso e riso - sorriso e riso da criança em qualquer situação;

(3) perturbação e tempo de latência na aproximação a estímulos novos ou súbitos - Perturbação da criança em face de mudanças súbitas na estimulação e perturbação e latência dos movimentos face a novos objectos sociais ou físicos;

(4) perturbação face a limitações - Choramingar, chorar ou mostrar perturbação quando a) espera pelo comer, b) recusa comida, c) está retido num local ou posição, d) está a ser vestido ou despido e) não lhe é permitido alcançar um objecto para o qual a criança atraiu a sua atenção;

(5) facilidade em se acalmar - Redução da rabugice, choro ou perturbação quando a mãe ou substituto utiliza técnicas para acalmar a criança.

(6) duração da atenção - Vocalizações, olhar e/ou interacções com um objecto por extensos períodos de tempo quando não tenha havido mudanças súbitas de estimulação.

Rothbart (1987) considera que a reactividade pode ser medida pelo (1) limiar de resposta, (2) latência, (3) intensidade, (4) tempo até atingir o pico de intensidade de reacção, (5) tempo de recuperação. A auto-regulação, por sua vez pode ser medida pela (1) atenção, (2) aproximação/afastamento, (3) ataque, (4) inibição do comportamento, e (5) capacidade para se auto-acalmar.
Sendo assim, a reactividade é medida, por exemplo, pelos itens das escalas 1, 2, 3 e 4, e a auto regulação pelos itens das escalas 3, 5 e 6.

O questionário contem 94 itens em que é pedido aos pais para referirem a frequência de certas reacções das crianças através de uma série de situações numa escala de 1 a 7. Existem 6 situações - alimentação, sono, banho e vestir, jogo, actividades diárias e técnicas para acalmar a criança. Vejamos um exemplo de item: "Quando colocada de costas, com que frequência a criança: (item 63) choramingou ou protestou? (perturbação em face de limitações); (64) sorriu ou riu? (sorriso e riso); (65) manteve-se quieto? (actividade); (66) agitou os braços e pontapeou? (actividade); (67) contorceu-se ou virou-se? (actividade). Cada item tem uma escala de 1 (nunca) até 7 (sempre).

A consistência interna das 6 escalas é elevada para os 3, 6, 9 e 12 meses; varia entre .67 e .85.

3.3 Infant Characteristics Questionnaire (ICQ) de Bates, Freeland e Lounsbury, (1979).

O ICQ de Bates, Freeland e Lounsbury (1979) foi desenvolvido para avaliar a noção de criança difícil. O ICQ de Bates é apropriado para investigadores que queiram medir as percepções que os pais têm da dificuldade dos filhos. É aplicável a crianças entre os 4 e os 7 meses, "embora a maioria das crianças nos estudos de validação estivesse próximo dos 6 meses, sentimos que a escala dos 6 meses é relevante para pais de crianças entre os 4 e os 7 meses" (Bates, sem data).

Os itens utilizados na escala correspondem a comportamentos que tinham sido identificados como importantes na distinção de bebés e crianças pequenas, "os itens foram sugeridos pelas dimensões de temperamento de Thomas e colaboradores (Thomas Chess et al., 1963, Thomas, Chess e Birch, 1968), pelas variáveis de alteração no humor e capacidade para se acalmar de Prechtl (1963), e pelas variáveis de rabugice e sociabilidade de Robson e Moss (1970)" (Bates, Freeland, & Lounsbury, 1979).

O principal factor extraído do ICQ, que foi designado por "*Fussy difficult*", é uma medida de emocionalidade negativa incluindo o choro e rabugice da criança, humor negativo (i. e., suas variações e intensidade do protesto), facilidade em se acalmar, e uma avaliação do grau de dificuldade médio da criança. Uma criança difícil é aquela que as mães vêem como choraminga e difícil de acalmar, a criança fácil é uma criança que não é chorona e é fácil de acalmar.

O segundo factor, designado por "*Unadaptable*" inclui itens sobre as respostas da criança a novos acontecimentos, pessoas e coisas.

O terceiro factor é designado por "Dull" (Apático). Inclui vários itens que avaliam essencialmente emocionalidade positiva como o sorriso e vocalizações positivas, e excitação durante o jogo, e um item sobre actividade. Na amostra entre os 4 e os 7 meses os dois itens de emocionalidade positiva estavam negativamente relacionados com a medida de actividade. Assim, os bebés vistos como mais positivos emocionalmente eram também vistos como mais activos.

O quarto factor (*Unpredictable*) inclui itens sobre a maior ou menor dificuldade em prever as necessidades da criança como a fome ou sono ou o que a incomoda quando está a rabujar ou chora.

Os valores de consistência interna (aos 6 meses) para as 4 escalas no estudo de Bates Freeland e Lounsbury, (1979) são os seguintes: *Fussy/Difficult* - .79; *Unadaptable* - .75; *Dull* - .39; e *Unpredictable* - .50.

Existem bastantes dados sobre a validade convergente entre o factor chorão difícil do I.C.Q. e as 5 dimensões que compreendem a constelação difícil do N.Y.L.S.. Por exemplo, Reiser-Danner e Goldsmith (citados em Goldsmith e Reiser-Danner, 1986) encontraram uma correlação de .44 entre a dimensão Chorão/Difícil do ICQ e o Humor Negativo do (R)ITQ. Também existem dados sobre o valor predictivo em relação à atribuição de características adversas pelos pais quando as crianças são mais velhas, (por exemplo, Guerin & Gottfried, 1994),

3.4 Discussão

Em síntese, o que há de comum e de diferente entre estes três instrumentos? (1) Os processos de construção dos 3 instrumentos foram diferentes. Por exemplo, o Infant Temperament Questionnaire (ITQ) de Carey e MacDevitt (1978) foi delineado para representar os dados recolhidos por entrevista no New York Longitudinal Study e obter "scores" para as suas nove dimensões. O Infant Characteristics Questionnaire (ICQ) de Bates foi construído por análise factorial com o intuito principal de construir um instrumento que medisse o temperamento difícil.

(2) Também diferem no número e natureza das dimensões incluídas, o Infant Temperament Q. tem 9 dimensões, o Infant Behavior Q. de Rothbart 6 e o Infant Characteristics Q. apenas 4 dimensões.

(3) Tanto o I Temperament Q como o I Characteristics Q medem o conceito de temperamento difícil mas este conceito no ITQ é mais abrangente; é constituído por uma combinação particular de 5 das 9 dimensões -baixa ritmicidade, elevado afastamento, baixa adaptabilidade, elevada intensidade e humor negativo. No ICQ aparecem 3 destas dimensões, adaptabilidade, imprevisibilidade (corresponde à dimensão ritmicidade do ITQ), e humor (humor positivo mais actividade). No entanto, não existe em nenhum dos casos uma coincidência perfeita entre os conteúdos da mesma dimensão numa e outra escala. Por exemplo, na análise factorial feita por Bates e colaboradores o nível de actividade aparece associado ao humor e portanto constituem uma única escala (Dull). Para além disso existe uma 4ª escala - Chorão/Difícil que é o primeiro factor da escala ICQ e que inclui variações e intensidade do humor negativo (choro e rabugice) e dificuldade em se acalmar.

(4) Os valores de consistência interna nas 3 escalas também são distintos. São em geral baixos nas escalas do I Temperament Q, e elevados nas escalas do I Behavior Q e em 2

das 4 escalas do I Characteristics Q. (5) As implicações para efeitos de investigação também são distintas. De acordo com Hubert, Wachs, Peters-Martin, & Gandour (1982) os estudos que se centrem sobre a relação entre o temperamento e aspectos da interacção mãe-criança podiam utilizar instrumentos que já mostraram ser sensíveis a estes aspectos como a escala de Brazelton e o Infant Temperament Questionnaire (ITQ). Por outro lado, "nos estudos onde o principal objectivo é encontrar variáveis correlacionadas com o temperamento difícil, o uso do factor Chorão/Difícil do Infant Characteristics Questionnaire (ICQ) é recomendada devido à qualidade dos dados para esta porção da escala" (Hubert, Wachs et al., 1982). (6) Por fim, a validade da grande maioria dos questionários de temperamento não foi ainda totalmente avaliada. A investigação mais extensa sobre a validade das apreciações dos pais como medida das características temperamentais próprias da criança foi feita por Bates (Bates, Freeland & Lounsbury, 1979, Bates, Olson et al., 1982) a propósito do seu instrumento ICQ (Infant Characteristics Questionnaire) e em particular da subescala principal deste instrumento Chorão/Difícil.

(4) ORIGEM GENÉTICA DO TEMPERAMENTO

Um dos objectivos deste estudo é procurar relações entre características da mãe e a percepção que ela tem do temperamento da criança. Se o temperamento infantil fosse unicamente, (100%), determinado por factores hereditários, o significado daquelas relações seria diverso do significado que atribuiríamos à relação se a determinação hereditária fosse nula. Justifica-se portanto avaliar a influência genética existente no temperamento.

Deste modo vamos rever informação que nos indique se as dimensões do temperamento têm ou não uma origem hereditária; se algumas dimensões temperamentais sofrem maior influência genética do que outras; e qual é a grandeza dessa influência. Para respondermos a estas questões vamos rever alguns estudos sobre o temperamento feitos com gémeos e ainda avaliar as diferenças de resultados em termos de herdabilidade (diferenças fenotípicas, por exemplo de comportamento, entre os indivíduos que não são atribuíveis a influências do contexto circundante mas estão associadas a diferenças genéticas) resultantes dos diferentes modos de avaliação do temperamento (observação directa do comportamento versus avaliação pelos pais, e medidas moleculares versus molares).

A genética do comportamento defende que as características das crianças numa série de domínios como a altura, o peso, a inteligência e o temperamento reflectem em grande medida uma base hereditária (Plomin, 1989). A maioria dos estudiosos do temperamento defende a ideia de que este tem uma base genética. Por exemplo Bates (1989) vê no conceito de temperamento três níveis - comportamental, neurológico e constitucional (incluindo genético). A utilidade de um critério deste tipo, "geneticamente determinado", na definição do conceito de temperamento, parece ter resultado da necessidade ou interesse em ter uma medida que fosse independente de variações do contexto

circundante, isto é, que revelasse estabilidade através de uma variedade de contextos ou situações. No entanto Hinde (1989) e Goldsmith (1986, Goldsmith, Buss et al., 1987) defendem que é preferível definir o temperamento apenas em termos de diferenças individuais dadas as dificuldades e limitações que o critério de determinação genética levanta: a) os pontos de corte ou limites requeridos para a herdabilidade (heritability), para que o critério "geneticamente determinado" seja atingido são arbitrários; b) os valores de herdabilidade variam com a idade e com a amostra ou o contexto estudados; c) as influências no desenvolvimento podem ser genéticas mas não haver herdabilidade; d) as influências perinatais podem não ser nem genéticas nem herdadas; e) as contribuições biológicas nuns casos impõem constrangimentos sobre o que é aprendido, não especificando um fenótipo particular, enquanto que noutros casos poderão existir influências mais directas sobre o comportamento.

Sandra Scarr (1992) defende que o contexto circundante exerce pouca ou nenhuma influência sobre o indivíduo a não ser quando este contexto não é normal ou típico (ex. quando estamos em presença de famílias abusivas, violentas ou negligentes). Apoia esta conclusão no facto da investigação da genética do comportamento ter mostrado que em aspectos como as medidas de inteligência, personalidade ou psicopatologia, a herdabilidade variar entre .40 e .70, e da variância restante existir mais variação intra-familiar do que entre famílias (Plomin e Daniels, 1987). Os sujeitos que são criados na mesma família e que não têm qualquer relação familiar não se assemelham em talentos, interesses ou personalidade, apesar de terem crescido com os mesmos pais, escola e vizinhos. Por outro lado os gémeos homozigóticos criados juntos têm uma semelhança de Q.I. impressionante (cerca de r =.86), isto é, o mesmo valor que se obtém quando uma mesma pessoa é testada duas vezes. A semelhança entre gémeos homozigóticos criados à parte desce 10 pontos (cerca de r =.76). Estes gémeos verdadeiros criados separadamente são não só semelhantes intelectualmente mas também ao nível da personalidade (Tellegen, Lyken, Bouchard, Wilcox, Seal, & Rich, 1988). Por outro lado, a mesma família não é igual para os vários indivíduos porque cada um deles constrói o

constrói o seu próprio contexto familiar. Eles evocam dos outros respostas que são correlacionadas com as suas características, e seleccionam activamente o meio ou contextos que são correlacionados com os seus interesses, talentos e características de personalidade. Os indivíduos constróem o seu próprio contexto circundante com base nas suas características genéticas. Scarr considera que a herdabilidade de um genótipo específico para um fenótipo persistente e duradoiro (inteligência) é de .70 e a influência do contexto .30. Baseada numa considerável quantidade de dados conclui que os valores para a personalidade (traços como a sociabilidade, impulsividade ou emocionalidade) são .50 de herdabilidade e .50 de influência do contexto.

Os dados sobre o temperamento na infância que apresentamos a seguir não se ajustam de modo nenhum a este quadro.

A maioria do que se sabe sobre influências genéticas na infância provém de três estudos longitudinais, o Louisville Twin Study (LTS) e o Colorado Adoption Project (CAP) e o MacArthur Longitudinal Twin Study (Emde, Plomin et al. 1992). Os dados de temperamento destes estudos provêm do IBR, Infant Behavior Record originado a partir dos itens de comportamento da escala Bayley.

Quanto às **capacidades cognitivas**, enquanto o CAP sugere uma influência genética substancial aos 12 meses, o LTS revela uma correlação de .68 para os MZ e .63 para os DZ sugerindo portanto pouca influência genética. O McArthur Study revela uma herdabilidade baixa (.37). As correlações são .31, .28, e .34 para os MZ respectivamente na memória de localização, categorização e compreensão de palavras e .07, -.02 e .05 para os DZ. Estes resultados em conjunto revelam uma situação ainda pouco clara mas desde logo, os valores que se encontram para os adultos referidos por Scarr (1992) estão longe de se confirmar no primeiro ano de vida.

Quanto ao **temperamento**, o Louisville TS aos 12 meses revela r =.43 MZ e r =.07 DZ para o "afecto-extroversão", r =.49 MZ e r =.23 DZ para a orientação para a tarefa, e r =.33 MZ e r =.28 DZ para "actividade".

O McArthur LS sugere influência genética para o "afecto" r =.25 MZ e r =.15 DZ) tal como no LTS mas diferentemente do CAP; contrariamente aos outros dois não evidencia influência genética para a orientação para a tarefa (r =.15 MZ e r =.22 DZ). e revela influência genética para a "actividade" (.39 de estimação; correlações r =.42 MZ e r =.13 DZ) tal como no CAP mas diferentemente do LTS.

A observação directa do comportamento revelava uma estimação de .56 de herdabilidade para a "inibição do comportamento", e de .49 para a "timidez". O afecto positivo e negativo apresentam resultados muito dispares consoante a recolha é por observação directa ou por relato dos pais. Através de observação directa a emocionalidade positiva mostra uma estimação de .33 de herdabilidade e o afecto negativo .10. Nos relatos dos pais aparece uma situação inversa, o afecto positivo mostra uma estimação de .05 e o afecto negativo uma estimação de .68.

(1992)

Emde e colaboradores chegam à conclusão que o efeito da variância partilhada sobre as medidas de temperamento usadas no seu estudo é muito pequena com excepção para a emocionalidade positiva quando avaliada pela Differential Emotion Scale

Alguns estudos com gémeos encontraram maior diferença entre os gémeos idênticos e fraternos do que seria de esperar em função apenas dos efeitos genéticos aditivos. No estudo de Torgensen e Kringlen (1978), por exemplo, os gémeos idênticos eram muito mais semelhantes entre si do que os gémeos fraternos. Isto acontecia em 3 variáveis aos 2 meses, e em todas as nove variáveis aos 9 meses. No entanto, a amostra era pequena e poderá ter havido enviesamento. As correlações médias em quatro estudos realizados com crianças pequenas por Plomin (Buss & Plomin, 1984) revelaram os seguintes

resultados: A emocionalidade, actividade e sociabilidade apresentavam respectivamente .63, .62 e .53 para os gémeos verdadeiros e .12, -.13 e -.03 para os gémeos fraternos. Neste caso o estudo incluia 400 pares de gémeos e portanto, o erro de amostragem não pode explicar porque é que a correlação para os gémeos fraternos é menos de metade do que a que se verifica com os gémeos idênticos. Plomin sugere que a explicação mais provável é um enviesamento do género efeito de contraste, isto é, os avaliadores poderem acentuar as diferenças dos gémeos fraternos e as semelhanças dos idênticos (Plomin, 1977, citado em Goldsmith, 1989). De acordo com Goldsmith (1989) alguns tipos de escalas poderão ser mais sujeitas a enviesamentos, exagero nas diferenças, por parte das mães devido ao formato das respostas. Em alguns estudos na infância feitos por Goldsmith com o Infant Behavior Questionnaire (IBQ) e o Toddler Behavior Assessement Questionnaire (TBAQ - Goldsmith, H. H., Elliott, T. K. e Jaco, K. L. 1986, citado em Goldsmith, 1989) esta diferença exagerada não aparecia (Goldsmith & Campos, 1986; Goldsmith, Jaco, & Elliott, 1986, citado em Goldsmith, 1989). O formato de resposta nestas escalas exige que os sujeitos avaliem a frequência de certos comportamentos. Pelo contrário, em estudos com o Childhood Behavior Questionnaire (CBQ) os autores identificaram grandes diferenças entre os dois tipos de gémeos devido a correlações muito baixas nos gémeos fraternos. Estas escalas, tal como as utilizadas por Plomin, solicitam ao sujeito que responde que avalie frases em termos do seu grau de veracidade ou falsidade.

Outra explicação poderá estar relacionada com a idade das crianças, o CBQ e as escalas de Plomin servem para avaliações a partir dos 3 anos e a IBQ e TBAQ para idades mais precoces, talvez os efeitos genéticos não aditivos se observem apenas a partir dos 3 anos, a questão continua em aberto, (Goldsmith, 1989). Temos que frisar no entanto que o autor não avança qualquer explicação teórica para esta diferença em função da idade.

Um dos autores que deu passos mais claros sobre a componente constitucional foi Kagan (Kagan & Snidman, 1991), talvez pelo facto de se centrar não tanto na grandeza

ou percentagem da herdabilidade mas na relação entre algumas características temperamentais e certas características físicas ou fisiológicas discretas. Estes autores mostraram que as crianças inibidas (com elevada latência na aproximação a pessoas ou objectos desconhecidos, que passam mais tempo na proximidade dos pais e que sorriem com pouca frequência em contextos não familiares) se distinguem das desinibidas na constituição física, cor dos olhos, reactividade do sistema nervoso simpático e susceptibilidade a alergias atópicas. As crianças inibidas quando comparadas com as não inibidas revelam faces mais estreitas (Arcus & Kagan, 1995), menor pigmentação da íris que se traduz em maior prevalência de olhos azuis (Rosenberg & Kagan, 1987, 1989 citados em Arcus & Kagan, 1995), níveis mais elevados de cortisol na saliva e activação do sistema simpático evidenciada em maior aceleração cardíaca e dilatação pupilar (Kagan, Reznick, & Snidman, 1988). Para Kagan estes resultados sugerem hipóteses sobre factores comuns ao desenvolvimento morfológico e perfis comportamentais que devem ser testadas no futuro (Arcus & Kagan, 1995).

Os estudos de Kagan (Kagan & Snidman 1991; Stern, Arcus, Kagan, Rubin, & Snidman, 1995) mostraram, por outro lado, que havia uma relação entre a inibição (ou medo em contextos estranhos) aos 14 meses e a reactividade aos 4 meses. As crianças de 4 meses com elevada reactividade (que mostravam elevada actividade e irritabilidade) tinham mais medo em contextos estranhos aos 14 meses, ou seja eram mais inibidas. As crianças de baixa reactividade (baixa actividade motora e irritabilidade) quase não apresentam medo ou inibição.

O estudo de Gunnar, Porter et al. (1995) também evidencia uma relação entre aspectos fisiológicos e comportamentais, reactividade a uma situação de stress avaliada no período neonatal e a descrição de temperamento feita pelas mães aos 6 meses. As crianças com maior reactividade (mais choro, períodos de batimento cardíaco mais curtos, "*lower vagal tone*", e níveis de cortisol mais alto) apresentavam valores mais baixos (temperamento menos negativo) na escala de "perturbação face a limitações" do

Infant Behavior Questionnaire (Rothbart & Derriberry, 1981). Grande reactividade no periodo neonatal face a uma situação dolorosa, por exemplo ser picado, parece estar associada a menor reactidade aos 6 meses e talvez a melhor regulação (Gunnar, Porter et al. 1995) traduzindo-se numa percepção materna de menor perturbação em face de limitações.

4.1 Avaliação pelos pais e observação directa do comportamento

Os valores de herdabilidade evidenciados nos estudos usando escalas preenchidas pelos pais e nos estudos de temperamento através de observação directa não são coincidentes. Em qual deles se observam valores mais altos?

Nos estudos usando **avaliações pelos pais** as correlações entre gémeos verdadeiros é em média .50 e a dos gémeos fraternos é mais baixa do que .30, e com frequência negativa. Por exemplo Neal e Stevenson (1989) analisaram dados de 541 pares de gémeos com 42 meses de idade e verificaram que as mães avaliavam os gémeos monozigóticos de modo idêntico em relação ao nível de actividade (r =.57 para os rapazes e r =.72 para as raparigas): Os gémeos dizigóticos não eram vistos como semelhantes (r =.03 para os rapazes e r =-.02 para as raparigas). Lyon e Plomin (1980), num estudo com 60 MZ e 51 DZ pares de gémeos entre os 2 e os 6 anos e utilizando a escala EASI Temperament Survey (Buss & Plomin 1975), encontraram uma correlação média para 11 escalas igual a .56 para os gémeos MZ e -.12 para os DZ. Plomin e Rowe (1977) num estudo com a C. C. T. I. (Colorado Childhood Temperament Inventory - uma amálgama da EASI e de factores derivados do New York Longitudinal Survey) em crianças entre os 1 e 7 anos (36 MZ e 31 DZ) encontrou uma correlação média de .60 para os MZ e .06 para os DZ.

Estas medidas implicam avaliações globais. Quando são utilizadas avaliações de comportamentos específicos os resultados são mais de acordo com o que se espera do modelo genético que prevê que o valor dos gémeos dizigóticos seja sensivelmente metade do valor encontrado para os gémeos homozigóticos. Por exemplo Goldsmith e Campos (1986) encontram MZ r =.75 e DZ r =.35 para o nível de actividade avaliado aos 8 meses pelos pais no IBQ.

O CAP não revela qualquer influência genética para os relatos de temperamento feitos pelos pais (Plomin, Coon, Carey, DeFries, & Fulker, 1991).

Os estudos de **observação directa do comportamento** evidenciam resultados muito diversos, alguns itens registam correlações moderadas para os dois tipos de gémeos enquanto outros itens evidenciam correlações muito distintas. Plomin (1981) refere que estes resultados podem estar confundidos devido à não distinção de medidas molares (generalizações sobre mais do que um comportamento, para várias situações e, ao longo do tempo, como acontece na maioria das dimensões das escalas de temperamento preenchidas pelas mães) e medidas moleculares (comportamentos específicos observáveis num curto intervalo de tempo e dando origem a contagens ou avaliações). Para o autor as medidas moleculares tendem a produzir correlações mais altas no caso das avaliações por escalas preenchidas pelos pais (.80 MZ e .30 DZ) do que as medidas molares preenchidas pelos pais (.50 MZ e .30 DZ), ou por observação directa (.50 MZ e .00 DZ), (Plomin, 1981). Por outro lado, o autor refere também que para as escalas da avaliação molares preenchidas pelos pais não existe herdabilidade diferencial (uns traços de temperamento terem um valor mais alto de herdabilidade do que outros), (Plomin, 1981). A afirmação é contudo excessiva para a escassa base empírica que existe.

No estudo de Saudino e Eaton (1991) os gémeos monozigóticos eram mais semelhantes do que os dizigóticos quer nos relatos dos pais (MZ r =.82 e DZ r =.21)quer numa avaliação objectiva (registo mecânico-actómetro) do nível de actividade (MZ r =.76, DZ r =.56); as crianças tinham 30 semanas de idade média. Braungart, Plomin, DeFries e

Fulker (1992) em avaliações feitas com o Infant Behavior Record (uma medida temperamental de afecto-extroversão, actividade e orientação para a tarefa a partir dos itens de comportamento do teste da Bayley) aos 12 e 24 meses, encontraram uma estimação de herdabilidade entre 35 e 57%. "Afecto-extroversão" evidenciam 35% e 48% respectivamente aos 12 e 24 meses, "Actividade" 37,7% e 57%, e "Orientação para a tarefa" 40% e 47%. Isto é, a influência hereditária aumenta nas três dimensões dos 12 para os 24 meses sendo por volta dos dois anos já cerca de 50%, sensivelmente igual à variância não partilhada. A variância partilhada revela valores próximos de zero. Cyphers, Phillips, Fuller, e Mrazek (1990) também encontram elevada estimação de herdabilidade para 8 das 9 escalas do Infant Temperament Questionnaire.

4.2 Discussão

Recordemos que: todas as características temperamentais têm uma origem herdada e uma origem de influência do contexto circundante. Mesmo aquelas características temperamentais em que se manifesta uma forte influência hereditária podem ser modificáveis pelo contexto. Este contexto circundante pode favorecer ou contrariar a importância das contribuições genéticas e algumas características podem ser geneticamente determinadas e não estar presentes à nascença. A mudança ao longo do tempo de uma característica temperamental pode resultar de influência genética. O método principal para calcular a herdabilidade ou influência genética é o dos gémeos mas o desconhecimento de quais são os efeitos de interacção torna este método por enquanto infrutífero.

Como conclusão desta parte sobre a origem genética do temperamento e em resposta às questões colocadas inicialmente, temos de admitir que estamos longe de ter respostas precisas. Há ainda muito pouca informação sobre a origem genética do temperamento porque são poucos os estudos feitos com gémeos ou adoptados e ainda menos os que

utilizaram medidas de temperamento na infância, (dos estudos sobre adopções só o Colorado Adoption Project, de Plomin e Defries, 1985, avaliou o temperamento na infância), a maioria são estudos com pequenas amostras avaliando diferentes idades e instrumentos diferentes. Para dificultar ainda mais, poucas vezes se avaliou simultaneamente o temperamento por observação directa e por avaliações feitas pelos pais de modo a determinar se há uma diferença típica entre os dois processos. As conclusões que se podem tirar têm escassa base empírica. Primeiro, as dimensões de temperamento têm todas uma base genética como a diferença entre as correlações entre gémeos verdadeiros e fraternos parece indicar. No entanto, as variações situam-se entre .00 e .50 nuns casos e entre .30 e .50 noutros casos. Ainda é necessário esclarecer se estas diferenças de estudo para estudo se devem a diferenças na metodologia usada para medir o temperamento (observações vs. avaliações pelos pais), a efeitos genéticos indirectos (de interacção) combinados com diferenças de idade dos sujeitos utilizados, ou simplesmente, à utilização de conceitos e instrumentos de temperamento diferentes.

Em segundo lugar, os resultados actuais são suficientes para concluir que no primeiro ano de vida as estimações de herdabilidade não atingem valores elevados como os que se verificam na adolescência e idade adulta para a inteligência, e de certa maneira para a personalidade, pelo contrário no primeiro ano de vida verifica-se uma influência substancial do contexto circundante. Parece haver portanto uma acentuada herdabilidade das características temperamentais mas o primeiro ano de vida é uma excepção, seja pelo facto da criança ainda não ter capacidade para forjar o contexto circundante como refere Scarr (1992) ou por outra razão qualquer.

Terceiro, para todos os efeitos não existe, de momento, informação disponível sobre os padrões de mudança geneticamente determinada para exemplos específicos de dimensões de temperamento. Não existe informação que nos diga, por exemplo, se as dimensões de temperamento "Difícil/Chorão" ou "Imprevisibilidade" criadas por John Bates, Freeland e Lounsbury (1979) têm um padrão de mudança entre os 3 e os 6 meses

geneticamente determinado e qual é esse padrão. O conhecimento não atingiu ainda semelhante detalhe.

(5) ESTABILIDADE VERSUS MUDANÇA NO TEMPERAMENTO

Nesta quinta parte vamos reflectir sobre a estabilidade das dimensões do temperamento. Se é necessário que uma dimensão seja estável no tempo para ser considerada como temperamento; o que significa a falta de consistência ou estabilidade temporal de uma dimensão de temperamento; e se algumas dimensões de temperamento são mais estáveis do que outras.

5.1 Significado e tipos de estabilidade

A maioria dos investigadores afirmam que as dimensões de temperamento deviam ser relativamente estáveis, mas ao mesmo tempo admitem a ideia de que são alteráveis quer por pressões do contexto circundante (Thomas & Chess, 1977), por mudanças ontogénicas na organização comportamental (Rothbart & Derryberry, 1981) ou ainda por acção genética retardada (Goldsmith & Campos, 1982). Em todo o caso, nenhum autor definiu até agora até que ponto uma determinada dimensão deve ser estável para ser considerado como temperamento. Por outro lado, a ênfase no temperamento como traços do indivíduo levou os investigadores a enfatizarem a estabilidade do temperamento em vez do seu desenvolvimento (Buss & Plomin, 1984).

Explicitemos a noção de mudanças ontogenéticas na organização comportamental. Goldsmith (1996) refere que actualmente se aceita a ideia de que em termos de temperamento não existe uma estabilidade rígida. Existe algum consenso de que só é possível esperar estabilidade em períodos em que não tenha havido uma reorganização comportamental. Um exemplo desta reorganização, a propósito do conceito de "inibição", acontece quando a criança começa a sentir medo em resposta à antecipação

de avaliações sociais, enquanto antes só sentia medo em face de situações mais objectivas ou de novos estímulos (Kagan & Snidman, 1991).

Rutter (1989) refere que a especificação da noção de estabilidade na definição de temperamento resulta do requisito de origem constitucional, mas que no entanto, aquela especificação constitui um engano. Os dois argumentos que utiliza para justificar esta afirmação são os seguintes: Por um lado, mesmo aquelas características que têm uma base fortemente biológica, têm probabilidade de ser influenciadas pelo contexto, como o mostra o estudo de Tizard (1975, citado em Rutter, 1989) sobre a altura ou estatura ou o estudo de Rutter (1985, citado em Rutter, 1989) sobre a inteligência; por outro lado, como defendeu Plomin (1986), as características genéticas também determinam padrões de mudança ao longo do tempo e não apenas estabilidade.

De acordo com Prior, Sanson e Oberklaid, (1989) a instabilidade temporal pode ser devida a características estruturais. Os autores referem que a maioria dos estudos sobre a estabilidade utilizaram questionários baseados nas nove dimensões temperamentais de Thomas e Chess e existe pouca evidência de que estas dimensões comportamentais sejam comparáveis em idades diferentes. Torna-se difícil interpretar com confiança os resultados porque não é possível ter a certeza de que a baixa estabilidade encontrada seja função da instabilidade inerente ao temperamento (instabilidade individual), aos próprios questionários, (instabilidade estrutural) ou devida à descontinuidade da estrutura do temperamento (Prior, Sanson & Oberklaid, 1989). Assim, é impossível dizer se é a criança que muda, se é o instrumento que muda (não se usarem exactamente os mesmos itens para medir a mesma dimensão em idades diferentes), ou se as próprias dimensões variam de estrutura duma idade para a outra. Como indica Hinde (1989), um item pode estar fortemente correlacionado com outros numa determinada idade mas, noutra idade diferente, estar pouco ou nada correlacionado com esses itens ou estar mais correlacionado com itens de outra dimensão comportamental. Este facto resulta das dimensões de temperamento serem um conjunto de vários comportamentos.

Vejamos o que diz Hinde (1989) a este respeito. As dimensões de temperamento são inferidas através do comportamento. A avaliação de uma dimensão depende sempre da recolha de dados sobre mais do que um comportamento. Sendo assim, Hinde (1989) argumenta que a) as correlações entre os itens realmente observados e as dimensão de temperamento podem variar com o tempo e com a situação; b) O mesmo item de comportamento pode estar relacionado com duas ou mais dimensões de temperamento; c) Uma mesma dimensão pode ser inferida a partir de um conjunto de itens diferentes consoante a situação ou a idade; e) as várias dimensões de temperamento podem ter correlações entre si que variem com a idade e a situação.

Têm sido utilizados dois processos para avaliar a estabilidade do temperamento. O mais usado, corresponde à correlação entre duas medidas tomadas em dois momentos diferentes. Este método dá-nos uma indicação geral, embora não indique a direcção da mudança, nem se a mudança ocorrida se deve a uma pequena alteração na maioria dos indivíduos ou a uma grande mudança num pequeno grupo. Por outro lado, os valores de correlação obtidos não dão uma indicação imediata da estabilidade porque esta depende do valor de fiabilidade do instrumento, ou seja, correlação teste reteste para esse instrumento na idade avaliada (McDevitt, 1986). Outro processo consiste em dividir a amostra em quartis com base nos valores de cotação obtidos na primeira avaliação e, identificar em que quartil as crianças se encontram na segunda avaliação. No estudo de Prior, Sanson e Oberklaid, (1989) os autores encontraram maior estabilidade nos extremos, no 1 e 4° quartil, do que nos dois quartis intermédios. De acordo com os autores, isto pode significar que as crianças com temperamentos mais moderados possam ser mais influenciados pelo contexto ambiental.

Rutter (1987) sumaria as variedades de estabilidade do desenvolvimento através de 5 tipos:

(1) Estabilidade como invariância - Isto é, como ausência de mudança no desenvolvimento.

(2) Como regularidade num padrão de mudança - Como a evidenciada pela análise de gémeos homozigóticos e dizigóticos. As medidas de temperamento obtidas numa idade não prevêem medidas subsequentes, mas pode ser demonstrado que os gémeos homozigóticos revelam mudanças semelhantes ao longo do tempo.

(3) Estabilidade normativa - Corresponde ao grau em que os indivíduos mantêm a sua posição dentro de um grupo ao longo do tempo.

(4) Estabilidade intra-individual (*ipsative*) - Regularidade nas características predominantes (em comparação com as outras características) do indivíduo. A frequência e intensidade da emocionalidade negativa, incluindo o choro, podem diminuir ao longo do tempo e aumentar a emocionalidade positiva mas ainda assim o primeiro aspecto continuar predominante em relação ao segundo.

(5) Estabilidade de processos, estruturas ou mecanismos - Isto é, poderá haver um mesmo processo que esteja na base simultaneamente de dois comportamentos distintos e distanciados no tempo.

A estes cinco tipos de estabilidade referidos por Rutter poderíamos acrescentar um sexto: estabilidade de uma característica através de diferentes contextos e situações.

Hinde e Bateson (1984) definem 5 tipos de descontinuidade: descontinuidade normativa; intra-individual; instabilidade através do aparecimento de um novo padrão de comportamento (como por exemplo o aparecimento do sorriso; instabilidade através do aumento súbito na frequência de um comportamento (como por exemplo o aumento do sorriso entre os 2 e 3 meses); e instabilidade através de mudanças nas correlações entre conjuntos de comportamentos entre duas idades diferentes. Um exemplo de instabilidade deste tipo foi evidenciada por Wolff (1987). O autor mostrou que o nível de actividade estava relacionado positivamente com a perturbação (distress) durante os primeiros meses e aparecia mais tarde relacionado também positivamente com o afecto positivo.

Bornstein (1995) utiliza os termos estabilidade e continuidade. A estabilidade daria conta do grau de consistência da posição relativa dos sujeitos no grupo. A continuidade da consistência do valor absoluto dos sujeitos. As duas são independentes.

5.2 Estabilidade em diversas dimensões de temperamento

Emocionalidade Negativa - Os três tipos mais comuns de emocionalidade negativa estudados são a **irritabilidade** (choro), a **(in)capacidade para se acalmar** e a **frustração face a limitações**. Birns (1965) desenvolveu procedimentos estandardizados para a avaliação temperamental no período neonatal incluindo encostar um objecto frio ao corpo do bebé e retirar-lhe a chucha. Num estudo longitudinal utilizou estas medidas no período neonatal, no 1, 3 e 4 mês. Nestas duas últimas avaliações foram usados também procedimentos para medir a emocionalidade positiva (Birns, Barten & Bridger, 1969). Os autores descobriram que a **irritabilidade** e **incapacidade para se acalmar** revelavam estabilidade desde o período neonatal até aos 4 meses. A irritabilidade neonatal provocada pelo objecto frio não estava apenas relacionada com as medidas de irritabilidade posteriores, mas também estava relacionada negativamente com a responsividade social, avaliada pela quantidade e vigor dos sorrisos e respostas vocais a estímulos sociais, medida aos 3/4 meses. No estudo de Garcia-Coll, Halpern, Vohr, Seifer e Ho (1992) a **capacidade para se acalmar** evidenciou uma estabilidade moderada entre os 3 e os 7 meses; o mesmo não ocorreu com a **irritabilidade**.

No estudo de gémeos de Louisville verificou-se que a **irritabilidade** neonatal e a **resistência para se acalmar** prediziam a emocionalidade negativa aos 9 meses (Matheney, Riese & Wilson, 1985). Os recém-nascidos mais irritados também se mostravam mais perturbados, menos atentos aos estímulos e menos responsivos para os

avaliadores aos 24 meses (Riese, 1987). No entanto as medidas revelavam pouca estabilidade do período neonatal para os 12 e 18 meses.

Larson e colaboradores (1987, citado em Rothbart, 1989) encontraram alguma estabilidade para a emocionalidade negativa medida no recém-nascido pela escala de Brazelton (NBAS-K). As avaliações neonatais de **irritabilidade**, **baixo estado de alerta**, e **dificuldade na avaliação** prediziam os resultados nas escalas **Chorão/Difícil**, **Não Sociável** e **Não Adaptável** da escala de Bates (ICQ - Bates, Freeland e Lounsbury, 1979) aos 15 meses. Curiosamente, St James-Roberts e Wolke (1986) encontram uma correlação apenas baixa, entre .30 e .40, entre duas avaliações feitas pela escala de Brazelton entre o 2º e o 5º dia pós-parto. É portanto, por enquanto, difícil perceber como é que os valores da escala Brazelton estão associados a valores de outras escalas avaliadas aos 6 meses, se os valores do próprio teste-reteste da NBAS são tão baixos com apenas 4 dias de intervalo.

Os estudos longitudinais sobre o **humor** na primeira infância também revelam alguma estabilidade. McDevitt e Carey (1981) referem estabilidade no humor entre os 4 - 8 meses e 1 - 3 anos. e Peters-Martin e Wachs (1984) entre os 6 e os doze meses.

Stifter e Fox (1990) encontraram estabilidade moderada para a **reactividade negativa** (vocalizações negativas incluindo choro e evitamento) entre os dois dias e os 5 meses.

Van de Boom e Hoeksma (1994) consideram que o seu estudo proporciona evidência substancial sobre a descontinuidade do temperamento, pelo menos para alguns aspectos do comportamento na primeira metade do 1º ano de vida. Fizeram uma avaliação com a escala de Brazelton aos 10 e 15 dias e avaliações mensais por observação directa até aos 6 meses. Os resultados mostram que enquanto o choro e choramingo dos bebés inicialmente **irritáveis** é elevado desde o início e diminui gradualmente ao longo dos primeiros 6 meses, os bebés não irritáveis raramente choram nos primeiros meses e revelam um ligeiro aumento por volta dos 5, 6 meses.

Quanto à **frustração** tende a estar associada positivamente ao medo e mostra estabilidade entre os 3 meses e 1 ano de idade (Rothbart, 1989). No estudo de Rothbart o medo e **frustração** avaliadas pelo IBQ revelavam correlações significativas entre 3, 6, 9, e 12 meses (Rothbart, 1981, 1986, 1987).

Em síntese, existe alguma estabilidade nas medidas de emocionalidade negativa entre o período neonatal e os primeiros 12 meses.

Nível de actividade - Alguns estudos de observação directa não evidenciam estabilidade entre as medidas de actividade no período neonatal e idades posteriores mas revelam alguma estabilidade para medidas a partir do 1 mês. Birns, Barten e Bridger, (1969) não encontraram estabilidade entre o período neonatal e os 3 e 4 meses. No entanto existia alguma estabilidade entre o 1 mês e os 4 meses. Rothbart (1986) também encontra estabilidade entre os 6 e os 9 meses através de observações feitas em casa.

As medidas obtidas por avaliações feitas pelos pais revelam resultados contraditórios. Mcdevitt e Carey (1981) referem estabilidade entre os 4-8 meses e 1 a 3 anos de idade e Peters-Martin e Wachs (1984) entre os 6 e os 12 meses no Infant Temperament Questionnaire (ITQ) e no Toddler Temperament Scale (TTS); e Rothbart (1981) entre os 3 e os 12 meses no Infant Behavior Questionnaire (IBQ); Hagekull e Bohlin (1981) encontraram uma relação entre a intensidade-actividade avaliada aos 36 meses e aos 11-15 meses.

Thomas, Chess e Birch, (1968) não encontraram estabilidade no nível de actividade entre os primeiros meses e os 2 anos, o mesmo acontecendo com Kagan (1971) entre os 8 e os 27 meses.

A revisão de Buss e Plomin (1975) sugere que as medidas de actividade só são estáveis a partir do 1 ano. Uma das explicações para esta falta de estabilidade poderia ser o facto das medidas de actividade necessitarem de ser agregadas ao longo de um grande período

de tempo para serem representativas da criança. Outra explicação poderá ser a sobreposição entre perturbação e actividade, por exemplo, o nível de actividade não deve ser avaliado por medidas dos movimentos dos braços quando a criança chora.

Em face destas contradições são necessários mais estudos longitudinais para determinar melhor o grau de estabilidade ou instabilidade do nível de actividade.

Período de atenção - O estudo de Birns, Barten e Bridger, (1969) não revela estabilidade entre as medidas sobre o estado de alerta do período neonatal e os 3 e 4 meses de idade.

Mcdevitt e Carey (1981) revelam estabilidade do tempo de atenção/persistência entre os 4-8 meses e 1-3 anos. Rothbart (1981) encontra estabilidade para algumas medidas entre os 3 e os 12 meses.

Aproximação/Afastamento - McDevitt e Carey (1981) encontraram estabilidade para esta variável entre os 4-8 meses e 1-3 anos; Petters-Martin e Wachs (1984) entre os 6 e os 12 meses; e Hagekull e Bohlin (1981) entre os 3 e os 12 meses. Garcia-Coll, Halpern, Vohr e Seifer (1992) não encontraram estabilidade entre os 3 os 7 meses. Rothbart (1989) encontrou estabilidade para aproximação (medida em termos da latência para agarrar objectos) entre os 6,5 meses e os 13,5 meses.

Emocionalidade positiva - Moss (1967) refere uma estabilidade das 3 semanas até aos 3 meses no sorriso do bebé evidenciado durante a interacção. McDevitt e Carey (1981) e Rothbart (1981; 1986) também encontram alguma estabilidade no sorriso, riso e humor entre os três meses e 1 ano. Rothbart encontrou também estabilidade numa medida composta incluindo sorriso, riso, actividade motora e vocalização entre os 3 e os 9 meses. Rothbart (1987; 1989) encontrou ainda estabilidade em relação ao sorriso e riso entre os 3 e os 13 meses avaliados em laboratório.

Em suma, os resultados apontam para alguma estabilidade no 1 ano pelo menos para o sorriso.

5.3 Estabilidade em função da idade

O instrumento mais utilizado no período neonatal tem sido a escala de Brazelton. Pouca ou nenhuma estabilidade foi encontrada entre aquele período e os primeiros 3 meses. (Peters-Martin & Wachs, 1984; Wilson, 1982 citado em NcDevitt, 1986). Ainda assim o estudo de Wilson encontrou algumas correlações significativas entre o período neonatal e os 6 meses. Apontam-se os efeitos intra-uterinos e de maturação para esta falta de estabilidade. Poderá encontrar-se maior consistência se a escala for aplicada aos 10 ou 15 dias e não nos primeiros 3 ou 4 dias.

Entre os 4 e os 12 meses os vários questionários utilizados e baseados no NYLS revelam de uma maneira uniforme correlações baixas entre .30 e .38 (Hagekull & Bohlin, 1981; Peters-Martin & Wachs, 1984; McDevitt & Carey, 1981). Pelo contrário, o ICQ (Bates, Freeland & Lounsbury, 1979) revela correlações moderadas entre os 6 e os 13 meses (.63) e os 6 e 24 meses (.57).

A partir do primeiro ano de vida encontram-se valores de estabilidade mais altos. A magnitude e duração da estabilidade parece aumentar dramaticamente depois dos três anos (McDevitt, 1986).

5.4 Síntese e discussão

Vamos sublinhar alguns dos aspectos acerca da estabilidade temporal das dimensões de temperamento. Primeiro, tudo indica que nos encontramos numa fase de transição e que os estudiosos do temperamento, no futuro, acentuarão muito menos a necessidade de uma característica ser estável para ser considerada como temperamento. Isto deve-se em parte ao reconhecimento de que os factores genéticos também podem determinar padrões de mudança.

Segundo, uma noção clara sobre a estabilidade do temperamento é difícil devido ao facto de as mesmas variáveis ou dimensões de temperamento serem avaliadas por diferentes métodos (questionários, entrevistas e observações directas feitas ou não em laboratório), existirem diferentes questionários para medir a mesma dimensão, e os intervalos de tempo para os quais foi calculada a estabilidade também variárem. Torna-se portanto difícil ter condições comparáveis.

Terceiro, quanto às diversas dimensões de temperamento existem mais exemplos de estabilidade do que do contrário, pelo menos nos primeiros 12 meses.

Quarto, são contudo escassos os estudos que avaliaram a consistência temporal para observações directas do temperamento.

Quinto, a estabilidade poderá ser maior nos extremos (valores mais altos e mais baixos), de uma dimensão de temperamento do que nos valores intermédios.

Sexto, é importante recordar que a baixa estabilidade temporal poderá estar relacionada com o facto das próprias dimensões de temperamento variarem de estrutura duma idade para a outra.

Sétimo, a informação disponível prende-se com a estabilidade normativa, sendo necessário fazer estudos que avaliem outros tipos de estabilidade.

Oitavo, a baixa ou apenas moderada estabilidade temporal encontrada é um dos elementos que nos permitem dizer que o temperamento não deve ser encarado como um traço.

Nono, parece existir um aumento progressivo na estabilidade do temperamento à medida que idade avança, sobretudo a partir dos 3 anos, que poderá estar associada à alteração da influência da herdabilidade do primeiro para o terceiro ano.

Por último, salientemos que a fraca e consistente estabilidade referida pela maioria dos autores refere-se a resultados de correlações, e na maioria dos casos apenas a duas avaliações bastante distanciadas no tempo. Quando são efectuadas mais avaliações ao longo do tempo e intervalos de tempo mais curtos como no estudo de Van de Boom e Hoesksma (1994) sobre a emocionalidade negativa, aparecem descontinuidades pelo menos nos primeiros meses. Por outro lado, o facto de utilizar grupos com valores extremos de temperamento também realça a variação ao longo do tempo que ficaria esbatida se fossem feitos cálculos para toda a amostra. Neste sentido, parece-nos importante recorrer a estas comparações com grupos extremos e aumentar o número de

observações diminuindo o intervalo de tempo entre observações como estratégica heurística. O estudo de Seifer, Sameroff, Barret, & Krafchuk (1994) vai neste sentido. Foram feitas observações directas do temperamento das crianças durante 8 semanas seguidas. As correlações semana a semana eram fracas.

(6) TEMPERAMENTO INFANTIL E INTERACÇÃO MÃE CRIANÇA - MODELOS

Nesta sexta parte e nas duas seguintes vamos debruçar-nos sobre a relação entre o temperamento e o contexto circundante; e sobre a influência que o temperamento exerce sobre o contexto e que o contexto exerce sobre o temperamento. Vamos centrar-nos em dois modelos teóricos que procuram descrever a influência ou o papel do temperamento da criança na interacção mãe-criança. Estas perspectivas são o modelo "homeostático" e o modelo do "melhor ajustamento".

6.1 Modelo homeostático

Rothbart (1989) procura fazer uma integração dos estádios de desenvolvimento de Sander (1969) e do modelo homeostático de Bell (1974) à luz das diferenças individuais no temperamento dos bebés. Recordemos que para Rothbart o temperamento corresponde a diferenças individuais entre os bebés em aspectos como a perturbação, capacidade para se acalmar, actividade, orientação e atenção, aproximação/afastamento, sorriso, riso e vocalizações. Os bebés diferem quer na expressão das suas reacções quer na capacidade para auto-regularem essas reacções.

O modelo de Bell consiste no seguinte: é assumido que os participantes numa interacção social têm limites superiores e inferiores quanto à frequência, intensidade e adequação situacional dos comportamentos evidenciados pelo outro. Quando o limite superior de

um dos participantes é atingido, ele provavelmente reage de modo a redirigir ou reduzir o comportamento excessivo ou desapropriado do outro (reacção de controlo do limite superior). Quando o limite inferior é atingido, o participante desenvolve reacções para estimular ou por qualquer meio aumentar o comportamento insuficiente ou inexistente do outro (reacção de controlo do limite inferior).

Sander (1962; 1969) especifica duas fases ou etapas de desenvolvimento nos primeiros seis meses. Na primeira, até aos 3 meses, fase de **"regulação inicial"** os aspectos principais que a mãe e o bebé encontram e têm de coordenar são a regulação dos processos biológicos como a alimentação, sono, manutenção da postura, eliminação e modelação dos estados (incluindo a necessidade de ser estimulado quando está com sono ou de ser acalmado quando está demasiado excitado). Rothbart especifica os componentes de temperamento de que a criança disporia nesta fase para influenciar a mãe. A partir do período neonatal, a perturbação (*distress*) e a capacidade para se acalmar, a actividade, orientação e estado de alerta, e por último a aproximação/ /afastamento.

As características de temperamento mais importantes nesta fase seriam a susceptibilidade para a perturbação (emocionalidade negativa) e a capacidade para se acalmar. As diferenças individuais na facilidade com que ficam perturbados influenciará a frequência com que choram. Por outro lado, a facilidade em se acalmarem influenciará a facilidade ou dificuldade da mãe em acalmar a criança quando está a chorar ou, acalmá-la quando está demasiado excitada para dormir. As crianças que choram com mais frequência, ou mais difíceis de acalmar, têm mais probabilidade de atingir os limites superiores dos pais.

A segunda fase de adaptação entre a mãe e a criança, segundo Sander (1962; 1969), ocorreria entre os 4-6 meses e é designada por "**troca recíproca**". Os componentes de temperamento de que a criança disporia nesta fase para influenciar a mãe seriam todos os da fase anterior e ainda, o sorriso, o riso, a vocalização, procura e evitamento de estímulos e frustração. Segundo Sander (1969), nesta fase do desenvolvimento os comportamentos do bebé que seriam coordenados com as acções da mãe seriam o sorriso, a actividade motora e vocal em sequências ou trocas afectivas de "diálogo" com a mãe. As actividades como vestir e comer tornam-se também coordenadas reciprocamente. Durante os diálogos com a criança, a mãe é capaz de usar o afastamento do olhar do bebé como uma indicação de que o seu limite superior está a ser atingido (Rothbart, 1989). Se isso não acontecer, o bebé poderá ficar sobreexcitado (atingir o seu limite superior). Poderíamos acrescentar que se a criança for muito activa pode aproveitar todas as oportunidades em que a mãe a quer vestir para se virar, rastejar, pôr-se de gatas, etc. e portanto, não coordenar a sua acção com a da mãe. Neste caso, o limite superior da mãe tenderia a ser atingido, levando a mãe a agir para controlar o comportamento da criança.

Segundo Rothbart, o temperamento regula e é regulado pelas acções dos outros desde as primeiras horas (Rothbart, 1989). Assim, crianças com temperamentos diferentes exerceriam influências diferentes sobre as pessoas que cuidam deles. A mãe utilizaria sobretudo estratégias para acalmar a criança. O modelo parte da constatação de que o recém-nascido tem uma certa falta de mecanismos de auto-regulação e que as mães, compensam este aspecto utilizando a perturbação (*distress*) da criança como guia para intervir acalmando-a. Acalmar a criança incluiria pegar-lhe ao colo, estimulação táctil e

movimentos rítmicos (Bell & Ainsworth, 1972; Korner & Thoman, 1972). Algumas crianças, através das suas características temperamentais teriam mais probabilidades de atingir os limites dos pais. As crianças muito calmas e pouco activas, por seu lado, raramente atingiriam estados de sobrexcitação, e acalmar-se-iam mais rapidamente dando pouca oportunidade aos pais de atingirem os seus limites superiores.

6.2 Modelo do melhor ajustamento (Goodness of Fit)

O modelo surge da necessidade de encontrar uma explicação para certas regularidades encontradas na prática clínica. "Estávamos impressionados, na nossa prática clínica, pela inadequação dos conceitos dominantes sobre a etiologia das desordens de comportamento, que focava quase exclusivamente o papel dos determinantes do meio. Supúnhamos que o temperamento era uma variável significativa e que o desenvolvimento saudável dependia em grande medida do ajustamento (goodness of fit) entre o temperamento e o meio" (Thomas & Chess, 1977). Ao analisar a natureza dos processos de interacção entre o temperamento e o contexto circundante, os autores acharam que o conceito de "*goodness of fit*" elaborado por Henderson (1913, citado em Thomas & Chess, 1977) e as ideias de consonância e dissonância eram particularmente importantes para explicar o desenvolvimento. "O ajustamento resulta quando as propriedades do contexto e as suas expectativas e exigências estão de acordo com as capacidades, características e estilo de comportamento do organismo. Quando existe consonância entre o organismo e o meio o desenvolvimento positivo ocorre. Inversamente, o desajustamento envolve discrepâncias e dissonâncias entre as

oportunidades e exigências do contexto circundante e as capacidades e características do organismo de tal modo que o desenvolvimento distorcido e funcionamento desadaptado ocorrem" (Thomas & Chess, 1977). Existem três tipos de exigências contextuais ou do meio. Podem tomar a forma de atitudes, valores, estereótipos ou expectativas dos pais professores ou pares; podem tomar a forma de características comportamentais destes sujeitos que interagem com a criança; por último, podem corresponder a características físicas do contexto em que a criança se encontra.

O ajustamento não implica ausência de stress e conflito. Pelo contrário, eles são concomitantes inevitáveis do processo de desenvolvimento, nos quais novas expectativas e exigências de mudança e níveis de funcionamento progressivamente superior ocorrem continuamente à medida que a criança se desenvolve. As exigências, stress e conflitos, quando consonantes com o potencial de desenvolvimento e capacidades para dominar as dificuldades, podem ser construtivas nas suas consequências e não devem ser consideradas como causas inevitáveis de distúrbios de comportamento. O distúrbio de comportamento estaria associado ao stress excessivo resultante de um fraco ajustamento (*poorness of fit*) e dissonância entre as expectativas, exigências do contexto e as capacidades da criança. Assim, a criança que tem um padrão regular de sono, alimentação e eliminação, tenderá a produzir um efeito diferente sobre os pais que privilegiam as rotinas regulares, do que produziria sobre pais que não têm estes hábitos regulares. A criança irregular poderá estar na origem de relações parentais negativas e de pior ajustamento se os seus pais privilegiam a rotina e, poderá não afectar a relação com pais que não gostam de rotinas fixas e pré-estabelecidas. Da mesma maneira, uma criança muito activa pode ser uma origem de conflito para pais que privilegiam o

sossego e que esperavam ter filhos sossegados mas não aborrecer uma família que espera e deseja que a criança seja enérgica. Uma criança muito calma, pode ser considerada excessivamente passiva pelos pais que esperavam e desejavam uma criança mais enérgica. Como se verifica, o modelo não pressupõe a necessidade, ou mesmo que seja desejável uma semelhança de temperamento entre os pais e a criança (Thomas & Chess, 1977). Se uma mãe é pouco activa mas gostaria de ser mais activa pode desejar que a sua criança seja activa.

Windle e Lerner (1986) são dois autores que sublinham os processos de interacção que ocorrem no ajustamento ou desajustamento entre as características da criança e do contexto circundante. Sublinham que foi a noção de funções circulares de Schneirla que proporcionaram a Thomas e Chess (1970, citado em Windle & Lerner, 1986) o conceito de "goodness of fit" sobre as relações entre o temperamento e o contexto. Para Shneirla (1957, citado em Windle & Lerner, 1986) as características estruturais e funcionais do organismo servem a adaptação através da influência que estas características exercem sobre o contexto social. Estas características evocam ou modelam as reacções dos membros do contexto social e estas reacções funcionam como feedback que proporciona experiências influenciando o curso do desenvolvimento do organismo. O conceito de "*goodness of fit*" representa uma tentativa para dar conta do conteúdo do feedback (de valência positiva ou negativa) que o organismo recebe como consequência dos efeitos que as suas características individuais exercem sobre o contexto social. Para Windle e Lerner (1986) o grau de ajustamento existente resulta do processo relacional organismo-meio que contem três elementos:

(1) Certo grau de correspondência entre as características do indivíduo (o seu temperamento) e as exigências do contexto social sobre o temperamento da criança (por exemplo, os pais preferirem que a criança evidencie determinado estilo de comportamento);

(2) Interacção entre a criança e o meio social. Esta interacção contem o estilo comportamental ou temperamento da criança, e as reacções dos pais às características temperamentais da criança. Estas reacções ou feedback dos pais contêm uma valência positiva ou negativa.

(3) O funcionamento revelado pelo sujeito devia covariar positivamente com o conteúdo do feedback dirigido à criança e com o grau de consonância entre a individualidade da criança e as exigências do meio.

De acordo com Chess e Thomas (1989) o ajustamento (Goodness of Fit) resulta quando as capacidades, motivações e temperamento da criança são adequadas para dominar as exigências, expectativas e oportunidades proporcionadas pelo contexto circundante. Esta consonância entre a criança e o contexto promove um desenvolvimento positivo. O desajustamento (Poorness of Fit), resulta quando as características da criança são inadequadas para dominar os desafios do contexto e isto leva a um funcionamento desajustado e um desenvolvimento distorcido. Ajustamento e desajustamento só têm sentido quando vistos em termos dos valores e exigências de um determinado grupo socio-económico e cultural. Ou seja, trata-se de uma concepção do desenvolvimento que sublinha um mecanismo contextual. Para os autores o modelo de ajustamento pode ser comparado ao da selecção natural na teoria da evolução (Chess & Thomas, 1989). Nenhum dos conceitos especifica que só um ou dois mecanismos podem determinar uma

adaptação favorável ou desfavorável; em vez disso incluem a possibilidade de múltiplos, variados e imprevisíveis tipos de interacção entre a espécie e o contexto circundante poderem ser adaptativas ou desadaptativas. Tanto o desenvolvimento saudável como o não saudável pode resultar de padrões de interacção múltiplos, variados e imprevisíveis.

Existem muito poucos estudos delineados especificamente para testar o modelo de "*Goodness of fit*". O modelo supõe uma interacção entre a dimensão de temperamento e o contexto sobre o resultado psicossocial da criança. Para começar, a maioria dos estudos sobre o temperamento mesmo quando medem algum tipo de funcionamento psicossocial da criança não medem qualquer atributo do contexto.

É o caso do estudo de Thomas e Chess, "data from the NYLS are not fully consonant with the methodology required for a direct and complete test of the goodness of fit model. For exemple, measures of temperament were not directly related to measures of the context." (Lerner, 1993).

No entanto, o estudo proporciona algum apoio do modelo. No estudo NYLS havia duas amostras. Uma de 133 crianças brancas da classe média e outra de crianças Porto Riquenhas, da classe baixa. Não havia diferenças na distribuição dos atributos de temperamento nas duas amostras. No entanto, o impacto de características temperamentais semelhantes era diferente num e outro grupo de pais. No grupo de crianças Porto Riquenhas, cujos pais eram permissivos, a baixa ritmicidade das crianças não constituía um problema. Esta baixa ritmicidade manteve-se estável ao longo do tempo e não estava associada a problemas de comportamento nas crianças. No grupo de crianças brancas, a baixa ritmicidade, em especial os ciclos de sono/vigília, resultava em problemas para os pais (relatos de stress, ansiedade e irritabilidade, Chess & Thomas, 1984, citados em Lerner, 1993), baixa estabilidade temporal e constituía um bom predictor de problemas de comportamento.

Testar o modelo significa mostrar que a variância explicada no funcionamento psicossocial da criança pelo efeito combinado do temperamento e contexto é superior à variância explicada apenas pelo temperamento. Se este afeito combinado da variável individual e do contexto não explicar mais do que e correlação univariada entre temperamento e funcionamento psicossocial isso apoiaria o modelo personológico de Plomin e Daniels (1984) e não o modelo de "Goodness of fit".

No entanto Windle e Lerner (1986) defendem que a análise de regressão num delineamento "cross-sectional" não é adequado para testar o modelo. Só um modelo longitudinal centrado nas mudanças que vão ocorrendo na pessoa e no contexto é adequado, ou seja, só obtendo avaliações directas das trocas comportamentais que vão ocorrendo pode permitir compreender os processos que conduzem a um resultado psicossocial positivo ou negativo (Lerner, Lerner, Windle, Hooker, Lenerz & East, 1986).

Uma das limitações metodológicas dos estudos que avaliaram os 3 aspectos (o temperamento da criança, exigências do contexto e algum tipo de funcionamento psicossocial resultante) tem resultado do facto de terem sido utilizadas variáveis contextuais com variância quase nula (Lerner, 1984; Lerner, Lerner & Zabsky, 1985). Outra limitação consiste em não avaliarem a criança em mais do que um contexto (Lerner & Lerner, 1983).

Estes aspectos revelam a extrema dificuldade em testar convenientemente o modelo e justificam o escasso número de estudos sobre esta matéria.

6.3 Discussão

Em síntese, de acordo com o modelo **homeostático**, o temperamento regula e é regulado pelas acções dos outros desde as primeiras horas. Crianças com temperamentos diferentes exerceriam influências diferentes sobre as pessoas que cuidam deles. A interacção entre a criança e a mãe seria determinada pelos aspectos que a díade tem de coordenar em cada fase de desenvolvimento do bebé através de um mecanismo geral que evitaria os extremos ou reporia o equilíbrio (reacção de controlo dos limites superior e inferior). Embora a autora enfatize uma perspectiva de influência bidireccional, e especifique os comportamentos da criança e da mãe, não identifica no entanto que os pais podem ter diferentes limites inferiores ou superiores e o que determina estas diferenças individuais nos pais.

O modelo tem algumas semelhanças com o modelo do melhor ajustamento: admite que as crianças com temperamentos diferentes exercem influências diferentes sobre os que cuidam delas, e a noção de limites superiores ou inferiores poderia corresponder às exigências do meio no modelo de goodness of fit.

O **modelo do melhor ajustamento** acentua a ideia de bidireccionalidade na interacção, o comportamento dos pais influi no comportamento e desenvolvimento dos filhos mas o comportamento dos filhos também influi no dos pais. Por outro lado, a influência que o comportamento da criança exerce sobre os pais não depende exclusivamente das características da criança mas da compatibilidade destas com as expectativas e características dos pais.

Testar o modelo significa mostrar que a variância explicada no funcionamento psicossocial da criança pelo efeito combinado do temperamento e contexto é superior à variância explicada apenas pelo temperamento. Existem muito poucos estudos delineados especificamente para testar o modelo de "*Goodness of fit*" descrito anteriormente.

Notemos que apesar do ajustamento significar um encaixe de duas peças, em que uma tem as características requeridas ou que completam a outra, e de desajustamento significar o inverso, o modelo parece implicar apenas, pelas palavras dos autores referidas acima, se a criança tem ou não as características que os pais exigem ou desejam. Isto é, não é sublinhada a plasticidade ou capacidade dos pais para se adaptarem às necessidades da criança. É sempre enfatizada a influência que a criança exerce sobre os pais e a possibilidade do inverso é omitida, embora os autores admitam que o desenvolvimento resulta de um processo interactivo ou transaccional. "O ajustamento ou consonância entre o indivíduo e o meio, pode mudar mesmo qualitativamente de um estádio de desenvolvimento para outro, à medida que novos aspectos do meio influenciem as respostas do indivíduo", (Thomas & Chess, 1977). Esta ênfase na influência da criança sobre os pais revela-se na explicação dos processos de interacção como a seguir se analisa. Para Thomas e Chess (1989) o temperamento da criança pode influenciar o comportamento da mãe através da influência que exerce sobre a sua auto-estima. O temperamento do bebé é um factor importante no desenvolvimento inicial da sua personalidade, através do efeito que produz na auto-imagem parental, que por sua vez influencia o modo como os pais lidam com a criança (Thomas & Chess, 1989). Os autores, acham que o temperamento do bebé pode influenciar as atitudes,

comportamentos e afectos que os pais sentem em relação à criança. Se a criança tem temperamento fácil, e o processo de socialização decorre suavemente os pais tendem a interpretar estes resultados como significativos de que eles são bons pais, de que são sensitivos. Este sucesso parental pode aumentar a sua auto-estima, mesmo que o temperamento da criança também tenha contribuído para este resultado positivo. Este efeito positivo sobre a auto-imagem dos pais também pode aumentar o afecto que sentem pela criança e a sua tolerância por enganos ou julgamentos incorrectos de menor importância (minor misjudgements). Se pelo contrário a criança é difícil, o processo de socialização tende a ser agitado, sob stress e dificuldades umas atrás das outras. As mães tenderão a julgar-se como incompetentes, ou até inconscientemente a tornar-se hostis para a criança. As reacções de culpabilidade são comuns o que só ajuda a confundir os pais e agravar as suas dificuldades (Thomas & Chess, 1989).

(7) INTEGRAÇÃO DO TEMPERAMENTO INFANTIL NOS FENÓMENOS DE INTERACÇÃO DIÁDICA

Dando continuidade à secção anterior em que começámos a reflectir sobre a relação entre o temperamento e o contexto circundante vamos debruçar-nos agora sobre o papel da mãe na "modelação" do temperamento infantil; se a mãe é um elemento activo da interacção diádica, quais são as manifestações comportamentais que a mãe utiliza em interacção com os comportamentos da criança; e em que medida as características comportamentais da criança afectam a mãe e o inverso. Se na secção sobre as dimensões do temperamento nos centrámos nas diferenças individuais dando ao mesmo tempo conta da influência dessas características no comportamento da mãe, nesta secção vamos centrar-nos claramante na interacção. Vamos debruçando-nos sobre aspectos da interacção diádica como os ciclos de atenção e regulação mútua, desajustamento, sobrestimulação e subestimulação, experiência subjectiva e interacção fantasmática.

Mais importante que os comportamentos isoladamente, os sorrisos, as vocalizações, os olhares, etc., é a dinâmica temporal com que ocorrem, a sua sequência, o "timing", a repetição e a sintonia na interacção. Todos estes aspectos exigem uma **sensibilidade** do adulto ao comportamento do bebé mas as **características individuais** deste também têm um papel facilitador ou que dificulta a interacção.

7.1 Ciclos de atenção e regulação mútua

De acordo com o **modelo de regulação mútua** de Tronick e Gianino (1986) a interacção normal nem sempre está bem regulada. Períodos de regulação satisfatória alternam com períodos inadequados. Segundo os autores, a "reparação" deste desencontro teria um carácter permanente e essencial na interacção. As crianças que

desenvolvem a representação de uma interacção com a mãe bem regulada e "reparável" enviariam mais sinais à mãe e seriam mais persistentes nas suas tentativas para restabelecer a interacção com a mãe nas situações experimentais em que a mãe mantém um olhar impassível. As crianças teriam a representação de uma interacção reparável e da sua capacidade para a reparar. As crianças sem esta experiência têm tendência a afastar-se da mãe, a ficarem tristes ou a choramingar. Sentem-se impotentes para reparar a interacção.

Da nossa parte achamos que é possível deduzir a partir deste modelo que o segundo grupo de crianças que aprendeu a afastar-se da mãe e por outro lado generalizou esse funcionamento à interacção com outras pessoas apresente menos sorrisos e menos vocalizações positivas uma vez que estes comportamentos ocorrem sobretudo em interacção.

Enquanto Tronick revela que mesmo a interacção normal inclui períodos de desregulação e que é através destes que a criança aprende a repará-los, Brazelton (1987), por seu lado, acentua o papel igualmente activo da mãe através da sua sensibilidade. Vamos a partir daqui revelar o papel desta sensibilidade e a sua interacção com as características da criança.

Para Brazelton (1987) a regra mais importante para manter uma interacção é o desenvolvimento por parte da mãe de uma **sensibilidade** para perceber a capacidade do bebé para dar atenção e a sua necessidade de retraimento parcial ou completo, após um período de atenção. Para este autor **ciclos** breves de atenção e de não atenção parecem ser a base de todas as interacções prolongadas. A mãe, ao respeitar as atitudes de afastamento do bebé, mantém um nível de interacção óptimo orientado para uma comunicação onde o bebé mantém um papel activo.

Os pais demasiado ansiosos, ou insensíveis às necessidades homeoestáticas do recém-nascido, não acompanham os bebés nesta necessidade e o bebé pode afastar a sua interacção e retirar-se da interacção. Mãe e bebé podem envolver-se num verdadeiro ciclo vicioso onde o retraimento do bebé incita a mãe a estimulá-lo e a estimulação excessiva da mãe agrava o retraimento do bebé. Estas situações tanto podem ocorrer por incapacidade da mãe em **percepcionar** as necessidades da criança, como por características próprias da criança (**temperamento**), por exemplo, terem ciclos de atenção/desatenção mais espaçados que a maioria.

Tal como o modelo homeostático de Rothbart (1987) prevê a criança reage (evitando o olhar, virando a cara) de modo a reduzir ou redirigir o comportamento excessivo ou desapropriado da mãe (reacção de controle do limite superior), mas a mãe não reconhece ou não aceita esses sinais e viola de modo persistente esses limites.

7.2 Desajustamento, sobrestimulação e subestimulação

Segundo Ellen Skinner (1986), um prestador de cuidados **sensível** é aquele cujas respostas às acções da criança são contingentes e apropriadas. Uma mãe **contingente** é aquela que responde rapidamente, de modo consistente, e apenas perante certos comportamentos do bebé em vez de responder indiscriminadamente. Uma resposta é **adequada** se tiver em conta tanto a necessidade da criança nesse momento (a sua solicitação, intenção ou o que a está a afligir), como o seu nível de desenvolvimento. Para além disso, e em primeiro lugar, o adulto tem de estar atento (Belsky, 1984) e de detectar o sinal da criança (Lamb & Easterbrooks, 1981). Daqui se depreende que a interacção tanto pode estar desajustada por falta de resposta, intervenções a mais, inoportunas, indesejadas ou fora do tempo.

Estes desajustes ou sobrestimulações tanto podem ser observadas no recém-nascido como aos 3 meses ou mais tarde. Vejamos alguns exemplos de comportamentos ajustados e desajustados entre o **recém-nascido** e a mãe descritos por Lézine (1975).

Algumas mães que a autora refere terem atitudes suaves e liberais adoptam posições confortáveis pegando no bebé de uma maneira carinhosa e tranquila; a criança aparenta sentir-se aconchegada. Falam muito com o bebé. **Descrevem** as condutas do bebé de maneira **positiva.** Têm muitas vezes uma sensibilidade imediata adaptada às mínimas manifestações da criança (reagem aos mal-estares gástricos de uma maneira **eficaz**). Raramente apresentam dificuldades em introduzir a chupeta na boca do bebé. As interrupções ao longo da refeição são pouco frequentes, oportunas e não perturbam a instalação de um ritmo pessoal de sucção.

Mas nem todas as mães apresentam uma interacção tão ajustada. Algumas apresentam uma conduta rígida e bastante insensível. Sentam-se de maneira crispada e desconfortável para pegar no bebé. A criança encontra-se afastada do corpo da mãe que muitas vezes evita o contacto pele a pele. Parecem não interpretar os comportamentos da criança e por isso são pouco sensíveis às suas manifestações de bem estar (sorrisos, repouso corporal). São igualmente impassíveis às lágrimas do bebé esperando que ele se acalme sozinho. Manifestam a sua fixação a horários de refeições e não hesitam em acordar a criança se acham que está na hora de comer. Ao longo da refeição param com frequência fora de tempo mas, também se mostram pouco tolerantes em relação às pausas espontâneas da criança, sacudindo o biberão na boca do bebé quando a sucção diminui e forçam muitas vezes os lábios do bebé. Ou seja, não se ajustam às necessidades e ritmos do bebé porque não percebem os sinais do bebé, porque os interpretam de modo errado ou porque se recusam a levá-los em conta.

Pelo contrário, algumas mães permanecem abatidas e apresentam uma ausência total de gestos necessários à criança e mantêm com ela sobretudo um contacto visual.

Por volta dos **três meses**, a resposta imediata do bebé à sobreestimulação não é chorar mas sim tentar lidar com ela. Nessa altura, o bebé possui um repertório de manobras reguladoras como virar a cara ou os olhos. Estas capacidades de regulação que a criança possui desenvolvem-se no pequeno espaço entre o limiar superior da tolerância à estimulação e o choro final.

Stern (1985) dá-nos alguns exemplos interessantes de sobreestimulação. Uma mãe sobreestimulante e controladora forçava regularmente a interacção face a face num jogo de perseguição e fuga. Quando a mãe o sobreestimulava o bebé, Stevie, virava a cabeça para o lado. A mãe respondia a essa fuga perseguindo-o com o seu rosto e aumentando o nível de estimulação para capturar a atenção do bebé. Ele então executava uma outra fuga, girando o seu rosto para o lado oposto. A mãe seguia a cabeça dele com a dela, tentando manter o contacto desejado por ela. Finalmente, se Stevie não conseguia evitar o olhar dela, o bebé ficava mais rabugento e acabava por chorar. Contudo, habitualmente a mãe acabava por parar antes de Stevie chorar.

Para Stern (1977) este comportamento sobreestimulante intrusivo por parte da mãe origina-se de muitos motivos: Hostilidade, necessidade de controle, insensibilidade para as pistas da criança, ou uma sensibilidade extrema à rejeição que faz a mãe interpretar cada virar da cabeça do bebé como uma microrejeição e tentar repará-la e desfazê-la. Seja qual for o motivo, Stevie experienciava a seguinte representação generalizada da interacção: um elevado nível de excitação, um comportamento materno que tende a empurrá-lo para além de limites toleráveis, a necessidade de se auto-regular em sentido decrescente e a auto-regulação através dos seus evitamentos persistentes.

"Sempre que Stevie se encontre com outras pessoas para além da mãe, e ele comece a sentir aproximar-se o seu nível superior de estimulação tolerável, ele irá experenciar um estar com a mãe evocado. Esta representação generalizada da interacção que o bebé possui é um exemplo de desregulação que ele vai tentar regular utilizando o mecanismo

habitualmente usado, o evitamento. Ele irá evitar desnecessariamente a estimulação que ameaça exceder ou recém-excedeu a sua tolerância. Deixará escapar ou não permanece aberto aos ajustamentos por parte do outro que lhe permitam manter o contacto ou retomar o contacto" (Stern, 1985). "A partir da observação de muitos bebés como Stevie, fica claro que eles generalizam sua experiência, de modo que ficam sobreevitantes com outras pessoas" (Stern, 1985).

Molly e sua mãe ilustram outro exemplo de sobreestimulação intolerável. A mãe de Molly era muito intrusiva. Ela tinha que planear, iniciar dirigir e terminar todas as interacções. Ela determinava o brinquedo e o modo como Molly deveria brincar, "sacode-o para cima e para baixo, não o rodes no chão", quando deveria parar e o que deveria fazer. A mãe controlava de tal forma a interacção que era difícil descobrir o crescendo e decrescendo do interesse e excitação de Molly. Um observador desta interacção facilmente se sentiria irritado. Molly encontrou uma adaptação. Tornou-se gradualmente mais submissa. Em vez de evitar ou opor-se activamente a essas intrusões, ela tornou-se uma daquelas pessoas que olham enigmaticamente para o espaço. Era capaz de olhar através de uma pessoa, com os olhos focando algum lugar no infinito e com as suas expressões faciais opacas para não serem compreensíveis. De modo geral, fazia aquilo que era mandada ou convidada a fazer.

Susie representa um caso subestimulação, filha de uma mãe que se encontrava deprimida, era uma bebé normalmente viva, bem dotada com todas as capacidades para atrair e solicitar comportamentos sociais de qualquer adulto, além de possuir muita persistência; continuava tentando ao menor de sucesso. Apesar disso, ela geralmente não conseguia fazer com que a mãe se reunisse a ela por muito tempo. E, mais importante, ela não conseguia que a mãe se entusiasmasse o suficiente, de modo que a mãe jamais assumiu a regulação no sentido crescente da excitação. Apesar de tudo, a mãe com a sua falta de responsividade deixava a Susie a possibilidade de tentar regular a excitação no sentido ascendente. Susie é levada a ser persistente porque às vezes ela é

moderadamente bem sucedida, e ocasionalmente, muito bem sucedida. Quando isso acontece, ela experiencia uma sensação de excitação e prazer muito mais elevada do que o comum. Assim, ela tem que se esforçar muito para contagiar a mãe. Stern (1985) comenta que a solução de Susie é apenas uma solução adaptativa para uma subestimação prevalecente, mas não completa. Alguns bebés, dotados de menor persistência e entusiasmo, seguem um caminho depressivo em vez de uma orientação para o desempenho.

7.3 Situações extremas

Na criança normal, o **sorriso** aparece cedo e a mãe dá-lhe um sentido e é o início de uma interacção extremamente rica, que gratifica ambos e estrutura a sua relação numa troca cada vez mais elaborada. O significado que tem o sorriso para o desenvolvimento de uma relação adequada entre a mãe e a criança é sobretudo evidenciado nos casos em que ele falta. Por exemplo, a criança autista não responde através do sorriso (nem do **olhar**) às solicitações da mãe. Não testemunha nenhum interesse pela sua face e pela sua mímica. A mãe sente-se ao mesmo tempo inquieta e frustrada. "É nesta altura que ela recorre a uma fantasmatização compensatória, uma espécie de hiperactividade do bebé imaginário ou bebé nocturno suscitada por uma insatisfação profunda que ela experimenta com o bebé real, o bebé diurno. Este atraso na elaboração do sorriso e a falta de interesse pela face da mãe, torna impossível o que Sauguet chama humanização da criança, isto é, uma projecção fantasmática da mãe que dá um sentido afectivo, um conteúdo psíquico àquilo que não é ainda mais do que uma reacção neurológica" (Soulé, 1978).

Outro fenómeno bizarro é o não aparecimento de **atitudes antecipatórias**. Kanner descrevia este sintoma como um dos mais precoces e diferenciadores do autismo infantil precoce. A criança não antecipa. Para Soulé, a atitude motora antecipatória normal

constitui o prolongamento agido, motor e sensorial da satisfação alucinatória do desejo. Existe ao mesmo tempo uma satisfação alucinatória correspondente e simétrica da mãe que constitui a base da sua identificação ao funcionamento da criança. Quando cuida do seu recém-nascido, a mãe alucina constantemente um bebé satisfeito pelos cuidados que ela imagina prestar-lhe. A mãe da criança autista não é investida nem no seu corpo nem nos cuidados. Ela constata que não é objecto das atitudes antecipatórias mais comuns. Ela percebe, inclusive, que o bebé se protege dela. Não faz nenhum gesto para ela e não quer nenhum prazer vindo dela. Ele evita com tenacidade e indiferença, apesar dos convites e incitações dela. Desde que estes mecanismos de protecção, esta barreira é percebida pela mãe, ela experimenta uma falha narcísica grave que vai afectar a sua capacidade maternal. De acordo com Soulé (1978) instala-se uma verdadeira hemorragia narcísica que nada estanca nem compensa e pode conduzir a uma destruturação e inaugurar o início de um sentimento persecutório: o meu filho não pode ou não me quer investir? Pensar que ele não a quer investir é mais doloroso e angustiante preferindo a mãe pensar que ele não é capaz do o fazer. A sua criança não se interessa por ela. Tudo o que ela tenta para o seduzir, colhe a sua indiferença, a sua recusa ou o seu afastamento se ela insiste. São procurados elementos que justifiquem a crença num déficit sensorial, auditivo ou visual por exemplo. Não será a atribuição de dificuldades à criança normal também um exemplo ligeiro desta falha narcísica?

Se é importante que a criança saiba antecipar, também não é menos verdade que a interacção diádica se faz com base nos **movimentos antecipatórios** da mãe. Para Lebovici e Stoléru (1987) a capacidade de antecipar corresponde à capacidade de se **identificar** com o bebé. A dimensão "**imprevisibilidade**" do temperamento poderia então corresponder em parte a uma tradução desta capacidade identificatória. Frases como "ela está a querer colo", "ela está a chorar porque quer que a mãe mude a fralda", ou "ela está a dizer que está na hora de dormir" revelam uma boa capacidade identificatória e frases como "eu não sou capaz de adivinhar...", ou "parece-me que ela

não..." ou "não sei o que ela quer", são exemplos de incapacidade por parte da mãe em se identificar com as necessidades do bebé e portanto, antecipar essas necessidades.

Vejamos um exemplo de interacção aberrante descrita por Massie (1980). Uma observação da interacção aos 4 meses revela o seguinte: A mãe estava a agarrar confortavelmente a bebé nos seus braços e ao nível do ombro. Joan sorriu e virou a cabeça e o seu olhar na direcção da cara da mãe. Contudo, a mãe impediu esse movimento com a sua própria cabeça. À medida que o bebé desistiu de obter o contacto visual com a mãe, esta começou a fazer-lhe festas com o nariz fazendo-o sorrir e virar-se novamente para a mãe mas esta bloqueou novamente o movimento. O sorriso desvanece e aparece uma expressão de perplexidade que desaparece também por troca com uma expressão agradável quando a mãe começa a dar palmadinhas na cabeça de Joan. Isto inicia um novo ciclo, mas ao terceiro falhanço em obter contacto visual com a mãe a expressão de Joan decaiu para abatimento e depressão. A mãe manteve-se a sorrir o tempo todo. Cada virada para a mãe demorou 3 segundos, e todo o episódio 20 segundos.

Depois dos 6 meses a Joan já não olhava para a mãe e aos 2 anos de idade tinha claros sintomas de autismo profundo (rituais, balancear-se, rodopiar sobre si própria, não falava, e ausência de interacção com as pessoas). Este exemplo revela uma clara interferência da mãe no "olhar", e uma falha em reconhecer e responder de modo recíproco ao afecto que acompanhava as tentativas do bebé para olhar para a cara da mãe.

Se este exemplo revela um papel determinante da mãe na interacção aberrante aos 4 meses o exemplo seguinte revela o peso das características das crianças sobre a interacção.

Vejamos o exemplo de interacção de uma mãe com cada um dos seus dois gémeos com 4 meses descrito por Kubicek (1980). Era dito à mãe para tentar fazer sorrir a criança e feita uma filmagem de 20 segundos.

O gémeo B era atento à mãe e ao que o rodeava. A sua postura era normal, os seus braços geralmente ficavam confortavelmente ao lado do corpo estendidos ou ligeiramente flectidos. A mãe pega nele no início da interacção e fica a pegar nele da mesma maneira o tempo todo. Passam a maior parte do tempo a olhar um para o outro e a brincar.

O gémeo A, pelo contrário não estabelecia contacto visual com a mãe durante a interacção. A sua face era inexpressiva. A sua cabeça ou estava virada para o lado ou atirada para trás. O olhar dirigido para cima para o teto. Na maior parte do tempo, mantêm as costas arqueadas e os braços estendidos ou flectidos de uma maneira rígida, afastados do corpo e com os punhos serrados. Esta postura rígida era uma indicação da tensão corporal. O bebé evitava de várias maneiras as sucessivas abordagens da mãe. A mãe mudava continuamente a maneira de lhe pegar e movia o bebé e ela própria de maneira a posicionar-se sempre na linha de visão do bebé.

Poderíamos dizer que o gémeo A, contrariamente ao gémeo B, não procura facilmente o olhar da mãe e evita-o. A mãe vê-se forçada, digamos assim, a perseguir o olhar do bebé, fazendo eventualmente com que ele ainda a evite mais.

Segundo Kubicek (1980) a mãe, quando interagia com o gémeo A, de facto ignorava as pistas para limitação do input social a que atendia quando interagia com o gémeo B (ex. desviar o olhar e virar a cabeça). Em vez disso ela parecia moderar o seu comportamento apenas em resposta aos aumentos de tensão corporal do gémeo A. Através de toda a interacção ela movia-se e ao bebé de modo a manter-se na sua linha de

visão. As respostas do gémeo A, para estas abordagens físicas persistentes, consistiam num evitamento activo e noutras vezes num evitamento passivo.

O gémeo A foi diagnosticado como autista aos 2 anos e meio o gémeo B tinha uma história de desenvolvimento normal. (Com estes exemplos pretendemos pura e simplesmente revelar a importância destes comportamentos e da dinâmica em que eles ocorrem, não pretendemos mostrar que o autismo tem origem exclusivamente em aspectos relacionais e reconhecemos que a etiologia do autismo é provavelmente multifactorial e ainda um assunto em questão. Nos estudos em causa também não foram sequer estabelecidas relações causais).

7.4 Desenvolvimento do self e experiência subjectiva

Stern vai mais longe ao admitir que a interacção e o seu desenvolvimento é influenciada não só por estas características observáveis, mas também pela experiência subjectiva da mãe e da própria criança.

Stern (1985) considera que é uma mudança na **sensação de self da** própria **criança** que dá ao adulto a sensação de maior ligação ou intimidade com o bebé. O adulto sente subitamente que está com uma pessoa alterada. E o que é diferente no bebé não é simplesmente uma nova série de comportamentos e capacidades; o bebé subitamente tem uma nova "presença" adicional e um "sentir" social diferente, que é mais do que a soma das muitas capacidades e comportamentos recentemente adquiridos (por exemplo, quando um bebé pode sorrir responsivamente, olhar fixamente nos olhos dos pais e vocalizar, em algum momento entre os dois e os três meses, um sentir social diferente foi criado). Mas não são esses comportamentos isolados ou em combinação, que realizam a transformação. "E´ o senso alterado da **experiência subjectiva do bebé**, que está por

trás dessas mudanças comportamentais, que nos faz pensar e agir de modo diferente em relação a ele" (Stern, 1985).

Na idade dos 2 ou 3 meses, os bebés começam a dar a impressão de serem pessoas bastante diferentes. Quando empenhados em uma interacção social, eles parecem estar mais completamente integrados. É como se as suas acções, planos, afectos, percepções e cognições pudessem agora ser accionados e focados, por um instante, numa situação interpessoal. Eles não estão simplesmente mais sociais, ou mais regulados, ou mais atentos, ou mais espertos. Parecem revelar na relação interpessoal uma perspectiva organizadora que faz sentir como se agora existisse um senso integrado deles próprios como corpos distintos e coerentes, com controlo sobre suas próprias acções, posse da sua própria afectividade, um senso de continuidade e um senso das outras pessoas como interactuantes distintos e separados. Ou seja, um senso de agência, do próprio como actor, de coerência física, de afectividade e de continuidade. São estas quatro experiências em conjunto e de modo integrado que constituem o senso de "eu nuclear" (Stern, 1985).

A criança adquire estas quatro experiências que se tornam como invariantes através da ordem e repetitividade das acções dos pais quando interagem com eles. Não se trata de uma repetição pura e simples mas do que o autor designa por tema e variações (Stern, 1985). Em cada nova interacção há uma parte que é repetida (que é familiar) e uma parte que é nova (novidade). A criança vai identificando os aspectos invariantes e ao mesmo tempo vai aprendendo algo mais. O uso de comportamentos exagerados (falar à bebé, expressões faciais exageradas, duração do olhar exagerada, etc.) e a sua organização em temas e variações não é feito pelos prestadores de cuidados para ensinar o bebé a respeito de invariantes interpessoais. Isso acontece como um subproduto. Esse uso é feito para ajudar a regular o nível de estimulação e excitação do bebé dentro de limites toleráveis (e para evitar que os pais fiquem entediados). Daqui se percebe a importância dada por Stern ao papel dos pais como reguladores, inicialmente, dos zero

aos dois meses, das necessidades fisiológicas, sono e fome, e posteriormente da estimulação e excitação. Para ele cada criança possui um nível óptimo de excitação que proporciona prazer. Acima desse nível de excitação a experiência torna-se desagradável, e abaixo de um certo nível ela torna-se desinteressante. Ambos os parceiros fazem um ajustamento para manter o bebé dentro de uma banda de variação óptima. Por um lado, o prestador de cuidados regula o nível de actividade nas expressões faciais e vocais, gestos e movimentos do corpo. Por outro lado, o bebé também regula o nível de excitação usando o evitamento do olhar para diminuir a estimulação que subiu acima da variação óptima, e usa o olhar e comportamentos faciais para procurar e propor novos estímulos ou níveis mais altos de estimulação quando o nível de estimulação decaiu demais (Brazelton, Koslowski & Main, 1974; Fogel, 1982).

Correspondente à variação óptima de excitação, existe uma variação óptima de estimulação. O prestador de cuidados, ao controlar com sensibilidade o nível de comportamentos como a extensão do exagero e quantidade de variação para o nível de excitação do bebé, e a direcção da sua flutuação predizível, atinge a variação óptima de excitação para o bebé.

Nas situações em que surgem estados afectivos extremos relacionados com as necessidades fisiológicas e corporais sofrimento e choro pela fome ou desconforto, e contentamento devido à saciedade o comportamento parental segue as mesmas regras gerais que durante a interacção social. Os comportamentos são exagerados, repetidos com variação apropriada, e estereotipados. Os comportamentos faciais, vocais e tácteis são grandemente exagerados e repetidos com constantes variações até que o sucesso seja atingido. Tranquilizar, confortar pôr a dormir, etc. são rituais que seguem um repertório cuidadosamente prescrito. O tranquilizar mal sucedido consiste num ritual incompleto, interrompido ou ineficaz.

A integração das experiências ou sensos de agência, coerência física, afectividade e história são integrados de acordo com Stern (1985) nas RIG, **representações internas** que foram ou se tornaram **generalizadas**. São uma sequência de acções executadas numa determinada ordem, são um esquema geral ou estrutura com alguns elementos variáveis. A repetição de um certo número de episódios reais de interacção resulta num número igual de memórias episódicas dando origem, a pouco e pouco, a um episódio generalizado. O episódio generalizado não é uma memória específica. Não descreve um acontecimento real que tenha ocorrido, exactamente do mesmo modo. Em vez disso contém múltiplas memórias específicas, mas como estrutura está mais próximo de uma representação abstracta. Um dos aspectos mais interessantes destes episódios generalizados é criarem expectativas de acções, de sentimentos, de sensações, etc. Constituem uma estrutura relacionada com o curso provável dos acontecimentos baseada em experiências médias.

7.5 Interacção fantasmática

Os autores de formação psicodinâmica vão ainda mais longe admitindo que o comportamento da mãe e portanto a interacção com o bebé pode ser influenciado por aspectos inconscientes como no caso das **interacções fantasmáticas**.

A actividade fantasmática da mãe está enraizada nas camadas infantis e inconscientes da sua vida psíquica. "Para a mãe o bebé é com muita frequência percebido e apreendido como representante externo da sua parte infantil e nomeadamente das suas pulsões do Id" (Mazet & Stoleru, 1990). Quando o bebé atravessa, um período onde a sua actividade oral, por exemplo, é particularmente essencial, são reactivados os aspectos orais da mãe. Mas, ao mesmo tempo, são reactivadas as angústias associadas, por exemplo, inquietação e receio excessivos de que a criança se engasgue e não consiga tirar da garganta um objecto assim que o bebé põe qualquer objecto à boca. São

reactivadas na mãe vivências antigas, experiências pelas quais ela passou. Os processos são em grande medida inconscientes, a mãe pode mesmo reconhecer que se angustia ou inquieta mas, não considera desproporcionada a sua inquietação face à situação, nem tão pouco associa esta situação a outras do passado. Outro exemplo, corresponde às pausas forçadas da mamada, isto é, interrupções da amamentação feitas pela mãe no momento em que o bebé, do ponto de vista do observador, mama regularmente e sem dificuldades. Algumas mães dizem nesta altura que têm medo que o bebé beba depressa demais. Para Lebovici e Stoléru (1987) estas paragens forçadas podem servir para suster a angústia destas mães diante da avidez real ou suposta do bebé, avidez que desperta a avidez própria da mãe, assim como as defesas que ela organizou contra essa avidez. Pelo contrário, quando uma mãe está inquieta diante de uma sucção que ela acha lenta ou muito fraca, ela estimula o bebé, inclusive durante as pausas espontâneas que este faz. Da mesma maneira quando o bebé bolsa ou se engasga, algumas mães continuam a dar o biberão ou o peito e não o retiram da boca.

Noutros termos, podemos considerar que as interacções fantasmáticas correspondem a interacções em que a mãe reage para a criança como se estivesse a reagir para outro adulto significativo para ela, a mãe, o pai, o marido, um irmão ou irmã. Alguns comportamentos da criança simbolizam comportamentos dessas pessoas. A mãe já antecipa e tende a interpretar esses comportamentos de acordo com o afecto que esse adulto lhe suscita ou suscitava. Os comportamentos da criança tanto podem representar para a mãe ou suscitar nela sentimentos de amor como de ódio e irritabilidade. Ao nível do comportamento podem surgir carícias, aconchegar o bebé ao colo ou o inverso, movimentos bruscos, apertar, afastar a criança de si fisicamente, etc. como se estivesse a reagir para com esses outros adultos.

Será possível que o **choro** persistente do bebé reavive na mãe factores inconscientes? Por exemplo, a sensação de uma mãe continuamente **exigente** poderá ser desencadeada

pelo choro persistente do bebé. Ou, a sensação de que nunca era suficientemente boa para a sua mãe pode manifestar-se numa sensação de que não é suficientemente capaz ou **eficaz** com a criança.

7.6 Síntese e discussão

A interacção normal inclui períodos de regulação satisfatória e períodos de regulação inadequada. Na maioria dos casos a criança aprende a reparar, ela própria, essa desregulação.

A criança aprende ou desenvolve uma representação da interacção com a mãe e generaliza-a à interacção com as outras pessoas. Na maioria dos casos a criança desenvolve uma representação de uma interacção reparável e da sua capacidade para a reparar.

A representação da interacção que a criança desenvolveu é o fruto das suas características próprias (temperamento) e do grau de sensibilidade da mãe ou da interacção de ambos os aspectos.

Seja qual for a origem, uma vez que a criança generaliza as respostas aprendidas estas passam a ser uma característica temperamental típica sua. Por exemplo, tende a evitar as pessoas numa primeira aproximação, ou a evitá-las se elas forem persistentes, tende a

chorar com mais facilidade e a ficar triste. Noutros casos, pelo contrário, aprenderam a persistir e sorrir e vocalizar prontamente.

Certas crianças, pelas suas características, são levadas a compensar a pouca estimulação proporcionada pela mãe desenvolvendo meios de regular a excitação tornando-se mais activas na interacção social. Noutros casos, a sobreestimulação da mãe provoca na criança uma retirada, um fechar-se sobre si própria. Os exemplos descritos anteriormente mostram-nos que nuns casos foram sobretudo as características da criança que determinou o resultado e, noutros casos, foram sobretudo as características das mães.

De qualquer forma, algumas características temperamentais da criança, sobretudo dimensões sociais como o sorriso, atenção ao adulto ou vocalizações mas também o choro e alternância entre os estados de vigília, são influenciadas pela interacção. Características temperamentais como a facilidade com que são evocadas certas respostas, a sua duração ou frequência são directamente influenciadas pela interacção.

Uma característica interessante reside no facto das crianças generalizarem os padrões de interacção aprendidos com as mães. De acordo com a ideia das RIG, representações internas generalizadas de Stern, poderíamos supor que a criança com base na qualidade das interacções prévias com a mãe seria levada a esperar uma determinada interacção (acções, afectos, nível de excitação, sequência, etc.) assim que identificasse no contexto elementos que lhe recordassem ou fizessem accionar a sua representação interna generalizada dessa situação. Esta poderia, por associação, desencadear imediatamente o afecto típico dessa situação facilitando ou dificultando a tarefa da mãe. Por exemplo, a criança que generalizou alguma ou algumas obstruções da respiração pelo seio ou episódios em que se engasgou com o biberão, pode começar a chorar imediatamente em

presença dessas situações. O mesmo poderia acontecer para uma criança ao ser colocada numa determinada posição ao colo, num determinado quarto e com determinada luminosidade se a sua experiência anterior a fizer esperar um afecto de irritação e choro. Para outra criança, com uma representação interna generalizada distinta, esta situação poderia ser o suficiente para se acalmar e entrar imediatamente em auto-lengalenga de adormecimento. Um dos processos pelos quais as crianças influenciam os pais consiste em colocar em acção os comportamentos e emoções desencadeados pelas representações internas que a criança tem das interacções que teve, ou tem tido, com os pais naquelas situações. E por outro lado, isto serve para mostrar como a frequência de determinados afectos (uma característica temperamental) pode ser influenciada pela história de interacções entre os prestadores de cuidados e a criança. Por outro lado, estas "expectativas" são postas em acção quando a criança interage com outros adultos fazendo-as experimentar um "estar com a mãe evocado". Tentam regular a interacção usando o mecanismo que habitualmente usam com a mãe, por exemplo, o sobre-evitamento. Este facto reforça a generalização de contexto para contexto e até a estabilidade temporal das dimensões comportamentais como a frequência, duração, etc. de certas características como o choro, sorriso, capacidade para se acalmar ou a atenção dada ao adulto. Rubin e colaboradores têm uma perspectiva idêntica à exposta aqui "a baby whose parents has been unresponsive is frequently angry because the parents inaccessability may be painful and frustrating; further, because of uncertainty about the parent´s responsiveness, the infant may be apprehensive and readily upset by stressful situations" (Rubin, Stewart, & Chen, 1995, citado em Bornstein, 1995).

Em síntese, diríamos que certas dimensões de temperamento são "sociais" e portanto influenciam directamente a interacção mas também são modificáveis por ela. Certos dimensões como o *Humor* ou *Aproximação/Afastamento* têm mais possibilidades de ser influenciadas pela interacção e outras, como o *Nível de Actividade*, têm menos possibilidades. Outros aspectos fisiológicos como os *Limiares de Resposta* serão os

Instituto Superior de Psicologia Aplicada
BIBLIOTECA

menos influenciáveis pelo contexto circundante. Esta perspectiva é semelhante à de Stevenson -Hinde (1986) que defende que o temperamento não deve ser considerado nem como um constructo personológico nem um constructo interactivo ou relacional. Em vez desta dicotomia sugere um contínuo em que as diferentes dimensões do temperamento se coloquem em diferentes lugares desse contínuo. Por exemplo, a actividade pode ser mais independente das relações do que o humor negativo (Stevenson-Hinde, 1986). A perspectiva de Thomas e Chess, de Rothbart e de Buss e Plomin é um pouco diferente. Defendem uma perspectiva personológica embora sublinhando que não é incompatível com um modelo de desenvolvimento interactivo.

Uma característica temperamental de uma criança num dado momento é o resultado da interacção dessa característica com outras características temperamentais e não temperamentais da criança, e as respostas dos pais num sistema dinâmico. Os vários elementos deste sistema não têm o mesmo peso de díade para díade e ao longo do tempo. O curso de determinada dimensão temperamental de uma criança não é facilmente previsto porque depende das qualidades das outras dimensões temperamentais da criança e das respostas do contexto social a que a criança está sujeita.

(8) EMOCIONALIDADE NEGATIVA E COMPORTAMENTO DA MÃE

Vamos rever estudos que avaliam a relação entre o comportamento interactivo da mãe e temperamento da criança num caso específico de temperamento - a emocionalidade negativa.

A **emocionalidade negativa** tem sido medida quer por observação directa (quantidade de choro) quer através de escalas de temperamento preenchidas pelas mães medindo diversas dimensões: "difícil", "humor negativo", "irregularidade quanto às funções biológicas", "perturbação em face de limitações" ou "afastamento". Os **comportamentos da mãe** estudados incluem a frequência de respostas dadas à criança, estimulação sensorial e social, sensibilidade às pistas da criança, comportamento restritivo e punitivo, frequência com que lhe pega ao colo, envolvimento, contacto afectuoso, estimulação com objectos e tempo necessário para conseguir acalmar o bebé.

A questão de partida consiste em saber se de um modo geral as mães que têm crianças evidenciando emocionalidade negativa reagem com mais atenção, estimulação e afecto ou se, pelo contrário, respondem menos, são mais punitivas e menos afectuosas. Por outro lado, também seria importante esclarecer a questão da direccionalidade dos efeitos, é o temperamento da criança que afecta o comportamento da mãe ou o comportamento da mãe é que molda o temperamento da criança?

Dos estudos existentes, doze evidenciam uma associação entre emocionalidade negativa da criança e menor responsividade e contacto menos estimulante por parte das mães.

Os primeiros seis estudos evidenciam correlações entre medidas **concorrentes**. No estudo de Kelly (1976) utilizando observações feitas em casa, os bebés identificados como difíceis (numa versão modificada do ITQ- Infant Temperament Questionnaire, Carey e McDevitt, 1978) aos 4 meses recebiam respostas negativas das mães quando choravam. No estudo de Milliones (1978) o temperamento difícil (numa versão modificada do ITQ) de crianças com cerca de um ano de idade estava moderadamente e negativamente correlacionada com a responsividade da mãe. Nos estudos de Donovan as mães que achavam os seus bebés mais difíceis eram menos sensíveis às pistas e sinais das crianças (Donovan, Leavitt & Balling, 1978). O estudo de Peters-Martin e Wachs (1984) avaliou bebés com 12 meses e o comportamento materno aos 12 meses através da escala HOME de Caldwell. Maior intensidade no TTS (Toddler Temperament Scale de Fullar, McDevitt e Carey, 1984) aos 12 meses estava associada a menor envolvimento por parte da mãe avaliado pela escala HOME. O humor negativo estava mais uma vez associado a maior restrição e punição por parte da mãe. No estudo de Denham e Moser (1994) as mães que avaliavam os filhos como mais chorões eram menos responsivas (observação) para os bebés às 6 semanas e 9 meses. Finalmente, no estudo de Johnson e Rosen (1990) as avaliações de temperamento feitas pelas mães estavam relacionadas positivamente com a responsividade materna na interacção com a criança.

Contudo, nos estudos concorrentes torna-se difícil saber quais são as causas e quais são os efeitos porque a correlação é obtida sobre duas medidas recolhida na mesma altura. Os estudos que utilizam recolhas de informação com algum tempo de intervalo tornam-se por isso mais úteis.

Os quatro estudos seguintes são **longitudinais** e utilizam tanto medidas concorrentes como preditivas entre o temperamento da criança e o comportamento da mãe. Campbell (1979) avaliou o temperamento de crianças com 3 meses através do ITQ e efectuou observações sistemáticas da díade aos 3 e 8 meses. As mães que acharam os seus bebés mais irregulares quanto às funções biológicas passavam menos tempo a brincar e eram menos responsivas ao choro das suas crianças tanto aos 3 como aos 8 meses. No estudo de Klein (1984) as mães avaliaram as crianças no ITQ aos 6 meses e foram feitas observações da interacção aos 6 e 12 meses. As crianças com humor mais negativo recebiam menos estimulação sensorial e social tanto aos 6 como aos 12 meses. No estudo de Lee e Bates (1985) o temperamento difícil aos 6, avaliado pelo ICQ (Infant Characteristics Questionnaire; Bates, Freeland e Lounsbury, 1979) e aos 13 meses avaliado pelo CCQ (Child Characteristics Questionaria; Bates, Freeland e Lounsbury, 1979) predizia a utilização de técnicas disciplinares de afirmação de poder por parte da mãe aos 2 anos. Quando as crianças eram vistas como difíceis as mães exerciam mais controlo intrusivo. Seifer e colaboradores (1996) avaliaram a relação entre várias medidas de sensitividade materna e o temperamento aos 6 e 9 meses. Utilizaram como medidas de temperamento difícil avaliadas pelos pais o composto "Difficult" do ITQ-R, a escala "Distress to limit" do IBQ, o factor "Fussy/Difficult" do ICQ e a dimensão "Emocionality" do EAS. Também usaram algumas medidas de temperamento (humor, aproximação, intensidade, actividade, e total de dificuldade) identificadas pelos observadores por observação directa da interacção numa situação de jogo. A sensitividade foi avaliada também por observação. Em geral as medidas de temperamento preenchidas pelos pais não estavam relacionadas com a sensitividade materna. A única excepção ocorria aos 6 meses em relação "a perturbação face a limitações" do IBQ. Também se observaram algumas relações preditivas mas só em relação ao temperamento observado directamente. Por exemplo a "qualidade" e "adequação" das respostas da mãe aos 6 meses estavam associadas ao "humor" da criança aos 9 meses.

Temos de salientar que todas as medidas de temperamento utilizas nestes estudos, excepto uma, correspondem a relatos das mães não sendo portanto **medidas de temperamento independentes**. Elas podem medir tanto as características das crianças como as percepções que as mães fazem dessas características. Vamos apresentar dois estudos em que as medidas são independentes, e correspondem ao choro observado directamente. Qual é a relação entre a frequência do choro e o comportamento da mãe? O estudo de Bell e Ainsworth (1972) mostra que a prontidão na resposta da mãe está associada a um declínio na frequência e duração dos choros dos bebés. Segundo este estudo, no fim do 1° ano de vida, as diferenças individuais quanto aos choros dos bebés reflectem mais a história das respostas aos choros dadas pelas mães do que as diferenças constitucionais na irritabilidade dos bebés. O comportamento das mães parece mais estável que o dos bebés, elas mantêm aproximadamente o mesmo tipo de atitude ao longo do 1° ano. As tendências a responder ao choro com uma demora mais ou menos longa, ou a ignorar totalmente os gritos, parecem constituir características relativamente estáveis. O mesmo se passa para uma atitude de resposta pronta.

Por outro lado, parece que a prontidão da resposta das mães ao choro dos bebés favorece nestes últimos o desenvolvimento de modos de comunicação mais ricos e mais variados. No fim do 1° ano os bebés que choravam menos utilizavam formas mais subtis e mais variadas (expressão do rosto, gestos e vocalizações) para transmitir mais claramente os seus sentimentos e os seus desejos. Os bebés que choravam mais entre os 9 e os 12 meses pareciam não utilizar outros meios de comunicação.

Os resultados do estudo de Bell e Ainsworth continuam no entanto a merecer maior reflexão e envolvem um debate que não está por agora concluído. As críticas são sobretudo metodológicas: as autoras não usaram correlações parciais; não distinguiram choramingar e choro (não atender ao choramingo pode ter consequências diferentes de não atender ao choro), e finalmente não tiveram em conta o efeito de outras variáveis sobre o choro. Como refere Lebovici e Stoléru (1987) as respostas mais prontas da mãe

podem ser um sinal de uma atitude mais vasta de ternura generalizada do seu "*holding*", de seus afectos, de suas vocalizações e de suas atitudes psicológicas em relação ao bebé. No estudo de Hubbard e Ijzendoorn (1991) a frequência de choro nos primeiros 4 meses estava associada (r = .42) ao tempo que as mães levavam a responder ao choro entre os 5 e os 8 meses. Se as crianças choravam com mais frequência nos primeiros 4 meses as mães demoravam mais a responder ao choro entre os 5 e os 8 meses. Por outro lado, a frequência com que a mãe não respondia ao choro nos primeiros 4 meses também estava associada ao choro entre os 5 e os 8 meses. Quanto menos as mães respondiam nos primeiros 4 meses menos as crianças choravam entre os 5 e os 8 meses.

Quanto a nós estes resultados podem ser a tradução dos seguintes processos: As mães que têm crianças que estão sempre a chorar começam a demorar a atender para ver se a criança se habitua a calar-se sozinha. Existem grandes probabilidades de que isso aconteça. De acordo com os resultados de Wolff (1987), nos casos em que a mãe não atende ao choramingo da criança existe uma probabilidade igual de eles se calarem e ficarem acordados ou adormecerem e de começarem a chorar. Portanto as mães podem demorar a atender para ver se a criança se regula sozinha (também podem progressivamente sentir-se menos preocupadas com o choro do bebé). Nas mães que já respondem menos vezes nos primeiros 4 meses as crianças habituam-se mais rapidamente a auto-regular-se. Choram portanto com menos frequência nos meses seguintes. As mães que respondem sempre que a criança chora não lhe permitem uma aprendizagem de auto-regulação tão precoce.

Por outro lado, o temperamento da criança quando é avaliado pode já ser em parte um produto de características originais da criança e da interacção com o comportamento da mãe. Mesmo a utilização de medidas longitudinais com a avaliação do temperamento infantil anterior à avaliação do comportamento maternal, só por si não resolvem o problema (Crockenberg, 1986). Para avaliarmos se as características da criança influenciam o comportamento da mãe necessitamos de medidas de temperamento

independentes da influência do comportamento da mãe e estas só podem ser obtidas no **período neonatal**.

Estas limitações foram tidas em conta nos três estudos que referimos a seguir. No estudo de Linn e Horowitz (1983) o temperamento infantil e o comportamento da mãe foram avaliados no período neonatal. Os bebés mais fáceis de avaliar e mais reforçadores na escala Brazelton NBAS-K eram pegados com maior frequência pelas mães quando os alimentavam. O estudo de Crockenberg e Acredolo (1983) analisa a associação entre o temperamento avaliado pela escala NBAS (Neonatal Brazelton Assessment Scale) e o comportamento do bebé e a mãe no 1° e 3° mês e o temperamento avaliado aos 3 meses (IBQ, Infant Behavior Questionnaire; Rothbarth, 1981; 1986). Os resultados indicam que a perturbação em face de limitações, uma avaliação do IBQ que corresponde a emocionalidade negativa, estava correlacionada negativamente com o contacto maternal no 1° e no 3° mês. O estudo de Van den Boom e Hoeksma (1994) também utilizou a escala de Brazelton (NBAS) ao 10° e 15° dia para avaliar a irritabilidade neonatal segundo Kaye (1978, citado em van den Boom & Hoeksma, 1994)- *pico e excitação, rapidez de recuperação, e irritabilidade*. O comportamento da mãe (e da criança) foi depois registado em observações directas no 1, 2, 3, 4, 5 e 6° mês. Os autores mostraram que em comparação com os bebés não irritáveis, os bebés irritáveis recebem das mães menos envolvimento físico e visual desde o princípio, um nível muito baixo de estimulação efectiva, um rápido decréscimo das respostas ao choro da criança, enquanto as respostas aos sinais positivos dos bebés se mantêm baixas durante todos os seis meses. As diferenças entre os grupos vão diminuindo ao longo dos primeiros meses e aos 6 meses poucas diferenças existem com excepção das respostas ao comportamento social positivo. Vejamos como interpretam estes resultados. Nas crianças irritáveis o comportamento interactivo parece centrado quase exclusivamente na emocionalidade negativa para aos seis meses resultar em algum envolvimento mútuo; este padrão de interacção parece ser dificilmente reforçador para a mãe e criança o que pode explicar o crescente evitamento entre os dois. Pelo contrário, o nível de envolvimento nas crianças

não irritáveis é elevado desde o início levando a interacções harmoniosas que permitem à criança desenvolver competências para regular a sua própria perturbação (*affective distress*). Presumivelmente, o processo posto em movimento nos primeiros meses exerce uma influência através da primeira metade do primeiro ano e provavelmente continua a fazer-se sentir depois disso (Van de Boom & Hoeksma, 1994). O crescente não envolvimento das mães dos bebés irritáveis mantém-se mesmo depois deles já não serem chorões. Uma vez estabelecido um padrão negativo de interacção parece difícil redireccioná-lo sem intervenção (Van de Boom & Hoeksma, 1994).

Os estudos anteriores revelam a seguinte associação: A emocionalidade negativa do bebé está associada a menor responsividade e envolvimento por parte da mãe. No entanto, as limitações metodológicas de alguns estudos anteriores dificultam a interpretação sobre a relação entre temperamento infantil e comportamento maternal.

Existem também estudos que não revelam uma relação entre o temperamento e comportamento maternal. Rothbart (1986) não encontrou uma relação significativa entre o temperamento percebido pela mãe e o comportamento da mãe aos 3-9 meses, Matheney, Wilson e Thoben (1987) e Daniels, Plomin e Greenhalgh (1984) também não encontraram nenhuma relação aos 12-24 meses. O mesmo aconteceu no estudo de Vaughn (Vaughn, Bradley, Joffe, Seifer, & Barglow, 1981).

Por outro lado, existem estudos cujos resultados contradizem aquela relação, isto é, mostram que os bebés difíceis ou irritáveis recebem maior envolvimento por parte das mães. Vamos referir 6 destes estudos. No estudo de Caron e Miller (1981, citado em Crockenberg, 1986) as mães das crianças avaliadas pelos pediatras como mais irritáveis entre 8 e os 11 meses respondiam mais às crianças quando elas choravam aos 9 meses. Bates, Olson et al. (1982) utilizou uma medida compósita de "dificuldade" a partir de avaliações do ICQ e de observações independentes de rabugice (fussy) de bebés de 6 meses e do comportamento das mães e encontrou uma correlação positiva ligeira entre

os dois aspectos. As crianças difíceis recebiam mais contacto afectuoso e mais estimulação com objectos por parte da mãe. A associação era semelhante quando os bebés tinham 13 meses (Pettit & Bates, 1984). Klein (1984) encontrou os mesmos resultados, as crianças que aos 6 e 12 eram avaliadas como mais difíceis pelo ITQ recebiam mais estimulação sensorial e social das suas mães. Fish e Crockenberg (1981) observaram que a quantidade de choro no 1 e 3 mês e o tempo necessário para conseguir acalmar o bebé estavam associados a mais cuidados maternais e mais interacção social durante observações efectuadas aos 9 meses. Crockenberg e Smith (1982) verificaram que os bebés mais irritáveis no período neonatal obtinham mais contacto das mães quando tinham 3 meses. No estudo de Peters-Martin e Wachs (1984) os bebés que aos 6 meses eram avaliados com valores mais altos em "afastamento" (RITQ) recebiam mais respostas verbais e emocionais e menos restrição e punição do que os bebés com valores altos em aproximação.

Assim enquanto alguns estudos verificam que as mães interagem mais com os bebés difíceis ou irritáveis outros evidenciam o oposto. Crockenberg (1986) avança algumas explicações para estas contradições. Em primeiro lugar os resultados podem evidenciar flutuações aleatórias e, por essa razão, nuns casos apontam num sentido e noutros apontam noutro sentido. Em segundo lugar, a inconsistência poderá estar associada à utilização de diferentes amostras conjugada com uma relação curvilínea. Esta relação curvilínea poderia ocorrer se as mães de modo típico aumentassem as suas respostas e envolvimento em função das necessidades, do choro, do bebé e só diminuíssem essas respostas no caso dos bebés serem muito irritáveis ou difíceis. Assim, se num estudo o grupo de crianças mais difíceis apresentar apenas uma dificuldade moderada poderemos observar um aumento de respostas da mãe, portanto uma associação positiva; se noutra amostra, de outro estudo, o grupo de crianças mais difíceis for extremamente difícil a associação com as respostas seria inversa à anterior, seria negativa, ou seja as mães responderiam menos às crianças. A terceira explicação consiste em admitir que outras variáveis, ou terceiras variáveis podem jogar um papel na relação entre a emocionalidade

negativa do bebé e as respostas das mães. Por exemplo, em alguns grupos as mães de crianças dificeis poderão aumentar as suas repostas em virtude das suas crenças educativas. Até agora, apenas um estudo analisou esta possibilidade. No estudo de Crockenberg e Smith (1982) verificou-se que a irritabilidade neonatal estava associada positivamente às respostas das mães aos 3 meses, mesmo depois de controlar os efeitos de atitudes educativas avaliadas antes do parto, além do tipo de alimentação, paridade e tempo que a criança estava acordada. Uma quarta possibilidade reside no facto da irritabilidade do bebé poder exercer efeitos diferentes na mãe consoante a idade da criança. As mães podem ser inicialmente responsivas quando o bebé chora, mas se a criança continua chorona ao longo do tempo e a paciência e energia da mãe se esgotam as mães poderão diminuir ou alterar as suas respostas (Crockenberg, 1986). Três dos estudos revistos anteriormente produzem resultados que apoiam esta perspectiva. Lee e Bates (1985) observaram crianças aos 6 13 e 24 meses de idade. Nas primeiras idades as crianças choronas/dificeis recebiam mais contacto afectuoso e estimulação com objectos (Bates, Olson et al., 1982, Pettit & Bates, 1984). Aos 2 anos os bebés avaliados como difíceis obtinham com mais frequência controlo intrusivo por parte das mães do que as crianças avaliadas como fáceis ou médias. Peters-Martin e Wachs (1984) referem que as dimensões de temperamento difícil avaliado no 1 e 6 mês estavam associados a cuidados maternais mais favoráveis, mas aos 12 meses ocorria o inverso. Quinta possibilidade, o conceito de responsividade diferencial de Hubbard e Ijzendoorn (1987, citado em Hubbard & Ijzendoorn, 1991) também pode ajudar a explicar a inconsistência dos resultados. Responder ao choramingar não seria o mesmo que responder à perturbação moderada ou severa. Só as vocalizações de perturbações severas (relacionadas com a dor ou fome) deviam ser conceptualizadas como comportamentos de attachment requerendo uma resposta pronta. Os estudos até agora não diferenciaram o suficiente entre os dois tipos de choro.

Por último, vamos rever alguns estudos que relacionam a emocionalidade negativa e comportamentos da mãe mas sob o efeito **mediador** de outras variáveis.

No estudo de Crockenberg e Smith (1982) havia uma associação positiva e significativa entre a irritabilidade do bebé e as respostas ao choro por parte da mãe. No entanto, os resultados indicam uma resposta diferente em função do sexo da criança; as mães respondiam mais ao choro das raparigas mais irritáveis do que ao choro dos rapazes mais irritáveis. Por outro lado, as mães com atitudes menos responsivas (esta atitude foi avaliada no pré-parto) respondiam mais lentamente ao choro dos bebés mas só no caso dos bebés que tinham valores de cotação abaixo da média em irritabilidade neonatal (NBAS). Para Crockenberg estes resultados são consistentes com a teoria de Buss e Plomin (1984) sobre a influência do temperamento sobre o contexto circundante, que defende que os sujeitos com valores medianos em qualquer dimensão de temperamento têm mais probabilidades de ser influenciados pelo contexto, enquanto que os indivíduos com valores extremos tendem a influenciar o contexto.

Bates, Olson et al. (1982) estudaram a relação entre emocionalidade negativa e duas variáveis contextuais - classe social e paridade. A choraminguice do bebé estava associada positivamente ao contacto afectuoso da mãe no caso dos primeiros filhos, e mais acentuado no estatuto socio-económico mais alto do que no médio.

Crockenberg e McCluskey (1985, citado em Crockenberg, 1986) encontram uma relação entre outra variável contextual, o apoio social, e a sensibilidade materna evidenciada na situação estranha de avaliação de attachment. O apoio social estava associado à sensibilidade das mães aos 12 meses apenas no caso dos bebés com irritabilidade neonatal (NBAS) elevada.

Schuler, Black, Maureen e Starr (1995) estudaram um grupo de mães consumidoras de droga e um grupo de comparação. Verificaram que níveis elevados de irritabilidade

avaliada pela BNAS estavam associados a níveis baixos de comportamento maternal positivo, mas isto só acontecia no grupo de mães não consumidoras.

Em síntese, podemos dizer que tanto existem estudos a revelar que as mães respondem mais e de modo positivo à emocionalidade negativa da criança como estudos que revelam o contrário, menos respostas e respostas mais negativas. Sendo assim, é por enquanto difícil interpretar estes dados e a solução pode estar em relações mais complexas do que se possa imaginar à primeira vista. Alguns aspectos merecem ser explorados. Primeiro, as respostas das mães podem variar de modo diferente consoante a emocionalidade negativa da criança seja apenas ligeira ou acentuada. Segundo, podem variar em função também do sexo da criança, de características da mãe como as suas atitudes educativas, ou do apoio a que estão sujeitas. Terceiro, poderão variar consoante se analise o temperamento através de observação directa ou através da avaliação da mãe, curiosamente, dos estudos revistos e que revelam mais respostas e respostas positivas para os bebés com emocionalidade negativa existe uma maioria de casos de observação directa do temperamento. Nos casos de associação negativa, i. e., em que as mães respondem e se envolvem menos com as crianças de emocionalidade negativa existe uma maioria de medidas de temperamento por avaliação das mães. Este facto apontaria, à primeira vista para uma relação entre a maneira como a mãe vê o bebé e o modo como o trata por um lado, e uma relação entre o comportamento do bebé e o modo como ela o trata por outro. Para sabermos se o modo como a mãe vê o bebé é independente do comportamento deste, era necessário incluir no mesmo estudo as três variáveis, temperamento ou comportamento do bebé observado directamente, avaliação temperamental do bebé feita pela mãe e comportamento da mãe obtido também por

observação directa. Por último, seria necessário ter mais estudos para poder fazer uma comparação e avaliar a tendência sem ter que meter no mesmo "saco" estudos feitos com instrumentos bastante diferentes.

(9) O SIGNIFICADO DO TEMPERAMENTO AVALIADO PELOS PAIS.

O temperamento avaliado pelos pais representa as características da criança? Se o comportamento avaliado pelos pais não mede (ou não mede apenas) as características da criança então é necessário perceber o que é que mede, em que é que os pais se baseiam para fazer essa apreciação e que relação existe entre essa avaliação dos pais e as características da criança. São estes os aspectos que vamos discutir neste capítulo.

A verdade é que a relação entre o temperamento avaliado pelos pais e as características da criança registadas por observadores é fraca independentemente do questionário utilizado. No estudo de Seifer e colaboradores (1994) quando as observações directas (mesmo usando medidas agregadas de 8 semanas) foram comparadas com os relatos das mães em 4 questionários de temperamento foi encontrada pouca evidência de correspondência entre as duas medidas.

A investigação mais extensa sobre a validade das apreciações dos pais como medida das características temperamentais próprias da criança foi feita por Bates (Bates, Freeland, & Lounsbury, 1979; Bates, Olson et al., 1982) a propósito do seu instrumento ICQ (Infant Characteristics Questionnaire) e em particular da subescala principal deste instrumento Chorão/Difícil. Para determinar a validade de um instrumento é necessário compará-lo com critérios exteriores. Bates utilizou dois tipos de comparação: comparação dos relatos feitos pelas mães com os relatos feitos por outras pessoas como os pais ou investigadores (processo de determinação da fiabilidade como meio indirecto de obter a validade) e comparação do relato ou questionário preenchido pela mãe com o próprio comportamento da criança.

Vejamos o significado do factor ou dimensão "Chorão/Difícil" através das investigações de Bates em que comparou as avaliações feitas pelas mães com as avaliações feitas pelos pais e também por observadores. Isto é, **mães, pais e observadores preencheram a escala ICQ**. Os autores encontraram correlações (feitas com base em "scores" factoriais) moderadas (.61) entre as avaliações feitas pela mãe e pelo pai. As correlações entre as avaliações da mãe ou do pai com as dos observadores no factor Difícil/Chorão eram baixas (respectivamente .34 e .40).

Porque é que existe uma limitada convergência entre os resultados na escala preenchida pela mãe (ou pai) e os resultados na mesma escala preenchida por observadores? Bates, Freeland e Lounsbury, (1979) avançam algumas hipóteses: 1) Os observadores não viram o suficiente do comportamento da criança para que as suas observações possam ser comparáveis ao conhecimento que a mãe tem da criança; 2) Erros de medição 3) As variáveis de observação não terem em conta pistas comportamentais usadas pelas mães nas suas avaliações, 4) As mães terem uma base de comparação restrita por não conhecerem outras crianças (ou um número razoável de outras crianças). Na revisão feita sobre os métodos de medição em 1987, Bates (1987) acrescenta outros aspectos: 5) A interpretação dos itens feita pelos observadores e pelos pais ser diferente 6) Haver um enviesamento na percepção dos pais tal como tentar descrever a criança de modo socialmente aceitável (Bates & Bayles, 1984, Goldsmith & Campos, 1982); Outros exemplos de enviezamentos podiam ser acrescentados; as auto-avaliações de ansiedade das mães tendem a estar ligeiramente correlacionadas com uma percepção negativa do temperamento da criança (Bates & Bayles, 1984; Sameroff, Seifer & Elias, 1982; Vaughn, Bradley et al., 1987), o que leva a concluir que as características dos pais podem influenciar, em parte, as percepções de temperamento que têm da criança.

Analisemos o significado da primeira afirmação (grau de conhecimento diferente) do autor. Isto significa que os observadores poderiam ter, eventualmente, uma percepção diferente se lhes fosse dado a oportunidade de fazer uma observação mais extensa do que

a que fizeram (no estudo de Bates, Freeland & Lounsbury, 1979, duas observações de 3 horas feitas com alguns dias de intervalo quando as crianças tinham 5-6 meses). Ao mesmo tempo significa que o comportamento da criança nos momentos de observação não foi "típico", ou não caracterizou todas as manifestações, ou intensidades que se poderiam encontrar na criança. A nossa experiência mostra-nos que algumas mães fazem afirmações concordantes com esta ideia, por exemplo: "sim, mas ele geralmente não é assim" ou "isto não é nada, às vezes chora muito mais". Os resultados do estudo de Bates, Freeland e Lounsbury, (1979), também permitem a mesma interpretação, já que a estabilidade do comportamento entre os dois dias de observação era apenas entre baixa e moderada. A observação mais extensa que as mães fazem pode proporcionar-lhes uma "média" de comportamento menos dependente de observações esporádicas. No entanto, mesmo usando medidas agregadas de 8 semanas de observação foi encontrada pouca evidência de correspondência entre os resultados de observação e os relatos das mães em 4 questionários diferentes (Seifer, Sameroff et al., 1994). A observação mais extensa que as mães fazem pode proporcionar-lhes também a observação de alguns exemplos de comportamento atípico na criança que por serem raros não são observados pelos observadores mas que também são tidos em conta na opinião que as mães formam. (Este último aspecto, relaciona-se também com a 3ª explicação - utilização de pistas diferentes - avançada por Bates). Em todo o caso, Field e Greenberg (1982) revelam que a convergência entre as avaliações feitas pelos pais e pelos educadores das crianças que estavam com eles durante todo o dia, não eram mais altas que as habitualmente encontradas entre pais e observadores. Por último, a quarta explicação avançada por Bates, (falta de conhecimentos de outras crianças), também merece ser investigada. Na nossa experiência algumas mães referiram espontaneamente ter alguma dificuldade em dizer se as suas crianças faziam isto ou aquilo mais ou menos do que a maioria das crianças por não conhecerem outras crianças. No entanto estes casos eram a excepção e não a regra o que significa que as mães tem uma representação sobre o que é a criança "média" ou o que faz "a maioria das crianças" que é pouco questionada.

Mesmo quando os observadores preenchem itens comportamentais delineados a partir dos questionários de temperamento a correlação entre as avaliações dos observadores e da mãe é apenas moderada como no caso do estudo de Bornstein, Gaughran e Segui (1991) em que usaram o Infant Temperament Measure.

Miller (1995) fornece uma pista para se saber se as avaliações dos pais são enviesadas. Se os pais tendem a fazer uma avaliação que favorece os filhos, então, as suas atribuições deviam ser mais positivas do que as de outros avaliadores. É sabido que a familiaridade e empatia para com o alvo enviesam as atribuições na direcção positiva (Dix, 1992).

Que significado poderá ter a moderada (.60) convergência entre a percepção da mãe e do pai? Para Bates uma das possíveis explicações poderá residir no facto dos maridos basearem as suas avaliações nas opiniões das mulheres (Bates, Freeland & Lounsbury, 1979). De facto, a avaliação deles pode ser baseada naquilo que as mães comentam sobre o bebé na presença do pai. Este argumento é confirmado por Wolke e St. James-Roberts (1986).

Se perguntarmos porque é que a convergência entre os pais é maior do que a encontrada entre a mãe e o observador a justificação mais provável é a mãe e o pai terem um "background" de observação mais semelhante entre si do que o da mãe e observador. Se, por outro lado, perguntarmos porque é que as avaliações da mãe e do pai não são ainda mais convergentes, então a resposta pode estar não só na diferença nesse "background" de observação, ainda assim a mãe tem habitualmente mais contacto com a criança, como na experiência de um e de outro, i. e., "cuidar de" proporciona provavelmente uma percepção diferente da obtida por uma pessoa que ouve, vê, convive, etc., mas não tem a responsabilidade dos cuidados diários, como ainda em aspectos subjectivos comuns como os que influenciam dois quaisquer observadores. A este propósito seria interessante verificar se os pais que têm maior participação nos cuidados prestados à

criança têm uma percepção mais semelhante à das suas esposas do que os pais que participam menos nos cuidados à criança.

Bates usou também a **observação directa de comportamentos específicos** como meio de comparação com as medidas obtidas por preenchimento das suas escalas pelas mães. As observações incluíam entre outras medidas a frequência de choro, avaliações subjectivas sobre a intensidade do choro, a frequência do sorriso, das vocalizações positivas, resposta negativa ao ser-lhe mudada a fralda, e o tempo que a criança levava a acalmar-se após intervenção da mãe, etc. Foi feita uma análise factorial com estes itens e encontrados 3 factores. Dois dos factores, "Choramingar" e "Dificuldade em se acalmar" tinham correlações baixas com o Factor "Chorão/difícil" resultante da avaliação da mãe. Bates (1987) concluiu que a quantidade de choro é central na definição de temperamento difícil através do ICQ (Infant Characteristics Questionnaire), uma vez que existem correlações baixas mas replicáveis das avaliações das mães com os itens de choro/rabugice obtidos por observação directa (Bates, Freeland & Lounsbury, 1979; Bates, Olson et al. 1982; Pettit & Bates, 1984).

No estudo de Crockenberg (1987) o tempo que a mãe demorava a acalmar a criança aos 3 meses estava correlacionada (r =.39) com a dimensão Chorão/Difícil da escala de Bates.

Outro tipo de informação sobre a componente objectiva da medida de temperamento difícil diz respeito às qualidades do choro do bebé independentemente da sua frequência. Com base na percepção de dificuldade de acordo com a mãe, Lounsbury e Bates (1982) seleccionaram exemplos de três tipos de crianças, difíceis, médias e fáceis, e gravaram amostras dos seus choros de fome. Um grupo de mães ouviu estas gravações e avaliou como mais irritante e mimado o choro das crianças difíceis. Os espectogramas dos choros também revelavam aspectos diferentes nestes três grupos. O choro das crianças difíceis tinha pausas mais longas entre os sons de choro e os volumes mais altos tinham

picos mais altos (made higher-pitched sounds at volume peaks). Boukydis e Burgess (1982) chegaram aos mesmos resultados e também mostraram que as avaliações eram acompanhadas por activação (arousal) psicofisiológica nos adultos que ouviam os choros. Estudos mais recentes confirmam a relação entre as características acústicas do choro e a percepção de temperamento (Gustafson & Green, 1989; Lester & Boukydis, 1992 citado em Huffman, Bryan, Pedersen, Lester, Newman, & Carmen, 1994; Zeskind & Marshall, 1988). Além disso, Huffman, Bryan et al. (1994) mostraram que as diferenças individuais em dois dos parâmetros acústicos, duração e frequência fundamental, são estáveis durante as 12 primeiras semanas de vida, e a frequência fundamental é a característica acústica mais perceptiva do choro.

Deste modo, os resultados de Bates e colaboradores (Bates, Freeland & Lounsbury, 1979; Lounsbury e Bates, 1982) sugerem que a percepção de dificuldade é determinada em parte por componentes objectivos como a frequência e intensidade do choro e rabugice. Mas ao mesmo tempo as baixas correlações levam Bates a concluir que as avaliações da mãe não podem ser vistas como um substituto das observações directas (Bates, Freeland & Lounsbury, 1979).

No entanto, existem outros aspectos para além do choro que determinam a percepção de dificuldade. A percepção de exigência, sensação de que a criança exige mais atenção e estimulação e se entretém pouco sozinha é outro aspecto que determina a sensação de dificuldade (Bates, 1987). Esta relação foi encontrada no estudo de Bates, Olson et al. 1982.

Estes estudos revelam a preocupação de Bates em validar a sua escala de temperamento. A observação directa de itens de choro serviram como um meio de validar a sua escala de temperamento, nomeadamente da subescala Chorão/Difícil. Enquanto para Carey (1983) e Thomas, Chess e Korn, (1982) os relatos dos pais são informações válidas das características da criança, e para Vaughn, Taraldson et al. (1981) reflectem atributos dos

pais e não das crianças, para Bates (1980) a informação obtida nas escalas de temperamento preenchidas pelos pais devem ser encaradas como uma percepção social e incluem um componente objectivo, um componente subjectivo e um erro de medição (Bates & Bayles, 1984).

Para Wolke e St. James-Roberts (1986) insistir na ideia de que existe uma componente objectiva (os relatos dos investigadores) e outra subjectiva (os relatos dos pais) tem sido mais prejudicial do que benéfico porque impediu que se compreendesse que os relatos dos pais e dos investigadores são ambos percepções sociais. Medir o temperamento através de uma escala de avaliação envolve uma cognição por parte do observador, envolve processar informação. As percepções sociais são inferências activas das propriedades psicológicas (dos outros) feitas a partir de várias pistas que são pesadas numa sequência de processamento de informação complexa de modo a formar uma impressão ou representação cognitiva. Esta percepção social tem, segundo Wolke e St. James-Roberts (1986) algumas características: 1) constitui uma simplificação, o temperamento constitui um constructo psicológico, uma abstracção, representa uma súmula, simplificação ou categorização que os pais fazem a partir de um conjunto vasto e complexo de comportamentos que a criança apresenta em diversas situações e ao longo do tempo; 2) não deve ser equacionada como projecção enviesada por parte dos pais; 3) como percepção social este temperamento não pertence nem à criança, (não é uma característica da criança) nem à mãe, mas é algo que está entre elas.

St. James-Roberts e Wolke acentuam a ideia de que os processos pelos quais os pais abstraem características de temperamento da criança ainda não foram estudados e que correlacionar os relatos de temperamento dos filhos que os pais fazem com as suas características de personalidade (Sameroff, Seifer & Elias, 1982) não chega para conhecer esses processos (St. James-Roberts & Wolke, 1986; Wolke & St. James-Roberts, 1986). Na tentativa de conhecer os processos St. JamesRoberts e Wolke fazem uma investigação sobre o comportamento difícil, (choramingar, choro, incapacidade para

se acalmar e organização pobre do comportamento) no período neonatal e às sete semanas utilizando um vasto conjunto de medidas incluindo uma entrevista para saber a que é que a mãe atribuiu um exemplo específico de choro da criança, que escolhas de acção a mãe anteviu, como é que ela de facto actuou, que resultados obteve e as atribuições que fez para esse resultado. Uma das principais conclusões do estudo é que na sua percepção as mães "impõem" maior consistência ao comportamento da criança do que aquela que pode ser vista através de outros métodos (St. James-Roberts & Wolke, 1986). Esta conclusão é retirada do facto de, independentemente do método usado para recolher a informação, a convergência entre as várias medidas da mãe ser entre moderada (.40) e alta (.80), ao passo que a convergência entre as medidas das mães com as de outros avaliadores ser apenas baixa (entre .30 e .40); "mothers are systematic, internally reliable data sources" (Wolke & St. JamesRoberts, 1986). Entre outros resultados os autores verificaram que as mães que atribuíam o facto do bebé parar de chorar durante uma refeição na primeira semana de vida ao facto de a criança ser habitualmente fácil de acalmar, que intervinham mais rapidamente quando o bebé chorava e que precisavam de prestar pouca estimulação táctil e vocal, tendiam a achar as suas crianças "fáceis" às 7 semanas. Os pais tendiam a achar as crianças fáceis às 7 semanas quando na primeira semana de vida os bebés faziam poucas refeições por noite, tinham uma esposa com confiança nas suas capacidades maternais e que intervinha prontamente quando o bebé chorava. Os autores concluem que as opiniões dos pais reflectem não as características dos recém-nascidos, mas o bem estar das esposas, as descrições que elas fazem dos bebés e as suas atribuições precoces. St. James-Roberts e Wolke (1986) defendem que cada vez existe mais evidência (Hagekull & Bohlin, 1986; Klein, 1984; Wolke & St JamesRoberts, 1986; Vaughn, Bradley et al., 1987; Zeanah, Keener, & Anders, 1986) de que as mães abordam os seus recém-nascidos com expectativas e disposições perceptuais que influenciam as suas percepções dos filhos e o seu comportamento em relação a eles. "Dada a elevada instabilidade no comportamento do recém nascido, não seria surpresa se essas pré-concepções jogassem um papel preponderante nas representações que as mães formam das características dos seus

bebés... as avaliações das mães compreendem um componente Atribucional significativo assim como um componente do comportamento da criança" (St James-Roberts & Wolke, 1986).

Vejamos alguns exemplos de estudos que abordam a questão da validade dos relatos dos pais como medidas de temperamento da criança. Vários deles (Bates, Freeland & Lounsbury, 1979; Crockenberg & Acredolo, 1983; Hagekull & Bohlin, 1986; Sameroff, Seifer et al., 1982) revelam que as avaliações de temperamento feitas pelos pais estão mais relacionadas com o seu próprio comportamento ou características do que com o comportamento da criança.

No estudo Bates, Freeland e Lounsbury, (1979) características de personalidade como a extroversão, o Estatuto Socio-Económico e se a criança era primeiro ou segundo filho, prediziam melhor as avaliações das mães (subescala Chorão/Difícil) do que o comportamento da criança (choro). Traços negativos de personalidade, de mães primíparas, também foram encontrados relacionados com o temperamento da criança no estudo de Fish e Stifter (1993). No entanto, no estudo de Washington e Minde e Goldberg (1987) o Estatuto Socio-Económiconão estava associado às avaliações parentais do temperamento infantil.

No estudo de Crockenberg e Acredolo (1983) as avaliações do temperamento aos 3 meses no IBQ (Rothbart, 1981) estão relacionadas de modo consistente com o comportamento da mãe no 1° e 3° meses. Os autores avançam duas explicações: primeiro, poderá haver outros factores para além das características da criança que justifiquem esta relação. Por exemplo, uma mãe que esteja particularmente satisfeita e optimista com a sua criança tem mais probabilidades, por uma lado, de avaliar a sua criança como sorridente (mesmo que ela não o seja particularmente), e por outro lado, sorrir mais para a criança. Segunda explicação, a mãe pode moldar as características da criança e depois avaliá-las correctamente. A autora considera que esta explicação é mais

consistente com os dados uma vez que o comportamento da mãe no 1° mês prediz melhor as avaliações de temperamento no IBQ aos 3 meses do que o comportamento da mãe aos 3 meses. Quanto a nós parece-nos que esta 2ª hipótese, para poder ser confirmada, exigia que o comportamento da mãe no 1° mês previsse ou estivesse relacionado (moldasse) com o comportamento da criança aos 3 meses e que, por outro lado, o comportamento da criança aos 3 meses estivesse associado à avaliação que a mãe faz no IBQ aos 3 meses (avaliação correcta). Os autores não nos dão informação sobre o primeiro aspecto e a própria autora refere não se confirmar o segundo aspecto.

No estudo de Hagekull e Bohlin (1986) os comportamentos evidenciados pelas mães na interacção em casa com as suas crianças (15 meses) não eram preditas pelo comportamento evidenciado pela criança durante a observação mas estavam mais relacionadas com a avaliação de temperamento - uma ideia geral que a mãe tinha sobre o humor, persistência e concentração da criança. Para estes autores, as avaliações das mães, independentemente da sua origem, podem ser preditores importantes do comportamento da mãe por representarem a perspectiva consciente que as mães têm da sua criança e porque é de esperar que as mães ajam de acordo com as suas ideias.

No estudo de Klein (1984), as avaliações de Distractibilidade (ITQ, Carey e McDevitt, 1978) aos 6 meses estavam moderadamente correlacionadas (.54). com respostas contingentes ao "distress". Isto é, as mães que respondiam de modo mais contingente ao choro/desconforto (distress) do bebé avaliavam-nos como mais fáceis de consolar (recordamos que grande parte dos itens de distractibilidade são itens sobre a facilidade com que se acalma a criança).

Sameroff, Seifer e Elias, (1982) verificaram que o comportamento da criança não predizia as avaliações de temperamento no ITQ aos 4 meses mesmo quando as variáveis maternais eram controladas. O estatuto social das mães, ansiedade e saúde mental das mães estavam mais relacionados com as avaliações de temperamento do que o

comportamento da criança. Estes resultados levam os autores a considerar que em face do comportamento lábil do bebé as respostas dos pais aos questionários devem reflectir mais a estabilidade das suas atribuições do que a instabilidade do comportamento da criança. Acrescentam que seria de esperar que as projecções das pessoas de menor saúde mental ou E.S.E. mais baixo sejam enviesadas no sentido negativo. Por outro lado, descobrir que as avaliações de temperamento reflectem características das mães não significa que não tenham valor, a longo prazo as percepções dos pais podem ter maior impacto no desenvolvimento da criança do que o temperamento real da criança.

Alguns estudos chegaram mesmo a verificar que algumas características que as mães revelavam no período da gravidez prediziam melhor a avaliação de temperamento que elas fazem do bebé depois deste nascer do que o próprio comportamento evidenciado pela criança.

Zeanah abordou a polémica sobre se os questionários que avaliam a percepção de temperamento dos pais são medidas válidas de características próprias da criança (Zeanah, Keener, & Anders, 1986). Fez uma aplicação do ITQ (Carey & McDevitt, 1978) no período pré-parto. Para isso foram feitas algumas modificações nas instruções, era pedido aos pais para responderem aos itens indicando com que frequência eles imaginavam que o comportamento das suas crianças ia ser como o descrito em cada item. Foram feitas também aplicações no 1° e 6° meses, (no pré-parto e 1 mês não puderam ser utilizadas todas as escalas). Verificaram que a percepção pré-natal estava associada à percepção aos 6 meses. Isto leva o autor a concluir da existência dum componente subjectivo na avaliação; a subjectividade na avaliação de temperamento está patente na estabilidade temporal do temperamento (ou percepção de temperamento) que se desenvolveu num momento em que a mãe dispunha apenas de informações limitadas e ambíguas sobre a criança (Zeanah, Keener, & Anders, 1986). Por outro lado, aos 6 meses a investigação revela que as avaliações de temperamento eram baseadas em parte no comportamento da criança, os bebés avaliados como difíceis pelas mães mostravam

ser menos responsivos para as mães (r=-.58; avaliações feitas pelos observadores). Como curiosidade acrescente-se que as mães que referiram que o parto tinha corrido de modo diferente do que tinham esperado modificavam com mais probabilidade a sua percepção do pré-parto para o 1° mês.

Para Vaughn, Bradley et al., (1987) as mães avaliadas no pré-parto como ansiosas, desconfiadas, irritadas e impulsivas tendem a descrever os seus bebés (4 e 6 meses) como difíceis quando respondem ao ITQ-R (Carey & McDevitt, 1978). (Neste estudo os resultados do BDI de Beck aos 6 e 12 meses mostravam uma diferença significativa entre os bebés fáceis e os difíceis. As mães dos primeiros tinham valores de cotação mais baixos no BDI). Estes resultados levam o autor a concluir que as características das mães podiam ser consideradas a principal fonte das diferenças individuais no temperamento das crianças em vez de características endógenas dos próprios bebés (Vaughn, Bradley et al., 1987).

Este tipo de resultados foram encontrados para o questionário ICQ. Diener, Goldstein e Mangelsdorf (1995) aplicaram vários questionários de humor e ansiedade no período pré-parto e aos 3 meses e as expectativas pré-natais sobre o comportamento do bebé (através duma versão modificada do ICQ). O temperamento foi avaliado por observadores e pelas mães. Verificou-se que o temperamento avaliado pelos observadores tinha uma correlação modesta com as avaliações de temperamento feitas pelos pais. O melhor preditor das avaliações de temperamento feitas pelos pais aos 3 meses eram as suas expectativas pré-natais. No estudo de Mebert (1991) a depressão e ansiedade do pai e da mãe e temperamento (ICQ) da criança foram avaliadas durante a gravidez e aos 3,5 meses pós-parto. O melhor preditor do temperamento aos 3 meses era a avaliação do temperamento (feita em termos de expectativa) feita no período pré-parto. A ansiedade e depressão também estavam significativamente correlacionadas com o temperamento.

No estudo de Frodi, Bridges e Shonk (1989) as atitudes educativas e respostas psicofisiológicas ao som do choro de bebés avaliadas antes do parto estavam relacionadas com as avaliações maternais de temperamento aos 4 meses. Para os autores um padrão diferencial de resposta das mães dos bebés "fáceis" e "difíceis", que influencia a vinculação mãe-criança, pode em parte originar-se em disposições maternais existentes antes do parto.

Em **síntese**, é discutida a relação entre a percepção de temperamento que a mãe tem e o comportamento da criança. Para Bates as avaliações feitas pelas mães são medidas válidas do temperamento da criança uma vez que existem correlações baixas mas replicáveis das avaliações das mães tanto com os itens de choro/rabugice obtidos por observação directa como com as avaliações das escalas preenchidas por observadores (Bates, Freeland, & Lounsbury, 1979; Bates, Olson et al. 1982; Pettit & Bates, 1984).

Para Wolke e St James-Roberts o temperamento, enquanto avaliação pelos pais, é um exemplo de percepção social, e é uma simplificação; os pais têm uma representação da criança que "aplicam aos instrumentos" dando origem a uma ideia de consistência nas características da criança que não é possível observar por outras formas de recolha dos dados diferentes dos relatos dos pais; por último, estas percepções sociais podem ser construídas com base tanto no comportamento observado como nas percepções e atribuições precoces que a mãe faz para além das expectativas pessoais ou em opiniões que os outros têm sobre a criança.

Tanto Bates como St. James-Roberts e Wolke consideram as avaliações feitas pelos pais como percepções sociais mas enquanto Bates prefere insistir que estas avaliações têm 3 componentes, objectivo, subjectivo e erro de medida ou psicométrico, e que, portanto

em certa medida, avaliam características da criança, St. James-Roberts e Wolke preferem enfatizar a falta de conhecimento que existe sobre os processos utilizados pelos pais nessa percepção.

A maioria dos estudos revistos revelam que as avaliações de temperamento feitas pelos pais estão mais relacionadas com o seu próprio comportamento ou características do que com o comportamento da criança. Isto acontece para os vários instrumentos de temperamento incluindo o ICQ (Bates, Freeland, & Lounsbury, 1979). Em suma, o temperamento, enquanto avaliação feita pelos pais, é uma **percepção social**, não pertence à criança nem aos pais, é uma "percepção" de temperamento.

Em suma, na nossa opinião os dados levam-nos a concluir que o comportamento da criança e a percepção que a mãe tem da criança são aspectos distintos. Deveríamos falar claramente de percepção de temperamento quando em presença das descrições dos pais e de temperamento no caso das descrições avaliações ou registos feitos a partir de observações directas ou outros processos. Consideramos que tem sido um erro a maioria dos investigadores não distinguir os dois aspectos e retirar conclusões a partir de um conjunto de estudos que usaram um ou outro processo.

Finalmente, o facto das percepções de temperamento reflectirem em parte características das mães, não significa que não tenham valor porque podem ser preditores importantes do comportamento da mãe por representarem a perspectiva que a mãe tem da sua criança e é de esperar que as mães ajam de acordo com as suas ideias. Por outro lado, a longo prazo as percepções dos pais podem, eventualmente, ter maior impacto no desenvolvimento da criança do que o temperamento da criança.

(10) PERCEPÇÃO DE TEMPERAMENTO VERSUS PERCEPÇÃO SOCIAL

Uma vez aceite, de acordo com St James Roberts e Wolke, que o temperamento enquanto avaliação feita pelos pais é uma percepção social, então justifica-se analisar em que medida as várias teorias da percepção e atribuição interpessoal podem contribuir para percebermos melhor a percepção de temperamento infantil e em particular o caso específico do temperamento Difícil e Chorão.

A percepção social implica perceber ou conhecer o que os outros são, o que fazem e porque o fazem (Jones, 1990). Grande parte deste conhecimento passa pela observação do outro como actor e da interpretação que é feita dos seus comportamentos. Perceber os outros é sinónimo de dar sentido aos seus comportamentos, e esta actividade habitualmente envolve encontrar a causa ou causas desses comportamentos. O sujeito que percepciona começa por adquirir alguma compreensão do que o actor estava a tentar alcançar para passar rapidamente a considerar quais serão os motivos do actor. Estes motivos sugerem traços, valores, crenças ou atitudes estáveis? Isto é, muitas vezes o sujeito que percepciona procura encontrar causas apropriadas nas características do actor, disposições que justifiquem porque é que o actor se comportou desta ou daquela maneira.

Vamos agora analisar em que medida as várias teorias da percepção e atribuição interpessoal podem contribuir para percebermos melhor a percepção do temperamento infantil no caso específico do temperamento Difícil e Chorão.

Comecemos pela teoria de Heider (1991). Os dois aspectos fundamentais da teoria de Heider são, por um lado, afirmar que perceber o comportamento do actor é perceber as causas desse comportamento, por outro lado, identificar dois elementos que são tidos em conta na atribuição causal - o sujeito e o meio. Aquele que percebe infere ou não

intencionalidade através do peso que atribui às características pessoais ou às circunstâncias do meio.

Os pais vêem-se com frequência em situações típicas da teoria da atribuição, em que tentam compreender o que se passou, (porque é que a minha criança está a chorar?, porque é que ele não arrumou o quarto?, porque é que teve uma nota tão baixa? (Miller, 1995)

Vejamos um exemplo, A Isabel, um bebé de três meses começa a chorar. Após várias tentativas para a acalmar ela recomeça sempre a chorar. A que é que a mãe atribui o comportamento da criança? De acordo com a teoria de Heider a mãe tenderá a considerar dois aspectos: as características da criança e as circunstâncias do meio. Este é um aspecto essencial, que vai ser comum a todas as teorias mas que só por si não nos dá grande informação.

Uma extensa análise da situação de choro justifica-se por ser um aspecto central do temperamento difícil, em especial na escala de Bates, Freeland et al. (1979).

Passemos agora ao modelo de Jones (1990) sobre a teoria da inferência por correspondência. Na teoria de Jones a atribuição de intencionalidade e/ou disposições está dependente da informação que o comportamento do actor fornece. O comportamento é informativo na medida em que é visto como envolvendo uma escolha entre alternativas. E por outro lado é informativo na medida em que produz uma ou mais consequências entre outras possíveis.

Uma inferência correspondente é aquela em que o sujeito que percebe dá à acção do actor um valor facial; é uma extrapolação directa do comportamento observado (Jones & Davies, 1965, citado em Jones, 1990). O comportamento é visto como correspondendo

ou reflectindo uma disposição subjacente do actor, e as consequências da acção não são vistas apenas como intencionais mas também como uma característica representativa do sujeito, caracterizam o actor como pessoa. O sujeito que faz uma inferência correspondente essencialmente aplica o mesmo rótulo à acção e à disposição, por exemplo, dizer que alguém é hostil (disposição) quando o viu tomar uma atitude hostil (acção). Vejamos alguns exemplos de inferências correspondentes: Por exemplo, "a Isabel está a chorar ... é chorona", "o Pedro entornou o copo, é desastrado"; e alguns exemplos de inferências não correspondentes, " o Pedro entornou o copo ... acontece, foi um acidente"; "a Isabel está a chorar ... deve estar com fome", como alternativa a mãe poderia dizer ou pensar, "... já lhe passa, os bebés são mesmo assim" ou "... faz sempre uma birrinha a esta hora", ou "está a chorar...porque eu não sou boa mãe".

Quando o actor tem várias possibilidades à sua escolha e opta por um comportamento que ninguém esperaria isso aumenta as probabilidades de se fazerem atribuições ao sujeito. Se, por outro lado, o comportamento seleccionado só pode ter uma única consequência então, este aspecto, combinado com o anterior proporcionam a máxima informação possível sobre o actor e levam-nos a inferir que aquele acto foi intencional e caracteriza o actor como pessoa (inferência correspondente).

Voltemos ao exemplo do choro. A inferência correspondente é intrigante, ninguém estaria à espera, e clara nas suas consequências, só produz um efeito. Nesta perspectiva conclui-se que para uma mãe achar o bebé chorão quando ele chora é necessário que ela ache que a maioria (ou pelo menos nem todos os bebés) não choraria nas mesmas circunstâncias (baixa probabilidade antecipada) e que considere que existe apenas uma consequência para o choro. Qual?

Jones (1990) diz-nos que um comportamento é informativo na medida em que é visto como envolvendo uma escolha entre alternativas. É discutível se o choro da Isabel é uma escolha mas analisemos por enquanto as alternativas. Quais são as alternativas ao choro

da Isabel, bebé de 3 meses? Estar calada, esbracejar, sorrir e palrar. E quais são as consequências? Em 1° lugar, elas são sobre o próprio sujeito que percebe e não apenas sobre terceiros. A mãe é ao mesmo tempo o observador e "percebedor" da acção da criança, e o principal elemento sobre quem recaem as consequências da acção da criança. A maioria das teorias sobre a percepção social centram-se sobre a interpretação feita pelo observador das acções do actor. Têm em conta as alternativas que o actor tinha à sua disposição e as consequências que a acção produz sobre terceiros. No entanto, a possibilidade do observador ser ao mesmo tempo o principal recipiente das consequências da acção são pouco exploradas. No presente estudo interessa-nos muito a relação entre as consequências da acção e a percepção interpessoal. No entanto começamos por constatar que no modelo de Jones o observador que identifica as consequências da acção do actor e em função disso o caracteriza, é um observador "neutro", isto é, que não influenciou o agente e que não é influenciado por ele, trata-se de um observador independente. Ora, no caso do choro da criança e percepção da mãe ficamos com a sensação que ela "sofre" primeiro as consequências do choro e depois é que avalia a criança; isto leva-nos a pensar que ela poderá avaliar a criança sob o efeito das consequências do choro. Seja como for, de acordo com as previsões da teoria a atribuição disposicional seria máxima se o choro, ou o facto de não se calar, fosse um comportamento que poucas crianças apresentariam naquela situação (baixa probabilidade antecipada) e se o choro só tivesse uma consequência (elevada clareza). Resta saber qual é que podia ser essa consequência única.

A teoria da inferência por analogia é um modelo que representa um racional em relação ao qual se pode avaliar os enviezamentos que as pessoas fazem nas suas atribuições. A teoria sugere como é que as pessoas deviam idealmente comportar-se, se tivessem tempo e recursos cognitivos suficientes. O modelo é útil porque permite perceber, em muitas ocasiões, como é que as pessoas fazem atribuições mas também ajuda a identificar em que é que erraram ao fazer a atribuição (Jones, 1990). Significa que as previsões da teoria por vezes errariam porque as pessoas tendem a fazer viéses. No exemplo da Isabel

de 3 meses que chora imaginamos que, se os pais acharem que a maioria das crianças naquela situação não choraria, e por outro lado, se só virem uma consequência e essa consequência for, por exemplo, a criança querer fazê-los perder a paciência, este tipo de enviesamento poderá produzir consequências consideráveis sobre o afecto da mãe.

Analisemos agora o modelo da covariância de Kelly (1967). De acordo com Kelly o comportamento é atribuído, determinado, pela natureza da situação ou reflecte predilecções do actor (pessoa). Quanto mais se atribui a um menos se atribui ao outro e um ou o outro tipo de atribuição depende de 3 condições: distintividade, consenso e consistência (Kelly, 1971). Existe elevada distintividade se o actor só tem aquela reacção perante esta pessoa, entidade ou situação; existe elevado consenso se os outros também reagem da mesma maneira perante aquela pessoa, entidade ou situação; finalmente existe elevada consistência quando perante aquela pessoa, entidade ou situação o actor reage sempre daquela maneira.

Vejamos cada uma das combinações do modelo para o exemplo do choro da Isabel.

Distintividade	**Consenso**	**Atribuição**
1 Nunca chora, só a seguir ao banho	mas todos os bebés chorariam nesta situação	Entidade
2 Chora por tudo e por nada, tanto a seguir ao banho como...	só ele é que chora nesta situação	Pessoa
3 Nunca chora, só a seguir ao banho	só ele é que chora nesta situação	Pessoa x Entidade
4 Chora por tudo e por nada, tanto a seguir ao banho como...	todos os bebés chorariam	Pessoa + Entidade

De acordo com esta teoria prevê-se que a mãe ache que o bebé que em determinada ocasião esteja a chorar é chorão se: Achar que ele chora por tudo e por nada (baixa distintividade) e se ao mesmo tempo achar que os outros bebés nas mesmas circunstâncias, pelo menos bastantes deles, não chorariam (baixo consenso).

O interesse desta teoria está em mostrar-nos que são necessários dois tipos de comparação: Do comportamento actual do actor com o seu comportamento passado na mesma e outras situações (comparação intraindividual - para determinar o grau de distintividade e de consistência); e do actor com outros sujeitos (normativa - para determinar o grau de consenso).

Em relação ao choro, isto significa que a mãe compara o comportamento actual da criança com o seu comportamento passado e na falta de conhecimento de outros bebés a mãe pode comparar o bebé com o que lhe dizem que os outros bebés fazem ou com o que ela espera que os bebés façam.

Sublinhemos que existe bastante desacordo entre os teóricos da atribuição sobre a importância das três dimensões descritas anteriormente. Estamos conscientes da diferença entre uma explicação causal e uma atribuição disposicional. Na explicação causal o que está em causa é saber porque é que determinado acontecimento ocorreu (p. ex. porque é que a criança está a chorar?) e dizemos que o acontecimento está explicado quando o vemos como tendo sido produzido por uma pessoa ou situação. A atribuição disposicional é uma forma de actualização de uma crença por meio da qual nós aprendemos mais acerca das características gerais de uma pessoa (Hilton, Smith, & Kim 1995) e atribuímos uma característica a uma pessoa ou situação (p. ex. é uma criança chorona). Hilton considera que a explicação causal e atribuição de disposições se

baseiam em análises diferentes (Hilton, Smith, & Kim 1995). Enquanto a explicação causal pode ser encontrada através de informação de baixo **consenso** (comparação desta criança com outras naquela situação, p. ex. só ele chora quando o tiram do banho), a atribuição de disposições exige uma informação de baixa **distintividade** (comparação desta criança com ela própria noutras situações, p. ex. tanto chora quando a tiram do banho como noutra situação qualquer). Enquanto o primeiro exemplo nos diz que o problema deve ser da criança e não do banho, portanto a explicação reside na pessoa, não nos permite dizer se a criança é chorona. O segundo exemplo leva-nos a pensar que o problema é da criança e não do banho mas que além disso a criança parece ter uma disposição para chorar, é chorona.

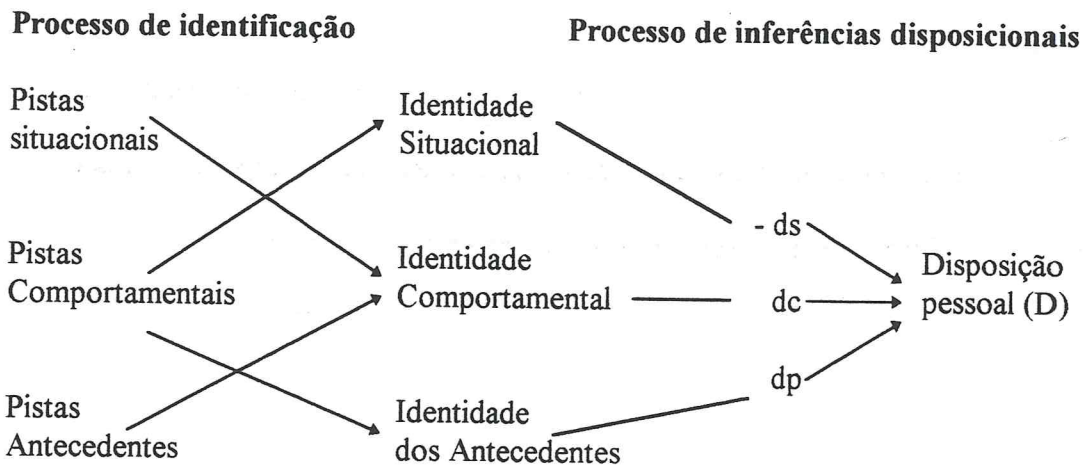
Passemos agora por fim ao modelo de atribuições disposicionais de Trope (1986). Trope constrói uma teoria que considera o processo perceptivo (ou de identificação) como distinto e precedendo o processo inferencial ou atributivo (de inferências disposicionais), (Trope, 1986).

Trope preocupou-se sobretudo com a atribuição de características disposicionais aos outros. Parte do princípio que o sujeito que percebe trabalha com três fontes de informação: o comportamento; a situação e os antecedentes (priors). O sujeito que percebe atribui um significado em função da interacção daqueles três aspectos. Um dos argumentos importantes é que estas categorias servem de contexto umas às outras.

Por exemplo, o comportamento tem mais probabilidade de ser interpretado como amigável se ocorrer numa situação em que as pessoas são geralmente amigáveis. Os antecedentes também podem servir como contexto; se a pessoa alvo é amigável, (conhecimento prévio que temos dela) teremos mais tendência a decidir que um comportamento ambíguo que ela apresente é um comportamento amigável. Assimilamos o comportamento às nossas expectativas sobre o que era mais provável de acontecer. O

próprio comportamento pode servir de contexto para ajudar a estabelecer o significado da situação e das pistas antecedentes. Quando vemos o jogador de futebol a chorar no fim de um jogo que perdeu inferimos que era um jogo importante. E quando vemos alguém que pensávamos ser uma pessoa sisuda, a rir-se com algo que não é particularmente hilariante, poderemos rever os nossos pressupostos anteriores. Portanto, em suma, as pistas menos ambíguas proporcionam o contexto para compreender o significado das pistas mais ambíguas. Se a situação é mais clara que o comportamento, a situação molda a percepção do comportamento mais do que o inverso. Se o comportamento é claro e a situação incerta o comportamento molda o significado da situação. A combinação destes três tipos de identificações são a primeira etapa e constituem o ponto de partida para a segunda etapa do modelo: O processo de inferência disposicional. Neste processo a atribuição disposicional (D) está relacionada positivamente com a identificação do comportamento e dos antecedentes e negativamente com a identificação da situação. O comportamento identificado como, por exemplo, amigável dá origem a uma atribuição do tipo " é uma pessoa amigável" na medida em que tivermos visto essa pessoa a agir amigavelmente no passado (os antecedentes criam a expectativa de comportamento amigável), e na medida em que não tenhamos identificado esta situação como uma situação que leve qualquer um a comportar-se amigavelmente.

Figura I (1): Modelo de atribuições disposicionais de Trope



Voltemos ao caso da Isabel de 3 meses que está a choramingar. O interessante no choro, ou choramingo, é que ele pode representar vários choros. Choro de fome, de dor, de sede, de mal estar, de sono, etc. Nem sempre é fácil determinar a razão pela qual a criança está a chorar. Portanto o comportamento em si não é claro e a situação (ou os antecedentes) é que moldam o significado do comportamento. Como foi referido anteriormente, se o comportamento não é claro e a situação é clara, a situação molda a percepção do comportamento. Mas provavelmente nalguns casos em que a criança chora nem o comportamento em si nem a situação em si são claros ou dão pistas suficientes. Neste caso as mães podem ser levadas a concentrar-se numa disposição pessoal. Que tipo de informação pode influenciar a mãe a fazer uma atribuição disposicional do tipo " ela é chorona, é difícil"? Vamos supor que a Isabel chora com alguma facilidade (pista sobre os antecedentes?). A mãe com base neste facto já pode vir para esta situação com uma certa expectativa de que ela chore (antecedentes), já achar que ela é um bocado chorona. Este antecedente já serve de contexto para a identificação do comportamento. Entretanto estes choramingos lembram à mãe que ela chorou muito no dia anterior e portanto o comportamento serve de contexto para reforçar a ideia antecedente. Por outro lado a mãe dá-se conta de que foram sair à tarde e que isso pode ter cansado a bebé e que além disso, num dia "normal" ela a esta hora já comeu e já está a dormir (pistas situacionais). A partir daqui é feita a inferência. Se a mãe não der suficiente desconto devido às pistas situacionais ou se elas não lhe ocorrerem vai atribuir uma disposição à criança.

Nos primeiros meses de vida do bebé os antecedentes, moldados possivelmente nas expectativas da mãe, poderão ter mais peso e servir de contexto aos comportamentos e situações, para posteriormente, a relação entre os três aspectos se modificar.

Em conclusão, refira-se que os vários modelos abordam as atribuições para um comportamento concreto mas não explicam como é que o sujeito passa de atribuições específicas a um comportamento a uma percepção estável, ou da atribuição de uma disposição num momento para uma atribuição de disposição estável. Se anteriormente concordámos com St James Roberts e Wolke considerando que a percepção de temperamento é uma percepção social, depois de revistos os modelos sobre a atribuição e percepção social preferimos enfatizar que a percepção de temperamento, tal como ela é avaliada pelos pais quando os pais preenchem um questionário, corresponde mais a uma atribuição disposicional ou percepção estável ou típica que os pais têm sobre a criança do que a uma percepção sobre um comportamento particular porque nessa situação não estão a avaliar um comportamento concreto mas sim a "dizer" ou descrever como a criança é habitualmente. Não estão a dizer porque é que a criança chorou mas se ela habitualmente chora ou rabuja. Em síntese, a percepção de temperamento corresponde, ou está pelo menos mais próxima, da **atribuição de uma disposição** subjacente da criança, uma característica representativa dela, que a caracteriza como pessoa.

CAPÍTULO II

IRRITABILIDADE / IMPACIÊNCIA MATERNA

Este capítulo contêm duas partes distintas. Na primeira, falamos de irritabilidade no sentido geral. Depois de referirmos alguns aspectos históricos é definido o conceito através das principais teorias existentes incluindo a de Spielberger, as teorias cognitivistas, teorias não cognitivistas, teoria neoassociacionista e teorias construtivistas. Na segunda, definimos irritabilidade parental e fazemos a revisão bibliográfica deste tema à luz do modelo de Theodore Dix sobre as emoções dos pais nas suas interacções com os filhos.

Optámos por utilizar a palavra irritabilidade como tradução da palavra inglesa "anger". De acordo com Spielberger "anger" vai desde uma sensação ligeira de contrariedade ou irritação até sentimentos intensos de fúria ou zanga; por outro lado, existe "anger" de traço e "anger" de estado. A tradução portuguesa mais directa da palavra "anger" seria ira, zanga ou fúria, mas não optámos por estes termos por estarem conotados apenas com emoções intensas ou extremas. Assim, a palavra portuguesa que nos parece poder ser aplicada a contextos muito diversos e intensidades de todo o tipo é a palavra irritabilidade. Tanto dizemos "sentia-me ligeiramente irritado" como "ele ficou muito irritado". Por outro lado, tal como Spielberger, tanto usamos a palavra com uma conotação de estado como de traço.

Não existe um acordo sobre a definição de termos como afecto, sentimentos, emoções e humor (Forgas, 1991). Para alguns (Petty, Gleicher, & Baker, 1991) o afecto é usado como uma designação genérica que se refere tanto aos humores como às emoções. Os humores corresponderiam a estados afectivos de baixa intensidade, difusos e relativamente persistentes sem um antecedente causal saliente e com pouco conteúdo cognitivo associado, por exemplo, sentir-se bem ou sentir-se mal, enquanto as emoções seriam mais intensas, de curta duração e habitualmente têm uma causa definida e um conteúdo cognitivo claro, por exemplo, zanga ou medo. Neste revisão de literatura vamos usar indiscriminadamente como sinónimo os termos afecto, emoções ou sentimento reconhecendo no entanto que a irritabilidade maternal e a irritabilidade em

geral tanto podem corresponder a um humor (sinto-me irritada, aborrecida, contrariada) como uma emoção (zanga). Para uma discussão de aspectos linguísticos e o que é ou não é emoção veja-se Johnson-Laird e Oatley, (1989) ou Ortony e Clore, (1989).

1) ASPECTOS HISTÓRICOS

O que entendemos hoje por emoções era, até ao séc. XVIII, designado genericamente por "paixões", pelas quais a personalidade podia ser "aprisionada" (Averill, 1974). A ira ou irritabilidade é talvez o modelo destas paixões, na medida em que obscurece a razão e conduz a actos impulsivos; ficar irritado parece significar perder o controlo de si próprio, ficar à mercê de forças selvagens que devem, em última análise, ser reprimidas (Novaco & Welsh, 1989). Esta perspectiva da irritabilidade como uma paixão que se apodera da personalidade tem origem na Filosofia Clássica. Platão (1982) distinguiu a alma imortal, localizada na cabeça e contendo a razão, e a alma mortal, localizada no tronco, apresentando-se irracional e contendo as paixões; o pescoço seria a fronteira. As paixões estariam localizadas nas regiões viscerais, superior e inferior. A irritabilidade encontrar-se-ia na região superior, sendo o coração o órgão central, beneficiando assim de algum controlo da cabeça e refrigeração dos pulmões. A região inferior compreenderia os impulsos da fome, sexo e avareza.

Esta ligação das emoções a regiões corporais e a modificações fisiológicas foi assinalada por Averill (1974) e designada por "simbolismo psicofisiológico", o qual, defende o autor, obscurece a compreensão das emoções, impedindo-nos de observar a sua construção social. Segundo a divisão platónica "alma imortal vs. alma mortal", a irritabilidade estaria dissociada das faculdades intelectuais.

Na Antiguidade supunha-se que a irritabilidade se apoderaria do controlo da personalidade, e, pela sua separação do intelectual, ela é claramente perspectivada como

problema. Marco Aurélio declarou que "aquele que é excitado pela ira parece afastar-se da razão" (Brun, 1986). Para os Estóicos, as paixões perturbavam a harmonia da alma e constituíam distúrbios que podiam tornar-se doentios se a pessoa se entregasse constantemente a eles. Enquanto Platão e Aristóteles defendiam que as emoções deviam ser reguladas, os Estóicos acreditavam que elas deviam ser completamente subordinadas à razão. As paixões, como a ira, constituíam potenciais distúrbios mentais que se impunha prevenir, evitar, e suprimir se e quando experienciados.

Para Seneca, a irritabilidade não tinha qualquer valor e devia ser completamente evitada; nada a justificaria, o que não implicava dar sempre "a outra face", pois que "A retaliação pode ser feita sem ser confundida pela paixão... não num ímpeto de paixão mas em honra e consciência. Não há qualquer necessidade de ira onde a razão faz a mesma coisa" (Brun, 1986).

Esta perspectiva manteve-se no tempo, encontrando, por exemplo, eco nas palavras de Descartes (1973), que acreditava que a irritabilidade era quase sempre acompanhada do desejo de agredir. No seu "Tratado das Paixões da Alma" afirma: "A ira é também uma espécie de ódio ou aversão contra os que prejudicaram ou tentaram prejudicar, não indiferentemente esta ou aquela pessoa, mas nós próprios. Por isso ela contém tudo o que entra na indignação... mas é incomparavelmente mais violenta que aquelas três outras paixões, porque o desejo de repelir as cousas nocivas e de tirar vingança é o mais forte de todos". A irritabilidade seria uma paixão porque em vez de produzir acções voluntárias compeliria o indivíduo a agir involuntariamente.

De acordo com Novaco e Welsh (1989), esta perspectiva da irritabilidade como uma paixão que se apodera da personalidade, constituindo um distúrbio mental e conduzindo a actos agressivos coloca-nos alguns problemas, com que ainda hoje nos defrontamos: em primeiro lugar, define a irritabilidade exclusivamente em termos negativos, ignorando as suas funções positivas; em segundo lugar, a sobrevalorização do comportamento

agressivo e da violência ao considerar os efeitos maléficos da irritabilidade pode alhear-nos do facto de os problemas mais comuns associados à irritabilidade crónica envolverem danos para o bem-estar psicológico e físico do próprio. As relações interpessoais e a "performance" profissional também sofrem com episódios recorrentes ou prolongados de irritabilidade. "Nas sociedades ocidentais contemporâneas, de um quotidiano fértil em pressões e constrangimentos, adquire papel de relevo a capacidade de gerir a irritabilidade; mas não se trata só da sua intensidade, também a frequência, duração e modo de expressão representam dimensões deste problema. De uma forma geral, a irritabilidade que ocorre muito frequentemente, ou permanece por muito tempo, é indicadora de desadaptação" (Novaco & Welsh, 1989).

William James, as emoções e a irritabilidade

Seria difícil falar de irritabilidade sem falar de William James. Uma mudança crucial na teoria de James em relação às ideias tradicionais foi inverter a ordem entre o afecto e as respostas corporais. "O senso comum diz que perdemos a nossa fortuna, temos pena e choramos; encontramos um urso, temos medo e fugimos; somos insultados por um rival, ficamos **irritados** e lutamos. A hipótese aqui defendida diz que esta ordem de sequência está incorrecta, que um estado mental não é imediatamente induzido pelo outro, que as manifestações corporais devem primeiro ser interpostas entre eles, e que a afirmação mais racional é que sentimos pena porque choramos, irritação porque lutamos, medo porque trememos" (James 1894 citado em Ellsworth, 1994). Enquanto as teorias comuns na época (e actualmente) assumiam a sequência: Estímulo - Interpretação - Afecto - Resposta corporal, James considerava que a ordem devia ser Estímulo - Interpretação - Resposta corporal - Afecto. As respostas viscerais e motoras sucedem imediatamente a percepção do facto excitante. Uma terceira ordenação revolucionária foi proposta por Zajonc (1980). De acordo com a sua teoria da primazia do afecto a sequência devia ser: Estímulo - Afecto - Interpretação - Resposta corporal. Zajonc argumenta que com

frequência a nossa primeira resposta a um estímulo é afectiva (Murphy & Zajonc, 1993). No entanto, Ellsworth (1994) afirma que não existe razão para acreditar que um dos aspectos tenha terminado antes de outro terminar. Isto é, chama a atenção para o facto da insistência na ordenação fazer esquecer que estes vários aspectos são processos. A interpretação evolui no tempo, assim como o sentimento numa sequência interactiva contínua. Não existe razão para acreditar que todo o feedback corporal tenha de chegar ao cérebro para um sentimento subjectivo resultar, ou que a interpretação de uma situação esteja completa antes que o corpo comece a reagir ou que tenha de ocorrer uma experiência emocional completa antes da interpretação se iniciar (Ellsworth, 1994).

Esta autora defende que James tem sido continuamente interpretado incorrectamente. Esta falsa interpretação resulta do modo como escreveu o que acima citámos; depois disso James esforçou-se por explicitar as suas ideias mas esses textos posteriores permaneceram quase desconhecidos. Primeiro, enquanto James defendia que a sensação das mudanças corporais era uma condição necessária da emoção esta ideia foi interpretada como se James supusesse que as emoções não são mais do que sensações das mudanças corporais. Segundo, por percepção James queria significar mais do que uma simples sensação, isto é, uma cognição ou avaliação; James não falava muito da percepção porque a ideia de que a situação geralmente tem de ser interpretada era auto-evidente (Ellsworth, 1994).

Para James as emoções eram multi-determinadas, e a emoção tinha um papel em quase todos os aspectos da vida mental, incluindo o pensamento. A irritação como uma emoção seria desencadeada por um "facto excitante" ou interpretação da situação (p. ex. ser insultado por um rival). Este facto excitante produziria respostas autónomas, hormonais e musculares (incluindo movimentos expressivos e tendências para a acção) que contribuíam para o complexo feedback corporal que criava o sentimento emocional de irritação. Considerava que os processos fisiológicos eram de um número quase infinito e subtis, portanto reflectindo as nuances infinitas da vida emocional o que em

termos de irritabilidade significa que poderiam existir muitas nuances de irritabilidade e as características fisiológicas seriam específicas desta emoção. O facto de admitir que a activação corporal poderia persistir para lá da percepção que lhe deu origem (James, 1894/1994) e que podia influenciar os nossos sentimentos mesmo depois da nossa avaliação da situação já não justificar a resposta emocional, leva-nos a pensar que a activação fisiológica própria da irritação pode perdurar para lá da situação que lhe deu origem.

(2) DEFINIÇÕES RECENTES DO CONCEITO DE IRRITABILIDADE E TEORIAS

Vamos agora procurar definir o que é a irritabilidade; como se distingue de outros conceitos; qual é a sua origem; se as cognições são ou não antecedentes da emoção ou humor irritável ou se são mesmo necessárias para que a emoção de irritabilidade apareça; e se existe uma reacção fisiológica específica a cada emoção.

2.1 Teoria de Spielberger

O que é a irritabilidade?, O que a distingue da hostilidade e agressão?, O que é um indivíduo irritável? Como exprimimos a irritabilidade? Estas são algumas das questões a que Spielberger procura responder.

Embora a presença e importância da irritabilidade em quadros psicopatológicos, como por exemplo a depressão, ou na etiologia das doenças coronárias seja reconhecida com frequência, o estudo deste conceito como um constructo isolado tem sido praticamente inexistente, e a sua distinção dos conceitos de hostilidade e agressão é raramente efectuada. Como o aponta Spielberger a definição destes conceitos tem sido ambígua e mesmo contraditória (Spielberger, Jacobs, & Russel, 1983). Na sua tentativa de clarificar os conceitos este autor considera que a **irritabilidade** (anger) se refere habitualmente a um estado emocional que consiste em sentimentos que variam em intensidade desde uma ligeira irritação ou contrariedade até à fúria ou raiva. A **hostilidade**, embora envolvendo sentimentos de irritabilidade, teria a conotação de um conjunto complexo de atitudes que motivam o comportamento agressivo dirigido à destruição de objectos ou a maltratar alguém. Por outro lado, enquanto a irritabilidade e hostilidade se referem a sentimentos e atitudes, o conceito de **agressão** na generalidade implica destruição ou comportamentos punitivos dirigidos a outras pessoas ou objectos. Para Berkowitz e Heimer (1989) a hostilidade é vista como um julgamento ou opinião desfavorável sobre alguém.

Spielberger sublinha ainda a necessidade de distinguir, conceptualmente e empiricamente, a experiência da irritabilidade como um estado emocional, das diferenças individuais na susceptibilidade para se irritar como um traço de personalidade e da expressão da irritabilidade (Spielberger, Jacobs, & Russel, 1983; Spielberger, Johnson, Russell, Crane, Jacobs, & Worden, 1985; Spielberger, Krasner, & Solomon, 1988; Spielberger, Reheiser, & Sydeman, 1995).

A **irritabilidade de estado** (S-anger) é definida como um estado ou condição que consiste em sentimentos subjectivos de irritação (irritation), contrariedade (annoyance), fúria e raiva e concomitante activação do sistema nervoso autónomo; varia de intensidade e flutua ao longo do tempo em função de afrontas, ataques ou ameaças injustas, ou de frustração resultante de obstrução ou impedimento de comportamentos motivados (Spielberger, Krasner, & Solomon, 1988).

A **irritabilidade de traço** (T-anger) é definida em termos de diferenças individuais na frequência com que a irritabilidade de estado é experimentada ao longo do tempo. Supõe-se que as pessoas com elevada irritabilidade de traço tenham maior probabilidade de perceber uma vasta gama de situações como irritantes, frustrantes ou contrariedades; respondam a essas situações com um aumento de irritabilidade de estado, além de se irritarem com mais frequência.

A expressão da irritabilidade, por sua vez, inclui duas vertentes. Os indivíduos são considerados "**anger out**" se exprimem a sua irritabilidade em direcção a outras pessoas ou objectos. Esta maneira de se exprimir envolve um aumento da "irritabilidade de estado" e a manifestação de comportamentos agressivos. A irritabilidade dirigida para o exterior pode exprimir-se por actos físicos tais como agredir outras pessoas, destruir objectos, bater com as portas ou então tomar uma forma verbal: crítica, ameaça verbal ou insulto. Por outro lado, são considerados "**anger in**", se tendem a suprimir a sua irritabilidade (Spielberger, Johnson, et al., 1985); a supressão da irritabilidade é

experimentada conscientemente como um estado emocional, "irritabilidade de estado" (Spielberger, Krasner, & Solomon, 1988).

A maneira de lidar com a irritabilidade e expressá-la também vai evoluindo com a idade. Com a idade as pessoas desenvolvem competências sociais mais diversificados para lidar com a irritação de forma construtiva, lidando directamente com a situação que elicitou a irritação (Tangney, Hill-Barlow, Wagner, Marschall, Borenstein, Sanftner, Mohr, & Gramzow, 1996).

Em síntese, a teoria de Spielberger não se debruça sobre a origem da irritabilidade. Em vez disso, distingue este conceito de outros - a irritabilidade é uma emoção, a hostilidade uma atitude e a agressão implica comportamentos punitivos ou destrutivos; faz uma distinção entre irritabilidade de traço e irritabilidade de estado, o indivíduo irritável (irritabilidade de traço) é aquele que se irrita com mais facilidade, mais intensamente ou com mais frequência; e distingue dois tipos de pessoas quanto à expressão da irritabilidade, os "anger out" e os "anger in".

2.2 Teorias cognitivistas

As várias teorias cognitivistas sobre as emoções atribuem um papel essencial à cognição como determinante da irritabilidade mas divergem no modo como os processos cognitivos exercem essa influência.

Ellis (1977, citado em Rubin, 1986) foi um dos primeiros autores a salientar a importância da avaliação cognitiva que o sujeito faz duma situação para a sua irritação. Este autor definia a irritação como uma experiência que liga um acontecimento exterior a pensamentos do tipo: *não suporto* teres-me tratado de maneira tão irresponsável e injusta; *é horrível* teres-me tratado desta maneira tão injusta; *não devias* agir dessa

maneira para comigo; acho que és uma pessoa *terrível* por teres agido dessa maneira para comigo. Percebe-se que para este autor o facto da pessoa encarar a situação como catastrófica, horrível, insuportável, intolerável é mais importante que própria ideia de ter havido uma irresponsabilidade ou injustiça.

A teoria de Schachter

Para a teoria dos dois factores de Schachter (Schachter & Singer, 1962; Schachter, 1964) ou concepção do rótulo atribuicional, uma experiência emocional específica é determinada pelo rótulo que a pessoa excitada (aroused) aplica às suas sensações corporais. Isto é, primeiro surge um estado de activação afectiva neutro e depois as cognições modelam esse estado dando origem a uma determinada emoção; os indivíduos sob esse estado de activação referido anteriormente, utilizam as pistas situacionais e a sua experiência passada para inferir qual deve ser a sua experiência emocional. É necessário que algo no contexto dê ao sujeito uma razão para acreditar que está irritado antes que ele se sinta irritado e aja agressivamente. Schachter rejeita explicitamente a ideia de James-Lange de que cada emoção está associada a um padrão expecífico de reacções fisiológicas. No entanto Epstein (1984) demostrou que a irritabilidade e outras emoções estão associadas a sensações corporais distintas.

Em síntese, o estado de activação fisiológica surgiria primeiro e seria neutro e idêntico para qualquer emoção, a seguir as cognições determinariam que emoção estaria em causa. No entanto Epstein (1984) demostrou que a irritabilidade e outras emoções estão associadas a sensações corporais distintas.

A Teoria de Bernard Weiner

A teoria de Weiner consiste numa abordagem cognitivista da emoção, pois considera que o que pensamos influencia o que sentimos. Não nega que as emoções possam ser elicitadas sem a intervenção dos pensamentos ou que as emoções também influenciem os processos cognitivos. Apenas é postulado que, de modo típico, as cognições precedem e determinam as emoções.

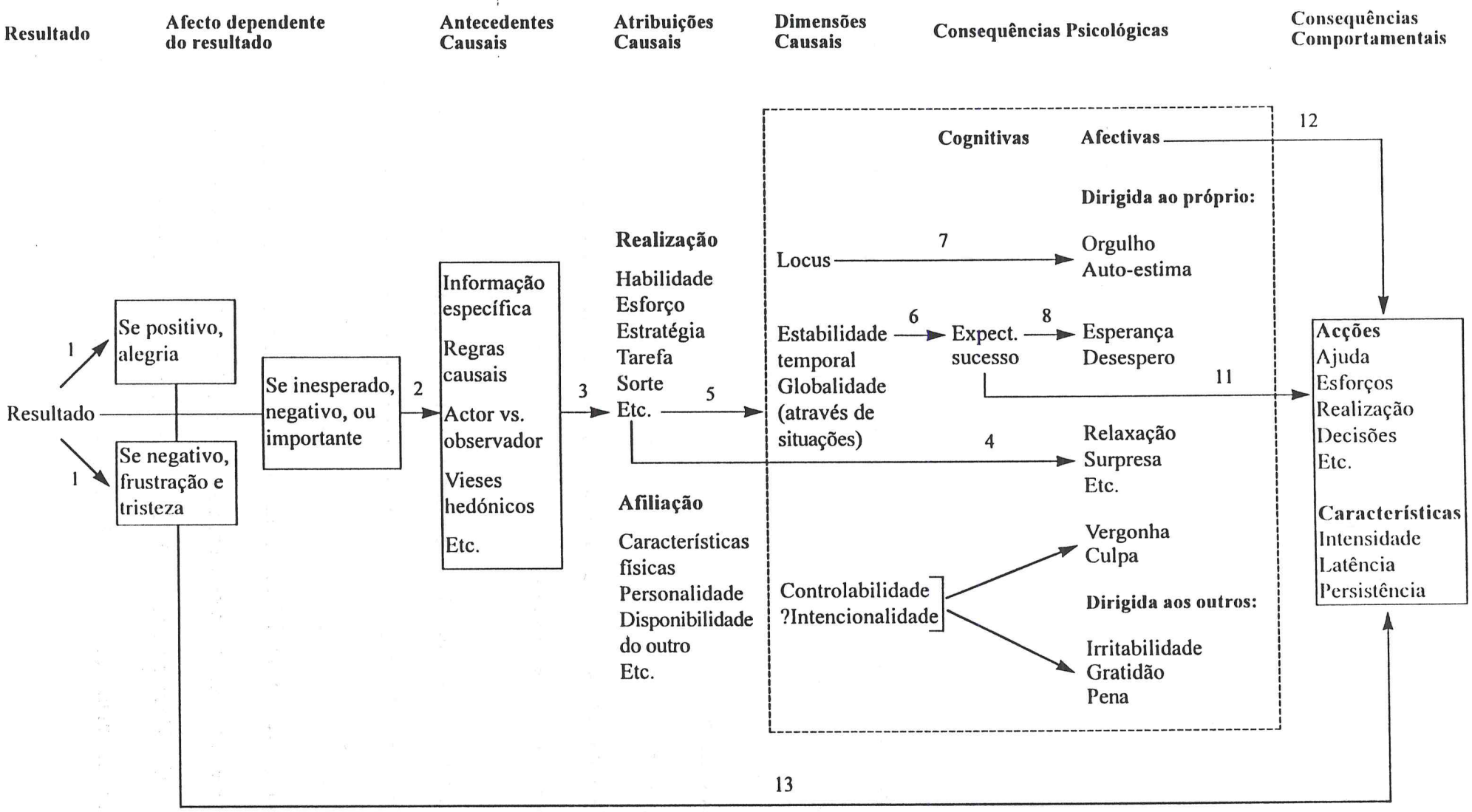
A activação fisiológica e as expressões faciais ou posturais não são relevantes nesta teoria.

Weiner (1982; 1985; 1986; Weiner, Graham, & Chandler, 1982) defende que a primeira etapa na formação de emoções negativas surge pela ocorrência de um acontecimento desagradável. A emoção específica que surge a partir daí depende da atribuição que o sujeito faz para essa ocorrência. A irritabilidade é sentida quando um acontecimento negativo é atribuído a factores controláveis daquilo ou daquele que é visto como agente causal. Isto é, as pessoas têm mais probabilidade de se irritar quando acreditam que aquele acontecimento negativo se deve à acção deliberada ou negligente de outro sujeito. Esta perspectiva é semelhante à de Averil (1982; 1983), para quem a irritabilidade habitualmente surge da percepção de maldade ou más acções realizadas deliberadamente por outras pessoas. Para Weiner a dimensão estavel-instável também tem influência. Se a causa do insucesso é atribuída a um factor estável além de controlável a irritabilidade resultante tende a ser exacerbada.

O autor admite que nem sempre as pessoas se sentem irritadas ou zangadas quando existem interferências controladas por outros, e também admite que a teoria não dá

conta da raiva dirigida a si próprio. De acordo com o modelo atribuicional sobre a motivação e emoção delineado por Weiner a sequência motivacional ou afectiva é iniciada por um resultado que o sujeito interpreta como positivo ou negativo. Alguns afectos estão directamente ligados à percepção do resultado ou avaliação primária, como o contentamento ou alegria se o resultado é percebido como positivo e a frustração ou tristeza se o resultado é visto como negativo (associação representada pelo nº1 na figura). A seguir, se o resultado for importante, inesperado ou negativo, é iniciada uma busca causal para determinar porque é que ocorreu aquele resultado. A atribuição é influenciada por uma série de antecedentes como a experiência pessoal do sujeito, a "performance" de outros, etc. As causas a que o resultado é atribuído podem ser a habilidade, esforço, personalidade do causador do resultado, etc. Estas causas são localizadas numa das dimensões, Locus (ou seja Interno vs. Externo), Estabilidade, etc. O autor admite que a Intencionalidade possa ser uma das dimensões. A identificação das dimensões tem consequências psicológicas relacionadas com expectativas e afectos. Por exemplo, entre o afecto "dirigido ou sentido em relação aos outros", um falhanço pessoal atribuído ao controlo de outros produz raiva ou irritabilidade. Finalmente a expectativa e afecto são supostas determinar a acção.

No que diz respeito às emoções salientemos que neste modelo algumas emoções (caso da alegria, frustração, e tristeza) são desencadeadas imediatamente pela percepção ou avaliação (positiva ou negativa) do resultado enquanto que outras dependem das dimensões (Locus, Estabilidade, Controlabilidade, etc.) em que se enquadram as atribuições efectuadas. Frisamos sobretudo a especificidade das relações entre atribuição e emoção. Um falhanço pessoal atribuído a uma causa interna e controlável promove um sentimento de culpa, se a atribuição for interna e incontrolável causa vergonha.


Resultado
Afecto dependente do resultado
Antecedentes Causais
Atribuições Causais
Dimensões Causais
Consequências Psicológicas
Consequências Comportamentais
Resultado
1
Se positivo, alegria
1
Se negativo, frustração e tristeza
Se inesperado, negativo, ou importante
2
Informação específica
Regras causais
Actor vs. observador
Vieses hedónicos
Etc.
3
Realização
Habilidade
Esforço
Estratégia
Tarefa
Sorte
Etc.
5
Afiliação
Características físicas
Personalidade
Disponibilidade do outro
Etc.
Cognitivas
Afectivas
12
Dirigida ao próprio:
Locus
7
Orgulho
Auto-estima
Estabilidade temporal
Globalidade (através de situações)
6
Expect. sucesso
8
Esperança
Desespero
11
4
Relaxação
Surpresa
Etc.
Controlabilidade
?Intencionalidade
Vergonha
Culpa
Dirigida aos outros:
Irritabilidade
Gratidão
Pena
Acções
Ajuda
Esforços
Realização
Decisões
Etc.
Características
Intensidade
Latência
Persistência
13

O falhanço dos outros, quando atribuído a causas incontroláveis produz pena, o falhanço pessoal quando atribuído ao controlo de terceiros causa **irritabilidade**, etc.

Síntese e discussão

A teoria de Weiner consiste numa abordagem cognitivista da emoção, pois considera que o que pensamos influencia o que sentimos. Não nega que as emoções possam ser elicitadas sem a intervenção dos pensamentos ou que as emoções também influenciem os processos cognitivos. Apenas é postulado que, de modo típico, as cognições precedem e determinam as emoções. As emoções negativas surgem pela ocorrência de um acontecimento desagradável. A emoção específica que surge a partir daí depende da atribuição que o sujeito faz para essa ocorrência A irritabilidade é sentida quando um acontecimento negativo é atribuído a factores controláveis daquilo ou daquele que é visto como agente causal.

Existem pelo menos dois aspectos importantes que esta teoria deixa indeterminados. Primeiro, ver um acontecimento ou resultado como negativo ou positivo (nº 1 da figura III) já é em si uma percepção ou avaliação, e a teoria não explica porque é que alguns sujeitos tendem a avaliar mais facilmente um acontecimento como negativo enquanto outros tendem a avaliar mais facilmente qualquer acontecimento como positivo. Segundo, o autor diz que o falhanço pessoal quando atribuído ao controlo de terceiros causa irritabilidade, no entanto, alguns sujeitos atribuem mais facilmente o falhanço pessoal ao controlo de terceiros do que outros. Porque é que isto acontece?

A teoria de Richard Lazarus

A teoria de Lazarus (1991) sobre as emoções e em particular sobre a irritabilidade é semelhante à de Weiner, embora para Lazarus a cognição seja sempre uma condição antecedente da irritação. É uma perspectiva cognitiva-motivacional-relacional. Relacional porque as emoções são geradas na relação com os outros; motivacional porque são desencadeadas sempre em função de um objectivo ou valor que foi alcançado ou não foi alcançado, e cognitiva porque dependem da avaliação que o sujeito faz da situação. Esta teoria supõe que uma pessoa só fica **irritada** quando perante um acontecimento frustrante ou contrariante, a sua avaliação (primary appraisal) o leva a considerar que a sua identidade está posta em causa, e a sua avaliação secundária (secondary appraisal) o leva a concluir que alguém é culpado, isto é, tem responsabilidade e controle sobre a situação criada. Na irritabilidade, a culpa é necessária e depende das atribuições que o sujeito faz de que alguém é responsável e tem inteiro controle sobre a acção (Lazarus, 1991).

A teoria de Reimond Novaco

1ª perspectiva

É um exemplo de perspectiva cognitiva que incorpora elementos das perspectivas do rótulo atribuicional e das teorias da avaliação (Novaco, 1985). Para Novaco a irritabilidade é um estado emocional definido pela presença de activação fisiológica (physiological arousal) e cognições de antagonismo. As operações cognitivas são centrais na instigação da raiva, assim como na sua manutenção e dissipação. A irritabilidade não é de modo nenhum uma resposta automática, reflexa, aos acontecimentos provocadores. A excitação de irritabilidade é um processo mediado cognitivamente por expectativas e avaliações.

A teoria é designada por "mecanismo de activação da irritabilidade por não confirmação das expectativas". Os elementos do modelo são: expectativa inicial - exigência do meio - discrepância entre expectativa do meio e a expectativa de "performance" mais as pistas contextuais de antagonismo e contrariedade - resposta de irritabilidade. Assim, o sujeito teria sempre uma expectativa em relação a como as coisas se irão passar ou deviam passar. Quando surge uma exigência do meio o sujeito avalia a situação e forma uma expectativa de como será o seu nível de realização. Se existir uma discrepância ou diferença entre a expectativa inicial e o nível de realização actual surgirá uma activação (arousal). Se se acrescentar a isto o facto de estarem presentes pistas contextuais que signifiquem frustração ou contrariedade, então o sujeito vai sentir-se irritado.

Vejamos um exemplo. Uma pessoa combinou um encontro com outra.. No entanto há muito mais trânsito do que esperava para aquela hora do dia e está presa num engarrafamento quando já faltam poucos minutos para a hora marcada e não há qualquer esperança das coisas melhorarem e de chegar a tempo. Primeiro, existe um objectivo ou expectativa inicial - chegar a horas; segundo, surge uma exigência do meio ou contrariedade - engarrafamento, não pode passar; terceiro, depara-se com uma contrariedade - acha que vai chegar muito atrasada ao encontro; existem pistas contextuais de contrariedade - aquelas obras na estrada nunca mais estão prontas; fica tensa, com vontade de rogar pragas ao presidente da câmara, ao governo, etc. Portanto, um aspecto fundamental nesta teoria é que a relação entre o acontecimento exterior e a irritabilidade é sempre mediada cognitivamente por avaliações e expectativas.

Discussão

Podem ser apontadas algumas críticas e limitações a esta teoria. Não diz que características devem ter as pistas contextuais para poderem significar frustração ou contrariedade; não é dado sequer um exemplo destas pistas. Por outro lado, o modelo

seria enriquecido se incluísse expectativas sobre a realização dos outros. O modelo baseia-se em expectativas sobre a realização ou comportamento do próprio, quando muitos dos exemplos de irritabilidade ocorrem com expectativas que temos sobre o comportamento dos outros (por exemplo, comportamento irritável para com os filhos). Por último, não explora uma explicação sobre as diferenças individuais de irritabilidade embora admita a influência da experiência individual como causa. Aquilo que falta em Weiner, (i. e., porque é que os sujeitos avaliam um acontecimento ou resultado como positivo ou negativo) talvez se possa encontrar neste modelo de Novaco - o sujeito teria sempre uma expectativa em relação a como as coisas se irão passar ou deviam passar; uma discrepância ou diferença levaria o sujeito a avaliar o resultado como negativo.

2ª perspectiva

No entanto, em 1989 Novaco (Novaco & Welsh, 1989) põe de parte esta perspectiva da não confirmação das expectativas para sublinhar sobretudo o carácter automático da mediação cognitiva na percepção, assim como a função dos "scripts" cognitivos. Para o autor, a mediação cognitiva não devia ser entendida apenas como um processo intermediário interposto entre a exposição a um estímulo e a resultante reacção fisiológica e comportamental; a mediação cognitiva devia ser entendida como uma parte automática e intrínseca do processo perceptual, tanto como um pensamento explícito ou operação consciente que possa estar envolvido na sequência acontecimento - pensamento - reacção (Novaco & Welsh, 1989). A irritabilidade surgiria de processamentos cognitivos automáticos que seriam enviesados como o falso consenso, erro fundamental de atribuição, etc.

Vejamos o que isto significa. A procura dos determinantes cognitivos da irritabilidade pode beneficiar com uma análise do processamento da informação (Novaco & Welsh, 1989). Ingram e Kendall (1986) propõem uma taxonomia cognitiva que inclui quatro categorias principais de actividade cognitiva: estruturas, proposições, operações e

produtos. As estruturas cognitivas são mecanismos funcionais para armazenar informação; as proposições cognitivas são o conteúdo dessas estruturas; as operações cognitivas são os procedimentos pelos quais a informação é processada (atenção, codificação, recordação); os produtos cognitivos são os pensamentos resultantes da interacção da informação, estruturas, proposições e operações. Os principais viéses cognitivos que originam a irritabilidade recaem na 2ª e 3ª categorias, ou seja, das proposições (erro fundamental de atribuição, falso consenso e efeitos de "ancoragem") e das operações cognitivas (predisposição da atenção e harmonia perceptiva) (Novaco & Welsh, 1989).

Nisbett e Ross (1980, citado em Novaco & Welsh, 1989) referem que um pressuposto básico da abordagem do processamento de informação é o de que poucos estímulos são apreendidos, pelos adultos, de um modo original: pelo contrário, são processados pelo recurso a sistemas de crenças, conhecimentos e proposições preexistentes. Estes recursos cognitivos, designados por "esquemas", influenciam o tipo de estímulos a que damos atenção, a forma como eles são codificados e armazenados na memória, e como esses estímulos transformados são evocados para interpretar nova informação. Em geral, tais estruturas ajudam as pessoas a processar rapidamente a informação. O preço dessa economia mental constitui, no entanto, um potencial viés nos julgamentos e/ou manifestações comportamentais adversas induzidos pela activação e aplicação de estratégias simplistas ou normativamente inapropriadas (Nisbett & Ross, 1980, citado em Novaco e Welsh, 1989). O processamento cognitivo que predispõe à irritabilidade pode, deste modo, ser perspectivado em termos de cinco tipos de viéses: erro de atribuição, falso consenso, efeitos de "ancoragem", predisposição da atenção e harmonia perceptiva (Novaco & Welsh, 1989).

- Erro de atribuição ("attribution error"): O erro fundamental de atribuição refere a tendência para sobrevalorizar determinantes disposicionais, em detrimento dos situacionais, na avaliação do comportamento dos actores (Nisbett & Ross, 1980 citado

em Novaco & Welsh, 1989). Isto é, os sujeitos em geral tendem a acreditar que os outros agiram de acordo com as suas características de personalidade. Esta atribuição externa por sua vez aumenta a tendência para agir irritadamente para com os outros.

- **Falso consenso ("false consensus"):** Este viés diz respeito à tendência para considerar que a maior parte dos outros se comporta como nós (Novaco & Welsh, 1989). Prende-se assim com a capacidade de descentração, empatia, e maturidade cognitiva. Para uma correcta percepção do comportamento dos outros, devemos ser capazes de pôr de lado o nosso ponto de vista e reconhecer que os outros vêem as coisas de forma diferente da nossa.

- **Efeitos de "ancoragem" ("anchoring effects"):** A ancoragem refere a resistência à mudança dos nossos julgamentos iniciais, mesmo perante nova informação apontando para uma adequada revisão, ou até completo abandono, desses julgamentos (Novaco & Welsh, 1989). Por exemplo, as primeiras impressões nas interacções sociais têm um enorme peso na avaliação que fazemos dos outros.

- **Predisposição da atenção ("attentional cueing"):** A preocupação e a ruminação constituem processos cognitivos pelos quais as pessoas cronicamente irritadas prolongam reacções de irritabilidade para além dos períodos normais de dissipação (Novaco, 1986). Se observarmos a experiência imediata de provocação constataremos como os dados situacionais terão um impacto diferencial nos sujeitos que a percepcionam. As necessidades e emoções aumentam a relevância de certas categorias perceptuais, tornando-nos mais atentos a determinados estímulos particulares. Uma pessoa irritada poderá estar mais sensibilizada para sinais de agressão que irão, desse modo, justificar um ataque.

- **Harmonia perceptiva ("perceptual matching"):** A experiência prévia de provocação facilitará, hipoteticamente, a percepção de elementos de antagonismo numa situação:

quanto mais tivermos sido expostos a estímulos agressivos, mais prontamente percepcionaremos a agressão. Isto prende-se com a lei gestáltica da "Boa-Forma", conduzindo a que o processo de tomada de decisão possa ser enviesado, pela adopção de uma categoria particular para representar o estímulo, na ausência de evidência sensorial confirmatória (Novaco & Welsh, 1989). Quanto aos "**scripts**" também proporcionam economia mental. São programas mentais de sequências de acções envolvendo o sujeito como actor ou como observador ou representações cognitivas de sequências de interacção estereotipadas. São relevantes em certas situações e contêm noções de causalidade e de ordem temporal. Tais como os esquemas, os "scripts" tornam os acontecimentos novos rapidamente previsíveis e compreensíveis mas também podem levar a distorções. Onde haja pistas salientes de comportamento agressivo, os "scripts" cognitivos de agressão baseados na experiência anterior podem potenciar comportamentos agressivos (Novaco & Welsh, 1989).

Em síntese, nesta segunda perspectiva de Novaco a irritabilidade surgiria de processamentos cognitivos automáticos (fazendo parte intrínseca do processo perceptual) que seriam enviesados como o falso consenso, erro fundamental de atribuição, etc.

O modelo de Oatley e Johnson-Laird

Para Johnson-Laird e Oatley (1992), existem 5 emoções básicas: alegria, tristeza, irritação (anger), medo e nojo. Ao admitir que existe um conjunto de emoções básicas inatas (teoria das emoções básicas) rejeita a ideia de que existe uma activação fisiológica comum a todas as emoções e que a emoção experimentada depende da avaliação que é feita (teoria dos componentes). Cada uma das emoções básicas depende de um sinal interno e mental que é inato e universal. Este sinal pode ser desencadeado por avaliações cognitivas inferiores ou elementares. Estas avaliações dizem respeito à

obtenção de objectivos. Os sinais internos também são precursores de experiência subjectiva, alterações somáticas e planos para a acção. Por outro lado são também precursores de sinais externos, tais como as expressões faciais que comunicam as emoções aos outros.

Um dos aspectos interessantes explorados por Johnson-Laird e Oatley (1992) diz respeito à função das emoções. Que funções têm as emoções? Para Johnsosn-Laird e Oatley (1992) a função das emoções seria preencher as falhas da racionalidade. Os seres humanos cometem erros de raciocínio, i. e., fazem inferências que não são válidas, que não ocorreriam se o seu pensamento fosse guiado pelas regras formais válidas da inferência. Os sinais emocionais, sem qualquer conteúdo ou estrutura sintáctica, serviriam de controle das acções em vez de uma função informativa.

O sinal emitido quando um subobjectivo é atingido activa o indivíduo a prosseguir a mesma linha de acção. Quando o objectivo é perdido, é emitido outro sinal. As emoções teriam a função de redistribuir os recursos cognitivos e lidar com as prioridades. Quando ocorre um acontecimento que requer estabelecer prioridades, ocorre uma emoção que ajuda a lidar com a continuidade da acção actual ou a transição para outra sequência de acção. A emoção ajuda a especificar que objectivo será "perseguido", qual abandonado, ou colocado em "standby". As emoções seriam causadas por um sinal interno associado à percepção de certas categorias de acontecimentos: (1) alegria - percepção de progresso na obtenção de um objectivo; (2) tristeza - quando se perde um objectivo; (3) **irritabilidade** - quando um plano é bloqueado; (4) medo - quando ocorre um conflito de objectivos ou uma ameaça para a autopreservação; (5) nojo - a percepção de algo que se rejeita ou se pretende evitar.

A **irritabilidade** tenderia a ocorrer de modo típico quando: (1) Os objectivos do indivíduo são frustrados (com frequência mas não necessariamente por outro agente); (2) o indivíduo percebe essa blocagem; (3) Um sinal básico de irritabilidade propaga-se

através do sistema cognitivo que o indivíduo experiencia como um sentimento de irritabilidade; (4) como resultado deste sinal, mecanismos fisiológicos preparam o corpo para a agressão, a face assume uma expressão em que o sobrolho é carregado, etc.; (5) são feitos planos para remover a blocagem.

Em síntese, a novidade dos autores reside no facto de considerarem que as emoções vêm preencher as limitações cognitivas do sujeito. Perante uma situação, é difícil prever todas as possibilidades de acção, qual delas é a melhor, e é também difícil prever os resultados ou consequências da acção. O raciocínio é moroso e existem possibilidades de erro. Em face disso, o sinal emocional colocaria em acção um conjunto de comportamentos restritos, próprios aquela situação. Por exemplo, perante uma ameaça à autopreservação a emoção activaria a fuga ou defesa. Tudo se passaria como se a emoção em certos momentos substituísse o raciocínio de modo a facilitar um conjunto de comportamentos apropriados à situação. A **irritabilidade** resultaria do facto de um objectivo ser bloqueado. Em termos funcionais a irritabilidade ajudaria a estabelecer e manter esse objectivo.

2.3 Teorias não cognitivas

As teorias não cognitivas da emoção de que Izard (1977; 1989; 1992) e Zajonc (1980, 1984, Zajonk, Murphy, & Inglehart, 1989) são representantes, consideram que os sistemas cognitivo e emocional são separados e a experiência das emoções não requer uma mediação cognitiva.

A teoria de Zajonc e a teoria de Carroll Izard

A perspectiva de Zajonc (1980; 1984, Zajonk, Murphy et al. 1989) sobre a hipótese da primazia do afecto defende que as reacções afectivas podem ser evocadas com imput sensorial mínimo e virtualmente nenhum processamento cognitivo e podem ser evocadas antes das respostas cognitivas. Para Zajonc (Murphy, Monahan & Zajonc, 1995) o afecto inconsciente não tem necessariamente um alvo, pode ser difuso e capaz de se "agarrar" a alvos não relacionados com a origem inicial da emoção. O afecto derivado de uma avaliação cognitiva tem uma fonte e um alvo específicos (como refere Averill, 1982) mas isso não aconteceria com o afecto inconsciente.

Nas perspectivas evolucionistas e bio-psicossociais a **irritação** seria uma emoção básica devido ao seu hipotético papel na evolução (Plutchick, 1980, citado em Izard, 1992), às suas funções biológicas e sociais (Izard, 1989), e à sua primazia no desenvolvimento ontogenético (Izard & Malatesta, 1987). Para estas teorias influenciadas pela teoria da evolução, pela etologia contemporânea e pela neurologia, as emoções seriam fenómenos específicos neuro-psicológicos, modelados pela selecção natural, que organizam e motivam padrões de acção, fisiológicos e cognitivos e que facilitam as respostas adaptativas às exigências e oportunidades do meio (Izard, 1992).

Na Teoria Diferencial da Emoção (DET-Differential Emotional Teory) (Izard 1977, 1989) a **irritação** é vista como uma emoção básica porque se assume ter um substrato neuronal inato, uma expressão facial única e universalmente reconhecida e um estado de sentimento único (Izard, 1972 citado em Izard, 1992).

O modelo DET de um estado emocional-motivacional independente da cognição é consistente com a observação clínica e dados empíricos sobre a motivação inconsciente. Por exemplo, estados emocionais em certas fobias ou ansiedades podem existir sem a informação contextual apropriada, incluindo a memória que originalmente gerou a

emoção (Izard, 1992). De modo semelhante a irritação poderá manter-se como um estado emocional que perdura para lá da situação que lhe deu origem.

Na interacção do sujeito com o meio, a interacção dos estados de sentimento-motivação com os processos cognitivos dariam origem a estruturas afectivo-cognitivas, isto é, redes associativas de sentimentos, imagens, avaliações, pensamentos e objectivos. O estado de sentimento-motivação seria o componente primário desta estrutura e conteria pistas para a cognição e acção. Assim a alegria teria mais probabilidade de dar deixas sobre pensamentos e acções relacionados com o relaxamento e partilha e a **irritação** estratégias para combater as dificuldades.

2.4 A teoria cognitivo neo-associacionista de Berkowitz

Berkowitz e Heimer (1989) definem irritabilidade como uma expressão ou sensação e não como um síndroma incluindo sensação e acção como o faz Averill (1982).

De acordo com Berkowitz os acontecimentos aversivos produzem afectos negativos e este afecto tende a activar automaticamente, directamente, sensações de irritabilidade por um lado e inclinações agressivas por outro. Quando os indivíduos encontram um acontecimento que prefeririam evitar (estímulo aversivo) quer pelas suas propriedades inerentes (calor excessivo ou cheiros desagradáveis) quer pelas avaliações que dele fazem (podem achar que constitui uma frustração ou uma ameaça) inicia-se uma sequência de reacções que varia com o tempo e os pensamentos que venham a ocorrer sobre as sensações. Primeiro, o estímulo aversivo produz afecto negativo. Este afecto produz automaticamente dois conjuntos de reacções ao mesmo tempo: alterações fisiológicas, sentimentos, ideias e memórias associadas com a fuga do acontecimento desagradável e alterações fisiológicas, sentimentos, ideias e memórias associadas com a agressão. Uma série de factores genéticos, aprendidos e situacionais determinam a

preponderância de uma das classes de respostas. A consciência dos primeiros sentimentos, pensamentos, memórias e respostas expressivas-motoras produzem uma experiência rudimentar de irritabilidade. De seguida, o sujeito avalia, faz atribuições que diferenciam, completam ou suprimem os sentimentos e tendências para agir. No entanto, nem sempre estes processos cognitivos de nível mais elevado e relativamente controlados chegam a entrar em operação. Os sentimentos podem mesmo ser afectados como defendem Bower e Cohen (1982) e Leventhal (1984) por regras aprendidas sobre que sentimentos são esperados ou apropriados numa situação particular. Berkowitz e Heimer (1989) propõe que estes processos cognitivos, que regulam a influência do afecto negativo no comportamento subsequente, são activados quando a atenção é focada no self e em especial nos sentimentos do próprio.

A teoria designa-se por neo-associacionista porque assume que existe uma rede associativa ligando certos sentimentos a certos pensamentos, memórias, e também certos tipos de reacções fisiológicas e expressivas-motoras; a activação de um dos componentes da rede tende a activar os outros componentes (Berkowitz, 1990). Os processos associativos automáticos seriam dominantes numa primeira fase; uma fracção de tempo depois, os processos cognitivos começariam a operar em especial se a pessoa pensar sobre o que se passou e quais são as consequências. É nesta segunda fase que o sujeito faz avaliações e atribuições e considera que sentimentos e acções são apropriadas nessas circunstâncias. No entanto, as cognições nem sempre chegam a operar-se. Esta é uma das grandes diferenças entre esta teoria e as teorias atribuicionistas em que o processo cognitivo-atribuicionista é um factor necessário, anterior ao afecto.

A ideia de que a irritabilidade surge do afecto negativo resulta essencialmente da frequência com que se encontra experiências de irritabilidade em sujeitos de humor predominantemente negativo. As situações que elicitam tristeza por vezes também elicitam raiva como se pode verificar com as crianças que ao experimentarem uma dor ou separação respondem tanto com tristeza como com raiva. A literatura sobre luto

também testemunha a ligação entre tristeza e raiva. A investigação sobre depressão atesta a frequência da associação entre depressão e irritabilidade (Berkowitz, 1983). Os sentimentos negativos podem promover a recordação de acontecimentos negativos assim como de outra informação associada a experiências negativas (Bower, 1981; Bower & Cohen, 1982; Brown & Tailor, 1987; Johnson & Magaro, 1987; Snyder & White, 1982) e podem aumentar a acessibilidade de pensamentos com um significado negativo (Rule, Taylor & Dobbs, 1987), enquanto que os sentimentos agradáveis tendem a promover a recordação de acontecimentos agradáveis e aumentar as chances de que ideias positivas sobre o próprio e os outros sejam lembradas (Berkowitz, 1987; Bower, 1981; Isen, 1984; Isen, Shalker, Clark & Karp, 1978). No entanto não existe consistência total nos resultados, as pessoas que estão sob humor negativo tratam com frequência os outros com severidade (Berkowitz, 1983), mas isto nem sempre acontece (Finman & Berkowitz, 1989), e os sentimentos negativos podem mesmo, por vezes estimular comportamento prossocial (Carlson & Miller, 1987). Esta inconsistência sobre os efeitos do afecto negativo pode ser eventualmente explicada pela utilização de sujeitos com diferentes características de personalidade, por condições contextuais, e pelo tipo de pensamentos investigados. Para Berkowitz e Triccoli (1990) uma das razões poderá residir no grau de consciência que os sujeitos fazem dos seus sentimentos desagradáveis. Para os autores os afectos negativos têm mais probabilidade de originar opiniões negativas quando lhes é dada pouca atenção, e dar atenção aos sentimentos negativos pode diminuir ou eliminar esta avaliação negativa das relações com os outros. Em suma, apesar de existir uma tendência básica para os sentimentos negativos evocarem inclinações agressivas (Berkowitz, 1983) e aumentarem a acessibilidade de ideias negativas ou mesmo hostis (Berkowitz, 1990; Rule, Taylor, & Dobbs, 1987), dar atenção ao humor negativo activa processos de regulação que moderam a probabilidade dos afectos negativos levarem à punição severa dos outros.

O estudo de casos clínicos também revela que estes sujeitos expressam irritabilidade com frequência ou são mesmo agressivos. Portanto o humor depressivo tende a gerar

irritabilidade. Pelo contrário, os acontecimentos agradáveis podem fazer a pessoa sentir-se melhor e desse modo diminuir o afecto negativo que gera as inclinações agressivas. Os sujeitos a quem é induzido humor depressivo em laboratório também tendem a descrever-se irritados (Hynan & Grush, 1986; Miller & Norman, 1979).

Em síntese, para Berkowitz os acontecimentos aversivos provocam afecto negativo e este activa automaticamente pensamentos, sentimentos, memórias, e reacções fisiológicas, expressivas e motoras de fuga ou agressão. A activação de um destes elementos tende a activar os outros elementos da rede. A tomada de consciência de um destes elementos produz uma experiência de **irritabilidade**. Os processos cognitivos como a avaliação ou atribuição podem não ocorrer. Se ocorrerem vêm a modelar, completar ou suprimir a emoção.

2.5 Teorias construtivistas

A perspectiva construtivista de James Averill

Para Averill as emoções são definidas como síndromes socialmente construídos (papéis sociais transitórios) que incluem a avaliação da situação pelo indivíduo e que são interpretadas como paixões mais do que como acções. **Síndromes** no sentido de que são conjuntos de elementos que tendem a ocorrer em conjunto: um padrão de activação fisiológica, um circuito neurológico, um sentimento, uma avaliação cognitiva, o objecto da emoção, etc. A emoção não deve ser confundida com um dos seus elementos, nenhum deles é uma condição necessária ou suficiente para concluirmos que estamos perante uma emoção. Corresponde a um **papel social** na medida em que as circunstâncias da sua aparição e o contorno da sua expressão são previstos socialmente, o próprio sujeito que apresenta essa emoção procura conformar (não necessariamente conscientemente) o seu comportamento com as expectativas, e têm um significado

reconhecido assim como uma função ou **objectivo** psicológico (correcção do que foi mal feito através da restauração do sentido de equidade da pessoa **irritada** ou alteração mais ou menos permanente do comportamento do **alvo)** e social (ajudar a regular as relações interpessoais encorajando os potenciais alvos a conformarem-se com condutas sociais aceitáveis, prevenindo as reocorrências). Inclui uma **avaliação da situação** no sentido de um julgamento. Nas palavras de Averill um julgamento não pode existir sem um conteúdo, a pessoa não pode ficar irritada sem estar irritada com alguma coisa. O objecto da emoção, ou do julgamento emocional (avaliação) ajuda a definir o tipo de emoção. Isto é, para Averill (1982) a reacção fisiológica, o comportamento e outros aspectos que ocorrem na irritação, ciúme ou inveja, podem ser exactamente os mesmos. O que os distingue é sobretudo o seu objecto intencional. O objecto da irritação envolve de modo típico a avaliação de que alguém fez mal, o objecto do ciúme é uma potencial perda do outro, e o objecto da inveja é a sorte dos outros. Para Averill o objecto é um dos elementos da emoção, faz parte do síndrome e é distinguido das causas da emoção. As causas são os aspectos organísmicos ou contextuais que levam uma pessoa a fazer uma ou outra avaliação e a responder desta ou daquela maneira. Seriam exemplos a história do sujeito (ex. traumas de infância), o estado de activação fisiológica do indivíduo, o estímulo exterior presente na situação, assim como as condições de elicitação imediatas. Finalmente, por **paixão** pretende-se dizer que as emoções não são percebidas como auto-iniciadas, apresentadas deliberadamente, mas como algo que acontece à pessoa e não algo que ela faz.

Um dos aspectos interessantes do trabalho de Averill foi distinguir "anger" e "annoyance". Nas palavras de um dos sujeitos de Averill (1982) "Being annoyed is being bothered somewhat yet not really being concerned about it, while anger is the last straw of annoyance where emotions come into play.". Poderíamos dizer em português que annoyed corresponde a sentir-se aborrecido ou chateado embora nem sempre estas palavras tenham uma conotação de irritação como no caso de estar chateado por não ter nada para fazer ou achar que a conversa de alguém é uma chatice, enfadonha. Qualquer

coisa como a diferença entre sentir-se zangado (irado ou furioso) e sentir-se aborrecido. Averill pôde confirmar que os seus sujeitos habitualmente conseguiam distinguir se tinham estado com "anger" ou "annoyed". O autor destaca as diferenças entre um e outro conceito. Entre outras, a zanga tende a ser mais intensa, com mais frequência uma emoção interpessoal, a ocorrer perante acontecimentos mais sérios ou graves, envolver com mais frequência a atribuição de culpa e um desejo de vingança., etc. Queremos contudo realçar que nenhum destes aspectos é exclusivo da experiência de "anger" ou da experiência "annoyance". Averill refere que as diferenças entre anger e annoyance são em alguns aspectos análogas às diferenças entre conhecimento e crença e também a gostar e amar.

Discussão

O trabalho de Averill (1982) precede e antecipa em grande medida as perspectivas cognitivistas e constructivistas. De facto, as ideias de que a irritabilidade é uma emoção construída socialmente ou que é sentida como uma paixão, algo que acontece ao sujeito independentemente da sua vontade, já estão contidas na perspectiva construtivista de Averill e nas ideias de Seneca (ver Averill, 1982). O mesmo acontecendo com a crença na transgressão ou ofensa perpetrada pelo outro e a grande necessidade de acusação. A perspectiva de Averill também antecipa a noção chave do modelo de Weiner (1986) em que a irritabilidade ocorre quando um acontecimento negativo é atribuído ao controlo de outra pessoa, na medida em que Averill identifica como principal **instigador** da irritabilidade a percepção de actos voluntários e injustificados praticados por outros ou ainda acidentes potencialmente evitáveis. Ou seja, enquanto Weiner prefere enfatizar a noção de controle Averill enfatiza a noção de responsabilidade (seja por um acto voluntário ou negligente).

A perspectiva sociológica de Terry Warner

Para Warner (1986) as emoções são vistas como construções sociais e o uso das emoções é governado por expectativas implícitas na ordem moral da sociedade. Estas expectativas referem-se ao que é certo ou errado, apropriado, etc. A irritabilidade é uma conduta socialmente construída e regulada, embora os sujeitos não a vejam como uma conduta pessoal mas sim como uma consequência de algo ou alguém responsável pela sua irritabilidade.

É uma perspectiva cognitivista no sentido em que admite que algumas emoções, como a irritabilidade, são mediadas cognitivamente, isto é, são provocadas por um julgamento ou cognição sobre as intenções do outro.
A grande curiosidade desta perspectiva reside no facto de pôr em evidência que o sujeito irritado se ilude a si próprio ao pensar que a irritabilidade é causada, provocada, do exterior e que os outros o ajudam a iludir-se. Sentimos a emoção mas estamos certos de que nos foi causada por algo ou alguém. Neste aspecto o sujeito auto-ilude-se e os outros são seus cúmplices. A ilusão está no facto de pensar que a causa da irritabilidade está fora dele. O sujeito acredita que está a responder a uma ameaça exterior, independente dele e da sua vontade. O sujeito acredita ser uma vítima.

Um aspecto importante para o qual esta teoria chama a atenção é o facto da irritabilidade ter um carácter acusatório. Na perspectiva da pessoa irritada o outro está a transgredir, maliciosamente, sem consideração, ou a abusar dos seus interesses, a violar a sua dignidade e o resultado é uma emoção de autoprotecção e acusatória. Ela vê o outro a lidar injustamente (uma questão de direitos) com ela ou em seu desfavor (uma questão de interesses) e portanto é moralmente responsável pela emoção.

Para o sujeito irritado a causa da irritabilidade e objecto da irritabilidade são sinónimos. Quando está irritado o sujeito considera que a responsabilidade da sua irritabilidade é o

objecto da sua irritabilidade e não ela própria. A pessoa nunca se considera responsável pela sua irritabilidade. O responsável é aquilo que a faz estar irritada. A pessoa irritada acredita que a causa da sua irritabilidade está fora dela e não nela própria, acredita que é uma vítima, que está a responder a uma ameaça exterior, que a irritabilidade é um efeito de uma provocação independente. No entanto isto é falso, a irritabilidade não depende de um acto exterior e portanto a conclusão que o autor tira é que o sujeito se está a enganar. Se não vejamos o seguinte exemplo proporcionado por Warner (1986): "Imaginemos alguém que não aparece a um encontro depois de nos termos dado a um grande incómodo para nos encontrarmos com ela. À medida que esperamos, cada vez mais incomodados, reexaminamos a nossa relação com ela. Começa a aborrecer-nos, talvez como nunca tenha acontecido anteriormente, o facto de haver tanta coisa no passado que reflicta o seu desrespeito por nós, pelos nossos sentimentos e pelo nosso tempo. Aborrece-nos também o facto de termos sido tão ingénuos ao ponto de não termos notado esta repetida falta de consideração. Estamos certos que chegaria a horas se o quisesse, se isso fosse uma das suas prioridades, se não tivesse sido tão egoísta ou insensível. Recebemos então um recado informando que ele teve um acidente. De repente, o que era irritabilidade em crescendo desaparece, e em seu lugar sentimos vergonha por ter transgredido para com um amigo, por o ter acusado injustamente. Continua a ser verdade que foi inconveniente" (Warner, 1986). Para Warner (1986) a única coisa que muda é a nossa crença, essencial para a irritabilidade, de que o outro transgrediu, nos ofendeu, e portanto é responsável pelo que nós estamos a sofrer.

Se o sujeito deixa de estar irritado ao saber que o outro não teve a culpa, isso significa que a irritabilidade não pode ser contingente a algo exterior - às acções do outro - mas sim contingente ou dependente do julgamento que o sujeito estava a fazer sobre o outro.

De acordo com Warner (1986) se o sujeito acreditasse que a irritabilidade tem origem nele próprio deixava de estar irritado. Assim, é feito um corte entre cognição e emoção,

as cognições são nossas as emoções não, são um resultado ou resposta a determinadas cognições ou interpretações que fazemos dos actos dos outros.

Mesmo quando o sujeito admite que se enganou e pede desculpa, pede desculpa de se ter enganado, pensado ou raciocinado erradamente, mas não pede desculpa pelo facto de se ter irritado porque essa irritabilidade era legítima em função do raciocínio ou interpretação que estava a fazer.

Para compreendermos cabalmente esta perspectiva é necessário compreender uma afirmação: Os outros nunca têm culpa da nossa irritabilidade. Então não têm? "Olhe que às vezes acontece-nos cada coisa", ou, "às vezes certas pessoas fazem cada coisa que...", isto é, tendemos a ver a irritabilidade como algo que é provocado em nós; "estás a enervar-me". As pessoas não dizem, "desculpa irritei-me e não devia ter-me irritado". Em vez disso dizem "desculpa-me eu julguei que tu é que tinhas a culpa", e assim a irritabilidade fica legitimada. Além de acusatória a irritabilidade tem um carácter de resistência. O comportamento da pessoa irritada resiste à extinção do que a provocou. Recusa-se a deixar morrer a provocação. O sujeito parece usar a provocação, provocá-la, remoer ou cismar obsessivamente ou rancorosamente a sua condição de ofendido, provocando o outro e deitando achas para a discussão se acha que o outro a está a deixar arrefecer.

Síntese e discussão

A grande curiosidade desta perspectiva sociológica de Warner reside no facto de pôr em evidência que o sujeito irritado se ilude a si próprio ao pensar que a irritabilidade é causada, provocada, do exterior e que os outros o ajudam a iludir-se. O sujeito acredita honestamente que não tem a culpa de se irritar, o outro, o que lhe causou a irritação é que tem a culpa, daí o seu carácter acusatório. Por sua vez a expectativa da sociedade,

dos outros, é aceitarem, compreenderem, que o sujeito se irrite e que não tenha a culpa. Além disso a irritabilidade tem um carácter resistente, em vez de se dissipar rapidamente, procura tirar desforço.

Mais do considerar que a irritabilidade tem um carácter acusatório como o faz Warner (1986) suspeitamos que o receio de poder vir a ser culpabilizado ou criticado pelo facto de não ter cumprido o que estava previsto também pode ser um factor de irritação. Isto poderia explicar porque é que se encontra uma relação entre baixa auto-estima e elevada irritabilidade, as pessoas de auto-estima mais baixa poderão ter mais receio de ser criticados. A atribuição de culpa aos outros como mecanismo de defesa (preservação do self) e tentativa de diminuir a ansiedade resultante poderia ter origem neste receio de vir a ser culpabilizado. Isto explicaria a fortíssima associação entre irritação e atribuição de culpa. Por exemplo, Cramer (1991) induziu experimentalmente irritabilidade nos sujeitos e observou que eles usavam mais vezes o mecanismo de identificação e sobretudo o de projecção nas respostas ao TAT do que antes de ser induzida a irritabilidade e também mais do que um grupo de controlo.

(3) DEFINIÇÃO DE IRRITABILIDADE PARENTAL

Nesta parte definimos irritabilidade parental e fazemos a revisão bibliográfica sobre este tema à luz do modelo de Theodore Dix sobre as emoções que os pais sentem na sua relação com os filhos. Optámos pelo modelo de Dix por (1) ser um modelo especificamente sobre as emoções parentais, (2) ser um modelo abrangente sobre as emoções, abordando os vários aspectos relacionados com as emoções parentais, tanto antecedentes como consequentes, contextuais, relacionais e características pessoais dos pais e da criança; aspectos cognitivos, comportamentais e fisiológicos componentes ou associados à emoção.

Se a irritabilidade em geral tem sido pouco estudada, o caso específico da irritabilidade que surge no relacionamento com os filhos ainda menos. Alguns poucos estudos avaliaram a irritabilidade como traço de personalidade, paralelo à depressão, neuroticismo, etc., e a sua relação com o comportamento para com os filhos (Elder, Liker & Cross, 1984; Engfer, 1988; Engfer & Schneewind, 1982); outros, não estudando directamente a irritabilidade parental, utilizaram instrumentos que incluem exemplos de irritabilidade nas relações com os filhos como a escala sobre ambiente familiar (FES) de Moss e Moss (1981) ou a escala de tácticas usadas nos conflitos conjugais (CT), de Strauss (1979). Os únicos casos concretos de instrumentos que avaliam a irritabilidade parental são a subescala de "anger-proneness and helplessness" do Questionário de Atitudes Parentais de Engfer e Schneewind, 1978, (citado em Engfer & Schneewind, 1982); a subescala de impaciência/sobrecarga do questionário sobre "Atitudes e Sentimentos Parentais" (Engfer, 1984, citado em Engfer & Gavranidou, 1986); e a escala de irritabilidade parental de Pires (1992).

A irritabilidade parental poderá ser concebida como um conjunto de sentimentos, como sensação de não ter paciência para a criança, sentir-se tensa ou ter vontade de lhe bater e ter tendência para se encolerizar, zangar, gritar, ou ralhar quando interage com ela

(Pires, 1992). A impaciência e irritabilidade são manifestações que caracterizam o comportamento parental menos adequado. A irritabilidade do pai é um importante preditor da arbitrariedade do seu comportamento (Elder, Liker & Cross, 1984), de menos afecto positivo e mais afecto negativo quando interagem com os filhos de idade pré-escolar ou escolar em situações estruturadas (Conger, McCarty, Yang, Lahey, & Kropp, 1984), e contribui para que os pais punam severamente os filhos (Engfer & Schneewind, 1982). Concordantes com estes resultados são as avaliações que Theodore Dix efectuou sobre os efeitos do humor irritável. As mães de crianças entre os 6 e os 8 anos quando em momentos de humor irritável esperam que os seus filhos actuem de modo mais negativo. Quando as crianças não obedecem as mães fazem atribuições mais negativas sobre as crianças e ficam mais perturbadas (Dix, Reinhold, & Zambarano, 1990). Por outro lado, a expressão de maior irritabilidade é um elemento entre outros que caracteriza o ambiente familiar de grande parte das famílias que maltratam os filhos (Trickett & Susman, 1988).

Por sua vez, a irritabilidade no relacionamento com os filhos encontra-se associada ou dependente dos vários factores ou determinantes do comportamento parental. De acordo com Jay Belsky o comportamento parental seria influenciado por factores do próprio sujeito, nomeadamente a sua personalidade e a sua história de desenvolvimento, por factores ou características da própria criança e por factores do contexto social, de apoio ou stress, em que a relação pais-criança está inserida: a relação conjugal, a rede de contactos sociais de que faz parte, e o emprego. Os comportamentos parentais seriam determinados por causas múltiplas, não tendo todas o mesmo grau de influência e havendo para além das influências directas, as indirectas (Belsky & Vondra 1989). A irritabilidade, tensão e intolerância parentais encontram-se associadas a maior depressão por parte dos pais, (Colleta, 1983; Field, Sandberg, Garcia, Vega-Lahr, Goldstein, & Guy, 1985; Belle, 1982), mais stress (Belle, 1982; Heath, 1977), menor apoio social (Belle, 1982; Colleta, 1981); Garbarino, 1976; Crockenberg, 1987) e a histórias de desenvolvimento desfavoráveis (Engfer, e Schneewind, 1982; Crockenberg, 1987).

Theodore Dix (1991) elabora um modelo utilizando os elementos do modelo parental de Belsky (1984) mas situando-o nos processos afectivos.

(4) O MODELO DE THEODORE DIX

Vamos de seguida delinear o modelo de Theodore Dix (1991) sobre as emoções que os pais sentem na sua relação com o filhos. O modelo foca tanto o afecto positivo como negativo, no entanto debruçamo-nos mais sobre o afecto negativo e em particular sobre a irritabilidade dos pais por ser um dos objectos centrais deste estudo. Pela mesma razão damos mais atenção à descrição de dois dos elementos desse modelo - os processos de activação e os processos de organização - e em particular à relação da percepção e atribuição social e as suas relações com a emoção. Deste modo, a informação que damos aqui do modelo de Dix tem de ser considerada necessariamente parcial e incompleta.

As emoções ou afecto não são ainda estudadas em psicologia com a mesma frequência que os processos cognitivos ou os comportamentos. Embora a influência entre os três aspectos seja há muito reconhecida não existe um conhecimento sobre a natureza, funcionamento e papel das emoções comparável ao conhecimento alcançado sobre a cognição. A relação parental parece ser um dos contextos privilegiados para reforçar o estudo do afecto.

As emoções parentais reflectem a qualidade das relações parentais. Existe considerável evidência que o ambiente parental caracterizado por emoções positivas é mais favorável para o desenvolvimento da criança. No período da infância, um ambiente familiar caloroso prediz um desenvolvimento positivo enquanto um ambiente hostil prediz um desenvolvimento desfavorável (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978). Até emoções negativas momentâneas entre adultos podem causar perturbação e agressão em bebés e crianças pequenas (Cohn & Tronick, 1983; Cummings, Iannotti, & Zahn-Waxler, 1985). Emoções de forte intensidade também são um acontecimento diário nas relações parentais. Conflitos entre pais e filhos ocorrem entre 3 a 15 vezes em cada hora em famílias com crianças pequenas (Dunn & Munn, 1985, Lee & Bates, 1985; Minton,

Kagan, & Levine, 1971). Mesmo em famílias normais os pais relatam níveis elevados de irritabilidade com as crianças, necessidade de técnicas para controlar a irritabilidade e medo de que possam em qualquer altura perder o controle e magoar os filhos (Frude & Gross, 1979).

Talvez mais do que qualquer outra variável isoladamente as emoções dos pais reflectem a saúde das relações parentais. As emoções negativas intensas e crónicas por parte dos pais são um sinal de disfuncionamento familiar. Por isso as emoções são o barómetro da qualidade do comportamento parental, do desenvolvimento provável para a criança e do impacto que o stress e apoio ambiental estão a ter na família (Dix, 1990). O stress e apoio provenientes entre outras fontes da ocupação profissional e relações maritais influenciam a qualidade da educação parental porque influenciam as emoções que os pais experimentam ou manifestam nas relações com os filhos (Dix, 1990). Os pais com níveis elevados de stress (Crnic, Greenberg, Ragizin, & Basham, 1983; McLoyd, 1990; Passman & Mulherin, 1977; Weinraub & Wolff, 1983; Zussman, 1980) e com baixos níveis de apoio (Belsky, 1984; Colletta, 1979, Pascoe, Loda, Jeffries, & Easp, 1981; Unger & Wandersman, 1988; Weintraub & Wolff, 1983) revelam dificuldades com os filhos, nomeadamente punição severa e inconsistente. As emoções negativas também são um aspecto proeminente nas famílias disfuncionais como o caso das famílias que maltratam os filhos (Lahey, Conger et al., 1984; Susman, Trickett, Iannotti, Hollenbeck, & Zahn-Waxler, 1985; Trickett & Kuczynski, 1986; Wolfe, 1985) e as mães deprimidas (Longfellow, Zelkowitz, & Saunders, 1982; Pannaccione & Wahler, 1986; Radke-Yarrow, 1990; Susman, Trickett, et al., 1985; Weissman & Paykel, 1974). Convém notar que as emoções negativas podem ser adaptativas para o comportamento parental se não forem excessivas ou crónicas (Johnson & McGillicuddy-Delisi, 1983; Zahn-Waxler, Radke-Yarrow, & King, 1979).

O modelo de Dix (1991) procura compreender as emoções no âmbito da acção parental. O modelo explica 1) como é que as emoções parentais são activadas, isto é, descreve os

processos que determinam quando é que a emoção vai ocorrer, que emoção aparecerá e com que magnitude ela se vai manifestar (processos de Activação); 2) como é que as emoções, uma vez activadas, modificam ou influenciam as cognições, fisiologia, motivação, percepção, tendências comportamentais e expressões faciais e vocais (processos de Participação e Organização "engagement"); e por último, 3) como é que as pessoas avaliam, isto é, compreendem, essa emoção, tentam controlar ou suprimir a sua expressão e avaliam como os outros vão reagir a essas emoções (processos de regulação).

4.1 Processos de activação

Os processos de activação incluem vários aspectos: primeiro os factores parentais: 1) os interesses dos pais; 2) as avaliações que fazem da situação; e 3) as competências comportamentais dos pais. Em segundo lugar 4) as características da criança. Por último 5) os determinantes contextuais. Vamos abordar cada um destes aspectos começando com os interesses.

Efeitos dos interesses e expectativas sobre a emoção

Os interesses designam todos os resultados que os pais valorizam ou desejam promover nas crianças (Dix, 1991). Vejamos dois exemplos proporcionados por Dix. (1) Um pai é incapaz de confortar a sua bebé. Ele sente-se irritado e frustrado porque o seu choro é agressivo, e sente uma perturbação empática por vê-la tão infeliz, ao mesmo tempo sente-se preocupado porque teme que ela esteja muito doente. (2) Uma mãe que já está atrasada para um importante compromisso no emprego, diz à sua criança para lavar rapidamente os dentes e calçar os sapatos. Alguns momentos depois fica irritada por ver que a criança, em vez de fazer o que lhe tinham dito, está a ver livros. Nestes dois casos

as emoções são activadas porque os resultados das interacções são importantes para os pais, são importantes para os objectivos, valores, planos e outros interesses que os pais querem promover (Dix, 1991). Os interesses incluem **planos** para ter as coisas feitas, como no 2° exemplo, a criança ficar pronta para sair; **valores** sobre como as crianças deveriam agir, por exemplo "as crianças devem ser sensíveis para os outros"; e **objectivos pessoais** que pouco têm a ver com a criança, por exemplo, chegar a horas a um compromisso. Alguns estímulos são de modo inerente dolorosos, atractivos ou desagradáveis como o caso do choro do bebé (Dix, 1991).

Portanto, os pais têm valores, objectivos e planos sobre como esperam ou desejam que a criança se comporte, ou como as interacções decorram. Se o comportamento da criança ou a interacção não cumpre esses objectivos ou planos, não promove esses valores, os pais tendem a apresentar emoções negativas de desapontamento ou irritação. Se, pelo contrário, os valores e objectivos forem promovidos ou cumpridos os pais tendem a apresentar emoções positivas como a alegria.

Os interesses podem estar relacionados com elevada emocionalidade negativa e baixa emocionalidade positiva se os pais tiverem expectativas irrealistas sobre o comportamento da criança, expectativas que são mais originadas em interesses pessoais dos pais do que em função das necessidades e interesses da criança. Este desajustamento pode tomar três formas:

Primeiro, alguns pais têm expectativas, planos e objectivos (interesses) sobre o comportamento da criança que são demasiado altos ou irrealistas e que as crianças não podem promover ou cumprir. As mães abusivas, deprimidas e adolescentes têm expectativas irrealistas e esperam que a criança se comporte de modo mais adulto do que as outras mães (Azar, Robinson, Hekimian, Twentyman, 1984; Vasta, 1982; Zelkowitz, 1982; Steele, 1987). As mães abusivas, por exemplo, esperam que crianças de 2 ou 3 anos tomem responsabilidade de irmãos mais novos (Steele, 1987). Estas mães

poderão irritar-se com frequência com as crianças porque as suas expectativas irrealistas são com frequência violadas (Dix, 1991).

Segundo, alguns pais estão mais centrados nos seus interesses do que nos da criança, esperam que os seus interesses sejam realizados e aborrecem-se com o facto de a criança prejudicar, dificultar ou interferir na promoção desses interesses. As mães que desenvolvem "attachment" inseguro são mais centradas nos seus pensamentos e sentimentos do que nas necessidades do bebé (Ainsworth, Blehar, et al., 1978) e tendem a responder menos às crianças e a ficar irritadas com mais frequência com os seus bebés quando estes interferem com os seus interesses. As mães deprimidas também são caracterizadas por autopreocupação, incapacidade para responder às necessidades da criança, e desatenção ao comportamento das crianças (Downey & Coyne, 1990; Susman, Trickett, et al., 1985; Weissman & Paykel, 1974). As mães deprimidas também concordam menos com os pedidos das crianças e respondem de modo menos contingente ao comportamento daquelas (Bettes, 1988; Cox, Puckring, Pound, & Millset, 1987; Kochanska, Kuczynski, Radke-Yarrow, & Wellch, 1987). Uma parte das mães deprimidas são intrusivas, isto é, ignoram o estado da criança e interferem provocando protestos e evitamento do olhar (Field, Healy, Goldstein, & Guthertz, 1990). As mães abusivas também são mais centradas em si do que nas suas crianças (Crittenden, 1981).

Terceiro, alguns pais fazem uma inversão de papéis e esperam que sejam as crianças a dar-lhes coisas que elas deveriam dar às crianças. Por exemplo, as mães adolescentes esperam que os seus bebés lhes dêem amor e as respeitem. Crockenberg (1985) refere que as mães que esperam que os seus filhos se adaptem às suas expectativas tenderão a desencadear o conflito quando os filhos por volta de 1/2 anos fizerem mais exigências de autonomia. As mães que não esperam, ou não tencionam, adaptar-se aos seus filhos, irritar-se-ão facilmente com as crianças nestas idades. Neste estudo de Crockenberg (1985) as mães que exprimiam com mais frequência irritação para com os filhos tinham

atitudes menos responsivas (questionários) no período pré-natal. Por outro lado as crianças ficavam frequentemente perturbadas face à irritabilidade da mãe.

Em síntese, os interesses influenciam as emoções. Os pais têm valores, objectivos e planos sobre como esperam ou desejam que a criança se comporte, ou como as interacções com ela decorram. Se o comportamento da criança ou a interacção não cumprem esses interesses os pais tendem a apresentar desapontamento ou irritação se estes interesses forem promovidos eles tendem a apresentar alegria. As expectativas também produzem emoções. Os pais podem apresentar emoções negativas, nomeadamente irritabilidade, quando os filhos não cumprem as suas expectativas irrealistas, quando interferem ou dificultam os seus interesses pessoais, e quando as expectativas não podem ser cumpridas pois representam o desejo de uma inversão de papéis entre pais e filhos.

Efeitos das avaliações sobre a emoção

As emoções dos pais dependem das atribuições que eles fazem sobre os motivos que levaram a criança a agir a favor ou contra os seus interesses. O grau de aborrecimento dos pais com os comportamentos negativos dos filhos depende das inferências que eles fazem sobre as intenções da criança e sobre o controlo que as crianças têm sobre esses comportamentos (Dix & Grusec, 1985). As mães ficam mais aborrecidas quando pensam que a criança compreende, desejou ou tem controlo sobre o comportamento negativo que efectuou, e portanto, que estes actos negativos reflectem disposições negativas de personalidade na criança (Dix & Lochman, 1990; Dix & Reinhold, 1991; Dix, Ruble et al., 1986; Dix, Ruble, & Zambarano, 1989).

Este fenómeno tenderá a ocorrer com mais frequência nas famílias disfuncionais. As mães de rapazes agressivos e as mães abusivas tendem a atribuir com mais frequência o

comportamento negativo dos filhos a motivações e disposições negativas da criança ao passo que os comportamentos positivos são mais raramente atribuídos a disposições da criança (Bauer & Twentyman, 1985; Dix & Lochman, 1990; Larrance & Twentyman, 1983). A mães deprimidas, por seu lado, vêm ou percebem o comportamento dos seus filhos como mais aversivo e desajustado (Brody & Forehand, 1988; Greist, Wells, & Forehand, 1979; Pannacione & Wahler, 1986; Rickard, Forehand, Wells, Greist, & McMahon, 1981; Rogers & Forehand, 1983, Schaughency & Lahey, 1985).

Uma vez estabelecidas, estas predisposições cognitivas negativas podem induzir emoções negativas nos pais mesmo quando o comportamento da criança não é particularmente negativo (Brunk & Henggeler, 1984; Mash & Johnston, 1982). Estas atribuições sobre o comportamento negativo dependem das ideias ou ideologias que as mães possuem sobre a criança e sobre a educação (Dix, 1991); As mães com ideologias autoritárias têm mais probabilidade de pensar que as suas crianças compreendem e têm controlo sobre os seus comportamentos negativos (Dix & Reinhold, 1991; Dix, Ruble, & Zambarano, 1989). Se as mães pensam que o comportamento negativo da criança se deve à sua própria ineficácia ou outros constrangimentos externos (atribuições externas), tendem a sentir-se menos aborrecidas com as crianças (Dix & Lochman, 1990; Dix, Ruble et al., 1986).

Além das atribuições, outro aspecto que está relacionado com as emoções é a sensação de controlo que os pais sentem sobre os filhos. Os pais experimentam mais emoções negativas se inferem que são incapazes de lidar ou de controlar as interacções com os filhos. Os adultos que pensam que não têm controle sobre as crianças mostram maior activação e reactividade quando interagem com crianças difíceis. Esta sensação de menor controle encontra-se com frequência em famílias disfuncionais. As mães abusivas, por exemplo, pensam que têm menos controle sobre as crianças (Bugental, Mantyla, & Lewis, 1989). Neste tipo de famílias os pais poderão desenvolver crenças acerca da criança e da sua ineficácia como pais que alimentam emoções negativas e os levam a

comunicar irritabilidade e tristeza, prejudicando ainda mais o seu controlo (Bugental & Schennum, 1984; Bugental, Mantyla, & Lewis, 1989). De acordo com o conceito de auto-eficácia de Bandura, (1977; 1988), seria de esperar que os pais com baixa estimação da sua eficácia parental, ou seja com pouca confiança na sua habilidade para lidar com as crianças, tenderiam a desistir facilmente, a fazer atribuições internas para os seus falhanços e experimentar um aumento na ansiedade e/ou depressão. Por exemplo, as mães que tenham a crença de que não podem controlar, ou de que não são capazes de controlar o choro do bebé podem experimentar elevada activação e irritabilidade quando ouvem o bebé chorar.

Em síntese, as emoções dependem das avaliações que os pais fazem sobre as intenções da criança e do controlo que eles e a criança têm sobre a situação. Por exemplo, os pais sentem-se mais aborrecidos com comportamentos negativos dos filhos se atribuem esse comportamento à intenção da criança, se acham que ela tem controle sobre a situação e se ao inverso eles próprios sentem não ter controle sobre a criança.

As competências comportamentais dos pais

Alguns pais experimentam níveis elevados de irritabilidade e de tristeza no relacionamento com os filhos porque não possuem competências educativas eficazes para satisfazer as necessidades das crianças e promover ao mesmo tempo os seus interesses.

Os pais que maltratam ou abusam as crianças, e os pais coercivos não prestam suficiente atenção ao comportamento dos filhos e por isso têm dificuldades em coordenar os seus interesses e acções com os interesses das crianças (Wahler & Dumas, 1989). Também não respondem ou actuam de modo positivo e cooperativo com a criança prejudicando assim os planos e interesses das crianças (Burgess & Conger, 1978; Patterson, 1982).

As características interactivas das mães **depressivas** também tendem a não promover os interesses ou necessidades das crianças, e a originar afecto negativo, nomeadamente irritabilidade, quer na criança, quer na mãe. Os dados indicam que as mães depressivas tendem a ser menos atentas ou disponíveis para a criança, menos responsivas ou mais lentas a responder, mais restritivas ou mesmo hostis ou punitivas ou ainda a ter um comportamento intrusivo. Respondem menos às solicitações das crianças e iniciam mais acções que não têm em conta os interesses das crianças (Cox, Puckring et al., 1987). As suas respostas são menos consistentes, sensitivas e contingentes (Field, Sandberg et al., 1985; Fleming, Ruble, Flett, & Shaul, 1988). Falam mais devagar, de modo menos contingente, positivo e previsível (Bettes, 1988). Adoptam estratégias punitivas que são ineficazes, a sua disciplina é mais hostil e controladora (Cox, Puckring et al., 1987; Pannaccione & Whaler, 1986). Colleta (1983) observou que as mães depressivas propiciavam às suas crianças um ambiente mais hostil, indiferente e rejeitante. O estudo de Cox e colaboradores (1987) mostra que as interacções das mães deprimidas com os seus bebés eram marcadas por insensibilidade para a pistas proporcionadas pela criança e terminavam com frequência em choro por parte desta ou tentativas de controlo por parte da mãe. No estudo de Belle (1982), a relação entre a mãe e a criança parecia sofrer a influência do stress e em particular da depressão. As mulheres referiam que cuidar das crianças era uma das suas tarefas mais difíceis quando estavam deprimidas. As mulheres sob stress ou ansiosas, referiam ser mais exigentes com as crianças, menos tolerantes em relação à desobediência, gritando e punindo mais quando confrontadas com a desobediência. A observação do seu comportamento também revelava menos comportamentos responsivos e carinhosos e mais comportamentos restritivos e punitivos.

Alguns estudos revelam que as deficiências nas competências dos pais podem estar associadas a **histórias de desenvolvimento** desfavoráveis. No estudo de Engfer e Schneewind (1982) a irritabilidade e tensão nervosa (medida pela equivalente alemã do 16 PF) eram preditas por experiências desfavoráveis de socialização dos pais, ou seja,

uma história de desenvolvimento desfavorável e eram um forte preditor da tendência para se encolerizarem com os filhos (parental anger-proneness). Por sua vez, esta tendência para se encolerizar era um dos melhores preditores da utilização de punição severa. No estudo de Crockenberg (1987) as mães que tinham sofrido rejeição durante a infância exibiam mais irritabilidade e punição para com os filhos de dois anos.

Em síntese, as competências parentais podem ser uma fonte de emoções. Quando os pais são menos capazes de satisfazer as necessidades das crianças e promover ao mesmo tempo os seus interesses correm mais riscos de se irritarem, frustrarem ou deprimirem. A deficiência nestas competências significa serem menos atentas, disponíveis, responderem menos às solicitações das crianças, não terem em conta os seus interesses; serem mais restritivas, punitivas, intrusivas, hostis, insensíveis, intolerantes, etc.

As características da criança

Para Dix (1991) as características das crianças que elicitam reacções afectivas nos pais são aquelas que promovem ou pelo contrário prejudicam os interesses e anseios dos pais. As crianças hiperactivas, impulsivas, desobedientes ou com temperamento difícil elicitam mais afecto negativo, nomeadamente irritabilidade, por parte das mães (Boukydis & Burgess, 1982; Buss, 1981; Lee & Bates, 1985; Mash & Johnston, 1982; Patterson, 1982; Stevens-Long, 1973).

O **temperamento** da criança é outro factor que poderá influenciar a irritabilidade da mãe. No estudo de Crockenberg (1987) a irritabilidade do bebé medida aos três meses, e operacionalizada através do tempo que a mãe demorava a acalmar a criança (facilidade em ser acalmada), não estava relacionada com o comportamento da mãe quando analisada individualmente. No entanto a irritabilidade do bebé aos três meses em conjunção com o comportamento irritável e punitivo da mãe tinha um efeito sobre o

comportamento da criança aos dois anos. Quando as crianças irritáveis tinham mães irritáveis e agressivas tendiam a exibir aos dois anos mais irritabilidade, desobediência e menor confiança do que os bebés menos irritáveis que tivessem igualmente mães irritáveis e punitivas.

Em síntese, as características das crianças podem originar emoções dos pais. As características que prejudicam ou contrariam os interesses dos pais, como o temperamento difícil, tendem elicitar afecto negativo, nomeadamente irritabilidade.

Os determinantes contextuais

O contexto em que as famílias vivem não é igual para todas. Algumas vivem em contextos que propiciam o aparecimento de afecto negativo. O contexto associado ao estatuto socio-educativo mais baixo proporciona menos recursos e impõe mais limitações porque do grau de instrução destas pessoas depende o seu emprego, a habitação, os cuidados médicos, a educação que podem proporcionar às criança, etc. Sem ser factor causal, não é de admirar que estas famílias refiram mais emocionalidade negativa (McLoyd, 1990).

O stress em geral e o **stress profissional** em particular, pode ser incompatível com o relacionamento parental adequado e uma fonte de maior irritabilidade.

Heath (1977) mostrou que quanto mais tempo e energia os pais dedicavam ao seu emprego, mais sentimentos de culpa, irritabilidade e impaciência mostravam nas sua relações com os filhos. Consistente com esta perspectiva é o trabalho de Piotrkowski (1979). Este trabalho mostra como a experiência profissional pode influenciar o que se passa na família através da mediação do estado emocional do adulto que por sua vez

influencia a disponibilidade que terá para os membros da família (Bronfenbrenner & Crouter 1983). Quando os adultos se sentiam em stress ou preocupados devido a conflitos, sobrecarga, tédio ou subutilização das suas capacidades vinham para casa fatigados irritáveis e preocupados e procuravam criar ou manter uma "barreira" entre eles e os outros membros da família. Quando os filhos não mantêm esta distância os pais tornam-se irritados e zangados. Pelo contrário, quando o adulto se sentia satisfeito com o seu emprego, tendia a iniciar contactos calorosos, próximos e interessados com os familiares.

A **satisfação profissional** dos pais é outro aspecto associado ao comportamento parental menos adequado. Kemper e Reichler (1976) encontraram uma relação negativa entre a satisfação profissional dos pais e a severidade da punição utilizada pelos pais.
O **apoio social**, pelo contrário, poderá ser um factor que minimize as condições psicológicas adversas. O apoio ou assistência nos cuidados a prestar à criança, o apoio emocional incondicional, e orientações sobre como se pode manter o controlo e autoridade sobre a criança revelaram-se importantes em especial no caso de mães solteiras (Belle, 1982). Esta autora verificou que o número de pessoas que apoiavam a mãe especificamente nos cuidados a prestar à criança e ter alguém a quem pudessem recorrer, mesmo sem ser em situações de necessidade, estavam associados ao bem estar emocional e à qualidade das interacções com os filhos. Colleta, (1981) num estudo com mães adolescentes verificou que as mães com níveis elevados de apoio emocional referiam ser menos agressivas e rejeitantes, ralhavam e ameaçavam menos as crianças. Noutro estudo com mães adolescentes Crockenberg (1987) descobriu que as mães que tinham pouco apoio do companheiro após o parto exibiam mais irritabilidade e punição parental com as suas crianças quando elas tinham dois anos.

Em suma, ainda que de modo indirecto, o estatuto sócio-educativo, a rede social com a qual o indivíduo se relaciona e o seu contexto profissional, podem determinar a ocorrência de emoções positivas ou negativas nos pais quando interagem com os filhos.

4.2 Processos de participação e organização

Uma vez activadas, as emoções vão influenciar, isto é, as emoções vão organizar ou participar nos processos de que os pais necessitam para responder de modo eficaz (Frijda, 1986; Izard, Kagan, & Zajonc, 1984; Sherer & Ekman, 1984). Esses processos são quatro: a cognição, a motivação, a expressão das emoções e preparação para a acção. A influência da emoção sobre a cognição passa pela activação e monitorização da atenção, por orientar a cognição para informações relevantes e por canalizar e simplificar os processos de decisão. Quanto à motivação, as emoções activam motivações nos pais para manterem ou modificarem o comportamento imediato da criança assegurando ao mesmo tempo que os valores a médio prazo mais importantes dos pais tenham prioridade e sejam promovidos. Também afectam o comportamento expressivo na medida em que moldam as expressões faciais, o tom de voz e os movimentos do corpo revelando como os pais se sentem e como eles querem que os filhos actuem. As emoções também induzem a preparação para a acção porque levam os pais a aproximar-se ou afastar-se dos filhos, e também a confortar, elogiar ou criticar a criança.

Embora as emoções sejam usadas para ajudar os pais a agir de modo eficaz e a promover os seus objectivos elas também podem prejudicar o comportamento parental pelo menos de duas maneiras, por defeito e por excesso. Primeiro, se os pais não activarem em determinadas circunstâncias uma certa emoção isso pode resultar num comportamento parental pouco participativo ou organizado, como por exemplo, a mãe que não sente suficiente irritação por o seu filho não se despachar quando ela está atrasada não transmite ao filho de modo apropriado as suas intenções. Segundo, as emoções também podem prejudicar o comportamento dos pais se elas forem excessivas e portanto estiverem desajustadas à tarefa do momento, como no caso dos pais que se sentem irritados após uma discussão com a esposa sentem com frequência inclinações que dificilmente se ajustam às tarefas educativas (Frijda, 1986). A irritabilidade

resultante da relação com a esposa, se trazida para a relação com a criança, interfere com o interesse empático pelas frustrações ou alegrias da criança.

As emoções negativas produzidas por interesses pessoais dos pais fazem com que os pais não respondam às necessidades e interesses dos filhos e prejudicam a promoção dos interesses que os pais querem promover nas crianças.

Efeitos da emoção sobre a Percepção e Cognição

As emoções controlam a sensibilidade e atenção aos estímulos (Derryberry & Rothbarth, 1984; Frijda, 1986; Izard, 1984; Zajonc, e Marcus, 1984); a codificação, armazenamento e recuperação da informação (Blaney, 1986; Bower, 1981; Izard, 1984); o tempo e capacidade de processamento (Derryberry & Rothbarth, 1984; Frijda, 1986); as regras de decisão ou estratégias que as pessoas utilizam (Isen, Means, Patrick, & Nowicki, 1982) a percepção do outro (Brody & Forehand, 1988; Greis, Wells, & Forehand, 1979; Pannaccione & Wahler, 1986; Rickard, Forehand et al., 1981; Rogers & Forehand, 1983; Schaughency & Lahey, 1985); e as atribuições (Bauer & Twentyman, 1985; Dix & Lochman, 1990, Larrance & Twentyman, 1983).

Porque é que as emoções negativas e em especial as fortes emoções negativas afectam as percepções e cognições? Têm sido apresentadas quatro hipóteses explicativas: 1) as emoções criam uma propensão nos pais para terem expectativas e percepções negativas sobre as crianças, e para atribuírem intenção e controlo à criança sobre os seus comportamentos negativos ; 2) as emoções prejudicam a atenção e monitorização; 3) afectam a clareza do raciocínio e a resolução de problemas; 4) impedem o ajustamento entre o nível de activação e a complexidade da tarefa cognitiva.

Quanto à primeira hipótese, admite-se que as emoções negativas aumentam as expectativas negativas, assim como as percepções e avaliações e promovem atribuições dos comportamentos negativos ao controlo e disposições da criança (Bugental, Mantyla, & Lewis, 1989; Dix & Lochman, 1990; Dix & Reinhold, 1991; Dix et al., 1986; Dix, Ruble, & Zambarano, 1989). No entanto a maioria destes estudos ainda não permitiu discernir o que é causa e o que é efeito. O afecto negativo tanto pode ser causa como efeito das percepções e cognições negativas.

Menos equívocos são os resultados do estudo de Dix, Reinhold e Zambarano, (1990). Neste estudo os pais avaliaram um comportamento da criança em dois momentos diferentes. Num caso estavam sob o efeito momentâneo de irritabilidade, noutro caso o humor era neutro. Quando momentaneamente irritados, os pais tinham expectativas mais negativas sobre as crianças, faziam mais atribuições negativas para o seu comportamento, e sugeriam respostas parentais mais negativas do que quando sob afecto neutro. Também achavam que os problemas de desenvolvimento dos filhos eram mais graves, e esperavam que as suas crianças se comportassem de modo mais negativo em situações problema.

Quanto à segunda hipótese, existem vários dados que nos permitem dizer que as mães que apresentam com mais frequência afecto negativo, nomeadamente irritabilidade, não estão tão atentas às suas crianças e portanto não dispõem da atenção requerida para cuidar de modo eficaz das crianças. Primeiro, as mães deprimidas tendem a ser preocupadas e desatentas e a ignorar as solicitações de atenção por parte das crianças fazendo com que elas façam pedidos com mais intensidade (Cox, Puckring et al., 1987; Field, Sandberg et al., 1985; Weissman & Paykel, 1974). Segundo, as mães de crianças agressivas e as mães deprimidas ou sob stress tendem a responder às crianças de um modo que não depende das pistas imediatas da criança (Brody & Forehand, 1986; Dumas & Wahler, 1986; Greis, Wells, & Forehand, 1979; Patterson, 1982). Terceiro, este tipo de mães também revelam menor capacidade para fazer descrições detalhadas e

rigorosas dos comportamentos das crianças (Whaler & Dumas, 1989). No entanto, ainda existe muita controvérsia sobre as mães deprimidas. Com frequência não é claro se os julgamento negativos destas mães reflecte uma distorção ou uma avaliação exacta dos problemas dos filhos (Richters, 1992). Também existe evidência de que certas tarefas que exigem elevada atenção induzem um estilo de comportamento parental fortemente controlador, característico dos pais mais perturbados (Zussman, 1980). A explicação para esta menor atenção pode ser de dois tipos. Para alguns autores (Hetherington & Camara, 1984; Patterson, 1982) o stress, as emoções fortes e as tarefas demasiado complexas preocupam tanto os pais que eles se centram sobre si próprios ou sobre o que estão a fazer de tal modo que o tempo e atenção disponíveis para cuidar da criança diminui. Outros (Wahler & Dumas, 1989; Zussman, 1980) propõe que o stress e emoções fortes reduzem a utilização de informação e põe em funcionamento constructos sociais relativamente rígidos para assimilar o comportamento da criança.

A terceira hipótese defende que as emoções negativas prejudicam a resolução de problemas e a habilidade para raciocinar claramente sobre os conflitos com as crianças (Maccoby, 1980; Patterson, 1980). Por exemplo, as mães com maior irritabilidade definem os problemas de modo menos claro, propõe soluções mais pobres, são menos organizadas na discussão destes problemas e têm mais probabilidade de deixar os conflitos por resolver (Forgatch & Wieder, 1982, citado em Patterson, 1982).

A quarta e última hipótese refere que a realização de cada tarefa cognitiva exige uma activação fisiológica específica; quanto maior for a complexidade da tarefa, menos activado tem de estar o sistema fisiológico (Yerkes & Dodson, 1908, citado em Dix, 1991). A pobre resolução de problemas das mães mais irritáveis pode ser um exemplo de prejuízo do processamento de informação mais complexo devido a excessiva activação.

Forgas (1995) deu um passo importante na compreensão das razões pelas quais as emoções podem influenciar o pensamento e julgamento? E quais os processos que tendem a ser mais influenciados pelo afecto? Forgas (1995) delineia um Modelo de Infusão do Afecto (AIM) que identifica quatro estratégias de processamento da informação que as pessoas utilizam nos julgamentos sociais. Primeiro, **estratégias de acesso directo**, baseadas na recuperação (retrieval) directa de julgamentos cristalizados pré-existentes. Este processamento de acesso directo é mais provável quando o alvo do julgamento é conhecido ou familiar e tem características muito prototípicas que evocam um julgamento já existente e armazenado, a pessoa que avalia não está pessoalmente envolvida, e não há aspectos cognitvos, afectivos ou situacionais que exijam maior elaboração. Segundo, **estratégias de processamento motivado**, empregues quando a computação de um julgamento é guiada por uma motivação específica. Terceiro, **estratégias de processamento heurístico**, usada quando os avaliadores procuram construir um julgamento usando vários "shortcuts". Quarto, **estratégias de processamento substantivas**, adoptada quando os avaliadores precisam de usar um processamento construtivo da informação disponível e se baseiam numa variedade de processos de aprendizagem associativos e de memória. Isto é, têm de seleccionar, aprender e interpretar informação nova acerca do alvo e relacionar esta informação com as estruturas de conhecimento pré-existentes. Estes processos têm maior probabilidade de ocorrer quando o alvo é complexo ou atípico e o avaliador está motivado para ser correcto, possivelmente devido a exigências situacionais.

Os processos construtivos correspondem a processos em que os avaliadores têm de ir para além da informação fornecida. Em contraste com a percepção física, os julgamentos sociais habitualmente lidam com aspectos que não são directamente observáveis mas que têm de ser inferidos, as informações têm de ser seleccionadas e construídas pelos avaliadores.

De acordo com um modelo de processamento da informação os julgamentos (incluindo e sobretudo os julgamentos sociais) são vistos como operações cognitivas como a atenção, aprendizagem, recordação e associações e requerendo a codificação das informações observadas em representações semânticas e a activação selectiva de estruturas de conhecimento relevantes já existentes (Wyer & Srull, 1989).

De acordo com o modelo, o efeito do humor nos julgamentos é mais provável quando são usados os dois últimos tipos de processos. A escolha entre estes 4 tipos de estratégias é determinada por uma combinação de características do avaliador, do alvo, e situacionais. Uma predição interessante deste modelo confirmada em várias experiências (Fiedler, 1991; Forgas, 1992a; 1993; 1994) é que quanto mais extensivo e substantivo o processamento requerido (por alvos não habituais e complexos) maior será o efeito da emoção, porque essas estratégias oferecem maior espaço para a valência do afecto ser incorporada no julgamento. O afecto tem um papel mais importante nos processamentos substantivos através da sua influência selectiva no tipo de informação utilizada (Bower, 1991; Forgas 1992b).

Assim estar de mau humor leva as pessoas a darem mais atenção (atenção selectiva) à informação negativa, recordarem informação concordante com este tipo de humor e a fazerem interpretações mais negativas de situações ambíguas (Bower, 1991; Erber, 1991; Forgas, 1992b; Mayer, Gaschke, Braverman, & Evans, 1992; Petty, Gleicher, Baker, 1991; Salovey, O'Leary, Stretton, Fishkin, & Drake, 1991; Singer & Salovey, 1988).

Em resumo, as emoções influenciam os aspectos perceptivos e cognitivos. Por exemplo, as emoções negativas aumentam as expectativas e percepções negativas e promovem atribuições dos comportamentos negativos ao controlo e disposições da criança. As emoções também afectam a atenção. Quando estão sob emoções negativas, nomeadamente irritabilidade, os pais são menos atentos às necessidades da criança.

Efeitos da emoção sobre a Motivação

Uma vez activada, a emoção influencia a motivação. As emoções dos pais levam-nos a confortar, proteger, estimular ou disciplinar as crianças. Por exemplo, a alegria dos pais ao verem o sorriso da criança pode levar os pais a beijá-la ou fazer-lhe festas, enquanto que a irritabilidade pode motivá-los a utilizarem regras mais firmes.

A influência da emoção sobre a motivação pode resumir-se a dois aspectos: influência por defeito e por excesso. No primeiro caso, as mães que não se envolvem emocionalmente poderão activar os esforços parentais com intensidade, frequência ou persistência insuficientes. Por exemplo, as mães em "distress" poderão suprimir ou nunca activar as emoções necessárias para motivar a educação parental eficaz (Dix, 1991). No segundo caso, alguns pais poderão experimentar emoções negativas tão fortes que prejudicam o comportamento parental.

Vejamos o primeiro aspecto. A ideia de que alguns pais não apresentam envolvimento afectivo suficiente para promover uma acção parental eficaz pode ser confirmada numa série de estudos com disfunções familiares. Nas famílias com conflitos conjugais os pais tendem a evidenciar padrões de baixa activação quando interagem com os filhos em tarefas de ensinar as coisas da escola (Gottman & Katz, 1989). São frios, pouco responsivos mas ao mesmo tempo irritáveis. O comportamento dos pais negligentes (Bousha & Twentyman, 1984; Critenden, 1981; Maccoby & Martin, 1983), mães deprimidas (Field, Healy, Goldstein, & Guthertz, 1990), abusivas (Feshbash, 1987, citado em Dix, 1990) e das mães que desenvolvem "attachment" inseguro (Egeland & Farber, 1984) também é caracterizado por desinvestimento e falta de disponibilidade emocional, de indiferença ou falta de emoções empáticas necessárias aos esforços de socialização.

Quanto ao segundo aspecto, as emoções negativas fortes podem prejudicar o comportamento parental porque motivam os pais para objectivos pessoais imediatos ou porque os hipersensibilizam aos estímulos aversivos.

Uma razão pela qual as emoções fortes poderão prejudicar o comportamento parental reside na sua tendência a aumentar as motivações a curto prazo e as motivações pessoais em detrimento das motivações a longo prazo e motivações centradas na criança (Maccoby & Martin, 1983). Forte irritabilidade em relação ao choro da criança pode motivar os pais a fazerem parar imediatamente e a qualquer preço esse choro, (uma motivação imediata e centrada nos interesses pessoais dos pais), em vez de a distraírem e procurarem explicar-lhe porque é que os interesses da criança naquele caso não podem ser satisfeitos, (um motivo a longo prazo e centrado na criança porque a ensinaria a comportar-se de outro modo no futuro). Os motivos centrados nos interesses pessoais e a curto prazo são provavelmente eficazes para os pais mas com frequência desadaptados à educação da criança. A ênfase na obediência imediata às ordens dos pais é outro exemplo de comportamento que traduz uma centração em objectivos imediatos e pessoais e uma característica de algumas famílias disfuncionais.

Os pais sob stress têm falta de paciência e de tolerância às frustrações (Belsky, 1984) e os pais das crianças agressivas também reagem de maneira que parece servir um objectivo a curto prazo (Patterson, 1982). Para alguns autores esta necessidade de controle imediato leva os pais a preferir técnicas de disciplina controladoras (Colleta, 1979; Trickett & Kuczynski, 1986). Outros grupos de mães que expressam níveis elevados de afecto negativo (como as mães adolescentes, deprimidas e mães que desenvolvem "attachment" evitante com as suas crianças) também se caracterizam por elevada autocentração e baixa centração na criança.

Para além de induzir motivos imediatos e pessoais, as emoções negativas fortes podem prejudicar o comportamento parental porque os hipersensibilizam aos estímulos

aversivos e reduzem a sensibilidade aos estímulos positivos provenientes das crianças. A hipersensibilidade aos estímulos aversivos tem sido proposta como justificação da maior hostilidade e punição utilizada pelos pais abusivos, deprimidos e sob stress (Bauer & Twentyman, 1985; Forehand, McCombs, & Brody, 1987; Knutson, 1978; Lahey, Conger et al., 1984). Forehand, McCombs e Brody (1887) propõem que as diferenças individuais no que diz respeito à capacidade de tolerância dos pais para comportamentos específicos das crianças pode ser influenciada mesmo por níveis ligeiros de depressão que podem ser produzidos por conflitos conjugais, stress profissional ou dificuldades financeiras. A baixa tolerância a estímulos aversivos é uma característica das mães abusivas (Frodi & Lamb, 1980) que também referem maior aborrecimento nas interacções com as crianças (Forehand, McCombs, & Brody, 1987; Trickett & Kuczynski, 1986). As mães deprimidas também são incapazes de tolerar o barulho das crianças (Weissman & Paykel, 1974) e ao mesmo tempo evitam certas situações de interacções com as crianças que habitualmente envolvem confrontação (Kochanska, Kuczinski et al., 1987). Por motivar os pais para evitarem ou controlarem as crianças, a hipersensibilidade prejudica uma série de interacções difíceis mas importantes para a socialização (Dix, 1991).

Em resumo, as emoções influenciam a motivação. O sinal (positivo ou negativo) da emoção, a sua intensidade ou uma combinação destes dois aspectos podem influenciar a motivação. Algumas emoções como a tristeza associada à depressão pode produzir falta de motivação suficiente para executar as acções de modo eficaz evitando os conflitos com a criança. Por outro lado, fortes emoções negativas, por exemplo de irritabilidade, motivam os pais para objectivos pessoais imediatos ou hipersensibilizam-nos fazendo com que evitem ou controlem as crianças.

Efeitos da emoção sobre o Comportamento Expressivo

As emoções dos pais induzem comportamentos expressivos como gestos, expressões faciais e tons de voz que comunicam à criança a emoção dos pais. Estas expressões comportamentais das emoções regulam a interacção da criança com os pais de diversas maneiras: facilitam a apreensão da informação por parte da criança; informam a criança sobre as intenções dos pais; elicitam afecto recíproco na criança. As expressões afectivas elicitam a atenção da criança e aumentam a sua capacidade para processar as mensagens dos pais. A modelação de expressões afectivas dirigidas ao bebé elicitam a sua atenção e organizam a interacção (Brazelton & Tronick, 1980; Emde, 1980). A falta de expressão, as expressões ambíguas fortemente negativas podem, pelo contrário, prejudicar a apreensão da informação. A falta de expressão afectiva ou a expressão de afecto negativo produzem perturbação e desorganização na criança (Cohn & Tronick, 1983; Zekoski, O'Hara, & Wills, 1987). A expressão de forte emocionalidade negativa como a irritabilidade pode fazer medo à criança e prejudicar o processamento da informação (Hoffman, 1983).

As expressões afectivas dos pais dão informação às crianças sobre quais são os interesses dos pais que estão em jogo nesse momento, quais são as suas expectativas e como é que os pais vão agir (Weiner, Graham et al., 1982b). A irritabilidade, por exemplo, informa as crianças de que o seu comportamento é inaceitável, que os pais esperam uma alteração no comportamento ou acção e que a criança pode sofrer as consequências daquilo que fez.

Por último, as emoções dos pais tendem a obter emoções recíprocas da criança. O afecto positivo dos pais tende a elicitar afecto positivo por parte das crianças e o afecto negativo com frequência elicita irritabilidade ou desapontamento na criança. Fortes expressões de irritabilidade podem no entanto elicitar medo na criança em vez de irritabilidade.

Em resumo, a activação fisiológica e a sensação subjectiva experimentada durante a emoção são acompanhadas por comportamentos expressivos, i. e., gestos, expressões faciais e tons de voz. Estes comportamentos expressivos servem para informar a criança das motivações dos pais e regulam o seu comportamento e expressão de afectos.

Efeitos da emoção sobre as Tendências Comportamentais

Poderá haver uma associação entre determinadas emoções e determinados comportamentos de tal modo que a activação da emoção tenda a desencadear o comportamento. Isto é, os pais poderão ter repertórios de ligações entre emoções e tendências para a acção que têm mais probabilidade de ocorrer se a emoção à qual estão associados for activada (Dix, 1991). Um dos aspectos mais sublinhado até hoje é precisamente esta consistência. Os pais irritados são levados a falar alto, do modo firme, ou severo, e a punir ou bater nas crianças. Os pais alegres são levados a sorrir, ouvir, encorajar e fazer humor. Os pais referem mais vezes preferência pela utilização do poder como técnica de disciplina quando estão irritados do que quando não estão irritados (Dix, 1991); e a sua irritabilidade tende a aumentar as ordens e punições (Patterson, 1982; Vasta, 1982). As emoções também poderiam inibir tendências para acção às quais não estão ligadas ou com as quais são inconsistentes.

As tendências para a acção motivadas pela emoção servem para facilitar a rapidez e organização das respostas. No entanto se essa motivação afectiva for demasiado forte as respostas podem suplantar as tentativas dos pais para as dominar (Vasta,1982).

Em resumo, certos comportamentos tendem a ocorrer associados a certas emoções. A irritabilidade, por exemplo, tende a produzir mais ordens, comportamentos controladores e punição.

4.3 Processos de regulação

A regulação das emoções pelos pais inclui três elementos. Em primeiro lugar a regulação começa pela tomada de consciência e compreensão da emoção. Isto é, por tomarmos consciência de que estamos a experimentar uma emoção e determinarmos que emoção é e porque estamos a senti-la. Em segundo lugar, a regulação envolve avaliar os efeitos que a sua expressão produz. Por exemplo, muitas mães receiam que a sua irritabilidade faça com que magoem a criança (Frude & Goss, 1979) e por isso inibem essa emoção. Os maus tratos de crianças podem reflectir em parte uma deficiência nos processos cognitivos usados para antecipar as consequências destrutivas da irritabilidade. Em terceiro lugar, os pais utilizam estratégias para controlar ou suprimir as emoções. Desenvolvem rotinas cognitivas, como iniciar diálogos internos (não me quero enervar, acalma-te e fala devagar), contam até dez ou iniciam uma reavaliação da situação e dos motivos que levaram a criança a agir de determinada maneira de modo a perceber a criança de modo menos negativo; e rotinas comportamentais como afastar-se da criança ou passar a responsabilidade para a companheira para evitarem gritar, ralhar ou bater.

Existem diferenças entre os pais quanto à sua capacidade para tomar consciência de que estão a experimentar uma emoção e nas atribuições que fazem sobre a causa dessa emoção; diferenças no grau em que são capazes de antecipar as consequências que as emoções podem ter para as crianças; e ainda nas cognições e comportamentos que utilizam para diminuir ou suprimir as emoções.

Em resumo, os processos de regulação incluem tomar consciência e compreender a emoção a que estão sujeitos, avaliar as consequências dessa emoção no próprio e nos outros e tentar suprimir ou controlar a sua expressão.

CAPÍTULO III

TEMPERAMENTO INFANTIL
E
IRRITABILIDADE MATERNA

Neste capítulo é revista a escassa bibliografia existente sobre a relação entre o temperamento infantil e a irritabilidade maternal. Ao mesmo tempo o capítulo funciona como formulação do problema na medida em que defende porque é que consideramos que a irritabilidade maternal e a percepção de temperamento podem estar relacionadas.

Existem pelo menos quatro modos pelos quais a percepção de temperamento e a irritabilidade materna podem estar relacionados.

(1) O COMPORTAMENTO DA CRIANÇA AFECTA A EMOÇÃO DA MÃE

Primeiro, **certas características de temperamento da criança irritam ou impacientam as mães**. O temperamento enquanto avaliação feita pela mãe mede, em parte, características da criança. A variável Chorão/Difícil mede características do choro e é possível que estas irritem ou impacientem as mães.

O choro das crianças difíceis tende a ser visto como exigente pela maioria dos adultos (Boukydis & Burgess, 1982). Frodi e Lamb (1980) avaliaram respostas fisiológicas de pais abusivos e não abusivos ao choro de bebés. Os pais abusivos respondiam com mais frequência com níveis elevados de activação (arousal) e respostas aversivas. No entanto, não são apenas os pais abusivos que apresentam elevação nos níveis de activação fisiológica como se verifica no estudo de Frodi (Frodi, Lamb, Leavitt, Donovan, Neff, & Sherry, 1978). Neste estudo os autores mediram a reacção fisiológica de pais e mães enquanto viam segmentos de vídeo de bebés calmos depois a chorar e novamente calmos. Os bebés eram prematuros ou de termo. O choro elicitava aumentos significativos da pressão sanguínea diastólica, condutância da pele e batimento cardíaco; além disso, as crianças prematuras (que são com frequência caracterizadas por aversivas ou **difíceis**) elicitavam maior activação do sistema autónomo em todas as medidas fisiológicas do que os bebés de termo. Noutro estudo, (Frodi, Lamb, Leavitt, &

Donovan, 1978) os autores verificaram que os pais que viam o vídeo do bebé (5 meses) a chorar relatavam maior **aborrecimento** ou desagrado (annoyed), mais **irritação**, mais "distress", e perturbação e menos contentamento (auto-avaliação de reacções emocionais) do que os sujeitos que viram o vídeo do bebé a sorrir. O bebé a chorar também elicitava aumento na pressão sanguínea diastólica e condutância da pele e a elevação destes índices fisiológicos estava associada a auto-avaliação de irritabilidade. Os aumentos de pressão sanguínea diastólica durante os episódios de choro estavam correlacionados positivamente e significativamente com as avaliações de desagrado, irritação e perturbação e negativamente com o contentamento e atenção. A amplitude da condutância da pele também estava relacionada de modo semelhante com o desagrado, irritação, "distress" e contentamento. Os resultados de temperamento, avaliações feitas pelos pais sobre os seus próprios filhos, nas escalas de Broussard e Hartner, 1971 e Carey, 1970, não estavam contudo relacionadas com as auto-avaliações de reacções emocionais ou medidas fisiológicas.

Por outro lado as crianças que choram mais têm mais probabilidades de cansar, impacientar e irritar as mães. Se as crianças se diferenciam em termos de frequência e duração de choro expontâneo (Korner, 1984); e se por volta do primeiro mês 4 em cada 5 das interacções são solicitadas pela criança, então um bebé que chore muito provoca muito mais interacções e tem mais probabilidade de impacientar a mãe do que um bebé calmo. Podia-se dizer o mesmo em relação à capacidade para se acalmar sozinho ou à capacidade para se auto-acalmar. As crianças variam na sua capacidade para se acalmar (Birns, Blank et al., 1966; Korner, 1984).

Vejamos como o modelo homeostático de Rothbart, descrito num capítulo anterior, pode ser usado para explicar como é que certas características das crianças nomeadamente o choro e imprevisibilidade podem impacientar os pais. Segundo Rothbart, as diferenças individuais na facilidade com que os bebés ficam perturbados influenciará a frequência com que choram. Por outro lado, a facilidade em se acalmarem

influenciará a facilidade ou dificuldade da mãe em acalmar a criança quando está a chorar ou acalmá-la quando está demasiado excitada para dormir. Assim, as crianças que choram com mais frequência ou mais difíceis de acalmar têm mais probabilidade de atingir os limites superiores dos pais. Ou seja, as crianças mais difíceis têm mais probabilidade de "submeter" os pais a estímulos aversivos elevando com frequência os seus níveis fisiológicos autónomos associados à irritabilidade. Com a continuação poderiam criar disposições cognitivas e comportamentais reagindo de modo irritado para com a criança.

No modelo do "melhor ajustamento" de Thomas e Chess os autores vão mais longe porque mencionam mesmo emoções positivas dos pais como a tolerância ou negativas como a **hostilidade** como resultado das características temperamentais da criança (Thomas & Chess, 1989). Os autores referem que se a criança tem temperamento fácil, e o processo de socialização decorre suavemente os pais encaram isso como sinónimo de que são bons pais, de que são sensitivos. Este sucesso parental pode aumentar a auto-estima, mesmo que o temperamento da criança também tenha contribuído para este resultado positivo. Este efeito positivo sobre a auto-imagem dos pais também pode, por sua vez, aumentar o afecto que sentem pela criança e a sua tolerância por enganos ou julgamentos incorrectos de menor importância. Se pelo contrário a criança é **difícil**, o processo de socialização tende a ser agitado, sob stress e dificuldades umas atrás das outras. As mães tenderão a julgar-se como incompetentes, ou até inconscientemente a tornar-se hostis para a criança. De acordo com Allen e Prior (1995) o temperamento influencia as respostas maternais que podem então actuar de modo a reforçar os comportamentos indesejados das crianças difíceis, perpetuando desta maneira um ciclo cumulativo desadaptativo. Os autores compararam dois grupos de crianças de 7 anos, um de crianças difíceis e outro de crianças fáceis, em interacção com as mães. As avaliações de temperamento destas crianças mantinham-se consistentes ou estáveis desde os 3 anos. As mães das crianças fáceis tendiam a responder aos comportamentos negativos de uma maneira contingente que permitia à criança seleccionar as suas

respostas. Estas respostas maternais não se verificavam no grupo de crianças difíceis, o que é interpretado pelos autores como uma predisposição intrínseca para o comportamento negativo por parte das crianças de temperamento difícil que pode ser difícil de modificar. As mães das crianças difíceis após anos de disputas teriam desistido de tentar ser adaptativamente contigentes. Contudo, o facto deste estudo ter sido feito com crianças de 7 anos deixa-nos uma possibilidade de generalização para o primeiro ano de vida muito limitado.

A relação entre o comportamento da criança e a irritabilidade da mãe pode ser explicada por algumas características que em vez de aumentarem a irritabilidade da mãe a atenuem. Isto é, algumas características das crianças poderão ter um efeito preventivo contra a impaciência e irritabilidade das mães. Estão neste caso a qualidade dos estados de vigília da criança, o sorriso e o olhar. Sem que haja qualquer intervenção sobre eles, os bebés têm capacidades muito variadas de adoptar o estado de vigília atento e calmo. Alguns nunca o fazem espontaneamente, uns fazem-no raramente e um pequeno número fá-lo frequentemente. Estas últimas crianças têm menos possibilidades de impacientar as suas mães. Se as crianças variam no seu grau de participação nos olhares mútuos. Se umas estabelecem um contacto visual mais prolongado e intenso e se a mãe retira prazer e gratificação nesse olhar, isso poderá aumentar os seus sentimentos positivos e diminuir os negativos entre os quais a impaciência e irritabilidade. Stern (1985) considera que quando o bebé pode sorrir responsivamente, olhar fixamente nos olhos dos pais e vocalizar, em algum momento entre os dois e os três meses, um sentir social diferente foi criado. É o senso alterado da experiência subjectiva do bebé, que está por trás dessas mudanças comportamentais, que faz os pais pensar e agir de modo diferente em relação ao bebé. Esta mudança na sensação de self da própria criança dá ao adulto a sensação de maior ligação ou intimidade com o bebé. Wolff (1987) observou que as crianças que tardavam a manter períodos consistentes de alerta ou a sorrir de modo consistente para a face ou a voz também respondiam mais tarde ao contacto visual através de "vasculhar" da cara e sorrir quando encontra os olhos. Isto leva-nos a pensar que algumas crianças

são mais reforçadoras para as suas mães do que outras e não nos admiraríamos se isto tivesse um efeito atenuador da impaciência e da irritabilidade.

Assim, as crianças são todas diferentes à partida em termos de temperamento. Algumas apresentam características que satisfazem os pais e os reforçam e diminuem a probabilidade de os aborrecer ou zangar. Outras como o choro, que é inerentemente aversivo, tendem a desencadear respostas fisiológicas e cognições associadas à irritabilidade. Portanto de acordo com esta primeira explicação as crianças difíceis, por um lado, seriam vistas como difíceis (percepção de temperamento) por outro lado irritariam mais as mães. Por esta razão estes dois últimos aspectos apareceriam também associados.

(2) AS EMOÇÕES DA MÃE MOLDAM O COMPORTAMENTO DA CRIANÇA

Segundo, **certas características das mães, como a irritabilidade fazem as crianças chorar mais e ser mais imprevisível**. Ou seja, as mães mais irritáveis produzem crianças choronas/difíceis e imprevisíveis. De acordo com esta perspectiva as mães que se irritam ou impacientam com mais frequência ou intensidade não satisfazem adequadamente as necessidades da criança fazendo com que ela chore mais. A impaciência, irritabilidade ou tensão podem não favorecer as competências maternais. Vejamos dois exemplos.

Por exemplo, o aconchego eficaz tem de envolver contacto monótono e rítmico e imobilização completa dos membros. Isto faz parar o choro e facilita a passagem para o estado atento e calmo ou para o sono. A restrição dos membros sem os imobilizar pode aumentar o choro fazendo provocar a raiva no bebé (Wolff, 1987). As mães menos **pacientes**, que se **irritam** facilmente, por vezes podem não ter paciência para desenvolver um contacto monótono e rítmico. A criança em vez de se acalmar ou adormecer tende a chorar ainda mais e a mãe tenderá a vê-la como chorona.

Pegar os bebés ao colo é das respostas mais eficazes ao choro. Nos primeiros dois meses pegar os bebés por cerca de 5 minutos sem falar antes de os voltar a deitar tem um efeito substancial sobre o estado do bebé, manter a chucha na boca do bebé por cerca de 5 minutos também facilita o adormecer da criança (Wolff, 1987). Mais uma vez, é necessário que a mãe tenha **paciência** suficiente para esperar cerca de 5 minutos. Se ela tentar afastar-se ou deitar a criança cedo de mais poderá fazer chorar a criança. Por sua vez isto pode fazê-la desesperar ainda mais.

Estes processos ou relação entre a impaciência/irritabilidade maternal e o temperamento difícil pode ser explicado pelos modelos teóricos sobre a relação entre temperamento da criança e comportamento da mãe revistos num capítulo anterior.

De acordo com o Modelo do Melhor Ajustamento de Thomas e Chess poderíamos pensar que os pais mais **impacientes** ou **irritáveis** teriam expectativas, ou desejariam ter filhos pouco chorões e imprevisíveis porque estes comportamentos ou características não se adaptam aos seus desejos pessoais (a maioria dos pais e não só os mais irritáveis teria este desejo). A partir daí, o feedback dirigido por estes pais às crianças seria negativo, isto é, menos respostas e respostas negativas, no sentido de alterar o comportamento da criança, sempre que o comportamento desta parecesse afastar-se das suas expectativas. Como resultado apareceria uma covariância entre este feedback negativo e as características da criança, quanto mais feedback negativo mais a criança chorava.

O modelo Homeostático de Rothbart (1989) também poderia explicar aquele processo. Os pais mais irritáveis poderão ter limites superiores mais baixos do que a maioria dos pais. Isto é, terem uma tolerância menor em termos de frequência e intensidade de certos comportamentos das crianças entre os quais o choro e as alterações nas rotinas. Não sendo bem sucedidos nas tentativas de acalmar as crianças evitariam a criança não satisfazendo as suas necessidades e fazendo com que ela seja mais chorona ou utilizariam

feedback negativo dirigido à criança fazendo com que ela viesse a chorar mais como foi referido no parágrafo anterior.

Em suma, de acordo com esta explicação as mães que se impacientam ou irritam mais facilmente ou com mais frequência não desenvolvem adequadamente as competência maternais, têm expectativas desajustadas ou menor tolerância a certos comportamentos da criança. Por uma ou outra razão, não satisfazem adequadamente as necessidades da criança e/ou utilizam mais comportamentos negativos na interacção fazendo com que a criança chore mais. Portanto, a criança torna-se dificil e elas vêem-na como dificil.

(3) A PERCEPÇÃO DA MÃE AFECTA A SUA EMOÇÃO

Terceiro, **a percepção ou atribuição de características negativas à criança faz as mães ficarem mais impacientes ou irritadas**.

As emoções dos pais dependem das atribuições que eles fazem sobre os motivos que levaram a criança a agir a favor ou contra os seus interesses. O grau de aborrecimento dos pais com os comportamentos negativos dos filhos depende das inferências que eles fazem sobre as intenções da criança e sobre o controle que as crianças têm sobre esses comportamentos (Dix & Grusec, 1985; Bugental, Mantyla & Lewis, 1989). As mães ficam mais aborrecidas quando pensam que a criança compreende, desejou ou tem controlo sobre o comportamento negativo que efectuou, e portanto, que estes actos negativos reflectem disposições negativas de personalidade na criança (Dix & Lochman, 1990; Dix & Reinhold, 1991; Dix, Ruble et al., 1986; Dix, Ruble et al. 1989).

O modelo de Bugental e Shennum (1984) debruça-se sobre as atribuições educativas, i. e., crenças acerca das causas de um determinado resultado educativo. As crenças que interessam a estes autores são do tipo, os pais acham que têm controlo sobre uma

determinada situação e resultado educativo ou que esse controlo pertence à criança? Bugental e Shennum (1984) criaram o PAT (Parent Attribution Test) para avaliar as crenças dos adultos acerca da sua contribuição e da contribuição da criança para o sucesso ou falhanço de uma interacção. O modelo de Bugental centra-se sobre o efeito moderador que as cognições sociais (atribuições) têm sobre o afecto dirigido aos filhos. De acordo com o modelo é predito que o comportamento **difícil** da criança elicita afecto negativo por parte dos pais, sobretudo dos pais que tendem a atribuir baixo poder a si próprios, isto é, que atribuem pouca responsabilidade a si próprios pelos sucessos educativos e elevada responsabilidade à criança pelos insucessos. Os adultos que acreditam que os insucessos educativos estão sob o controlo da criança podem facilmente reagir com **irritabilidade** em face de transacções educativas mal sucedidas (Bugental, Mantyla & Lewis, 1989). As mães com um estilo acusatório, i. e., que atribuam elevada responsabilidade à criança pelo insucesso da interacção demonstravam mais afecto negativo e tensão no tom de voz quando interagiam com a criança e sentem-se mais **aborrecidas** com a criança (Bugental, Blue & Cruzcosa, 1989). Pelo contrário, atribuir elevado controlo a si próprio funciona como atenuador contra os efeitos de uma criança **difícil**.

A autora interpreta o aborrecimento sentido pelos pais no seu estudo experimental como uma combinação de frustração com a sua própria inabilidade para mudar o comportamento da criança e de irritabilidade com a criança por agir deliberadamente para criar uma situação aversiva (Bugental, Blue & Cruzcosa, 1989).

Figura III(1): Modelo de Bugental e Shennum (1984) sobre a relação entre atribuições de poder e afectos

Comportamento ou características difíceis da criança	⇨	Percepção de pouco poder ou pouco poder real	⇨	Afecto negativo e comportamentos ou comunicação potencialmente confusa

Por outro lado, Bugental (Bugental, Mantyla & Lewis, 1989) prevê que as atribuições tendem a ter maior poder como variável moderadora em situações ambíguas ou pouco claras. Se o adulto não está certo de que resposta educativa deve utilizar, o comportamento evidenciado terá mais probabilidades de ser mediado pelas atribuições. As cognições sociais são usadas como guias para interpretar as exigências da situação quando a situação ela própria falha em proporcionar pistas claras. Recordemos que o choro nas crianças de poucos meses ocorre com frequência num contexto pouco claro.

Em suma, o modelo de Bugental acaba por revelar sobretudo efeitos de interacção. Se, por um lado, demonstra que os pais que sentem ter pouco controle sobre os insucessos educativos apresentam mais afecto disfórico, por outro lado, revela que esse afecto é maior quando as crianças alvo da atribuição são difíceis ou quando a situação é mais stressante.

Quanto a nós, não nos admiraríamos se estes pais que sentem menor controle sobre a situação se avaliassem com menor auto-eficácia.

Os modelos de percepção e atribulação interpessoal revistos num capítulo anterior constituem outros modelos interpretativos. No modelo de Jones e Davis (1965, citado em Jones, 1990) o choro do bebé é visto como reflectindo uma disposição subjacente se

o bebé chora em situações em que ninguém esperaria (baixa probabilidade antecipada) e por outro lado virem nesse choro uma única consequência (elevada clareza ou um único efeito distinto). De acordo com o modelo de Kelley (1967; 1971) o choro do bebé reflectiria uma característica temperamental típica do bebé se a mãe acha que os outros bebés nas mesmas circunstâncias não chorariam (baixo consenso) e se o seu bebé naquela situação costuma chora sempre (elevada consistência) e também chora em outras situações (baixa distintividade). Para Trope (1986) a mãe tenderá a atribuir uma "disposição" dificil ao bebé quando o vê chorar (comportamento) se o comportamento anterior do bebé já apontar no mesmo sentido (antecedentes) e se considerar que a situação actual (situação) não justifica o choro.

Todos os modelos têm em comum uma atribuição à pessoa vs. à situação. Contudo, nenhum dos modelos faz uma relação entre a percepção interpessoal e as consequências dessa percepção em termos de emoções dos pais. Mas admitimos que a irritabilidade seria mais elevada no caso de atribuição do comportamento à pessoa. Recordemos que de acordo com o erro fundamental de atribuição os sujeitos em geral tendem a acreditar que os outros agiram de acordo com as suas características de personalidade (portanto, sobrevalorizando os determinantes disposicionais em detrimento dos situacionais). Esta atribuição externa por sua vez aumenta a tendência para agir irritadamente para com os outros. O modelo de Dix faz exactamente esta relação entre atribuição e a emoção resultante nos pais.

Dix (Dix, Ruble et al., 1986; Dix, Ruble et al., 1989, Dix & Reinhold, 1991) constrói um modelo baseado na teoria da atribuição. Aplicada à interacção pais-criança, a teoria da atribuição sugere que as respostas dos pais vão ser mediadas pela análise causal que os pais fazem do comportamento da criança. O modelo Atribucional de Weiner já postulava que as pessoas tinham mais probabilidade de se **irritar** quando um acontecimento negativo, e em particular um falhanço pessoal, era atribuído ao controlo do outro, devido à acção deliberada ou negligência do outro. A teoria de Dix é no entanto mais complexa.

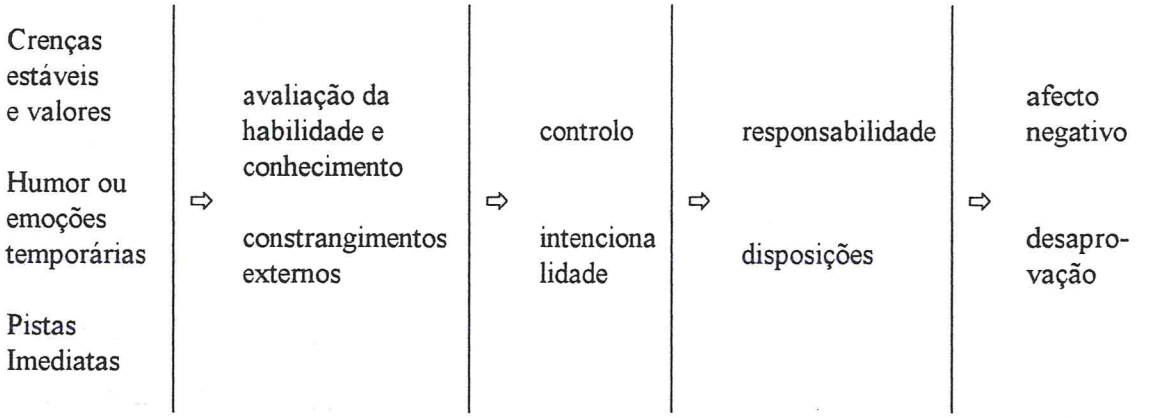
Para este autor a teoria da inferência por correspondência de Jones e Davis sugere que a análise causal será guiada por uma avaliação da intencionalidade. Para os pais inferirem se houve controlo e intenção avaliam primeiro se a criança compreendeu os efeitos do seu comportamento (conhecimento), se tem habilidade para produzir esses efeitos deliberadamente (habilidade) e se não foi pressionada por constrangimentos externos (Dix, Ruble et al., 1986). Portanto, na primeira etapa os pais, após a ocorrência do comportamento negativo da criança codificam e interpretam a informação imediata para determinar se houve **constrangimentos** sobre a criança. Isto é, fazem inferências sobre as pressões **situacionais** (nomeadamente se houve falta de habilidade parental), ou sobre os **conhecimentos e habilidade** da criança.

Numa segunda etapa, os pais utilizam as inferências sobre possíveis constrangimentos feitas anteriormente para fazer atribuições sobre as **intenções**, **disposições** e **responsabilidade** pelos comportamentos negativos. A inferência de que constrangimentos significativos limitaram a escolha comportamental da criança devem produzir a atribuição de que a criança não tinha a intenção, ou não o fez devido às suas disposições negativas, não é responsável. Pelo contrário, o facto de inferir que a criança não foi influenciada por falta de habilidade, conhecimentos ou pressão do meio leva os pais a concluírem que a criança agiu intencionalmente e que o seu "mau" comportamento é devido a teimosia, preguiça, etc. Dix não fala neste caso em temperamento mas a percepção dos pais de que a criança é teimosa, preguiçosa ou outras disposições negativas constituem percepções de temperamento como achar que ela é chorona ou difícil.

Numa terceira etapa, os pais tendem a ficar aborrecidos ou **irritados** e a pensar que a disciplina punitiva é apropriada se acharam que a criança agiu intencionalmente e/ou devido às suas disposições negativas. Se as mães pensam que o comportamento negativo da criança se deve à sua própria ineficácia ou outros constrangimentos externos

(atribuições externas), tendem a sentir-se menos **aborrecidas** com as crianças (Dix & Lochman, 1990; Dix, Ruble et al., 1986).

Figura III(2): Modelo de Dix sobre a relação entre atribuições de intenção e disposições e emoções negativas



Miller (1995) chama atenção para algumas limitações dos estudos de Dix. Primeiro, as correlações, apesar de significativas, raramente são de valor elevado, e isto significa que as atribuições são apenas um contributo entre outros para o afecto da mãe ou o seu comportamento. A natureza dos dados, "self-report", sugere alguma cautela; a maioria dos estudos correlaciona três tipos de relatos verbais fornecidos pela mesma pessoa e ao mesmo tempo. O terceiro aspecto relaciona-se com a direccionalidade dos efeitos, uma vez que os resultados são obtidos por correlação de dados não longitudinais.

Em nossa opinião também existe a possibilidade da percepção de características (percepção de temperamento) negativas se constituir em predisposição cognitiva típica, tal como uma percepção típica ou atribuição típica que a mãe faz da criança. Sendo assim as mães que tivessem uma percepção negativa típica teriam maior predisposição para responder de modo impaciente ou **irritado**.

Vejamos alguns dados empíricos sobre este aspecto. Uma vez estabelecidas, estas predisposições cognitivas negativas podem induzir emoções negativas nos pais mesmo

quando o comportamento da criança não é particularmente negativo (Brunk & Henggeler, 1984; Mash & Johnston, 1982). Mash e Johnston compararam a percepção de mães de crianças hiperactivas com a percepção de mães de crianças normais através de "checklists" e entrevistas. Tinham dois grupos de idade, mais novas e mais velhas. Também faziam uma observação do comportamento das crianças e mães em situações estruturadas. Verificaram, que apesar das crianças mais pequenas serem as que menos obedeciam, tinham mais comportamentos negativos, e respondiam menos às directrizes e iniciativas de interacção das mães, eram as mães das crianças mais velhas que tinham a percepção mais negativa das suas crianças. Segundo os autores, experiências negativas ocorridas em idades anteriores poderiam ter um efeito perdurável nas percepções das mães mesmo depois do comportamento negativo da criança ter diminuído (Mash & Johnston, 1982). Existem contudo explicações alternativas, como as diferentes atribuições feitas pelas mães em função da idade (Dix, Ruble et al., 1986). O estudo de Brunk e Henggeler (1984) é mais difícil de contestar. Os autores criaram uma situação experimental em que duas crianças de 10 anos eram treinadas a representar ora um papel de criança mal comportada ora o de criança ansiosa e retraída. Na primeira situação a criança era desobediente, agressiva e rejeitava qualquer ordem ou ajuda, etc., embora por vezes obedecesse, na segunda situação a criança evitava olhar para o adulto ou falar-lhe, sentava-se quieta sem tomar a iniciativa e desobedecia passivamente. Os sujeitos do estudo, 32 mães faziam duas interacções, uma com uma criança mal educada e outra com uma criança retraída. Os adultos pensavam que o comportamento das crianças era autêntico e a situação era um jogo de xadrez que eles tinham de levar até ao fim. Os resultados revelam que, na condição de "má educação" a obediência da criança elicitava com frequência do adulto uma acção disciplinadora (14.9%) e raramente uma recompensa (4.5%). Pelo contrário, quando interagiam com a criança na situação "ansiedade/retraída" recompensavam com frequência a obediência da criança (31.1%) mas raramente a disciplinavam (1.2%). Quando a criança desobedecia na situação de "mal educada", os adultos disciplinavam 23.7% das vezes e davam ordens indirectas 5.8% das vezes. Na situação de ansiedade/retraimento, a disciplina era usada apenas

4.7% das vezes e as ordens indirectas 20.4% das vezes. Para os autores, os resultados sugerem que os adultos desenvolvem predisposições cognitivas e comportamentais acerca da criança que influenciam o modo como interagem com elas. Na situação de "mau comportamento" mesmo quando as crianças obedeciam ou respondia apropriadamente os adultos com frequência disciplinavam a criança numa tentativa de manter um controlo firme sobre o "mau" comportamento da criança. Em cada uma das situações experimentais os adultos desenvolveram expectativas muito diferentes em relação ao comportamento da criança e reagiam de acordo com essa expectativa. Chapman (1981, citado em Bruk & Hengeler, 1984) propôs que quando os pais têm uma expectativa de mau comportamento, criam uma predisposição cognitiva que resulta em disciplina antecipatória.

Assim, a percepção de que a criança é difícil constituiria uma predisposição cognitiva ou expectativa que a mãe utiliza para interpretar o comportamento da criança e se irritar com ela (no caso dessa percepção ser negativa).

(4) A EMOÇÃO DA MÃE AFECTA A SUA PERCEPÇÃO

Quarto, **as mães impacientes ou irritadas vêem ou acham as suas crianças mais choronas/difíceis e imprevisíveis**.

Os indivíduos com irritabilidade de traço mais elevada poderão tender a atribuir o comportamento de um actor a causas disposicionais (a sua personalidade) em vez de causas situacionais. Para Novaco e Welsh (1989) os sujeitos agressivos poderão fazer de modo rotineiro atribuições disposicionais (erro fundamental de atribuição). Este facto é confirmado por Driscoll (1982, citado em Novaco & Welsh, 1989). O actor colocou sujeitos com valores altos e valores baixos a observarem um vídeo em que ocorria um incidente entre um instigador e uma vítima. A agressividade era avaliada por auto-

avaliação de experiências agressivas. Os sujeitos com valores altos de agressividade percebiam maior injúria, reacções negativas e dominação no instigador do que os sujeitos pouco agressivos. Se nos recordarmos da associação estreita que existe entre agressividade e irritabilidade, não é difícil de admitir que pelo menos alguns sujeitos irritáveis tendam a fazer atribuições disposicionais. Os sujeitos irritados tendem de resto a fazer mais erros de atribuição. Novaco (1986) verificou que quanto maior é o nível de irritabilidade do sujeito, maior é a probabilidade de fazer erros de atribuição. Para estes sujeitos torna-se muito difícil entender uma mudança de uma explicação disposicional para uma explicação situacional, mesmo que a informação de que dispõem seja do tipo "atenuantes". Para Novaco e Welsh (1989) a elevada activação (arousal) do sujeito irritado pode bloquear a possibilidade de rever uma atribuição original centrada no sujeito.

As emoções afectam a percepção do outro (Brody & Forehand, 1988; Greist, Wells et al., 1979; Pannaccione & Wahler, 1986; Rickard, Forehand et al., 1981; Rogers & Forehand, 1983; Schaughency & Lahey, 1985); e as atribuições (Bauer & Twentyman, 1985; Dix & Lochman, 1990; Larrance & Twentyman, 1983). Admite-se que as emoções negativas aumentam as expectativas negativas, assim como as percepções e avaliações e promovem atribuições dos comportamentos negativos ao controlo e disposições da criança (Bugental, Mantyla et al., 1989; Dix & Lochman, 1990; Dix & Reinhold, 1991; Dix, Ruble et al., 1986; Dix, Ruble et al., 1989). A perspectiva de Warner (1986) vai no mesmo sentido; este autor afirma que as pessoas nunca se consideram responsáveis pela sua irritabilidade. A pessoa acredita que a causa da irritabilidade está fora dela e não nela própria. Que é uma resposta a algo exterior independente da sua vontade. As pessoas tendem a achar por exemplo que o outro transgrediu, ofendeu. Sendo assim, é de esperar que as mães quando se **irritam** durante a interacção com a criança tendam a atribuir a sua irritabilidade à criança e nunca a elas próprias, por exemplo à sua incapacidade ou à sua falta de paciência, e quando já se sentiam irritadas mesmo antes de iniciarem a interacção poderão também achar que a causa da sua irritabilidade é atribuível a alguém, alguém tem de ter a culpa, e esse alguém

também poderá ser a criança. No entanto a maioria destes estudos ainda não permitiu discernir o que é causa e o que é efeito. O afecto negativo tanto pode ser causa como efeito das percepções e cognições negativas. Menos equívocos são os resultados do estudo de Dix, Reinhold et al. (1990). Os pais avaliaram um comportamento da criança em dois momentos diferentes. Num caso estavam sob o efeito momentâneo de **irritabilidade**, noutro caso o humor era neutro. Quando momentaneamente irritados, os pais tinham expectativas mais negativas sobre as crianças, faziam mais atribuições negativas para o seu comportamento, e sugeriam respostas parentais mais negativas do que quando sob afecto neutro. Também achavam que os problemas de desenvolvimento dos filhos eram mais graves, e esperavam que as suas crianças se comportassem de modo mais negativo em situações problema.

Para Dix, as atribuições causais e de responsabilidade podem ser influenciadas por características dos atribuidores: crenças e valores relativamente estáveis e factores temporários ou transientes como o humor ou afecto (entre os quais o humor irritável). Os pais trazem para a interacção crenças estáveis e valores acerca das crianças e do modo de educá-las que podem predispor de modo crónico os pais a fazerem determinadas atribuições quando ocorram comportamentos negativos da criança (Dix, Ruble et al., 1989). No estudo de Dix e Reinhold (1991), as mães mais autoritárias referem atribuições e reacções mais negativas do que as mães não autoritárias. Por outro lado, os pais interagem com frequência com os filhos sob determinados tipos de humor que os podem predispor a fazer determinadas atribuições acerca do comportamento da criança (Dix & Grusec, 1985). No estudo de Dix e Reinhold (1991) verificou-se que as mães sob humor irritável achavam as crianças mais responsáveis do que as mães sob humor neutro.

Existem outros dados que nos permitem admitir que pelo menos nos casos de maior irritabilidade de traço a irritabilidade é anterior à percepção negativa. A explicação pode residir numa predisposição da atenção ("attentional cueing"). A preocupação e a

ruminação constituem processos cognitivos pelos quais as pessoas cronicamente irritadas prolongam reacções de irritabilidade para além dos períodos normais de dissipação (Novaco, 1986). As emoções aumentariam a relevância de certas categorias perceptuais, tornando-nos mais atentos a determinados estímulos particulares. Assim, uma mãe cronicamente irritada poderá estar mais sensibilizada para percepcionar certos comportamentos negativos da criança.

No entanto, o humor tem sido muito pouco estudado. No entanto uma ligeira irritação pode afectar as interacções da pessoa com os outros. Enquanto Bandura (1973, citado em Rubin, 1986) considera que pensar no tratamento insultuoso recebido pode fazer a pessoa ficar zangada mesmo muito tempo depois das reacções emocionais terem desaparecido, Zajonc (1995) admite mesmo que o afecto pode ficar a pairar de modo difuso, sem consciência dos factores que lhe deram origem e agarrar-se a outros alvos distintos dos iniciais. Em termos de irritabilidade isto significa que a pessoa pode gerar ela própria irritabilidade, ficar irritada, ao recordar-se de situações passadas e a certa altura já nem se recordar dos pensamentos que deram origem a essa irritação e voltar essa irritação para outros alvos.

O Modelo da Infusão do Afecto de Forgas (1995) também pode constituir um contributo para a compreensão da influência do afecto irritável sobre a percepção de que a criança é difícil. Quando a criança chora numa altura esperada e se cala rapidamente, a mãe tende a interpretar o seu comportamento utilizando estratégias de processamento directas (utilizando interpretações já feitas anteriormente e armazenadas). Quando a criança não pára de chorar sobretudo numa situação em que não haveria razão aparente para isso, os modelos de interpretação poderão ser extensos e substantivos, ou seja, modelos mais sujeitos à influência do afecto (Forgas, 1995). Se a mãe nestas situações se encontrar sob humor irritável por qualquer motivo, tenderá a enviesar os seus julgamentos de acordo esse humor. Se a mãe tiver elevada irritabilidade de estado (Spielberger, Jacbs et al., 1983; Spielberger, Johnson et al. 1985) terá tendência a interpretar as situações em que a

criança se acalma com dificuldade, e de modo enviesado pelo seu humor. Dix (Dix & Reinhold, 1991, Dix Reinhold, & Zambarano, 1990) mostrou que as mães quando irritadas tendiam a fazer atribuições mais negativas quando o comportamento era ambíguo do que quando era claramente negativo. Isto leva -nos a pensar que as situações ambíguas são situações em que as estratégias de processamento directo não funcionam, são exigidos processamentos substantivos e por isso as atribuições estão mais sujeitas a ser enviesadas pela emoção.

Em síntese, estar irritado, ou ser impaciente favorece uma percepção de temperamento negativa.

(5) EFEITOS DE INTERACÇÃO

As quatro relações descritas anteriormente poderão actuar em simultâneo numa mesma população. Por exemplo, enquanto, com alguns grupos existe sobretudo um efeito da impaciência maternal sobre a maneira de percepcionar a criança, noutros grupos as características da criança poderão sobrecarregar os pais tornando-as exaustas e impacientes. Isto aponta para possíveis efeitos de interacção. Por exemplo, as crianças mais dificeis, choronas, imprevisíveis podem atingir com mais frequência os limites superiores dos pais, mas isto ocorrer apenas ou sobretudo com os pais mais irritáveis. No modelo de Spielberger (Spielberger, Krasner et al., 1988) as pessoas com elevada irritabilidade de traço tem maior probabilidade de perceber uma vasta gama de situações como irritantes, frustrantes ou contrariantes, e a responder a essas situações com um aumento de irritabilidade de estado. Sendo assim, é de esperar que as mães com elevada irritabilidade de traço, percebam ou sintam muitas das situações típicas das crianças dificeis como irritantes contrariedades e frustrantes e se sintam irritadas e manifestem essa irritação durante os cuidados que prestam à criança.

Por outro lado, na mesma díade ocorrem sempre efeitos bidireccionais e, poderemos determinar qual é a direcção mais predominante numa dada amostra. Além disso, em vez de relações simples como as que sintetizámos aqui tendem com certeza a existir relações entre o **comportamento** da mãe, o **comportamento/emoções** do bebé, as **emoções** da mãe, e as suas **percepções ou cognições** sobre o seu comportamento e o do bebé.

Vejamos alguns exemplos de **interacção** complexa entre o temperamento e irritabilidade. O estudo de Bell e Ainsworth (1972) parece mostrar que as diferenças individuais quanto ao choro dos bebés no fim do primeiro ano reflectem mais a história das respostas aos choros dadas pelas mães do que as diferenças constitucionais na irritabilidade dos bebés. Isto é, o comportamento das mães parece mais estável que o dos bebés durante o primeiro ano. Se assim for os resultados podem ser interpretados de acordo com o modelo do melhor ajustamento. As mães, umas respondem prontamente ao choro do bebé e outras com uma demora mais ou menos longa. Outras ignoram de todo o choro do bebé. Estas últimas, se tiverem uma criança lábil, que chore com facilidade e que além disso seja dificil de acalmar ou que tenha dificuldade em se acalmar sozinha, estarão em presença de muito choro. As mães que respondam tardiamente ou ignorem com frequência o choro do bebé, no caso de terem uma criança calma que raramente chore ou que se acalme facilmente não serão ainda assim expostas a muito choro. As primeiras terão mais hipóteses de se cansar e impacientar do que as segundas e ao mesmo tempo têm mais probabilidades de achar a criança dificil. Isto é, haveria uma interacção entre as características da criança (temperamento) e as respostas comportamentais típicas da mãe. Desta interacção surgiriam três resultantes: por exemplo, um temperamento mais dificil, maior impaciência/irritabilidade parental e a percepção de que a criança é dificil

Outro tipo de interacção está subentendido no efeito dos interesses e expectativas dos pais sobre as suas emoções. Os pais têm valores, objectivos e expectativas sobre como esperam ou desejam que a criança se comporte, ou como as interacções decorram. Se o

comportamento da criança ou a interacção não cumpre esses objectivos ou planos, não promove esses valores, os pais tendem a apresentar emoções negativas de desapontamento ou irritação. Ora, é de esperar que as crianças **difíceis** interfiram mais vezes com os interesses dos pais, e violem mais vezes as suas expectativas. Percebemos que o temperamento influencia a irritabilidade dos pais mas não influencia igualmente todos os pais porque eles variam nos valores e expectativas que têm em relação à criança. Por exemplo, as mães abusivas tendem a ter expectativas irrealistas em relação ao comportamento das crianças. Assim, com frequência as suas expectativas são violadas e serão tanto mais violadas quanto mais difíceis forem as crianças. Outro exemplo, as mães deprimidas são caracterizadas por autopreocupação, incapacidade para responder às necessidades da criança e desatenção ao comportamento da criança (Downey & Coyne, 1990; Susman, Trickett et al., 1985). Se estas mães tiverem crianças difíceis terão mais probabilidades de que estas interfiram com os seus interesses e portanto mais probabilidades de se irritarem. Relações semelhantes podiam ser conceptualizadas entre o temperamento infantil difícil e a irritabilidade maternal no caso de mães sob stress profissional, ou com pouco apoio do marido no período pós-parto.

Outro exemplo, atitudes maternais menos responsivas no período pré-natal estão associadas a maior irritação dirigida aos filhos no período pós-natal. Por outro lado, as crianças ficam frequentemente perturbadas em face da irritabilidade da mãe. A questão mais difícil de responder é se em consequência deste estilo de interacção as crianças vêm a ser mais choronas ("mais difíceis").

A irritabilidade parental e o temperamento infantil difícil podem estar relacionados por **dependerem ambos do mesmo factor comum**. As mães depressivas possuem características interactivas que não promovem os interesses ou necessidades das crianças e originam afecto negativo, nomeadamente irritabilidade, tanto na criança (a criança chora mais) como na mãe.

A relação entre impaciência/irritabilidade e temperamento difícil também pode surgir da **associação da irritabilidade com outras variáveis**. A rigidez é uma delas, a atitude rígida da mãe tende a estar associada a mais choro da criança e a mais irritabilidade da mãe. Por exemplo, algumas mães são rígidas e insensíveis mostrando-se pouco tolerantes com as pausas espontâneas do bebé durante a mamada ou sendo impassíveis com as lágrimas do bebé e esperando que ele se acalme sozinho (Lézine, 1975). Ora, se o choro tende a manter-se a si próprio como refere Wolff (1987), esperar que o bebé se cale sozinho, se ele já passou do choramingar ao choro não resulta. As mães mais rígidas, em face da sua atitude tenderão a ter crianças que choram mais. Sabe-se que a impaciência/irritabilidade está associada a uma atitude rígida (Engfer & Gavranidou 1984) e por isso a irritabilidade estaria associada ao choro.

A hostilidade é outro exemplo. A hostilidade da mãe está associada ao choro do bebé e simultaneamente à irritabilidade da mãe. É admitido que a hostilidade da mãe para a criança pode ser a razão do seu comportamento intrusivo durante as interacções face a face (Stern, 1977). Este comportamento intrusivo tende a estar associado a mais choro e evitamento por parte da criança. Por sua vez, a hostilidade inclui sentimentos de irritabilidade (Spielberger, Jacbs et al., 1983).

CAPÍTULO IV

PERCEPÇÃO DE AUTO-EFICÁCIA MATERNA

Neste capítulo é definido o conceito de auto-eficácia de acordo com o modelo de Bandura e definido o conceito de auto-eficácia materna.

(1) DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE AUTO-EFICÁCIA

Auto-eficácia, percepção de auto-eficácia, crença, expectativa ou confiança de eficácia, de capacidade ou competência são tudo sinónimos de um conceito desenvolvido sobretudo por Albert Bandura que corresponde à "crença que uma pessoa tem na sua capacidade para atingir determinado nível de exigência de uma tarefa dentro de um domínio psicológico específico" (Bandura, 1989a).

Vou conseguir saltar esta vala?, sou capaz de estudar toda esta matéria para o teste de amanhã?, conseguir passar com o carro neste espaço estreito? convencer o chefe, durante esta reunião, de que a minha proposta tem muitas vantagens? falar com a minha mulher sem começar a discutir? vou conseguir fazer com que o bebé não chore na próxima refeição? Todas estas questões envolvem uma situação de auto-avaliação que designamos por percepção ou expectativa de auto-eficácia.

Ter conhecimento e possuir os skills necessários não basta para atingir aqueles objectivos. Por vezes as pessoas não atingem aquilo que poderiam atingir apesar de saberem bem o que é que deviam fazer. Isto acontece porque pensamentos auto-referentes medeiam o conhecimento e a acção. Estes pensamentos referem-se ao

julgamento que as pessoas fazem sobre as suas capacidades. Estes julgamentos (auto-percepção de eficácia) afectam a motivação e o comportamento.

Existe uma grande diferença entre possuir os subcompetências e ser capaz de os usar de modo adequado sob diversas circunstâncias. Duas pessoas diferentes com idêntica capacidade, podem ter performances muito diferentes em função de diferentes níveis de auto-eficácia. A mesma pessoa em diferentes ocasiões também pode actuar de modo pobre, adequado ou extraordinário em função de variações da sua auto-eficácia.

Um saltador em altura pode num dia fazer vários saltos acima de 2 metros e 35 cm, e uma semana depois, num novo "meeting" não conseguir fazer qualquer salto acima de 2 metros e 25 cm, apesar de estar à mesma altitude, com condições climatéricas mais favoráveis, etc. Não podemos dizer que as suas capacidades se alteraram. Possivelmente o que variou foi a sua confiança para naquele dia ser capaz de saltar acima de 2 metros e 25, ou seja a avaliação que faz das suas capacidades. Uma maneira de ver as coisas seria dizer que a autoconfiança do sujeito é aquilo que lhe permite atingir os níveis mais elevados (ou eficazes) da sua performance (diríamos da sua capacidade) ou até ultrapassar os níveis que atingiu até aí ou pelo contrário apresentar uma das piores performances.

A percepção de auto-eficácia diz respeito aos julgamentos que as pessoas fazem das suas próprias capacidades para executar determinadas tarefas ou atingir determinados níveis de realização. Para Bandura (1984) é importante distinguir os "subskills" que possuímos do que achamos que somos capazes de fazer com eles (julgamento). Existe uma

diferença substancial entre possuir as copmetências cognitivas, sociais e motores e ser capaz de os usar com eficácia para diferentes propósitos e em diversas circunstâncias. Bandura sugere que um indivíduo que duvida da sua capacidade para ser bem sucedido numa dada situação ou de que não é capaz de controlar o resultado tende a agir de modo a debilitar os seus esforços e a desenvolver níveis elevados de activação que também prejudicam o seu nível de realização. Um individuo com elevada percepção de auto-eficácia persistirá mesmo em meios não responsivos, e não gratificantes. O julgamento que as pessoas fazem das suas capacidades também vai influenciar os seus padrões de pensamento e reacções emocionais durante transações antecipatórias e actuais com o meio (Bandura, 1984).

A importância do conceito de avaliação de auto-eficácia reside portanto no seu valor preditivo da acção. As pessoas são mais influenciadas pela avaliação que fazem da sua performance do que pela performance em si, por isso não é incomum que a percepção de auto-eficácia seja melhor preditor da acção futura do que a performance passada (Bandura, Adams, et al. 1980; Bandura, Reese & Adams, 1982; McIntyre, Mermelstein & Lichtenstein, 1983). Mesmo quando esta autopercepção de eficácia foi alterada por experiência vicariante ela prediz a performance futura do sujeito (Bandura, 1982, Bandura, Adams & Beyer, 1977, Bandura, Adams et al., 1980; Kazdin, 1979). A experiência tem confirmado que a auto-eficácia é melhor preditor do comportamento futuro do que a expectativa de resultado (saber o que é preciso fazer para alcançar determinado resultado), o locus de controle (a crença de que aquele resultado é causado por factores internos ou externos, controláveis ou incontroláveis) ou o próprio

comportamento passado (Bandura, 1977, Bandura, Adams et al, 1980; Ozer & Bandura, 1990; Smith, 1989).

A percepção que as pessoas têm da sua própria eficácia (percepção de auto-eficácia) irá determinar as suas **escolhas**, o **esforço** envolvido nas tarefas e **persistência** perante contrariedades. Por outro lado, para além de afectar a motivação para agir desta ou daquela maneira, a expectativa de auto-eficácia influencia também as **cognições** e **emoções**. Por exemplo, quanto mais eficaz se sentir para realizar a tarefa mais a pessoa se esforça. Este esforço envolve tanto um comportamento como uma concentração e elaboração cognitiva de estratégias. Aqueles que persistem em actividades que subjectivamente causam alguma ameaça por conterem algum grau de incerteza e insegurança, quando bem sucedidos, reforçam o seu sentimento de eficácia. Aqueles que interrompem os seus esforços prematuramente irão manter as suas expectativas autodebilitantes e medos por muito tempo. Vamos desenvolver estas ideias iniciando por referir aquilo que pode ser medido na auto-eficácia.

1.1 O que é que pode ser medido na auto-eficácia?

As expectativas de eficácia variam em três dimensões. Diferem, em primeiro lugar, no **nível de dificuldade** (ou magnitude) das tarefas envolvidas na expectativa de eficácia. Habitualmente, esta dimensão é avaliada com um conjunto de tarefas que podem ser colocadas por ordem de dificuldade e é pedido ao sujeito para identificar aquelas que é capaz de executar. O sujeito pode esperar ser capaz de executar as acções necessárias

para a realização de uma tarefa fácil mas acreditar não ser capaz de executar outra tarefa mais difícil. Em segundo lugar variam em **força.** As expectativas fracas são mais facilmente extintas por experiências que confirmem essa expectativa enquanto que os indivíduos que possuem uma expectativa forte persistem nos seus esforços apesar de experiências que não vão no sentido da sua crença, e não alteram facilmente a sua expectativa. A força de uma expectativa é habitualmente avaliada perguntando ao sujeito qual é o seu grau de confiança, por exemplo numa escala de 0 a 100, em ser capaz de realizar uma determinada tarefa.

Ter elevada expectativa de eficácia significa ter a crença de ser capaz de executar uma tarefa difícil ou medianamente difícil mas ao mesmo tempo uma confiança elevada de ser capaz de executar essa tarefa. Portanto, exige uma combinação do nível de dificuldade da tarefa sobre a qual é mantida a expectativa e ao mesmo tempo da força que tem a crença de ser capaz de executar a tarefa. Se um sujeito crê ser capaz de executar uma tarefa medianamente difícil mas diz que o seu grau de certeza ou de confiança para a realizar é baixo, digamos apenas 30% de confiança, não podemos dizer que a sua expectativa de eficácia é elevada. Se por outro lado, a sua confiança na execução de determinadas tarefas é absoluta, 100%, mas ele só espera ser capaz de executar tarefas muito fáceis, totalmente elementares, também não podemos dizer que a sua expectativa de eficácia é elevada.

Finalmente, as expectativas variam no **grau de generalização**. Certas experiências ou realizações produzem uma expectativa de capacidade circunscrita. Outras produzem

uma sensação de eficácia mais generalizada que se estende, ou generaliza a outras situações.

1.2 A partir de que fontes se constitui a percepção de auto-eficácia?

Para Bandura (1986) os indivíduos obtêm informação sobre eficácia de várias fontes e usam-na para fazer julgamentos de eficácia. Essas fontes de informação são (1) a sua história prévia de sucessos e falhanços, (2) observação do sucesso e falhanço dos outros, (3) autopersuasão ou persuasão verbal por outros de que possuímos as capacidades requeridas para ser bem sucedidos, (4) e activação afectiva; julgamentos acerca dos estados corporais e várias formas de informação somática.

Esta informação é pesada e combinada pelo indivíduo de modo a gerar auto-avaliações de capacidade. Por sua vez estas avaliações passam a operar como mediadores cognitivos da acção (Bandura, 1986). Assim existe uma relação dinâmica entre pensamento e acção (e também afecto).

1.3 A veracidade das avaliações de auto-eficácia

A **veracidade** das auto-avaliações é outro aspecto importante. Habitualmente admite-se que avaliações que não sejam exactas podem ser prejudiciais. De facto, cálculos ou avaliações grosseiras das nossas capacidades podem criar-nos problemas. No entanto,

uma auto-avaliação optimista, ou seja, aquela em que a auto-avaliação das capacidades não é disparatadamente superior àquilo que podemos atingir, pode ser vantajosa, enquanto que uma auto-avaliação verídica pode ser autolimitante.

Em actividades onde as margens de erro são estreitas e um passo mal calculado pode produzir danos, o bem estar do sujeito é beneficiado por auto-avaliações o mais exactas possível. Mas, nas actividades não perigosas uma auto-avaliação optimista pode ser um benefício.

Um aspecto curioso, é que as pessoas quando erram na exactidão das suas auto-avaliações tende a ser por sobrestimulação das suas capacidades (Bandura, 1989a). Por um lado isto parece ser uma predisposição positiva porque como refere este autor "as realizações humanas e o bem estar requerem uma sensação de eficácia pessoal optimista" (Bandura, 1986) .

1.4 A percepção de auto-eficácia é um produtor activo e não um preditor passivo dos níveis de realização

O que se acabou de referir sobre a veracidade das avaliações de auto-eficácia significa que estas não são preditores passivos das realizações ou acções das pessoas mas sim **produtores activos** dessas acções. As autopercepções de eficácia não são preditores inertes do comportamento futuro. A pessoas com elevada auto-eficácia num determinado domínio, pensam sentem e agem de modo diferente daqueles que se acham

ineficazes. As pessoas que duvidam das suas capacidades (**baixa auto-eficácia**) fogem das tarefas dificeis que acham que excedem as suas capacidades (Bandura, 1977). Têm baixas aspirações e fraco sentido de compromisso, em relação aos objectivos que se propuseram atingir. Em situações que são um fardo ficam a repisar nas suas deficiências pessoais, na grandiosidade da tarefa, e nas consequências adversas do falhanço (Beck, 1976). Estes pensamentos ainda mais prejudicam os seus esforços afastando a atenção do sujeito e impossibilitando-o de pensar na melhor maneira de atingir os seus objectivos. As experiências de insucesso enfraquecem a sua motivação tendem a diminuir os seus esforços e a desistir rapidamente (Brown & Inouye, 1978). Não exercem grande esforço cognitivo para processar a informação, diminuem os seus esforços e desistem rapidamente em face de dificuldades. Também são lentos a recuperar o seu sentido de eficácia a seguir a falhanços, atrasos, ou retrocessos. Tendem a atribuir os níveis baixos de realização à sua fraca capacidade. Por isso não é preciso falharem muito para perderem a confiança nas suas capacidades. São facilmente vítimas do stress e da depressão.

No modelo de Abramson, Seligman e Teasdale (1978) fazer **atribuições** externas, instáveis e específicas para os resultados positivos e internas, estáveis e globais para os resultados negativos, corresponde a um estilo de atribuição depressivo. Pelo contrário, um estilo de atribuição autoprotector (sef-serving) é uma característica do sujeito **auto--eficaz** e reflecte atribuições internas, estáveis e globais para os resultados positivos e atribuições externas, instáveis e específicas para os resultados negativos.

Em contraste, um sentido de eficácia "resiliente" (**auto-eficácia elevada**) num determinado domínio melhora o funcionamento sociocognitivo de muitas maneiras. As pessoas que têm elevada confiança nas suas capacidades abordam as tarefas difíceis como um desafio a ser ultrapassado em vez de uma ameaça a ser evitada. Essa orientação afirmativa estimula o interesse e o envolvimento nas actividades. Colocam a si próprios objectivos que são um desafio e mantêm um forte compromisso. Processam cognitivamente a informação de maneira activa e mantêm elevada eficiência no seu pensamento analítico perante a necessidade de decidir em situações complexas. Aumentam o seu esforço perante falhanços ou retrocessos. Atribuem o falhanço a uma falta de esforço, o que apoia uma orientação para o sucesso. Recuperam rapidamente o seu sentido de eficácia perante falhanços ou retrocessos. Abordam potenciais situações de stress ou de ameaça com a confiança de que podem exercer algum controle sobre elas. Este perfil eficaz aumenta o nível de funcionamento cognitivo e de realização, reduz o stress e diminui a vulnerabilidade à depressão. Em suma, eles fazem as coisas acontecer em vez de observar passivamente que elas aconteçam.

1.5 Percepção de auto-eficácia, percepção de resultados e afecto

Bandura faz uma distinção essencial entre o julgamento sobre a eficácia e o julgamento sobre os resultados. Compreender a distinção entre expectativa de eficácia e expectativa de resultado implica perceber a distinção entre acção e resultado. **Acção** é uma coisa feita, **resultado** é algo que se segue em resultado ou consequência de uma acção ou actividade. O resultado é a consequência de um acto e não o acto em si. Saltar 1 metro e

20 centímetros em altura é uma acção. O reconhecimento social, os aplausos, os trofeus e a satisfação que se seguem a esse salto são o resultado. Assim, a **percepção de auto-eficácia** é um julgamento sobre a nossa capacidade para conseguir atingir uma certa performance. A **expectativa de resultado** é um julgamento sobre as consequências prováveis daquele comportamento. "Vou conseguir saltar esta altura" é uma expectativa de eficácia ao passo que a antecipação dos aplausos, reconhecimento social e auto-satisfação constituem expectativas de resultado.

Em geral, as acções e os seus resultados estão associados. A maneira como agimos determina em grande medida os resultados que obtemos. No entanto, a análise estatística tem confirmado que a expectativa de eficácia é muito melhor preditor da performance do que a expectativa de resultados em áreas tão diferentes como fobias, assertividade, performances atléticas, vendas, e tolerância à dor (Barling & Abel, 1983; Godding & Glasgow, 1985; Lee 1984a; 1984b; Manning & Wright 1983)

A falta de habilidade para influenciar os acontecimentos e as condições sociais afecta a nossa vida e pode dar origem a sentimentos de futilidade e de desalento assim como ansiedade. A teoria de auto-eficácia distingue duas fontes que podem originar um sentimento de futilidade. As pessoas podem desistir por terem sérias dúvidas em ser capazes de fazer o que é necessário. Ou, podem estar seguras das suas capacidades mas desistir porque acham que os seus esforços não produzem os resultados desejados porque o meio não responde ou é punitivo.

Assim, o sentimento de futilidade pode ter duas causas distintas: (1) sentir-se ineficaz e (2) sentir-se capaz mas achar que não vale a pena porque o meio não vai ser sensível,

não se vai alterar de qualquer das maneiras. Modificar o sentimento de futilidade baseado na baixa eficácia requer desenvolver competências e percepções de auto-eficácia mais fortes e consistentes. Ao passo que a modificação do sentimento de futilidade com origem no julgamento de que os resultados não são controláveis requer uma mudança do meio.

Isto implica que o comportamento pode ser predito de modo mais eficaz se se considerar em conjunto a crença de auto-eficácia e a crença sobre os resultados do que tendo em conta apenas uma das duas crenças. Vejamos em pormenor os sentimentos que resultam da combinação destes dois julgamentos começando com o caso de elevada sensação de eficácia. Uma elevada sensação de eficácia pessoal conjugada com um meio responsivo que reforce o desempenho produz confiança na acção. Quando a pessoa tem elevada sensação de eficácia mas considera o meio pouco responsivo não vai desistir facilmente. Pode tentar ser activo, protestar, tentar mudar o meio ou ficar ressentido. Nos casos de baixa sensação de eficácia os sujeitos desistem facilmente se acham que o meio não é responsivo, ficam apáticos e resignados. Finalmente, no caso de baixa auto-eficácia apesar de acharem que o meio responderia se eles fossem mais capazes produz uma autodesvalorização das suas capacidades e desalento.

1.6 Auto-eficácia, afecto e atitudes

Vejamos quais as relações entre a crença de eficácia e o stress e a depressão delineados por Bandura. A crença que as pessoas têm nas suas capacidades determinam a

quantidade de stress ansiedade e depressão que sentem em situações ameaçadoras ou dificeis.

As reacções de **stress** e **ansiedade** são baixas quando as pessoas lidam com tarefas que estão dentro do seu limite de auto-eficácia. As pessoas que acreditam que podem lidar com potenciais situações de stress não ficam a conjurar apreensões e portanto não são perturbadas por elas. Mas aquelas que acham que não são capazes de exercer controle sobre os agentes de stress experimentam níveis elevados e subjectivos de perturbação, activação do sistema autónomo, secreção de catecolaminas e activação do sistema opioide (Bandura, 1989b). O nível de activação afectiva em situações envolvendo agentes de stress é influenciada pela percepção que o sujeito tem de ser eficaz em controlar apreensões cognitivas disfuncionais assim como pela percepção de lidar eficazmente com a situação. Isto requer controlar a nossa própria consciência. Assim, o controle eficaz do pensamento tem um papel importante na regulação da perturbação gerada cognitivamente. A principal fonte de stress ou de ansiedade não é a frequência de cognições stressantes ou intrusivas mas sim a percepção de ser incapaz de as fazer parar (Bandura, 1989).

A **depressão** surge quando o sujeito percebe que não é capaz de atingir objectivos desejados que afectam a avaliação de valor pessoal e que não é capaz de manter aquilo que traz satisfação (Bandura, 1988, Cutrona & Troutman, 1986). Kanfer e Zeiss (1983) mostraram que a discrepância entre os "standards" definidos pelo sujeito e a expectativa de eficácia para alcançar esses "standards" prediz o humor depressivo. Cervone e colaboradores (1994) mostraram que o humor negativo (triste) induzido não influencia a

auto-eficácia mas eleva os "standards" mínimos que se gostaria de atingir criando assim um fosso entre aquilo que se julga ser capaz de atingir (auto-eficácia) e o que se gostaria de atingir. Os "standards" representam o nível ou tipo de resultado que uma pessoa têm de atingir para se sentir satisfeita (Cervone, Kopp et al., 1994) Portanto a emoção pode não só ser uma consequência da discrepância entre expectativas e "standards" , mas também uma causa

Por outro lado, através da ruminação de pensamentos ineficazes as pessoas deprimem-se e constrangem e prejudicam o seu nível de funcionamento (Bandura, 1989a; Lazarus & Folkman, 1984). A ruminação depressiva não só prejudica o início e manutenção de actividades adaptativas, mas além disso diminui a percepção de eficácia pessoal (Kavanagh & Bower, 1985). Uma boa parte da depressão é gerada cognitivamente por ruminações. Portanto, a percepção de auto-ineficácia para controlar esta ruminação de pensamentos torna-se proeminente na ocorrência, duração e recorrência dos episódios depressivos (Kavanagh & Wilson, 1988, citado em Bandura, 1989b). A percepção de auto-eficácia também pode atenuar os efeitos do stress crónico diário (Holahan & Holahan, 1987, citado em Bandura, 1989b).

Para Bednar as pessoas têm medo e tendem a evitar as situações ameaçadoras e que acham que excedem as suas capacidades, ao passo que se envolvem nas actividades e comportam-se com confiança quando se acham capazes de lidar com as situações que de outra forma seriam intimidatórias (Bednar, Richard et al., 1989).

As **atitudes** também podem ser influenciadas pela percepção de eficácia isto mesmo pode ser observado quando se comparam alunos de idêntica capacidade matemática mas com diferentes níveis de auto-eficácia. Perante problemas difíceis os alunos com elevada expectativa de eficácia são mais rápidos a pôr de lado as estratégias ineficazes, resolvem mais problemas, tentam novamente naqueles que falham e apresentam atitudes mais positivas em relação à matemática (Collins, 1982, citado em Bandura, 1986). Desta maneira pode conceber-se que a percepção de auto-eficácia é um determinante importante da performance que opera de modo parcialmente independente das competências que o sujeito possui (Bandura, 1986).

1.7 A percepção de auto-eficácia é uma capacidade generativa

Para Bandura (1984) a auto-eficácia percebida é uma capacidade generativa porque permite à pessoa orquestrar múltiplos "subskills" de modo flexível ao lidar com realidades que não são estáticas, estão em mudança, e que com frequência contêm elementos ambíguos, imprevisíveis e "stressantes". A autopercepção de eficácia é de modo típica percebida em termos do uso variado dos "subskills" que o sujeito possui sob diferentes exigências situacionais. Por exemplo, ao avaliar a auto-eficácia para conduzir não se pede às pessoas para julgar a sua capacidade para dar à ignição, travar, acelerar ou curvar. Em vez disso o sujeito avalia, independentemente de qual sejam os seus "subskills", a sua capacidade para conduzir em ocasiões em que exista elevada densidade de tráfico, ou locais com muitas curvas, ou muitas faixas de trânsito.

Não se avalia a capacidade linguística em termos de um conjunto de palavras ou de frases pré-definidas. Em vez disso a capacidade linguística diz respeito à capacidade para gerar frases apropriadas a um contexto interactivo mesmo que essas frases nunca tenham sido pronunciadas previamente. Portanto, em geral a eficácia não diz respeito a actos fixos que o sujeito possua ou não possua no seu repertório para pôr em prática. Diz antes respeito à capacidade de gerar sequências de acção adequadas a um determinado propósito que resultem duma organização integrada de competências cognitivos, sociais e comportamentais (Bandura, 1986).

Funcionar de modo competente requer tanto os competências como a crença pessoal de eficácia para os usar de modo eficaz. A eficácia exige improvisar continuamente múltiplos "subskills" para conseguir lidar com as circunstâncias que estão sempre a mudar, muitas das quais contêm elementos ambíguos, imprevisíveis e stressantes. Iniciar e regular transações com o meio depende do que as pessoas acham que são capazes de fazer em determinadas circunstâncias.

1.8 Auto-eficácia e auto-estima

Auto-estima

De acordo com Coopersmith (1967) a auto-estima refere-se à avaliação que o indivíduo faz e habitualmente mantêm em relação a si próprio; expressa uma atitude de aprovação

ou desaprovação e indica a medida em que o indivíduo acredita ser capaz, significante, bem sucedido e com valor. A auto-estima é um julgamento pessoal de valor expresso nas atitudes do indivíduo.

De acordo com o autor quatro factores contribuem para o desenvolvimento da auto-estima: (1) O valor que a criança sente que os outros lhe atribuem (através de afecto, reforço e atenção), (2) As experiências que a criança sente em situações de realização (experiência de sucesso), (3) A definição que a própria criança faz de sucesso e falhanço, (as aspirações e exigências que coloca a si própria determinam o que vai ser considerado sucesso), (4) O modo habitual da criança reagir ao feedback negativo e às críticas.

No estudo de Coopersmith (1969, citado em Bednar et al., 1989) a avaliação dos pais de crianças com elevada auto-estima revelava que estes comunicam à criança **aceitação**, a criança sabe que é reforçada e valorizada; limites bem definidos e expectativas elevadas, a criança sabe que esperam dela comportamentos maduros e que confiam nas suas habilidades; e os pais respeitam a individualidade da criança dando-lhe oportunidade de ser diferente e única dentro dos limites estabelecidos.

Fazendo uma transposição para o comportamento materno poderíamos esperar que o sentimento de valor pessoal como mãe será beneficiado se: nomeadamente o marido exprimir afecto pela maneira como a mulher trata a criança; confiar nas suas habilidades esperando que ela trate da criança de modo eficaz; e se respeitar a sua maneira própria de lidar com a criança.

No estudo de Coopersmith (1967) os alunos com **elevada** auto-estima eram bem sucedidos quer socialmente quer academicamente. Gostavam de exprimir as suas próprias opiniões em discussões em vez de ficarem apenas a ouvir. As críticas não os afectavam muito, nem eram ansiosos. Não viviam preocupados com dificuldades pessoais mas confiavam nas suas percepções e o modo como se relacionavam com os outros demonstrava que esperavam ser bem recebidos. Consideravam-se pessoas de valor, importantes e merecendo respeito e capazes de exercer influência sobre os outros. Tarefas novas ou que constituíam um desafio eram efectuadas com prazer, de modo optimista e esperando sucesso.

Os alunos com níveis **médios** de auto-estima eram semelhantes ao grupo anterior em muitos aspectos. Também eram optimistas, expressivos e capazes de lidar com as críticas. No entanto eram dependentes da aceitação social no sentido de remover alguma incerteza que sentiam no seu valor pessoal. Esta insegurança no seu valor faz com que sejam mais activos na procura de experiências sociais que possam aumentar a sua auto-avaliação.

Os alunos com **baixa** auto-estima em geral sentiam-se isolados, incapazes de ser amados, incapazes de se defender a si próprios, e demasiado fracos para ultrapassar as suas deficiências. Passivos, não participantes socialmente, preocupados consigo próprios, sensíveis às críticas, repisando nos seus próprios problemas. Evitam as interacções sociais que podem confirmar as suas supostas deficiências. Uma certa quantidade de doenças psicossomáticas é observada nestes grupos. Têm falta de confiança nas suas capacidades e ideias e limitam-se a situações conhecidas e seguras.

Sentem ser controlados pelos acontecimentos externos em vez de sentirem as coisas sob o seu controle pessoal.

Rosenberg (1965) define auto-estima como uma atitude positiva ou negativa em relação a um objecto particular, o self.

Assim a auto-estima parece implicar que o sujeito é uma pessoa de valor, respeitando-se a si próprio por aquilo que é, não se condenando a si próprio por aquilo que não é, e em que medida se sente bem consigo próprio, a baixa auto-estima sugere auto-rejeição, autodepreciação e avaliação negativa de si próprio (Burns, 1979).

Comparação entre auto-eficácia e auto-estima

O **autoconceito** é um conceito mais geral que a auto-estima e refere-se à representação que temos de nós próprios em termos físicos, comportamentais, sociais e morais. Algumas destas representações são descritivas e nada têm a ver com a auto-estima.
Estaremos em presença da **auto-estima** sempre que as representações descritivas envolvam também, ou sobretudo, um julgamento ou avaliação. Deste modo poderia dizer-se que a auto-estima é a componente avaliativa do autoconceito.

"A relação entre percepção de auto-eficácia e auto-estima é óbvia. Os processos de auto-avaliação que se seguem ao desafio de uma tarefa difícil, interpessoal ou não, são

os contributos fundamentais para a construção da auto-estima" (Bednar, Richard et al., 1989).

Bandura sublinha que a auto-eficácia e auto-estima representam fenómenos diferentes. A auto-estima diz respeito a avaliações de valor pessoal enquanto a auto-eficácia diz respeito à avaliação das capacidades pessoais (Bandura, 1984). Os indivíduos podem achar-se muito eficazes numa actividade da qual não tiram nenhum orgulho pessoal (ex. ser um bom atirador na tropa), ou acharem-se ineficazes numa actividade (ex. patinador inapto) mas não sofrerem com isso uma baixa de no seu valor pessoal. Contudo, em muitas das actividades que as pessoas perseguem elas cultivam a auto-eficácia naquilo que lhes proporciona um sentimento de valor pessoal (Bandura, 1984).

Outra diferença consiste no facto da auto-estima ser um conceito mais global e a auto-eficácia se referir a uma área específica. Bandura concebe a auto-eficácia como uma expectativa de capacidade para realizar determinada tarefa ou acção social específica e não uma medida de sensação de capacidade global. Quando são feitas medições de auto-eficácia específicas, encontra-se uma elevada correspondência entre os julgamentos de eficácia e a performance subsequente (Bandura & Adams, 1977). Vários estudos mostraram que a auto-eficácia se refere a domínios específicos e só se generaliza a áreas bastante relacionadas (Bandura, Adams et al., 1980, Williams & Zane, 1989).

A auto-estima corresponde à aceitação pessoal ou achar-se com valor e depende daquilo que é valorizado pelo sujeito. Um rapaz pode achar que não tem jeito nenhum para jogar à bola (baixa expectativa de eficácia nessa área específica) mas ter uma elevada auto-

estima porque não liga nenhuma importância ao futebol. Dá importância a outras coisas. Outro sujeito pode dar muita importância ao futebol, desejar jogar bem e achar que não é suficientemente capaz e isso contribuir para ter de si uma baixa estima. Outro ainda pode ser (e achar-se) um excelente nadador mas ter uma baixa auto-estima. A auto-eficácia (sou capaz de fazer isto ou aquilo) não tem necessariamente uma relação directa com a auto-estima (estou bem comigo próprio, satisfeito com aquilo que sou, gosto de mim). A razão não depende tanto do facto da auto-eficácia se referir à competência em áreas específicas e a auto-estima a um sentimento global mas mais daquilo que é ou não valorizado pelo sujeito. Não nos acharmos competentes em áreas que não valorizamos não afecta a nossa auto-estima.

A dificuldade em destrinçar auto-estima e auto-eficácia resulta em parte do facto de ambos os conceitos envolverem uma componente avaliativa. A **auto-avalição** consiste num julgamento discriminativo do valor da nossa própria performance em comparação com alguma escala ou critério de excelência que nós possuímos (Bandura, 1978)

Rosenberg (citado em Bednar, Wells & Peterson, 1989) diferencia os conceitos de autoconfiança e auto-estima. Para este autor a autoconfiança seria semelhante ao conceito de **auto-eficácia** de Bandura, i. e., expectativa de maior ou menor sucesso que uma pessoa tem em relação a uma tarefa ou situação e um sentido de controle do self e do ambiente. A **auto-estima** seria um sentido afectivo de se aceitar, diria respeito ao sentimento de valor do self. A frase "eu sou uma mãe capaz e confirmo isso quando cuido do meu filho" tem uma noção explícita de auto-aceitação e sentimento de valor pessoal, portanto de auto-estima, "sou uma mãe capaz". A segunda parte da frase

"...confirmo isso quando cuido do meu filho", dá-nos uma noção de sentido de controle do self e do ambiente, isto é, uma sensação de confiança ou eficácia.

De acordo com Bandura (1977) as expectativas tanto de eficácia como de resultados, concebem-se não como variáveis globais e estáveis, mas como cognições específicas que se formam e reelaboram constantemente a partir do processamento e integração de informação, dos erros do passado, observação do comportamento dos outros, persuasão verbal e autopercepção do estado fisiológico do organismo. Ora, algumas afirmações habitualmente contidas nas escalas de auto-eficácia como "ser mãe não é uma tarefa difícil e todos os problemas são facilmente resolvidos", não parecem variáveis específicas mas sim globais. As tarefas que a maternidade implica são de uma grande diversidade, e as "dificuldades" podem ser de muitos tipos. É difícil de dizer com certeza se este tipo de frase avalia auto-eficácia ou se avalia auto-estima materna.

Em síntese, consideramos que é difícil criar questionários ou escalas que meçam autoconfiança sem cair em medidas de auto-estima. Além disso, esta situação será mais provável de ocorrer quanto mais geral for o conceito avaliado. Por exemplo, tentar saber se uma mãe se acha capaz de fazer parar o choro da criança é mais específico do que se ela se acha capaz de cuidar da criança.

Em síntese, a auto-eficácia corresponde à confiança que as pessoas têm nas suas capacidades. Falamos de auto-eficácia quando o sujeito avalia a sua capacidade para fazer determinada tarefa ou atingir determinada performance. Neste sentido a percepção de auto-eficácia corresponde a uma crença ou expectativa.

Será que as pessoas de baixa ou moderada auto-eficácia têm menos capacidades do que as pessoas com elevada auto-eficácia? Se a auto-eficácia traduz sobretudo a história de sucessos e falhanços da pessoa nessa actividade a resposta a esta pergunta poderá ser sim. Mas nem sempre um melhor resultado traduz maior capacidade. Nem sempre os sujeitos com melhores conhecimentos e possuindo os "skills" necessários obtêm melhores resultados. As condições a que a pessoa está sujeita e a sua confiança também afectam os resultados. Empreender uma tarefa nova é uma situação em que a confiança nas suas capacidades pode ser preponderante. Um sujeito confiante nas suas capacidades tende a fazer uma auto-avaliação optimista (que não é disparatadamente superior aquilo que pode atingir). Isso leva-o a esforçar-se por atingir essa meta. A pessoa pouco confiante nas suas capacidades tende a fazer auto-avaliações abaixo das suas capacidades. Ou seja, a percepção de auto-eficácia é um elemento importante por influenciar a **motivação**. As pessoas que acreditam ser capazes de atingir um bom resultado numa determinada tarefa, esforçam-se por conseguir e persistem perante as contrariedades. Têm mais possibilidades de ser bem sucedidos. As pessoas que não acreditam ser capazes (baixa auto-eficácia) evitam essa tarefa, e se a empreendem fazem-no com pouco esforço porque já estão a contar não ser bem sucedidos, e encaram qualquer contrariedade como um indicador da sua incapacidade para realizar a tarefa.

A auto-eficácia influencia não só a motivação mas também o que as pessoas **pensam**. As pessoas com baixa expectativa de eficácia em situações que não sejam muito simples ou fáceis e sobretudo nas que são árduas, ficam a repisar nas deficiências pessoais, na grandiosidade da tarefa, e nas consequências adversas do falhanço, enfim ficam a

conjurar preocupações. Não exercem grande esforço cognitivo para processar a informação, tendem a atribuir os níveis baixos de realização à sua fraca capacidade.

A auto-eficácia também influencia o que as pessoas **sentem**. Perante um meio pouco responsivo as pessoas com baixa auto-eficácia tendem a desistir facilmente e a ficar apáticos e resignados. Sentir que não se tem capacidade para atingir objectivos desejados que afectam o valor pessoal produz depressão. A percepção de ser incapaz de lidar eficazmente com uma situação ou a percepção de ser incapaz de fazer parar cognições apreensivas é uma fonte de activação fisiológica própria da ansiedade.

A auto-eficácia não diz respeito a actos fixos que o sujeito possui ou não possui no seu repertório para pôr em prática. Diz antes respeito à capacidade para **gerar** sequências de acção que resultem duma organização integrada de competências cognitivas, sociais e comportamentais adequadas a diferentes exigências situacionais.

Tanto a **auto-eficácia** como a **auto-estima** envolvem uma avaliação. No entanto, a auto-eficácia diz respeito à avaliação das capacidades pessoais (serei capaz de fazer isto?) enquanto que a auto-estima diz respeito a avaliações de valor pessoal (estou satisfeito comigo, gosto de mim como sou). A auto-estima é um conceito global enquanto que a auto-eficácia se refere a uma área específica. A forte relação que existe entre os dois conceitos resulta do facto das pessoas tentarem ser eficazes naquilo que lhes proporciona valor pessoal.

(2) DEFINIÇÃO DE AUTO-EFICÁCIA MATERNA

Bandura não define auto-eficácia materna, não faz qualquer descrição do que é uma mãe eficaz ou como se comporta uma mãe que dá banho de modo eficaz à sua criança. Contudo, a partir das suas descrições gerais podemos conceber aqueles cenários.

De acordo com a teoria de Bandura (1986) as pessoas obtêm informação sobre a sua eficácia de várias fontes sendo a mais importante a sua **história prévia de sucessos e insucessos**. De facto, a sensação de eficácia materna não se constrói no vazio mas sim com base no resultado dos cuidados que a mãe presta à criança. Numa primeira fase situações como a saúde da criança, o banho, pegar, vestir e despir, mudar a fralda e a eliminação podem constituir situações que propiciem sensação de maior ou menor eficácia para a mãe. Se existir uma extrema dificuldade numa destas áreas ou uma moderada dificuldade em duas ou mais é provável que a mãe se sinta pouco eficaz. Se conseguir fazer estas actividades sem percalços e sem choros é bem possível que o sentimento de eficácia seja elevado. Obviamente que a sensação de eficácia não resulta de modo tão linear e "objectivo" destes resultados. Ser capaz de acalmar rapidamente a criança e a alimentação, sobretudo se a criança se satisfaz só com o peito, também são factores preponderantes. Numa segunda fase, a facilidade em fazer sorrir e vocalizar a criança também são factores importantes.

Assim, a **Auto-eficácia materna** diz respeito à sensação de capacidade da mãe para cuidar da criança. Se acha que executa de modo eficaz e confiante tarefas como mudar a fralda, dar o banho, dar de comer, despir e vestir, e ainda perceber as necessidades da

criança, acalmá-la quando ela chora sobretudo em momentos mais difíceis, etc. Portanto a auto-eficácia materna depende directamente do resultado das interacções da mãe com a criança e do modo como ela percepciona ou interpreta estas interacções. Alguns autores identificam a auto-eficácia materna através da palavra competência. Para Mercer (1985, 1986) a competência no papel maternal, corresponde às competências maternais e interacções nos cuidados prestados à criança que promovem o seu desenvolvimento. Esta competência pode ser medida quer por observação directa dos comportamentos das mães ou pela percepção de competência que a mãe tem do seu papel. A aquisição do papel maternal (maternal role attainment) é um processo pelo qual as mães alcançam a competência no seu papel maternal, integrando os seus comportamentos maternais nos seus papeis já estabelecidos de modo a alcançar confiança e harmonia nas suas novas identidades Mercer, 1985). Para Walker e Montgomery (1994) a aquisição do papel maternal pode ser definida como a sensação de confiança e conforto no papel maternal e pode ser medido por escalas como o Pharis Self-Confidence Scale (Pharis, 1978 citado em Walker & Montgomery, 1994) que mede a autoconfiança da mãe em levar a cabo tarefas como mudar a fralda, tirar a temperatura, e acalmar o choro do bebé. Para Reece (1992) a auto-eficácia na mulher que é mãe pela primeira vez é a confiança que ela tem na sua capacidade para alcançar as exigências do papel maternal.

Além da história prévia de sucessos e insucessos existem outras fontes a partir das quais as pessoas podem moldar a sua auto-eficácia, nomeadamente a **observação do sucesso e falhanço dos outros e a autopersuasão e persuasão verbal por outros**. Assim as mães que nos primeiros dias e primeiras semanas que tiverem uma mãe, tia, sogra, enfermeira, ou outra pessoa que ajude ou mostre como se pode cuidar eficazmente da criança têm

mais possibilidades de aumentar por observação a sua própria auto-eficácia. Se estas pessoas, nomeadamente o marido persuadirem a mãe de que ela possui as capacidades requeridas para ser eficaz, de que é boa mãe, de que faz tudo bem, ou de que deve persistir porque vai conseguir, estarão também a contribuir para o sentimento de auto-eficácia da mãe. Por outro lado, a presença da mãe ou da sogra e casa ajudando a cuidar da criança pode aumentar a dependência da jovem mãe, e desencorajar o controle da situação podendo reduzir a auto-eficácia materna. A aquisição de competência no papel maternal é em grande medida um processo cognitivo e social que é influenciado pelo contexto cultural e familiar e pelas características da mãe e da criança (Mercer, 1981, Rubin, 1984). Ao assumir um novo papel o feedback do companheiro e da rede social de apoio são importantes para validar uma performance competente (Mercer & Ferketich, 1994).

Outra ideia interessante de Bandura que pode ser analisada no contexto da eficácia materna é o facto da auto-eficácia ser uma **capacidade generativa**. É esta capacidade generativa que permite improvisar continuamente múltiplas competências para conseguir lidar com as circunstâncias que estão sempre a mudar, muitas das quais contêm elementos ambíguos, imprevisíveis e stressantes (Bandura, 1986). Esta descrição de Bandura pode caracterizar correctamente o que se passa com o papel maternal nas primeiras semanas e primeiros meses. Que o choro é inerentemente stressante já foi confirmado. Muitas vezes as situações em que ele ocorre também são ambíguas e imprevisíveis, não se conhece muitas vezes os motivos e a criança chora por vezes quando nada o faria prever. Ser uma mãe eficaz implica improvisar continuamente,

procurar novas modalidades de cuidados para acalmar o bebé, embalá-lo, cantar, andar com ele de uma lado para o outro, etc.

Quando se pede para uma pessoa avaliar a sua perícia para conduzir ela não se baseia exclusivamente numa competência específica como virar o volante. Da mesma maneira, quando a mãe avalia as suas capacidades maternais não avalia de modo isolado a sua maior ou menor perícia para mudar uma fralda ou embalar um bebé. Em vez disso faz uma avaliação global da sua capacidade habitual para executar várias actividades que dizem respeito ao bebé e em particular a sua capacidade para lidar com a criança em situações adversas como acalmá-la e dar-lhe de comer num dia particularmente difícil.

A distinção feita por Bandura entre as pessoas com **elevada e** com **baixa auto-eficácia** é outro ponto de partida, constituindo uma rica descrição que pode ser analisada do ponto de vista da auto-eficácia materna. Esta distinção também ajuda a perceber que a percepção de auto-eficácia influencia o nível de realização, isto é, a percepção que o sujeito tem sobre a sua eficácia não é um preditor passivo daquilo que ele vem a realizar mas **produz** ou influencia **activamente** o que o sujeito vem a fazer. De acordo com o que foi dito sobre a teoria da auto-eficácia poder-se-ia prever que as mães que duvidam das suas capacidades (**baixa auto-eficácia**) gostariam de fugir das tarefas difíceis (um dos aspectos curiosos é que as mães só podem evitar interagir e prestar os cuidados à criança nas primeiras semanas se tiverem o apoio de alguém como por exemplo a sua própria mãe ou sogra). Têm pouca confiança em ser capaz de lidar de modo aconflitual com a criança ou de evitar uma situação aversiva, e são pouco constantes, ou hesitantes nas tentativas para ultrapassar as dificuldades. Em situações que são um fardo como um

episódio de choro prolongado, ficam a repisar nas suas deficiências pessoais, "eu é que não tenho jeito", na grandiosidade da tarefa, e nas consequências adversas do falhanço "agora vai ser um sufoco até ele adormecer". Estes pensamentos ainda mais prejudicam os seus esforços afastando a atenção da mãe e impossibilitando-a de pensar na melhor maneira de atingir os seus objectivos. As experiências de insucesso enfraquecem a sua motivação.

Em contraste, as mães com **auto-eficácia elevada**, isto é, que têm elevada confiança nas suas capacidades para lidar com a criança, abordam as situações difíceis como o choro mais persistente como um desafio a ser ultrapassado em vez de uma ameaça a ser evitada. Essa orientação afirmativa estimula o interesse e o envolvimento nos cuidados maternais. Se alguns dos "subskills" relativos aos cuidados maternais faltam nestas mães, o que não é de admirar, por exemplo, no caso das primíparas, o esforço que empregam e que resulta duma crença de elevada eficácia, promove o desenvolvimento dessas competências. Processam cognitivamente a informação de maneira activa e mantêm elevada eficiência no seu pensamento analítico perante a necessidade de decidir em situações complexas. Aumentam o seu esforço quando não conseguem fazer o bebé parar de chorar. Atribuem o falhanço a uma falta de esforço, "a mãe é que não tomou atenção ao bebé..." o que apoia uma orientação para o sucesso. Recuperam rapidamente o seu sentido de eficácia perante falhanços ou retrocessos. Abordam potenciais situações de stress ou de ameaça com a confiança de que podem exercer algum controle sobre elas reduzindo o stress e a vulnerabilidade à depressão. Em suma, elas fazem as coisas acontecer em vez de observar passivamente que elas aconteçam.

Tem-se admitido que o sentimento de eficácia ou competência materna varia em função de uma série de factores entre os quais, o estado de saúde da criança ou a percepção que as mães têm da saúde do bebé, e da sua experiência de parto, as caracteristicas de temperamento do bebé, auto-conceito ou auto-estima da mãe, apoio recebido de outros significativos para ela, nomeadamente o marido, o grau de instrução, o número de filhos, etc.

A percepção que a mãe tem da sua competência no papel maternal (confiança materna) é um determinante básico da sua capacidade como mãe e influencia as suas respostas para a criança (Bullock & Pridham,1988; Walker, Crain & Thompson, 1986a, 1986b). Por outro lado, a maneira como a criança responde aos cuidados maternais influencia o seu sentimento de competência (Bullock & Pridham, 1988).

Zahr (1991) refere que a confiança materna de mães de crianças prematuras aos 4 e 8 meses pós-parto estava relacionada com a educação, rendimento, paridade, **temperamento da criança,** e a presença e severidade de hemorragia intra-ventricular. No estudo de Gross, Rocissano e Roncoli (1989) a experiência anterior em cuidar de crianças, a paridade, e ter (ou não) paralisia cerebral predizia 33% da variância na confiança materna quando as crianças pré-termo tinham entre 12 e 36 meses.

Mercer (1985b citado em Mercer, & Ferketich 1994) encontrou relações significativas entre a percepção da experiência de parto e a competência materna aos 1, 4 e 12 meses. Noutro estudo encontra uma relação significativa no 1° mês mas não aos 4, 8 ou 12

meses (Mercer, 1986). No entanto Pridam et al. (1991) não encontram uma relação significativa entre estas variáveis.

Num estudo com 249 primíparas entre os 15 e os 42 anos Mercer (1986) verificou que 27.2% da variância na competência materna era no 1° mês era explicada pela percepção da experiência de parto, **dificuldade da criança,** estado de saúde da criança, atitudes educativas, auto-conceito e apoio do companheiro. Aos 4 meses, 31,1 % da variância era explicada pelas atitudes educativas, auto-conceito, stress relacionado com a criança, **ritmicidade da criança,** saúde materna, e a adaptabilidade materna. Aos 8 meses, 45.7 % da variância era explicada pelo stress relacionado com o papel maternal, atitudes maternais, adaptabilidade materna, apoio emocional, hospitalização da criança no primeiro mês e tamanho da rede social da apoio. Aos 12 meses, 44% da variância era explicada pela atitude materna, estado de saúde da mãe, distúrbios de personalidade e o tamanho da rede social de apoio.

Noutro estudo Mercer (Mercer & Ferketich, 1994) procurou identificar os factores que explicavam a competência no papel maternal (medida pelo Sense of Competence Scale, Gibaud-Wallston e Wandersman, 1978) incluindo a auto-estima materna, a sensação de controlo (*mastery*), a ansiedade, a depressão, o nível de educação, as complicações pós-parto, "*attachment*" pré-parto (fetal attachment), o apoio social percebido e recebido, a relação conjugal, o funcionamento familiar, o stress, o estado de saúde da mãe, e o estado de saúde do bebé. O estudo incluía 121 grávidas de alto risco e 182 grávidas de baixo risco avaliadas no período de hospitalização, 1°, 4 e 8 mês. A situação de alto risco envolvia na maioria problemas relacionados com a gravidez (trabalho de parto

prematuro, ruptura prematura da membrana, pré-eclampsia, incompatibilidade de Rh, e perdas de sangue); 7% apresentavam problemas de saúde crónica (diabetes, asma, doenças da tiróide ou renais). A auto-estima predizia de modo constante a competência materna no grupo de alto risco, explicando 12, 8, 6 e 34% da variância em cada um dos momentos de avaliação. No grupo de baixo risco explicava 6, 8 e 6% no período neonatal, 4 e 8 mês. A depressão explicava mais variância no grupo de alto risco no 1° mês (24% contra 6% no grupo de baixo risco) e continuava a ter um impacto no 8° mês (9%). A ansiedade de estado aparecia sobretudo no período neonatal, 20% e 44% respectivamente no grupo de alto e baixo risco.

Gross, Conrad, Fogg e Wothke (1994) estudaram a relação entre a auto-eficácia, e a depressão e percepção de temperamento em 126 mães. Quanto mais baixa era a auto-eficácia das mães mais difícil era a percepção de temperamento que tinham das crianças e mais altos os scores de depressão. A idade da mãe, o número de filhos e as avaliações feitas pelas enfermeiras eram os melhores preditores da auto-eficácia das mães numa série de comportamentos incluídos no "Infant Care Scale" (Froman & Owen, 1990).

Como varia a autoconfiança materna no primeiro ano de vida? O Parent Expectation Survey (PES -Reece, 1992) foi delineado para medir as percepções de eficácia nos primeiros meses de vida da criança. No estudo de Reece (1992) as mães que tinham auto-eficácia mais elevada no 1° e 3° mês, apresentavam mais confiança parental e menos stress quando as crianças tinham um ano. Ruble, Brooks-Gunn, Fleming et al. (1990) encontram um aumento na autoconfiança materna (uma medida semelhante ao Parent Sense of Competence Scale) a par de comportamentos protectores e envolventes do fim

da gravidez para os 3 meses. Walker et al. (1986a) também observam que as mães se tornam mais autoconfiantes do momento do nascimento para as 4/6 semanas e que as mães mantêm as suas posições relativas dentro do grupo. A observação do comportamento materno revelava um aumento de competência do 1° para o 4° mês mas os scores médios aos 8 e 12 meses eram mais baixos. Noutro estudo (Mercer, 1985) a gratificação com o papel maternal (GRAT) aumentava do 1° para o 4° mês com uma ligeira descida aos 8 meses. Havia uma grande diferença entre as mães adolescentes e as mães mais velhas. As adolescentes exprimiam uma diminuição na gratificação ao longo do tempo e as mães mais velhas um aumento de gratificação. Mercer (1985) considera que este declínio pode estar ligado aos novos desafios e novas competências requeridas para cuidar das crianças mais velhas (8 e 12 meses) mas que o stress marital, o emprego, alterações no sistema de apoio podem ser explicações alternativas. O autor avaliou estas exigências através de uma pergunta - qual é a coisa mais difícil para uma mãe? - efectuada nos 4 momentos de avaliação. A análise de conteúdo das respostas revelou 4 tipos de exigências: **Tempo pessoal**, por exemplo, não ter tempo para si própria (sobretudo no 1° mês); **Competências do papel maternal/Sentimento de incompetência**; **Cuidar do bebé à noite/privação de sono**; e **responsabilidade**, i. e., falta de liberdade, ter de estar sempre ali. Quanto ao sentimento de incompetência, sentir-se inadequada e insegura quanto em relação ao que fazer quando lida com o bebé, verifica-se que o número de mães que se sente incapaz diminui do 1° para o 4 mês e ainda ligeiramente para o 8° mês mas que aumenta novamente aos 12 meses não chegando contudo a atingir os valores do 1° mês. No estudo de Mercer e Ferketich (1994) as diferenças nos valores médios de competência materna (SCS) entre os dois grupos (de alto e baixo risco) eram mínimas e aumentavam aos 4 e 8 meses depois de

um decréscimo mínimo no 1 mês: no grupo de alto risco 78.07; 77.28; 79.08; e 79.52 respectivamente no período neonatal, 1,4 e 8° mês, e no grupo de baixo risco 76.28; 76.12; 78.11; e 78.73. No estudo de Ruble et al. (1990) a autoconfiança materna, uma medida semelhante ao Parent Sense of Competence Scale, mantinha valores médios idênticos de antes para depois do parto (médias 5.13 e 5.53). A estabilidade temporal era moderada, .63, .72 e .78 respectivamente do pré-parto para o 1° mês, do pré-parto para o 3° mês e do 1° para o 3° mês.

O sentimento de auto-eficácia materna poderá não estar associado à auto-estima no período pré-parto. Ollioff e Aboud (1991) confirmaram este aspecto no seu estudo com 40 mães. A auto-eficácia era definida como a confiança nas suas capacidades para realizar actividades específicas que as mulheres percebiam como caracterizando uma boa mãe (good mothering behavior) nos primeiros meses do bebé. A auto-eficácia foi avaliada pedindo às mães para listarem as 10 actividades que achavam que caracterizavam uma boa mãe. Mais tarde elas avaliavam numa escala de 10 a 100 o grau de confiança nessas capacidades. A estabilidade da medida de auto-eficácia entre os dois momentos de avaliação era moderada (.64).A auto-eficácia avaliada no pré-parto (último mês) não estava associada nem à auto-estima (Rosenbeg Self-Esteem Inventory RSI) nem à depressão (BDI). Às seis semanas a auto-eficácia materna estava associada positivamente com a auto-estima (.48) e negativamente com a depressão (-.58). Os autores concluem que poderá ser necessário que a mãe comece a cuidar da criança para que aquela relação apareça.

Em suma, os estudos existentes levam-nos a concluir que a autoconfiança geralmente aumenta pelo menos nos primeiros 4 meses para depois diminuir ligeiramente até aos doze meses mas sem atingir os valores do primeiro mês. A autoconfiança nas mães adolescentes parece sofrer uma evolução diferente, diminuir ao longo do tempo. A relação com a auto-estima faz-se sentir sobretudo quando as coisas correm mal, ou seja, nas situações de risco. Variáveis da criança como o temperamento parecem ter um peso maior nos primeiros meses, as variáveis da mãe como a auto-estima, a depressão ou contextuais como o apoio social parecem ter uma relação mais constante ao longo do tempo.

CAPÍTULO V

TEMPERAMENTO INFANTIL
E
AUTO-EFICÁCIA MATERNA

Neste capítulo são revistos os estudos sobre a relação entre temperamento infantil e auto-eficácia maternal.

(1) PREVISÕES A PARTIR DA TEORIA DE BANDURA

Uma criança **difícil** porque chora muito, porque é difícil de acalmar ou porque é imprevisível tem mais probabilidades de expor a mãe ao insucesso. Se a fonte mais importante de informação para a percepção de auto-eficácia é a **história passada de sucessos e insucessos** então a exposição ao insucesso deveria produzir baixa auto-eficácia.

No estudo de Wolff (1987) o autor constatou que havia uma grande variação individual em relação às situações em que os bebés choravam. Alguns nunca choraram ao ser despidos ou nunca protestaram ao ser postos na cama, outras (cerca de um terço) choravam com alguma frequência quando eram postos na cama e este tipo de choro não diminuía ao longo do tempo, pelo contrário, as crianças protestavam ainda com mais força e este comportamento ainda se mantinha aos 6 meses. As crianças proporcionam portanto diferentes experiências às mães. Moss e Robson (citado em Korner, 1984) constataram que com um mês de idade são os bebés e não as mães que iniciam a maioria das interacções (4 em cada 5). Portanto um bebé que chore com muita frequência "obrigará" a mãe a intervir muito mais do que um bebé calmo, expondo-a mais vezes ao insucesso. A confiança nas suas capacidades pode ser tantas vezes posta à prova pela criança com situações de insucesso que a mãe comece a duvidar das suas capacidades.

Para além da frequência do choro as suas características auditivas são um factor que também poderá afectar a sensação de eficácia da mãe. Lounsbury e Bates (1982) verificaram que as mães que ouviam o choro das crianças difíceis achavam-nos mais irritantes e pertencentes a crianças mimadas e difíceis. Boukydis e Burgess (1982) mostraram também que a audição destes choros eram acompanhadas por activação (arousal) fisiológica. Ora, a activação fisiológica é característica das mães menos competentes e menos auto-eficazes. Esta activação pode ser encarada como uma resposta defensiva a uma situação de stress e interferir com a aquisição de algumas competências maternais (Donovan & Leavitt, 1989). Estes autores observaram que as mães com baixa sensação de eficácia respondiam ao choro eminente da criança com um aumento na aceleração cardíaca. Portanto, as mães das crianças de choro alto ou desagradável podem ter a sensação de que não o podem controlar e sentir-se menos eficazes, ou reagir defensivamente a esse estímulo aversivo através de activação fisiológica que por sua vez poderá interferir com a capacidade para utilizar respostas mais eficazes.

A capacidade do bebé para se deixar acalmar é outro factor que pode influenciar a auto-eficácia maternal. A dificuldade em acalmar é uma característica que pode apresentar grandes variações individuais desde uma fase muito precoce. Birns, Blank e Bridger, (1966) utilizaram vários processos para acalmar bebés de 2 a 3 dias incluindo chupeta, líquidos, e embalar. Mostraram que os bebés que eram facilmente acalmados por um dos processos eram também facilmente acalmados com a ajuda de outros meios. Pelo contrário, os bebés que dificilmente se acalmavam por um dos meios também eram difíceis de acalmar quando outros processos eram utilizados. Estas diferenças individuais

foram confirmadas por Korner (1984). Portanto, uma criança fácil de acalmar e uma criança difícil de acalmar expõe as respectivas mães a situações bastante diferentes com possíveis efeitos sobre a confiança nas suas capacidades. Conseguir acalmar o bebé é uma experiência muito importante para a mãe. Condiciona a confiança que a mãe pode ter como mãe, e a sua imagem como mãe, assim como a relação com o bebé. O bebé que se acalma graças à intervenção da mãe conforta-a na sua identidade de mãe (Lebovici, 1987).

A auto-persuasão e a persuasão verbal por outros é outra fonte de eficácia. Assim, por exemplo, se a mãe vir os outros a falharem também com a sua criança tal como ela, porque a criança é **difícil**, ou se se persuadir ou a persuadirem de que não faz bem, não cuida bem da criança, de que não possui as capacidades necessárias, estas fontes de informação vão contribuir para a sua sensação de ineficácia.

A auto-eficácia é uma capacidade **generativa** que permite improvisar continuamente múltiplas competências para conseguir lidar com as circunstâncias que estão sempre a mudar, muitas das quais contêm elementos ambíguos, imprevisíveis e stressantes (Bandura, 1986). As crianças **difíceis** proporcionam às mães mais situações ambíguas, imprevisíveis e stressantes. Exigem maior improvisação por parte das mães; estas têm de procurar mais modalidades de cuidados. As crianças difíceis poderão eventualmente, nalguns casos, limitar a própria capacidade de improvisação da mãe em vez de a expandir.

As mães que duvidam das suas capacidades (**baixa auto-eficácia**) têm pensamentos auto-derrotistas. Em consequência estariam menos atentas ao que afecta a criança e às suas necessidades teriam mais dificuldades em perceber o que afecta a criança, as suas necessidades, a criança choraria mais. Também teriam mais dificuldades em acalmar a criança e esta habituar-se-ia a não esperar uma resposta eficiente. Por exemplo, as mães que tenham a crença de que não podem controlar, ou de que não são capazes de controlar o choro do bebé podem experimentar elevada activação e irritabilidade quando ouvem o bebé chorar. As suas crianças seriam mais difíceis choronas e imprevisíveis. Estas mães também são lentas a recuperar o seu sentido de eficácia a seguir a falhanços, ou retrocessos. Tendem a atribuir o insucesso à sua fraca capacidade. Por isso não é preciso falharem muito para perderem a confiança nas suas capacidades. São facilmente vítimas do stress e da depressão.

Por outro lado, a capacidade das mães e a confiança nas suas capacidades também pode influenciar quer o comportamento da criança, quer a percepção que têm do comportamento da criança. Fazer parar o choro da criança exige intervenções capazes. Nem sempre as mães tem as capacidades ou conhecimentos necessários. Por exemplo, Wolff (1987) mostrou que o aconchego eficaz tem de envolver contacto monótono e rítmico e imobilização completa dos membros. Isto faz parar o choro e facilita a passagem para o estado atento e calmo ou para o sono. Contudo a restrição dos movimentos dos membros sem os imobilizar faz aumentar o choro fazendo algumas vezes provocar a raiva.

Para além das capacidades e conhecimentos a falta de confiança também diminui a persistência necessária a uma actuação eficaz. Wolff (1987) defende que o fim do choro como um estado parece depender de modo crítico de um período suficiente de inactividade para a indução de um novo estado. Nos primeiros dois meses se os bebés forem postos de novo na cama um minuto depois de serem pegados recomeçam logo a chorar. Pegar os bebés por cerca de 5 minutos sem falar antes de os voltar a deitar tem um efeito substancial sobre o estado do bebé. Durante as primeiras seis semanas a chucha faz parar de chorar enquanto se mantém na boca. E se se mantiver cerca de 5 minutos a criança habitualmente fica a dormir. Ora, se as mães não tiverem confiança nas suas capacidades para fazer parar o choro do bebé, se acham que não são capazes, poderão não persistir o tempo suficiente para acalmar a criança, logo, a criança chora mais, a mãe não sabe porque é que o bebé chora, e tem a sensação de que é difícil acalmá-la, de que é um bebé difícil.

Por outro lado, as características comportamentais (temperamento) podem mesmo vir a modificar-se por acção da mãe. O estudo de Bell e Ainsworth (1972) mostra que a prontidão na resposta da mãe está associada a um declínio na frequência e duração dos choros dos bebés. Por outro lado, parece que a prontidão da resposta das mães ao choro dos bebés favorece nestes últimos o desenvolvimento de modos de comunicação mais ricos e mais variados. No fim do 1º ano os bebés que choravam menos utilizavam formas mais subtis e mais variadas (expressão do rosto, gestos e vocalizações) para transmitir mais claramente os seus sentimentos e os seus desejos. Os bebés que choravam mais entre os 9 e os 12 meses pareciam não utilizar outros meios de comunicação. É de esperar que as mães mais auto-eficazes respondam mais rapidamente aos seus bebés mas

isto por agora carece de qualquer confirmação. Por outro lado, como se referiu anteriormente os estudos de Bell e Ainsworth ainda são questionados no que diz respeito à relação entre prontidão na resposta ao choro e diminuição posterior do choro da criança.

Em contraste, seria de esperar que as mães com **auto-eficácia elevada,** dado a maneira como encaram as situações dificeis, o seu esforço e a sua persistência, perante uma criança **difícil** fossem recompensadas em muitos episódios de interacção.

(2) O MODELO DE GOLDBERG

Goldberg foi um dos primeiros autores a falar em eficácia maternal. Por um lado, acha que os sentimentos de eficácia dos pais resultam das avaliações que eles fazem das **interacções**. Por outro lado, acha que a interacção depende de características da mãe e da criança. Propõe um modelo **transaccional** que liga a auto-eficácia maternal e as características da criança (Goldberg 1977). Isto significa que o sentimento de eficácia da mãe num dado momento é o resultado de características da mãe e do bebé.

E que características? O repertório comportamental da criança é o veículo pelo qual ela participa nas interacções sociais. Existem três áreas da competência social da criança que contribuem para uma boa interacção com os pais: a **previsibilidade** (que inclui a regularidade dos ritmos biológicos), **responsividade social**, e a **clareza das pistas que fornecem sobre as suas necessidades** (facilidade em perceber as necessidades ou desejo da criança) (Goldberg, 1977).

Goldberg (1977) especula a propósito que os sentimentos de competência maternal tendem a ser desenvolvidos por bebés que são previsíveis, fáceis de lidar, que assinalam de maneira eficaz as suas necessidades, e que são facilmente acalmados. Pelo contrário, podemos esperar baixa auto-eficácia maternal, quando as mães têm de lidar com crianças que são de maneira sistemática rabugentas, irritáveis e dificeis de perceber.

Certas características do bebé parecem ter um peso maior do que outras no sentimento de **eficácia** que a mãe sente nos cuidados que presta à criança. Uma criança "fácil de ler"

permite à sua mãe interpretar os sinais facilmente e rapidamente e responder de modo contingente e adequado. Por outro lado, quando o bebé responde favoravelmente às intervenções da mãe, isto é, se ele se aconchega quando é pegado ao colo, se se acalma quando os pais procuram apaziguá-lo, se segue com o olhar os pais quando estes procuram o seu olhar, etc. os pais sentem-se elevados verdadeiramente à sua condição de pais. O bebé confirma-os nesta identidade e apazigua os temores e fantasias ansiosas dos pais. Se o bebé não responde tão facilmente pode criar-se uma situação oposta: cada angústia soa como uma **crítica** a seu respeito. A tarefa da mãe é então organizar duas estratégias contra a angústia (Lebovici, 1987); duas estratégias intimamente ligadas: uma dirigida contra a própria angústia que ela própria sente; a outra destinada a acalmar a angústia do bebé. Por vezes ocorre um sentimento de pânico. Nestes casos procura ultrapassar a angústia interior e procurar novas modalidades de cuidados com o bebé que o acalmem, embalá-lo andando com ele nos braços, cantar, diminuir a luz do quarto, vestir-lhe mais roupa, etc.

Korner confirma estas afirmações. Esta autora chamou atenção para o facto de não serem só as competências da mãe que fazem dela uma mãe mais ou menos **eficaz** mas que o temperamento do recém-nascido também é um factor de primeiro plano (Korner, 1984). Esta autora mostrou que as crianças diferem de modo consistente em certas características como a quantidade de choro, a capacidade para se deixar acalmar, e a capacidade para se auto-acalmar. Um bebé que chore muito, ou que não se acalme sozinho fará a sua mãe intervir muito mais vezes que um bebé calmo. Da mesma maneira, um bebé que seja difícil de acalmar exigirá da sua mãe mais tempo e empenho para conseguir sossegá-lo. Quando os bebés choram frequentemente e são difíceis de

acalmar podem criar tensões nos seus pais assim como dúvidas quanto às suas capacidades parentais. Brazelton também confirma esta ideia, face a um bebé irritável e que não pode ser acalmado, a mãe vai reagir por um movimento depressivo, sentimentos de impotência, ou de rejeição (Brazelton, 1982).

Por outro lado, o sentimento de eficácia maternal também depende de características da mãe. Vejamos a opinião de Lebovici. Para este autor existe uma multiplicidade de situações que podem intervir no comportamento da mãe que geralmente têm um sentido global positivo, se a vida material da mãe o permite, e sobretudo se o filho justifica a expansão das suas fantasias dizendo respeito às suas **capacidades** e suas **identificações** maternais (Lebovici, 1987). Do estado psíquico da mãe depende a maneira como ela vai exercer as suas funções. Ela será **paciente** e feliz se o bebé se alimentar bem e regularmente. Suportará as pausas e ficará contente com elas e depois da mamada dará ao bebé todo o tempo necessário para esperar pelo arroto. Se ela estiver preocupada, por exemplo com um filho mais velho, ansiosa, deprimida, ou **encolerizada** pela atitude do marido as coisas não se passam tão bem. Por vezes ela pode viver num verdadeiro estado de angústia que se pode transformar em **sentimento de impotência** ou em raiva. Por exemplo, quando o bebé chorou a noite toda, ela está mais cansada e menos **paciente**.

(3) A AUTO-EFICÁCIA MATERNAL COMO VARIÁVEL MEDIADORA

Cutrona e Troutman (1986) foram as primeiras a mostrar que a auto-eficácia maternal pode ter um efeito mediador, por exemplo entre o temperamento da criança e a depressão da mãe. Num estudo feito por estas autoras o temperamento difícil (ITQ aos 3 meses) estava relacionado negativamente com a auto-eficácia e positivamente relacionado com a depressão maternal. O apoio social estava relacionado positivamente com a auto-eficácia parental e negativamente com a depressão. As autoras propõe que o apoio social exerce uma função protectora contra a depressão maternal ao permitir à mãe perceber-se mais **eficaz**. O **temperamento difícil** teria o efeito inverso. McCabe e Schneiderman (1985) também encontraram uma relação entre baixa auto-eficácia e sintomas depressivos.

Embora Thomas e Chess não refiram a palavra auto-eficácia ela pode ser subentendida quando se referem à relação entre auto-estima ou competência maternais e temperamento infantil. Para estes autores a auto-eficácia maternal pode ser vista como um mediador entre o temperamento infantil e o comportamento da mãe.

Para Thomas e Chess (1989) o **temperamento** da criança pode influenciar o comportamento da mãe através da influência que exerce sobre a sua **auto-estima**. O temperamento do bebé é um factor importante no desenvolvimento inicial da sua personalidade, através do efeito que produz na **auto-imagem parental**, que por sua vez influencia o modo como os pais lidam com a criança (Thomas & Chess, 1989). Os autores, acham que o temperamento do bebé pode influenciar as atitudes,

comportamentos e afectos que os pais sentem em relação à criança. Se a criança tem **temperamento fácil**, e o processo de socialização decorre suavemente os pais tendem a interpretar estes resultados como significativos de que eles são bons pais, de que são sensitivos. Este sucesso parental pode aumentar a sua auto-estima, mesmo que o temperamento da criança também tenha contribuído para este resultado positivo. Este efeito positivo sobre a auto-imagem dos pais também pode aumentar o afecto que sentem pela criança e a sua tolerância por enganos ou julgamentos incorrectos de menor importância (minor misjudgements). Se pelo contrário a criança é **difícil**, o processo de socialização tende a ser agitado, sob stress e dificuldades umas atrás das outras. As mães tenderão a julgar-se como **incompetentes**, ou até inconscientemente a tornar-se hostis para a criança. As reacções de culpabilidade são comuns o que só ajuda a confundir os pais e agravar as suas dificuldades (Thomas & Chess, 1989).

A relação entre **expectativa de eficácia e expectativa de resultado** é outro aspecto da teoria de Bandura que nos pode ajudar a compreender a relação da auto-eficácia maternal com o **temperamento** da criança. Habitualmente existe uma relação entre o comportamento do sujeito e os resultados que obtém. As mães que se esforçam obtêm resultados. No entanto, em casos extremos de crianças **difíceis** de acalmar por qualquer razão poderá não haver uma relação entre o comportamento da mãe e a interrupção do choro. Seja o que for que ela faça a criança não se cala. Estamos em presença de um caso em que o meio é pouco ou nada responsivo. Neste caso a auto-eficácia da mãe pode ser afectada.

Teti e Gelfand (1991) defendem por um lado que o sentimento de eficácia maternal e comportamento maternal têm uma relação positiva. As mães que se sentem eficazes têm um comportamento positivo para com a criança. Por outro lado, sugerem que o sentimento de eficácia tem um papel mediador. Aspectos como o apoio social prestado pelo marido, características da mãe como a depressão, ou características da criança como o temperamento, influenciam o comportamento maternal através do efeito que possam ter sobre o sentimento de eficácia.

Para Teti e Gelfand (1991) as mães que se sentem eficazes no papel parental deviam ser bem sucedidas em estabelecer relações calorosas e harmoniosas com os seus bebés. Pelo contrário, as mães que se sentem ineficazes deviam ter mais dificuldades. O modo de lidar com o bebé devia ser indeciso, insensível e desajeitado por lhes faltar os "skills" próprios à resolução de problemas ou a persistência requerida para estabelecer interacções sensíveis com as suas crianças.

Estas autoras verificaram que a auto-eficácia maternal é um mediador central entre a competência comportamental (medida de observação composta por vários indicadores incluindo sensibilidade, ser calorosa, envolvimento, expressão de afecto, e irritabilidade) da mãe com o bebé e outros aspectos como as percepções da criança (temperamento difícil/Chorão), a depressão maternal e apoio social prestado pelo marido. "Um bebé difícil tem um efeito negativo sobre o comportamento maternal apenas na medida em que o temperamento da criança reduz os sentimentos de eficácia maternal" (Teti & Gelfand, 1991). A auto-eficácia maternal pode ter um efeito atenuador. Algumas mães com bebés difíceis mas com elevada sensação de eficácia usam os seus recursos pessoais

e sociais para estabelecer relações harmoniosas e sensíveis com as crianças. Pelo contrário, será de esperar que as mulheres que desenvolvem dúvidas sobre si próprias em resposta a uma criança difícil evitem as dificuldades colocadas por uma criança difícil e sejam menos criativas e usem menos recursos para desenvolver interacções eficazes.

(4) O MODELO DE DONOVAN E LEAVITT

Inicialmente estes autores utilizaram o paradigma de Seligman (1975) sobre o desespero aprendido para perceber como é que as mães "aprendiam" a ser **eficazes**. Utilizando uma situação simulada em laboratório do choro de uma criança Donovan (1981) mostrou que um insucesso anterior em fazer parar o choro de um bebé interferia com a performance das mães em tarefas semelhantes realizadas posteriormente (proactivamente). Além disso, atribuir o choro a uma criança **difícil** aumentava o efeito de desespero (Donovan & Leavitt, 1985).

Para Seligman (1975) os indivíduos com baixa auto-eficácia tendem a atribuir os falhanços a causas internas, ficar apáticos e a não sentirem esperança. Seguindo o modelo de Seligman, Donovan e Leavitt (1985) propõem um modelo do desespero aprendido para explicar as diferenças nas respostas das mães aos choros dos bebés. Eles sugerem que a competência maternal depende do facto de verificarem, aprenderem, que as suas intervenções são bem sucedidas. Pelo contrário, se uma mãe não é capaz de acalmar o bebé, começa a sentir-se desesperada e esta **percepção de inadequação** interfere com as suas tentativas subsequentes para fazer o bebé parar de chorar.

O choro é um dos primeiros desafios encontrados pelas mães. Quando são bem sucedidas em fazer parar o choro, as mães ganham **confiança** na sua própria capacidade. Se são mal sucedidas, podem começar a concentrar-se na sua **ineficácia**.

Posteriormente os autores centraram-se na ideia de controlo da teoria de Bandura sobre a auto-eficácia. Para Bandura (1982) a auto-eficácia corresponde à sensação de que somos capazes de produzir ou regular os acontecimentos na nossa vida; ou de modo mais específico, até que ponto esperamos ser bem sucedidos numa situação particular. Numa palavra, a auto-eficácia têm a ver com controlo. É esta ideia de controlo que Donovan e Leavitt utilizam para definir operacionalmente auto-eficácia.

Mais concretamente, Donovan e Leavitt (1989) exploraram a ideia de **ilusão de controlo** de Alloy e Abramson (1979). As mães tentavam interromper o choro de uma gravação e no fim estimavam o grau em que tinham sido capazes de fazer parar o choro. A interrupção do choro era totalmente independente ou não contingente às tentativas das mães, no entanto, algumas diziam ou acreditavam ter sido moderadamente ou totalmente capazes de interromper o choro. Assim, a ilusão de controle corresponde a tratar um acontecimento como se ele fosse contingente quando não é, ou seja, a sobrestimar o seu controle. Concluíram que as mães que sobrestimavam as suas capacidades (portanto, que consideram ser eficazes quando não são) quando comparadas com aquelas que tinham apenas um grau baixo ou moderado de ilusão de controlo, apresentavam um estilo de atribuição depressivo, o seu humor predominante era deprimido, achavam que o pai era menos participativo nos cuidados com a criança, achavam que as suas crianças eram mais **difíceis** e aceleravam os batimentos cardíacos (característico de um condicionamento aversivo), quando estavam à espera do choro do bebé. Além disso, estas mães com sensação de maior controlo do que tinham de facto tinham relações de "attachment" inseguro com as crianças aos 16 meses dos bebés.

Estes resultados levam os autores (Donovan & Leavitt 1989) a considerar que a maior ou menor eficácia sentida pelos pais seria influenciada por factores como o humor predominante dos pais, o seu estilo atributivo, o apoio social disponível e a percepção que os pais têm do temperamento da criança. Por seu lado, a auto-eficácia influencia a resposta que a mãe dá à criança, portanto a auto-eficácia funcionaria como uma variável mediadora entre aqueles factores e o comportamento maternal.

Apesar de tanto as mães com elevada ilusão de controle como as mães com moderada ilusão de controle acharem os seus filhos igualmente difíceis, apenas o primeiro grupo exibia respostas defensivas. Este resultado leva os autores a concluírem que "o temperamento da criança só por si não apresenta um problema para as mães" (Donovan & Leavitt, 1989) e a concordar com Crockenberg (1986) quando afirma que a percepção de um temperamento difícil não afecta necessariamente de modo adverso o comportamento da mãe mas com frequência interage com outras variáveis para determinar as respostas das mães.

As mães do grupo de elevada ilusão de controlo respondiam ao choro iminente da criança com um aumento na aceleração cardíaca ao longo dos vários ensaios o que é interpretado como um condicionamento aversivo. Os autores interpretam esta resposta como uma reacção defensiva. Este argumento é consistente com a ideia de que a aceleração cardíaca diminui o efeito de um estímulo aversivo (Lacey & Lacey, 1974 citado em Donovan & Leavitt, 1989). Estas mães também mostravam falta de plasticidade comportamental indiciada por uma resposta de habituação retardada ao

choro ao longo das sessões e reconhecimento tardio quando o choro era omitido (Donovan & Leavitt, 1989).

Os autores acreditam que esta resposta defensiva mascara uma percepção de **ineficácia** uma vez que as respostas fisiológicas observadas são semelhantes às que se encontram associadas à baixa auto-eficácia. Por exemplo, na antecipação de um acontecimento aversivo, uma elevada pressão sanguínea e aceleração cardíaca estão correlacionadas com baixa percepção de eficácia (Bandura, 1982). Saber que um acontecimento aversivo vai ocorrer sentindo ao mesmo tempo que não se é capaz de o controlar aumenta as reacções antecipatórias de stress (Gunnar, 1980; Miller, 1981). Pelo contrário, a capacidade para exercer controle sobre acontecimentos potencialmente aversivos elimina ou diminui as reacções autonômicas (Miller, 1981). As manipulações envolvendo o aumento de auto-eficácia também são seguidas por alterações nas respostas fisiológicas (Bandura, 1982).

Noutro estudo Donovan, Leavitt e Walsh (1990) confirmam a relação entre ilusão de controle e as respostas fisiológicas e sugerem que a ineficácia interfere com o desenvolvimento de respostas sensíveis para a criança porque limita a habilidade da mãe para aprender a responder de modo apropriado. Baseiam a sua conclusão no facto de as mesmas respostas fisiológicas serem encontradas em mães que vêm a mostrar insensibilidade comportamental quando alimentam os seus bebés (Donovan & Leavitt, 1978). Esta conclusão está de acordo com a afirmação de que as pessoas com baixa auto-eficácia ficam a repisar nos seus falhanços o que os impede de se concentrarem nos aspectos necessários para a execução eficaz das tarefas (Bandura, 1989).

Por outro lado, encontram uma relação entre ilusão de controle e desespero aprendido medido pelo paradigma experimental de Seligman (1975) o que de acordo com eles mais sugere que a ilusão de controle deve ser encarada como um sinónimo de falta de controle ou de não eficácia. As mães com baixa ilusão de controle que tinham crianças difíceis estavam menos sujeitas ao desespero aprendido enquanto que as mães com ilusão de controle moderada e crianças difíceis eram mais susceptíveis ao desespero aprendido. Para os autores esta interacção entre **temperamento** e ilusão de controle apoia a teoria de "goodness-of-fit", sugerindo que para as mães de baixa ilusão de controle a "dificuldade" é encarada como um desafio, em vez de provocar dúvidas sobre a sua capacidade.

No estudo de Donovan e Leavitt (1989) o temperamento da criança (ITQ) e ilusão de controlo estavam correlacionados positivamente (r=.38). As mães com elevada ilusão de controle achavam os seus filhos mais difíceis do que as mães com baixa ilusão de controle. No entanto, este resultado não se repetiu no estudo de 1990 (Donovan, Leavitt & Walsh, 1990).

(5) EXPECTATIVAS SOBRE O PRÓPRIO E SOBRE O OUTRO, COMPORTAMENTO INTERACTIVO E PERCEPÇÃO DE TEMPERAMENTO

Como é que a maneira como esperamos que os outros se comportem e a maneira como esperamos comportarmo-nos para com o outro (expectativa de auto-eficácia) afecta o nosso comportamento interactivo com essa pessoa e a percepção que temos dela (percepção de temperamento)? A resposta a esta pergunta pode ser esclarecida através da integração e expansão das teorizações sobre o processo de **confirmação de expectativas** que ocorrem na interacção social e sobre as **expectativas de auto-eficácia.**

Darley e Fazio (1980) fazem o delineamento duma sequência de interacção social entre duas pessoas, a propósito do **processo da confirmação das expectativas** de acordo com os seguintes passos: (1) aquele que percebe (faz ou constrói a percepção) desenvolve um conjunto de **expectativas** acerca da pessoa alvo (a pessoa que é objecto, ou alvo, da percepção) a partir de observações anteriores dessa pessoa ou a partir das categorias em que a pessoa codificou o outro, (2) aquele que percebe **actua** então para com a pessoa alvo em concordância com as expectativas que tem dessa pessoa, (3) a seguir a pessoa alvo interpreta o significado das acções do outro (4) e com base nessas interpretações o alvo responde ao outro (5) aquele que percebe interpreta a acção do alvo. A partir daqui aquele que percebe age de novo sobre a pessoa alvo e isso vai constituir um reinício da interacção.

Os autores acrescentam que é útil conceber esta sequência com mais um passo: (6) Depois de agir sobre aquele que percebe, a pessoa alvo interpreta o significado da sua própria acção. Habitualmente a interpretação será que o comportamento foi o apropriado e que foi causado pela acção do outro, ou em resposta à acção do outro.

Quando analisamos esta sequência apercebemo-nos de várias dificuldades. **Primeiro**, o processo de confirmação de expectativas que ocorrem na interacção social não tem em conta a expectativa que o sujeito tem sobre as suas próprias capacidades (percepção de auto-eficácia tal como é definida na teoria de Bandura). Ou seja, antes de uma interacção o sujeito não tem apenas expectativas em relação à pessoa alvo, também tem expectativas em relação a si próprio, isto é, em relação à sua capacidade para interagir com o pessoa alvo.

Segundo, aquela sequência de interacção não foi delineada para exemplificar a interacção entre a mãe e o bebé de meses mas ela pode ser adaptada. Vejamos como aplicá-la à interacção mãe-bebé. (1) A mãe desenvolve um conjunto de expectativas sobre o bebé com base na interacção que teve com o bebé até esse momento, (poderão ser consideradas exemplos de categorias em que aquele que percebe classificou o outro como referem Darley e Fazio?), as expectativa que fazia do comportamento do bebé mesmo antes de ele nascer também podem jogar inicialmente o seu papel. (2) a mãe age então para com o bebé de acordo com essas expectativas. (3) a pessoa alvo interpreta o significado das acções do outro e (4) e com base nessas interpretações responde. Estes

dois últimos passos levantam dificuldades mas que não são intransponíveis. O bebé não "interpreta" o comportamento da mãe mas age influenciado por ele. Influencia no sentido de que não responde sempre da mesma maneira, independentemente da mãe agir de modo mais ou menos sensível. A criança interpreta no sentido de que sente o que a mãe faz. Deste modo, é como se respondesse em função daquilo que interpreta. (5) A mãe interpreta a resposta do bebé.

Terceiro, a sequência não tem em conta os efeitos que a interacção ou, mais concretamente, o comportamento do sujeito alvo possa ter sobre o autoconceito do sujeito que percebe. Quando a interacção ocorre em grande medida num sentido unidireccional, a auto-realização de profecias ocorre e o autoconceito do sujeito é "confirmado". No entanto, em muitos casos haverá efeitos bidireccionais. O sujeito alvo nem sempre actuará de acordo com as expectativas daquele que percebe. Se esta situação se repetir constantemente, pode não haver confirmação das expectativas (auto-realização da profecia) e o sujeito que percebe pode ser levado ele próprio também a inferir algo novo sobre si próprio e o seu autoconceito pode modificar-se. Isto implica ter em conta nomeadamente o temperamento da criança. As crianças com **características temperamentais** extremas, difíceis de se auto-acalmar por exemplo, poderão tender a não confirmar a expectativa dos pais.

Isto implica também questionar quais são os efeitos, sobre aquele que percebe, da não confirmação das expectativas. O que acontece se os comportamentos do alvo não são

congruentes, de um modo objectivo, com as expectativas daquele que percebe? Ele acha que as suas expectativas não foram confirmadas e modifica a sua avaliação da pessoa alvo? Para Darley e Fazio (1980) é necessário identificar em que circunstâncias este tipo de modificação ocorre, no entanto a investigação existente sugere que não ocorrem modificações facilmente, em vez disso as impressões iniciais tendem a manter-se. Por exemplo, depois de formarem impressões sobre um alvo, se as pessoas vierem a saber que a informação em que basearam a sua inferência era falsa, ainda assim mantêm em grande medida a sua impressão original. Parece existir um viés atribuicional de manutenção da impressão de tal modo que os comportamentos consistentes com a expectativa são atribuídos a qualidades disposicionais da pessoa alvo e os comportamentos inconsistentes com a expectativa são atribuídos a características situacionais. Os comportamentos inconsistentes com as expectativas são vistos como não reflectindo a disposição da pessoa alvo.

Por outro lado, os comportamentos ambíguos (isto é, aqueles perante os quais não é possível dizer de uma maneira objectiva se confirmam ou não as expectativas) tendem a ser percebidos de maneira enviesada. A interpretação destes comportamentos é em geral consistente com a expectativa inicial daquele que percebe. Isto pode ser explicado pelo facto do sujeito processar e recordar melhor os elementos do comportamento ambíguo que são congruentes com a sua expectativa.

Em conjunto os dados anteriores levam-nos a concluir que dificilmente o conceito de self é alterado por comportamentos não concordantes com as expectativas. Pelo menos em estudos experimentais é difícil de verificar essa mudança. Em estudos longitudinais em que determinado sujeito é persistentemente confrontado com comportamentos da pessoa alvo não concordantes com as suas expectativas (ex. temperamento difícil) talvez seja possível observar alterações.

Este modelo de confirmação de expectativas apoia-se nos processos de atribuição interpessoal. A pessoa que percebe infere um traço ou disposição para a pessoa alvo. Este traço ou disposição será a base a partir da qual o sujeito faz expectativas do comportamento do sujeito alvo. Se esse traço ou disposição é visto como negativo o sujeito tem uma expectativa negativa e tende a evitar ou a terminar o mais rapidamente possível as interacções com a pessoa alvo. Nos casos em que não se pode evitar essa interacção ela pode ser colorida por afecto negativo ou **hostil**. Quando a percepção do outro é positiva o clima da interacção pode ser mais caloroso, reforçar mais as respostas do sujeito alvo e ignorar ou desculpar facilmente os seus falhanços.

Vejamos agora o modelo de Bandura sobre as expectativas de eficácia ou como é mais conhecido, percepção de auto-eficácia. O modelo de Bandura nunca foi explorado em termos de interacção. A **auto-eficácia** refere-se a uma auto-avaliação das capacidades. Ora, as capacidades não envolvem apenas realizar um teste, fazer uma prova física, pegar numa cobra, ou ser capaz de deixar de fumar. Também envolvem situações de interacção, como ser capaz de dizer aquilo que se pretende sem ficar nervoso ou hesitante, ser capaz de acalmar um bebé, de convencer um filho a comportar-se de

determinada maneira no restaurante, ser capaz de seduzir uma pessoas do sexo oposto, etc.

O facto de nunca ter sido explorada em termos de interacção justifica que nunca se tenha delineado a auto-eficácia em termo de uma sequência de passos. Contudo, essa sequência está subentendida. (1) O sujeito faz ou tem uma expectativa de eficácia (insisto no facto da percepção de auto-eficácia constituir no fundo uma expectativa) sobre como se vai sair na interacção com o outro, (2) age ou interage "de acordo" com essa expectativa, isto é, vai-se esforçar e persistir, mais ou menos conforme a sua percepção de auto-eficácia seja elevada ou baixa, (3) obtém um resultado e as suas consequências (resposta do sujeito alvo e consequências sobre o próprio), por exemplo, conseguiu que a criança ficasse sossegada e almoçou descansado e satisfeito, (4) confirma a sua auto-eficácia, ou não confirma. Portanto, há uma reavaliação ou reelaboração pelo menos no caso de não confirmação da sua auto-eficácia. O próprio Bandura (1977) diz que as expectativas de eficácia se concebem como cognições específicas que se formam e **reelaboram** constantemente a partir do processamento e integração de informações, dos erros do passado, observação do comportamento dos outros, persuasão verbal e autopercepção do estado fisiológico do organismo.

Por outro lado, quando se analisa este processo de auto-eficácia estranha-se o facto do sujeito não fazer ou ter qualquer expectativa em relação ao outro. Isto resulta

provavelmente também do facto do modelo de Bandura não ter sido ainda explorado em termos de interacção social.

Em suma, o modelo de Bandura sobre a percepção de auto-eficácia não tem em conta as expectativas sobre o comportamento do outro e o modelo de confirmação de expectativas não tem em conta as expectativas que o sujeito tem sobre a sua própria performance. Não se trata aqui de criticar cada um dos modelos. Eles têm funcionado para aquilo que foram criados, para aquilo que são supostos explicar. Em vez disso, o nosso propósito consiste em mostrar que a compreensão sobre o temperamento ou percepção de temperamento beneficia da análise da complementaridade destes dois modelos.

Qual é a contribuição do **modelo de expectativas de auto-eficácia** para a compreensão do temperamento? A maior ou menor confiança que o sujeito tem sobre as suas próprias capacidades influencia a interacção com a criança, a maneira como age ou reage para com a criança. Esta interacção por sua vez pode "moldar" a criança. As próprias características da criança (temperamento) também podem influir no sentimento de competência. E qual é a contribuição do **modelo da confirmação das expectativas** para a compreensão do temperamento ou percepção de temperamento? As expectativas iniciais acerca da pessoa alvo já são em si uma percepção do outro, do seu temperamento, ou, em última análise as categorias em que a pessoa codificou o outro (percepção de temperamento?) influenciam as expectativas acerca da pessoa alvo e

portanto também o comportamento dirigido à pessoa em conformidade com estas expectativas.

Assim da integração dos dois modelos resulta definir que numa interacção o sujeito tem (1) simultaneamente expectativas em relação às suas próprias capacidades (percepção de auto-eficácia) e uma expectativa em relação à pessoa alvo (como ela é, como ela se comporta ou vai comportar, no fundo constitui uma avaliação do outro, do seu temperamento; (2) A pessoa que percebe actua então, não só em concordância com as expectativas que tem da pessoa alvo, por exemplo, se codificou o outro como difícil pode actuar em concordância com o que será de esperar de uma pessoa difícil, mas também em concordância com a sua expectativa de auto-eficácia, por exemplo, esforça-se mais se pensa ser capaz de atingir determinado resultado, ou delineia e põe em prática determinada actuação; (3) O sujeito alvo reage ou responde à intervenção. (4) Aquele que percebe interpreta a acção do sujeito alvo confirmando ou redefinindo as expectativas acerca da pessoa alvo (e portanto confirmando ou redefinindo a percepção que tem do sujeito alvo, ou seja a percepção de temperamento) e confirmando ou redefinindo a percepção que tem das suas capacidades para interagir com essa pessoa (percepção de auto-eficácia).

(6) SÍNTESE

Os vários autores defendem que o sentimento de eficácia maternal têm uma relação positiva com o próprio comportamento maternal e com a percepção de temperamento da criança. Isto é, as mães que se sentem eficazes têm um comportamento sensível para com a criança e têm uma percepção positiva da criança, as mães que se acham menos eficazes apresentam um comportamento maternal menos sensível e adequado e acham as suas crianças mais difíceis.

Goldberg (1977) propõe um modelo **transaccional** que liga a auto-eficácia maternal e as características da criança. O sentimento de eficácia da mãe num dado momento é o resultado de características da mãe e do bebé. Especifica as características da criança que poderão afectar o sentimento de eficácia da mãe: a clareza com que manifesta as suas necessidades, a previsibilidade das necessidades fisiológicas da criança; e a facilidade com que responde aos estímulos sociais dos adultos.

Teti e Gelfand (1991), identificam aspectos que podem determinar o comportamento maternal como o apoio social prestado pelo marido, características da mãe como a depressão, ou características da criança como o **temperamento**, e consideram que estes aspectos podem influenciar o comportamento maternal através do efeito que possam ter sobre o **sentimento de eficácia**. Isto é, o sentimento de eficácia teria um papel mediador.

Donovan e Leavitt (1989) também identificam o apoio social disponível ou a **percepção de temperamento** como factores que influenciam o sentimento de auto-eficácia maternal mas acrescentam outros aspectos como o humor predominante, e o estilo de atribuição. Também consideram que a auto-eficácia funciona como mediadora entre aqueles factores e o comportamento maternal.

Utilizam, a partir de certa altura, a ilusão de controle como operacionalização do sentimento de eficácia. Uma falsa sensação de controle esconde uma sensação de ineficácia (esta inferência pode ser tirada a partir das respostas fisiológicas associadas). Verificaram que as mães com elevada ilusão de controle são as que ficam mais abatidas (desespero aprendido) quando utilizam o paradigma de Seligman (1975).

O sentimento de auto-eficácia é determinante ao ponto de as mães com crianças **difíceis** não estarem tão sujeitas ao desespero aprendido se tiverem baixa ilusão de controle.

Sugerem que a ilusão de controle corresponde a um indicador de uma atitude defensiva que interfere e limita a aprendizagem de um comportamento maternal sensível.

De acordo com a integração e expansão dos modelos de Darley e Fazio e de Bandura a representação que o sujeito que percebe tem do comportamento do sujeito alvo (categorias em que a pessoa codificou o outro) corresponde a uma percepção de temperamento. A percepção de temperamento é assim uma fonte a partir da qual a pessoa desenvolve expectativas acerca do sujeito alvo. Simultaneamente o sujeito tem uma representação sobre as suas próprias capacidades (percepção de auto-eficácia) a partir da qual desenvolve expectativas em relação às suas próprias capacidades (expectativas de auto-eficácia). Estas expectativas em conjunto vão influenciar o modo

como sujeito age ou reage para com o outro. A partir daí o sujeito poderá ter confirmado a sua expectativa sobre o outro ou então não confirma e poderá eventualmente reformular a percepção que tem do outro; e pode confirmar ou não a expectativas que tinha acerca da sua capacidade e reelaborar a sua autopercepção de capacidade.

CAPÍTULO VI

OBJECTIVOS DE INVESTIGAÇÃO E HIPÓTESES

(1) SÍNTESE

Antes de começar propriamente a definir o objectivo deste trabalho vamos fazer um ponto da situação salientando alguns dos aspectos que foram revistos nos capítulos anteriores.

O **temperamento infantil** diz respeito a diferenças individuais no comportamento e aspectos comportamentais da atenção e das emoções. O temperamento **difícil** caracteriza-se, entre outros aspectos, por emocionalidade negativa frequente, e irregularidade nos padrões de sono, alimentação e eliminação. O temperamento infantil poderá ter uma base genética e ser influenciado pelo meio, nomeadamente pela relação com os adultos que cuidam dela, mas é impossível determinar, por enquanto, a grandeza de cada uma daquelas influências para qualquer das medidas de temperamento que se conhecem. Quanto à estabilidade temporal das medidas de temperamento ela é em geral baixa, ou quando muito moderada, e isso poderá ser explicado pela comparação de instrumentos diferentes e pelo facto das dimensões de temperamento variarem de estrutura duma idade para a outra. O temperamento enquanto avaliação feita pelos pais através de questionário pode ser encarado como uma percepção social que a mãe tem sobre o bebé. Isto significa que deve ser concebido como reflectindo, não o comportamento da criança tal e qual, mas como uma síntese de muitas observações, uma visão global que também reflecte o modo peculiar e subjectivo da mãe ver o bebé. Percepcionar o outro, é percebê-lo, explicar o seu comportamento. Para os vários modelos teóricos existentes, percepcionar o outro envolve fazer atribuições para o seu comportamento tendo em conta a intencionalidade do actor e as suas disposições e a influência das circunstâncias ou situação. Este processo de atribuição de intencionalidade e disposições inclui comparações do comportamento actual do sujeito com o seu comportamento passado e com o comportamento de terceiros.

A **irritabilidade** corresponde a uma emoção ou afecto e como tal envolve uma activação fisiológica e uma experiência subjectiva de irritabilidade, impaciência, aborrecimento, contrariedade, ou mesmo fúria e raiva. Pode ser expressa por actos bruscos ou agressivos ou tomar uma forma verbal, ameaça ou insulto, etc. De acordo com algumas teorias da irritabilidade, esta emoção é desencadeada pela atribuição de um resultado negativo ou contrariedade à intenção ou controlo de terceiros. Para outros, os processos cognitivos como a avaliação ou atribuição podem não ocorrer. Os acontecimentos aversivos provocariam afecto negativo e este tende a activar automaticamente, directamente, sensações de irritabilidade por um lado e inclinações agressivas por outro. Algumas perspectivas sociológicas salientam que perante a irritação o sujeito tende a ver a causa da sua irritação fora de si próprio acusando sempre o outro de ser o culpado e a sociedade "ajuda-o" a manter essa ilusão.

A **irritabilidade parental** poderá ser concebida como um conjunto de sentimentos, como sensação de não ter paciência para a criança, sentir-se tensa ou ter vontade de lhe bater e ter tendência para se encolerizar, zangar, gritar, ou ralhar quando interage com ela. As características das crianças que prejudicam ou contrariam os interesses dos pais, como hiperactividade, desobediência e impulsividade tendem a elicitar afecto negativo, nomeadamente irritabilidade e admite-se que o temperamento difícil também possa elicitar irritabilidade. Mas as emoções dos pais podem ser desencadeadas pelas avaliações ou atribuições que eles fazem sobre as intenções da criança. Por exemplo, os pais sentem-se mais aborrecidos ou irritados com comportamentos negativos ou aversivos dos filhos se atribuem esse comportamento à intenção da criança, se consideram que ele reflecte disposições da criança, ou se acham que ela tem controle sobre a situação. As emoções também podem desencadear percepções ou atribuições. Quando momentaneamente irritados os pais têm expectativas mais negativas sobre as crianças, fazem mais atribuições negativas para o seu comportamento e sugerem respostas parentais mais negativas.

As emoções negativas como a irritabilidade, também tornam os pais menos atentos às necessidades da criança e motivam-nos para objectivos pessoais imediatos e hipersensibilizam-nos fazendo com que evitem ou controlem as crianças.

A **auto-eficácia** corresponde à confiança que as pessoas têm nas suas capacidades. Falamos de auto-eficácia quando o sujeito avalia a sua capacidade para fazer determinada tarefa ou atingir determinada performance. Neste sentido a percepção de auto-eficácia corresponde a uma crença ou expectativa. Um sujeito confiante nas suas capacidades tende a fazer uma auto-avaliação optimista (que não é disparatadamente superior àquilo que pode atingir). Isso leva-o a esforçar-se por atingir essa meta. A pessoa pouco confiante nas suas capacidades tende a fazer auto-avaliações abaixo das suas capacidades. Ou seja, a percepção de auto-eficácia é um elemento importante por influenciar a **motivação**. As pessoas que acreditam ser capazes de atingir um bom resultado numa determinada tarefa (elevada auto-eficácia), esforçam-se por conseguir e persistem perante as contrariedades. Têm mais possibilidades de ser bem sucedidos. As pessoas que não acreditam ser capazes (baixa auto-eficácia) evitam essa tarefa, e se a empreendem fazem-no com pouco esforço porque já estão a contar não ser bem sucedidos, e encaram qualquer contrariedade como um indicador da sua incapacidade para realizar a tarefa. Em situações que não sejam muito simples ou fáceis e sobretudo nas que são árduas, ficam a repisar nas deficiências pessoais, na grandiosidade da tarefa, e nas consequências adversas do falhanço, enfim ficam a conjurar preocupações. Não exercem grande esforço cognitivo para processar a informação, tendem a atribuir os níveis baixos de realização à sua fraca capacidade. Perante um meio pouco responsivo as pessoas com baixa auto-eficácia tendem a desistir facilmente e a ficar apáticos e resignados. Sentir que não se tem capacidade para atingir objectivos desejados que afectam o valor pessoal produz depressão. A percepção de ser incapaz de lidar eficazmente com uma situação ou a percepção de ser incapaz de fazer parar cognições apreensivas é uma fonte de activação fisiológica própria da ansiedade.

A **Auto-eficácia maternal** diz respeito à sensação de capacidade da mãe para cuidar da criança. Se acha que executa de modo eficaz e confiante tarefas como mudar a fralda, dar o banho, dar de comer, despir e vestir, e ainda perceber as necessidades da criança, acalmá-la quando ela chora sobretudo em momentos mais difíceis, etc. A maioria dos autores, sem negarem que a autoconfiança maternal pode influenciar o temperamento da criança, sublinham sobretudo o facto das características da criança poderem influenciar o sentimento de auto-eficácia maternal. São mesmo identificadas as características que poderiam ser mais influentes. Por exemplo, seria de esperar baixa auto-eficácia nas mães no caso da criança chorar com frequência e ser difícil de acalmar, ser imprevisível, apresentar pistas sobre as suas necessidades de modo pouco claro, e ser pouco responsiva socialmente (incluindo a atenção, sorriso e vocalizações). Portanto a auto-eficácia maternal depende directamente do resultado das interacções da mãe com a criança e do modo como ela percepciona ou interpreta estas interacções. Alguns autores salientam o facto da auto-eficácia maternal poder funcionar como um mediador entre aspectos como o apoio social da mãe, o seu humor, ou as características temperamentais da criança e o comportamento maternal. Também é sugerido que entre o temperamento e a auto-eficácia maternal existe uma interacção do tipo "goodness-of-fit". Para as mães de elevada auto-eficácia a dificuldade da criança, é encarada como um desafio, em vez de provocar dúvidas sobre a sua capacidade. Os processos que poderão explicar a relação entre percepção de auto-eficácia maternal e comportamento maternal começam a ser conhecidos. A sensação de ineficácia pode interferir com o desenvolvimento de respostas sensíveis para com a criança porque limita (através de activação fisiológica, concentração da atenção em aspectos que não favorecem uma boa performance, etc.) a habilidade da mãe para aprender a responder de modo apropriado.

Após esta síntese sobre a teoria revista anteriormente vamos então definir o objectivo deste trabalho. Saber se as dimensões de temperamento se alteram ou não nos seus componentes ao longo dos primeiros meses (questão de estrutura), e se as crianças continuam com os mesmos valores altos ou baixos aos 6 meses do que tinham aos 3

meses ou com 1 mês (questão de estabilidade temporal) são duas faces da mesma questão geral: saber como se desenvolve o temperamento. Vamos definir cada uma delas em termos de objectivos começando pela estrutura do temperamento. A seguir vamos debruçar-nos sobre a relação entre a percepção de temperamento infantil e outras variáveis como as características demográficas, o comportamento da criança e da mãe, a irritabilidade/impaciência maternal e a percepção de auto-eficácia maternal.

(2) ESTRUTURA DO TEMPERAMENTO NOS PRIMEIROS 6 MESES

Como é que se desenvolve a percepção de temperamento nos primeiros meses? Encontram-se as mesmas dimensões ou factores de temperamento no 1° e 3° mês de vida do que aos 6 meses? Ou os factores que se encontram são tão diferentes que não é possível reconhecer neles as mesmas dimensões? Como se referiu na Introdução deste trabalho existe escassa informação sobre o temperamento nos primeiros 3 meses. O nosso interesse residiu precisamente em saber o que se passa antes dos 4 meses. Esta foi uma das razões pelas quais a escala de Bates foi escolhida para este estudo. Os comportamentos que constituem esta escala de temperamento (características do choro, capacidade para se acalmar, actividade, regularidade nas funções fisiológicas, etc.) podem ser observados desde o período neonatal e portanto nada impede que os pais formem percepções sobre estes aspectos a partir, pelo menos, das 2 semanas. Tanto Bates (Bates, Freeland & Lounsbury, 1979) como Kohnstamm (1984) estudaram vários grupos de idades diferentes e encontraram conjuntos de itens ligeiramente diferentes para a mesma dimensão ou factor. Por exemplo o factor chorão/difícil da Bates aos 6 meses é composto por itens que não são exactamente os mesmos aos 13 meses. De uma idade para a outra também desaparecem alguns factores e aparecem outros. No estudo de Bates aos 13 meses "desaparecem" os factores Apático e Imprevisível e aparecem os factores Persistente e Associável. Encontra-se uma situação semelhante no estudo de Kohnstamm. Estas alterações ao longo do tempo ocorrem consoante as tarefas de

desenvolvimento associadas a cada fase da relação mãe/criança (Engfer, 1986). Como a autora exemplifica, numa fase precoce, o comportamento da criança com o qual a mãe tem mais dificuldade em lidar, parece ser a dificuldade da criança em se acalmar; mais tarde a rabugice, a impaciência e a teimosia tornam-se comportamentos mais problemáticos; quando a criança começa a explorar o ambiente que a rodeia, o controle e supervisão das suas actividades podem tornar-se mais difíceis.

Mas o que dizer de alterações na estrutura do temperamento em espaços de tempo mais curtos e em idades mais precoces? Em face do desconhecimento deste assunto seria importante explorar as variações na estrutura do temperamento antes dos 6 meses. Se as dimensões encontradas nessa fase precoce tivessem origem num instrumento já existente para avaliar o temperamento em fases posteriores isso seria mais vantajoso porque permitiria comparações entre fases precoces e fases posteriores. Vamos fazer estas explorações a partir do questionário de Bates, Freeland e Lounsbury, (1979).

(3) ESTABILIDADE DO TEMPERAMENTO NOS PRIMEIROS 6 MESES

Por sua vez, a estabilidade temporal está dependente da estabilidade da estrutura do temperamento. Na revisão de bibliografia que foi feita sobre a Estabilidade do Temperamento, salientou-se que a baixa estabilidade temporal encontrada nas escalas de temperamento podia ser devida a alterações na estrutura do temperamento de uma idade para outra. Um item pode estar fortemente correlacionado com outros numa determinada idade mas noutra idade diferente estar pouco ou nada correlacionado com esses itens ou estar mais correlacionado com itens de outra dimensão comportamental (Hinde, 1989). É importante comparar uma mesma dimensão de temperamento avaliada em momentos diferentes mesmo se essa dimensão de temperamento é representada em idades diferentes por um conjunto de itens que não é exactamente o mesmo. Mas este aspecto diminui provavelmente o grau de estabilidade temporal dessa variável e seria útil

comparar estas medidas com a estabilidade resultante da comparação de instrumentos idênticos para avaliarmos a discrepância introduzida pelos instrumentos.

Por outro lado, existem outros aspectos que contribuem para que a estabilidade temporal seja mais ou menos elevada (Rothbart, 1989) incluindo (a) constrangimentos biológicos, incluindo mudanças maturacionais, (b) alterações na rede de contactos sociais em que decorre o desenvolvimento, (c) consolidação de padrões comportamentais, (d) factores ecológicos como o local físico e influência de factores económicos. Dados todos estes constrangimentos a autora admite que o temperamento nunca venha a revelar uma estabilidade elevada. Por outro lado, embora muitos estudos falem de estabilidade, as correlações embora significativas não ultrapassam .30 ou .40, sendo escassas as que ultrapassam este valor. Isto significa que apenas 10 a 25% da variância das variáveis estudadas é explicada ou predita.

Quanto à estabilidade dos comportamentos incluídos nas dimensões de temperamento aqui estudadas, os dados revistos por nós apontam para maior estabilidade do 1 para o 3 mês do que instabilidade tanto para o choro como para o sorriso e nível da actividade. Por exemplo, Birns e colaboradores (1969) descobriram que o choro e a capacidade para se acalmar revelavam estabilidade desde o período neonatal até aos 4 meses. O choro neonatal também estava relacionado negativamente com os sorrisos e respostas vocais a estímulos sociais aos 3/4 meses. O nível de actividade também revelava estabilidade entre o 1° e o 4° mês. Moss (1967) descobriu estabilidade das 3 semanas aos 3 meses no sorriso evidenciado pelo bebé durante a interacção.

Portanto, dada a escassa informação existente sobre a estabilidade entre o 1° e o 6° mês de idade e as contradições que se têm encontrado até aqui seria importante avaliar a estabilidade das dimensões de temperamento e ao mesmo tempo avaliar o efeito da não utilização do mesmo instrumento sobre essa estabilidade temporal.

(4) RELAÇÃO ENTRE A PERCEPÇÃO DE TEMPERAMENTO E AS CARACTERÍSTICAS SOCIO-FAMILIARES E OUTRAS VARIÁVEIS DO BEBÉ E DA MÃE

Torna-se hoje em dia inevitável estudar o efeito ou a relação que variáveis como o sexo, a idade ou o estatuto socio-económico têm com as variáveis (sejam elas quais forem) que são o nosso principal objecto de estudo. Assim, é necessário verificar que relação existe entre o temperamento e outras variáveis como o estatuto socio-económico, ou o sexo da criança. Infelizmente a informação sobre a relação entre estas variáveis e o temperamento é praticamente inexistente, havendo apesar de tudo alguns estudos sobre as diferenças em função do sexo.

Buss (1989) refere que uma leitura imparcial nos leva a concluir que ainda não foram estabelecidas diferenças no temperamento em função do sexo na primeira infância (infancy). Por exemplo, Plomin e Defries usando mais de 200 bebés não encontraram diferenças nas avaliações de emocionalidade, sociabilidade ou actividade em função do sexo (Plomin & Defries, 1985). No entanto, Prior, Sanson e Oberklaid (1989) encontram uma diferença , ligeira , nos factores Aproximação e Irritabilidade, sendo os rapazes mais irritáveis e também com valores mais altos de aproximação.

O sexo pode contudo mediar a relação entre o temperamento e outras variáveis como por exemplo o comportamento da mãe. No estudo de Crockenberg e Smith (1982) havia uma associação positiva e significativa entre a irritabilidade do bebé e as respostas ao choro por parte da mãe. No entanto os resultados indicam uma resposta diferente em função do **sexo** da criança; as mães respondiam mais ao choro das raparigas mais irritáveis do que ao choro dos rapazes mais irritáveis.

Uma variável em relação à qual não existe infelizmente informação é o peso da criança à nascença. No entanto, estando o peso à nascença associado à maturação da criança, e

estando esta maturação associada ao choro era interessante ter dados sobre estes aspectos já que muitas medidas de emocionalidade negativa nos primeiros meses se baseiam na frequência do choro e nas suas "qualidades".

Três variáveis para as quais existe alguma informação são o estatuto socio-económico a paridade e o parto. No estudo de Bates, Freeland e Lounsbury, (1979) o **estatuto socio-económico** e se a criança era **primeiro** ou **segundo filho**, prediziam melhor as avaliações das mães (subescala Chorão/Difícil do ICQ) do que o comportamento da criança (choro). Noutro estudo, Bates et al. (1982) estudaram a relação entre emocionalidade negativa e duas variáveis contextuais - classe social e paridade. A choraminguice do bebé estava associada positivamente a contacto afectuoso da mãe: no caso dos primeiros filhos, e mais no estatuto socio-económico mais alto do que no médio. No estudo de Zeanah, Keener e Anders (1986) as mães que tinham referido que o **parto** tinha corrido de modo diferente do que esperavam modificavam com mais probabilidade a sua percepção de temperamento do pré-parto para o 1° mês.

Neste estudo procurámos a relação entre as medidas de temperamento e a idade da mãe, o seu rendimento económico e o do cônjuge, sexo da criança e o seu peso à nascença, apgar aos 10 minutos, tipo de parto, e outras variáveis.

(5) RELAÇÃO ENTRE A PERCEPÇÃO DE TEMPERAMENTO E OS COMPORTAMENTOS DO BEBÉ E DA MÃE

O temperamento avaliado pelos pais representa as características da criança? Enquanto para Carey (1983) e Thomas, Chess e Korn (1982) os relatos dos pais são informações válidas das características da criança, e para Vaughn et al. (1981) reflectem atributos dos pais e não das crianças, para Bates (1980) e St. James-Roberts e Wolke (1986) a informação obtida nas escalas de temperamento preenchidas pelos pais devem ser

encaradas como uma percepção social e incluem um componente objectivo, um componente subjectivo e um erro de medição (Bates & Bayles, 1984). A investigação mais extensa sobre a validade das apreciações dos pais como medida das características temperamentais próprias da criança foi feita por Bates (Bates, Freeland, & Lounsbury, 1979, Bates, Olson et al.,1982) a propósito do seu instrumento ICQ (Infant Characteristics Questionnaire) e em particular da subescala principal deste instrumento Chorão/Difícil. Para determinar a validade de um instrumento é necessário compará-lo com critérios exteriores. Bates utilizou a observação directa de comportamentos específicos como meio de comparação com as medidas obtidas por preenchimento das escalas pelas mães. As observações incluíam entre outras medidas a frequência de choro, avaliações subjectivas sobre a intensidade do choro, a frequência do sorriso, das vocalizações positivas, resposta negativa ao ser-lhe mudada a fralda, e o tempo que a criança levava a acalmar-se após intervenção da mãe, etc. Foi feita uma análise factorial com estes itens e encontrados 3 factores. Dois dos factores, "Choramingar" e "Dificuldade em se acalmar" tinham correlações baixas com o Factor "Chorão/difícil" resultante da avaliação da mãe. Bates concluiu que a quantidade de choro é central na definição de temperamento difícil através do ICQ (Infant Characteristics Questionnaire), uma vez que existem correlações baixas mas replicáveis das avaliações das mães com os itens de choro/rabugice obtidos por observação directa (Bates, Freeland, & Lounsbury, 1979, Bates, Olson et al. 1982; Pettit & Bates, 1984). Deste modo, os resultados de Bates e colaboradores (Bates, Freeland, & Lounsbury, 1979; Lounsbury & Bates, 1982) sugerem que a percepção de dificuldade é determinada em parte por componentes objectivos como a frequência e intensidade do choro e rabugice. Mas ao mesmo tempo as baixas correlações levam Bates a concluir que as avaliações da mãe não podem ser vistas como um substituto das observações directas (Bates, Freeland, & Lounsbury, 1979). O comportamento da mãe também está relacionado com a sua percepção de temperamento do bebé. No estudo de Klein (1984) as mães que respondiam de modo mais contingente ao choro/desconforto do bebé avaliavam-nos mais fáceis de consolar (ITQ). St James Roberts e Wolke também evidenciam que as mães que intervinham mais

rapidamente quando o bebé chorava na 1ª semana achavam os bebés mais fáceis às sete semanas. Por vezes a percepção de temperamento está mais relacionada com outras características da mãe além do temperamento. No próprio estudo de Bates, Freeland e Lounsbury, (1979) a extroversão, o estatuto socio-económico e a paridade prediziam melhor as avaliações as avaliações de temperamento das mães do que o choro da criança. A percepção ou antecipação que durante a gravidez a mãe faz do temperamento futuro do bebé está associada ao seu temperamento aos 6 meses (Zeanah, Keener, & Anders, 1986). St James-Roberts e Wolke (1986) defendem que as mães abordam os seus recém nascidos com expectativas e disposições perceptuais que influenciam as suas percepções dos filhos e o seu comportamento em relação a eles.

Em face destas contradições e polémica seria importante contribuir com alguma informação sobre a relação entre a percepção de temperamento e os comportamentos da criança e da mãe. Chegamos mesmo a fazer uma gravação audio do choro do bebé que constitui uma medida independente da percepção do observador.

(6) RELAÇÃO ENTRE A PERCEPÇÃO DE TEMPERAMENTO E A IMPACIÊNCIA/IRRITABILIDADE MATERNA

É conhecida a relação entre o temperamento e variáveis maternais. Já foram encontradas até agora relações do temperamento com algumas características das mães como por exemplo, entre a percepção negativa da criança e ansiedade (Vaughn Bradley et al., 1987; Sameroff, Seifer, & Elias, 1982). No caso específico do ICQ (de Bates, Freeland, & Lounsbury, 1979) foi encontrada uma relação entre a dimensão Chorão/difícil e o Estatuto Socio-económico e Extroversão (Bates, Freeland, & Lounsbury, 1979) e com a ansiedade e depressão (Bates & Bayles, 1984).

Quanto à relação entre Temperamento infantil e Irritabilidade maternal existem poucos estudos. No entanto, existem dados que permitem prever uma relação entre o temperamento da criança e a irritabilidade da mãe. Uma das explicações reside no próprio choro como estímulo aversivo. O choro das crianças difíceis tende a ser visto como exigente pela maioria dos adultos (Boukydis & Burgess, 1982). Frodi mostrou que o choro pode estar associado a uma experiência de irritabilidade, e aumento de índices fisiológicos associados à auto-avaliação de irritabilidade (Frodi, Lamb, Leavitt, & Donovan, 1978). Por exemplo, no estudo de Engfer (1986) as crianças que eram difíceis de acalmar (um dos aspectos importantes do temperamento nos primeiros meses) provocavam sentimentos de impaciência e irritabilidade.

Outras explicações podem residir na irritabilidade como consequência de atribuições de "dificuldade" ou outras características negativas à criança. Fazer atribuições externas, por exemplo, atribuições disposicionais, aumenta a tendência para agir irritadamente (Novaco & Welsh, 1989). Os adultos que acreditam que os insucessos educativos estão sob o controlo da criança podem facilmente reagir com irritabilidade em face de transações mal sucedidas (Bugental, Mantyla & Lewis, 1989). Para Dix os pais tendem a ficar aborrecidos ou irritados se acham que a criança agiu intencionalmente e/ou devido às suas disposições negativas (Dix, Reinhold, & Zambarano, 1990).

Por outro lado, a irritabilidade ou impaciência maternais poderão não favorecer as características maternais e a satisfação das necessidades da criança fazendo com que ela chore mais e eventualmente facilitando a tendência da criança a usar o choro.

Em face da escassa informação dos dados existente seria importante explorar a relação entre a irritabilidade maternal e o temperamento infantil. Os poucos dados existentes revistos aqui e expostos e explorados em maior detalhe no capítulo II, fazem supor uma relação positiva entre irritabilidade maternal e qualquer tipo de temperamento difícil.

(7) RELAÇÃO ENTRE A PERCEPÇÃO DE TEMPERAMENTO E AUTO-EFICÁCIA MATERNA

Existem escassos dados sobre a relação entre o temperamento e a percepção de auto-eficácia. Os poucos estudos existentes revelam uma relação inversa entre auto-eficácia e temperamento ou destacam a auto-eficácia como um efeito mediador. No estudo de Donovan e Leavitt (1989) o temperamento da criança (ITQ) e a sensação de eficácia (medida pela "ilusão de controlo") estavam associados. As mães com baixa auto-eficácia achavam os seus filhos mais difíceis do que as mães com baixa ilusão de controle. No entanto, este resultado não se repetiu no estudo de 1990 (Donovan, Leavitt, & Walsh, 1990). Teti e Gelfand (1991) verificaram que a auto-eficácia maternal é um mediador central entre o comportamento da mãe com o bebé e outros aspectos como as percepções de temperamento da criança (Difícil/Chorão), a depressão maternal e apoio social prestado pelo marido. "Um bebé difícil tem um efeito negativo sobre o comportamento maternal apenas na medida em que o temperamento da criança reduz os sentimentos de eficácia maternal". Algumas mães com bebés difíceis mas com elevada sensação de eficácia usam os seus recursos pessoais e sociais para estabelecer relações harmoniosas e sensíveis com as crianças. Pelo contrário, será de esperar que as mulheres que desenvolvem dúvidas sobre si próprias em resposta a uma criança difícil evitem as dificuldades colocadas por uma criança difícil e sejam menos criativas e usem menos recursos para desenvolver interacções eficazes.

Em face da escassa informação dos dados existente seria importante explorar a relação entre o temperamento infantil e a confiança que as mães têm nas suas capacidades. Os poucos dados existentes revistos aqui e expostos e explorados em maior detalhe no capítulo V, fazem supor uma associação negativa entre a percepção de auto-eficácia maternal e qualquer tipo de temperamento difícil. Quanto mais Difícil (Chorão e Imprevisível) é a criança menos Auto-eficazes se sentem as mães.

(8) SÍNTESE DAS QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO E PREDIÇÕES

O objectivo deste estudo é estudar o desenvolvimento da percepção de temperamento. Isto implica estudar por um lado, a estrutura das dimensões de temperamento e a sua estabilidade ao longo do tempo, e por outro, os factores que lhe estão associados.

No sentido de clarificar as nossas questões e predições de investigação resumimo-las a seguir.

1) Como é que se desenvolve a percepção de temperamento nos primeiros meses? Esta questão pode ser traduzida em outras questões mais elementares: Encontram-se as mesmas dimensões ou factores de temperamento no 1° e 3° mês de vida do que aos 6 meses? Que relação existe entre as dimensões precoces e as posteriores?

2) Que estabilidade temporal existe nas dimensões de temperamento entre o 1° ou 3° mês e os 6 meses? E a percepção de Dificuldade e de Imprevisibilidade das mães diminui ou aumenta ao longo do tempo?

3) Que relação existe entre as características socio-familiares (como o rendimento mensal do pai ou da mãe, as suas habilitações, idade ou n° de anos que estão casados) e outras variáveis do bebé e da mãe (como o tempo de gestação, o tipo de parto, o sexo da criança o seu peso e apgar à nascença e o momento em que a mãe recomeçou a trabalhar), com a percepção de temperamento?

4) Que relação existe entre os comportamentos da criança e da mãe e a percepção de temperamento?

5) Existe uma relação positiva e significativa da Impaciência/Irritabilidade da mãe tanto com a percepção de Dificuldade como com a percepção de Imprevisibilidade.

6) Existe uma relação positiva e significativa entre a percepção de auto-eficácia da mãe tanto com a e a percepção de Dificuldade como com a percepção de Imprevisibilidade.

7) Quais os correlatos da pecepção de temperamento Chorão/Difícil e Imprevisível? São os mesmos no 1°, 3° e 6° mês? Isto é, quais os melhores preditores do temperamento?

CAPÍTULO VII

MÉTODO

(1) VISÃO GERAL SOBRE O MÉTODO

Os sujeitos da amostra são contactados 4 vezes. Uma vez antes do parto e três vezes após o parto. O quadro seguinte apresenta as variáveis estudadas, os instrumentos utilizados para as medir e os momentos de avaliação.

Figura VII(1): Visão geral sobre o método

Variáveis	Instrumentos	Momento de Avaliação
Variáveis Socio-familiares	Questionário	Pré-parto
Percepção do temperamento da criança	ICQ Bates et al. 1979 - Chorão/Difícil - Imprevisível	1 Mês 3 Mês 6 Mês
Impaciência/ Irritabilidade	EMKK Codreanu, 1984, e Engfer, 1984 - Irritabilidade	1 Mês 3 Mês 6 Mês
Expectativa de Auto-eficácia e Auto- e. Maternal	PSCS Gibaud-Wallston 1977	Pré-parto 1 Mês 3 Mês 6 Mês
Comportamento da criança e da mãe	itens de observação e gravação do choro	1 Mês 3 Mês 6 Mês

(2) SOBRE O ESTUDO PILOTO

O estudo piloto foi precedido de um longo período de pesquisa bibliográfica, planeamento da investigação, tradução de instrumentos, avaliação destas traduções, etc., durante o ano de 1989.

O estudo piloto decorreu entre Janeiro de 1990 e Fevereiro de 1991. As grávidas, no terceiro trimestre de gravidez, foram contactadas na Maternidade Alfredo da Costa e 4 escolas de preparação para o parto e consultórios médicos. Os contactos realizados na Maternidade Alfredo da Costa foram efectuados durante dois meses, Março e Abril, e posteriormente abandonados como processo de recolha da amostra porque se encontrava uma maioria de grávidas de risco ou que não tinham telefone próprio, viviam com outras pessoas além do marido, ou tinham apenas a 4ª classe. Por outro lado, estas pessoas com menos instrução prestam-se menos a colaborar nestes estudos. Foram ainda tentados outros locais de recolha da amostra como consultórios médicos e serviços de obstetrícia de Hospitais Civis de Lisboa que depois foram praticamente abandonados por proporcionarem um número escasso de sujeitos em comparação com o tempo despendido para fazer os contactos. Eram efectuados pelo menos dois a três contactos semanalmente.

De todas as mães contactadas nesta fase (94), 35 foram contactadas por carta no pré-parto, 1°, 3° e 6° mês de vida do bebé. Destas 35, 9 foram contactadas directamente em suas casas.

O estudo piloto serviu para escolher os locais ideais para identificar sujeitos para a amostra; para apreciar como as pessoas interpretavam as perguntas; tomar decisões de detalhe sobre se algumas perguntas deveriam ser acrescentadas ou suprimidas; sobre o modo de elaboração das frases; decisões sobre que questionários ou escalas deveriam ser aplicados nas diferentes fases do estudo - 3° trimestre, 1, 3° ou 6 mês; quais

deveriam ser preenchidas na presença da pessoa; que instrumentos podiam ser enviados pelo correio; para ensaiar as observações; e para, após análise dos resultados, fazer uma previsão mais aproximada de quais seriam os resultados finais. Para além disso, o estudo piloto serviu para familiarizar os investigadores com a situação de observação feita em casa e com a entrevista a realizar.

(3) SUJEITOS

Os sujeitos são 60 mães primíparas contactadas em escolas de preparação para o parto, de idades entre os 21 e os 35 anos, média 28 anos, maioritariamente (70%) com curso superior e as suas crianças, metade de cada sexo. A maioria das mães (80%) é trabalhadora.

(4) PROCEDIMENTO

Todas as mães excepto 3 foram contactadas entre Março de 1991 e Setembro de 1992 em escolas de preparação para o parto entre os 6 e os 9 meses de gravidez. O estudo, com o título "Projecto sobre a gravidez e desenvolvimento do bebé", era apresentado como uma investigação sobre o comportamento e desenvolvimento da criança e sobre a maneira de pensar e sentir das mães (anexo A).

Eram seleccionadas pessoas que se encontrassem dentro das exigências colocadas à partida, isto é, terem entre 20 e 35 anos, viverem só com o marido na zona da grande Lisboa, manifestarem a intenção de aí continuar a viver pelo menos até aos 6 meses de vida do bebé, estarem contactáveis no período em que o bebé fizesse 1, 3 ou 6 meses, tencionarem recomeçar a trabalhar depois de 3 ou 4 meses e terem telefone.

De 63 mulheres contactadas no período pré-parto, 2 não foi possível contactar a partir do 1º mês. Uma terceira só foi contactada no terceiro trimestre de gravidez porque o bebé faleceu no parto.

Um conjunto de 60 mães foi contactado pela primeira vez e preencheu o questionário de dados demográficos entre as 24 e as 40 semanas de gravidez, média 36 semanas e DP 3 semanas, portanto maioritariamente entre as 33 e 39 semanas.

A primeira entrevista feita em casa foi feita entre as 36 e as 41 semanas, média 38 semanas e DP 1 semana.

Após o parto as mães eram contactadas em 3 momentos diferentes. Foram enviados os questionários de temperamento, de irritabilidade e de auto-eficácia maternal por correio, e preenchidos pelas mães quando o bebé tinha 1 mês (M: 32 dias, DP: 6 dias); quando tinha 3 meses (M: 91 dias, DP: 10 dias); e aos 6 meses (M: 185 dias, DP: 9 dias). A carta de apresentação do projecto que incluía algumas instruções de preenchimento (anexo A) era enviada sempre em conjunto com os questionários. Cerca de dois dias depois, em média, as mães eram contactadas para se fazer uma entrevista e uma observação directa.

Os comportamentos do bebé e da mãe foram registados em escalas de avaliação de 5 pontos (1 significa frequência baixa, pouco ou baixa intensidade e 5 significa frequência elevada, muito ou elevada intensidade) preenchidas pelos observadores no fim de cada sessão de observação. Os observadores ensaiaram a observação dos comportamentos até haver acordo inter-observador que não ultrapassava 1 valor de diferença máxima. Cada visita demorava cerca de uma hora.

O tempo de choro foi obtido por gravação audio durante a sessão de observação.

(5) INSTRUMENTOS

(1) *Questionário sobre dados socio-familiares*

Este questionário foi construído por nós e destina-se a recolher a identificação das pessoas como o nome e a morada, e dados sobre a profissão, habilitações, rendimento económico e estado civil. Também havia algumas questões relacionadas com a gravidez e com o parto (ver anexo B).

Algumas das perguntas permitiam confirmar se os sujeitos inquiridos estavam dentro das características pretendidas por nós como a idade das mulheres, as suas habilitações, o estado civil, e se era o primeiro filho.

Outras questões permitiam-nos resolver problemas de organização da investigação como o sexo previsto da criança (pretendíamos uma amostra dividida igualmente pelos dois sexos) ou a data prevista para o parto (pretendíamos fazer um primeiro contacto em casa das pessoas ainda antes do bebé nascer).

(2) Escala de Temperamento

A escala de temperamento utilizada é a Infant Characteristics Questionnaire (ICQ) de Bates, Freeland e Lounsbury, (1979) versão dos 6 meses (ver anexo C). Porque escolhemos esta escala? (1) Por um lado, pretendíamos um instrumento aplicável nos primeiros meses. Desejávamos, explorar a percepção de temperamento nos primeiros meses. Existem vários instrumentos de temperamento aplicáveis após os 4 ou 6 meses e muitos estudos em idades acima dos 6 meses, mas o que se passa antes desse período é ignorado. Os três instrumentos aplicáveis nos primeiros meses foram revistos no primeiro capítulo (ponto 2 - medição do temperamento). (2) Por outro lado, estávamos interessados no conceito de temperamento difícil. Este conceito alia ao interesse de investigação um interesse clínico -"a criança difícil". Por exemplo, as avaliações feitas

aos 3 e 6 meses nesta escala predizem avaliações de criança problemática aos 3 anos de idade (Bates et al., 1982 citado em Hubert, Whash et al., 1982). No entanto, não estamos interessados no eventual valor preditivo desta escala mas apenas no que podem representar a curto prazo os seus resultados. É aceite que o comportamento dos sujeitos para com os outros se baseia no modo como os vêem ou percepcionam. Assim, existe razão para pensar que o modo como as mães percepcionam as crianças, se as acham fáceis ou pelo contrário difíceis e choronas, influencie a sua atitude e comportamento para com a criança, isto é, a sua paciência, comportamento responsivo e afectuoso. Dos dois instrumentos que contêm este conceito, o ICQ e o ITQ, o primeiro é mais simples, foi especificamente delineado para medir este conceito e a sua subescala Chorão-Difícil possui boas características psicométricas. Hubert e colaboradores (1982) referem "nos estudos onde o principal objectivo é encontrar variáveis correlacionadas com o temperamento difícil, o uso do factor Chorão/Difícil do Infant Characteristics Questionnaire (ICQ) é recomendada devido à qualidade dos dados para esta porção da escala". (3) Por fim, o resultado desta escala constitui uma medida válida de temperamento. Como foi descrito no capítulo 2, ponto 5, as avaliações de dificuldade feitas pelas mães através desta escala estão relacionadas (embora as correlações sejam baixas) com aspectos objectivos do temperamento da criança como a frequência de choro ou características espectográficas de gravações de choro. De resto a investigação mais extensa sobre a validade das apreciações dos pais como medida das características temperamentais próprias da criança foi feita por Bates (Bates, Freeland, & Lounsbury, 1979; Bates, Olson et al., 1982) a propósito do seu instrumento ICQ (Infant Characteristics Questionnaire) e em particular da subescala principal deste instrumento Chorão/Difícil.

O ICQ (Infant Characteristics Questionnaire) foi construído para avaliar o constructo "temperamento difícil". Inclui 24 itens com uma escala de avaliação de 7 pontos, sendo o 1 considerado o temperamento fácil e o 7 temperamento difícil. Através de Análise de Componentes Principais, Bates identificou 4 factores a partir dos quais foram

construídas 4 subescalas. A subescala Fussy/difficult (chorão/difícil) contem 6 itens e relaciona-se com a frequência de choro e se a mãe acha a criança difícil. Um item típico é: Quantas vezes por dia, em média, o seu bebé fica rabugento ou chora? A subescala Unpredictable (Imprevisibilidade) contem 3 itens e mede a imprevisibilidade do bebé quanto a funções fisiológicas. Um item típico é: É fácil ou difícil para si prever quando é que o seu bebé vai adormecer ou acordar? A subescala Dull (Apatia) contem 3 itens e avalia o nível de actividade e a expressão de afectos positivos. Um item típico é: Até que ponto o seu filho sorri e faz sons de satisfação? Finalmente, a subescala Unadaptable (Adaptação lenta) não foi utilizada neste estudo por razões que a seguir se expõe.

Os valores de consistência interna (aos 6 meses) para as 4 escalas no estudo de Bates, Freeland e Lounsbury, (1979) são os seguintes: Fussy/Difficult - .79; Unadaptable - .75; Dull - .39; e Unpredictable - .50. Os valores de teste-reteste são os seguintes: respectivamente, .70; .54; .57; .47.

Uma vez que a versão utilizada, a dos 6 meses, foi construída para ser aplicada a partir dos 4 meses era necessário inspeccionar os itens para saber se, como pretendíamos, podiam ser aplicáveis no 1 e 3 mês de vida do bebé. Após esta verificação decidiu-se aplicar apenas 17 dos 24 itens da versão dos 6 meses da escala de Bates. Foram excluídos da aplicação os itens 8, 9, 10, 11, 18, e 20 por não serem aplicáveis no 1 mês. Como destes 6 itens, 4 (8;9;10;20) pertencem ao factor Unadaptable decidiu-se também não usar o item 7 pertencente a este factor.

(3) Escala de irritabilidade/impaciência

A escala de irritabilidade utilizada foi extraída das escalas de sentimentos e atitudes maternais (EMKK) de Engfer, 1984 e Codreanu, 1984, citadas em Engfer e Gavranidou, 1986 (designada em língua inglesa por Maternal child-care attitudes and feelings), (ver anexo D).

A escala de irritabilidade/impaciência contem 11 itens e descreve sobretudo sentimentos acerca do comportamento parental e acerca da criança. Descreve a raiva, impaciência e exaustão maternal que a mãe sente ao lidar com o bebé. Um item típico é: "Às vezes tenho grande dificuldade em ser paciente com o meu filho" ou "As vezes fico tão tensa que tenho vontade de gritar e abanar o meu bebé".

A consistência interna da escala é elevada (.79) (Engfer & Gravanidou, 1984). Engfer efectuou cálculos de teste-reteste com um intervalo de 14 meses (entre os 4 e os 18 meses) num estudo longitudinal com mães predominantemente da classe média para estas 4 escalas e o valor encontrado para a escala de Irritabilidade foi r=.69.

(4) A escala de auto-eficácia

A escala de auto-eficácia utilizada é o Parenting Sense of Competence Scale (Gibaud-Wallston, 1977). Contem 7 itens e descreve a confiança que a mãe acha que tem para se ocupar da criança e se ela se acha uma boa mãe. O conteúdo dos itens inclui: a confiança nas suas capacidades para resolver as dificuldades que surjam com a criança (itens 2, 3 e 5); e a crença de ser um bom modelo de mãe (1); ser uma mãe capaz (itens 4 e 7), sentir familiaridade com o papel maternal (6); (ver anexo E1).Um item típico é: "eu sou a pessoa indicada para descobrir qual o problema que está a afectar o meu bebé".

Os itens são todos positivos e são avaliados numa escala de 5 pontos desde concordo totalmente até discordo totalmente. O valor de consistência interna é .72 (Cronbach) e a validade de constructo foi inferida a partir duma correlação de .48 com o Coopersmith Self-Esteem Inventory.

Para Fish (sem data), a evidência empírica sugere que o Parenting Sense of Competence Scale de Gibaud-Wallston tem validade e fiabilidade adequadas. O Parenting Sense of Competence Scale foi concebido para relacionar o stress parental com a auto-estima (Fish, sem data).

Margaret Fish (sem data) chama atenção para uma possível limitação da escala de Guibaud-Wallston. O facto de as frases serem todas positivas e serem afirmações manifestando elevada confiança parece não corresponder aos sentimentos de dúvida e de inadequação de muitas mães de bebés.

Foi efectuada uma alteração da escala de auto-eficácia para que pudesse ser aplicada no período pré-parto. Isto obrigou à alteração de algumas das frases tal como se mostra no anexo E(2). Por exemplo, a frase "Eu sou a pessoa indicada para descobrir qual o problema que está a afectar a minha criança", na aplicação no pré-parto passou a "eu vou ser a pessoa indicada para descobrir qual o problema que está a afectar a minha criança". No conjunto não resulta uma alteração substancial ao instrumento mas aponta para a uma medida claramente de "expectativa" de eficácia, enquanto as medidas obtidas após o parto são tanto uma medida de expectativa de eficácia futura como julgamentos daquilo que o sujeito sabe ser capaz de alcançar.

(5) Itens de comportamento da criança e da mãe.

Como foi referido anteriormente, os comportamentos do bebé e da mãe foram registados em escalas de avaliação de 5 pontos (1 significa frequência baixa, pouco ou baixa intensidade e 5 significa frequência elevada, muito ou elevada intensidade) preenchidas pelos observadores no fim de cada sessão de observação (ver anexo F).

Foram avaliados pelos observadores 4 tipos de variáveis do bebé: **estado de alerta**; **frequência de choro**; **frequência de vocalizações positivas** e **frequência de sorrisos** (ver anexo F). O primeiro item, "estado de alerta" implica o grau de atenção, vivacidade, do bebé para as pessoas e objectos e a sua capacidade para interagir ou manter interacções frequentes e prolongadas" os outros três itens correspondem a "frequências" do comportamento em causa de acordo com a avaliação do observador (ver descrições no anexo nº G para maiores detalhes).

O **tempo de choro** foi obtido por gravação audio durante a sessão de observação. Posteriormente, foram ouvidas as gravações audio e através de um programa de computador feita uma descodificação que nos permitia registar o tempo de cada episódio de choro ou choramingo, o intervalo de tempo que mediava entre um episódio e o seguinte e o tempo total de gravação. Estas descodificações foram feitas por duas pessoas. Os poucos exemplos de choro em que havia dúvida se se tratava de vocalização negativa ou positiva foram discutidos entre os dois descodificadores para se chegar a um consenso. Inicialmente foram feitas descodificações independentes para a mesma criança para se avaliar a concordância interdescodificador. As pequenas diferenças encontradas, da ordem de décimos de segundo, foram consideradas aceitáveis e desprezíveis por introduzirem uma diferença mínima mesmo no tempo total de choro para cada criança.

Foi calculado um total de tempo de choro para cada um dos momentos de observação: 1° mês, 3° e 6° mês. A seguir, para podermos ter medidas comparáveis para todas as crianças, foi calculada uma frequência relativa dividindo o tempo total de choro pelo tempo total de gravação porque os tempos de gravação eram variáveis de criança para criança. Em geral as gravações duravam entre 45 minutos e uma hora.

Os itens de comportamento da **mãe** incluíam- **envolvimento físico/proximidade**; **afecto positivo**; **afecto negativo**; **sensibilidade para com o comportamento social do bebé**; **adequação do seu comportamento aos ritmos do bebé**; **prontidão na resposta em situação de aflição** e **restrições**. O "envolvimento físico/proximidade" implica até que ponto a mãe parece sentir prazer no contacto físico com a criança e se anda sempre com ela ao colo (ver descrições no anexo n° F para maiores detalhes); afecto positivo e negativo correspondem a "frequências" destes comportamentos; a sensibilidade da mãe para o comportamento positivo do bebé corresponde a saber se a mãe nota e responde aos sorrisos e vocalizações do bebé; a "adequação do comportamento da mãe aos ritmos e necessidades da criança" implica se ela é eficaz na regulação dos estados do bebé e se as tarefas não são atrapalhadas e o tratamento é apropriado para o desenvolvimento

motor da criança. A "prontidão nas respostas em situação de aflição" implica ser mais ou menos rápida a responder ao choro ou desconforto do bebé. As "restrições" implicam impedir a criança de se mover para uma posição ou local pretendido ou de alcançar algum objecto.

Os itens de comportamento da criança foram seleccionados dentro do repertório de comportamento do bebé entre o 1° e o 6° mês e são sobretudo itens de emocionalidade positiva e negativa. Os itens de comportamento da mãe foram seleccionados dentro daqueles que já tinham sido utilizados em estudos sobre a relação entre temperamento da criança, (nomeadamente emocionalidade negativa), e o comportamento da mãe.

A vantagem de ter itens de comportamento da criança e da mãe reside no facto de se poder obter uma medida do comportamento (ou temperamento) da criança por observação directa que pode ser comparada com o próprio comportamento maternal observado também directamente e com a medida de temperamento infantil obtida por avaliação materna. O registo audio do choro tem a vantagem de ser uma medida independente da subjectividade do observador.

CAPÍTULO VIII

RESULTADOS

Vamos apresentar os resultados em duas partes distintas.

Na **primeira** efectuamos a análise do instrumento sobre percepção de temperamento: (1) Análises dos constructos através de Análise de Componentes Principais e de seguida (2) Análise voltada para as características métricas da escala, análise da consistência interna.

Para que a análise factorial fosse realizada com o maior número possível de sujeitos juntaram-se os dados finais com a amostra utilizada no estudo piloto. Assim a Análise de Componentes Principais foi efectuada com 91, 81 e 84 sujeitos respectivamente no 1, 3 e 6 mês. Utilizámos igual procedimento para a análise da consistência interna.

Na **segunda** parte não se incluem quaisquer dados do estudo piloto. Efectuam-se os cálculos apenas para as 60 mães e crianças da amostra.

Vamos apresentar as variáveis pela seguinte ordem: (1) variáveis demográficas; (2) percepção de temperamento; (3) comportamentos da criança e da mãe; (4) impaciência/irritabilidade materna; (5) auto-eficácia materna (6) relação entre a variável temperamento e outras variáveis.

Vamos relatar quatro tipos de resultados estatísticos. (1) Análises de constructos através de Análise de Componentes Principais, (2) Estatísticas descritivas, isto é, as médias e desvios padrão, (3) Análises voltadas para as características métricas dos instrumentos incluindo a análise da consistência interna e cálculo da estabilidade temporal, (4) Cálculo da associação entre variáveis.

(1) ANÁLISE DA ESCALA DE TEMPERAMENTO: ANÁLISE DA ESTRUTURA FACTORIAL

Realizámos uma Análise de Componentes Principais e Rotação Varimax sobre os itens originais da escala de temperamento uma vez que foi este o processo utilizado por Bates, Freeland e Lounsbury, (1979) no estudo original quando foi criada a escala. Foi igualmente o processo de análise utilizado por Kohnstamm (1984) na sua aplicação da escala de Bates na Holanda.

Como foi referido anteriormente, para que a análise factorial fosse realizada com o maior número possível de sujeitos juntaram-se os dados finais com a amostra utilizada no estudo piloto. Assim a análise de componentes principais foi efectuada com 91, 81 e 84 sujeitos respectivamente no 1, 3 e 6 mês.

Sempre que for possível, iremos comparar os resultados para a escala de temperamento encontrados no nosso estudo com os encontrados pelos autores da escala (Bates, Freeland, & Lounsbury, 1979), e com os da adaptação da escala à população Holandesa (Kohnstamm, 1984).

Encontrou-se quatro factores em todos os momentos de avaliação (ver quadro 1a, 1b, 1c e 1d).

No **primeiro mês** (ver quadro 1a) o 1° factor agrupa os itens 6, 15, 12, 24, 22 e 13. Isto é, agrupa o choro (6), facilidade em se inquietar ou chorar (12), chorar alto (13), nível de actividade (15), variações rápidas ou frequentes no humor, (22), e proporcionar uma

sensação de dificuldade (24). O que caracteriza este factor é o choro (a sua frequência e outras características) e dadas as semelhanças com o factor 1 encontrado por Bates damos-lhe o nome **Chorão/Difícil/Activo**. A criança Chorona, Difícil e Activa chora mais do que a maioria das crianças (6), tende a perturbar-se com facilidade (12), a chorar alto (13), a ser uma criança activa (15), que muda rapidamente ou com frequência de humor (22), e que seria uma criança difícil para a maioria das mães (24). Pelo contrário,

Quadro nº 1a)

Matriz dos factores após rotação Varimax para os itens da escala de temperamento - 1º mês

	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4
T6A	.75901	.43636	.11387	.14054
T15A	.71151	-.30602	.12292	.14488
T12A	.68851	.45230	.24500	.15285
T24A	.67849	.38701	.01694	-.16259
T22A	.67629	.04693	.17032	-.08711
T13A	.55853	.34912	.26117	.10845
T17A	.20410	.83918	.05955	-.02229
T16A	-.05554	.76315	.34112	.03573
T5A	.48528	.55041	.02031	.19445
T19A	.19062	.52842	.08855	-.16319
T1A	.38294	.48307	.36764	.11253
T2A	.14637	.12965	.79917	.10027
T3A	.17352	.00683	.74839	-.41027
T4A	.17884	.24556	.71832	.08991
T23A	-.06932	.26870	.15943	-.76868
T14A	.09082	.36457	.27077	.64219

( ) O item 21 não foi utilizado no estudo piloto. Optou-se por não o incluir na Análise Factorial feita com os dados do 1 mês para ter um maior nº de sujeitos.

a criança Fácil e Calma chora menos do que a maioria das crianças (6), dificilmente se inquieta (12), chora baixinho (13), é uma criança calma e quieta (15), raramente muda de humor (22), e que seria fácil de lidar pela maioria das mães.

O segundo factor agrupa de modo discriminativo os itens 17, 16 e 19. Isto é, o sorriso e sons de satisfação (16), o humor típico (17) e gostar de estar ao colo (19). As crianças que são menos sorridentes (16) e mais sérias (17) querem estar sempre ao colo (19). As crianças sorridentes (16) e alegres (17) não gostam de estar ao colo (19). O que caracteriza este factor é o humor típico da criança e ser aborrecida com o colo. Por esta razão damos a este factor o nome **Encantadora vs. Aborrecida**. Ainda aparecem dois itens associados a este factor de modo não discriminativo; o item (1) dificuldade em acalmar a criança e (5) frequência com que chora por dia. Isto é a criança encantadora além de sorrir, fazer sons de satisfação, ser alegre e raramente querer colo, ainda chora pouco e é fácil de acalmar. A criança aborrecida sorri menos do que a maioria, é uma criança séria, gosta de estar sempre ao colo, e além disso chora com mais frequência e é difícil de acalmar.

O terceiro factor agrupa os itens 2, 3 e 4. Isto é, dificuldade em prever quando é que o bebé vai acordar (2), quando é que ele vai ficar com fome (3), e saber o que é que está a incomodar a criança quando ela chora ou rabuja (4). O que caracteriza este factor é a dificuldade em perceber ou prever o ritmo e as pistas do bebé, sendo assim, e dada a semelhança perfeita com o factor encontrado por Bates damos-lhe o nome de **Imprevisível**.

Aos **3 meses** (ver quadro 1b) o 1° factor agrupa de modo discriminativo os itens 6, 24, 12, 22, 13, e 5. O item 5 é um item sobre a frequência de choro pelo que se enquadra perfeitamente com os outros itens dando mais uma vez origem a uma dimensão Chorão/Difícil. Associa-se ainda a este factor de modo não discriminativo o item 14. Assim, a criança Chorona/Difícil não gosta de ser vestida (14).

Quadro nº 1b)

Matriz dos factores após rotação Varimax para os itens da escala de temperamento - 3º mês

	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4
T6	.84459	.24105	-.02911	-.12421
T24	.82840	-.02991	-.01484	.10613
T12	.72910	.26405	.12864	.02515
T22	.72612	.16836	.13300	-.10713
T13	.69220	.01128	.02823	-.03836
T5	.68971	.18331	.05240	-.19948
T14	.48196	-.23491	.27708	.42036
T2	.21755	.78868	.07965	.00129
T21	-.16561	.71487	.15876	-.37303
T3	.11292	.71359	-.19017	.28461
T1	.47672	.55442	.10583	.15672
T4	.35692	.51448	.34287	-.10425
T16	.25808	.06757	.71895	.08831
T17	.48681	-.02603	.63416	.14824
T15	.40475	.01767	-.58436	.20502
T23	-.08848	.20859	.46228	.32269
T19	.24434	-.05426	-.10321	-.75974

Aos 3 meses o factor que agrupa os itens 1, 2 e 3 passa a ser o segundo factor e não o terceiro como no 1º mês. O 2º factor agrupa os itens 2, 21, 3 e 4. Ou seja, ao factor Imprevisível junta-se o item (21), dificuldade em prever quando a criança precisa de mudar a fralda. O item 1 aparece também associado embora de modo não discriminativo. Ou seja, a criança Imprevisível é aquela em relação à qual é difícil prever: quando é que vai adormecer ou acordar (2), quando precisa de mudar a fralda (21) quando vai ficar com fome (3), saber o que é que a incomoda quando chora (4), e é difícil de acalmar (1). Este conjunto de itens transmite uma ideia de desorientação, desorganização ou falta de estrutura e portanto também de dificuldade. Optámos por chamar-lhe **Imprevisível/Difícil**.

O 3º factor agrupa de modo discriminativo os itens 16 e 15. Isto é, a actividade (15) e o sorriso e sons de satisfação (16). Podíamos dizer que a criança sorridente é activa e chamar a este factor novamente **Encantadora vs. Apática**. Aparecem associados a este factor de modo não discriminativo os itens (17) humor alegre vs. sério e (23) ficar excitado e alegre quando as pessoas brincam com ele. Isto significa que a criança Encantadora, além de sorridente e activa é alegre (17) e sociável (23). A criança Apática sorri menos do que a maioria das crianças (16), é uma criança calma (15), o seu humor é sério (17), e fica pouco excitada quando as pessoas brincam com ela. (Neste factor o item 15 tem sinal contrário aos outros itens).

Aos **6 meses** (ver quadro 1c) o factor 1 agrupa de modo discriminativo os itens 6, 22, 12, 14 e 19. Isto é choro (6), variações no humor (22), facilidade com que fica inquieto (12), reacção ao vestir (14), e apetência pelo colo (19). Aparecem associadas a este factor de modo não discriminativo os itens (5) frequência do choro e o item (13) chorar alto. O que caracteriza este factor é a susceptibilidade em ficar perturbada, e a emocionalidade negativa. A criança **Lábil**, nome pelo qual designamos este factor, chora mais do que a maioria das crianças (6), tem variações bruscas ou rápidas de humor (22), fica inquieta ou chora facilmente (12), não gosta de se vestir (14), e quer estar sempre ao colo (19). Além disso esta criança ficaria rabugenta com frequência (5) e choraria alto (13). A criança não Lábil chora menos do que a maioria das outras crianças, raramente tem variações no humor, dificilmente fica perturbada, não chora ou protesta quando a vestem, e não gosta de estar ao colo.

Quadro nº 1c)

Matriz dos factores após rotação Varimax para os itens da escala de temperamento - 6º mês

	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4
T6	.80267	.25732	.22793	.13157
T22	.78693	.22057	.23465	-.12626
T12	.73358	.34634	.27672	.13135
T14	.58299	.10171	-.06781	-.06626
T19	.53496	-.09250	-.21183	.02763
T5	.48270	.15057	.48146	.11460
T13	.42054	.12638	-.22437	.35245
T4	.24552	.79793	.01806	-.00115
T1	.25716	.76626	-.06969	.03571
T2	.12817	.75876	-.09299	.20475
T21	-.13851	.75030	.29673	.10272
T3	.17764	.67213	.23470	-.12390
T15	.22432	.13913	-.74859	.29981
T17	.28424	.19082	.63397	.24214
T16	.02849	.18257	.61077	.43947
T23	-.13615	-.04238	.13302	.81575
T24	.55807	.17468	.04293	.60003

O 2º factor associa de modo discriminativo os itens 4, 1, 2, 21 e 3. Isto é, dificuldade em saber o que está a incomodar a criança (4), dificuldade em acalmá-la (1), dificuldade em saber quando vai acordar ou adormecer (2), prever quando precisa de mudar a fralda (21), e prever quando é que bebé vai ficar com fome (3). Tal como no 1º e 3º mês este factor pode ter a designação de **Imprevisível**. A criança Imprevisível é aquela em relação à qual a mãe tem dificuldade de prever quando é que vai adormecer ou acordar (2), quando vai ficar com fome (3), ou precisar de mudar a fralda (21), o que é que a está a incomodar quando chora (4), e que é difícil de acalmar (1). A criança previsível é fácil de prever quando vai adormecer ou acordar, quando vai ficar com fome, ou precisar de mudar a fralda, ou o que é que a incomoda quando chora, e também é fácil de acalmar.

O 3º factor inclui os itens 15, 17 e 16. Isto é, a actividade (15), o humor típico (17) e o sorriso e sons de satisfação (16). Designamos o factor por **Encantadora vs. Apática**. A criança Encantadora é activa (15), alegre (17), e sorridente e palradora (16). A criança apática é calma, sorri ou fala menos que a maioria das crianças e é mais séria. (Neste factor o item 15 tem sinal contrário aos outros itens).

Assinalamos que nos três momentos de avaliação efectuados aparece ainda um quarto factor apenas com um ou dois itens e nenhum destes itens se mantém sistematicamente neste factor. Por esta razão optámos por não descrever este factor. No quadro 1d) apresentamos um resumo dos 3 quadros anteriores.

Quadro nº 1d)
Resumo da distribuição dos itens da escala de temperamento pelos diversos factores de acordo com a Análise de Componentes Principais após Rotação Varimax.

1 mês:	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4
	6 15 12 24 22 13	17 16 (5) 19 (1)	2 3 4	23 14
3 mês:	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4
	6 24 12 22 13 5 (14)	2 21 3 (1) 4	16 (17) 15 (23)	19
6º mês:	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4
	6 22 12 14 19 (5) (13)	4 1 2 21 3	15 17 16	23 (24)

( ) Os itens entre parênteses são itens não discriminativos.

Comparação com os resultados de Bates e de Kohnstamm

Recordemos os factores ou dimensões encontradas por Bates e já descritas anteriormente no capítulo sobre a Medição do Temperamento. O factor **Chorão/Difícil** inclui como itens principais o item 1, 5, 6, 13, 22 e 24 (ver quadro 2). A criança difícil seria chorona (5 e 6), difícil de acalmar (1), chora alto (13), tem variações rápidas ou frequentes de humor (22), e proporciona uma sensação de dificuldade (24). O factor **Imprevisível** inclui os itens 2, 3 e 4. A criança imprevisível é aquela em que a mãe tem dificuldades em prever quando é que ela vai acordar ou adormecer (2), ficar com fome (3) ou saber o que incomoda o bebé quando ele chora (4). O factor **Apático** inclui os itens 15 16 e 23. A criança apática sorri pouco ou faz poucas vocalizações (16) não fica excitada quando lhe pegam ou brincam com ela (23) e é pouco activa (15).

O que acontece aos 3 factores encontrados por Bates nos 3 momentos de avaliação deste estudo?

Apresentamos os resultados num quadro resumo (quadro 2).

Quadro nº 2

Distribuição dos itens da escala de Bates, Freeland e Lounsbury, (1979) de acordo com a Análise de Componentes Principais após rotação Varimax efectuada neste estudo e comparação com os resultados dos estudos de Bates, Freeland e Lounsbury, 1979 e de Kohnstamm (1984).

J. Bates	**Kohnstamm**		**Pires**		
4-7 meses	**2-4 mês**	**5-6 mês**	**A) 1 mês**	**B) 3 mês**	**C) 6 mês**
Factor 1: Fussy/Difficult (Chorão/Difícil)					
6 (17)	6	6 (12)	((5))	5 ((1))	(5)
5 (12)	5	5 (23)	6	6	6
1 (14)	14	14	12	12	12
24	24	24	13	13 (14)	14 (13)
22		13	15	((17))	19
13	21	21	22	22	22
			24	24	((24))
Factor 2: Unpredictable (Imprevisível)					
2 (19)	2	2	2	2 (1)	2 1
3 (21)	3	3	3	3	3
4			4	4	4
				21	21
Factor 3: Dull (Apático)					
					((5))
16	15	16	16 (1)	15 (17)	15
15	23	17	17 (5)	16 (23)	16
23			19		17
			23	19	23
			14		(24)

( ) Os itens entre parênteses são itens não discriminativos. (( )) Os itens entre parênteses duplo têm peso superior a .47 neste factor embora o seu peso mais alto recaia noutro factor.

Quanto ao **factor 1, Chorão/Difícil** e no que diz respeito aos itens discriminativos na subescala original de Bates (6; 5; 1; 24; 22 e13) verifica-se o seguinte:

Os itens discriminativos nos três momentos de avaliação do presente estudo, ou seja no 1, 3 e 6º mês, para o factor Chorão/Difícil (C/D) são: 6; 12; 22 (ver quadro 1a, 1b e 1c);

isto é, aparecem sempre associadas a frequência de choro (6), a facilidade em se inquietar ou chorar (12), e as variações rápidas ou frequentes no humor (22).

Dos restantes itens, o item 1 (dificuldade em acalmar o bebé) aparece no 1° mês disseminado pelos 3 primeiros factores mas com maior peso, embora não discriminativo, no factor (Encantador ou Apático). No 3° mês o seu peso já é maior no factor 2 (Imprevisível) que agrupa os itens 2, 3, e 4 embora não seja discriminativo e continue com algum peso no factor 1. No 6° mês continua associado ao factor 2 (Imprevisível) de modo discriminativo. Conceptualmente isto significa que a dificuldade em acalmar o bebé quando ele está a chorar (item 1) aparece no 1° mês associada ao choro (factor 1), à imprevisibilidade (factor 3) e humor (factor 2), para posteriormente, aos 3 meses e de modo mais consistente aos 6 meses aparecer associada à Imprevisibilidade, i. e., dificuldade em prever os ritmos de sono/vigília (item 2), fome (item 3) e perceber a causa do seu choro (item 4).

O item 5 (frequência de choro), no 1° mês aparece disseminado pelos dois primeiros factores mas com peso maior embora não discriminativo no factor dois. No 3° mês aparece associado ao factor 1 (Chorão/Difícil). No sexto mês volta a estar repartido pelo factor 1 (Chorão/Difícil) e pelo factor que contem os itens de Humor (16 e 17).

O item 13 (chorar alto) aparece sempre associado ao factor 1 (Chorão/Difícil) mas não é discriminativo no 6° mês.

O item 24 (grau médio de dificuldade) aparece de modo discriminativo no 1° e 3° mês associado ao factor 1 (Chorão/Difícil). No 6° mês apesar de ter um peso elevado neste factor (.56) aparece mais associado ao factor 4 (ver tabela 1c).

Existem ainda itens que aparecem associados apenas uma ou duas vezes ao factor 1. O item 15 aparece uma vez (1° mês), o item 19 uma vez (6° mês) e o item 14 aparece duas vezes (3° e 6° mês).

Quanto ao **factor 2** e no que diz respeito aos itens discriminativos da subescala "**Imprevisível**" original de Bates (2; 3; 4) verifica-se o seguinte:

Os três itens, (2) "dificuldade em prever quando é que ele vai acordar"; (3) "... ficar com fome"; e (4) "saber o que é que está a incomodar a criança", aparecem associados no factor 2 (Imprevisibilidade) de modo consistente e discriminativo nos três momentos de avaliação (ver quadro 2).

Existem ainda itens que aparecem associados apenas duas vezes ao factor 2 como os itens 1 e 21 no 3° e 6° mês.

No **factor 3, Apático**, é aquele em que existem maiores diferenças em relação à solução original encontrada por Bates. No nosso estudo existe uma associação consistente do 1 para o 6° mês que é a associação dos itens 16 (sorriso e sons de satisfação) e 17 (humor típico). O item 15 (actividade) aparece associado aos itens 16 e 17 no 3° e 6° mês (ver quadro 1a, 1b e 1c). O item 15 aparece sempre com peso de sinal contrário aos restantes itens do factor 3 tal como se verificou no estudo de Bates. O facto do item 15 aparecer associado aos itens 16 e 17 a partir do 3° mês, significa que aos 3 meses já se verifica a relação descrita por Bates, as mães acham que as crianças mais activas são mais divertidas. No 1° mês, uma vez que a criança poucas vezes sorri, as respostas aos itens 16 e 17 podem ser extremamente projectivas. Quanto à associação do item 15 ao 1° factor no 1° mês isso significa que nesta fase precoce as crianças que são vistas como activas são também vistas como choronas/difíceis. O item 23 que no estudo de Bates aparece associado ao item 15 constituindo a 3° factor, só aparece uma vez associado ao item 15 no 3° mês.

Assinalamos que nos três momentos de avaliação efectuados aparece ainda um quarto factor apenas com ou dois itens e nenhum destes itens se mantém sistematicamente neste factor.

Em síntese, a primeira constatação que podemos fazer da análise dos dados deste estudo reside no facto de em grande medida se terem confirmado os dados de Bates e de Kohnstamm. Isto é, identificaram-se três factores semelhantes aos factores Chorão/Difícil de Bates ou Fussy/Crying de Kohnstamm, outro semelhante ao factor Imprevisível e outro ainda semelhante ao Apático (ver quadro 2). Isto é, apesar de algumas diferenças, se tivermos em conta não só os itens discriminativos mas também os não discriminativos e aqueles que têm um peso igual ou superior a .47, verificamos que o conjunto dos itens se distribui por três factores que são semelhantes no nosso estudo e nos estudos de Bates e no de Kohnstamm.

(2) ANÁLISE DA ESCALA DE TEMPERAMENTO: CONSISTÊNCIA INTERNA

Os itens da escala utilizada para calcular a consistência interna são os itens discriminativos.

Assim, para a subescala Chorão/Difícil (C/D) no 1° mês temos os itens 6, 12, 13, 15, 22 e 24.; no 3° mês os itens 5, 6, 12, 13, 22 e 24 e no 6 mês os itens 6, 12, 14, 19 e 22.

A subescala Chorão/Difícil (C/D) apresenta Alphas de Cronbach elevados, (.87); (.87); e (.75) respectivamente no 1, 3, e 6 mês (veja quadro n° 3).

A subescala Imprevisível (IMP) apresenta Alphas moderados, (.73); (.73); e (.83) respectivamente no 1, 3 e 6 mês. Os itens utilizados foram, no 1° mês o 2, 3, e 4 ; no 3° mês os itens 2, 3 , 4 e 21; no 6° mês os itens 1, 2, 3, 4 e 21.

A subescala Encantador vs. Aborrecido ou Apático apresenta valores de consistência interna baixos, .72, .25 e .58 respectivamente no 1, 3 e 6 mês. Uma vez que esta dimensão não revelou consistência interna satisfatória ela não será analisada posteriormente.

Os valores de consistência interna obtidos neste estudo são quase sempre mais altos que os de Bates e de Kohnstamm (veja quadro n° 3).

Quadro n° 3

Consistência interna verificada na variável temperamento
e comparação com os estudos de Bates e de Kohnstamm.

	Chorão/Difícil	Apático	Imprevisível
Bates			
6 meses (n=196)	.79	.39	.50
Kohnstamm			
2-4 meses (n=494)	.75		
5-6 meses	.80		
Pires			
1 mês (n=92)	.87	.72	.73
3 meses (n=82)	.87	.25	.73
6 meses (n=84)	.75	.58	.83

(3) ANÁLISE SOBRE OS DADOS SOCIO-FAMILIARES: ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS

Os bebés:

Os bebés são 30 rapazes e 30 raparigas com peso médio à nascença igual a 3,300 Kg. Uma criança nasceu com 2.050 kg mas as restantes têm todas mais de 2,500 Kg (ver quadro nº4). 51 crianças apresentavam apgar 10 aos 10 minutos, 2 apgar 9, 2 apgar 8 e não foi possível conhecer o apgar de 5 delas.

As mães:

As mães têm entre 21 e 35 anos, média 28 anos e vivem juntos com companheiro (6) ou o marido (54), em média, há 2 anos e meio (ver quadro nº4). 44 trabalham a tempo inteiro, 6 a meio tempo, 6 estão desempregadas e 4 são estudantes (ver quadro nº5). 18 delas têm o ensino secundário e 42 o ensino superior ou curso médio (ver quadro nº6). Ganham em média entre 75 e 100 mil escudos.

O tempo médio de gestação foi de 40 semanas (ver quadro nº4). A gravidez correu "bem" ou "muito bem" a 50 das mães e com complicações nomeadamente ameaça de aborto a 10 delas (ver quadro nº7). O parto "correu bem" ou "fórceps mas bem" a 38 mães, a 11 delas o parto correu "com fórceps e mais ou menos bem" ou "com fórceps e demorado", 11 foram submetidas a cesariana (ver quadro nº8). A razão porque agrupámos os dados desta maneira são dados a seguir. Tanto no caso da gravidez como no parto preferimos dar mais relevo aos aspectos subjectivos, (isto é, como é que a mãe sente ou diz que decorreu a gravidez ou o parto), do que aos aspectos objectivos ou factuais. Por exemplo, das mães em cujo parto foram usados fórceps, umas achavam que apesar disso as coisas tinham corrido bem, enquanto outras preferem acentuar que as

coisas tinham sido difíceis, ou que as coisas não tinham corrido bem. No entanto, nenhuma das mães submetida a cesariana achava que o parto tinha corrido bem, o sentimento nunca era de satisfação mas sim de frustração. Assim, a cesariana pareceu-nos uma situação distinta de todas as outras ao passo que os fórceps podiam ou não ser valorizados pelas mães.

43 mães recomeçaram a trabalhar entre 1 a 6 meses após o parto, mas maioritariamente entre os 3 e 4 meses, média 3 meses e meio, DP 1 mês.

Quadro nº 4

Estatísticas descritivas de variáveis do bebé, da mãe, e socio-familiares.

Variável	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo	N
Peso Nasc.	3.33	.40	2.050	4.300	59
T. Gestaç.	40.07	.99	37	42	60
Idade	27.75	3.34	21	35	60
T. Juntos	2.65	1.27	1	8	57

Quadro nº 5

Estatuto Profissional. Distribuição de frequências.

Designação	Valor	Freq.	Percent.	Percent. Valid.	Percent. Acum.
Empregada tempo inteiro	1	44	73.3	73.3	73.3
Empregada tempo parcial	2	6	10.0	10.0	83.3
Desempregada	3	6	10.0	10.0	93.3
Estudante	4	4	6.7	6.7	100.0
	Total	**60**	**100.0**	**100.0**	

Quadro nº 6

Habilitações da mãe. Distribuição de frequências.

Designação	Valor	Freq.	Percent.	Percent. Valid.	Percent. Acum.
Ensino Secundário	5	18	30.0	30.0	83.3
Ensino Sup. ou Curso Médio	6	42	70.0	70.0	100.0
	Total	**60**	**100.0**	**100.0**	

Quadro nº 7

Como decorreu a gravidez. Distribuição de frequências.

Designação	Valor	Freq.	Percent.	Percent. Valid.	Percent. Acum.
Bem, ou muito bem	1	50	83.3	83.3	83.3
Complicaç., ex. ameaça de ab.	2	10	16.7	16.7	100.0
	Total	**60**	**100.0**	**100.0**	

Quadro nº 8

Tipo de parto. Distribuição de frequências.

Designação	Valor	Freq.	Percent.	Percent. Valid.	Percent. Acum.
normal, fórceps mas bem	1	38	63.3	63.3	63.3
fórceps e demorado	2	11	18.3	18.3	81.7
cesariana	3	11	18.3	18.3	100.0
	Total	**60**	**100.0**	**100.0**	

Os Pais:

Os pais têm maioritariamente (42) cursos superiores, 14 têm o ensino secundário e 2 apenas o ciclo preparatório; de dois deles não foi possível saber a escolaridade (ver quadro nº9). Ganham em média mais de 100 mil escudos.

Quadro nº 9

Habilitações do pai. Distribuição de frequências.

Designação	Valor	Freq.	Percent.	Percent. Valid.	Percent. Acum.
Ciclo preparatório	4	2	3.3	3.4	3.4
Ensino secundário	5	14	23.3	24.1	27.6
Ensino Sup. ou Curso Médio	6	42	70.0	72.4	100.0
	9	2	3.3	MISSING	
	Total	**60**	**100.0**	**100.0**	

(4) ANÁLISE DA ESCALA DE TEMPERAMENTO: ESTABILIDADE TEMPORAL

Neste estudo não foi utilizado nenhum procedimento para calcular a consistência teste-reteste, no entanto como foram feitas aplicações com uma relativa proximidade temporal, 1, 3 e 6 meses, comparamos a correlação obtida entre estas aplicações com os cálculos teste-reteste efectuados por Bates, Freeland e Lounsbury (1979) e Kohnstamm (1985).

Como se pode constatar a correlação por nós encontrada (ver quadro 10) é comparativamente mais elevada, se atendermos à maior distância temporal, do que as

verificadas nos estudos dos outros autores. Kohnstamm (1985) efectuou cálculos de teste-reteste separados para três grupos de diferente escolaridade a com a sua amostra acima dos 7 meses e verificou que o valor de teste-reteste era mais baixo, entre 10 e 20 pontos, no grupo de menos escolaridade do que nos outros dois grupos: escolaridade média e escolaridade média e escolaridade superior. O facto de termos utilizado uma amostra de escolaridade elevada poderá em parte justificar que a consistência teste-reteste encontrada por nós seja mais elevada que as dos estudos de Bates e de Kohnstamm.

Quadro nº 10

Estabilidade temporal verificada na variável temperamento e comparação com os estudos de Bates e de Kohnstamm.

	Chorão/Difícil	**Imprevisível**
Bates (o reteste foi efectuado 1 mês após o teste)		
6 meses (n=112)	.70	.47
Kohnstamm (o reteste foi recebido entre 4 a 12 semanas após o teste)		
3-6 meses (n=48)	.59	
Pires (são comparados os resultados do 1 e 3 mês portanto o "reteste" foi efectuado cerca de 8/9 semanas após o teste; do 3 e 6 mês, reteste efectuado cerca de 3 meses depois; e do 1 para o 6 mês, cerca de 5 meses depois)*		
do 1 para o 3 mês (n=57)	.73	.61
do 3 para o 6 mês (n=57)	.63	.56
do 1 para o 6 mês (n=57)	.61	.52

* Os itens utilizados em cada momento de avaliação são os itens discriminativos.

Notemos que comparámos a mesma dimensão avaliada em momentos diferentes. Mas a mesma dimensão nem sempre agrupa os mesmos itens ao longo do desenvolvimento da criança.

Face à polémica sobre a estabilidade temporal das medidas de temperamento, (é com frequência baixa), decidimos verificar até que ponto os resultados da consistência interna podem ser afectados pela comparação de escalas que têm um número de itens diferentes ou uma composição de itens diferentes nos vários momentos de avaliação. Para isso decidimos criar uma escala para o factor Chorão/difícil (e outra para o factor Imprevisível) que tivesse os mesmos itens no 1°, 3° e 6° mês.

Em função dos resultados analisados anteriormente, ver quadro n° 3, optámos por constituir subescalas com itens que estivessem associados nos três momentos de avaliação ao mesmo factor, pelo menos com um peso superior a .47. Assim constituímos as duas seguintes subescalas (ver quadro n°11):

(1) a subescala "Chorão/Difícil" (C/D) composta pelos itens discriminativos nos três momentos de avaliação: 6;12;22 mais os itens 5, 13 e 24.

(2) a subescala "Imprevisível" (IMP) com os itens 2;3;4.

Quadro nº 11

Opção da distribuição dos itens de temperamento por 2 factores.

Factor 1: Chorão/Difícil	Factor 2: Imprevisível
5	2
6	3
12	4
13	
22	
24	

Como esperávamos a estabilidade temporal obtida é maior quando além de compararmos a mesma dimensão ou variável comparamos exactamente o mesmo instrumento. Os valores obtidos para a escala Chorão/Difícil são .82, .80, e .76 respectivamente para a correlação entre o 1º e 3º mês, 3º e 6º mês e 1º e 6º mês. Os valores obtidos para a escala Imprevisível são .65, .49, .55 respectivamente para a correlação entre o 1º e 3º mês, 3º e 6º mês e 1º e 6º mês. Os valores de estabilidade temporal para a subescala Chorão/Difícil são entre 10 a 15 pontos mais altos que os referidos anteriormente, (ver quadro 10), e os da escala Imprevisível um pouco mais alta ou um pouco mais baixa, podendo os casos de consistência mais baixa ser explicados por um número menor de itens na escala.

Em síntese, a estabilidade temporal encontrada para as duas escalas consideradas é moderada e superior à encontrada por Bates e Khonstamm. por outro lado, a estabilidade diminui quando se comparam instrumentos diferentes e aumenta quando se compara o mesmo instrumento. Além disso, o número de itens da escala não é um aspecto irrelevante, a estabilidade temporal tende a ser mais alta se o número de itens for maior pelo menos em instrumentos com poucos itens como as utilizadas por nós.

(5) ANÁLISE DA ESCALA DE TEMPERAMENTO: ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS

A primeira constatação que fazemos é que o valor médio das duas subescalas, C/D Chorão/Difícil; e IMP - Imprevisível/Difícil, é um valor baixo em todos os momentos de avaliação (ver quadro nº12). Por exemplo, na subescala C/D existem no 1º e 3º mês 6 itens e como cada item tem uma escala que varia de 1 (muito fácil) a 7 (muito difícil), sendo o 4 a "dificuldade média", o total para cada sujeito poderia variar entre 7 e 42 com 24 como valor intermédio. Se a média obtida por nós varia entre 17 e 20 isso significa que a maioria das mães avalia os seus filhos entre fáceis e de dificuldade média.

Quanto à escala IMP as médias estão também entre muito fácil de prever e dificuldade média.

Como segunda constatação, verificamos que a média decresce do 1º para o 3º e do 3º para o 6º mês tanto na subescala CD como na subescala IMP como se pode verificar pelo quadro nº 12. As diferenças (após correcção do efeito produzido pelo nº desigual de itens) são para a variável C/D, chorão/difícil, significativas entre o 1º e o 3º mês, $t(59)=5.84$, sig=.000 e entre o 1º e o 6 mês $t(56)=4.88$, sig=.000, e não significativa entre o 3º e o 6º mês; para a variável IMP, Imprevisível, são significativas entre o 1º e o 3º mês, $t(59)=5.02$, sig=.000, e entre o 1º e o 6º mês, $t(56)=5.61$, sig=.000; e não significativo entre o 3º e o 6º mês.

Quadro nº 12

Estatísticas descritivas das variáveis de temperamento nos três momentos de avaliação

Variável	Média	Des. Padr.	Mínimo	Máximo	N	nº itens
C/D1	22.55	6.42	6	39	60	6
C/D3	19.12	5.77	8	36	60	6
C/D6	15.75	4.94	8	25	57	5
IMP1	9.32	2.80	3	18	60	3
IMP3	10.40	3.10	4	19	60	4
IMP6	12.39	3.71	5	23	57	5

C/D1 - Chorão/difícil/activo 1° mês
C/D3 - Chorão difícil 3° mês
C/D6 - Lábil 6° mês
IMP1 - Imprevisível 1° mês
IMP3 - Imprevisível/difícil 3° mês
IMP6 - Imprevisível/difícil 6° mês

Comparação com os resultados de Bates e Kohnstamm

Vamos proceder agora a uma comparação dos resultados descritivos obtidos neste estudo com os de Khonstamm e os de Bates. Faremos dois tipos de comparações, das médias das subescalas e das médias dos itens.

(1) Comparação de subescalas

As análises factoriais proporcionaram subescalas diferentes, no número de itens e tipos de itens que as constituem, embora semelhantes, nos três estudos. Para podermos fazer uma comparação fazemos nos três estudos a média para os itens que constituem a escala Chorão/Difícil proposta no quadro 11. Foi possível estimar essas médias através dos dados da página 47 de Kohnstamm (1984) sobre as médias nos itens do estudo de Kohnstamm e de Bates.

Fazendo a média para os itens que constituem a escala Chorão/difícil obtemos no estudo de Kohnstamm a média 19.36 para os 3-4 meses e 19.02 para os 5-6 meses. Se compararmos com as médias obtidas no nosso estudo verificamos que a média dos 3 meses é idêntica e que a dos 5-6 meses é ligeiramente mais alta que a obtida por nós (veja quadro nº12). No estudo de Bates a média para os 6 meses seria 18.07, portanto semelhante à média obtida por nós aos 6 meses.

(2) Comparação dos itens

Da análise das médias dos itens, ver quadro nº13, e da comparação destes dados com os de Kohnstamm e os de Bates fazemos duas constatações. A primeira, é que as médias dos 3 meses no nosso estudo tendem a ser mais baixas que as dos 3-4 meses de Kohnstamm; as médias dos 6 meses são idênticas às dos 6 meses de Bates e mais baixas que as dos 5-6 meses de Kohnstamm.

A segunda constatação consiste no facto de que a quase totalidade dos itens dos 3 meses apresentar uma média mais baixa do que no 1º mês. O mesmo se passa do 3 para o 6 mês. A análise dos dados de Kohnstamm também permite verificar que existem mais itens a diminuir no valor da média do 3-4 mês para o 5-6 mês (ver Kohnstamm, 1984 pag. 47). Este facto traduz-se no decréscimo das medidas das subescalas C/D e IMP referidas anteriormente neste estudo, a média decresce do 1 para o 3 e do 3 para 6 mês e está de acordo com o que se encontra no estudo de Kohnstamm e nos dados de Bates reavaliados por Kohnstamm (Kohnstamm, 1984, pag. 30).

Quadro nº 13

Estatística descritiva dos itens de temperamento no 1, 3 e 6 mês.

	1 mês				3 mês				6 mês		
item	M	DP	N		M	DP	N		M	DP	N
1	3.18	1.21	60		2.67	.97	60		2.49	1.05	57
2	3.23	1.31	60		2.73	1.07	60		2.63	1.01	57
3	2.47	.98	60		2.23	.81	60		2.25	.83	57
4	3.62	1.19	60		3.08	1.14	60		2.84	.96	57
5	2.73	1.10	60		2.42	.77	60		2.25	.61	57
6	2.98	1.52	60		2.70	1.28	60		2.39	1.25	57
12	2.32	1.30	60		3.05	1.17	60		2.70	1.28	57
13	4.35	1.38	60		4.57	1.28	60		4.44	1.30	57
14	2.87	1.38	60		2.18	1.16	60		3.09	1.79	57
15	5.22	1.43	60		5.57	1.31	60		5.68	1.30	57
16	3.43	1.20	60		2.52	1.05	60		2.33	.99	57
17	3.17	1.26	60		2.05	.85	60		1.82	.78	57
19	4.87	1.08	60		4.63	1.48	60		4.82	1.43	57
21	2.78	1.35	60		2.35	1.18	60		2.18	.95	57
22	3.45	1.43	60		3.42	1.50	60		2.75	1.34	57
23	3.58	1.18	60		2.20	.95	60		2.14	.97	57
24	3.23	1.23	60		2.97	1.31	60		2.75	1.30	57

(6) ANÁLISE DOS ITENS DE COMPORTAMENTO: ANÁLISE DA ESTRUTURA FACTORIAL

Os itens de comportamento estudados foram os seguintes: 4 do bebé - (1) estado de alerta; (2) frequência de choro; (3) de vocalizações positivas e (4) de sorrisos e 7 comportamentos da mãe - (1) envolvimento físico; (2) afecto positivo; (3) afecto

negativo; (4) sensibilidade para com o comportamento social do bebé; (5) adequação do seu comportamento aos ritmos do bebé; (6) prontidão na resposta em situação de aflição e (7) restrições.

Os exemplos de registos de emocionalidade ou afecto negativo e de restrições foram tão pouco frequentes, 3 a 5 casos, que decidimos eliminar estes itens de qualquer análise posterior.

Habitualmente é defendida a ideia de se agruparem itens de comportamento como meio de aumentar a possibilidade de encontrar relações significativas. A primeira tarefa consistia então em determinar se os diversos itens de comportamento constituíam um grupo com coerência interna suficiente para serem considerados um instrumento e portanto efectuarem-se scores globais de comportamento que relacionaríamos com outras variáveis. Com esse propósito realizámos uma Análise de Componentes Principais e Rotação Varimax para os itens de comportamento do bebé e outra idêntica para os itens de comportamento da mãe.

Na análise dos **itens do bebé** encontrou-se nos 3 momentos de avaliação 2 factores. Um factor agrupando o estado de alerta do bebé, e as frequências de vocalizações positivas e sorriso; e o outro factor apenas com a frequência de choro. Existia uma excepção, aos seis meses o "estado de alerta do bebé" agrupa-se no segundo factor juntamente com a frequência de choro. No entanto, as correlações encontradas aos 6 meses são quase inexpressivas excepto a relação entre vocalizações e sorriso (r = .39). Portanto, aos 6 meses o estado de alerta já não se encontra associado ao sorriso e vocalizações positivas; mas estes dois comportamentos continuam relacionados entre si. A análise de consistência interna ao conjunto dos três itens(vocalizações positivas, sorriso e estado de alerta do bebé) evidenciou no entanto um Alpha de Cronbach inaceitável. Portanto, apesar dos três itens terem correlações da ordem de r =.40* (ver quadros nº 14, 15 e 16)

não constituem como grupo um instrumento e portanto optámos por analisar a relação de cada um deles individualmente com a variável Temperamento.

Quadro nº 14

Correlação entre os diversos itens de comportamento do bebé no 1º Mês

	Alerta 1M	Choro 1M	Vocalizações 1M	Sorriso 1M
E. Alerta 1M	_____			
Choro 1M	-.10	_____		
Vocalizações 1M	.41*	.08	_____	
Sorriso 1M	.46**	-.03	.56**	_____

1 -tailed Significant: * - .01 **.- .001 (correlação de Pearson)

Quadro nº 15

Correlação entre os diversos itens de comportamento do bebé no 3º Mês

	Alerta 3M	Choro 3M	Vocalizações 3M	Sorriso 3M
E. Alerta 3M	_____			
Choro 3M	.15	_____		
Vocalizações 3M	.48**	.03	_____	
Sorriso 3M	.38*	-.20	.42**	_____

1 -tailed Significant: * - .01 **.- .001 (correlação de Pearson)

Quadro nº 16

Correlação entre os diversos itens de comportamento do bebé no 6 Mês

	Alerta 6M	Choro 6M	Vocalizações 6M	Sorriso 6M
E. Alerta 6M	_____			
Choro 6M	.11	_____		
Vocalizações 6M	.01	-.08	_____	
Sorriso 6M	-.06	-.05	.39*	_____

1 -tailed Significant: * - .01 **.- .001 (correlação de Pearson)

Na análise dos **itens de comportamento da mãe** encontraram-se soluções factoriais diferentes nos 3 momentos de avaliação. As análises de consistência interna efectuadas também não revelaram instrumentos consistentes, razão pela qual optámos por analisar a relação de cada um dos itens individualmente com a variável Temperamento.

Encontram-se algumas correlações entre baixas e moderadas entre os itens de comportamento da mãe (ver quadro nº 17, 18 e 19). As que merecem ser mencionadas são aquelas que se repetem em pelo menos dois momentos de avaliação. Não existem associações que se mantenham entre o 1º e 3º mês, havendo algumas que ocorrem no 1º mês e só voltam a verificar-se no 6º mês. Por exemplo, o envolvimento/proximidade está associado ao afecto positivo no 1º e 6º mês. A resposta da mãe ao comportamento social positivo do bebé está associado à adequação do comportamento da mãe aos ritmos e necessidades do bebé também no 1º e 6º mês. Finalmente, existe uma associação que se mantém do 3º para o 6º mês que é correlação entre a resposta ao comportamento social positivo e o afecto positivo.

Quadro nº 17

Correlação entre os diversos itens de comportamento da mãe no 1º Mês

	E/P 1M	**Afec + 1M**	**RCSP 1M**	**Ritmos 1M**	**R. Choro 1M**
E/Proxim. 1M	_____				
Afecto + 1M	.39*	_____			
Res.C.S.P. 1M	-.17	.18	_____		
Ritmos 1M	.04	.41**	.43**	_____	
R. Choro 1M	.21*	.11	.02	.12	_____

1 -tailed Significant: * - .01 **.- .001 (correlação de Pearson)

Quadro nº 18

Correlação entre os diversos itens de comportamento da mãe no 3º Mês

	E/P 3M	Afec + 3M	RCSP 3M	Ritmos 3M	R. Choro 3M
E/Proxim. 3M	_____				
Afecto + 3M	.23	_____			
Res.C.S.P. 3M	.23	.42**	_____		
Ritmos 3M	-.01	.12	.12	_____	
R. Choro 3M	.11	.27	.23	-.09	_____

1 -tailed Significant: * - .01 **.- .001 (correlação de Pearson)

Quadro nº 19

Correlação entre os diversos itens de comportamento da mãe no 6º Mês

	E/P 6M	Afec + 6M	RCSP 6M	Ritmos 6M	R. Choro 6M
E/Proxim. 6M	_____				
Afecto + 6M	.51**	_____			
Res.C.S.P. 6M	.26	.34*	_____		
Ritmos 6M	.19	.14	.48**	_____	
R. Choro 6M	.40*	.25	.44**	.36*	_____

1 -tailed Significant: * - .01 **.- .001 (correlação de Pearson)

7) ANÁLISE DOS ITENS DE COMPORTAMENTO: ESTABILIDADE TEMPORAL

Dos 4 **comportamentos do bebé** registados por observação, só existe estabilidade temporal para o sorriso, entre o 3º e o 6º mês r =.39. Não existe estabilidade temporal para a frequência de choro, vocalizações positivas e o estado de alerta do bebé.

Não existe estabilidade temporal para o **tempo de choro** registado por gravação audio entre quaisquer dos 3 momentos de avaliação.

Dos 5 **comportamentos da mãe** para os quais se efectuou o cálculo da consistência interna, "envolvimento e proximidade" e "respostas ao choro em situação de aflição" não revelam estabilidade. Os restantes revelam alguma estabilidade. A "intensidade da expressão emocional positiva" revela estabilidade entre o 1° e 3° mês r =.50**, entre 3° e o 6° r =.40* e entre o 1° e 6° r =.37*. A "sensibilidade em relação ao comportamento social da criança" revela estabilidade entre o 3° e o 6° mês r =.43**. A "adequação aos ritmos do bebé" revela estabilidade entre o 3° e o 6° mês r =. 34*.

(8) RELAÇÃO DOS ITENS DE COMPORTAMENTO DO BEBÉ E ITENS DE COMPORTAMENTO DA MÃE

Da correlação entre os comportamentos da mãe e os do bebé verifica-se que não existe uma única associação com valor significativo consistente ao longo dos três momentos de avaliação. Algumas relações mantêm-se significativas entre o 1° e 3° mês, por exemplo, as mães que respondem mais ao comportamentos sociais da criança têm bebés mais atentos e que vocalizam mais. Outras mantêm-se significativas entre o 3° e 6° mês, por exemplo, as crianças que vocalizam mais têm mães mais afectivas.

Salientemos, além das anteriores, as associações significativas do choro da criança por ser uma variável central no nosso estudo. O choro da criança encontra-se associado de modo negativo à adequação do comportamento da mãe aos ritmos e necessidades do bebé no 1° mês (r = -.54), i. e., quanto menos adequado é o comportamento da mãe mais a criança chora (quadro n° 20). Aos 6 meses o choro está associado ao envolvimento e

proximidade da mãe (r = .42), i, e. quanto maior é o contacto físico e proximidade com a criança mais ela chora (ver quadro nº 22).

Quadro nº 20

Correlação entre os itens de comportamento do bebé e os da mãe no 1º Mês

	bebé			
mãe	**Alerta 1M**	**Choro 1M**	**Vocalizações 1M**	**Sorriso 1M**
E/Proxim. 1M	.12	-.10	.08	.07
Afecto + 1M	.35*	-.21	.28	.15
Res.C.S.P. 1M	.37*	-.30	.43**	.31
Ritmos 1M	.37*	-.54**	.22	.17
R. Choro 1M	-.07	-.11	-.25	-.32

1 -tailed Significant: * - .01 **.- .001 (correlação de Pearson)

Quadro nº 21

Correlação entre os itens de comportamento do bebé e os da mãe no 3º Mês

	bebé			
mãe	**Alerta 3M**	**Choro 3M**	**Vocalizações 3M**	**Sorriso 3M**
E/Proxim. 3M	.21	.10	.06	.07
Afecto + 3M	.17	.22	.37*	.07
Res.C.S.P. 3M	.46**	.05	.51**	.30
Ritmos 3M	-.11	-.29	.17	.27
R. Choro 3M	.04	.32	.24	-.28

1 -tailed Significant: * - .01 **.- .001 (correlação de Pearson)

Quadro nº 22

Correlação entre os itens de comportamento do bebé e os da mãe no 6º Mês

mãe \ *bebé*	Alerta 6M	Choro 6M	Vocalizações 6M	Sorriso 6M
E/Proxim. 6M	.15	.42**	.07	-.05
Afecto + 6M	-.03	.12	.34*	.30
Res.C.S.P. 6M	-.00	.02	.23	.15
Ritmos 6M	.01	.04	.13	.13
R. Choro 6M	.02	.31	-.04	.10

1 -tailed Significant: * - .01 **.- .001 (correlação de Pearson)

(9) VALIDADE DAS AVALIAÇÕES DO CHORO FEITAS PELOS OBSERVADORES

O registo audio de choro tem a vantagem de ser uma medida independente da subjectividade o que não acontece com a avaliação do choro feita pelos observadores. Como dispomos dos dois tipos de medida torna-se possível verificar até que ponto as avaliações feitas pelos observadores são medidas válidas do choro ocorrido na sessão de observação.

As correlações encontradas são moderadas, excepto no 6º mês, o que significa que as observações coincidem em parte com o choro ocorrido durante a sessão (ver quadro nº 23). No entanto, na melhor das hipóteses, apenas 40% da variância de uma das variáveis pode ser explicada pela variância da outra (caso do 3º mês, descendo para 12% no 6º mês). O que explica os outros 60% da variação?

Em primeiro lugar esta falta de coincidência pode ser explicada pela definição do item de comportamento de choro observado. A definição implicava sobretudo se o choro era ocasional ou frequente, portanto frequência, mas também menciona a intensidade, se chora alto ou baixo, aspecto não tido em conta no tempo de choro que implica apenas,

Quadro nº 23

Correlação entre a avaliação do choro e o tempo de choro

	Choro 1M	Choro 3M	Choro 6M
Tempo de Choro no 1º mês	.59**	.01	-.10
Tempo de Choro no 3º mês	.02	.63**	-.19
Tempo de Choro no 6º mês	.08	.17	.35*

1 -tailed Significant: * - .01 **.- .001 (correlação de Pearson)

como o nome indica, duração. Por outro lado, sabemos que a frequência e duração tendem a estar relacionadas mas a sua correlação não é perfeita. Pode haver, por exemplo, uma criança que chore muitas vezes mas que se cale imediatamente após ter começado a chorar e outra que chore menos vezes mas por períodos relativamente prolongados. A segunda poderá registar mais tempo de choro que a primeira apesar de ter chorado menos vezes. Será o observador mais influenciado pela frequência do que pelo tempo de duração? Se assim fosse a avaliação de choro feita pelos observadores devia estar mais próxima da frequência de episódios de choro ocorridos do que do tempo de choro registado. Este facto, contudo não se verifica, as avaliações de choro feitas pelos observadores (se acham que as crianças choraram muito ou pouco) está mais associada ao tempo de choro ocorrido do que ao número de vezes que a criança chorou (.64, .60 e .24 para a correlação da avaliação do choro feita pelos observadores com o tempo total de choro durante a observação, contra .54, .51 e .21 para a correlação entre a avaliação de choro feita pelos observadores e a frequência ou número de vezes que as crianças choraram. A correlação entre o tempo total de choro e a frequência de choro é de resto muito forte (.86, 68, e .96, no nosso estudo). Portanto a relação entre frequência e duração de choro não é perfeita mas tende a ser muito estreita.

Em segundo lugar o tempo de choro utilizado nos cálculos corresponde a uma frequência relativa porque dividimos o tempo de choro verificado pelo tempo total de observação para corrigir a desigualdade verificada nos tempos de observação de criança para criança. Ora, poderá acontecer que o observador humano atribua o mesmo valor de choro, a mesma frequência, tanto a uma criança que tenha chorado 10 vezes em 40 minutos, como a outra que tenha chorado 10 vezes em 75 minutos. Isto é, tenda a ser influenciado pelo valor absoluto e não "desconte" ou entre em linha de conta com o tempo total de observação. Se assim for, é possível que a avaliação feita pelos observadores esteja mais correlacionada com o tempo total de choro do que com a frequência relativa de choro por total de tempo de observação. Este facto não se confirma na nossa amostra sendo as correlações num e outro caso muito semelhantes (.64; .60 e .24 no 1°, 3° e 6° mês para o tempo total de choro contra .59, .63 e .35 para a frequência relativa).

A avaliação do observador também poderá depender da distribuição dos episódios de choro pelo tempo total de observação. Será que uma criança que chore 10 vezes no final de um período de observação de 60 minutos causa maior sensação de choro que uma criança que chore 10 vezes (supondo que a duração real de choro era a mesma) repartidas ao longo da hora de observação?

Finalmente, não acreditamos que o observador humano seja suficientemente eficaz para distingir entre frequências do tipo 12, 16 ou 18 vezes ou capaz de distingir entre tempos totais de choro de 45, 60 ou 75 segundos. Existem portanto limitações no observador humano que justificam as correlações apenas moderadas entre as avaliações de choro e o tempo de choro medido por gravador.

Sendo assim, resta perceber porque é que existe uma correlação maior no 1° e 3° mês do que no 6° mês. As crianças podem ser mais parecidas aos seis meses, apresentando a maioria delas escassos episódios de choro.

(10) ANÁLISE DA ESCALA DE IMPACIÊNCIA/IRRITABILIDADE: CONSISTÊNCIA INTERNA

A escala de irritabilidade, que aparece no anexo B, apresenta Alphas de Cronbach elevados, (.84); (.85); e (.87) respectivamente no 1, 3, e 6 mês.

(11) ANÁLISE DA ESCALA DE IMPACIÊNCIA/IRRITABILIDADE: ESTABILIDADE TEMPORAL

Como se pode constatar (quadro 24) as correlações teste-reteste encontradas são elevadas. A correlação encontrada por Engfer (1986) não é comparável às encontradas nestes estudos porque o intervalo de tempo é muito maior. Para um intervalo de 14 meses aquela correlação é ainda substancial.

Quadro nº 24

Estabilidade temporal para a variável irritabilidade

Engfer (o reteste foi efectuado entre as avaliações do 4 e 18 mês) (n=43) .69
Pires (são comparados os resultados do 1 e 3 mês portanto o reteste foi efectuado cerca de 8/9 semanas após o teste; do 3 e 6 mês, reteste efectuado cerca de 3 meses depois; e do 1 para o 6 mês, cerca de 5 meses depois).
do 1 para o 3 mês .73 (n=57) do 3 para o 6 mês .83 (n=57) do 1 para o 6 mês .71 (n=57)

(12) ANÁLISE DA ESCALA DE IMPACIÊNCIA/IRRITABILIDADE: ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS

A primeira constatação que fazemos é que o valor médio da escala de irritabilidade é um valor baixo em todos os momentos de avaliação (ver quadro nº25). Na escala existem 11 itens e como cada item tem uma escala de 1 (irritabilidade mínima) a 4 (irritabilidade máxima), o total para cada sujeito poderia variar entre 11 e 44 com 27 como valor intermédio. Se a média varia entre 19 e 20 isso significa que a maioria das mães diz sentir-se entre pouco e moderadamente irritada.

As mães mais impacientes/irritadas são mães que perdem a calma por pequenas coisas, por vezes têm dificuldade em ser pacientes com os filhos, admitem ficar por vezes tensas e com vontade de gritar e abanar o bebé e que para elas ouvir o bebé chorar é um castigo; concordam que ficam aliviadas quando a criança dorme, admitem estar muitos dias à beira de um colapso e que por vezes eram capazes de começar a chorar quando a criança não se cala.

Como segunda constatação, verificamos que a média decresce do 1º para o 3º e do 3º para o 6º mês como se pode verificar pelo quadro nº 15. As diferenças são significativas entre o 1º e o 3º mês, $t(59)=2.40$, $sig=.019$; e entre o 1º e o 6º mês $t(56)=2.84$, $sig=.006$, e não significativa entre o 3º e 6 mês.

Quadro nº 25

Estatísticas descritivas da variável de irritabilidade nos três momentos de avaliação

Variável	Média	Des. Padr.	Mínimo	Máximo	N	nº itens
Irrita.1 M	20.52	4.56	11	31	60	11
Irrita. 3 M	19.50	4.17	11	26	60	11
Irrita. 6 M	19.16	4.56	11	30	57	11

(13) ANÁLISE DA ESCALA DE AUTO-EFICÁCIA MATERNA: CONSISTÊNCIA INTERNA

A análise da consistência interna para a escala de auto-eficácia revela os seguintes resultados. .76; .79; .81; .79 respectivamente para o pré-parto, 1º, 3º, e 6º mês. Os valores da consistência interna são aceitáveis e moderados em todos os momentos de avaliação e ligeiramente superiores ao obtido por Gibaud-Walston (1977) no estudo original.

(14) ANÁLISE DA ESCALA DE AUTO-EFICÁCIA MATERNA: ESTABILIDADE TEMPORAL

Como se pode constatar no quadro nº 26 as correlações teste-reteste do 1º ao 6º mês são entre moderadas (.63) e elevadas (.70 e .77). O mesmo já não acontece com as correlações que envolvem os valores pré-parto. Parece que existe uma estabilidade relativa a partir do 1º mês nas posições relativas dos sujeitos entre si. Mas do pré-parto

para o 1° mês não existe estabilidade ou é muito baixa. Uma explicação alternativa reside em admitir que os valores de associação mais baixos resultam das diferenças entre o instrumento usado no pré-parto e nas avaliações posteriores. Ao avaliar-se o período pré-parto estamos a medir as expectativas de eficácia (como eu espero vir a ser ou fazer em contraste com aquilo que eu sou ou faço). Por enquanto, é difícil determinar ou destrinçar o efeito de uma diferença no instrumento e o efeito da diferença de conceitos.

Quadro n 26

Estabilidade temporal para a variável auto-eficácia materna

	Eficácia P-P	**Eficácia 1° M**	**Eficácia 3° M**	**Eficácia 6° M**
Eficácia P-P		.65**	.65**	.63**
Eficácia 1° M			.77**	.70**
Eficácia 3° M				.65**

(15) ANÁLISE DA ESCALA DE AUTO-EFICÁCIA MATERNA: ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS

A primeira constatação que fazemos é que o valor médio na escala de auto-eficácia é um valor entre moderado e alto em todos os momentos de avaliação (ver no quadro n° 27). Na escala existem 7 itens e como cada item tem uma escala de 1 (auto-eficácia mínima) e 5 (máxima auto-eficácia), o total para cada sujeito poderia variar entre 7 e 35 com 21 como valor intermédio. Se a média varia entre 24 e 27 isso significa que a maioria das mães diz sentir-se entre moderadamente e muito eficaz.

As mães com mais confiança nas suas capacidades são mães que dizem ter capacidades para resolver as dificuldades que surjam com a criança, têm a crença de ser um bom modelo de mãe, de serem uma mãe capaz, sentem-se familiarizadas com o papel maternal e acham-se boas mães.

Como segunda constatação verificamos que a média desce do fim do pré-parto para o 1° mês. Não é possível saber se esta descida resulta da pequena diferença existente entre o instrumento aplicado no pré-parto e posteriormente ou se corresponde ao impacto que tem a criança inicialmente na mãe, uma certa sobrecarga no 1° mês até regular o sono, alimentação etc. O valor da média aumenta do 1° para o 3° mês e volta a aumentar no 6° mês.

Quadro n° 27
Estatísticas descritivas da variável auto-eficácia nos quatro momentos de avaliação

	Média	**Des. Padr.**	**Mínimo**	**Máximo**	**N**	**itens**
Efic P-P	25.48	3.61	13	35	60	7
Efic 1° M	24.73	3.62	14	35	60	7
Efic 3° M	26.45	3.49	15	35	60	7
Efic 6° M	27.26	3.29	17	35	57	7

(16) RELAÇÃO ENTRE A PERCEPÇÃO DE TEMPERAMENTO E AS VARIÁVEIS SOCIO-FAMILIARES, GRAVIDEZ, PARTO E CARACTERÍSTICAS DO RECÉM-NASCIDO.

Foram analisadas as seguintes variáveis "demográficas": rendimento mensal do pai e da mãe, habilitações de ambos, n° de anos que estão casados, idade da mãe, o seu estatuto de emprego, quando recomeçou a trabalhar, e ainda, o tempo de gestação, o tipo de parto, o sexo da criança, o seu peso à nascença, e apgar aos 10 minutos.

Verificaram-se as seguintes relações significativas: 42 mães recomeçaram a trabalhar antes dos bebés fazerem 6 meses. A maioria recomeçou a trabalhar aos 3/4 meses, havendo algumas que recomeçaram aos 2 ou aos 5/6 meses. O momento em que recomeçaram a trabalhar está associado à sensação de Imprevisibilidade aos 3 meses ($r(43)=.39$, sig $<.01$). As mães que recomeçaram a trabalhar mais tarde aos 3 meses acham a criança mais imprevisível. Não existem diferenças entre as que recomeçaram a trabalhar até aos seis meses e aquelas que aos seis meses ainda não tinham recomeçado a trabalhar.

O peso à nascença também está relacionado negativamente com a Imprevisibilidade mas no 1 mês, $r(59) = -.32$, sig $< .01$. As crianças que nasceram com o peso mais baixo são descritas pelas mães como mais Imprevisíveis.

(17) RELAÇÃO ENTRE PERCEPÇÃO DE TEMPERAMENTO E COMPORTAMENTOS OBSERVADOS DO BEBÉ E DA MÃE

Os itens de comportamento estudados foram os seguintes: 5 do bebé - (1) estado de alerta; (2) frequência de choro; (3) de vocalizações positivas e de (4) sorrisos (5) tempo de choro (corresponde a uma frequência relativa - tempo total de choro obtido em gravação audio feita durante a visita às mães dividido pelo tempo total da visita); e 5 da mãe - (1) envolvimento físico; (2) afecto positivo; (3) sensibilidade para com o comportamento social do bebé; (4) adequação do seu comportamento aos ritmos do bebé; e (5) prontidão na resposta em situação de aflição.

Cada um destes comportamentos foi relacionado com as duas medidas de temperamento utilizadas por nós - Chorão/Difícil e Imprevisível/Difícil.

De todos estes comportamentos só um, a frequência de choro, se encontra relacionada com o temperamento Chorão/Dificil. Esta associação só é significativa no 1° mês. A correlação é positiva e de fraca intensidade r =.37. Isto é, as crianças consideradas mais choronas e difíceis pelas mães são consideradas também mais choronas pelos observadores (ver quadro n° 28 a 31).

Quadro n° 28

Correlação entre a percepção de temperamento "**Chorão/Difícil**" e os itens de comportamento do **bebé**

	Alert1M	Choro 1M	Vocali 1M	Sorriso 1M	T. Choro 1M
Chorão/D 1M	-.16	.37*	-.08	-.19	.18
	Alert3M	Choro 3M	Vocali 3M	Sorriso 3M	T. Choro 3M
Chorão/D 3M	-.07	-.18	-.11	-.05	.30
	Alert 6M	Choro 6M	Vocali 6M	Sorrisos 6M	T. Choro 6M
Chorão/D 6M	-.18	.03	-.26	-.10	.00

Quadro n° 29

Correlação entre a percepção de temperamento "**Imprevisível**" e os itens de comportamento do **bebé**

	Alerta 1M	Choro 1M	Vocali 1M	Sorriso 1M	T. Choro 1M
Imprevisív 1M	-.10	-.08	.03	-.18	.06

	Alert3M	Choro 3M	Vocali 3M	Sorriso 3M	T. Choro 3M
Imprevisív 3M	-.07	-.19	-.10	-.07	-.21

	Alert 6M	Choro 6M	Vocali 6M	Sorrisos 6M	T. Choro 6M
Imprevisív 6M	-.16	.13	.07	.14	.20

Quadro nº 30

Correlação entre a percepção de temperamento **Chorão/Difícil** e os itens de comportamento da **mãe**

	E/P 1M	Afec + 1M	RCSP 1M	Ritmos 1M	R. Choro 1M
Chorão/D 1M	-.14	-.25	-.04	-.30	.14

	E/P 3M	Afec + 3M	RCSP 3M	Ritmos 3M	R. Choro 3M
Chorão/D 3M	.12	.01	-.00	.13	.10

	E/P 6M	Afec + 6M	RCSP 6M	Ritmos 6M	R. Choro 6M
Chorão/D 6M	-.14	-.02	-.09	-.06	-.12

Quadro nº 31

Correlação entre a percepção de temperamento "**Imprevisível**" e os itens de comportamento da **mãe**

	E/P 1M	Afec + 1M	RCSP 1M	Ritmos 1M	R. Choro 1M
Imprevisív.1M	-.15	-.22	.03	-.05	-.00

	E/P 3M	Afec + 3M	RCSP 3M	Ritmos 3M	R. Choro 3M
Imprevisív 3M	-.16	-.10	-.07	-.19	-.21

	E/P 6M	Afec + 6M	RCSP 6M	Ritmos 6M	R. Choro 6M
Imprevisív 6M	-.10	.11	-.10	-.25	.11

(18) RELAÇÃO ENTRE A PERCEPÇÃO DE TEMPERAMENTO E A IMPACIÊNCIA/IRRITABILIDADE MATERNA

Da correlação encontrada entre as duas variáveis verificamos que existem vários valores significativos. As correlações são sempre positivas e tendem a ser entre baixa r = .24 e moderada r = .51 entre a Impaciência/Irritabilidade e a escala Chorão/Difícil e baixa (entre .19 e .41) para a relação entre a Irritabilidade e a escala Imprevisível (ver quadro nº 32). Conclui-se que existe uma relação entre os dois aspectos, quanto mais irritadas e impacientes são as mães mais elas tendem a achar os seus filhos chorões/difíceis e imprevisíveis. No entanto os valores significativos restringem-se quase apenas às medidas concorrentes.

Quadro nº 32

Correlação entre a escala Chorão/Difícil e Imprevisível e a escala de Irritabilidade/Impaciência

	Chorão/Difícil 1 M	**Chorão/Difícil 3 M**	**Chorão/Difícil 6 M**
Irritabilidade 1 M	.51**	.38*	.39*
Irritabilidade 3 M	.27	.28	.31
Irritabilidade 6 M	.31	.24	.37*
	Imprevisível 1º M	**Imprevisível 3º M**	**Imprevisível 6º M**
Irritabilidade 1 M	.33	.31	.33
Irritabilidade 3 M	.27	.41**	.36*
Irritabilidade 6 M	.19	.34	.41*

1-tailed Signif: * - .01 ** - .001 (correlação de Pearson)

Estes cálculos não nos permitem, por agora, concluir se esta relação é independente do efeito de terceiras variáveis, e qual é o sentido de causalidade mais importante, isto é, se

é o facto da mãe ser irritável que conduz a que ela veja a criança como difícil, ou se é, sobretudo, o facto da mãe a achar difícil que faz com que ela tenda a irritar-se.

É possível que a criança que é difícil porque é chorona, chora alto, e tem variações frequentes e rápidas de humor, e que é difícil porque nunca se sabe quando é que vai precisar de comer, de mudar de fralda, ou o que é que a incomoda quando chora e que ainda é difícil de acalmar, acabe por fazer com que a mãe fique impaciente/irritada, isto é, perca a calma, fique tensa e com vontade de gritar à criança, impaciente e se sinta exausta. Por outro lado, é possível que as mães que por características próprias de "personalidade", por consequência do ajustamento e exigências do período pós-parto, ou por conflito com pessoas da sua rede social, se apresentem com menos paciência para o bebé, mais tensa, com menos calma e mais exausta, tenda sob esse humor negativo a estar susceptível e achar com facilidade que a criança chora de mais, a não suportar o choro da criança e achar que ela nunca mais se cala, e não ter paciência para ver o que incomoda o bebé, isto é, percepcionarem-na com temperamento chorão e imprevisível.

(19) RELAÇÃO ENTRE A PERCEPÇÃO DE TEMPERAMENTO E A AUTO-EFICÁCIA MATERNA

Da correlação encontrada entre as variáveis de temperamento e a auto-eficácia materna verificamos que existem vários valores significativos. As correlações são sempre negativas como seria de esperar e tendem a ser baixas (entre .32 .47) entre a escala Chorão/Difícil e a Auto-eficácia materna e entre baixas (.31) e moderadas (.61) entre a escala de Imprevisibilidade e a Auto-eficácia materna (ver quadro nº 35). Conclui-se que existe uma relação entre os dois aspectos, quanto mais confiantes ou eficazes se sentem as mães menos chorões/difíceis e imprevisíveis acham os filhos.

Quadro nº 33

Correlação entre as escalas Chorão/Difícil e Imprevisível e a escala de auto-eficácia materna

	Chorão/Difícil 1º M	Chorão/Difícil 3º M	Chorão/Difícil 6º M
Efic. P-P	-.47**	-.32	-.33
Efic. 1º M	-.44**	-.36*	-.38*
Efic. 3º M	-.43**	-.41*	-.37*
Efic. 6º M	-.36*	-.32	-.47**
	Imprevisível 1º M	**Imprevisível 3º M**	**Imprevisível 6º M**
Efic. P-P	-.32	-.35*	-.31
Efic. 1º M	-.40*	-.42**	-. 37*
Efic. 3º M	-.47**	-. 51**	-.43**
Efic. 6º M	-.35*	-.42*	-.61**

1 tailed Signif: * - .01 ** - .001 (correlação de Pearson)

Os resultados vão no mesmo sentido dos obtidos por Halpern e colaboradores quando usaram os mesmos instrumentos em crianças aos 3 meses (Halpern, Anders, Coll, & Hua, 1994). No entanto os valores de associação são mais elevados. Naquele estudo verificaram que as mães que se consideravam mais auto-eficazes consideravam os seus filhos menos chorões/difíceis (r = -.62), menos fáceis de adaptar, e menos previsíveis (r = -.47).

(20) CORRELATOS DA PERCEPÇÃO DE TEMPERAMENTO NO 1º 3º E 6º MÊS

Quais são as variáveis que melhor predizem ou explicam os valores da percepção de temperamento que a mãe tem da criança nos vários momentos de avaliação?

Foi utilizada a Análise da Regressão Múltipla para determinar o valor explicativo das várias variáveis. As dimensões Chorão/Difícil e Imprevisível são utilizadas como

variáveis dependentes e analisadas uma de cada vez. Como variáveis independentes ou preditoras da percepção Chorão/Difícil foram usadas as seguintes variáveis: "Imprevisibilidade"; "Auto-eficácia materna"; "Impaciência/Irritabilidade materna"; e ainda a "Frequência de choro" e a "Adequação dos comportamentos da mãe aos ritmos da criança". Quando a variável "Imprevisibilidade" é usada como variável dependente ela é substituída pela variável "Chorão/Difícil" na lista das variáveis preditoras.

De todos os itens de comportamento da criança e da mãe foram escolhidos apenas dois (frequência de choro e adequação do comportamento da mãe aos ritmos do bebé) porque são aqueles que têm valores de correlação mais altos com as variáveis dependentes (ver quadros 28 a 31). Não seria possível utilizar todos os itens de comportamento como preditores porque as estimações da Análise de Regressão seriam provavelmente instáveis devido ao número excessivo de variáveis independentes para o número de sujeitos existentes. Como os sujeitos são cerca de 60 o número de variáveis independentes não deve exceder as 6 (10 sujeitos ou observações por variável). Também se optou por usar as mesmas duas variáveis de comportamento mencionadas em todos os momentos de avaliação porque isso nos permite uma comparação do valor explicativo das várias variáveis no 1°, 3° e 6° mês.

Chorão/Difícil no 1° mês

A análise do quadro nº 34 evidenciando a análise de regressão mostra que as variáveis que entram na equação são a "impaciência/irritabilidade materna", a sensação de "bebé imprevisível", e a "frequência com que o bebé chora". Em conjunto estas três variáveis explicam 39% da variância da percepção de chorão difícil que a mãe faz da criança.

Quadro nº 34

Análise de regressão múltipla para as variáveis que predizem a percepção de temperamento **Chorão/Difícil** no 1º mês (variáveis independentes: "frequência de choro", "adequação aos ritmos do bebé", "Imprevisibilidade", "irritabilidade materna", e "auto-eficácia materna").

Ord. de entrada, variáv.	R múltiplo	R^2	F	p	Beta
1- "Irritabilidade"	.51	.25	20.22	<.001	.33
2- "Imprevisibilidade"	.57	.31	13.95	<.001	.34
3- "Frequência Choro"	.65	.39	13.70	<.001	.32

Em síntese, as variáveis que, em conjunto, melhor explicam a percepção de choro/dificuldade são a irritabilidade da mãe, a sensação de imprevisibilidade que o bebé lhe proporciona e o choro do bebé.

Chorão/Difícil no 3º mês

A análise do quadro nº 35 evidenciando a análise de regressão mostra que a única variável que entra na equação é a "sensação de auto-eficácia materna". Sozinha, esta variável explica 14% da variância da percepção de chorão/difícil que a mãe faz da criança.

Quadro nº 35

Análise de regressão múltipla para as variáveis que predizem a percepção de temperamento **Chorão/Difícil** no 3º mês (variáveis independentes: "frequência de choro", "ritmos", "Imprevisibilidade", "irritabilidade", e "auto-eficácia").

Ord. de entrada, variáv.	R múltiplo	R^2	F	p	Beta
1- "Auto-eficácia"	.39	.15	10.64	<.01	-.39

Em síntese, a única variável que tem algum valor explicativo, mesmo assim baixo, é a sensação de eficácia materna.

Chorão Difícil no 6º mês

A análise do quadro nº 36 evidenciando a análise de regressão mostra que a única variável que entra na equação é a "sensação de auto-eficácia materna". Sozinha, esta variável explica 19% da variância da percepção de chorão difícil que a mãe faz da criança.

Quadro nº 36

Análise de regressão múltipla para as variáveis que predizem a percepção de temperamento **Chorão/Difícil** no 6º mês (variáveis independentes: "frequência de choro", "ritmos", "Imprevisibilidade", "irritabilidade", e "auto-eficácia").

Ord. de entrada, variáv.	R múltiplo	R^2	F	p	Beta
1- "Auto-eficácia"	.46	.19	14.41	<.001	-.46

Em síntese, tal como aos três meses, é a variável eficácia materna que tem uma contribuição mais importante para a percepção chorão/difícil.

Imprevisível no 1º mês

A análise do quadro nº 37 evidenciando a análise de regressão mostra que as variáveis que entram na equação são a "a sensação de bebé Chorão/Difícil", a "frequência com

que o bebé chora" e a "auto-eficácia". Em conjunto estas três variáveis explicam 27% da variância da percepção de Imprevisibilidade que a mãe tem da criança.

Quadro nº 37

Análise de regressão múltipla para as variáveis que predizem a percepção de temperamento **Imprevisível** no 1º mês (variáveis independentes: "frequência de choro", "ritmos", "Chorão/Difícil", "irritabilidade", e "auto-eficácia").

Ord. de entrada, variáv.	**R múltiplo**	**R^2**	**F**	**p**	**Beta**
1- "Chorão/Difícil"	.42	.16	12.16	<.001	.40
2- "Frequência choro"	.49	.21	8.87	<.001	-.28
3- "Auto-eficácia"	.55	.27	8.07	<.001	-.28

Uma vez que o **peso à nascença** apresentava uma associação bivariada significativa com a variável dependente (r =.37*), resolvemos repetir esta análise efectuando agora uma análise de regressão múltipla hierárquica em que o efeito da variável "peso" é avaliado, e o efeito das outras variáveis independentes é avaliado também após controle do efeito da variável peso (quadro nº 38). Conclui-se que após o controle do efeito da variável peso as variáveis independentes mantêm-se significativamente associadas à variável dependente, aumentando a variância explicada de 12% para 33%, um aumento de 21%.

Quadro nº 38

Análise de regressão múltipla hierárquica para as variáveis que predizem a percepção de temperamento **Imprevisível** no 1º mês (variáveis independentes: "frequência de choro", "ritmos", "Chorão/Difícil", "irritabilidade", e "auto-eficácia", depois de controlar o efeito da variável "peso").

Ordem de entrada, variável	**R múltiplo**	**R^2**	**F**	**p**	**Beta**
step1- "Peso à nascença"	.37	.12	9.16	<.01	-.37
step2-	.62	.33	5.51	<.001	
"peso à nascença"					-.29
"Chorão/D "					.29
"Auto-eficácia"					-.33
"Frequência choro"					-.23

Em síntese, as variáveis que, em conjunto, melhor explicam a percepção de Imprevisibilidade que a mãe sente em relação ao bebé são o peso do bebé à nascença, a percepção de choro/dificuldade, a sensação de eficácia da mãe e o choro da criança. Estas três últimas têm uma contribuição significativa aumentando 21% na variância explicada.

Imprevisível no 3º mês

A análise do quadro nº 39 evidenciando a análise de regressão mostra que as variáveis que entram na equação são a "auto-eficácia materna" a "irritabilidade materna" e a "frequência com que o bebé chora". Em conjunto estas três variáveis explicam 33% da variância da percepção de Imprevisibilidade que a mãe tem da criança.

Quadro nº 39

Análise de regressão múltipla para as varáveis que predizem a percepção de temperamento **Imprevisível** no 3º mês (variáveis independentes: "frequência de choro", "ritmos", "Chorão/Difícil", "irritabilidade", e "auto-eficácia").

Ord. de entrada, variáv.	R múltiplo	R^2	F	p	Beta
1- "Auto-eficácia"	.52	.26	21.30	<.001	.-.40
2- "Irritabilidade"	.57	.30	13.39	<.001	.29
3- "Frequência choro"	.61	.33	10.84	<.001	-.22

Uma vez que o **momento em que a mãe recomeça a trabalhar** apresentava uma associação bivariada significativa com a variável dependente r(43) =.39*, devíamos repetir esta análise efectuando agora uma análise de regressão múltipla hierárquica em que o efeito das variáveis independentes fosse avaliado após controle do efeito da variável "momento em que recomeçou a trabalhar". No entanto, resolvemos não efectuar este cálculo. De todas as mães da amostra apenas 43 recomeçaram a trabalhar antes dos 6 meses. Isto é, algumas não tinham recomeçado a trabalhar e tencionavam fazê-lo apenas quando a criança fizesse 12 ou 24 meses. Sendo assim, torna-se impossível efectuar a regressão hierárquica com as 60 mães e efectuá-la apenas com 43 seria desvirtuar os cálculos.

Em síntese, as variáveis que, em conjunto, melhor explicam a percepção de Imprevisibilidade da mãe são a sensação de eficácia da mãe, a sua irritabilidade e o choro da criança.

Imprevisível no 6º mês

A análise do quadro nº 40 evidenciando a análise de regressão mostra que a única variável que entra na equação é a "sensação de auto-eficácia materna". Sozinha, esta variável explica 37% da variância da percepção de imprevisibilidade que a mãe tem da criança.

Quadro nº 40

Análise de regressão múltipla para as variáveis que predizem a percepção de temperamento **Imprevisível** no 6º mês (variáveis independentes: "frequência de choro", "ritmos", "Chorão/Dificil", "irritabilidade", e "auto-eficácia").

Ord. de entrada, variáv.	**R múltiplo**	**R^2**	**F**	**p**	**Beta**
1- "Auto-eficácia"	.61	.37	33.32	<.001	-.61

Em síntese, a sensação de eficácia materna é a única variável que aos seis meses tem uma contribuição independente para a variável Imprevisibilidade. Esta associação é bastante significativa.

CAPÍTULO IX

DISCUSSÃO

Antes de mais queremos recordar que utilizámos uma avaliação de temperamento através de questionários preenchidos pelas mães. De acordo com este processo o temperamento deve ser encarado como uma percepção. Esta percepção é o produto de três factores: características próprias da criança, a subjectividade da mãe e erro de medida (Bates, 1980); e não deve ser equacionada como projecção enviesada por parte dos pais (Wolke & St. James-Roberts, 1986).

(1) SOBRE A ESTRUTURA DO TEMPERAMENTO

A primeira constatação que fazemos é que é possível construir questionários de temperamento para os primeiros meses, nomeadamente 1 e 3 meses, com boas características psicométricas, preenchendo uma lacuna que existe entre os instrumentos já existentes para o período neonatal e para os 4-6 meses. A utilização de alguns itens, como o item 16 - Até que ponto o seu filho sorri e faz sons de satisfação? -, no 1° mês é contudo contestável porque o significado das respostas das mães a esta questão têm por enquanto um significado incerto. É certo que alguns bebés sorriem às vezes com esta idade, uma das crianças observadas por nós no estudo piloto sorriu mesmo mais de meia dúzia de vezes durante uma hora de observação, mas a maioria raramente sorri com um mês.

A Análise de Componentes Principais dos itens de temperamento proporciona nos três momentos de avaliação, 1°, 3° e 6° mês, 4 factores. Os três primeiros são idênticos do primeiro ao sexto mês apesar de não serem coincidentes. Dois dos factores relacionam-se com dificuldade mas num é predominante o choro (chorão/difícil) e noutro a previsibilidade do bebé numa série de actividades ou cuidados que a mãe tem de prestar (Imprevisível/difícil). O terceiro factor relaciona emoções positivas e actividade. O quarto factor não é interpretável e inclui apenas 1 ou dois itens no máximo. Apesar de se poder identificar os mesmos factores nos três momentos de avaliação existem algumas

alterações de cada momento de avaliação para o seguinte. Existe portanto uma descontinuidade da estrutura de temperamento. Um item pode estar fortemente correlacionado com outros numa determinada idade mas noutra idade diferente estar pouco ou nada correlacionado com esses itens ou estar mais correlacionado com itens de outra dimensão comportamental. O mesmo foi encontrado no estudo de Shwalb e colaboradores (Shwalb, Shwalb & Shoji, 1994) em que os dados do JTQ indicam uma continuidade nas dimensões escolhidas pelas mães para descrever a estrutura das percepções maternas e uma descontinuidade nos itens que compõem essas dimensões. O nosso estudo revela que existem alterações do 1° para o 3° e do 3° para o 6° mês. Alguns itens parecem "migrar" de um factor para outro através do 1°, 3° e 6° mês. Salientamos aqui uma dessas alterações. O nível de actividade (item 15), aparece no 1° mês associado ao choro/dificuldade. Isto significa que as crianças que são mais activas choram mais e são avaliadas como mais difíceis. A partir do 3° mês o nível de actividade passa a estar menos associado a este factor e mais associado ao factor Encantador vs. Aborrecido (ou Apático). Isto é, as crianças mais activas têm ao mesmo tempo um humor mais alegre e são mais sorridentes. Aos 6 meses a relação do nível de actividade com este factor torna-se ainda mais forte e a relação com o factor chorão/difícil mais fraca. Este resultado poderá ser explicado do seguinte modo. Rothbart (1989) refere que no período neonatal a expressão de perturbação ou "distress" (de que o choro é a principal manifestação) está relacionada positivamente com o nível de actividade. Ao fim do 1° mês estes dois aspectos poderão ainda estar bastante associados. Sendo assim, as crianças mais activas atingem com mais frequência estados de sobreexcitarão e necessitam portanto mais vezes da intervenção da mãe para se acalmarem. Por outro lado, os bebés com um mês quando choram mexem os braços e a criança que chora muito pode dar à mãe a ideia de que é muito mexida. No 3° mês a criança já agita os braços e pernas em contextos associados a afecto positivo, por exemplo, em resposta ao aparecimento de um adulto, e aos 6 meses já pode estender os braços para ser pegado (além de se virar na cama, começar a sentar-se e a pôr-se de gatas). Estes resultados alertam-nos para a necessidade de explorar em maior profundidade o que significa para

as mães a criança ser activa e para a necessidade de prestar mais atenção ao desenvolvimento da criança para compreender o temperamento; como refere Engfer (1986) estas alterações ao longo do tempo ocorrem consoante as tarefas de desenvolvimento associadas a cada fase da relação mãe/criança.

Comparação com os resultados de Bates e Kohnstamm.

Como síntese, referimos que a Análise de Componentes Principais evidencia no nosso estudo um conjunto de 3 dimensões semelhantes às encontradas por Bates e por Kohnstamm (temos de recordar que neste estudo são explorados apenas 17 itens dos 24 da escala original de Bates). As três dimensões globais estão relacionadas com o Choro/dificuldade, Imprevisibilidade/dificuldade e Humor Sério vs. Alegre mais Actividade. Assim as semelhanças são mais salientes que as diferenças entre os três países, E.U.A., Holanda e Portugal.

Em todo o caso existem diferenças entre a solução encontrada neste estudo e nos outros dois estudos. Por exemplo, alguns itens aparecem com maior peso no factor 1 no estudo A do que no estudo B. Tanto neste estudo como no estudo de Bates aparece um factor Encantador vs. Aborrecido (ou Apático como Bates o designou) que inclui o nível de actividade (item 15) e a expressão de afectos positivos. No entanto, a expressão de afectos, em vez de ser representada, como no estudo de Bates, pelo item 23, "o seu bebé fica excitado, alegre, quando as pessoas brincam ou falam com ele?", é representada pelos itens 16, (frequência do sorriso) e item 17, (humor alegre vs. sério).

(2) SOBRE A ESTABILIDADE TEMPORAL DO TEMPERAMENTO

Comportamento observado

Em termos de comportamentos observados e avaliados pelos observadores apenas o sorriso do bebé (assim como o afecto positivo da mãe) mantém alguma **estabilidade temporal** do 1° para o 3° mês.

Dimensões de temperamento avaliado pelas mães

A estabilidade temporal encontrada para as duas dimensões de temperamento estudadas tende a ser entre .55 e .70. Os valores são portanto superiores aos encontrados para a maioria dos estudos de dimensões de temperamento (.30 - .40). É contudo difícil dizer se os nossos resultados se devem ao curto intervalo de tempo utilizado (5 meses no máximo, entre o 1° e 6° mês), se ao facto das medidas de se terem concentrado nos primeiros seis meses, ou à especificidade da amostra (70% têm um curso superior ou médio).

Pensamos que estabilidade moderada encontrada neste estudo, contrariamente aos valores mais baixos doutros estudos, resulta do pequeno intervalo de tempo entre os vários momentos de medição e sobretudo da especificidade e homogeneidade da amostra. O facto de ser uma amostra com elevados recursos económicos leva-nos a pensar em pessoas que tiveram a possibilidade de adequar as exigências e expectativas do contexto às necessidades e características das crianças. Referimo-nos por exemplo, à possibilidade de terem amas ou outras pessoas em casa que ajudem a cuidar da criança. Isso garante um ajustamento entre as características do contexto e as características temperamentais da criança aumentado a estabilidade das características da criança como prevê o modelo do "melhor ajustamento". Por exemplo, maior imprevisibilidade devido a baixa ritmicidade da criança no sono ou alimentação não constitui um problema de maior e não suscita reacções negativas da mãe e tentativas para modificar o comportamento se a mãe receber ajuda de outras pessoas para lidar com a situação.

A elevada escolaridade das mães também pode estar associada a atitudes educativas mais flexíveis levando as mães a ajustarem-se aos ritmos e características das crianças. Se não houver uma acção importante e persistente que tente contrariar a característica da criança essa mesma característica tem menos possibilidade de se modificar ao longo do tempo. Tende a manter maior estabilidade. No estudo NYLS, a baixa ritmicidade das crianças manteve-se estável ao longo do tempo apenas no grupo de crianças Porto Riquenhas para cujos pais (de classes baixas) permissivos esta ritmicidade não constituía um problema. No grupo de crianças brancas da classe média, a baixa ritmicidade, em especial os ciclos de sono/vigília, resultava em problemas para os pais (relatos de stress, ansiedade e irritabilidade), baixa estabilidade temporal e constituía um bom preditor de problemas de comportamento (Chess & Thomas, 1984, citados em Lerner, 1993).

Por outro lado, temos de nos lembrar que apesar de moderados os valores de estabilidade não são elevados.

Uma das razões prende-se com a alteração de estrutura das dimensões de temperamento. Como se discutiu anteriormente as dimensões de temperamento sofreram algumas mudanças de estrutura e isso afecta a estabilidade temporal e aponta para a necessidade de explorar a baixa estabilidade temporal de algumas dimensões de temperamento como efeitos do desenvolvimento. Por exemplo, verificámos que alguns itens estão bastante associados a um factor no primeiro mês para aos 3 meses já terem uma associação mais fraca com esse factor. Este facto tem reflexos sobre a estabilidade temporal

A alteração de estrutura implica a comparação de conjuntos de itens diferentes. Como previámos a estabilidade temporal entre duas medidas tomadas em idades diferentes tende a ser mais alta (cerca de 10 a 15 pontos mais alta) se utilizarmos um conjunto de itens idêntico nos dois momentos, e menor se os itens avaliados num e noutro momento não forem exactamente os mesmos. Os valores de correlação neste caso passam a ser

maiores, mesmo bastante elevados (.82, .80, .76) no caso da dimensão Chorão/Difícil porque a escala contêm um maior número de itens (6 itens contra 2 ou 3 da escala Imprevisível). Portanto podemos responder afirmativamente a uma das questões levantas pelos teóricos do temperamento. Uma das razões da baixa estabilidade temporal das medidas de temperamento reside no facto de não se utilizarem os mesmos itens nos dois momentos de avaliação.

Em todo o caso, torna-se impossível prever o valor de temperamento para uma dada dimensão aos seis meses exclusivamente através do valor dessa mesma dimensão no primeiro mês porque existem uma série de factores que concorrem para esse resultado. Como referimos anteriormente, uma característica temperamental de uma criança num dado momento é o resultado da interacção dessa característica com outras características temperamentais e não temperamentais da criança, e as respostas dos pais num sistema dinâmico. Os vários elementos deste sistema não têm o mesmo peso de díade para díade e ao longo do tempo. O curso de determinada dimensão temperamental de uma criança não é facilmente previsto porque depende das qualidades das outras dimensões temperamentais da criança e das respostas do contexto social a que a criança está sujeita.

(3) SOBRE OS DADOS DESCRITIVOS

Quanto aos dados descritivos das dimensões de temperamento, eles indicam-nos que a sensação de dificuldade/choro e de dificuldade/imprevisibilidade diminuem do 1° para o 3° e do 3° para o 6° mês. Isto está de acordo com os resultados de Bates, Freeland e Lounsbury (1979) e de Kohnstamm (1984) encontrados em idades semelhantes.

Se conjugarmos estes dados com o facto de as crianças a partir dos 6 meses, e de acordo com os dados de Kohnstamm e de Bates, serem avaliadas progressivamente como mais difíceis (Kohnstamm fez avaliações aos 3, 6, 9, 12, e 15 meses, e no estudo de Bates os valores de Choro/dificuldade também são mais altos aos 12 meses do que aos 6), conclui-se que a percepção de dificuldade da mãe sofre a seguinte evolução: Diminui do 1 para o 6 mês para depois voltar a aumentar. Esta diminuição encontrada neste estudo pode corresponder a um dos três factores que passamos a descrever e às suas combinações. (1) Ao facto de as crianças inicialmente chorarem mais. Os bebés vão chorando progressivamente menos ao longo dos primeiros meses. (2) Ao facto de as mães conseguirem um ajustamento passados o primeiro ou primeiros meses e posteriormente, a partir do 6 mês ou talvez principalmente a partir do momento em que a criança começa a andar a criança ser muito mais activa e mais solicitadora e portanto produzir uma sensação de maior dificuldade porque surgem muito mais situações em que ela chora por querer coisas que a mãe não está interessada ou não pode satisfazer. Além disso, nesta idade começa a ser mais difícil convencê-la ou dissuadi-la e portanto é mais difícil calá-la. (3) Os resultados espelharem o efeito de uma amostra específica. Isto é, poderá haver no conjunto da população um aumento progressivo, pelo menos depois dos 3 meses, mas em algumas mães, sobretudo mais velhas e com mais escolaridade (como as que utilizámos como amostra), a sensação de dificuldade diminuir do 1 para o 6 mês.

Em suma, a sensação de dificuldade diminui nos primeiros meses e aumenta a partir da segunda metade do primeiro ano. Estamos em crer que a explicação para essa variação poderá estar associada tanto à adaptação inicial da mãe ao bebé, como ao padrão de desenvolvimento de alguns comportamentos como o choro (diminui) e a actividade

motora (aumenta). Assim, a percepção de dificuldade da mãe estaria associada a aspectos diferentes ao longo do desenvolvimento da criança.

(4) RELAÇÃO ENTRE OS ITENS DE COMPORTAMENTO ENTRE SI

itens de comportamento do bebé e da mãe

Existem poucas associações significativas entre comportamentos da criança e da mãe no primeiro mês. São ainda mais escassas no terceiro mês e quase inexistentes no sexto mês. As associações que se repetem em mais de um momento de avaliação são: Afecto positivo da mãe e as vocalizações positivas da criança; resposta da mãe ao comportamento social positivo e vocalizações positivas do bebé; e resposta da mãe ao comportamento social positivo e estado de alerta do bebé.

As associações diacrónicas também são inexistentes.

Observou-se que os valores elevados de choro não estão necessariamente associados a valores baixos de sorriso e de vocalizações positivas, assim como valores baixos de choro não estão necessariamente associados a valores altos de sorriso e vocalizações positivas. A constatação que se pode fazer é que, segundo a avaliação dos observadores ser chorão é um aspecto independente de ser sorridente e palrador. Isto aponta para o facto de o afecto positivo e negativo da criança não serem pólos opostos da mesma dimensão mas sim para dimensões distintas com factores etiológicos também distintos. Quanto a este aspecto admitimos que o afecto negativo é desencadeado pela não satisfação das necessidades da criança, nomeadamente ajudar o bebé a regular os processos biológicos como o sono, e a modelação dos estados incluindo acalmá-lo quando está demasiado excitado, e a interferência ou intrusão em actividades interessantes para a criança. Por outro lado, o afecto positivo resultaria da apresentação

de afecto positivo por parte dos pais nomeadamente em resposta a inícios da criança e em especial de trocas afectivas positivas em situação de face a face a partir dos dois meses e meio. Nesta perspectiva o afecto positivo do bebé deveria aparecer associado a emocionalidade positiva da mãe e à sensibilidade dela para o comportamento social positivo do bebé e o afecto negativo do bebé associar-se à adequação do comportamento da mãe aos ritmos do bebé, afecto negativo, e comportamento restritivo e intrusivo.

De facto as vocalizações positivas do bebé apareceram associadas no 1°, 3°, e 6° mês ao afecto positivo da mãe e associado à sensibilidade da mãe para o comportamento social positivo do bebé no 1° e 3° mês. O sorriso não revelou associações significativas com os comportamentos da mãe.

Quanto ao afecto negativo do bebé, o choro, aparece de facto associado de modo bastante forte à adequação dos comportamentos da mãe aos ritmos do bebé mas só no 1° mês. As mães das crianças que choraram mais durante a observação foram consideradas menos adequadas pelos observadores na maneira de responder às necessidades e ritmos dos bebés. Isto pode levar-nos a pensar que utilizaram estratégias menos eficazes e mais hesitantes não conseguindo interromper rapidamente o choro da criança. O afecto negativo da mãe e comportamento intrusivo não foram analisados.

O choro aparece ainda associado positivamente ao envolvimento físico e proximidade aos 6 meses. Quanto mais envolvidas e próximas são as mães aos 6 meses mais choronas são as crianças. Este resultado pode ter duas explicações, ou existem crianças mais choronas que exigem ao 6 meses que a mãe ainda seja próxima, ou as mães que mantêm uma atitude de grande proximidade até tão tarde tornam as suas crianças mimadas e choronas.

Estes resultados têm de ser encarados com cautela porque poderá haver um efeito de halo uma vez que o observador avaliou a mãe em todos os itens.

(5) RELAÇÃO ENTRE A PERCEPÇÃO DE TEMPERAMENTO E OS COMPORTAMENTOS

Verificou-se uma associação significativa no 1° mês. A percepção Chorão/Difícil está relacionada com a **frequência de choro** da criança registada pelos observadores. As crianças que são consideradas mais Choronas/Difíceis pelas mães (inquietam-se facilmente, choram alto, mexem-se muito, têm variações rápidas ou frequentes de humor e causam uma sensação de dificuldade), são ao mesmo tempo as que são consideradas mais choronas pelos observadores. Nenhum outro item de comportamento está associado ao temperamento.

Porque é que se encontra uma relação deste tipo no 1° mês e não no 3° ou 6° mês? As explicações podiam ser três.

Primeiro, o tempo de choro por nós observado no 1° mês podia ser uma medida mais representativa do choro da criança do que idênticas medidas no 3° e 6° mês. O tempo total que a criança passa acordado no 1° mês é menor que o tempo acordado no 3° mês e substancialmente menor que o tempo que o bebé passa acordado no sexto mês. Uma vez que pedíamos às mães que previssem a hora da nossa visita para um momento em que fosse mais provável o bebé estar acordado, e que o tempo de contacto, cerca de uma hora, era o mesmo nos 3 meses, é de admitir que aquele tempo em que estávamos presentes e em que observámos o choro quando os bebés tinham 1 mês era mais representativo do seu tempo acordado durante o dia do que aos 3 ou 6 meses.

Por outras palavras, poderia haver uma relação semelhante entre a freqência de choro e percepção de dificuldade mas não poder ser detectada por impossibilidade de medir correctamente diferenças individuais no choro aos 3 e 6 meses.

Como segunda explicação, podemos admitir que a diferença encontrada na correlação no 1°, 3° e 6° mês depende do facto do tempo de choro real diminuir do 1° para o 6° mês. Como foi observado por Wolff (1987) o tempo total de choro ou de choraminguice em relação ao tempo de observação é muito curto mesmo no primeiro mês e decresce ainda mais no segundo e terceiro mês, a partir do 3° mês, na generalidade das crianças, os episódios de choro são muito poucos e muito curtos. Quer o tempo de choro, quer a frequência de episódios também diminui muito no nosso estudo do 1° para o 3° mês e ainda mais para o 6° mês. Sendo assim, é de esperar que a percepção de que a criança é ou não dificil se baseie em grande medida no choro e choramingos no caso do 1° mês mas o mesmo já não aconteça no 3° ou 6° mês. Nas primeiras semanas (1° mês) as mães poderão não estar tão bem fisicamente e suportarem pior o choro do bebé. No 1° mês, ser dificil ainda significaria, de certa maneira (a correlação é apenas baixa), chorar muito. Moss e Robson (citado em Korner, 1984) constataram que com um mês de idade são os bebés e não as mães que iniciam a maioria das interacções (4 em cada 5). Portanto um bebé que chore com muita frequência "obrigará" a mãe a intervir muito mais do que um bebé calmo. A partir do 1° mês ser dificil pode estar menos associado à frequência ou ao tempo de choro.

Terceiro, a percepção social (de temperamento) das mães no 3° e 6° mês pode estar menos dependente de indícios externos (comportamentos) e ao mesmo tempo mais dependente de percepções adjacentes do que no 3° e 6° mês. Isto é, a percepção social poderia progressivamente tornar-se independente dos factores que à partida deviam ser os seus determinantes (características relacionadas com o choro) e por outro lado esta percepção social poderia passar a ser mais influenciada por percepções adjacentes como se a criança é previsível, sorridente, simpática, etc. Contrariamente às primeira

explicação esta segunda explicação baseia-se na ideia de que a percepção de temperamento das mães, como percepção social, é algo mais do que o comportamento da criança, é uma construção daquele que percebe.

De qualquer modo, em face da baixa correlação por nós encontrada entre o choro do bebé e a sensação materna de que o bebé é difícil e que corrobora os resultados encontrados por outros autores anteriormente, temos de concluir que a sensação de dificuldade não depende do bebé chorar muito ou pouco, de chorar mais ou menos vezes. Isso apenas acontece um pouco nas primeiras semanas. Será ainda necessário explorar se a sensação de dificuldade depende de factores como os episódios de choro, medidos de modo independente do choramingar. Provavelmente factores como a ausência de pistas sobre o que está a afectar a criança fazendo-a chorar e ser difícil de acalmar são contributos de maior peso para a sensação materna de dificuldade.

Porque é que a percepção de temperamento Chorão/Difícil se encontra relacionada com a frequência de choro e não com os outros comportamentos?

A percepção de temperamento Chorão/Difícil inclui achar que se inquietam facilmente, choram alto, mexem-se muito, têm variações rápidas ou frequentes de humor e causam uma sensação de dificuldade. Assim, esta percepção de temperamento tem a ver com características do choro e portanto não admira que esteja relacionada com a frequência de choro avaliada pelos observadores.

Mas porque é que não se encontra relacionada com os outros itens de comportamento? Em relação aos itens de comportamento da criança devemos salientar que a frequência de choro não se encontra relacionada com os outros itens - estado de alerta, frequência de sorriso, e de vocalizações positivas, que por sua vez se encontram moderadamente relacionados entre si. Sendo assim, também não é de admirar que o temperamento Chorão/Difícil não esteja relacionado com aqueles comportamentos.

Finalmente, não é clara a razão pela qual o temperamento "Imprevisível/Difícil" não se encontra relacionado com os comportamentos da criança. O factor imprevisível inclui uma sensação de imprevisibilidade, dificuldade em saber ou prever quando o bebé vai adormecer ou acordar, ou ficar com fome e saber o que é que o incomoda quando chora. Dada a sensação de dificuldade que estes aspectos sugerem esperávamos que o factor tivesse eventualmente uma relação positiva com a frequência de choro.

A fraca relação entre frequência ou tempo de choro e as percepções de temperamento levam-nos a fazer algumas considerações sobre a avaliação do temperamento. Recordemos que o temperamento tal e qual como ele é avaliado pelo instrumento utilizado por nós, a escala de Bates, pode ser considerado uma percepção social. Como percepção social constitui uma simplificação que os pais fazem a partir de um conjunto vasto e complexo de exemplos de comportamento que observaram na criança em diversas situações e ao longo do tempo (Wolke & St James-Roberts, 1986). A revisão de literatura por nós efectuada, sobre o temperamento permitiu-nos constatar que esta noção não é tida suficientemente em conta. As revisões de literatura existentes não fazem a separação entre os resultados dos estudos obtidos por questionários aplicados aos pais e os resultados de estudos usando observação directa. Isto é, interpretam incorrectamente os dados de avaliações como se fossem equivalentes a observações directas. Carecemos portanto, de uma clarificação nesta área, que pode ser efectuada a partir da introdução de uma noção ou conceito de "percepção de temperamento" para designar a visão que os pais têm das características da criança, e reservar o termo temperamento para medidas de observacão e fisiológicas. Estas não são medidas superiores ou inferiores às avaliações dos pais, mas apenas diferentes. Esta distinção ajudaria eventualmente a clarificar algumas aparentes contradições que existem nos

resultados actuais e clarificar a relação entre as características da criança e os processos através dos quais os pais desenvolvem a percepção que têm da criança.

Mas como é que as pessoas passam de um ou mais comportamentos a uma representação relativamente estável e global? Como é que as mães, a partir de um ou mais episódios de choro constituem uma representação global do tipo "a criança é difícil" ou "é chorona". Constatámos que a psicologia do desenvolvimento não contém teorias que possam explicar estes fenómenos. Fomos obrigados a voltar-nos para a psicologia social. No entanto, as teorias que aí encontrámos como por exemplo sobre a representação e atribuição sociais também não nos dão uma explicação capaz sobre aquele processo. Isto é, os vários modelos abordam as atribuições para um comportamento concreto mas não explicam como é que o sujeito passa de atribuições específicas a um comportamento para uma percepção relativamente estável sobre o actor, ou da atribuição de uma disposição num determinado momento para uma atribuição de disposição estável. É certo que nos dão várias pistas como a comparação do comportamento do actor com o seu comportamento passado ou a clarificação dos enviesamentos que as pessoas fazem nas suas atribuições. Por exemplo, a teoria da covariância de Kelly fala-nos da comparação do comportamento do actor com o seu comportamento passado para determinar a distintividade e consistência; e o modelo da atribuição em duas etapas de Trope fala-nos nas pistas antecedentes. O modelo de Jones dá-nos pistas sobretudo para avaliarmos os viéses que os pais fazem nos processos atributivos. Como salientam St. James-Roberts e Wolke (1986) os processos pelos quais os pais abstraem características de temperamento da criança ainda são desconhecidos. Isto é, como é que se passa de um "processo contínuo" a uma "representação relativamente estável". As mães fazem provavelmente uma avaliação contínua dos processos que estão a utilizar e das tentativas de ajustamento desses processos às necessidades da criança. Isto é, desde o início a mãe vai procedendo aos cuidados da criança, age de acordo com os seus conhecimentos e crenças e de acordo com as necessidades evidenciadas pela criança. Sempre que a criança chora para além das

expectativas da mãe ou sempre que chora sem razão aparente, ela procura agir de novo ou de modo diferente para ultrapassar essa situação; se o bebé continua a chorar, a mãe faz uma avaliação desse episódio, se este processo se repete com frequência, e portanto o bebé chora com frequência, a mãe tenderá a fazer avaliações dos vários episódios (que decorrem em dias, semanas ou meses) isto é do seu comportamento, do da criança e das consequências ou resultados. Estas avaliações devem diferir de mãe para mãe e ser influenciadas pelo grau de dificuldade apresentado pela criança, e pelas expectativas, atitudes e sentimentos (como a impaciência/irritabilidade) das mães, assim como pelo seu sentimento de competência ou eficácia materna.

A nossa constatação de que a confusão entre "percepção de temperamento" e "temperamento" persiste e ainda precisa de ser esclarecida faz levantar muitas dúvidas sobre a extensa bibliografia (não incluída neste estudo) existente sobre a relação entre temperamento e problemas psicopatológicos na criança de idade pré-escolar ou escolar ou sobre o temperamento como factor predisponente de psicopatologia. De facto, a maioria destes estudos utilizou como medidas de temperamento avaliações feitas pelos pais. Não são os resultados que estão em causa mas sim a sua interpretação. O que os pais pensam sobre a criança é um factor muito importante mas não pode ser interpretado como aquilo que a criança é de facto. Em todo caso continua em aberto e merece ser investigada a possibilidade do temperamento difícil da criança nos primeiros meses estar na génese do estabelecimento de predisposições cognitivas negativas por parte da mãe, induzindo, por um lado, emoções negativas como a irritabilidade e por outro fazendo atribuir à criança uma predisposição negativa (percepção de temperamento difícil); e influenciando a partir daí a interacção mãe-criança...

Em síntese, sublinhemos que para compreender porque é que a mãe acha que a criança é ou não difícil necessitamos, além de medidas globais como o tempo ou frequência de choro, destrinçar tipos de choro (choramingo e choro), e ter em conta as pistas que a mãe têm sobre o que está a afectar a criança

(6) RELAÇÃO ENTRE A PERCEPÇÃO DE TEMPERAMENTO E AS CARACTERÍSTICAS SOCIO-FAMILIARES E OUTRAS VARIÁVEIS DO BEBÉ E DA MÃE

O **momento** em que as mães **recomeçam a trabalhar** está associada à sensação de bebé **Imprevisível**. As mães que aos 3 meses acham a criança mais Imprevisível recomeçaram a trabalhar mais tarde, i. e., aos 4, 5 e 6 meses. Não existem diferenças entre as que recomeçaram a trabalhar até aos seis meses e aquelas que aos seis meses ainda não tinham recomeçado a trabalhar. É difícil interpretar estes resultados sendo de admitir no entanto que as mães que sentem maior desorganização por parte do bebé, i. e., têm dificuldades em prever quando é que o bebé vai acordar ou adormecer, precisar de comer, o que a incomoda quando chora, e que têm dificuldades em acalmá-la, queiram prolongar um contacto mais estreito com a criança para o sentirem mais estável ou elas próprias se sentirem mais seguras antes de o deixarem diariamente com outras pessoas.

O **peso** à nascença também está relacionado com a **Imprevisibilidade**. As crianças que nasceram com o peso mais baixo são descritas pelas mães como mais Imprevisíveis quando os bebés têm 1 mês. Por agora é impossível saber se este resultado traduz uma associação do peso com a maturação fisiológica e regulação de funções biológicas do bebé, ou uma influência de maior preocupação da mãe sobre o modo de percepcionar e/ou reagir para o bebé.

O **rendimento do marido** está relacionado com a sensação de **impaciência** da mãe. Quanto mais baixo é o rendimento do marido mais impacientes se sentem as mães no 1° e 6° mês de vida do bebé. Este resultado parece confirmar que as pressões exercidas por factores socio-económicos podem traduzir-se em emoções negativas (McLoyd, 1990).

(7) RELAÇÃO ENTRE PERCEPÇÃO DE TEMPERAMENTO E IMPACIÊNCIA/IRRITABILIDADE MATERNA

No nosso estudo a Impaciência/irritabilidade da mãe em relação à criança apareceu associada à percepção que ela tem do temperamento da criança. As mães mais impacientes acham a criança mais chorona/difícil e imprevisível/difícil. Esta relação observa-se em termos concorrentes, sendo a relação mais forte entre a impaciência e temperamento chorão/difícil verificada no 1° mês. Em termos preditivos quase não existem relações significativas. Se recordarmos que as duas medidas de dificuldade utilizadas estão relacionadas com o choro percebemos que estes resultados confirmam a associação entre choro e a irritabilidade materna observada anteriormente. Estes resultados vão no mesmo sentido que os de Frodi, Lamb, Leavitt e Donovan, (1978). Estes autores mostraram que os pais relatam maior aborrecimento e irritabilidade, maior perturbação e activação do sistema nervoso quando ouviam bebés a chorar. Os resultados estão de acordo com o modelo de Bugental e Shennum (1984) em que é predito que o comportamento **difícil** da criança elicita afecto negativo sobretudo se os pais atribuem o controlo da situação à criança (Bugental, Mantyla, & Lewis, 1989). Dix, Reinhold e Zambarano, (1990) também confirmaram que os pais quando momentaneamente irritados tendem a fazer atribuições negativas para o comportamento dos filhos. O presente estudo não foi contudo delineado para testar qualquer destes modelos mas tão só para verificar a existência de relação significativa entre o temperamento e a impaciência/irritabilidade materna.

A análise do conjunto das correlações entre as 2 variáveis nos três momentos de avaliação também não revelam um padrão que nos permita concluir qual é o sentido de causalidade mais importante, isto é, se é o facto da mãe ser irritável que conduz a que ela veja a criança como difícil, ou se é, sobretudo, o facto da mãe a achar difícil que faz com que ela tenda a irritar-se.

É possível que a criança que é **difícil** porque é chorona, chora alto, e tem variações frequentes e rápidas de humor, e que é **difícil** porque nunca se sabe quando é que vai precisar de comer, de mudar de fralda, ou o que é que a incomoda quando chora e que ainda é difícil de acalmar, acabe por fazer com que a mãe fique **impaciente/irritada**, isto é, perca a calma, fique tensa e com vontade de gritar à criança, impaciente e se sinta exausta. Esta relação vai ao encontro do modelo homeostático de Rothbart (1989) uma vez que este postula que algumas crianças através das suas características temperamentais teriam mais probabilidades de atingir os limites superiores dos pais. As crianças difíceis têm mais probabilidades de atingir os limites superiores dos pais.

O desconhecimento actual do sentido da causalidade também nos permite admitir, por outro lado, que a mãe que por características próprias de "personalidade", por consequência do ajustamento e exigências do período pós-parto, ou por conflito com pessoas da sua rede social, se apresente com menos paciência para o bebé, mais tensa, com menos calma e mais exausta, tenda sob esse humor negativo a estar susceptível e achar com facilidade que a criança chora de mais, a não suportar o choro da criança e achar que ela nunca mais se cala, e não ter paciência para ver o que incomoda o bebé. O modelo homeostático tem mais dificuldades em integrar esta explicação dos resultados porque não especifica que os limites superiores ou inferiores possam variar de pais para pais. O modelo do melhor ajustamento (Thomas & Chess, 177), ao supor que o importante é a compatibilidade entre as características da criança e dos pais admite implicitamente que algumas mães têm capacidades menos adequadas. A menor paciência

de algumas mães seria um exemplo em que as características do meio poderiam não estar de acordo com as características da criança.

(8) RELAÇÃO ENTRE PERCEPÇÃO DE TEMPERAMENTO E AUTO-EFICÁCIA MATERNA

O nosso estudo confirmou que a auto-eficácia da mãe está associada à percepção que ela tem do temperamento da criança. As mães mais confiantes nas suas capacidades acham a criança menos chorona/difícil e menos imprevisível. Esta relação observa-se quer em termos concorrentes quer em termos preditivos havendo apenas um valor que se destaca dos restantes, a correlação relativamente elevada entre auto-eficácia e Imprevisibilidade aos 6 meses. O sentido negativo da relação encontrada, i. e., valores altos nas características negativas da criança estão associados a valores de baixa auto-eficácia materna, está de acordo com as previsões de Goldberg (1977) e Thomas e Chess (1989) e confirmam os resultados de Cutrona e Troutman (1986) e Teti e Gelfand (1991).

Como é que podem ser interpretados estes resultados? Uma das possibilidades é as características das crianças poderem influenciar a sensação de eficácia das mães. É possível que a criança que de modo persistente é **chorona, chora alto**, tem **variações frequentes e rápidas do humor**, e **causa uma sensação de dificuldade**, e que é difícil porque **nunca se sabe quando é que vai precisar de comer, adormecer ou acordar, mudar a fralda**, ou **que é que a incomoda quando chora** e que ainda **é difícil de acalmar**, acabe por fazer com que a mãe tenha dificuldades, hesite, comece a pensar que não consegue perceber a criança, controlá-la, tenda a atribuir o os seus insucessos à sua fraca capacidade, fique insegura das suas capacidades. Pelo contrário, as crianças que choram pouco, e que quando o fazem choram baixinho que se acalmam rapidamente sozinhas, ou com a mínima intervenção da mãe, e que sejam muito regulares e portanto

previsíveis nas suas funções biológicas façam com que as mães se sintam eficazes, confiantes nas suas capacidades maternas.

A análise do conjunto das correlações entre as duas variáveis nos três momentos de avaliação não revela um padrão que nos permita concluir que exista um sentido de causalidade, isto é, que a autoconfiança materna faz com que a criança seja menos difícil ou o contrário, que as crianças difíceis fazem com que as mães se venham a sentir incapazes. Teoricamente, ambas as relações são possíveis.

Pelo menos, os resultados revelam que nenhum dos sentidos de causalidade é preponderante. É possível que a relação não seja nem simples nem linear. Por exemplo, a relação pode manifestar-se de acordo com o modelo de melhor ajustamento de tal modo que as mães inicialmente com pouca confiança venham a sentir-se pouco eficazes se tiverem uma criança com um temperamento extremamente difícil e venham a sentir-se bastante eficazes se tiverem uma criança fácil. As mães com elevada expectativa de eficácia inicial mantêm essa elevada eficácia no caso de terem uma criança fácil e poderão mantê-la também nos casos de crianças com temperamentos difíceis.

Um aspecto interessante evidenciado por este trabalho relaciona-se com o **grau de generalização** das autopercepções de capacidade. Certas experiências ou realizações produzem uma expectativa de capacidade circunscrita. Outras produzem uma sensação de eficácia mais generalizada que se estende, ou generaliza a outras situações.

É certo que qualquer autopercepção de eficácia é uma avaliação de capacidade específica e que estas auto-avaliações de capacidade são construídas sobretudo com base na história passada de sucessos e insucessos. Se a autopercepção de eficácia materna fosse tão específica que não pudesse ser desenvolvida a partir da generalização de outros tipos de auto-avaliações ela dependeria quase exclusivamente dos sucessos e insucessos interactivos desde que a criança nasce. Se assim fosse, as mães não teriam

qualquer expectativa de eficácia materna inicialmente e esta expectativa de eficácia viria a ser explicada facilmente pelas características das crianças. As crianças difíceis teriam sempre mães com baixa auto-eficácia porque estas, expostas a insucessos, não teriam chance de desenvolver elevada auto-eficácia.

No entanto isto é falso. Algumas pessoas têm, provavelmente, uma predisposição para serem muito eficazes através de situações e contextos e ao longo de pelo menos certo tempo. Outras tenderiam a ter sobretudo baixa auto-eficácia (não existiriam apenas extremos mas estes são utilizados apenas como ilustração). Assim, uma pessoa que tende a ser autoconfiante no trabalho, no desporto, na interacção com os outros e sobretudo na interacção com crianças, mesmo que não sejam bebés, tenderá a desenvolver elevada auto-eficácia materna. As pessoas que tendem em muitos contextos a fazer baixa auto-avaliação das suas capacidades, sobretudo na interacção com crianças, tenderão a desenvolver baixa auto-eficácia materna. Isto explicaria as diferenças em termos de expectativa de eficácia inicial que as pessoas têm mesmo antes da criança nascer. Avaliámos neste estudo a expectativa de eficácia no período antes do parto em mulheres que iam ter o primeiro filho e umas acharam que iam ser bastante eficazes a lidar com a criança e outras não. A partir de que dados constróem esta expectativa de eficácia? Provavelmente a partir de informações referidas no parágrafo anterior. A história de interacção nos primeiros dias, semanas ou meses, para a qual as características da criança também contribuem, fariam o resto.

O facto da correlação entre a expectativa de eficácia no pré-parto e os três momentos pós-parto ser sempre moderada (explica cerca de 40% da variância) indica-nos que essa expectativa tem uma certa constância. Portanto, a percepção de auto-eficácia da mãe no primeiro mês de vida do bebé é em parte construída com base em informações que a mãe já possuía antes do bebé nascer. Também é generalizada a partir de outras informações, auto-avaliações de capacidade noutras áreas e portanto em certa medida independente das características temperamentais da criança. No entanto quando se olha

para as correlações entre os valores de auto-eficácia obtidos entre o 1° e 3° mês ou entre o 3° e 6° mês observamos que a correlação é elevada (explicando cerca de 50% a 60% da variância). Estes valores elevados conjugados com os valores apenas moderados entre o pré-parto e o pós-parto e o primeiro mês levam-nos a concluir que a história de interacção no primeiro mês introduz uma informação adicional na auto-avaliação de eficácia materna. O facto da auto-eficácia aparecer no nosso estudo associada à adequação do comportamento da mãe aos ritmos do bebé no 1° e 6° mês faz pensar que o comportamento maternal pode ser um mediador entre o temperamento da criança e a sua auto-eficácia materna.

(9) CORRELATOS DA PERCEPÇÃO DE TEMPERAMENTO AO LONGO DOS PRIMEIROS SEIS MESES

Lembremos, em termos de síntese, que a percepção de temperamento **Chorão/Difícil** que a mãe tem da criança no 1° mês depende, ou está relacionada, com 3 variáveis: O choro da criança, a impaciência/irritabilidade da mãe e a sensação de imprevisibilidade que a criança lhe provoca. Isto é, as mães que acham as suas crianças Choronas/difíceis têm crianças que choram muito, são mães mais impacientes e acham as suas crianças imprevisíveis. Aos 3 e 6 meses há uma variável que só por si explica uma pequena parte da variação do temperamento e não é nenhuma das anteriores. É a sensação de auto-eficácia materna. Isto é, as mães que acham as suas crianças choronas/difíceis são mães que têm menos confiança nas suas capacidades.

No que diz respeito à sensação de **Imprevisibilidade,** esta é influenciada ou está associada no 1° mês a 4 variáveis: peso da criança à nascença, sensação de que a criança é chorona e difícil, o choro da criança e a confiança nas suas capacidades. No 3° mês está associada a três variáveis: sensação de eficácia materna, impaciência materna e choro da criança. No 6° mês a sensação de eficácia, só por si, explica uma boa parte da variação dos resultados da variável Imprevisibilidade.

A analise conjunta destes resultados faz ressaltar dois aspectos: (1) só existe uma relação das duas dimensões de temperamento estudadas com o choro da criança no primeiro mês; (2) confirma uma relação ou associação crescente entre as duas dimensões de temperamento estudadas e a sensação de eficácia da mãe; esta relação passa a ser forte sobretudo a partir dos 3 meses.

Curiosamente, a expectativa ou antevisão de eficácia (medida no pré-parto) está significativamente associada, quer à percepção de que a criança é Chorona/difícil quer à percepção de que ela é Imprevisível no 1°, 3° e 6° mês. Este resultado é novo na literatura. Isto é, até aqui tinha sido mostrado que a percepção que a mãe tem do temperamento da criança podia ser predita por variáveis avaliadas no pré-parto como a ansiedade (Vaughn, Bradley et al. 1987) mas é a primeira vez que se confirma que a expectativa de auto-eficácia também prevê, em parte, a percepção de temperamento. A associação entre a expectativa de eficácia medida no pré-parto e a percepção de temperamento Chorão/difícil no 1° mês chega a ser superior a quaisquer outras associações concorrentes entre estas duas variáveis.

Como explicar estes resultados? Haverá um "reajustamento" por volta do 1ª mês?

A **percepção** de temperamento pode ser melhor explicada por variáveis da mãe, nomeadamente a sua sensação de eficácia materna do que por características da criança (temperamento) excepto em alguns momentos do desenvolvimento da criança em que as características temperamentais e físicas se fazem sentir com mais incidência. Estão neste caso o peso à nascença e o choro da criança sobre a percepção de temperamento no 1° mês.

Isto acentua a necessidade de conceptualizar a percepção de temperamento, por um lado, como um conceito que se altera ao longo do tempo, por outro, como um conceito distinto das características temperamentais da criança. As contribuições dos vários

factores para a percepção de temperamento não seria estável mas variaria (seria maior ou menor) consoante a etapa de desenvolvimento da criança. A percepção de dificuldade seria especialmente influenciada pelo choro por volta do 1° mês mas mais influenciada, por exemplo, pela actividade aos 12 meses ou pela obediência entre os 18 e os 24 meses.

Devemos recordar que a análise de regressão não indica qualquer relação de causa e efeito. Portanto, as associações significativas encontradas não possuem quaquer indicação de direccionalidade. As especulações anteriores devem ser vistas dentro deste contexto.

(10) LIMITAÇÕES DO ESTUDO E INVESTIGAÇÃO FUTURA

Em termos de **limitações** do estudo sublinhemos 3 aspectos. Primeiro, o reduzido número de itens de comportamentos observados directamente inviabilizou a possibilidade de constituir uma escala de comportamento com consistência suficiente para constituir um instrumento. Isto obrigou-nos a procurar a associação da percepção de temperamento com cada um dos itens isoladamente. De qualquer modo, em face dos resultados obtidos anteriormente por outros autores (Bates, et al., 1982), não temos garantias de que fosse possível constituir tais escalas. Segundo, as dificuldades em encontrar pessoas que se prestassem a participar no estudo durante um período de cerca de oito ou nove meses e que estivessem contactáveis por todo esse período obrigou-nos a recorrer a pessoas com níveis de escolaridade elevados. Como resultado estudámos uma amostra bastante homogénea neste aspecto e isso diminuiu provavelmente a variabilidade nos resultados e limita a generalização que se possa fazer a partir deste estudo. Terceiro, o tempo necessário para recolher os dados deste estudo longitudinal (vários anos) obrigou-nos a limitar a idade máxima das crianças aos 6 meses. Este facto impossibilitou conhecer o desenvolvimento da percepção de temperamento e os factores associados em outros períodos importantes como os 12 meses, por exemplo.

Em termos de **investigação futura** seria importante: (1) procurar replicar estes resultados tanto com amostras idênticas como com amostras diferentes da utilizada por nós. Por exemplo, o nosso estudo utilizou uma amostra muito homogéna, seria interessante obter dados de mães com níveis de escolaridade diversificados. Também seria importante estudar a percepção de temperamento em grupos de risco como as mães de crianças prematuras ou mães adolescentes.; (2) continuar a investigar a relação do temperamento com o sexo da criança; (3) reavaliar o efeito de algumas variáveis como o peso da criança à nascença ou o momento em que a mãe recomeça a trabalhar sobre a relação entre percepção de temperamento e impaciência/irritabilidade; (4) conhecer a relação das percepções de temperamento das mães com as características comportamentais, ou "estilo" comportamental (temperamento) observado directamente. Conjuganado os dados da percepção de temperamento recolhidos por questionários preenchidos pelos pais com dados de temperamento da criança observado directamente. Por exemplo, gravações audio do choro do bebé, recolha de frequências de choro e outros itens de comportamento do bebé quer observados directamente quer registados em vídeo, (5) fazer estudos longitudinais até um ano ou dois de idade porque nessas idades surgem mais situações de interacção propícias ao aparecimento da irritabilidade materna, (6) teria interesse fazer avaliações de irritabilidade geral pré e pós parto para conhecer a relação desta irritabilidade com a irritabilidade parental e com a posterior percepção de temperamento, (7) como a atribuição de controlo e intencionalidade da criança depende das atitudes e ideias dos pais sobre a educação e sobre a criança seria importante estudar estes aspectos mesmo no período pré-parto, (8) procurar saber se existem relações de causalidade entre a sensação de auto-eficácia materna e a percepção de temperamento, (9) seria importante conhecer melhor a noção do que é uma criança difícil nas várias idades. Por exemplo, pegar na pergunta 24 da escala de temperamento, "...avalie o grau médio de dificuldade ..." ou outra medida global de dificuldade e procurar as justificações que as mães dão para achar a sua criança fácil ou difícil, encontrando assim os aspectos comportamentais da criança associados pela mãe à sensação de dificuldade. Isto podia ser feito com crianças em várias idades ou numa

perspectiva longitudinal, (10) identificar o efeito das cólicas no choro das crianças. Na verdade, existe uma ausência de intercepção entre a bibliografia que se centrou até hoje sobre as cólicas e a bibliografia sobre o temperamento infantil. Também existe uma ausência de ralação entre a bibliografia sobre temperamento infantil e sobre perturbações regulatórias, (11) conhecer as características maternas que justificam uma maior ou menor "aproximação" ou coincidência entre percepção de temperamento e temperamento, (12) estudar o casal como uma unidade de estudo e de contexto para a interacção com a criança. Existem actualmente bastantes estudos sobre a interacção dos pais com as crianças que se centram em diferenças de género, isto é, entre homens e mulheres. Por exemplo, num grupo de mães homogéneo em termos de instrução e estatuto socio-económico, algumas mães falam para as suas crianças de 4 meses durante cerca de 3% do tempo de observação enquanto outras falam 97% do tempo (Bornstein & Ruddy, 1984, citado em Bornstein, 1995). Não sabemos se esta grande variação entre as mães se observa também entre os pais, mas também não sabemos se as comparações entre os pares marido e mulher revelam maior semelhança do que as comparações entre homens e mulheres. Ainda mais importante, não conhecemos o casal como unidade de análise, como contexto circundante no qual ocorrem as interacções da criança, e portanto como covariante do desenvolvimento da criança. É verdade que, habitualmente, a mãe é o principal prestador de cuidados de vários tipos à criança, no entanto, isto não retira a importância que outros elementos na família possam ter no desenvolvimento da criança. Neste estudo, embora fosse inicialmente nossa intenção recolher dados sobre os pais, tal não se tornou possível e o papel interactivo destes, e de outras pessoas como avós ou empregadas domésticas, com as crianças ficou por conhecer, (13)finalmente, seria importante conhecer a relação entre temperamento difícil em fases precoces do desenvolvimento como as estudadas por nós e a atribuição de características negativas e predisposições negativas à criança em fases posteriores como os 12, 24 ou 36 meses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abramson, L. Y., Seligman L. E., & Teasdale, J. D. (1978). Learned helplessness in humans: Critique and reformulation. *Journal of Abnormal Psychology, 87*, 49-74.

Ainsworth, M. D. S.; Blehar, M. C.; Waters, E. & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment.* Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Allen, K., & Prior, M. (1995). Assessement of the validity of easy and difficult temperament through observed mother-child behaviours. *International Journal of Behavioral Development, 18* (4), 609-630.

Alloy, L. B., & Abramson, L. Y. (1979). Judgement of contingency in depressed and nondepressed students: Sader but wiser? *Journal of Experimental Psychology: General, 108*, 441-487.

Allport, G. W. (1937). *Personality: A psychosocial interpretation*. New York: Holt.

Arcus, D., & Kagan, J. (1995). Temperament and craniofacial variation in the first two years. *Child Development, 66*, 1529-1540.

Averill, J. (1974). An analysis of psychosocical symbolism and its influence on theories of emotion. *Journal of the Theory of Social Behavior, 4*, 147-190.

Averill, J. (1982). *Anger and agression: An essay on emotion*. New York: Springer- Verlag.

Averill, J. (1983). Studies on anger and agression: Implications for theories of emotion. *American Psychologist, 38*, 1145-1160.

Azar, S. T., Robinson, D. R., Hekimian, E., & Twentyman, C. T. (1984). Unrealistic expectations and problem solving ability in maltreating and comparison mothers. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 52*, 687-691.

Bandura, A. (1977). Self-efficacy: Toward a unifying theory of behavioral change. *Psychological Review, 84*, 191-215.

Bandura, A. (1978). The self system in reciprocal determinism. *American Psychologist, 32*, 344-358.

Bandura, A. (1982). Self-efficacy mechanism in human agency. *American Psychologist, 37*, 122-147.

Bandura, A. (1984). Recycling misconceptions of perceived self-efficacy, *Cognitive Therapy and Research,.8* (3), 231-255.

Bandura, A. (1986). *Social foundations of thougth and action: A social cognitive theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.

Bandura, A. (1988). Self-regulation of motivation and action through goal systems. In V. Hamilton, G. H. Bower, & N. H. Frijda (Eds.), *Cognitive perspectives on emotion and motivation* (pp. 37-61). Dordrecht, Netherlands: Kluwer Academic.

Bandura, A. (1989a). Regulation of cognitive processes through perceived self-efficacy. *Developmental Psychology, 25* (5), 729-735.

Bandura, A. (1989b). Human agency in social cognitive theory. *American Psychologist, 44*, 1175- 1184.

Bandura, A., & Adams, N. E. (1977). Analysis of self-efficacy theory of behavior change. *Cognitive Therapy and Research, 1*, 287-308.

Bandura, A., Adams, N. E., & Beyer, J. (1977). Cognitive processes mediating behavioral change. *Journal of Personality and Social Psychology, 35*, 125-139.

Bandura, A., Adams, N. E., Hardy A. B., & Howells, G. N. (1980). Tests of the generality of self-efficacy theory. *Cognitive Therapy and Research, 4*, 39-66.

Bandura, A., Reese, L., & Adams, N. E. (1982). Microanalisys of action and fear arousal as a function of differencial levels of perceived self-efficacy. *Journal of Personality and Social Psychology, 43*, 5-21.

Barling, J. & Abel, M. (1983). Self-efficacy beliefs and performance. *Cognitive Therapy and Research*, 7, 265-272.

Bates, J. E, (s. d.). Information on the Infant Characteristics Questionnaire. Department of Psychology, Indiana University, Bloomington, IN 47405.

Bates, J. E., (1980). The concept of difficult temperament. *Merrill-Palmer Quarterly, 26* (4), 299-319.

Bates, J. E. (1987). Temperament in infancy. In J. D. Osofsky (Ed.), *Handbook of infant development* (pp. 1101-1149). New York: Wiley.

Bates J. E. (1989). Concepts and measures of temperament . In G. Kohnstamm, R. Bates, & M. K. Rothbart (Eds.), *Temperament in Childhood* (pp. 3-26). Chichester: John Wiley & Sons.

Bates, J. E., & Bayles, K. (1984). Objective and subjective components in mothers' perceptions of their children from age 6 months to 3 years. *Merril-Palmer Quarterly, 30* (2), 111-130.

Bates, J. E., Freeland, C. A. B., & Lounsbury, M. L. (1979). Measurement of infant difficultness. *Child Development, 50*, 794-803.

Bates, J. E., Olson, S., Pettit, G., & Bayles, K. (1982). Dimensions of individuality in the mother-infant relationship at six month of age. *Child Development, 53*, 446-461.

Bauer, W. D., & Twentyman, C. T. (1985). Abusing, neglectful, and comparison mothers' responses to child-related and non-childrelated stressors. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 53*, 335-343.

Beck, A. T. (1976). *Cognitive therapy and the emotional disorders.* New York: International University Press.

Bednar, R., Wells, M., & Peterson, S. (1989). *Self-esteem: Paradoxes and innovations in clinical theory and practice*. Washington: American Psychological Association.

Bell, R. Q. (1974). Contributions of human infants to caregiving and social interaction. In M. Lewis, & L. A. Rosemblum (Eds.), *The effect of the infant on its caregiver* (pp. 1-19). New York: Wiley.

Bell, S. M., & Ainsworth, M. D .S. (1972). Infant crying and maternal responsiveness. *Child Development, 43*, 1171-1190.

Belle, D. (1982). Social ties and social support. In D. Belle (Ed.), *Lives in stress: Women and depression* (pp. 133-144). Beverly Hills, CA: Sage Publications.

Belsky, J. (1984). Determinants of parenting: A process model. *Child Development, 55*, 83-96.

Belsky, J., & Vondra, J. (1989). Lessons from child abuse: The determinants of parenting. In D. Cicchetti & V. Carlson (Eds.), *Child maltreatment: Theory and research on the causes and consequences of child abuse and neglect* (pp. 153-202). New York: Cambridge University Press.

Berkowitz, L. (1983). Aversively stimulated agression. *American Psychologist, 38*, 1135-1144.

Berkowitz, L. (1987). Mood, self-awareness, and willingness to help. *Journal of Personality and Social Psychology, 52*, 721-729.

Berkowitz, L. (1990). On the formation and regulation of anger and agression: A cognitive-neoassociationistic analysis. *American Psychologist, 45*, 494-503.

Berkowitz, L., & Heimer, K. (1989). On the construction of the anger experience: aversive events and negative priming in the formation of feelings. In L. Berkowitz (Ed.), *Advances in Experimental Social Psychology,(Vol.,. 22* pp. 1-37), New York: Academic Press.

Berkowitz, L., & Triccoli (1990). An examination of the assumptions in the demand characteristics thesis. With special reference to the Velten mood induction procedure. *Motivation and Emotion, 10*, 337-349.

Bettes, B. A. (1988). Maternal depression and motheress: Temporal and entonational features. *Child Development, 59*, 1089-1096.

Birns, B. (1965). Individual differences in human neonates' responses to stimulation. *Child Development, 6*, 249-256.

Birns, B. Barten, & S. Bridger, W. (1969). Individual differences in temperamental characteristics of infants. *Transactions of the New York Academy of Sciences, 31*, 1071-1082.

Birns, B., Blank M., & Bridger, W. H. (1966) The effectiveness of various soothing thecniques on human neonates. *Psychossomatic Medecine, 28*, 316-322.

Blaney, P. H. (1986). Affect and memory: A review. *Psychological Bulletin, 99*, 229-246.

Bornstein, M. H., Gaughran, J. M, & Segui, I. (1991). Multimethod assesssment of infant temperament: mother questionnaire and mother and observer reports evaluated and compared at five moths using the Infant Temperament Measure. *International Journal of Behavior Development, 14* (2) 131-151.

Bornstein, M. H. (1995). Parenting Infants. In Bornstein, M. H. (Ed.), *Handbook of parenting* (pp. 3-39). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Boukydis, C. F. Z., & Burgess, R. L. (1982). Adult psychological response to infant cries: Effects of temperament of infant, parental status, and gender. *Child Development, 53*, 1291-1298.

Bousha, D. M., & Twentyman, C. T. (1984). Mother-child interactional style in abuse, neglect, and control groups: natural observations in the home. *Journal of Abnormal Psychology, 93*, 106-114.

Bower, G. H. (1981). Mood and memory. *American Psychologist, 36*, 129148.

Bower, G. H. (1991). Mood congruity of social judgements. In J. P. Forgas (Ed.), Emotion and social judgements (31-53). Elmsford, NY: Pergamon Press.

Bower, G. & Cohen, P. (1982). Emotional influences in memory and thinking: Data and theory. In S. Fiske & M. Clark (Eds.), *Affect and social cognition* (pp. 31-53). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Braungart, J. M., Plomin, R., DeFries, J. C., & Fulker, D W. (1992). Genetic influence on tester-rated infant temperament as assessed by Bayley's Infant Behavior Record: Nonadoptive and adoptive siblings and twins. *Developmental Psychology, 28* (1), 40-47.

Brazelton, T. B. (1961). Psychophisiologic reactions in the neonate: The value of the observation of the neonate. *Journal of Pediatrics, 58*, 508-512.

Brazelton, T. B. (1973). *Neonatal Behavioral Assessment Scale*. London: Spastics International Medical Publications.

Brazelton, T. B. (1987). O bebé: parceiro na interacção. In T. B. Brazelton, B. Cramer, L.R. Kreisler, R. Schappi, & M. Soulé (Eds.), *A dinâmica do bebé* (9-23). Porto Alegre: Artes Médicas. (obra original publicada em Francês, 1982).

Brazelton, T. B., Koslowski, B., & Main, M. (1974). The origins of reciprocity: The early mother- infant interaction. In M. Lewis & L. A. Rosemblum (Eds.), *The effects of the infant on its caregiver* (49-76). New york: Wiley.

Brazelton, T. B., & Tronick, E. Z. (1980). Preverbal communication between mothers and infants. In D. R. Olson (Ed.), *The social foundations of language and thought* (pp. 299-315). New York: Norton.

Brody, G. H., & Forehand, R. (1986). Maternal perceptions of child maladjustment as a function of the combined influence of child behavior and maternal depression. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 54*, 237-240.

Brody, G. H. & Forehand, R. (1988). Multiple determinants of parenting: Research findings and implications for the divorce process. In E. M. Hetherington & J. D. Arateh (Eds.), *Impact of divorce, single parenting, and stepparenting on children* (pp. 117134) Hillsdale: Erlbaum.

Bronfenbrenner, U., & Crouter, A. C. (1983). The evolution of environmental models in developmental research (pp. 357-414). In: P. Mussen (Ed.), *The handbook of child psychology*. New York: Wiley.

Broussard, E. R., & Hartner, M. S. S. (1971). Further considerations regarding maternal perception of the first born. In J. Hellmuth (Ed.), *Exceptional infant: Studies in abnormality*. (Vol. 2, pp. 432-441), New York: Brunner/Mazel.

Brown, I., Jr., & Inouye, D. K. (1978). Learned helplessness through modeling: The role of perceived similarity in competence. *Journal of Personality and Social Psychology, 36*, 900-908.

Brown,, J. D. & Taylor, S. E. (1987). Affect and the processing of personal information: Evidence for mood-activated self-schemata. *Journal of Experimental Social Psychology, 22*, 436-452.

Brun, J. (1986). *O estoicismo*. Lisboa: Edições 70.

Brunk, M. A., & Henggeler, S. W. (1984). Child influences on adult controls: An experimental study. *Developmental Psychology, 20*, 1074-1081.

Bugental, D. B.; Blue, J., & Cruzcosa, M. (1989). Perceved control over caregiving outcomes: Implications for child abuse. *Developmental Psychology, 25*, 532-539.

Bugental, D. B., Mantyla, S. M., & Lewis, J. (1989). Parental attributions as moderators of affective communication to children at risk for physical abuse. In D. Cicchetti, & V. Carlson (Eds.), *Child maltreatment: Theory and research on the causes and consequences of child abuse and neglect* (pp. 254-279). New York: Cambridge University Press.

Bugental, D. B., & Shennum, W. A. (1984). Difficult children as elicitors and targets of adult communicaton patterns: An attributional behavioral transactional analysis. *Monographs of the Society for Research in Child Development, 49* (1, serial n° 205).

Bullock, C. B., & Pridham, K. F. (1988). Sources of maternal confidence and uncertainty perceptions of problem-solving competence. *Journal of Advanced Nursing, 13*, 321-329.

Burgess, R., & Conger, R. D. (1978). Family interaction in abusive, neglectful, and normal families. *Child Development, 49*, 1163-1173.

Burns, R. B. (1979). The self concept. London: Longman.

Buss, A. H (1989). Temperament as personality traits. In G. Kohnstamm, J. Bates, & M. K. Rothbart (Eds.), *Temperament in childhood* (pp. 49-58). Chichester. John Wiley & Sons.

Buss, A. H., & Plomin, R. (1975). *A Temperament theory of personality development*. New York: Wiley Interscience.

Buss, A. H., & Plomin, R. (1984). *Temperament: early developing personality traits*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Buss, D. M. (1981). Predicting parent-child interactions from children's activity level. *Developmental Psychology, 17*, 59-65.

Campbell, S. (1979). Mother infant interaction as a function of maternal ratings of temperament. *Child Psychiatry and Human Development, 10*, 67-76.

Carey, W. B. (1970). A simplified method for measuring infant temperament *The Journal of Pediatrics, 77*, 188-194.

Carey, W. B. (1983). Some pitfalls in infat temperament reaserch. *Infant Behvior and Development, 6*, 247-254.

Carey, W. B.; & McDevitt, S.C. (1978). Revision of the Infant Temperament Questionnaire. *Pediatrics, 61*, 735-739.

Carlson, M. & Miller, N. (1987). Explanation of the relation beteween mood and helping. *Psychological Bulletin, 102*, 91-108.

Cervone, D., Kopp, D. A., Schaumann, L., & Scott, W. D. (1994). Mood, self-efficacy, and performance standards: lower moods induce higher standards for performence. *Journal of Personality and Social Psychology, 67* (3), 499-512.

Chess, S., & Thomas, A. (1989). Issues in the clinical aplication of temperament In G. Kohnstamm, J. Bates, & M. K. Rothbart (Eds.), *Temperament in Childhood* (pp. 377-386). Chichester: John Wiley & Sons.

Cohn, J. F., & Tronick, E. Z. (1983). Three-month-old infants' reactions to simulated maternal depression. *Child Development, 54*, 185-193.

Colleta, N. D. (1979). Support systems after divorce: Incidence and impact. *Journal of Marriage and the Family, 41*, 837-846.

Colleta, N. D. (1981). Social support and the risk of maternal rejection by adolescent mothers. *Journal of Psychlogy, 109*, 191-197.

Colleta, N. D. (1983). At risk for depression: a study of young mothers. *The Journal of Genetic Psychology, 28*, 971-928.

Conger, R., McCarty, J., Yang, R., Lahey, B., & Kropp, J. (1984). Perception of chil, childrearing values and emotional distress as mediating links between environmental stressors and observed maternal behavior. *Child Development, 55*, 2234-2247.

Coopersmith, S. (1967). *The antecedents of self-esteem*. San Francisco:Freeman.

Cox, A., Puckring, C., Pound A., & Mills, M. (1987). The impact of maternal depression in young chidren. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 28*, 917-928.

Cramer, P. (1991). Anger and the use of defense mechanisms in college students. *Journal of Personality. 59*, (1), 39-55.

Crittenden, P. M. (1981). Abusing, neglecting, problematic and adequate dyads: Differentiating by patterns of interaction. *Merril Palmer Quarterly, 27*, 201-218.

Crnic, K. A., Greenberg, M. T., Ragozin, N., & Basham, R. (1983) Effects of stress and social support on mothers and premature and full-term infants. *Child Development, 54*, 209-217.

Crockenberg, S. B. (1985). Toddlers' reactions to maternal anger. *Merril-Palmer Quarterly, 31* (4) 361-373.

Crockenberg, S. (1986). Are temperamental differences in babies associated with predictable differences in care giving? In J. Lerner, & R. L. Lerner (Eds.), *Temperament and social interaction in infants and Children* (pp. 53-73). New Directions for Child Development, (31) San Francisco: Jossey-Bass.

Crockenberg, S. (1987). Predictors and correlates of anger toward and punitive control of todlers by adolescente mothers. *Child Development, 58*, 964-975.

Crockenberg, S., & Acredolo, C. (1983). Infant temperament ratings: A function of infants, or mothers, or both? *Infant Behavior and Develoment, 6*, 61-72.

Crockenberg, S., & Smith, P. (1982). Antecedents of moher-infant interaction and infant irritability in the first three months of life. *Infant Behavior and Development, 5* 105-119.

Cummings, M., Iannotti, R. J., & Zhan-Waxler, C. (1985). Influence of conflict between adults on the emotions and agression of young children *Developmental Psychology, 21* 495-507.

Cutrona, C. E., & Troutman, B. R. (1986). Social support, infant temperament, and parenting self-efficacy: A mediational model of postpartum depression. *Child Development, 57*, 1507-1518.

Cyphers, L. H., Phillips, K., Fuller, D.W., & Mrazek D A. (1990). Twin temperament during the transition from infancy to early childhood. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry, 29* (3), 392-297.

Daniels, D., Plomin, R., & Greenhalgh, J. (1984). Correlates of difficult temperament in infancy. *Child Development, 55*, 1184-1194.

Darley, J., & Fazio, R. (1980). expectancy confirmation processes arising in the social interaction sequence. *American Psychologist 35*, 867-881.

Denham, S. A., & Moser, M. H. (1994). Mothers' attchment to infants: Relations with infant temperament, stress, and responsivene maternal behavior. *Early Child Development and Care, 98*, 1-16.

Descartes, R. (1973). *Tratado das paixões da alma*. Lisboa: Clássicos Sá da Costa.

Derryberry, D., & Rothbart, M. K. (1984). Emotion, attention, and temperament. In C. E. Izard, J. Kagan, & R. B. Zajonc (Eds.), *Emotions, cognition, and behavior* (pp. 132-166). Cambridge: Cambridge University Press.

Diener, M. L., Goldstein, L. H., & Mangelsdorf, S. C. (1995). The role of prenatal expectations in parents' reports of infant teperament. *Merril Palmer Quarterly, 41* (2) 172-190.

Dix, T. (1991). The affective organization of parenting: Adaptive and maladaptive process. *Psychological Bulletin*, 1, 3-25.

Dix, T. (1992). Parenting on behalf of the child: Empathic goals in the regulation of responsive parenting. In I. E. Sigel, A. V. McGillicuddy-DeLisi, J. J. Goodnow (Eds.), Parental belief systems (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Dix, T., & Grusec, J. E. (1985). Parental attribution process in the socialization of children. In I. E. Sigel (Ed.), *Parental beliefs systems* (pp. 201-234), Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Dix, T., & Lochman, J. (1990). Social cognition and reactions to children: A comparison of mothers of aggressive and non aggressive boys. *Journal of Social and Clinical Psychology, 9*, 418-438.

Dix, T., & Reinhold, D. P. (1991). Chronic and temporary influences on mothers' attributions for children's disobedience. *Merrill Palmer Quarterly, 37*, 251-271.

Dix, T., Reinhold, D., Zambarano, R. (1990). Mothers' judgment in moments of anger. *Merrill-Palmer-Quarterly, 36* 465-486.

Dix, T., Ruble, D. N., Grusec, J. E., & Nixon, S. (1986). Social cognition in parents: Inferencial and affective reactions to children of three age levels. *Child Development, 57*, 879-894.

Dix, T., Ruble, D. N., Zambarano, R. J. (1989). Mothers' implicit theories of discipline: Child effects, parent effects, and the attribution process. *Child Development, 60*, 1373-1391.

Donovan, W. L (1981). Maternal learned helplessness and physiologic response to infant crying. *Journal of Personality and Social Psychology, 40*, 919-826.

Donovan, W. L., & Leavitt L. A (1978). Early cognitive development and its relations to maternal physiologic and behavioral responsiveness. *Child Development, 49*, 1251-1254.

Donovan, W. L., & Leavitt L. A (1985). Simulating conditions of learned helplessness: The effects of interventions and attributions. *Child Development, 56,* 594-603.

Donovan, W. L., & Leavitt L. A (1989). Maternal self-efficacy and attachment: Integrating physiology, perceptions, and behavior *Child Developement. 60*, 460-472.

Donovan, W. L., Leavitt L. A., & Balling, J. D. (1978). Maternal physiological responses to infant signals. *Psychophysiology, 15*, 68-74.

Donovan, W. L., Leavitt L. A., & Walsh, R. (1990). Maternal self-efficacy: Illusory control and its effect on susceptibility to learned helplessness. *Child Development, 61*, 1638-1647.

Downey, G., & Coyne, J. C. (1990). Children of depressed parents: An integrative review. *Psychological Bulletin, 108*, 50-76.

Dumas, J. E., & Wahler, R. G. (1986). Indiscriminant mothering as a contextual factor in aggressive-oppositional child behavior. *Journal of Abnormal Child Psychology, 13*, 1-17.

Dunn, J., & Munn, P. (1985). Becoming a family member: Family conflict and the development of social understanding in the second year. *Child Development, 56*, 480-492.

Egeland, B., & Farber, E. A. (1984). Infant-mother attachment: Factors related to its development and changes over time. *Child Development, 55*, 753-771.

Elder, G. H., Jr., Liker, J. K., & Cross, C. E. (1984). Parent-child behavior in the Great Depression: Life course and intergenerational influences. In P.B. Baltes, & O. G. Brim (Eds.), *Lifespan development and behavior*, (Vol. 6, pp. 109-158) New York: Academic Press.

Ellsworth, P. (1994). William James and emotion: Is a century of fame worth a century of misunderstanding? *Psychological Review, 101*, 222-229.

Emde, R. N. (1980). Emotional availability. A reciprocal reward system for infants and parents with implication for prevention of psychosocial disorders. In P. M. Taylor (Ed.), *Parent-infant relationships* (pp. 87-115) New York: Grune & Stratton.

Emde, R. N., Plomin, R., Robinson, J., Corley, R., DeFries, J., Fulker, D., Reznick, J. S., Campos J., Kagan, J., & Zahn-Waxler, C. (1992). Temperament, emotion, and cognition at fourteen months: The MacArthur longitudinal twin study. *Child Development, 63*, 1437-1455.

Engfer, A. (1986). Antecedents of perceived behaviour problems in infancy. In G. A. Kohnstamm (Ed.), *Temperament discussed: Temperament and development in infancy and childhood* (pp. 165-180). Lisse (Neth): Swetz e Zeitlinger.

Engfer, A. (1988). The interrelatedness of marriage and the motherchild relationship In R. Hinde, & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *Relationships within families. Mutual influences* (pp. 104-118). New York: Oxford University Press.

Engfer A., & Gavranidou, M. (1984). *Sources of stress and support their impact on the mother-child relationship*. Paper presented at the Inaugural European Conference on Developmental Psychology: Individual Developmental and Human Welfare, Groningen, Netherlands, August 28-31.

Engfer, A., & Gavranidou, M. (1986). Antecedents and consequences of maternal sensitivity. A longitudinal study. In H. Rauh & Steinhausen (Eds.), *Psychobiology and early development* (pp. 71-99). Amsterdam: North Holland.

Engfer, A., & Schneewind, K. (1982). Causes and consequences of harsh parental punishement. *Child Abuse and Neglect, 6*, 129-139.

Epstein, S. (1984). Controversial issues in emotion theory. In P. Shaver (Ed.), *Review of personality and social psychology, (Vol. 5*, pp. 64-88), Beverly Hills, CA: Sage.

Erber, R. (1991). Affective and semantic priming: Effects of mood on category accessibility and inference. *Journal of Experimental Social Psychology, 27*, 480-498.

Field, T., Dempsey, J., Hallock, N., & Shuman, H. (1978). The mother's assessment of the behavior of her infant. *Infant Behavior and Development, 1*, 156-167.

Field, M. T., & Greenberg, R. (1982). Temperament ratings by parents and teachers of infants, todlers, and preschool chidren. *Chid Development, 53*, 160-163.

Field, T. M., Healy, B., Goldstein S., & Guthertz, M. (1990). Behavior-state matching and synchrony in mother infant interactions of nondepressed versus depressed dyads. *Developmental Psychology, 26*, 7-14.

Field, T., Sandberg, D., Garcia, R., Vega-Lahr, N., Goldstein, S., & Guy L. (1985). Pregnancy problems, postpartum depression, and early mother infant interactions. *Child Development 21* (6), 11521156.

Fiedler, K. (1991). On the task, the measures and the mood in research on affect and social cognition. In J. P. Forgas (Ed.), Emotion and social judgements (pp. 83-104). Elmsford, NY: Pergamon Press.

Finman, R., & Berkowitz, L. (1989). Some factors influencing the effect of depressed mood on anger and overt hostility toward another. *Journal of Research in Personality, 23*, 70-84.

Fish, M. (s. d.). Documento não publicado. Pennsylvania State University.

Fish, M., & Crockenberg S. (1981). Correlates and antecedents of nine-month infant behavior and mother-infant interaction. *Infant Behavior and Development, 4*, 69-81.

Fish, M., & Stifter, C. A. (1993).Mother parity as a main and moderating influence on early mother-infant interaction. *Journal of Applied Developmental Psychology, 14* (4) 557-572

Fleming, A. S., Ruble D. N., Flett, G. L., & Shaul, D.L. (1988). Postpartum adjustment in first-time mothers: Relations between mood, maternal attitudes, and mother-infant interactions. *Developmental Psychology, 24*, 71-81.

Fogel, A. (1982). Affect dynamics in early infancy:Affective tolerance. In T. Field & A. Fogel (Eds.), *Emotions and interaction: Normal and high-risk infants* (pp.15-56). Hillsdale, N.J.: Erlbaum.

Forehand, R., McCombs, A., Brody G. H. (1987). The relationship between parental depressive mood states and child functioning. *Advances in Behavioral Research and Therapy, 9*, 1-20.

Forgas, J. P. (1991). Affect and cognition in close relationships. In G. Fletcher & F. Fincham (Eds.), Cognition in close relationships (pp. 151-174). Hillsdale , NJ : Erlbaum.

Forgas, J. P.(1992a). Affect in social judgments decisions: A multiprocess model. In M. Zanna (Ed.),. Advances in experimental social psychology, (Vol. 25, pp. 227-275), San Diego, CA: Academic Press.

Forgas, J. P. (1992b). On bad mood and peculiar people: Affect and person typicality in impression formation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 62, 863-875.

Forgas, J. P. (1993). On making sense of odd couples: mood effects on perception of mismatched relationships. *Personality and Social Psychology Bulletin 19,* 59-71.

Forgas, J. P. (1994). Sad and guilt? Affective influences on the explanation of conflict episodes. *Journal of Personality and Social Psychology, 66* 56-68.

Forgas, J. P. (1995). Mood and Judgment: The affect infusion model (AIM). Psychological Bulletin, 117, 39-66.

Fraiberg, S. (1979). Blind infants and their mothers: an examination of the sign system. in M. Bullowa (Ed.), *Before speech, the beginning of interpersonal communicacation* (pp. 149-169). London: cambridge University Press.

Frijda, N. H. (1986). *The emotions*. Cambridge: Cambridge University Press.

Frodi, A., Bridges, L., & Shonk, S. (1989). Maternal correlates of infant temperament ratings and of infant-mother attachment: A longitudinal study. *Infant Mental Health Journal, 10* (4), 273-289.

Frodi, A. e Lamb, M. E. (1980). Child abusers' responses to infant smiles and crys. *Child Development, 51*, 238-241.

Frodi, A. M., Lamb, M. E., Leavitt, L.A., & Donovan, W.L. (1978). Father' and mothers' responses to infant smiles and cries. *Infant Behavior and Development, 1*, 187-198.

Frodi, A. M., Lamb, M. E., Leavitt, L.A., Donovan, W.L., Neff, C. & Sherry, D. (1978). Fathers' and mothers' responses to the faces and cries of normal and premature infants. *Developmental Psychology, 14*, 490-498.

Froman, R. D., & Owen, S.V. (1990). Mothers and nurces perceptions of infant care skills. *Research in Nursing and Health, 13* (4), 247-253.

Frude, N., & Goss, A, (1979). Parental anger: A general population survey. *Child Abuse and Neglect, 3*, 331-333.

Fullard, W., McDevitt, S. C., Carey, W. B. (1984). Assessing temperament in one-to-three-year-old children. *Journal of Pediatric Psychology, 9*, 205-216.

Garcia-Coll, C., Halpern, L. F., Vohr, B. R., & Seifer, R. & Ho W. (1992). Stability and correlates of change of early temperament in preterm and full-term infants. *Infant Behaviour and Development 15* (2), 137-153.

Garbarino, J. (1976). A preliminary study of some ecological correlates of child abuse: The impact of socioeconomic stress on mohers: *Child Development, 47* 178-185.

Gibaud-Wallston, J. A. (1977). Self-esteem and situacional stress: Factors related to sense of competence in new parents. (Doctoral dissertation, George peabody college for Teachers, 1977). *Dissertation Abstracts International, 39* 379B.

Godding, P. R., & Glasgow, R. E. (1985). Self-efficacy and outcome expectations as predictors of controled smoking status. *Cognitive Therapy and Research, 9*, 583-590.

Goldberg, S. (1977). Social competence in infancy - A model of parent-infant interaction. *Merril-Palmer Quarterly, 23*, 127-141.

Goldsmith, H. H. (1986). heritability of temperament: cautions and some empirical evidence. In in In G. Kohnstamm (Ed.), *Temperament discussed* (pp. 83-96). Amsterdam: Swetz e Zeitlinger.

Goldsmith, H. H. (1989). Behavior-Genetics approaches to temperament. In G. Kohnstamm, J. Bates, & M. K. Rothbart (Eds.), *Temperament in childhood* (pp. 11-132). Chichester: John Wiley & Sons.

Goldsmith, H. H. (1996). Studing temperament via construction of the Toddler Behavior Assessment Questionnaire. *Child Development, 67*, 218-235.

Goldsmith, H. H., Buss, A. H. Plomin, R., Rothbart M. K., Thomas, A., Chess, S., Hinde R. A., & MacCall, R.B. (1987). Roundtable: What is temperament? Four approaches. *Child Development, 58*, 505-529.

Goldsmith, H. H., & Campos, O. (1982). Toward a teory of infant temperament. In R. Emde, & R. Harmon (Eds.), *Attachment and affiliative systems* (pp. 161-193). New York: Plenum.

Goldsmith, H. H. e Campos, O. (1986). Fundamental issues in the study of infant temperament: The Denver Twin Temperament Study. In M. E. Lamb, A. L. Brown, & B. Rogoff (Eds.), *Advances in Developmental Psychology* (Vol. 4, pp. 231-283). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Goldsmith, H. & Reiser-Danner, L. (1986). Variation among temperament theories and validation studies of temperament assessment. in In G. Kohnstamm (Ed.), *Temperament discussed* (pp. 1-9). Amsterdam: Swetz e Zeitlinger.

Gomes-Pedro, J. C. (1989). The effectcs of extended contact in the neonatal period on the behavior of a sample of portuguese moyhers and inants. In K. Nugent, B. M. Lester, T. B. Brazelton (Eds.), *The cultural context of infancy: Biology, culture and infant development* (pp. 209-235). New Jersey: Ablex Publishing.

Gottman, J. M., & Katz, L. F. (1989). Effects of marital discord on young children's peer interaction and health. *Developmental Psychology 25*, 373-381.

Greenspan, S. (1989). The development of the ego: Insigths from clinical work with infants and young children. In S. Greenspan & G. Pollock The course of life. (Vol. 1, pp. 85-164) Infancy, Madison: International University Press.

Greist, D. L., Wells, K. C., & Forehand, R. (1979). An examination of predictors of maternal perceptions of maladjustement in clinic-referred children. *Journal of Abnormal Psychology, 88*, 277-281.

Gross, D., Conrad, B., Fogg, L., & Wothke, W. (1994). A longitudinal model of maternal self-efficacy, depression, and difficult temperament during toddlerhood. *Research in Nursing and Health, 17* (3), 207-215.

Gross, D., Rocissano, L., & Roncoli, M. (1989). Maternal confidence during toddlerhood: Comparing preterm and fuulterm groups. *Research in Nursing and Health, 12*, 1-9.

Guerin, D., & Gottfried, A. (1994). Temperamental consequences of infant difficultness. *Infant Behavior and Development, 17*, 413-421.

Gunnar, M. R. (1980). Control, warning signals, and distress in infancy. *Developmental Psychology, 16*, 281-289.

Gunnar, M. R., Porter, F., Wolf, C., Rigasuto, J., & Larson, M. (1995). Neonatal stress reactivity: Predictions to later emtional temperament. *Child Development, 66*, 1-13.

Gustafson, G., & Green, J. (1989). On the importancy of fundamental frequency and other acoustic features in cry perception and infant development. *Child Development, 60*, 772-780.

Hagekull, B., & Bohlin, G. (1981). Individual stability in dimensions of infant behavior. *Infant Behavior and Development, 4*, 97-108.

Hagekull, B. & Bohlin, G. (1986). Mother infant interaction and perceived infant temperament. *International Journal of Behavioral Development, 9*, 297-313.

Halpern, L., Anders, T., Coll, C., Hua, J. (1994). Infant temperament: Is there a relation to sleep-wake states and maternal nighttime behavior? *Infant Behavior and Development, 17*, 255-263.

Heath, D. (1977). Some possible effects of occupation on the maturing of professional men. *Journal of Vocational Behavior, 11*, 263-281.

Heider, F. (1991). Social perception and phenomenal causality. *Psicologia, 8* (1), 143-156. (reimpressão do original inglês, Social perception and phenomenal causality, *Psychological Review, 51*, 1944).

Hetherington, E. M., & Camara, K. A. (1984). Families in transition: The processes of dissolution and reconstituion. In R. D. Parke (Ed.), *The family* (pp. 398-439). Chicago: University of Chicago Press.

Hilton, D. J., Smith, R. H., & Kim, S. H. (1995). Processes of causal explanation and dispositional attribution. Journal of Personality and Social Psychology, 68, 377-387.

Hinde, R. A. (1989). Temperament as an intervening variable. In G. Kohnstamm, J. Bates, & M. K. Rothbart (Eds.), *Temperament in childhood* (27-33). Chichester: John Wiley & Sons.

Hinde, R. A., & Bateson, P. (1984). Discontinuities versus continuities in behavioral development and the neglect of process. *International Journal of Behavioral Development, 7*, 129-143.

Hoffman, M. L. (1983). Affective and cognitive processes in moral internalization. In E. T. Higgins, D. N. Ruble, & W. W. Hartup (Eds.), *Social cognition and social behavior developmental perspectives* (pp. 236-274). Cambridge: Cambridge University Press.

Hubbard, F., & Ijzendoorn, M. (1991). Maternal unresponsiveness and infant crying across the first 9 moths: A naturalistic longitudinal study. *Infant Behavior and Development, 14*, 299-312.

Hubert, N., Wachs, T., Peters-Martin, P., & Gandour, M. (1982). The study of early temperament: measurment and conceptual issues. *Child Development, 53*, 571-600.

Huffman, L., Bryan, Y., Pedersen, F. Lester, B. Newman, J., & Carmen, R. (1994). Infant cry acoustics and maternal ratings of temperament. *Infant Behavior and Development, 17*, 45-53.

Hynan, D. & Grush, J. (1986). Effects of impulsivity, depression, provocation, and time on agressive behavior. *Journal of Research in Personality, 20*, 158-171.

Ingram, R. E. & Kendall, P.C. (1986). Cognitive clinical psychology: Implications of an information processing perspective. In R. E. Ingram (Ed.), *Information processing approaches to clinical psychology* (pp. 3-21). New York: Academic Press.

Isen, A. M. (1984). Toward understanding the role of affect in cognition. In R. S. Wyer & T. K. Srull (Eds.), *Handbook of social cognition*, (Vol. 3, pp. 179-236) Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum.

Isen, A. M., Means B., Patrick, R., & Nowicki, G. (1982). Some factors influencing decision-making strategy and risk taking. In M. S. Clark & S. T. Fiske (Eds.), *Affect and cognition* (pp. 243-261). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Isen, A. M., Shalker, T., Clark, M., & Karp, L. (1978). Affect, acessibility of material in memory and behavior: A cognitive loop? *Journal of Personality and Social Psychology, 36*, 1-12.

Izard, C. E. (1977). Human emotions. New York: Plenum.

Izard, C. E. (1984). Emotion-cognition relationships and human development. In Izard, C. E., Kagan, J. & Zajonc, R. B. (Eds.), *Emotions, cognition, and behavior* (pp.17-37). Cambridge, England: Cambridge University Press.

Izard, C. E. (1989). Basic emotions, relations among emotions, and emotion-cognition relations. *Psychological Review, 99* (3), 561-565.

Izard, C. E. Basic emotions, relations among emotions, and emotion-cognition relations. *Psychological Review, 99*, 561-565.

Izard, C. E., Kagan, J., & Zajonc, R. B. (1984). *Emotions, cognition, and behavior*. Cambridge, England: Cambridge University Press.

Izard, C. E., & Malatesta, C. Z. (1987). Perspectives on emotional development I: Differential emotions theory of early emtional development. In J. D. Osofsky (Ed.), *Handbook of infant development* (2nd ed. pp. 494-554), New York: Wiley.

James, W. (1990). The Physical basis of emotions. Psychological Review, 101, 205-210. (reimpressão da obra original publicada em 1894)

Johnson, M. H. & Magaro, P. A. (1987). Effects of mood and severity on memory processes in depression and mania. *Psychological Bulletin, 101*, 28-40.

Johnson, J. E., & McGillicuddy-Delisi, A. (1983). Family environment factors and children's knowledge of rules and conventions. *Child Development, 54*, 218-226.

Johnson, H. L. & Rosen, T. S. (1990). Mother infant interaction in a multirisk population. *American Journal of Orthopsychiatry, 60*, (2), 281-288.

Johnson-Laird P. N., & Oatley, K. (1989). The language of emotions: An analysis of a semantic field. *Cognition and Emotion, 3*, 81-123.

Johnson-Laird P. N., & Oatley, K. (1992). Basic emotions, rationality, and folk theory. In N. L. Stein, & K. Oatley (Eds.), *Basic emotions. A special issue of cognition and emotion* (pp. 201-223). Hove: Lawrence Erlbaum.

Jones E. E. (1990). *Interpersonal perception*. Freeman.

Kagan, J. (1971). *Change and continuity in infancy*. New York: Wiley.

Kagan, J. & Snidman, N. (1991). Temperamental factores in human development. *American Psychologist, 46*, 856-862.

Kagan, J., Reznick, J. S., & Snidman, N. (1988). Biological bases of childhood shyness. *Science, 240*, 167-171.

Kanfer, R., & Zeiss, A. M. (1983). Depression, interpersonal standard-setting, and judgments of self-efficacy. *Journal of Abnormal Psychology, 92*, 319-329.

Kavanagh, D. J., & Bower, G. H. (1985). Mood and self-efficacy: Impact of joy and sadness on perceived capabilities. *Cognitive Therapy and Research, 9*, 507-525.

Kazdin, A. E. (1979). Imagery elaborations and self-efficacy in the covert modeling treatment of unassertive behaviour. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 47*, 725-733.

Keener, M. A., Zeanah, C H., & Anders, T. F. (1989). Infant temperament, sleep organization, and nighttime parental interventions. *Annual Progress in Child Psychiatry and Child Development*, 257-274.

Kelley, H. H. (1967). Attribution theory in social psychology. In D. Levine (Ed.) *Nebrasca symposium on motivation*, (pp.192-238). Lincoln: University of Nebrasca Press.

Kelley, H. H. (1972). Attribution in social interaction. In E. E. Jones, D. Kanouse, H. H. Kelly, R. S. Nisbett, S. Valins, & B. Weiner (Eds.), *Attribution: Perceiving the causes of behavior* (pp. 192-238). Morristown, N. J.: General Learning Press.

Kelly, P. (1976). The relation of infant's temperament and mother's psychopatology to interactions in early infancy. In K. F. Riegel, & J. A. Meacham (Eds.), *The developing individual in a changing world*. (Vol. 2, pp. 664-675). The Hague: Mouton.

Kemper, T., & Reichler, M. (1976). Fathers work integration and frequences of rewards and punishments administered by fathers and mothers to adolescent sons and daugthers. *Journal of Genetic Psychology, 129*, 207-219.

Klein, P. (1984). The relation of Israeli mothers toward infants in relation to infant's perceived temperament. *Child Development, 55*, 1212-1218.

Knutson, J. F. (1978). Child abuse as an area of agression research. *Journal of Pediatric Psychology, 3*, 20-27.

Kochanska, G., Kuczynski, L., Radke-Yarrow, M. & Welch, J.D. (1987). Resolutions of control episodes between well and affectively ill mothers and their young children. *Journal of Abnormal Child Psychology, 15*, 441-456.

Kohnstamm, D. (1985). *Some new results obtained with the Dutch translation of the I.C. Q. (Bates).* Paper presented at the workshop Temperament and Development in Childhood, Leiden July 1-3.

Kohnstamm, G. A. (1984). Bates' Infant Characteristics Questionnaire (ICQ) in the Netherlands. Paper prepared for the *fourth biennial international conference on infant studies.* April 4-7 New York.

Korner A. (1984). Les différences individuelles a la naissance et leurs implications dans le domaine des pratiques de soins infantiles. *Psychiatrie de l'enfant*, 27 (2). (obra original publicada em 1972)

Korner, A., & Grobstein, R. (1966). Visual alertness as related to soothing in neonates: implications for materanl stimulation and early deprivation. *Child development, 37*, 867-876.

Korner, A. F., & Thoman, E. B. (1972). The relative efficacy of contact and vestibular-proprioceptive stimulation in soothing neonates. *Child Development, 43* 443-453.

Kreisler. L. (1981). *L' enfant du désordre psychosomatique.* Toulouse: Privat

Kubicek, L. (1980). Organization in two mother-infant interactions inVol.ving a normal infant and his fraternal twin brother who was later diagnosed as autistic. In T. Field, S. Goldberg, D. Stern, & A. Sostek (Eds.), *High-risk infants and children. Adult and peer interactions* (pp. 99-110). New York: Academic Press Inc.

Lahey, B. B., Conger, R. D., Atkenson, B. M., & Treiber, F. A. (1984). Parenting behavior and emotional status of physically abusive mothers. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 52*, 1062-1071.

Lamb, M., & Easterbooks, M. (1981). Individual differences in parental sensitivity: Origins, components, and consequences (pp. 127-153). In M. Lamb, & L. Sherrod (Eds.), *Infant Social Cognition N. J. Erlbaum.*

Lamour, M., & Lebovici, S. (1991). Les interactions du nourrisson avec ses partenaires: Évaluations et modes dábord préventifs et thérapeutiques. *Psychiatrie de l'enfant*, 34 (1),.171-275.

Larrance, D. T., & Twenyman, C. T. (1983). Maternal attributions and child abuse. *Journal of Abnormal Psychology, 92*, 449-457.

Lazarus, R. S. (1991). Progress on a cognitive-emtional-relational theory of emotion. *American Psychologist. 46*, 819-834.

Lazarus, R. S. & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal and coping*. New York: Springer.

Lebovici, S., & Stoléru, S. (1987). *O bebé a mãe e o psicanalista* Porto Alegre: Artes Médicas. (obra original publicada em Francês, 1983)

Lécuier, R., Pecheux, M., & Streri, A. (1994). Development cognitif du nourrisson. Paris: Nathan.

Lee, C. (1984a). Accuracy of efficacy and outcome expectations in predicting performance in a simulated assertiveness task. *Cognitive Therapy and Research, 8*, 37-48.

Lee, C. (1984b). Efficacy expectations and outcome expectations as predictors of performance in a snake-handling task. *Cognitive Therapy and Research, 8*, 509-516.

Lee, C., & Bates, J. (1985). Mother-Child interaction at age two years and perceived difficult temperament. *Child Development, 56*, 1314-1325.

Lerner, J. V. (1984). The import of temperament for psychosocial functionig: Tests of a "Goodness of fit" model. *Merril-Palmer Quarterly, 30*, 177-188.

Lerner, J. V. (1984). The influence of child temperamental characteristics on parental behaviors. In T. Luster, & L. Okagaki (Eds.), Parenting. An ecological perspective. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Lerner, J. V., Lerner, R. M, (1983). Temperament and adaptation across life: Theoretical and empirical issues. In P. Baltes, & O. Brim (Eds.), *Life-span development and behavior, (Vol. 5*, pp. 197-231) Academic Press.

Lerner, J. V., Lerner, R. M., & Zabsky, S. (1985). Temperament and elementary school children's actual and rated academic performance: A test of a "goodness of fit" model. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 26*, 125-136.

Lerner, R. M., Lerner, J. V., Windle, M., Hooker, K., Lenerz K., & East, P. L. (1986). Children and adolescents in their contexts: tests of a goodness of fit model. In R. Plomin, & J. Dunn (Eds.), *The study of temperament: changes, continuities and challenges* (pp. 99-114). Hiilsdale: Lawrence Erlbaum.

Leventhal, H. (1984). A perceptual-motor theory of emotion. In L. Berkowitz (Ed.), *Advances in experimental social psychology*, (Vol. 17, pp.117-182), New York: Academic Press.

Lewis, M., Alessandrini, S. M., & Sullivan, M. W. (1990). Violations of expectancy, loss of control, and anger expressions in young children. *Developmental Psychology, 26*, 745-751.

Lézine, I. (1975). Observation sur le couple mère-enfant au cours des premières expériences alimentaires. *Pshychiatrie de l'Enfant, 18*, 75-146.

Linn, P. & Horowitz, F. (1983). The relationship between infant individual differences and mother-infant interaction during the neonatal period. *Infant Behavior and Development, 6*, 415-427.

Longfellow, C., Zelkowitz, P., & Saunders, E. (1982). The quality of mother-child relationships. In D. Belle (Ed.), *Lives in stress* (pp. 163-176). Beverly Hills, CA: Sage.

Lopes-dos-Santos, P. (1992) *Infant state control during feeding interactions in the neonatal period.* Comunicação apresentada no 5th European Conference on Development Psychology, Sevilha, Setembro.

Lounsbury, M. L., & Bates, J. E. (1982). The cries of infants of differing levels of perceived temperament difficultness: Acoustic properties and effects on listeners. *Child Development, 53*, 677-686.

Lyon M & Plomin, R. (1980). The measurement of temperament using parental ratings. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 21*, 1-7.

Maccoby, E. E. (1980). *Social development: Psychological growth in the parent-child relationship*. San Diego, CA: Harcourt Brace Jovanovich.

Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In P. H. Mussen (Series Ed.) & E. M. Hetherington (Vol. Ed.) *Handbook of child psychology*: (Vol. 4, pp. 1-101). Socialization, personality, and development. New York: Wiley.

Manning, M. M., & Wright, T. L (1983). Self-efficacy expectancies, outcome expectancies and persistence of pain control in childbirth. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45, 421-431.

Mash, E. J., & Johnston, C. (1982). A comparision of the motherchild interactions of younger and older hyperactive and normal children. *Child Development, 53*, 1371-1381.

Massie, H. (1980). Pathological interactions in infancy. In T. Field, S. Goldberg, D. Stern, & A. Sostek (Eds.), *High-risk infants and children. Adult and peer interactions* (pp. 79-97). New York: Academic Press Inc.

Mathney, A. P., Jr Riese, M. L., & Wilson, R. S. (1985). Rudiments of infant temperament: Newborn to nine months. *Developmental Psychology, 21*, 486-494.

Matheney, A. P., Wilson, R. S. & Thoben, A. S. (1987). Home and mother: relations with infant temperament. *Developmental Psychology, 23*, 323-331.

Mayer, J. D., Gaschke, Y. N., Braverman, D. L., & Evans, T. W. (1992). Mood congruent judgement is a general effect. *Journal of Personality and Social Psychology, 63*, 119-132.

Mazet, P., Stoleru, S. (1990). Manual de psicopatologia do recém-nascido. Porto Alegre: Artes Médicas. (obra original publicada em Francês, 1988)

McDevitt, S. C. (1986). Continuity and discontinuity of temperament in infancy and early childhood: A psychometric perspective. In R. Plomin, & J. Dunn (Eds.), The study of temperament: Changes, continuities and challenges. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

McDevitt, S. C., & Carey, W. F. (1981). Stability of ratings vs. perceptions of temperament from early infancy to 1-3 years. *American Journal of Orthopsychiatry, 51*, 342-345.

McIntyre, K. O., Mermelstein, R. J., & Lichtenstein, E. (1983). Self-efficacy and relapse in smoking cessation: A replication and extension. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 51*, 632-633.

McLoyd, V. C. (1990). The impact of economic hardship on black families and children: Psychological distress, parenting and socioemotional development. *Child Development, 61*, 311-246.

Mebert, C. J. (1991). Dimensions of subjectivity in parents' ratings of infant temperament. *Child Development, 62*, (2), 352-361.

Mercer, R. T., (1981). A theoretical framework for studying factors that impact on the maternal role. *Nursing Research, 30* (2), 73-77.

Mercer, R. T. (1985). The process of maternal role attainement over the first year. *Nursing Research, 34*, 198-204.

Mercer, R. T. (1986). *First-time motherhood: Experiences from teens to forties.* New York: Springer Publishing.

Mercer, R. T., & Ferketich, S. (1994).Predictors of maternal role competence by risk status. *Nursing Research, 43* (1), 73-77.

Miller, I., & Norman, W. (1979). Learned helplessness in humans: A review and atribution theory model. *Psychological Bulletin, 86*, 93-118.

Miller, S. A. (1995). Parents' attributions for their children's behavior. *Child Development, 66*, 1557-1584.

Miller, S. M. (1981). Predictability and human stress: Towards a clarification of evidence and theory. In: L. Berkowitz (Ed.), *Advances in experimental social psychology*, (Vol. 14, pp 204-256). New York: Academic Press.

Milliones, J. (1978). Relationship between perceived child temperament and maternal behaviors. *Child Development, 49*, 1255-1257.

Minton, C., Kagan, J., & Levine, J. (1971). Maternal control and obedience in the two-year-old. *Child Development, 42*, 1873-1894.

Moss, H. A. (1967). Sex, age and state as determinants of mother infant interaction. *Merrill-Palmer Quarterly, 13*, 19-36.

Moss, R. H., & Moss, B. (1981). *Revised Family Environment Scale*. Palo Alto, CA: Consulting Psychology Press.

Murphy, S., & Zajonc, R. B. (1993). Affect, cognition, and awereness: Affective priming with optimal and suboptimal stimulus exposures. *Journal of Personality and Social Psychology, 64*, 723-739.

Murphy, S., Monahan, J. L., & Zajonc, R. B. (1995). Additivy of nonconscious affect: Combined effects of priming and exposure. *Journal of Personality and Social Psychology, 69*, 589-602.

Novaco, R. (1985). Anger and its therapeutic regulation. In C. Margaret & R. Rosenman (Eds.), *Anger and hostility in cardiovascular and behavioral disorders* (pp. 203-226). New York: Hemisphere.

Novaco, R. (1986). Anger as a clinical and social problem. In R. Blanchard & C. Blanchard (Eds.), *Advances in the study of agression*. (Vol. 2) New York: Academic Press.

Novaco, R., & Welsh, W. (1989). Anger disturbances: Cognitive mediation and clinical prescriptions. In K. Howells & C. Hollin (Eds.), *Clinical approaches to violence* (pp. 39-60). John Wiley and Sons.

Olioff, M., & Aboud, F. E. (1991). Predicting postpartum dysphoria in primiparous mothers: Roles of perceived parenting self efficacy and self-esteem. *Journal of Cognitive Psychoterapy: An International Quarterly, 5* (1), 3-14.

Ortony, A., & Clore, G. L. (1989). Emotions moods and conscious awareness: Comment on Johnson-Laird and Oatley's "the language of emotions: An analysis of a semantic field". *Cognition and Emotion, 3* 125-137.

Ozer, E. M., & Bandura, A. (1990). Mechanisms governing empowerment effects: A self efficacy analysis. *Journal of Personality and Social Psychology, 58*, 472-486.

Panaccione, V. F., & Whaler, R. G. (1986). Child behavior, maternal depression, and social coercion as factors in the quality of child care. *Journal of Abnormal Child Psychology, 14*, 263-278.

Pascoe, J. M., Loda, F. A., Jeffries, V., & Easp, J. A. (1981). The association between mothers' social support and the provision of stimulation to their children. *Developmental and Behavioral Pediatrics, 2*, 15-19.

Passman, R. H., & Mulherin, R. K. (1977). Maternal punitiveness as affected by situational stress: An experimental analogue of child abuse. *Journal of Abnormal Psychology, 86*, 565-569.

Patterson, G. R. (1980). Mothers: The unacknowledged victims. *Monographs of the Society for Research in Child Development, 45* (5, serial nº 186).

Patterson, G. R. (1982). *Coercive family process*. Eugene, OR: Castalia.

Peters-Martin, P., & Wachs, T. (1984). A longitudinal study of temperament and its correlates in the first 12 months. *Infant Behavior and Development, 7*, 285-298.

Pettit, G. & Bates, J. (1984). Continuity of individual differences in the mother-infant relationship from 6 to 13 months. *Child Development, 55*, 729-739.

Petty, R. E., Gleicher, F.; & Baker, S. (1991). Multiple roles for affect in persuasion. In J. P. Forgas (Ed.), *Emotion and social judgments* Elmsford, NY: Pergamon Press.

Piaget, J. (1975). *O nascimento da inteligência na criança*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. (obra original publicada em Francês, 1966)

Piotrkowski, C. S. (1979). *Work and the family system: A naturalistic study of working-class and lower-middle class families*. New York: The Free Press.

Pires A. P. (1992). A irritabilidade nas relações parentais. *Análise Psicológica*, 91-103.

Platão (1982) *Diálogos* IV. Lisboa: Publicações Europa-América.

Plomin, R. (1981). Heredity and temperament: A comparison of twin data for sef-report questionnaires, parental ratings, and objectively assessed behavior. In L. Gedda, P. Parisi & W. E. Nance (Eds.), *Twin Research 3:* Part B. Intelligence, personality, and development (vol. 69B, pp. 269-278). New York: Alan R. Liss.

Plomin, R. (1986). *Development, genetics and psychology*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Plomin, R. (1989). Environment and genes: determinants of behavior. *American Psychologist, 44*, 105-111.

Plomin, R., Coon, H., Carey, G., DeFries, J. C., & Fulker, D. (1991). Parent-offspring and sibling adoption analyses of parental ratings of temperament in infancy and childhood. *Journal of Personality, 59* (4), 705-732.

Plomin, R., & Daniels, D. (1984). The interaction between temperament and environemnt. Methodological considerations. *Merril Palmer Quarterly, 30*, 149-162.

Plomin, R., & Daniels, D. (1987). Why are children in the same family so different from one another? *Behavioral and Brain Sciences, 10*, 1-60.

Plomin, R., & Defries, J. C. (1985). *Origins of individual differences in infancy*: The colorado adoption project. New York: Academic Press.

Plomin, R., & Rowe D.C. (1977). Genetic and environmental etiology of social behavior in infancy. *Developmental Psychology 15*, 107-113.

Prechtl, H. F. (1963). The mother-child interaction in babies with minimal brain damage. In B. M. Foss (Ed.), *Determinants of infant behavior*, (Vol. 2, 53-59), London: Methuen.

Pridam, K. F., Lytton, D., Chang, A. S., & Rutledge, D. (1991). Early postpartum transition: Progress in maternal identity and role attainment. *Research in Nursing and Heath, 14*, 21-31.

Prior, M., Sanson, A., & Oberklaid, F. (1989). The Australian temperament project. In G. Kohnstamm, J. Bates, & M. K. Rothbart (Eds.), *Temperament in Childhood* (pp. 537-554). Chichester: John Wiley & Sons.

Radke-Yarrow, M. (1990). Family environments of depressed and well parents and their children. Issues of research methods. In G. R. Patterson (Ed.), *Depression and agression in family interaction* (pp. 169-184).. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Reece, S. M. (1992). The parent expectations Survey: A measure of perceived self-efficacy. Nursing Research 1 (4), 336-346.

Richters, J. (1992). Depressed mothers as informants about their children: A critical review of the evidence for distortion. *Psychological Bulletin, 112*, 485-499.

Rickard, K. M., Forehand, R., Wells K. C.; Greist, D. L., & McMahon, R. J. (1981). Factors in the referral of children for behavioral treatment: A comparison of mothers of clinic-referred deviant, clinic referred non-deviant, and non clinic children. *Behavioral Research and Therapy, 19*, 201-205.

Riese, M. L. (1987). Temperamental stability between the neonatal period and 24 months. *Developmental Psychology, 23*, 216-222.

Rogers, T. R., & Forehand, R. (1983). The role of maternal depression in interaction between mothers and their clinicreferred chidren. *Cognitive Therapy and Research, 7*, 315-324.

Rosenberg, M. (1965). Society and the adolescent self image. Princeton University Press.

Rothbart, M. K. (1981). Measurement of temperament in infancy. *Child Development, 52*, 569-578.

Rothbart, M. K. (1986). Longitudinal observations of infant temperament. *Developmental Psychology, 22*, 356-365.

Rothbart, M. K. (1987). A psychobiological approach to the study of temperament. In G. Kohnstamm (Ed.), *Temperament discussed* (63-72). Amsterdam: Swetz e Zeitlinger.

Rothbart, M. K. (1988). Temperament and the development of inhibited approach. *Child Development, 59*, 1241-1250.

Rothbarth, M. K. (1989). Temperament and development. In G. Kohnstamm, J. Bates, & M. K. Rothbart (Eds.), *Temperament in childhood* (pp. 187-247). Chichester: John Wiley & Sons.

Rothbard, M. K., & Derriberry, D. (1981). Development of individual differences in temperament. In M. E. Lamb & A. L. Brown (Eds.), *Advances in developmental psychology*, (Vol. 1, pp. 37-86) Hillsdale , NJ: Erlbaum.

Rubin, R. (1984).Maternal identity and the maternal experience. New York: Springer Publishing.

Rubin, J. (1986). The emotion o of anger: some conceptual and theoretical issues. *Journal of Personality and Social Psychology, 17*, 115-124.

Ruble, D. N., Brooks-Gunn, J., Fleming, A. S., Fitzmaurice, G., Stangor, C., & Deutsch, F. (1990). Transition to motherhood and the self: Measurement stability and change. *Journal of Personality and Social Psychology, 58*, 450-463.

Rule, B. G., Taylor, B., & Dobbs, A. R. (1987). Priming effects of heat on aggressive thoughts. *Social Cognition, 5*, 131-144.

Rutter, M. (1987). Continuities and discontinuities from infancy: In Osofsky (Ed.), *Handbook of infant development* (pp. 1256-1296). New York: Wiley.

Rutter M. (1989). Temperament: Conceptual issues and clinical implications. In G. Kohnstamm, J. Bates, & M. K. Rothbart (Eds.), *Temperament in childhood* (pp. 463-479). Chichester: John Wiley & Sons.

Salovey, P.,O'Leary, A., Stretton, M., Fishkin, S., & Drake, C. A. (1991). Influence of mood on judgemnets about health and illness. In J. P. Forgas (Ed.), Emotion and social judgments (pp. 241-262). Elmsford, NY: Pergamon Press.

Sameroff, A. J., Seifer, R. Elias, P. K (1982). Sociocultural variability in infant temperament ratings. *Child Development, 53*, 164-173.

Sander, L. W. (1962). Issues in early mother-child interaction. *Journal of American Academy of Child Psychiatry, 1*, 141-166.

Sander, L. W. (1969). The longitudinal course of early mother-child interaction: Cross case comparison in a sample of mother-child pairs. In B. M. Foss (Ed.), d*eterminants of infant behavior*, (Vol., 4, pp. 189-227). London: Methuen.

Sanson, A., Prior, M., Garino E., Oberklaid, F., & Sewell, J. (1987). The structure of infant temperament: Factor analysis of the Revised Infant Temperament Questionnaire. *Infant Behavior and Development, 10*, 97-104.

Saudino, K. J., & Eaton, W. O. (1991). Infant temperament and genetics: An objective twin study of motor activity level. *Child Development, 62* (5), 1167-1174.

Scarr, S. (1992).Developmental theories for the 1990s: Development and individual differences. *Child Development, 63*, 1-19.

Schachter, S. (1964). The interaction of cognitive and physiological determinants of emotional state. In L. Berkowitz (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (Vol. 1, 48-80), New York: Academic Press.

Schachter, S., & Singer, J. (1962). Cognitive, social, and physiological determinats of emotional state. *Psychological Review, 69*, 379-399.

Schaughency, E. A., & Lahey, B. B. (1985). Mothers' and fathers' perceptions of child deviance: Roles of child behavior, parental depression, and marital satisfaction. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 53*, 718-723.

Schuler, M. E., Black, Maureen, M., & Starr, R. H. (1995). Determinants of mother infant interaction: Effects of prenatal drug exposure, social support, and infant temperament. *Journal of Clinical Child Psychology, 24* (4), 397-405.

Seifer, R., Sameroff, A., Barret, L. C., & Krafchuk, E. (1994). Infant temperament measured by multiple observations and mother report. *Child Development, 65*, 1478-1490.

Seifer, R., Schiller, M., Sameroff, A., Resnick, S., & Riordan, K. (1996). Attachment, maternal sensitivity, and infant temperament during the first year of life. *Developmental Psychology, 32* (1), 12-25.

Seligman, M. (1975). *Helplessness: on depression, development, and death*. San Francisco: Freeman.

Shwalb, B., Shwalb, D., & Shoji, J. (1994). Structure and dimensions of maternal perceptions of japanese infant temperament. *Development Psychology, 30*, 131-141.

Sherer, K. R., & Ekman, P. (1984). *Approaches to emotion*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Singer, J. A., & Salovey, P. (1988). Mood and memory: Evaluating the network theory of affect. *Clinical Psychology review, 8*, 211-251.

Skinner, E. (1986). The origins of young children's perceived control: mother contingent and sensitive behavior. *International Journal of Behavior Development, 9*: 359-382

Smith, R. E. (1989). Effects of coping skills training on generalized self-efficacy and locus of control. *Journal of Personality and Social Psychology, 56*, 228-233.

Snyder, M., & White, P. (1982). Moods and memories: Elation, depression and remembering of the events of one's life. *Journal of Personality, 50*, 149-167.

Soulé, M. (1978). De la mère d' un enfant autistique. In M. Fontaine, L. Fredenucci, J. Gillibert, N. Jeammet, L. Kreisler, G. Maruani, J. Miermont, H. Molines, J. Noel, P. C. Racamier, M. Rouyer, & Soulé (Eds.), *Mère mortifière, mère meurtrière, mère mortifiée* (pp. 79-109).Paris: E.S.F.

Spielberger, C. D., Jacobs, G., & Russel, S. (1983). Assessment of anger: The State-Trait Anger Scale. In J. N. Butcher, & C. D. Spielberger (Eds.), *Advances in personality assessment*, (Vol. 2, 161-190). Hillsdale, N.J.: Lawrence Earlbaum.

Spielberger, C. D., Johnson, E. H., Russell, S. F., Crane, R. J., Jacobs, G. A., & Worden, T. J. (1985). The experience and expression of anger: Construction and validation of an anger expression scale. In M. A. Chesney e R. H. Rosenman, (Eds.), *Anger and hostility in cardiovascular and behavioral disorders* (pp.5-30). New York: Hemisphere/McGraw-Hill.

Spielberger, C. D., Krasner, S., & Solomon, E. (1988). The experience, expression and control of anger. In M. P. Janisse (Ed.), *Individual diferences and stress* (pp. 89-108). New York: Springer Verlag Publishers.

Spielberger, C. D., Reheiser, E., & Sydeman, S. (1995). Measuring the experience, expression and control of anger. *Issues in Comprehensive Pediatric Nursing*, 18, 207-233.

Steele, B. (1987). Psychodinamic factors in child abuse. In R. Helfer & R. S. Kempe (Eds.), *The batered child* (pp. 81-114). Chicago: The University of Chicago Press.

Stern, D. (1977). *Bebé mãe: Primeira relação humana.* Lisboa: Edições Salamandra

Stern, D. (1985). *The interpersonal world of the infant. A view from psychoanalysis and developmental psychology*. Basic Books.

Stern, H.,Arcus, D., Kagan, J., Rubin, D., & Snidman, N. (1995). Using mixture models in temperament research. *International Journal of Behavioral Development, 18*, 407-423.

Stevens-Long, J. (1973). The effects of behavioral context on some aspects of adult disciplinary practice and affect. *Child Development, 44*, 476-484.

Stevenson-Hinde, J. (1986). Towards a more open construct. In: G. A. Kohnstamm (Ed.), *Temperament discussed: Temperament and development in infancy and childhood* (97-106). Lisse (Neth): Swetz & Zeitlinger.

Stifter, C. A., & Fox, N. A. (1990). Infant reactivity: Physiological correlates of newborn and 5 -month temperament. *Developmental Psychology, 26* 582-588.

St. James-Roberts, I., & Wolke, D. (1986). Bases for a socially referenced approach to temperament. In G. A. Kohnstamm (Ed.), *Temperament discussed: Temperament and development in infancy and childhood* (pp. 17-26). Lisse (Neth): Swetz & Zeitlinger.

Strauss, M. A. (1979). Measuring intrafamiliar conflict and violence: The Conflict Tactics (CT) scales. *Journal of Marriage and the Family, 41*, 75-88.

Susman, E. J., Trickett, P. K., Iannotti, R. J., Hollenbeck, B. E., & Zahn-Waxler, C. (1985). Child-rearing patterns in depressed, abusive and normal mothers. *American Journal of Orthopsychiatry, 55*, 237-251.

Tangney, J. P., Hill-Barlow, D., Wagner, P. E., Marschall, D. E., Borenstein, J. K., Sanftner, J. Mohr, T., & Gramzow, R. (1996). Assessing individual differences in construtive versus destructive responses to anger across the lifespan. *Journal of Personality and Social Psychology. 70*, 780-796.

Tellegen, A., Lykken, D. T., Bouchard, T. J., Jr., Wilcox, K. J., Seal, N. L., & Rich, S. (1988).Personality similiratity in twins reared apart and together. *Journal of Personality and Social Psychology, 54*, 1031-1039.

Teti, M. D., & Gelfand, D. M. (1991). Behavioral competence among mothers of infants in the first year: the mediational role of maternal self-efficacy. *Child Development, 62*, 918-929.

Thomas, A., & Chess, S. (1977). *Temperament and Development*. New York: Brunner/Mazel.

Thomas, A. & Chess, S. (1989). *Temperament and personality*. In G. Kohnstamm, J. Bates, & M. K. Rothbart (Eds.), *Temperament in childhood* (249-261). Chichester: John Wiley & Sons.

Thomas, A., Chess, S., & Birch, H. G. (1968). *Temperament and Behavioral disorders in children*. New York: New York University Press.

Thomas, A., Chess, S., Birch, H., Hertzig, M., & Korn, S. (1963). *Behavioral individuality in early childhood*. New York: New York University Press.

Thomas, A., Chess, S., & Korn, S. J. (1982). The reality of difficult temperament. *Merril-Palmer Quarterly, 28*, 1-20.

Thorgensen, A. M., & Kringlen, E. (1978). Genetic aspects of temperamental differences in twins. *Journal of the American Academy of Child Psychiatry, 17*, 433-444.

Trickett, P. K., & Kuczynski, L. (1986). Children's misbehaviors and parental discipline strategies in abusive and nonabusive families. *Developmental Psychology, 22*, 115-123.

Trickett, P. K., & Susman, E. J. (1988). Parental perceptions of child-rearing practices in physically abusive and nonabusive families. *Developmental Psychology, 24*, 270-276.

Trope, Y. (1986). Identification and inference process in dispositional attribution. *Psychological Review, 93*, 239-257.

Tronick, E. Z., & Gianino, A. F (1986).The transmission of maternal disturbance to the infant. In E., Tronick, & T. Field (Eds.), Maternal depression and infant disturbance. *New directions for child development*, (Vol. 34, pp. 5-11) San Francisco: Jossey-Bass.

Unger, D. G., & Wandersman, L. P. (1988). The relation of family and partner support to the adjustment of adolescent mothers. *Child Development, 59*, 1056-1060.

Van den Boom D. C., & Hoeksma J. (1994). The effect of infant irritability on mother-infant interaction: A growth-curve analysis. *Developmental Psychology, 30*, 581-590.

Vasta, R. (1982). Physical child abuse: A dual-component analysis. *Developmental Review, 2*, 125-149.

Vaughn, B., Bradley, C. F., Joffe, L. S., Seifer, R., & Barglow, P. (1987). Maternal characteristics measured prenatally are preditive of ratings of temperamental "difficult" on the Carey Temperament Questionnaire. *Developmental Psychology, 23*, 152-161.

Vaughn, B. E., Taraldson, B. J., Crichton, L., & Egeland, B. (1981). The assessment of infant temperament: A critique of the Carey Infant Temperament Questionnaire. *Infant Behavior and Development, 4*, 1-17.

Wahler, R. G., & Dumas, J. E. (1989). Attentional problems in dysfunctional mother-child interactions: An interbehavioral model. *Psychological Bulletin, 105*, 116-130.

Walker, L.. O., Crain, H. & Thompson, E. (1986a). Maternal role attainement and identity in the postpartum period: stability and change. *Nursing Research, 35*, 68-71.

Walker, L. O., Crain, H. & Thompson, E. (1986b). Mothering behavior and maternal role attainement during the postpartum period. *Nursing Research, 35*, 352-355.

Walker, L. O., & Montgomery, E. (1994). Maternal identity and role attainment: Long-term relations to children's development. *Nursing Research, 43* (2), 105-110.

Washington, J., Minde, K., & Goldberg, S. (1987). Temperament in preterm infants: Style and stability. *Annual Progress in Child Psychiatry and Child Development*, 40-62.

Warner, T. (1986). Anger and similar delusions. In R. Harré (Ed.), *The social construction of emotions* (pp. 135-166). Oxford: Basic Blackwell.

Weiner, B. (1982). The emotional consequences of causal attributions. In M. C. Clark & S. T. Fiske (Eds.), *Affect and cognition* (pp. 185-209). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Weiner, B. (1985). An attribution theory of achievement motivation and emotion. *Psychological Review, 92*, 548-573.

Weiner, B. (1986). *An attribution theory of motivation and emotion*. New York: Springer-Verlag.

Weiner, B., Graham, S., & Chandler, C. (1982). Pity, anger and guilt: An attributional analysis. *Personality and Social Psychology Bulletin, 8*, 226-232.

Weiner, B., Graham, S., Stern, P., & Lawsen, M. E. (1982). Using affective cues to infer causal thoughts. *Developmental Psychology, 18*, 278-286.

Weinraub, M., & Wolff, B. M. (1983). Effects of stress and social support on mother-child interaction in single and two-parent families. *Child Development, 54*, 1297-1311.

Weissman, M. M., & Paykel, E. S. (1974). *The depressed woman*. Chicago: University of Chicago Press.

Williams, S. L., & Zane, G. (1989). Guided mastery and stimulus exposure treatments for severe performance anxiety in agoraphobics. *Behavior Research and Therapy, 27*, 237-245.

Windle, M., & Lerner, R. (1986). The "goodness of fit" model of temperament-context relations: interaction or correlation? In J. V. Lerner, & R. M. Lerner (Eds.), *Temperament and social interaction in infants and children* (pp. 109-119). New Directions for Child Development, 31. San Francisco: Jossey-Bass.

Wolfe, D. A. (1985). Child abusive parents: An empirical review and analysis. *Psychological Bulletin, 97*, 467-482.

Wolff, P. H. (1987). *The development of behavioral states and the expression of emotions in early infancy*. Chicago: University of Chicago Press.

Wolke, D., & St James-Roberts, I. (1986). Maternal affectivecognitive process in the perception of newborn difficultness. In G. A. Kohnstamm (Ed.), *Temperament discussed: Temperament and development in infancy and childhood* (pp. 27-34). Lisse (Neth): Swetz e Zeitlinger.

Wyer, R. S. & Srull, T. K. (1989) Memory and cognition in its social context Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Zahn-Waxler, C., Radke-Yarrow, M., & King, R. A. (1979). Childrearing and children's prosocial initiations towards victims of distress. *Child Development, 50*, 319-330.

Zahr, L. K. (1991). The relationship between maternal confidence and mother-infant behaviors in premature infants. *Research in Nursing and Heath, 14*, 279-286.

Zajonc, R. B. (1980). Feeling and thinking: Preferences need no inferences. *American Psychologist, 35*, 151-175.

Zajonc, R. B. (1984). On the primacy of affect. *American Psychologist, 39*, 117-123.

Zajonc, R. B., Murphy, S. T., & Inglehart, M. (1989). Feeling and facial efference: Implications of the vascular theory of emotions. *Psychological Review, 96*, 395-416.

Zajonc, R. B., & Markus, H. (1984). Affect and cognition: The hard interface. In Izard, C. E., Kagan, J., & Zajonc, R. B. (Eds.), *Emotions, cognition, and behavior* (pp. 73-102). Cambridge, England: Cambridge University Press.

Zeanah, C., Keener, M., & Anders, T. (1986). Developing perceptions of temperament and their relation to mother and infant behavior. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 27*, 499-512.

Zekoski, E. M., O'Hara, M. W., & Wills, K. E. (1987). The effects of maternal mood on mother-infant interaction. *Journal of Abnormal Child Psychology, 15*, 361-378.

Zelkowitz, P. (1982). Parenting philosophies and practices.In D. Belle (Ed.), *Lives in stress* (pp. 154-163). Beverly Hills, CA: Sage.

Zeskind, P. S., & Lester, B. M. (1978) Acoustic features and auditory perceptions of the cries of newborns with prenatal and perinatal complications. *Child Development, 49*, 580-589.

Zeskind, P., & Marshall, T. (1988). Maternal perceptions of cries are related to individual differences in cry pitch. *Child Development, 59*, 193-196.

Zussman, J. (1980). Situational determinants of parental behavior: effects of competing cognitive activity. *Child Development 51*, 792-800.

Instituto Superior de Psicologia Aplicada
BIBLIOTECA

TEMPERAMENTO / IRRITABILIDADE / AUTO-EFICACIA / MATERNAL / INTERACÇÃO MÃE-

ANTÓNIO AUGUSTO PAZO PIRES

A PERCEPÇÃO QUE A MÃE TEM DO TEMPERAMENTO DO BEBÉ:

DESENVOLVIMENTO DA PERCEPÇÃO E A SUA RELAÇÃO COM O COMPORTAMENTO DA CRIANÇA, E COM O COMPORTAMENTO, IRRITABILIDADE E AUTO-EFICÁCIA MATERNAS

Instituto Superior de Psicologia Aplicada
BIBLIOTECA

Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade

de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

ANEXOS

Anexo A: Carta de apresentação do estudo aos sujeitos da amostra 1

Anexo B: Questionário sobre dados socio-familiares 3

Anexo C: Questionário de Temperamento
(Infant Characteristics Questionnaire, Bates et al., 1979) 5

Anexo D: Escala de Impaciência/Irritabilidade
(EMKK, Codreanu, 1984; e Engfer, 1984) 9

Anexo E 1: Questionário de percepção de auto-eficácia materna
(Parent Sense of Competence Scale, Gibaud-Wallston, 1977) 11

Anexo E 2: Questionário de expectativa de auto-eficácia materna (Alterações
ao Parent Sense of Competence Scale, Gibaudd-Wallston, 1977) 13

Anexo F: Grelha de comportamentos do bebé e da mãe 15

Anexo G: Descrição dos comportamentos do bebé e da mãe 17

Anexo H 1: Dados Brutos - dados socio-familiares 23

Anexo H 2: Dados Brutos - itens de temperamento 27

Anexo H 3: Dados Brutos - itens de irritabilidade/impaciência materna 35

Anexo H 4: Dados Brutos - itens de auto-eficácia materna 43

Anexo H 5: Dados Brutos - itens de comportamento do bebé e da mãe 45

Anexo H 6: Dados Brutos - tempos de choro 51

ANEXO A

CARTA DE APRESENTAÇÃO DO ESTUDO AOS SUJEITOS

PROJECTO SOBRE A GRAVIDEZ
E O DESENVOLVIMENTO DO BEBÉ
Instituto Superior de Psicologia Aplicada
Rua Jardim do Tabaco, 44, 1100 Lisboa
tel. 886 31 84 - fax 886 09 54

O departamento de Psicologia Educacional do Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA) está a levar a cabo um estudo sobre o desenvolvimento da criança que está a ser conduzido pelo Dr. António Pires em colaboração com a Dra. Rita Inácio e Dra. Paula Ferreira.

O estudo enquadra-se num conjunto de investigações que procuram aprofundar os conhecimentos sobre a maneira de pensar e de sentir das mães e sobre o comportamento da criança.

Inclui vários contactos com a mãe. Um antes da criança nascer, e três após o parto: no primeiro, terceiro e sexto mês de vida do bebé.

Para atingir os objectivos do estudo é de vital importância a participação de um certo número de futuras mães, esta é a razão pela qual lhe pedimos a sua colaboração.

As informações são estritamente confidenciais, só delas tomam conhecimento os investigadores que trabalham no projecto.

Ao preencher questionários deve faze-lo individualmente, não trocando impressões com outras pessoas antes do seu completo preenchimento. Também é muito importante que responda no prazo máximo de uma semana após a recepção dos mesmos.

Muito obrigado pela sua colaboração.

Lisboa, 23 de Fevereiro de 1991

(Dr. António Pazo Pires)
Director do Projecto

ANEXO B

QUESTIONÁRIO SOBRE DADOS SOCIO-FAMILIARES

DADOS SOCIO-FAMILIARES

Data de Preenchimento ____/____/____ nome_____

local _____

IDENTIFICAÇÃO

nome_____

idade_____

ESTATUTO PROFISSIONAL

1. empregada a tempo inteiro _____
2. empregada a tempo parcial _____
3. desempregada _____
4. estudante _____

PROFISSÃO_____

HABILITAÇÕES LITERÁRIAS

1. analfabeto _____
2. sabe ler e escrever _____
3. 4ªclasse _____
4. ciclo preparatório _____
5. ensino secundário_____
6. ensino superior ou curso médio _____

ESTADO CIVIL

1. solteira _____
2. casada_____
3. vivem juntos_____

Há quanto tempo vivem juntos?_____

AGREGADO FAMILIAR

1. é o seu primeiro filho? sim_____ não_____
2. vivem em sua casa outras pessoas para além de você e do seu companheiro? sim_____ não_____

Quem? especifique as relações de parentesco se as houver _____

RENDIMENTO MENSAL (indique apenas o seu rendimento)

até 35_____ 35-55_____ 55-75_____

75-100_____ 100-125____ mais de 125_____

RENDIMENTO MENSAL DO CÔNJUGE OU COMPANHEIRO

até 35_____ 35-55_____ 55-75_____

75-100_____ 100-125____ mais de 125_____

PROFISSÃO DO CÔNJUGE OU COMPANHEIRO_____

_____

HABILITAÇÕES LITERÁRIAS DO CÔNJUGE OU COMPANHEIRO

1. analfabeto _____
2. sabe ler e escrever _____
3. 4ªclasse _____
4. ciclo preparatório _____
5. ensino secundário_____
6. ensino superior ou curso médio _____

Quando pensa recomeçar a trabalhar depois do seu filho nascer?

_____

Tempo de gravidez? em meses_____ em semanas_____

O bebé é: um rapaz_____ uma rapariga_____ não sei_____

Para quando prevê o parto? _____

Local previsto para o parto_____

Como tem decorrido a gravidez?_____

_____

Morada_____

_____ Código_____

Telefone casa_____ emprego_____

Outro

contacto_____

Muito obrigado pela sua colaboração

ANEXO C

QUESTIONÁRIO DE TEMPERAMENTO

(INFANT CHARACTERISTICS QUESTIONNAIRE, Bates et al., 1979)

SOBRE A CRIANÇA (1)

Nome do bebé_____

Data de nascimento: ___/___/___ Data actual: ___/___/___

Nome da mãe_____

1. É fácil ou difícil para si acalmar ou sossegar o seu bebé quando ele chora ou quando está inquieto?

1 ☐ muito fácil 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ dificuldade média 5 ☐ 6 ☐ 7 ☐ difícil

2. É fácil ou difícil para si prever quando é que o seu bebé vai adormecer ou acordar?

1 ☐ muito fácil 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ dificuldade média 5 ☐ 6 ☐ 7 ☐ difícil

3. É fácil ou difícil para si prever quando é que o seu bebé vai ficar com fome?

1 ☐ muito fácil 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ dificuldade média 5 ☐ 6 ☐ 7 ☐ difícil

4. É fácil ou difícil para si saber o que é que está a incomodar o seu bebé quando ele chora ou rabuja?

1 ☐ muito fácil 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ dificuldade média 5 ☐ 6 ☐ 7 ☐ difícil

5. Quantas vezes por dia, em média, o seu bebé fica rabugento ou irritado?

1 ☐	2 ☐	3 ☐	4 ☐	5 ☐	6 ☐	7 ☐
nunca	1/2 vezes por dia	3/4 vezes	5/6 vezes	7/9 vezes	10/14 vezes	mais do que 15

6. Em geral, o seu bebé chora e rabuja:

1 ☐	2 ☐	3 ☐	4 ☐	5 ☐	6 ☐	7 ☐
muito pouco; bastante menos do que a maioria das crianças			tanto como a maioria das crianças			muito;bastante mais do que a maioria das crianças

12. Com que facilidade é que o seu bebé fica inquieto ou chora?

1 ☐	2 ☐	3 ☐	4 ☐	5 ☐	6 ☐	7 ☐
dificilmente fica perturbado			moderada			perturba-se facilmente

13. Quando o seu bebé rabuja ou chora (por exemplo, antes de comer, ao mudar as fraldas, etc.), fá-lo com vigor, chora alto?

1 ☐	2 ☐	3 ☐	4 ☐	5 ☐	6 ☐	7 ☐
chora muito baixinho			moderado			muito alto; é de uma pessoa fugir

14. Como é que o seu bebé reage quando o está a vestir?

1 ☐	2 ☐	3 ☐	4 ☐	5 ☐	6 ☐	7 ☐
bem, gosta			moderado			não gosta nada

15. O seu bebé é uma criança activa?

1 ☐	2 ☐	3 ☐	4 ☐	5 ☐	6 ☐	7 ☐
muito calma quieta			moderada			muito activa e vigorosa

16. Até que ponto o seu filho sorri e faz sons de satisfação?

1 ☐	2 ☐	3 ☐	4 ☐	5 ☐	6 ☐	7 ☐
muito pouco; bastante menos do que a maioria das crianças			tanto como a maioria das crianças			muito;bastante mais do que a maioria das crianças

17. Como é o humor habitual do seu bebé?

1 ☐	2 ☐	3 ☐	4 ☐	5 ☐	6 ☐	7 ☐
muito alegre			nem sério nem alegre			sério

19. O seu bebé gosta que lhe peguem?

1 ☐	2 ☐	3 ☐	4 ☐	5 ☐	6 ☐	7 ☐
não gosta de estar ao colo			às vezes gosta, outras não			muito;quer estar sempre ao colo

21. É fácil ou difícil para si prever quando é que o bebé vai precisar de mudar a fralda?

1 ☐	2 ☐	3 ☐	4 ☐	5 ☐	6 ☐	7 ☐
muito fácil			dificuldade média			difícil

22. Até que ponto o humor do seu bebé é variável?

1 ☐	2 ☐	3 ☐	4 ☐	5 ☐	6 ☐	7 ☐
raramente muda; quando muda, muda devagar			moderado			muda com frequência e rapidamente

23. O seu bebé fica excitado, alegre, quando as pessoas brincam ou falam com ele?

1 ☐	2 ☐	3 ☐	4 ☐	5 ☐	6 ☐	7 ☐
muito excitado			moderado			não fica excitado

24. Por favor, avalie o grau médio de dificuldade que o seu bebé representaria para a maior parte das mães.

1 ☐	2 ☐	3 ☐	4 ☐	5 ☐	6 ☐	7 ☐
muito fácil			normal; alguns problemas			muito difícil

ANEXO D

ESCALA DE IMPACIÊNCIA/IRRITABILIDADE MATERNA

(EMKK, Codreanu, 1984; e Engfer, 1984)

SOBRE A CRIANÇA (1)

(assinale uma cruz no centro de 1 dos 4 quadrados)

	concordo totalmente	con-cordo	dis-cordo	discordo totalmente
3. Ainda que procure fazer tudo certo, tenho dificuldades com o meu filho.	☐	☐	☐	☐
18. Há muitos dias em que sinto estar à beira de um colapso.	☐	☐	☐	☐
33. Pode acontecer que eu perca a calma por pequenas coisas.	☐	☐	☐	☐
48. Quando o meu filho chora sem parar, eu sacudo-o para que haja sossego.	☐	☐	☐	☐
63. Por vezes eu era capaz de desatar a chorar quando a minha criança recomeça a chorar.	☐	☐	☐	☐
78. Eu fico aliviada quando o meu filho dorme e eu enfim tenho sossego.	☐	☐	☐	☐
87. Às vezes tenho grande dificuldade em ser paciente com o meu filho.	☐	☐	☐	☐
98. Ouvir o meu filho chorar é um castigo para mim.	☐	☐	☐	☐
103. Às vezes fico tão tensa que tenho vontade de gritar e abanar o meu bebé.	☐	☐	☐	☐
114. Por vezes, quando estou fora de mim, agarro no meu filho com mais força do que devia fazer.	☐	☐	☐	☐
120. Às vezes estou tão fora de mim que bato no meu filho.	☐	☐	☐	☐

ANEXO E(1)

PERCEPÇÃO DE AUTO-EFICÁCIA MATERNA

(PARENT SENCE OF COMPETENCE SCALE, Gibaud-Wallston, 1977)

Atitudes Parentais

1. Eu sou um bom modelo de mãe que poderia ser seguido por outras jovens mães.

concordo totalmente	concordo	nem concordo nem discordo	discordo	discordo totalmente

2. As dificuldades em cuidar de uma criança são facilmente resolvidas desde que a gente saiba de que modo as nossas acções afectam a criança. Isso é uma coisa que eu já aprendi a fazer.

concordo totalmente	concordo	nem concordo nem discordo	discordo	discordo totalmente

3. Ser mãe não é uma tarefa difícil e todos os problemas são facilmente resolvidos.

concordo totalmente	concordo	nem concordo nem discordo	discordo	discordo totalmente

4. Eu acho que sou uma mãe capaz e confirmo isso quando cuido do meu filho.

concordo totalmente	concordo	nem concordo nem discordo	discordo	discordo totalmente

5. Eu sou a pessoa indicada para descobrir qual o problema que está a afectar a minha criança.

concordo totalmente	concordo	nem concordo nem discordo	discordo	discordo totalmente

6. Sinto-me familiarizada com o papel maternal.

concordo totalmente	concordo	nem concordo nem discordo	discordo	discordo totalmente

7. Acredito honestamente que possuo todas as capacidades necessárias para ser uma boa mãe para a minha criança.

concordo totalmente	concordo	nem concordo nem discordo	discordo	discordo totalmente

ANEXO E(2)

ALTERAÇÕES AO QUESTIONÁRIO DE

PERCEPÇÃO DE AUTO-EFICÁCIA MATERNA

(PARENT SENCE OF COMPETENCE SCALE, Gibaud-Walston, 1977)

NO SENTIDO DE SER APLICADO NO PRÉ-PARTO

Atitudes Parentais

Item 1 "Eu sou um bom modelo de mãe que poderia ser seguido por outras jovens mães". Na aplicação do pré-parto passou a ser "Eu **vou ser** um bom modelo de mãe que poderia ser seguido por outras jovens mães".

Item 2 "As dificuldades em cuidar de uma criança são facilmente resolvidas desde que gente saiba de que modo as nossas acções afectem a criança. isso é uma coisa que já aprendi a fazer". Na aplicação no pré-parto passou a ser "As dificuldades em cuidar de uma criança são facilmente resolvidas desde que gente saiba de que modo as nossas acções afectem a criança".

Item 3 "Ser mãe não é tarefa difícil e todos os problemas são facilmente resolvidos". Na aplicação no pré-parto não sofreu qualquer alteração.

Item 4 " Eu acho que sou uma mãe capaz e confirmo isso quando cuido do meu filho". Passou a " Eu acho que **vou ser** uma mãe capaz".

Item 5 "Eu sou a pessoa indicada para descobrir qual o problema que está a afectar a minha criança". Na aplicação no pré-parto passou a ser "Eu **vou ser** a pessoa indicada para descobrir qual o problema que está a afectar a minha criança".

Item 6 " Sinto-me familiarizada com o papel maternal". Passou a ser " **Apesar de ainda não ser mãe** eu sinto-me familiarizada com esse papel".

Item 7 "Acredito honestamente que possuo todas as capacidades necessárias para ser uma boa mãe para a minha criança". Na aplicação no pré-parto não sofreu qualquer alteração.

ANEXO F

GRELHA DE COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA E DA MÃE

A AVALIAR NO FIM DE CADA VISITA DOMICILIÁRIA

Comportamentos a observar

1 3 6 Mês

Mãe _____ Criança _____ Data nasc. / /

Avaliador _____ Data de aval. / /

Avaliações da criança (1-5)

1. Estado de Alerta/Interacção____
2. Choro/Rabugice ____
3. Vocalizações Positivas ____
4. Sorriso ____

Avaliações da mãe (1-5)

1. Envolvimen. Físico/Proximidade ____
2. Afecto Positivo ____
3. Afecto Negativo ____
4. Sensibilidade e Responsividade para o Comportamento Social ____
5. Adequação do Comportamento da mãe aos Ritmos e Nec. do bebé ____
6. Prontidão na Resposta ao Choro ____
7. Restrições ____

ANEXO G

DESCRIÇÃO DOS COMPORTAMENTOS DA CRIANÇA E DA MÃE

A AVALIAR NO FIM DE CADA VISITA DOMICILIÁRIA

Descrição dos itens de comportamento preenchidos após a visita domiciliária

Comportamentos da criança:

Foram avaliados pelos observadores 4 tipos de variáveis da criança: (1) "Estado de alerta/interacção; (2) "Choro/rabugice; (3) "Vocalizações positivas"; e (4) "Sorriso".

(1) Estado de Alerta:
(atenção/interacção) _ Grau de atenção e interacção com o ambiente tanto no que se refere a objectos como a pessoas.

1.Muito fraco - Bebé sem atenção - raramente reage e quando reage as reacções são breves e lentas.

2.Fraco - O bebé reage ocasionalmente a pessoas e a objectos. Interacções caracterizadas por incerteza e brevidade, mas não lentas.

3.Meio-termo - O bebé olha periodicamente para a mãe ou para os objectos. Reage com rapidez mas raramente com interesse prolongado.

4.Moderadamente alerta - O bebé reage com frequência à mãe, aos objectos e aos sons. As interacções são prolongadas. Movimenta-se ocasionalmente em direcção aos objectos.

5.Muito alerta - O bebé está atento aos estímulos de modo consistente. Movimenta-se com frequência em direcção aos objectos. Interacções prolongadas e frequentes.

Nota: Como se verifica estas 5 possibilidades só incluem estados de vigília (não incluem estados de sono) e além disso são uma combinação de estados de vigília e de comportamento de interacção, como acontece nas categorias 4 e 5.. Os estados 1 e 2 correspondem sensivelmente ao estado III (alerta inactivo) descrito por Wolff (1987). A procura de estímulos e a persistência na exploração e interacção caracterizam as categorias 4 e 5. Em suma estas categorias seriam melhor descritas como "atenção/interacção" em vez de "estado de alerta".

(2) Choro:
(ou irritabilidade) - Grau de inquietação mostrado pelo bebé nas rotinas diárias ocorridas durante a observação. I. é., por fome, cansaço, ao ser vestido, ao mudar a fralda, ao ser lavado, ao barulho inesperado, ao ser levantado, ao ser deitado, ao ser deixado só, por estar sujo ou molhado, ao ser vestido, ao mudar a fralda, ao tomar banho.

1. Quase sem irritação - sem choro

2. Irritação fraca - o choro não é frequente, é de curta duração e fraca intensidade.

3. Irritação moderada - Choro ocasional. O pico máximo do choro pode ser intenso, mas o episódio é breve. a causa da irritação é aparente, i.e., o choro é apropriado.

4. Irritação forte - Choro frequente. O pico máximo do choro é muitas vezes intenso e prolongado. A causa do choro é normalmente aparente.

5. Irritação muito forte - Choro quase permanente durante a observação. Pico máximo normalmente intenso e prolongado embora também possa choramingar durante um período prolongado. Causa do choro nem sempre óbvia.

(3) Frequência de Vocalização Positiva:
Vocalizações que não indiquem desconforto, angústia ou sofrimento, sons semelhantes a arrulhos e sons guturais. Não são incluídos sinais como suspirar e resmungar os quais não significam nem desconforto nem angústia. Excluem-se igualmente barulhos rítmicos e normais que acompanham a respiração ou o acto de engolir, o barulho de chuchar, estalos com os lábios, respiração pesada ou chilrear fraco.

1. Frequência muito fraca - O bebé raramente emite sinais vocais positivos.

2. Frequência fraca - abaixo da média.

3. Frequência moderada - A média de vocalizações positivas do bebé com 1 mês é de cerca de 10% do tempo em que está acordado. Aos três meses aumenta para 20%. Estas médias devem ser somente consideradas como linhas orientadoras.

4. Frequência moderada/forte - Acima da média

5. Frequência Forte - O bebé emite vocalizações positivas acima da média em relação à idade da criança.

(4) Frequência de Sorrisos

1. Poucos ou nenhuns sorrisos.

2. Poucos sorrisos.

3. Meio-termo ou moderados, de acordo com a idade. Com 1 mês é raro sorrir mas aos 3 meses já se devem poder observar vários sorrisos.
4. Acima da média.

5. Grande profusão de sorrisos. Algumas vezes com 1 mês de idade mas aos 3 e 6 meses esta actividade será frequente.

Comportamentos da mãe:

Foram avaliados pelos observadores 7 tipos de variáveis da mãe: (1)"Envolvimento fisico e proximidade"; (2) "Afecto positivo"; (3) "Afecto negativo"; (4) "Sensibilidade e responsividade ao comportamento social positivo do bebé", (5) "Adequação do comportamento da mãe aos ritmos do bebé"; (6) "Prontidão na resposta em situação de aflição"; e (7) "Restrições".

(1) **Envolvimento Físico e Proximidade:**
A quantidade de contacto fisico avaliada em termos do grau de proximidade fisica e até que ponto a mãe parece sentir prazer no contacto fisico próximo com a criança. O ênfase é aqui colocado na alegria e no prazer sentidos durante o contacto.

1. Envolvimento fisico muito fraco - Observa-se uma quase fuga ao contacto com a criança. Por vezes, quando esse contacto acontece o mesmo é caracterizado por um certo distanciamento, tensão e por uma certa qualidade mecânica.

2. Fraco envolvimento fisico - A indiferença e o distanciamento são as características da relação fisica com a criança. A criança é mantida a uma certa distância do corpo da pessoa que cuida dela, i. e. o bebé é amamentado ao colo mas mantido distante do corpo da pessoa que o amamenta; o bebé é transportado sem qualquer contacto directo com o corpo. A pessoa que assiste a criança mostra-se tensa quando a criança mostra uma aproximação fisica.

3. Envolvimento fisico moderado - Proximidade moderada. A mãe aparenta sentir-se confortável com essa proximidade. Não há distanciamento fisico nem tentativa de evitar o contacto fisico embora não se observem esforços para provocar esse contacto fisico.

4. Forte contacto fisico - A mãe tem tendência a segurar o bebé bem junto ao seu corpo. Provoca esse contacto mesmo quando ele não é necessário, parecendo retirar enorme prazer desse procedimento.

5. Contacto fisico muito forte - Significa um contacto fisico extremamente íntimo. A mãe anda sempre com o bebé ao colo mesmo quando se ocupa com a lida da casa. Aparenta sentir enorme prazer através desse contacto fisico com a criança.

(2) Intensidade da expressão emocional positiva (Afecto Positivo):
Aqui coloca-se o ênfase nos gestos verbais ou não verbais de sentimentos positivos. Descreve-se a frequência e sinceridade das expressões de sentimentos positivos em relação à criança. Se existirem discrepâncias entre os canais de informação (i.e., os pais mencionarem expressões positivas embora o tom de voz seja inexpressivo ou artificial), devem-se classificar os sentimentos mais "válidos", (P. ex., menos positivos).

1. Muito fraca - As expressões de sentimentos positivos são praticamente inexistentes

2. Fraca - Até mesmo as expressões de sentimentos positivos de fraca intensidade são raras. Poderá haver expressões moderadas de sentimentos positivos ocasionalmente. Expressão forte de sentimentos é completamente ausente.

3. Moderada - Significa expressões moderadas de sentimentos positivos em relação à criança. Raramente ou mesmo nunca se observam expressões positivas intensas.

4. - Forte - Observam-se com frequência expressões de sentimentos positivos moderadamente fortes e com alguma intensidade.

5. - Muito forte - A mãe caracteriza-se por expressões frequentes e exuberantes de sentimentos positivos. Com frequência os gestos, as expressões faciais e os sons são de grande intensidade demonstrando prazer e satisfação.

(3) Intensidade da expressão emocional negativa (Afecto Negativo):
Inclui sinais verbais e não verbais, descrevendo a frequência e intensidade de expressão de sentimentos negativos em relação à criança. Se se observarem discrepâncias nos canais de informação (i. e. informações neutras ou positivas expressas em tom descontente e sarcástico), devem-se classificar os sentimentos negativos mais "válidos", comunicados.

1. Intensidade muito fraca - Quase se não observam expressões de sentimentos negativos

2. Intensidade Fraca - Raras expressões de sentimentos negativos.

3. Intensidade moderada - Observam-se algumas expressões de sentimentos negativos moderados e raramente expressões mais fortes, mais intensas.

4. Intensidade forte - Podem observar-se frequentes expressões de sentimentos negativos e ocasionalmente fortes expressões de sentimentos negativos.

5. Intensidade muito forte - O ambiente é caracterizado por expressões, frequentes e fortes, de sentimentos negativos.

(6) Sensibilidade e responsividade ao comportamento social positivo do bebé:
Grau de reacção, por parte da mãe, ao comportamento da criança, p. ex., vocalização atenção visual e sorrisos. O grau mínimo da escala significaria uma total falta de atenção a esses comportamentos, "desculpando-o", na sua mente como, p. ex. "dores devidas a gases ou recusando-se a aceitar que o bebé tenha essas capacidades. O grau máximo significaria uma extrema sensibilidade a esses comportamentos conseguindo até detectá-lo quando ele é efémero, aceitando esse comportamento como sinal social significativo. As avaliações elevadas reflectem consistência, frequência ou intensidade elevada.

1. Ignora - O comportamento social da criança positivo da criança é ignorado. A mãe mantêm-se desatenta e sem reacção à clara atenção visual, vocalizações e

sorrisos da criança. O seu comportamento em relação à criança não é guiado pelos sinais desenvolvidos pela criança.

2. Reacção fraca - Reacção fraca aos claros sinais sociais apresentados pela criança.

3. Reacção moderada - A mãe repara no comportamento social positivo mais evidente da criança, reagindo consistentemente a esse comportamento. Quando a criança emite sinais vocais ou a olha directamente na cara, ela reage com reciprocidade, sorri ou verbaliza para o bebé. a mãe reage habitualmente aos sinais evidentes e ocasionalmente aos sinais mais subtis ou emergentes.

4. Reacção moderada/forte - A mãe reage sistematicamente aos sinais evidentes e frequentemente aos sinais emergentes ou às pistas sociais subtis.

5. Reacção muito forte - A mãe reage consistente e entusiasticamente às mais pequenas alterações de comportamento. Responde tanto às alterações sociais óbvias como às mais subtis desenvolvidas pela criança.

(8) Adequação do comportamento da mãe às necessidades e ritmos do bebé:
(a) Permitindo que o bebé durma ou descanse quando ele esteja cansado em vez de, p. ex., sobreestimulá-lo, estabelecendo os ritmos de descanso que mais convenham ao bebé e não ignorando essa necessidade.
(b) Tratamento do bebé apropriado à sua maturidade motora, sem excessivo vigor nem sobreprotecção.
(c) Desenvolvendo actividades, que são necessárias mas nem sempre agradáveis para o bebé (por exemplo mudar a fralda, dar o banho ou o leite), de forma eficiente e sem grandes demoras.
(d) Utilizando um vasto repertório de técnicas para acalmar a criança, dando-lhe tempo para se acalmar e não persistindo em comportamentos ineficazes e de distracção.

1 - Comportamento fortemente inapropriado - Duas ou mais acções de P. ex., sobreestimulação, manuseamento demasiado vigoroso, ritmo errado para estimular o sono, incompreensão dos sinais da criança(P. ex. persistir na conversa ou brincadeira quando a criança quer dormir).

2. Comportamento moderadamente inapropriado - Significa uma ou duas acções como as acima indicadas, persistindo em qualquer uma delas durante algum tempo.

3. Comportamento apropriado para mãe recente - Comportamento geralmente apropriado às necessidades e ritmos do bebé, podendo no entanto observar-se ainda alguma atitude de "tentativa e erro". Em caso de comportamento incorrecto, a mãe nota as reacções adversas da criança e modifica o seu comportamento.

4. Comportamento muito apropriado - Só com uma acção isolada de comportamento inapropriado, rapidamente remediado.

5. Comportamento excepcionalmente apropriado - Excepcionalmente atenta às necessidades e ritmos do bebé e aficazmente capaz na adaptação do seu comportamento àquelas necessidades.

(9) Reacção da mãe em situação de aflição:
Baseada principalmente na latência para reagir ao sinal de aflição. Envolve o conceito de tempo. Avaliações altas implicam uma curta latência sem que necessariamente seja interpretada como um padrão de reacção excessivo ou muito ansioso.

0. Não se aplica - A criança não manifesta quaisquer sinais de aflição, ou outras pessoas reagem em vez da mãe.

1. Latência muito longa - A mãe ignora os fortes sinais de aflição desenvolvidos pela criança ou então poderá aguardar durante alguns minutos antes de fazer qualquer tentativa para reagir. Poderá, verbalmente e de longe, demonstrar ter raparado nos sinais de aflição do bebé.
2. Latência longa - Regra geral a mãe não reage aos sinais intensos de aflição desenvolvidos pelo bebé durante um ou dois minutos.

3. Latência moderada - Regra geral a mãe reage rapidamente ao choro intenso do bebé, uns instantes depois de começar. Por vezes e devido ao seu envolvimento noutras actividades ela poderá não reagir imediatamente aos sinais de aflição desenvolvidos pelo bebé.

4. Latência curta - regra geral a mãe reage imediatamnete aos mínimos sinais de desconforto.

5. Latência muito curta - A mãe reage sempre rapidamente aos mínimos sinais de desconforto da criança.

(20) Restrições:
Comportamento dos pais envolvendo propositada separação física da criança de um objecto ou restringindo a criança de prosseguir uma determinada actividade.

1. Sem comportamentos restritivos.

2. Abaixo da média.

3. Meio-termo ou média
(utilizar as seguintes normas etárias para obter % média de tempo de observação gasto nesta actividade. 1 mês - raramente observado; 3 meses - raramente observado; 6 meses - 35; 12 meses - 105).

4. Acima da média.

5. Enorme quantidade de restrições, i. e., consideravelmente superior à média.

ANEXO H1

DADOS BRUTOS - DADOS SOCIOFAMILIARES

LISTA DOS DADOS SOCIOFAMILIARES

NO "NUMERO DE ORDEM"
PESON "PESO A NASCENÇA"
APGAR2 "APGAR AOS 10 MINUTOS"
TG "TEMPO DE GESTAÇÃO"
PARTO "COMO DECORREU O PARTO"
RT "QUANDO RECOMEÇOU A TRABALHAR, EM MESES"
IDADE "IDADE DA MÃE"
EP "ESTATUTO PROFISSIONAL"
HBM "HABILITAÇÕES DA MULHER"
EC "ESTADO CIVIL"
TJ "HA QUANTO TEMPO VIVEM JUNTOS"
RMM "RENDIMENTO DA MULHER"
RMH "RENDIMENTO DO MARIDO"
HBH "HABILITAÇÕES DO MARIDO"
SC "SEXO DA CRIANÇA"
GRAV "COMO DECORREU A GRAVIDEZ".

```
LIST PESON APGAR2 TG PARTO RT IDADE EP HBM EC TJ RMM RMH HBH SC
    GRAV
/FORMAT=NUMBERED.
```

CASE	PESON	APGAR2	TG	PARTO	RT	IDADE	EP	HBM	EC	TJ	RMM	RMH	HBH	SC	GRAV
1	2.050	10	40	1	5	34	1	5	2	3	5	7	6	1	2
2	2.850	10	42	1	0	29	3	6	2	3	6	7	6	2	3
3	2.950	10	41	2	0	27	4	6	2	5	4	4	6	2	2
4	3.150	99	40	1	0	21	3	5	2	2	1	4	5	2	2
5	2.640	10	40	1	0	22	4	6	3	1	1	7	6	2	1
6	3.350	10	40	2	5	32	1	5	2	9	6	6	6	1	2
7	2.850	10	40	3	3	27	1	6	2	3	6	7	6	2	1
8	3.580	10	40	3	3	27	2	6	2	1	6	7	6	1	2
9	3.450	10	42	1	0	28	3	6	2	3	1	7	6	2	2
10	3.650	10	40	1	3	25	2	6	2	3	2	7	5	1	1
11	9.999	99	40	9	3	27	1	6	3	2	7	7	5	1	2
12	3.260	99	42	9	9	28	4	6	2	3	4	7	6	1	2
13	3.400	99	40	1	9	29	3	6	2	4	1	7	5	2	2
14	3.700	99	43	9	9	26	1	5	2	9	4	7	9	2	3
15	3.650	99	40	1	9	28	1	6	2	2	5	7	6	2	1
16	9.999	99	40	2	9	24	1	6	2	1	5	7	6	1	1

CASE	PESON	APGAR2	TG	PART O	RT	IDADE	EP	HBM	EC	TJ	RMM	RMH	HBH	SC	GRAV
17	3.500	10	40	2	3	24	1	6	2	2	7	7	9	1	2
18	3.220	99	41	3	9	24	1	6	2	2	5	6	6	1	2
19	3.400	99	38	1	9	35	2	6	3	1	7	7	6	1	1
20	9.999	99	40	9	9	31	1	6	2	8	6	5	6	1	2
21	3.450	99	39	1	9	31	1	6	2	5	7	7	6	1	2
22	3.650	10	40	1	9	24	1	6	2	2	5	7	5	1	1
23	3.240	10	40	2	3	28	1	5	2	2	4	6	9	1	1
24	3.070	10	39	3	7	28	1	5	2	3	3	5	6	2	2
25	9.999	10	40	1	3	30	1	6	3	2	6	3	9	2	2
26	3.550	10	40	2	4	30	1	6	2	3	6	7	6	1	2
27	3.800	10	41	1	4	30	1	6	2	2	5	6	6	1	2
28	3.450	10	39	2	5	29	1	6	2	4	6	6	6	2	2
29	4.750	99	40	1	4	30	1	6	2	3	6	7	6	2	3
30	3.300	10	41	9	2	32	1	6	2	3	1	6	9	1	3
31	9.999	99	40	9	9	24	2	6	2	2	5	7	6	1	2
32	9.999	99	40	1	3	33	1	3	2	4	3	4	9	2	2
33	9.999	99	40	3	4	27	2	6	2	2	5	6	9	2	2
34	9.999	99	99	9	9	27	1	5	2	5	7	7	9	1	2
35	3.230	10	39	1	0	23	3	5	2	3	1	5	4	1	1
36	3.420	10	40	1	3	24	1	5	2	3	5	5	5	2	2
37	2.790	10	41	3	0	27	4	6	2	2	5	6	6	2	2
38	3.200	10	39	1	3	35	1	6	2	3	7	7	6	1	2
39	3.270	9	40	2	3	26	1	6	2	3	7	7	6	1	2
40	3.400	10	40	1	3	26	1	6	2	1	6	7	6	1	3
41	4.850	99	40	1	3	24	1	6	2	3	6	7	6	2	2
42	4.170	99	41	1	4	27	1	6	2	2	4	5	5	1	2
43	9.999	99	99	9	9	29	1	6	2	4	7	7	6	1	2
44	3.470	99	40	1	4	27	1	5	2	1	6	3	5	2	2
45	2.640	10	40	2	3	26	5	5	2	4	7	7	6	1	2
46	2.990	10	39	1	9	33	1	6	3	4	6	7	6	2	1
47	4.300	10	40	1	9	26	1	6	2	2	5	7	6	1	2
48	3.750	10	41	1	9	29	1	6	2	9	5	6	6	2	2
49	2.965	10	40	1	3	26	1	6	2	3	5	7	6	2	4
50	2.750	10	40	1	4	26	4	6	2	1	7	7	6	2	1

CASE	PESON	APGAR2	TG	PARTO	RT	IDADE	EP	HBM	EC	TJ	RMM	RMH	HBH	SC	GRAV
51	3.300	10	42	3	3	30	1	6	2	9	5	7	6	2	1
52	3.450	10	37	1	0	30	3	5	2	9	0	7	5	1	1
53	3.950	10	39	3	3	28	1	6	2	2	7	7	6	1	1
54	3.390	10	40	3	3	32	1	6	2	4	7	7	6	2	1
55	2.850	9	38	2	4	31	2	6	2	3	6	7	6	1	2
56	3.820	10	40	1	0	29	1	5	2	2	5	7	6	1	1
57	3.250	10	40	3	0	27	4	6	2	2	1	5	6	2	1
58	3.350	10	40	1	6	25	1	5	3	2	5	5	6	1	2
59	2.880	10	40	1	3	33	1	6	2	3	7	7	6	2	2
60	3.920	10	41	3	0	26	1	5	2	5	3	5	5	1	1
61	3.150	10	39	2	6	23	1	5	2	2	5	4	4	2	1
62	3.330	10	42	1	0	21	1	5	2	1	4	6	5	2	1
63	3.360	10	39	1	3	25	1	5	2	3	6	5	5	2	1

ANEXO H2

DADOS BRUTOS - ITENS DE TEMPERAMENTO

LISTA DOS ITENS DE TEMPERAMENTO

T1A T1B T1C "DIFICULDADE EM ACALMAR A CRIANÇA NO 1° 3° E 6° MÈS"
T2A T2B T2C "DIFIC. EM PREVER QD VAI ACORDAR OU ADORMECER NO 1° 3° E 6° MÈS"
T3A T3B T3C "DIFIC. EM PREVER QUANDO VAI FICAR COM FOME NO 1° 3° E 6° MÈS"
T4A T4B T4C "DIFIC. EM SABER O QUE A ESTÁ A INCOMODAR NO 1° 3° E 6° MÈS"
T5A T5B T5C "FREQUÊNCIA DE CHORO OU RABUGICE POR DIA NO 1° 3° E 6° MÈS"
T6A T6B T6C "SE CHORA OU RABUJA MUITO POR DIA NO 1° 3° E 6° MÊS"
T12A T12B T12C "FACILIDADE COM QUE FICA INQUIETO NO 1° 3° E 6° MÊS"
T13A T13B T13C "SE CHORA ALTO OU BAIXINHO NO 1° 3° E 6 MÊS"
T14A T14B T14C "REACÇÃO AO VESTIR, GOSTA VS NÃO GOSTA NO 1° 3° E 6° MÊS"
T15A T15B T15C "ACTIVA, CALMA VS ACTIVA E VIGOROSA NO 1° 3° E 6° MÊS"
T16A T16B T16C "SORRI E FAZ SONS DE SATISFAÇÃO NO 1° 3° E 6° MÊS"
T17A T17B T17C "HUMOR HABITUAL, ALEGRE VS SÉRIO NO 1° 3° E 6° MÊS"
T19A T19B T19C "SE GOSTA QUE A PEGUEM AO COLO NO 1° 3° E 6° MÊS"
T21A T21B T21C "DIFIC. PREVER QD PRECISA DE MUDAR A FRALDA NO 1° 3° E 6° MÊS"
T22A T22B T22C "VARIAÇÕES BRUSCAS OU RÁPIDAS NO HUMOR NO 1° 3° E 6° MÊS"
T23A T23B T23C "SE FICA EXCITADO OU ALEGRE QUANDO BRINCAM COM ELE"
T24A T24B T24C "DIFIC. QUE REPRESENTA. PARA A MAIORIA DAS MÃES NO 1° 3° E 6° MÊS".

ITENS DO 1° MÊS

LIST T1A T2A T3A T4A T5A T6A T12A T13A T14A T15A T16A T17A T19A T21A TO T24A
/FORMAT NUMBERED.

Case#	T1A	T2A	T3A	T4A	T5A	T6A	T12A	T13A	T14A	T15A	T16A	T17A	T19A	T21A	T22A	T23A	T24A
1	7	7	4	7	6	6	6	6	4	7	4	4	4	4	6	4	4
2	2	5	5	5	2	1	2	4	4	7	2	2	4	2	2	4	1
3	5	5	2	4	4	5	6	7	4	7	1	4	7	2	4	5	5

Case#	T1A	T2A	T3A	T4A	T5A	T6A	T12A	T13A	T14A	T15A	T16A	T17A	T19A	T21A	T22A	T23A	T24A
4	3	2	3	4	2	2	3	2	1	6	4	3	4	2	3	3	4
5	3	3	3	3	3	5	3	6	5	6	2	3	5	2	5	3	6
6	3	5	3	4	4	4	4	5	5	4	5	4	6	4	3	4	4
7	3	2	3	4	4	4	4	6	2	6	6	3	5	6	5	4	4
8	4	5	2	4	3	4	4	6	6	4	6	4	5	5	6	4	4
9	2	1	3	2	3	2	3	3	1	6	1	2	5	1	5	6	3
10	2	2	2	3	3	1	4	5	2	6	5	2	6	3	2	5	3
11	5	2	2	3	6	7	6	7	1	6	4	6	5	1	6	3	7
12	3	4	2	3	3	2	2	4	2	7	3	3	3	3	3	4	4
13	4	2	3	5	3	4	3	6	1	6	4	4	5	3	5	3	4
14	4	5	4	4	4	5	6	6	5	6	4	3	4	2	4	3	5
15	2	2	1	2	2	4	4	5	2	7	3	3	4	3	4	3	3
16	6	2	2	2	3	5	5	5	3	5	4	5	5	2	3	3	5
17	2	3	2	2	2	3	2	3	1	4	2	2	4	1	2	4	2
18	3	3	3	6	6	6	6	6	2	7	4	6	7	2	6	5	6
19	2	3	2	3	2	3	4	4	4	4	4	5	4	2	1	3	4
20	3	3	2	4	2	1	2	5	3	4	3	2	4	2	3	4	2
21	4	4	3	3	2	3	3	3	2	7	2	2	4	3	4	3	3
22	1	3	3	2	2	2	2	2	2	6	1	1	7	3	3	2	2
23	3	4	2	3	2	1	2	3	1	5	2	2	4	1	2	3	2
24	3	4	5	6	3	3	4	4	4	4	4	4	5	4	4	5	4
25	4	4	2	3	3	4	3	5	2	3	5	6	6	2	2	7	3
26	4	4	1	4	3	3	3	4	3	6	4	3	3	1	4	4	3
27	2	2	1	2	4	4	4	5	5	7	4	4	5	2	5	3	4
28	4	3	3	3	2	1	3	2	1	5	4	3	6	4	4	4	4
29	4	4	3	5	2	4	4	5	4	7	3	2	6	4	5	3	2
30	3	3	2	3	2	3	4	4	5	4	4	4	5	3	4	4	3
31	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
32	3	3	2	5	4	4	4	5	3	7	4	3	6	2	3	3	3
33	3	6	3	3	2	3	4	5	3	4	4	4	5	4	1	7	3

Case#	T11A	T12A	T13A	T4A	T5A	T6A	T12A	T13A	T14A	T15A	T16A	T17A	T19A	T21A	T22A	T23A	T24A
34	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
35	3	5	4	4	2	1	2	6	1	4	4	2	5	4	2	4	3
36	1	2	2	2	2	1	1	2	1	4	1	2	2	1	1	4	3
37	2	3	2	4	2	3	4	3	4	4	4	4	6	4	4	2	1
38	2	2	2	3	4	2	3	4	2	4	4	3	4	4	2	4	2
39	3	3	2	3	3	4	4	5	4	5	2	2	5	2	3	3	3
40	2	4	4	3	3	2	2	5	4	5	4	2	6	3	4	4	3
41	1	2	1	2	2	1	2	1	1	7	2	1	3	2	3	1	2
42	2	2	2	4	1	1	1	4	4	6	4	3	5	1	1	2	2
43	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
44	4	4	4	2	2	4	4	5	3	7	3	3	6	5	3	3	4
45	2	3	2	4	3	4	4	4	2	6	4	6	4	2	4	4	4
46	4	3	4	5	2	4	3	5	1	6	4	3	6	7	6	2	4
47	4	3	2	4	2	4	2	4	1	4	4	4	6	2	4	3	3
48	4	3	1	3	2	3	4	4	2	6	3	5	6	2	4	2	2
49	3	2	2	3	2	3	3	3	3	4	2	3	3	2	2	3	2
50	3	2	2	4	3	2	3	4	2	4	4	4	5	2	3	4	4
51	4	4	3	4	2	3	4	4	3	6	5	3	4	2	4	2	3
52	1	1	1	1	2	1	1	1	1	1	1	1	4	1	1	4	1
53	4	1	1	4	2	1	1	4	4	5	2	2	6	4	1	4	1
54	3	2	3	4	2	3	4	4	3	6	4	3	4	2	4	2	2
55	4	3	2	5	2	2	3	5	2	4	4	3	4	3	3	6	3
56	3	4	3	5	2	1	3	4	4	3	3	3	5	4	4	4	3
57	5	7	4	5	3	5	5	6	4	7	4	5	6	4	5	3	4
58	2	3	2	3	2	1	2	3	3	3	3	2	4	2	2	3	2
59	4	3	3	5	2	1	3	3	4	6	4	3	5	2	4	5	3
60	4	3	1	5	3	3	3	4	3	5	3	1	4	4	4	3	4
61	5	4	2	4	5	5	4	6	4	4	5	4	6	2	5	3	3
62	2	3	2	4	3	3	4	4	5	5	3	3	5	3	4	4	4
63	4	3	2	2	1	2	1	6	4	2	4	2	5	6	1	2	3

ITENS DO 3° MÊS

LIST T1B TO T6B T12B TO T17B T19B T21B TO T24B
/FORMAT=NUMBERED.

Case#	T1B	T2B	T3B	T4B	T5B	T6B	T12B	T13B	T14B	T15B	T16B	T17B	T19B	T21B	T22B	T23B	T24B
1	4	4	2	7	4	4	4	6	4	6	4	4	4	4	4	4	5
2	3	6	5	2	3	3	2	4	3	7	3	2	5	4	4	2	2
3	1	4	2	2	3	5	5	6	1	7	2	1	7	2	4	2	6
4	3	1	3	3	2	2	2	4	1	6	3	2	2	2	1	1	2
5	3	4	2	3	4	4	5	6	5	7	2	2	4	2	6	2	5
6	2	2	2	2	3	2	2	4	4	3	2	2	5	2	1	2	2
7	2	2	2	2	2	2	3	5	2	5	2	2	2	2	4	2	4
8	3	3	2	4	2	3	4	5	1	4	1	2	4	4	5	2	2
9	2	2	1	2	2	1	2	4	1	6	1	1	5	5	5	2	1
10	2	3	2	4	1	1	1	3	1	6	2	1	6	3	2	2	1
11	3	3	2	2	2	4	2	5	1	7	1	1	5	3	3	1	4
12	4	2	2	1	2	1	3	3	1	7	2	2	2	1	2	3	3
13	3	3	2	4	3	4	5	5	1	6	4	2	5	3	5	3	4
14	4	3	4	5	2	4	5	6	4	7	3	3	4	2	5	2	5
15	3	2	1	2	2	2	2	6	2	7	1	1	4	2	4	4	3
16	2	2	1	1	2	3	4	6	2	6	3	2	4	1	2	1	4
17	3	3	2	4	2	3	2	6	1	6	4	3	5	1	4	1	3
18	3	2	3	4	6	5	6	6	2	7	1	3	7	2	7	1	6
19	2	2	2	2	2	3	4	5	3	5	3	3	6	2	1	3	5
20	2	4	2	4	2	1	2	5	4	4	4	3	4	2	4	4	2
21	2	4	4	3	2	2	4	4	3	7	2	2	4	3	3	4	2
22	1	2	1	3	2	1	2	3	1	6	1	1	6	2	2	2	1
23	2	2	2	2	2	1	2	2	2	4	2	2	3	2	2	2	2
24	4	5	4	6	3	4	4	5	4	5	4	3	4	4	4	4	4
25	3	2	2	4	3	2	4	6	3	6	3	3	2	2	6	4	4
26	2	2	1	4	3	3	2	6	2	7	5	3	5	1	4	4	4
27	3	2	2	2	3	4	4	4	4	6	3	3	4	2	4	3	4

Case#	T1B	T2B	T3B	T4B	T5B	T6B	T12B	T13B	T14B	T15B	T16B	T17B	T19B	T21B	T22B	T23B	T24B
28	3	4	3	4	2	2	3	2	3	4	4	2	2	2	3	2	3
29	4	2	2	4	3	5	4	6	1	7	2	1	6	1	6	2	4
30	4	4	2	3	3	4	4	3	2	5	3	3	2	3	5	3	4
31	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
32	2	2	2	4	4	3	2	3	1	7	2	2	7	2	4	2	2
33	4	3	3	3	3	4	4	5	1	4	2	1	7	7	4	3	1
34	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
35	2	3	2	4	2	1	3	5	1	5	3	3	5	4	4	4	2
36	1	2	2	2	2	1	2	4	1	6	2	1	4	1	2	1	3
37	2	1	2	3	2	2	3	3	3	3	2	2	5	2	2	2	1
38	3	4	2	4	3	3	3	6	2	4	4	3	4	3	4	3	3
39	2	2	2	3	2	2	2	6	4	7	1	1	5	2	2	1	2
40	2	2	2	3	2	2	2	5	2	6	2	1	4	2	2	2	1
41	2	1	2	3	2	2	2	2	2	7	2	1	2	1	3	1	2
42	2	2	2	3	2	1	2	4	2	6	2	3	5	2	1	1	3
43	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
44	5	4	3	3	3	4	4	5	1	7	1	2	6	4	2	1	3
45	3	4	2	4	3	4	2	4	2	6	2	2	7	2	4	2	4
46	2	3	2	4	2	4	3	6	1	7	3	2	6	2	5	1	3
47	3	4	4	4	3	3	3	4	2	6	3	2	5	4	2	2	3
48	2	2	2	2	2	3	2	6	4	5	3	2	6	1	5	1	4
49	1	2	2	2	2	2	2	3	2	3	2	1	5	2	2	2	3
50	3	2	2	3	2	3	4	4	2	3	3	2	2	2	4	2	2
51	4	4	3	4	2	4	4	5	3	5	4	3	4	2	5	2	3
52	1	1	1	1	2	1	2	2	2	2	2	2	6	1	1	2	2
53	2	1	2	2	2	1	1	2	1	5	1	1	7	2	1	2	1
54	3	3	3	3	2	2	4	5	2	4	2	2	5	3	2	3	2
55	3	3	2	2	2	2	2	5	1	7	3	2	4	2	3	2	2
56	2	2	2	3	2	4	2	6	4	5	2	2	6	2	4	1	3
57	2	3	3	3	2	4	4	5	2	6	2	2	6	1	4	2	4

Case#	T1B	T2B	T3B	T4B	T5B	T6B	T12B	T13B	T14B	T15B	T16B	T17B	T19B	T21B	T22B	T23B	T24B
58	3	3	2	3	2	1	2	3	1	5	2	1	4	4	2	3	2
59	4	3	2	2	2	1	2	4	2	6	2	2	2	2	2	3	2
60	4	2	3	4	2	4	4	4	2	4	5	2	6	1	4	2	4
61	5	4	2	4	3	5	5	6	4	5	4	5	6	2	6	2	5
62	2	2	1	2	2	3	4	5	4	6	2	2	4	1	4	2	4
63	2	4	3	3	2	1	4	6	1	6	4	1	5	4	3	1	1

LISTA DOS ITENS DO 6° MÊS

LIST T1C TO T6C T12C TO T17C T19C T21C TO T24C
/FORMAT NUMBERED.

Case#	T1C	T2C	T3C	T4C	T5C	T6C	T12C	T13C	T14C	T15C	T16C	T17C	T19C	T21C	T22C	T23C	T24C
1	4	4	4	4	3	4	4	4	3	6	3	3	4	4	4	3	4
2	2	3	3	2	2	3	4	4	1	5	2	1	5	2	4	1	2
3	2	3	2	3	2	4	4	6	2	6	6	2	6	2	4	6	6
4	2	1	2	2	2	1	1	5	1	6	2	2	3	1	2	4	5
5	4	4	3	4	3	4	4	5	6	6	2	2	3	3	3	2	4
6	4	4	3	4	2	1	1	4	2	7	2	2	6	4	2	3	2
7	2	2	4	3	2	2	2	5	6	7	2	1	6	1	4	2	2
8	3	3	3	5	2	3	4	3	5	5	2	2	6	3	4	2	3
9	2	2	2	3	2	1	1	5	1	7	3	1	6	3	2	2	2
10	1	4	3	3	2	2	2	4	1	6	2	1	5	2	2	2	1
11	4	2	2	2	2	2	3	4	5	7	1	1	5	2	4	1	4
12	3	3	3	3	2	3	3	3	4	6	3	1	2	3	3	3	3
13	2	4	2	3	3	4	5	6	5	6	3	2	5	2	5	2	3
14	2	2	3	4	3	4	5	5	6	6	3	2	4	2	4	3	4
15	1	1	1	1	2	1	2	4	4	7	1	1	3	1	1	2	2
16	5	3	2	4	2	4	5	6	1	6	2	3	5	1	4	2	4

Case#	T1C	T2C	T3C	T4C	T5C	T6C	T12C	T13C	T14C	T15C	T16C	T17C	T19C	T21C	T22C	T23C	T24C
17	1	1	1	2	2	1	1	4	1	2	3	2	4	2	1	2	2
18	2	2	2	3	4	4	3	5	1	7	1	2	6	2	5	2	5
19	3	2	3	3	2	3	4	4	3	6	2	3	6	3	1	2	6
20	2	3	1	3	2	1	2	4	2	5	3	2	4	3	2	2	2
21	3	3	2	4	2	1	2	3	3	7	2	1	3	4	2	3	1
22	1	2	1	1	2	1	1	3	5	7	1	1	6	1	1	2	1
23	2	3	3	2	2	2	3	2	2	4	3	3	4	2	3	2	2
24	4	4	3	4	3	2	3	4	4	4	3	2	4	4	2	4	3
25	3	5	2	3	2	3	3	6	5	7	4	3	4	2	2	2	4
26	3	3	1	3	2	2	2	5	2	6	2	1	5	1	1	4	4
27	2	2	2	3	4	4	4	4	4	6	4	3	4	2	4	3	4
28	2	2	2	3	2	1	4	4	5	5	3	2	3	2	3	3	3
29	4	3	3	3	2	4	2	6	6	7	2	1	6	2	4	1	2
30	2	3	3	3	2	2	4	4	4	4	2	2	5	2	4	1	2
31	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
32	2	2	1	3	2	4	4	4	4	7	1	1	7	1	4	2	5
33	2	3	4	3	4	4	3	5	7	4	2	3	7	4	4	2	2
34	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
35	2	3	2	3	2	2	2	6	2	5	3	3	5	3	2	3	4
36	2	2	2	2	2	2	2	4	4	4	3	2	2	2	2	2	3
37	2	1	2	2	3	3	4	3	3	3	4	4	7	2	4	1	2
38	3	3	3	3	3	2	4	7	1	4	3	2	4	3	4	2	3
39	2	2	1	3	2	1	2	4	2	7	1	1	5	1	3	1	2
40	2	2	3	2	2	1	1	3	2	6	2	2	5	2	2	2	2
41	1	1	2	2	2	1	1	4	2	6	3	1	4	2	1	1	1
42	2	2	2	3	2	1	1	5	6	7	2	1	6	2	1	2	4
43	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
44	6	4	3	6	3	5	5	6	6	7	3	3	6	4	3	2	4
45	2	4	2	2	3	4	4	4	4	6	2	1	7	2	2	4	4
46	3	4	2	3	3	4	3	6	2	6	4	3	7	3	6	2	3

Case#	T1C	T2C	T3C	T4C	T5C	T6C	T12C	T13C	T14C	T15C	T16C	T17C	T19C	T21C	T22C	T23C	T24C
47	4	3	3	4	1	1	1	4	3	5	2	1	2	4	1	1	1
48	2	2	1	4	2	2	2	2	2	5	3	1	4	2	2	2	1
49	2	2	2	2	2	2	2	6	2	6	1	1	4	1	1	1	2
50	3	2	1	2	2	2	1	2	3	6	2	2	5	2	2	2	2
51	3	1	2	2	2	4	3	4	2	5	2	2	2	2	4	2	2
52	1	1	1	1	2	1	1	1	1	1	1	1	4	1	1	1	1
53	1	1	1	1	2	1	1	6	1	5	1	1	7	1	1	2	1
54	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
55	2	3	2	3	2	3	2	4	1	7	2	2	4	2	2	1	2
56	3	3	3	3	2	3	3	5	2	5	2	2	6	2	4	1	2
57	2	4	2	2	2	2	3	6	4	6	3	2	6	2	4	2	4
58	4	3	2	3	2	1	1	6	1	6	1	1	7	1	2	2	2
59	3	3	3	3	2	1	2	3	2	6	1	2	3	1	2	3	2
60	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
61	2	2	3	3	2	4	4	5	6	6	3	2	6	1	5	2	2
62	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
63	2	4	2	2	1	1	4	7	1	7	2	2	5	3	1	1	2

ANEXO H3

DADOS BRUTOS - ITENS DE IRRITABILIDADE/IMPACIÊNCIA MATERNA

LISTA DOS ITENS DE IMPACIÊNCIA

VAR LABEL A3A A3B A3C "TER DIFICULDADES COM A CRIANÇA"
A18A A18B A18C "SENTIR-SE À BEIRA DE UM COLAPSO"
A33A A33B A33C "PERDER A CALMA"
A48A A48B A48C "SACUDIR A CRIANÇA QUANDO ELA CHORA"
A63A A63B A63C "DESATAR A CHORAR"
A78A A78B A78C "FICAR ALIVIADA QUANDO A CRIANÇA DORME"
A87A A87B A87C "TER GRANDE DIFICULDADES EM SER PACIENTE COM O BEBÉ"
A98A A98B A98C "OUVIR O MEU FILHO CHORAR É UM CASTIGO PARA MIM"
A103A A103B A103C "SENTIR-SE TENSA E TER VONTADE DE GRITAR E ABANAR A BEBÉ"
A114A A114B A114C "SENTIR-SE FORA DE SI E AGARRAR O BEBÉ COM FORÇA"
A120A A120B A120C "SENTIR-SE FORA DE SI E BATER NO BEBÉ".

LISTA DOS ITENS DO 1° MÊS

LIST A3A A18A A33A A48A A63A A78A A87A A98A A103A A114A A120A /FORMAT=NUMBERED.

Case#	A3A	A18A	A33A	A48A	A63A	A78A	A87A	A98A	A103A	A114A	A120A
1	3	3	3	2	3	3	2	2	2	2	1
2	1	1	1	1	2	3	1	1	1	1	1
3	3	2	2	2	3	3	3	1	2	1	1
4	2	3	3	1	3	3	2	2	1	2	1
5	2	2	2	2	2	3	2	2	2	1	1
6	3	2	2	2	2	3	2	2	2	2	2
7	3	1	2	1	1	3	1	1	1	1	1
8	3	2	2	2	2	3	3	2	1	1	1
9	3	2	2	1	1	3	1	1	1	1	1
10	3	2	2	2	2	2	2	1	2	2	1
11	3	3	4	2	3	4	3	3	3	2	1
12	2	2	3	1	2	3	2	3	1	1	1
13	3	3	3	1	3	3	2	2	1	2	1
14	3	3	3	2	3	2	2	2	1	1	1
15	2	1	2	1	2	2	1	2	1	1	1

Case#	A3A	A18A	A33A	A48A	A63A	A78A	A87A	A98A	A103A	A114A	A120A
16	2	2	3	1	2	3	2	2	1	1	1
17	2	1	2	2	1	2	2	2	1	1	1
18	3	3	3	1	3	3	3	3	3	2	1
19	2	1	3	1	1	2	2	1	1	1	1
20	1	2	1	1	2	3	2	1	1	1	1
21	2	1	3	2	3	1	2	1	1	1	1
22	2	1	1	1	2	2	1	3	1	1	1
23	1	1	2	2	1	2	1	1	1	2	1
24	3	2	2	3	3	3	3	2	2	2	1
25	2	3	3	3	3	3	2	2	3	3	2
26	2	1	3	1	2	2	1	1	1	2	1
27	2	2	3	2	2	2	2	1	1	1	1
28	3	3	3	1	3	3	2	3	1	1	1
29	3	2	3	1	2	2	2	2	2	1	2
30	3	2	3	3	2	2	2	2	1	1	1
31	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
32	3	2	2	2	3	3	2	2	3	3	2
33	3	3	3	1	3	2	1	1	1	1	1
34	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
35	1	1	2	2	1	2	1	1	1	1	1
36	2	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1
37	1	1	2	1	2	2	2	2	2	2	1
38	2	1	2	1	2	3	2	2	1	1	1
39	2	1	1	1	1	2	1	1	1	1	1
40	2	2	3	2	2	3	2	2	2	1	1
41	1	1	2	1	1	2	1	2	1	1	1
42	3	3	3	1	3	2	1	1	3	2	1
43	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
44	3	2	3	1	3	3	2	2	2	2	1
45	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
46	2	2	2	1	3	3	2	3	1	1	1

Case#	A3A	A18A	A33A	A48A	A63A	A78A	A87A	A98A	A103A	A114A	A120A
47	3	2	3	2	2	3	3	2	2	2	1
48	3	1	2	1	1	3	1	1	1	1	1
49	2	2	2	2	2	3	2	2	1	1	1
50	2	1	3	1	2	3	1	1	2	1	1
51	2	2	3	1	2	2	2	2	2	1	1
52	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
53	2	3	3	1	3	3	3	3	3	1	1
54	2	1	2	2	2	2	2	3	1	2	1
55	3	3	3	1	3	3	3	2	3	2	1
56	2	1	1	2	2	2	1	1	1	1	1
57	2	3	3	2	3	2	2	1	1	2	2
58	2	2	1	2	3	2	2	2	2	3	2
59	3	2	3	1	2	3	2	1	1	1	1
60	3	2	3	2	2	3	2	2	2	2	1
61	3	2	4	3	3	4	4	2	2	2	1
62	2	2	2	1	3	3	1	2	1	2	1
63	1	2	3	1	1	3	1	2	1	1	1

LISTA DOS ITENS DO 3° MÊS

LIST A3C A18C A33C A48C A63C A78C A87C A98C A103C A114C A120C
/FORMAT=NUMBERED.

Case#	A3B	A18B	A33B	A48B	A63B	A78B	A87B	A98B	A103B	A114B	A120B
1	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
2	4	3	3	4	3	2	4	2	4	4	4
3	3	3	3	3	4	2	2	4	4	4	4
4	3	2	2	4	2	2	3	4	3	3	4
5	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4
6	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3

Case#	A3B	A18B	A33B	A48B	A63B	A78B	A87B	A98B	A103B	A114B	A120B
7	3	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4
8	4	4	4	4	4	2	4	4	4	4	4
9	3	4	3	4	4	3	4	3	4	4	4
10	3	4	3	4	4	3	3	3	4	4	4
11	2	2	2	3	3	2	3	2	2	4	4
12	3	2	3	4	3	2	3	3	4	3	3
13	2	3	2	4	3	3	3	4	3	3	4
14	3	2	3	3	2	3	3	3	4	3	4
15	3	4	3	4	3	3	3	4	4	4	4
16	4	4	3	4	4	3	4	3	4	4	4
17	3	4	3	3	4	3	3	2	4	4	4
18	2	2	2	4	3	2	3	2	4	4	4
19	3	4	3	4	3	3	3	4	3	3	4
20	4	4	4	4	3	3	4	4	4	4	4
21	3	4	2	3	2	3	3	4	4	3	4
22	3	4	4	4	3	4	4	3	4	4	4
23	3	4	3	3	4	3	3	3	3	3	4
24	3	3	3	3	3	2	2	3	3	2	3
25	3	2	2	3	2	2	3	3	2	3	4
26	3	3	3	3	3	3	3	4	4	4	4
27	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4
28	4	3	3	4	3	2	3	2	4	4	4
29	3	3	3	4	3	2	3	3	3	3	4
30	2	3	2	3	3	3	3	3	4	3	4
31	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
32	3	3	2	3	3	2	2	3	3	3	3
33	2	3	2	4	3	3	3	1	4	3	3
34	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
35	3	4	4	3	4	3	4	4	4	4	4
36	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
37	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3	3

Case#	A3B	A18B	A33B	A48B	A63B	A78B	A87B	A98B	A103B	A114B	A120B
38	3	4	3	3	3	3	3	2	3	3	3
39	4	4	4	4	4	3	4	4	4	3	3
40	3	3	3	4	3	2	3	2	4	4	4
41	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
42	3	3	3	3	2	3	3	3	4	4	4
43	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
44	2	3	3	3	3	2	3	3	3	3	4
45	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
46	3	3	3	3	3	2	2	3	3	2	4
47	2	3	2	3	3	3	3	2	3	3	3
48	3	3	3	4	4	2	4	4	4	4	4
49	3	3	3	2	3	2	3	2	3	3	4
50	3	3	3	4	3	3	4	4	4	4	4
51	3	3	2	4	3	3	3	3	4	3	4
52	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
53	4	3	2	3	2	2	4	2	4	4	4
54	3	3	3	3	3	3	3	2	3	3	3
55	3	3	3	4	3	2	3	3	3	3	4
56	3	3	4	4	4	3	4	4	4	4	4
57	3	4	3	4	4	3	4	3	4	4	4
58	2	3	3	3	3	2	3	2	3	2	4
59	3	3	3	4	3	3	3	4	4	3	4
60	3	3	2	3	3	2	3	3	3	3	4
61	3	3	2	3	3	2	2	4	3	3	4
62	4	4	3	4	4	2	3	3	4	4	4
63	3	3	2	4	3	3	3	2	2	3	4

LISTA DOS ITENS DO 6º MÊS

LIST A3C A18C A33C A48C A63C A78C A87C A98C A103C A114C A120C
/FORMAT=NUMBERED.

Case#	A3C	A18C	A33C	A48C	A63C	A78C	A87C	A98C	A103C	A114C	A120C
1	2	3	2	3	3	3	3	3	4	3	4
2	4	3	3	4	2	3	4	2	4	4	4
3	3	3	3	4	3	3	3	3	4	3	4
4	3	2	2	4	2	3	3	3	2	3	4
5	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
6	2	3	3	3	3	3	2	4	4	3	4
7	3	4	3	4	4	2	2	4	4	4	4
8	3	4	4	4	3	4	3	3	3	3	3
9	3	3	3	4	3	2	4	4	4	3	4
10	4	4	4	4	4	3	4	3	4	4	4
11	3	2	2	3	2	2	1	2	1	3	4
12	3	3	2	3	3	2	3	3	4	3	3
13	3	3	2	4	3	3	2	3	3	2	3
14	3	3	2	4	2	3	3	3	3	2	4
15	3	4	3	4	3	3	4	3	4	4	4
16	3	4	3	4	4	3	3	3	3	3	4
17	4	2	3	4	4	3	4	3	4	4	4
18	3	3	3	4	4	4	3	3	4	4	4
19	3	3	3	4	4	3	2	4	4	3	4
20	4	4	4	4	4	3	4	3	1	4	4
21	3	3	3	4	3	3	3	4	4	4	4
22	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4
23	4	4	3	4	4	3	4	4	4	4	4
24	3	3	3	3	3	2	2	3	3	3	3
25	2	2	2	3	2	2	3	2	2	2	4
26	4	4	3	4	4	4	3	4	4	4	4
27	3	3	3	3	3	3	3	3	3	4	4

Case#	A3C	A18C	A33C	A48C	A63C	A78C	A87C	A98C	A103C	A114C	A120C
28	3	3	3	4	3	2	3	3	4	4	4
29	3	3	3	4	3	3	3	4	3	3	4
30	3	4	2	4	3	3	3	3	4	4	4
31	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
32	2	3	2	3	3	2	3	3	3	3	3
33	2	4	2	4	3	3	2	3	4	4	4
34	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
35	4	4	3	4	4	3	4	4	4	3	4
36	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4
37	2	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
38	3	3	3	3	3	2	3	2	3	3	3
39	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
40	4	2	2	4	3	2	3	2	3	3	4
41	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
42	3	3	3	4	3	3	3	3	4	3	4
43	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
44	2	2	3	3	3	2	2	3	3	3	3
45	3	3	3	3	3	2	3	3	3	3	3
46	3	3	3	4	3	3	2	3	3	3	4
47	2	4	3	3	3	3	3	3	3	3	3
48	3	3	3	4	4	2	4	4	4	4	4
49	3	3	3	3	3	2	3	2	3	3	4
50	4	4	3	3	3	2	3	4	4	4	4
51	4	3	2	4	3	3	4	4	4	4	4
52	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4
53	4	3	3	4	3	2	4	1	4	4	4
54	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
55	4	3	3	4	3	2	3	3	3	3	4
56	3	4	4	4	3	3	4	4	4	4	4
57	4	4	3	4	3	3	3	3	4	4	3
58	2	2	3	3	3	2	3	3	2	2	2

Case#	A3C	A18C	A33C	A48C	A63C	A78C	A87C	A98C	A103C	A114C	A120C
59	3	3	3	3	4	3	3	4	4	4	4
60	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
61	3	3	2	4	3	2	2	3	3	4	4
62	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
63	3	3	3	4	3	3	3	2	2	3	4

ANEXO H4

DADOS BRUTOS - ITENS DE AUTO-EFÍCIA MATERNA

LISTAGEM DOS ITENS DE AUTO-EFICÁCIA MATERNA

LIST E0 E1 E3 E6
/FORMAT=NUMBERED.

Case	E0	E1	E3	E6
1	26	20	22	24
2	29	30	28	31
3	19	22	27	24
4	22	26	28	31
5	27	26	28	26
6	24	23	25	26
7	19	21	23	23
8	23	23	23	27
9	25	25	27	26
10	27	23	29	29
11	22	20	25	27
12	25	24	26	26
13	24	27	27	25
14	25	20	22	27
15	25	26	26	30
16	29	30	33	32
17	26	21	26	31
18	19	21	23	27
19	31	31	29	30
20	22	28	29	29
21	23	23	23	25
22	25	27	32	32
23	24	28	28	29
24	25	24	24	25
25	25	23	26	25
26	24	25	26	26
27	26	26	25	25
28	24	24	23	26
29	25	23	29	26
30	28	20	25	27
31	99	99	99	99
32	25	27	28	26
33	13	14	15	17
34	99	99	99	99
35	31	27	30	29
36	30	27	31	29
37	29	28	28	28

Case	E0	E1	E3	E6
38	24	25	25	26
39	30	30	33	33
40	24	27	31	30
41	31	28	28	27
42	26	20	26	25
43	99	99	99	99
44	21	22	26	19
45	23	26	23	27
46	24	20	21	22
47	23	24	24	25
48	29	28	24	28
49	29	28	28	29
50	25	30	30	34
51	26	26	26	29
52	35	35	35	35
53	28	24	31	30
54	27	26	26	99
55	25	23	25	23
56	31	27	27	29
57	22	20	20	27
58	29	27	29	29
59	26	21	23	25
60	29	25	24	99
61	28	20	27	30
62	24	27	31	99
63	24	22	25	26

ANEXO H5

DADOS BRUTOS - ITENS DE COMPORTAMENTO DA CRIANÇA E DA MÃE

LISTA DOS ITENS DE COMPORTAMENTO DO BEBÉ

/C11 C31 C61 "ESTADO DE ALERTA DO BEBÉ NO 1º 3º E 6º MÊS"
/C14 C34 C64 "CHORO/RABUGICE DO BEBÉ NO 1º 3º E 6º MÊS"
/C17 C37 C67 "FREQUÈNCIA DE VOCALIZAÇÕES POSITIVAS BEBÉ NO 1º 3º E 6º MÊS"
/C111 C311 C611 "SORRISO DO BEBÉ NO 1º 3º E 6º MÊS"

LIST C11 C14 C17 C111 C31 C34 C37 C311 C61 C64 C67 C611
/FORMAT=NUMBERED.

Case	C11	C14	C17	C111	C31	C34	C37	C311	C61	C64	C67	C611
1	2	1	1	1	3	2	2	2	4	3	4	3
2	3	1	1	1	2	2	2	2	4	1	4	4
3	3	4	1	1	5	2	5	3	3	1	4	4
4	2	2	1	1	5	2	4	3	5	1	2	1
5	3	5	1	1	5	3	2	4	5	2	4	4
6	4	3	2	2	4	2	3	3	5	1	4	4
7	3	2	1	2	4	3	3	4	4	1	4	4
8	2	3	2	1	2	1	2	3	4	1	3	5
9	4	2	1	4	5	1	1	5	4	1	3	4
10	3	2	2	1	5	2	5	4	5	1	3	4
11	1	4	1	1	5	3	2	3	4	1	3	3
12	4	1	1	1	4	2	4	3	5	1	4	3
13	4	1	1	1	4	1	2	1	5	1	3	3
14	4	2	2	1	4	1	4	3	5	2	3	3
15	4	3	2	5	4	1	4	3	5	2	3	3
16	3	2	1	2	4	1	4	3	4	3	3	2
17	3	1	1	1	3	2	1	3	5	1	3	5
18	4	3	1	1	5	2	3	2	5	3	2	3
19	4	1	1	1	5	2	3	4	5	1	3	3
20	4	1	1	1	5	2	5	5	5	1	4	3
21	4	1	2	2	5	2	1	1	5	1	3	3
22	5	1	4	5	4	2	2	1	5	1	1	2
23	5	1	3	5	4	3	4	3	5	1	2	4
24	1	1	1	1	3	1	1	3	5	2	5	4
25	3	1	1	2	4	2	1	5	5	1	2	4

Case	C11	C14	C17	C111	C31	C34	C37	C311	C61	C64	C67	C611
26	5	3	1	3	2	3	2	4	5	2	4	5
27	2	4	1	1	3	4	1	3	4	1	1	3
28	3	2	1	4	5	1	3	4	4	1	5	4
29	4	3	1	4	5	1	4	5	4	2	2	3
30	1	1	1	2	5	2	5	4	4	2	3	5
31	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
32	5	3	2	5	5	3	5	5	5	3	2	5
33	5	4	1	1	4	3	4	3	5	2	2	3
34	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
35	2	2	1	1	2	2	1	1	5	1	4	4
36	4	1	1	4	5	2	5	4	5	1	5	4
37	5	2	1	1	4	2	2	4	5	1	2	2
38	3	1	1	1	4	1	1	3	4	1	2	4
39	3	3	1	1	4	2	5	5	5	1	5	5
40	1	5	1	1	3	1	1	4	5	1	2	5
41	2	2	1	1	5	1	2	4	5	3	2	3
42	3	3	1	1	5	3	2	3	5	2	2	3
43	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
44	5	2	2	1	4	3	2	1	5	2	1	1
45	1	3	1	1	1	4	1	1	5	2	1	3
46	3	2	1	2	5	1	1	4	5	4	2	3
47	3	2	1	2	5	2	5	5	5	4	4	5
48	5	4	3	3	1	4	2	3	5	3	3	3
49	4	1	1	1	5	4	2	1	5	4	4	3
50	3	2	2	1	5	2	3	3	5	2	3	3
51	4	1	1	1	4	2	3	3	5	2	3	3
52	4	1	1	1	3	3	2	1	5	1	4	2
53	3	2	1	2	4	4	5	3	5	2	3	1
54	1	1	1	1	4	1	5	5	9	9	9	9
55	1	4	1	1	2	3	1	3	5	3	2	2
56	4	1	5	5	4	1	3	4	1	2	3	3
57	3	1	1	1	3	2	3	2	5	1	4	4
58	3	2	1	2	4	3	2	3	5	2	3	4
59	1	1	1	1	3	1	1	4	3	1	1	2

Case	C11	C14	C17	C111	C31	C34	C37	C311	C61	C64	C67	C611
60	1	2	1	1	3	1	2	2	5	1	5	2
61	1	2	1	1	3	1	2	3	5	1	1	1
62	1	2	1	1	3	1	1	1	5	2	4	3
63	3	3	1	4	3	1	1	2	5	2	2	3

LISTA DOS ITENS DE COMPORTAMENTO DA MÃE

/M11 M31 M61 "ENVOLVIMENTO FÍSICO/PROXIMIDADE DA MÃE NO 1° 3° E 6° MÊS"
/M12 M32 M62 "AFECTO POSITIVO NO 1° 3° E 6° MÊS"
/M13 M33 M63 "AFECTO NEGATIVO NO 1° 3° E 6° MÊS"
/M16 M36 M66 "RESPONSIVIDADE AO COMP. SOCIAL POSITIVO NO 1° 3° E 6° MÊS"
/M18 M38 M68 "ADEQUAÇÃO AOS RITMOS DO BEBÉ NO 1° 3° E 6° MÊS"
/M19 M39 M69 "PRONTID. NA RESPOSTA À SITUAÇÃO DE AFLIÇÃO NO 1° 3° E 6° MÊS"
/M120 M320 M620 "RESTRIÇÕES NO 1° 3° E 6° MÊS"

LIST M11 M12 M13 M16 M18 M19 M120 M31 M32 M33 M36 M38 M39 M320 M61 M62 M63 M66 M68 M69 M620
/FORMAT=NUMBERED.

Case	MM1	MM1	MM1	MM1	M1	M1	M3	M3	M3	M3	M3	M3	M6	M6	M6	M6	M6	M6	M6
	1	2	3	6	8	9	20	1	2	3	6	8	9	20	1	2	3	6	8	9	20
1	3	2	1	1	3	4	1	3	3	1	3	3	4	1	3	3	1	4	4	4	1
2	3	3	1	1	4	3	1	3	3	1	3	3	1	1	3	4	1	4	4	4	1
3	3	2	1	1	3	2	1	4	3	1	5	4	4	1	3	4	1	4	4	4	1
4	4	3	1	1	3	3	1	3	4	1	4	3	3	2	3	2	1	3	3	3	1
5	3	3	1	1	3	3	1	3	3	1	3	3	3	1	3	4	1	4	4	4	3
6	3	3	1	2	3	2	1	3	3	1	3	4	3	1	3	3	1	3	4	4	3
7	3	3	1	2	3	3	1	3	4	1	3	3	4	4	3	3	1	4	4	4	3

Case	MM1	MM2	MM3	MM6	MM8	M19	M120	M131	M132	M133	M136	M138	M139	M1320	M161	M162	M163	M166	M168	M169	M1620
8	3	3	1	1	3	4	1	3	3	1	4	3	4	1	3	3	1	3	4	4	1
9	3	2	1	1	3	2	1	3	3	1	3	4	1	1	3	3	1	4	4	1	1
10	4	4	1	3	3	2	1	3	4	1	4	4	3	1	3	4	1	4	4	4	1
11	2	1	3	1	2	3	1	3	3	1	3	4	3	1	3	2	1	3	4	1	1
12	1	3	1	4	4	4	1	3	3	1	4	5	4	1	3	3	1	3	4	4	1
13	3	3	1	3	5	4	1	3	3	1	4	4	4	1	4	4	1	4	4	4	1
14	3	3	1	4	4	3	1	3	4	1	4	5	4	1	3	3	1	3	4	3	1
15	3	4	1	3	4	3	1	4	4	1	3	4	4	1	3	3	1	4	5	3	3
16	3	3	1	2	3	3	1	3	4	1	4	4	4	1	4	4	1	3	4	3	1
17	4	4	1	3	4	4	1	3	4	1	3	4	1	1	3	3	1	4	5	4	1
18	3	3	2	2	3	3	1	3	3	2	3	4	4	1	4	3	2	3	4	4	2
19	4	3	1	3	4	4	1	4	3	1	4	4	4	1	3	4	1	4	4	4	1
20	3	3	1	3	5	3	1	3	4	1	4	4	3	1	3	4	1	4	5	4	1
21	4	3	1	3	4	4	1	3	3	1	1	1	4	1	3	4	1	1	1	1	1
22	3	3	1	3	4	1	1	3	4	1	3	4	4	1	3	3	1	3	5	3	1
23	3	4	1	4	5	1	1	3	3	1	4	4	4	1	4	5	1	5	5	4	1
24	3	3	1	1	3	3	1	3	3	1	1	4	1	1	4	4	1	3	4	2	1
25	4	2	1	2	3	4	1	4	4	1	4	4	3	1	3	4	1	3	4	4	1
26	3	2	1	1	3	5	1	3	2	1	1	5	3	1	4	4	1	2	4	3	1
27	3	3	1	1	3	3	1	3	3	1	4	3	3	1	4	4	1	3	4	3	1
28	3	2	1	4	4	4	2	3	3	1	3	3	3	1	3	4	1	2	4	1	1
29	3	3	1	1	4	2	1	3	3	1	3	3	3	1	3	3	1	3	4	3	1
30	5	4	1	1	3	4	1	4	4	1	5	4	3	1	3	4	1	3	4	3	1
31	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
32	4	3	1	3	3	3	1	3	4	1	4	3	4	1	3	3	1	3	3	1	1
33	3	3	1	1	3	1	1	3	3	1	4	3	4	1	3	3	1	2	4	1	1
34	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
35	3	2	1	2	3	2	1	3	3	1	1	3	3	1	3	3	1	2	4	1	1
36	3	4	1	1	3	1	1	3	4	1	3	4	3	1	3	4	1	4	5	3	1
37	3	2	1	1	3	3	1	3	2	1	2	3	3	1	3	3	1	1	4	1	1
38	3	1	1	1	3	1	1	3	3	1	3	4	4	1	3	2	1	4	4	3	1
39	3	2	1	1	3	3	1	3	4	1	3	4	3	1	3	4	1	4	4	1	1
40	3	2	1	1	3	3	1	3	1	1	2	4	1	1	3	3	1	3	4	3	1

C a s e	M l l 2	M l 3	M l 6	M l 8	M l 9	M 1 20	M 1 3 1	M 3 3 2	M 3 3 3	M 3 3 6	M 3 3 8	M 3 3 9	M 3 3 20	M 6 6 1	M 6 6 2	M 6 6 3	M 6 6 6	M 6 6 8	M 6 6 9	M 6 6 20
41	4	3	1	1	4	3	1	3	2	1	3	4	3	1	3	3	1	3	3	3	1
42	3	3	1	1	3	3	1	3	3	1	3	4	3	1	4	3	1	3	4	3	1
43	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9	9
44	3	3	1	4	3	3	1	3	3	1	3	3	3	1	3	3	1	3	3	3	1
45	3	3	1	1	3	3	1	3	3	1	1	3	4	1	3	2	2	2	4	5	1
46	3	3	1	2	3	3	1	4	4	2	4	4	1	1	4	4	2	4	5	5	1
47	3	3	1	2	3	3	1	2	4	1	4	4	4	1	4	4	1	4	4	5	1
48	4	4	1	3	3	4	1	4	5	1	3	5	5	1	5	5	1	3	4	5	2
49	4	5	1	1	5	4	1	4	4	1	4	1	4	1	5	4	1	4	5	5	1
50	3	4	3	1	3	4	1	4	3	1	3	3	4	1	3	3	1	3	4	3	1
51	4	3	1	1	4	5	1	3	3	1	3	4	3	1	3	3	1	3	4	3	1
52	3	4	1	1	4	4	1	3	4	1	3	4	4	1	5	4	1	5	4	4	1
53	3	3	1	3	3	3	1	3	3	1	3	3	3	1	3	2	1	3	4	3	1
54	3	2	1	3	4	3	1	3	3	1	3	4	1	1	9	9	9	9	9	9	9
55	3	2	1	2	2	3	1	2	3	1	3	3	3	1	3	3	1	3	4	3	1
56	3	3	1	3	4	2	1	3	4	1	3	5	3	1	3	4	1	3	4	3	1
57	3	3	1	3	3	3	1	3	3	1	3	4	3	1	3	2	1	3	4	3	1
58	3	3	1	2	3	3	1	3	4	1	4	4	3	1	3	3	1	3	4	3	1
59	1	2	1	3	4	3	1	3	2	1	3	3	3	1	3	2	1	2	4	3	1
60	3	2	1	1	3	3	1	1	3	1	3	4	3	1	3	3	1	3	4	1	1
61	3	3	1	1	3	2	1	3	3	1	2	4	3	1	3	3	1	4	4	1	1
62	3	2	1	1	3	3	1	3	3	1	1	4	3	1	3	3	1	3	4	2	1
63	3	2	1	2	3	2	1	3	2	1	3	4	3	1	3	2	1	2	4	3	1

ANEXO H6

DADOS BRUTOS - TEMPOS DE CHORO

I=Inicio do episódio de choro
F=Fim do episódio de choro
TC=Tempo de choro ou duração do episódio
TS=Tempo sem choro

DATA LIST FILE = "01.1"

I	F	TC	TS
1069.51	1069.62	.11	1069.51
1073.41	1076.65	3.24	3.79
1080.44	1081.10	.66	3.79
1091.59	1091.92	.33	10.49
1107.74	1109.00	1.26	15.82
1140.00	1140.00	.00	31.00

DATA LIST FILE = "01.3"

I	F	TC	TS
59.98	60.25	.27	59.98
109.58	109.74	.16	49.33
139.07	139.24	.17	29.33
168.46	168.51	.05	29.22
169.39	171.75	2.36	.88
173.51	180.76	7.25	1.76
190.87	194.33	3.46	10.11
1633.10	1633.21	.11	1438.77
1713.95	1714.01	.06	80.74

DATA LIST FILE = "01.6"

I	F	TC	TS
19.23	19.89	.66	19.23
43.34	44.38	1.04	23.45
52.02	52.95	.93	7.64
61.46	62.67	1.21	8.51
76.57	77.12	.55	13.90
78.49	80.52	2.03	1.37
93.65	100.30	6.65	13.13
103.98	109.58	5.60	3.68
111.12	126.17	15.05	1.54
127.48	139.24	11.76	1.31
141.38	147.59	6.21	2.14
151.76	177.69	25.93	4.17
242.17	243.21	1.04	64.48
256.01	256.83	.82	12.80
285.40	285.83	.43	28.57
899.74	900.95	1.21	613.91
1153.49	1164.64	11.15	252.54
1166.18	1167.28	1.10	1.54
1169.04	1175.19	6.15	1.76
1175.96	1188.21	12.25	.77
1192.54	1232.91	40.37	4.33

.I	F	TC	TS
1238.46	1244.06	5.60	5.55
1255.10	1260.10	5.00	11.04
1261.20	1282.57	21.37	1.10
1487.22	1503.70	16.48	204.65
1508.97	1512.27	3.30	5.27
1513.75	1526.49	12.74	1.48
1529.95	1535.00	5.05	3.46
1535.72	1546.21	10.49	.72
1548.79	1589.93	.00	43.72
1626.62	1627.39	.77	36.69
1724.00	1724.88	.88	96.61
1800.79	1802.11	1.32	75.91
1980.00	1980.00	.00	178.00

DATALISTFILE = "02.1"

I	F	TC	TS
65.58	70.09	4.51	65.58
667.68	668.78	1.10	597.59
929.56	930.50	.94	260.78
931.10	932.75	1.65	.60
962.63	964.05	1.42	29.88
994.81	995.91	1.10	30.76
996.52	998.27	1.75	.61
999.21	1000.09	.88	.94
1005.14	1022.55	17.41	5.05
1027.82	1031.56	3.74	5.27
1467.72	1482.44	14.72	436.16
1483.10	1493.37	10.27	.66
1510.56	1510.62	.06	17.19

DATALISTFILE = "02.3"

I	F	TC	TS
140.67	141.44	.77	140.67
143.69	145.50	1.81	2.25
148.96	155.50	6.54	3.46
640.44	641.15	.71	484.94
644.72	645.43	.71	3.57
1307.89	1316.51	8.62	662.46
1378.42	1380.34	1.92	61.91
2142.10	2142.37	.27	761.76
2144.68	2147.15	2.47	2.31
2198.23	2199.28	1.05	51.08
2201.97	2204.71	2.74	2.69
2209.99	2212.62	2.63	5.28
2341.86	2342.25	.39	129.24
3604.82	3604.82	.00	1262.57

DATALISTFILE = "02.6"

I	F	TC	TS
571.50	574.08	2.58	571.50
598.08	600.11	2.03	24.00
613.41	616.92	3.51	13.30
631.70	641.80	10.10	14.78
811.30	812.95	1.65	169.50
813.99	816.96	2.97	1.04
818.61	821.13	2.52	1.65
825.69	829.15	3.46	4.56
984.98	989.04	4.06	155.83
1571.86	1573.89	2.03	582.82
1591.14	1592.89	1.75	17.25
1595.09	1600.31	5.22	2.20
1684.40	1686.27	1.87	84.09
2031.31	2039.33	8.02	345.04
2041.63	2051.36	9.73	2.30
3053.97	3058.36	4.39	1002.61
3067.59	3072.37	4.78	9.23
3145.97	3147.39	1.42	73.60
3195.01	3198.80	3.79	47.62
3921.24	3921.29	.05	722.44

DATALISTFILE = "03.1"

I	F	TC	TS
12.25	13.08	.83	12.25
14.17	31.37	17.20	1.09
34.39	45.98	11.59	3.02
49.99	55.64	5.65	4.01
90.90	92.28	1.38	35.26
209.71	211.30	1.59	117.43
212.89	215.09	2.20	1.59
220.69	223.44	2.75	5.60
229.65	230.64	.99	6.21
231.24	242.00	10.76	.60
245.52	250.63	5.11	3.52
251.23	261.61	10.38	.60
262.66	264.69	2.03	1.05
312.91	334.99	22.08	48.22
444.08	445.28	1.20	109.09
448.36	457.81	9.45	3.08
466.43	473.24	6.81	8.62
475.11	487.19	12.08	1.87
488.79	494.39	5.60	1.60
499.55	505.92	6.37	5.16
527.56	528.61	1.05	21.64
563.37	565.90	2.53	34.76
636.92	641.70	4.78	71.02
677.45	678.77	1.32	35.75
680.04	681.41	1.37	1.27
683.11	694.48	11.37	1.70
696.40	701.57	5.17	1.92
704.04	705.52	1.48	2.47

718.21	733.53	15.32	12.69
734.85	737.54	2.69	1.32
786.76	794.39	7.63	49.22
796.20	803.40	7.20	1.81
821.63	822.24	.61	18.23
838.66	839.98	1.32	16.42
843.49	853.93	10.44	3.51
855.36	859.04	3.68	1.43
861.51	862.61	1.10	2.47
868.65	875.79	7.14	6.04
876.94	888.86	11.92	1.15
893.26	918.36	25.10	4.40
946.92	957.52	10.60	28.56
961.58	971.80	10.22	4.06
981.03	995.36	14.33	9.23
996.41	1006.73	10.32	1.05
1015.85	1035.79	19.94	9.12
1037.49	1047.05	9.56	1.70
1129.27	1129.27	.00	82.22
1156.95	1159.65	2.70	27.68
1163.71	1168.98	5.27	4.06
1180.68	1199.58	18.90	11.70
1200.62	1204.02	3.40	1.04
1437.29	1437.29	.00	233.27

DATALISTFILE = "03.3"

I	F	TC	TS
1351.22	1353.37	2.15	1351.22
1365.12	1373.80	8.68	11.75
1449.98	1461.68	11.70	76.18
2838.39	2838.77	.38	1376.71
2999.81	3001.24	1.43	161.04
3023.49	3024.09	.60	22.25
4285.45	4285.51	.06	1261.36

DATALISTFILE = "03.6"

I	F	TC	TS
1994.73	1995.99	1.26	1994.73
2013.24	2014.77	1.53	17.25
2811.36	2811.41	.05	796.59

DATALISTFILE = "04.1"

I	F	TC	TS
705.68	711.29	5.61	705.68
908.80	910.12	1.32	197.51
923.35	925.28	1.93	13.23
947.47	949.33	1.86	22.19
1760.97	1764.59	3.62	811.64
1767.12	1767.83	.71	2.53
1796.34	1797.77	1.43	28.51
1798.92	1800.29	1.37	1.15

1803.10	1807.00	3.90	2.81
1816.83	1817.98	1.15	9.83
1822.65	1826.16	3.51	4.67
1846.49	1851.70	5.21	20.33
1888.34	1894.22	5.88	36.64
1906.79	1912.29	5.50	12.57
2326.43	2329.01	2.58	414.14
2608.74	2610.06	1.32	279.73
2611.71	2615.77	4.06	1.65
2620.72	2621.87	1.15	4.95
2641.15	2651.64	10.49	19.28
2652.13	2688.44	36.31	.49
2693.55	2709.04	15.49	5.11
2715.13	2724.53	9.40	6.09
2725.29	2729.03	3.74	.76
2730.24	2742.27	12.03	1.21
2760.12	2769.40	9.28	17.85
2770.77	2784.56	13.79	1.37
3630.96	3634.59	3.63	846.40
3694.56	3694.62	.06	59.97

DATALISTFILE = "04.3"

I	F	TC	TS
158.73	161.31	2.58	158.73
627.19	629.94	2.75	465.88
642.13	667.73	25.60	12.19
681.57	689.70	8.13	13.84
710.35	735.50	25.15	20.65
748.85	752.75	3.90	13.35
757.80	766.26	8.46	5.05
840.80	845.13	4.33	74.54
850.02	853.54	3.52	4.89
1401.48	1408.67	7.19	547.94
1609.48	1613.10	3.62	200.81
1714.39	1719.99	5.60	101.29
1726.69	1731.63	4.94	6.70
1755.74	1756.35	.61	24.11
1758.66	1766.56	7.90	2.31
1783.26	1784.42	1.16	16.70
1785.46	1789.91	4.45	1.04
2331.20	2332.57	1.37	541.29
2335.48	2337.30	1.82	2.91
3073.24	3076.87	3.63	735.94
3082.58	3148.82	.00	71.95
3185.29	3186.44	1.15	36.47
3194.41	3195.78	1.37	7.97
3201.38	3203.31	1.93	5.60
3213.69	3219.84	6.15	10.38
3227.69	3258.40	30.71	7.85
3319.86	3320.08	.22	61.46
3463.65	3469.47	5.82	143.57
3562.57	3562.63	.06	93.10

DATALISTFILE = "04.6"

I	F	TC	TS
162.80	166.10	3.30	162.80
386.90	387.67	.77	220.80
394.26	395.69	1.43	6.59
477.91	478.73	.82	82.22
651.31	654.66	3.35	172.58
668.83	669.88	1.05	14.17
672.73	673.45	.72	2.85
1020.19	1021.84	1.65	346.74
1028.15	1033.81	5.66	6.31
1035.29	1041.28	5.99	1.48
1105.76	1113.29	7.53	64.48
1124.05	1124.49	.44	10.76
1132.13	1135.81	3.68	7.64
1154.59	1156.95	2.36	18.78
1246.92	1251.21	4.29	89.97
1626.51	1630.85	4.34	375.30
1704.84	1714.72	9.88	73.99
1716.81	1723.51	6.70	2.09
1746.80	1751.74	4.94	23.29
1967.98	1968.92	.94	216.24
1997.64	2001.98	4.34	28.72
2003.25	2014.34	11.09	1.27
2015.55	2029.89	14.34	1.21
2084.76	2089.15	4.39	54.87
2090.91	2092.72	1.81	1.76
2093.27	2100.90	7.63	.55
2106.89	2116.12	9.23	5.99
2118.92	2128.09	9.17	2.80
2191.81	2194.22	2.41	63.72
2696.79	2701.95	5.16	502.57
2702.45	2704.54	2.09	.50
2705.63	2717.22	11.59	1.09
2718.87	2722.88	4.01	1.65
2778.85	2779.34	.49	55.97
3613.99	3616.74	2.75	834.65
3800.79	3800.79	.00	184.05

DATA LIST FILE = "05.1"

I	F	TC	TS
26.34	26.78	.59	26.34
51.26	52.01	.75	24.48
60.44	62.45	2.01	8.43
75.16	76.40	1.24	12.71
80.12	85.13	5.01	3.71
103.65	107.16	3.51	18.52
116.34	126.62	10.28	9.18
127.60	137.61	10.01	.98
141.17	142.31	1.14	3.56
216.80	217.38	.58	74.49
280.10	281.18	1.08	62.72

I	F	TC	TS
564.76	563.57	1.19	281.18
1069.90	1079.91	10.01	506.33
1090.47	1092.61	2.14	10.56
1134.38	1135.48	1.10	41.77
1260.04	1264.56	4.52	124.56
1320.92	1341.38	20.46	56.36
1503.54	1518.70	15.16	162.16
1519.22	1520.60	1.38	.57
1524.49	1528.05	3.56	3.89
1535.84	1537.22	1.38	7.79
1538.78	1559.25	20.47	1.56
1639.30	1641.45	2.45	80.05
1701.15	1702.54	1.39	59.70
1800.79	1801.43	.64	98.25
2010.00	2010.00	.00	208.57

DATA LIST FILE = "05.3"

I	F	TC	TS
116.33	134.95	18.62	116.33
993.49	1003.05	9.56	858.54
1008.82	1011.13	2.31	5.77
1014.37	1015.79	1.42	3.24
1019.75	1020.57	.82	3.96
1023.10	1023.70	.60	2.53
1028.37	1029.69	1.32	4.67
1033.53	1034.47	.94	3.84
1035.57	1041.06	5.49	1.10
1042.32	1058.42	16.10	1.26
1074.34	1076.38	2.04	15.92
1125.04	1155.03	29.99	48.66
1158.22	1160.19	1.97	3.19
1168.82	1169.59	.77	8.63
1185.62	1186.17	.55	16.03
1719.77	1722.36	2.59	533.60
1723.73	1725.43	1.70	1.37
1729.55	1730.81	1.26	4.12
1733.45	1734.66	1.21	2.64
1736.58	1737.84	1.26	1.92
1756.63	1758.00	1.37	18.79
1759.43	1765.31	5.88	1.43
1766.08	1789.86	23.78	.77
1793.32	1812.05	18.73	3.46
1944.86	1944.91	.05	132.81

DATA LIST FILE = "05.6"

I	F	TC	TS
545.19	545.19	.00	545.19
1531.05	1536.82	5.77	985.86
1542.31	1544.01	1.70	5.49
1561.75	1566.53	4.78	17.74
1586.52	1587.95	1.43	19.99
1598.83	1608.11	9.28	10.88

I	F	TC	TS
1612.06	1631.07	19.01	3.95
1738.34	1739.00	.66	107.27
1755.59	1755.70	.11	16.59
1786.23	1787.22	.99	30.53
1801.67	1803.54	1.87	14.45
1811.99	1816.39	4.40	8.45
1832.92	1833.85	.93	16.53
1837.92	1841.98	4.06	4.07
1854.23	1863.24	9.01	12.25
1873.68	1880.16	6.48	10.44
1991.76	1993.80	2.04	111.60
2001.21	2006.10	4.89	7.41
2007.25	2031.70	24.45	1.15
2032.57	2042.90	10.33	.87
2052.40	2066.57	14.17	9.50
2077.17	2085.30	8.13	10.60
2087.34	2094.26	6.92	2.04
2098.21	2125.45	27.24	3.95
2136.82	2137.48	.66	11.37
2209.87	2209.98	.11	72.39
2306.49	2317.14	10.65	96.51
2321.65	2331.59	9.94	4.51
2340.21	2375.53	35.32	8.62
2403.54	2411.07	7.53	28.01

DATA LIST FILE = "06.1"

I	F	TC	TS
235.30	236.57	1.27	235.30
238.32	238.43	.11	1.75
261.89	262.55	.66	23.46
263.04	263.75	.71	.49
292.65	292.92	.27	28.90
305.66	305.77	.11	12.74
337.57	338.40	.83	31.80
354.60	354.82	.22	16.20
1106.42	1106.97	.55	751.60
1334.36	1334.75	.39	227.39
1367.21	1367.54	.33	32.46
1530.61	1531.27	.66	163.07
1537.09	1561.86	24.77	5.82
1575.16	1577.24	2.08	13.30
1585.26	1588.61	3.35	8.02
1590.42	1591.63	1.21	1.81
1594.60	1598.00	3.40	2.97
1614.43	1618.66	4.23	16.43
1621.35	1680.72	59.37	2.69
1684.73	1791.56	106.83	4.01
1792.94	1799.42	6.48	1.38
1801.78	1827.70	25.92	2.36
3936.35	3991.60	55.25	2108.65
4333.07	4333.68	.61	341.47

4334.72	4335.16	.44	1.04
4335.66	4352.79	17.13	.50
4353.89	4402.34	48.45	1.10
4405.91	4413.71	7.80	3.57
4418.48	4418.54	.06	4.77

DATA LIST FILE = "06.3"

I	F	TC	TS
18.62	25.71	7.09	18.62
30.93	96.29	65.36	5.22
101.01	239.04	138.03	4.72
551.84	552.17	.33	312.80
553.05	553.87	.82	.88
568.54	568.98	.44	14.67
860.52	860.58	.06	291.54
3000.00	3000.00	.00	2139.42

DATA LIST FILE = "06.6"

I	F	TC	TS
86.89	87.16	.27	86.89
100.78	100.95	.17	13.62
106.11	106.99	.88	5.16
368.49	377.77	9.28	261.50
379.70	381.78	2.08	1.93
1052.70	1053.47	.77	670.92
1219.95	1220.50	.55	166.48
1442.72	1443.11	.39	222.22
1526.59	1528.85	2.26	83.48
1566.58	1567.35	.77	37.73
1577.73	1578.39	.66	10.38
2607.75	2607.80	.05	1029.36

DATA LIST FILE = "07.1"

I	F	TC	TS
91.45	91.56	.11	91.45
96.45	97.66	1.21	4.89
105.29	142.04	36.75	7.63
152.04	176.31	24.27	10.00
180.54	192.46	11.92	4.23
194.11	195.54	1.43	1.65
203.94	211.30	7.36	8.40
1874.55	1875.43	.88	1663.25
2204.88	2205.81	.93	329.45
2564.80	2564.86	.06	358.99

DATA LIST FILE = "07.3"

I	F	TC	TS
390.96	391.02	.06	390.96
525.20	527.18	1.98	134.18
532.94	538.66	5.72	5.76

I	F	TC	TS
548.76	548.82	.06	10.10
554.53	562.49	7.96	5.71
657.68	662.84	5.16	95.19
665.92	670.31	4.39	3.08
683.49	691.62	8.13	13.18
699.48	702.50	3.02	7.86
736.06	739.08	3.02	33.56
760.12	762.92	2.80	21.04
840.97	842.28	1.31	78.05
874.74	874.91	.17	32.46
1024.31	1026.17	1.86	149.40
1051.44	1054.41	2.97	25.27
1056.99	1060.89	3.90	2.58
1074.07	1077.75	3.68	13.18
1094.67	1096.26	1.59	16.92
1147.50	1148.38	.88	51.24
2316.98	2317.47	.49	1168.60
2319.61	2320.49	.88	2.14
2324.67	2329.72	5.05	4.18
2379.87	2381.35	1.48	50.15
2475.44	2477.69	2.25	94.09
2509.77	2512.35	2.58	32.08
2727.33	2729.14	1.81	214.98
2784.12	2786.32	2.20	54.98
2788.29	2793.62	5.33	1.97
2795.82	2796.81	.99	2.20
2798.24	2804.94	6.70	1.43
2806.80	2814.66	7.86	1.86
3493.81	3494.36	.55	679.15
3495.68	3499.08	3.40	1.32
3667.54	3681.44	13.90	168.46
3692.26	3694.02	1.76	10.82
3714.61	3716.10	1.49	20.59
3717.58	3721.64	4.06	1.48
3727.46	3731.58	4.12	5.82
3735.10	3742.79	7.69	3.52
3753.61	3772.94	19.33	10.82
3779.42	3784.09	4.67	6.48
3808.26	3810.40	2.14	24.17
3829.13	3830.40	1.27	18.73
3832.43	3880.21	47.78	2.03
3893.45	3894.60	1.15	13.24
3902.46	3910.59	8.13	7.86
3933.60	3938.76	5.16	23.01
3947.94	3947.94	.00	9.18
4040.98	4041.75	.77	93.04
4080.00	4080.00	.00	40.00

DATA LIST FILE = "07.6"

I	F	TC	TS
596.60	596.82	.22	596.60
602.25	603.52	1.27	5.43
978.22	983.71	5.49	374.70
988.82	995.80	6.98	5.11
1058.03	1063.63	5.60	62.23
1156.62	1157.77	1.15	92.99
1201.93	1203.30	1.37	44.16
1209.46	1211.27	1.81	6.16
1213.25	1245.98	32.73	1.98
1254.88	1257.41	2.53	8.90
1346.60	1349.24	2.64	89.19
1354.13	1356.60	2.47	4.89
1372.91	1373.52	.61	16.31
2150.00	2150.05	.05	776.48

DATA LIST FILE = "08.1"

I	F	TC	TS
548.71	550.03	1.32	548.71
554.91	555.85	.94	4.88
642.19	642.74	.55	86.34
806.31	806.64	.33	163.57
809.11	811.47	2.36	2.47
814.66	818.78	4.12	3.19
822.62	824.38	1.76	3.84
931.81	933.41	1.60	107.43
949.17	950.49	1.32	15.76
959.33	959.77	.44	8.84
968.94	969.55	.61	9.17
1016.95	1017.50	.55	47.40
1161.46	1163.32	1.86	143.96
1869.56	1870.11	.55	706.24
2741.66	2741.88	.22	871.55
2792.96	2793.35	.39	51.08
2908.86	2909.62	.76	115.51
2987.01	2987.56	.55	77.39
3159.65	3160.20	.55	172.09
3166.62	3167.39	.77	6.42
3206.55	3206.61	.06	39.16

DATA LIST FILE = "08.3"

I	F	TC	TS
492.40	493.01	.61	492.40
499.98	500.04	.06	6.97

DATA LIST FILE = "08.6"

I	F	TC	TS
1365.01	1366.54	1.53	1365.01
2025.32	2025.37	.05	658.78

DATA LIST FILE = "09.1"

I	F	TC	TS
1335.01	1338.31	3.30	1335.01
1584.10	1593.05	8.95	245.79
2526.90	2527.72	.82	933.85
2529.42	2530.74	1.32	1.70
2586.00	2586.16	.16	55.26

DATA LIST FILE = "09.3"

I	F	TC	TS
2750.78	2750.89	.11	2750.78

DATA LIST FILE = "09.6"

I	F	TC	TS
845.25	847.22	1.97	845.25
1125.09	1126.08	.99	277.87
1242.41	1242.91	.50	116.33
1302.94	1303.00	.06	60.03

DATA LIST FILE = "10.1"

I	F	TC	TS
280.51	281.17	.66	280.51
282.32	283.97	1.65	1.15
284.79	286.50	1.71	.82
287.92	288.69	.77	1.42
291.22	291.93	.71	2.53
297.54	298.80	1.26	5.61
326.87	328.13	1.26	28.07
762.97	763.47	.50	434.84
766.82	768.14	1.32	3.35
909.02	914.29	5.27	140.88
914.68	929.07	14.39	.39
931.21	934.45	3.24	2.14
935.17	940.05	4.88	.72
940.71	959.44	18.73	.66
971.47	977.13	5.66	12.03
1087.97	1095.55	7.58	110.84
1112.41	1117.35	4.94	16.86
1127.84	1133.72	5.88	10.49
1190.62	1191.23	.61	56.90
1193.59	1197.76	4.17	2.36
1198.31	1201.66	3.35	.55
1211.39	1213.47	2.08	9.73
1221.49	1222.04	.55	8.02
1224.57	1226.87	2.30	2.53
1230.94	1232.31	1.37	4.07
1235.11	1238.19	3.08	2.80
1239.40	1240.33	.93	1.21
1241.21	1242.20	.99	.88
1243.02	1243.79	.77	.82
1244.51	1245.33	.82	.72
1250.38	1254.28	3.90	5.05

I	F	TC	TS
1260.05	1263.13	3.08	5.77
1270.27	1274.66	4.39	7.14
1276.31	1280.04	3.73	1.65
1281.09	1285.64	4.55	1.05
1286.69	1294.76	8.07	1.05
1305.31	1319.09	13.78	10.55
1452.62	1452.67	.05	133.53

DATA LIST FILE = "10.3"

I	F	TC	TS
3754.65	3754.71	.06	3754.65

DATA LIST FILE = "10.6"

I	F	TC	TS
1924.64	1924.70	.06	1924.64

DATA LIST FILE = "11.1"

I	F	TC	TS
80.75	81.68	.93	80.75
84.04	85.74	1.70	2.36
86.57	88.38	1.81	.83
88.87	89.92	1.05	.49
91.02	97.94	6.92	1.10
98.98	104.03	5.05	1.04
104.69	108.32	3.63	.66
109.86	125.67	15.81	1.54
127.16	134.57	7.41	1.49
164.12	166.92	2.80	29.55
203.17	206.47	3.30	36.25
372.23	388.05	15.82	165.76
390.42	391.07	.65	2.37
485.11	490.49	5.38	94.04
497.36	501.69	4.33	6.87
504.11	510.70	6.59	2.42
512.02	524.21	12.19	1.32
846.41	848.00	1.59	322.20
849.10	855.36	6.26	1.10
866.51	869.26	2.75	11.15
872.22	880.41	8.19	2.96
893.92	899.85	5.93	13.51
904.13	908.53	4.40	4.28
1212.10	1214.46	2.36	303.57
1363.91	1367.43	3.52	149.45
1370.95	1409.94	38.99	3.52
1411.37	1422.19	10.82	1.43
1433.89	1444.44	10.55	11.70
1446.74	1448.94	2.20	2.30
1454.32	1462.01	7.69	5.38
1471.62	1473.82	2.20	9.61
1476.40	1484.37	7.97	2.58

1485.03	1490.52	5.49	.66
1491.12	1495.02	3.90	.60
1544.40	1606.14	61.74	49.38
1610.15	1624.76	14.61	4.01
1681.33	1681.38	.05	56.57

DATA LIST FILE = "11.3"

I	F	TC	TS
1345.95	1347.54	1.59	1345.95
1349.63	1370.83	21.20	2.09
1391.98	1398.29	6.31	21.15
I	**F**	**TC**	**TS**
1514.73	1515.67	.94	116.44
1517.54	1518.14	.60	1.87
1522.26	1524.13	1.87	4.12
1530.77	1534.78	4.01	6.64
1800.62	1803.37	2.75	265.84
1841.98	1848.96	6.98	38.61
1850.38	1851.92	1.54	1.42
1856.76	1863.18	6.42	4.84
1865.38	1870.82	5.44	2.20
1889.22	1889.93	.71	18.40
1911.68	1911.74	.06	21.75

DATA LIST FILE = "11.6"

I	F	TC	TS
138.79	141.81	3.02	138.79
164.88	167.13	2.25	23.07
963.33	963.39	.06	796.20

DATA LIST FILE = "12.1"

I	F	TC	TS
349.49	349.71	.22	349.49
1107.46	1108.34	.88	757.75
1110.21	1111.58	1.37	1.87
1126.85	1128.39	1.54	15.27
1247.47	1249.55	2.08	119.08
1409.28	1411.25	1.97	159.73
1411.91	1414.71	2.80	.66
1417.57	1419.55	1.98	2.86
1423.45	1425.64	2.19	3.90
1427.95	1430.15	2.20	2.31
1434.43	1436.36	1.93	4.28
1438.77	1449.37	10.60	2.41
1451.24	1457.45	6.21	1.87
1458.60	1466.56	7.96	1.15
1469.20	1476.18	6.98	2.64
1752.84	1752.89	.05	276.66

DATA LIST FILE = "12.3"

I	F	TC	TS
151.10	152.25	1.15	151.10
153.40	154.61	1.21	1.15
158.57	159.06	.49	3.96
160.38	161.04	.66	1.32
161.86	164.99	3.13	.82
171.80	184.38	12.58	6.81
185.15	189.05	3.90	.77
189.71	196.08	6.37	.66
199.93	200.75	.82	3.85
233.21	234.47	1.26	32.46
236.62	237.11	.49	2.15
256.39	257.10	.71	19.28
268.36	269.30	.94	11.26
301.15	303.02	1.87	31.85
1469.25	1473.48	4.23	1166.23
1477.88	1478.70	.82	4.40
1480.73	1481.94	1.21	2.03
1881.41	1882.40	.99	399.47
1882.90	1885.15	2.25	.50
1885.92	1889.10	3.18	.77
1889.71	1891.52	1.81	.61
1895.15	1896.96	1.81	3.63
1901.24	1903.22	1.98	4.28
1905.69	1907.45	1.76	2.47
1909.37	1912.23	2.86	1.92
1915.19	1915.74	.55	2.96
1917.06	1919.42	2.36	1.32
1920.36	1922.28	1.92	.94
1922.88	1927.88	5.00	.60
1935.08	1938.21	3.13	7.20
1942.33	1945.62	3.29	4.12
1946.89	1949.85	2.96	1.27
1956.06	1959.68	3.62	6.21
1973.63	1976.44	2.81	13.95
1983.58	1993.57	9.99	7.14
1995.88	1999.94	4.06	2.31
2006.37	2009.45	3.08	6.43
2052.01	2055.80	3.79	42.56
2063.60	2068.05	4.45	7.80
2072.56	2074.42	1.86	4.51
2084.14	2085.19	1.05	9.72
2089.20	2091.01	1.81	4.01
2091.83	2094.97	3.14	.82
2107.43	2107.49	.06	12.46

DATA LIST FILE = "12.6"

I	F	TC	TS
479.39	480.10	.71	479.39
495.48	495.81	.33	15.38
496.75	497.57	.82	.94
776.87	777.97	1.10	279.30
1444.65	1444.71	.06	666.68

DATA LIST FILE = "13.1"

I	F	TC	TS
41.02	41.52	.50	41.02
42.12	42.84	.72	.60
43.83	44.10	.27	.99
45.80	46.19	.39	1.70
46.85	47.67	.82	.66
49.70	50.09	.39	2.03
54.92	55.20	.28	4.83
55.85	57.72	1.87	.65
59.75	60.47	.72	2.03
65.85	72.77	6.92	5.38
73.60	75.79	2.19	.83
76.34	82.66	6.32	.55
83.37	86.39	3.02	.71
96.83	97.93	1.10	10.44
124.13	124.73	.60	26.20
192.40	193.72	1.32	67.67
194.38	195.70	1.32	.66
760.60	761.10	.50	564.90
766.04	767.91	1.87	4.94
770.71	771.31	.60	2.80
772.36	777.74	5.38	1.05
962.24	964.21	1.97	184.50
1064.67	1066.76	2.09	100.46
1426.69	1426.74	.05	359.93

DATA LIST FILE = "13.3"

I	F	TC	TS
1375.01	1375.06	.05	1375.01

DATA LIST FILE = "13.6"

I	F	TC	TS
1811.44	1812.26	.82	1811.44
1816.00	1817.15	1.15	3.74
1837.09	1837.09	.00	19.94

DATA LIST FILE = "14.1"

I	F	TC	TS
1.76	2.09	.33	1.76
17.14	17.80	.66	15.05
19.33	19.83	.50	1.53
20.54	21.53	.99	.71
26.64	28.84	2.20	5.11
29.66	38.34	8.68	.82
43.39	47.07	3.68	5.05
59.98	61.30	1.32	12.91
112.82	114.30	1.48	51.52
687.50	688.27	.77	573.20
690.03	692.01	1.98	1.76
698.21	699.81	1.60	6.20
704.80	706.67	1.87	4.99
720.90	722.16	1.26	14.23
1482.33	1484.14	1.81	760.17

I	F	TC	TS
1704.89	1714.77	9.88	220.75
1727.90	1729.93	2.03	13.13
1731.47	1734.16	2.69	1.54
1769.81	1772.72	2.91	35.65
1776.73	1780.90	4.17	4.01
1782.44	1783.49	1.05	1.54
1789.31	1796.23	6.92	5.82
1797.11	1800.51	3.40	.88
1804.52	1805.79	1.27	4.01
1808.92	1810.78	1.86	3.13
1811.88	1812.76	.88	1.10
1813.64	1814.63	.99	.88
1815.40	1816.55	1.15	.77
1818.80	1828.09	9.29	2.25
1829.40	1834.46	5.06	1.31
1836.10	1838.41	2.31	1.64
1945.46	1949.36	3.90	107.05
2167.14	2181.59	14.45	217.78
2183.29	2188.95	5.66	1.70
2199.00	2202.29	3.29	10.05
2203.61	2212.23	8.62	1.32
2213.44	2228.27	14.83	1.21
2237.67	2243.10	5.43	9.40
2244.26	2249.14	4.88	1.16
2250.13	2254.69	4.56	.99
2296.93	2301.32	4.39	42.24
2315.71	2318.52	2.81	14.39
2328.46	2333.89	5.43	9.94
2334.77	2340.05	5.28	.88
2340.82	2352.84	12.02	.77
2353.72	2355.04	1.32	.88
2355.65	2356.63	.98	.61
2359.00	2359.98	.98	2.37
2360.70	2361.96	1.26	.72
2364.76	2366.47	1.71	2.80
2368.55	2370.04	1.49	2.08
2370.86	2372.18	1.32	.82
2373.11	2374.15	1.04	.93
2374.92	2376.30	1.38	.77
2377.18	2378.44	1.26	.88
2379.98	2380.64	.66	1.54
2382.67	2383.71	1.04	2.03
2384.54	2387.01	2.47	.83
2395.96	2398.21	2.25	8.95
2399.59	2400.79	1.20	1.38
2413.15	2414.14	.99	12.36
2415.07	2416.61	1.54	.93
2417.38	2418.86	1.48	.77
2419.52	2420.79	1.27	.66
2422.21	2423.59	1.38	1.42
2424.63	2426.28	1.65	1.04
2427.60	2430.62	3.02	1.32
2445.56	2445.61	.05	14.94

DATA LIST FILE = "14.3"

I	F	TC	TS
456.04	456.54	.50	456.04
457.47	458.35	.88	.93
458.96	460.44	1.48	.61
463.51	464.39	.88	3.07
466.37	467.19	.82	1.98
467.85	469.45	1.60	.66
471.26	476.15	4.89	1.81
811.58	812.35	.77	335.43
835.74	836.40	.66	23.39
837.23	837.78	.55	.83
838.77	839.86	1.09	.99
840.85	841.46	.61	.99
1124.05	1124.93	.88	282.59
1184.14	1184.25	.11	59.21

DATA LIST FILE = "14.6"

I	F	TC	TS
178.26	179.31	1.05	178.26
180.12	183.22	3.10	.81
980.63	983.68	3.05	797.41

DATA LIST FILE = "15.1"

I	F	TC	TS
12.63	20.16	7.53	12.63
28.23	46.80	18.57	8.07
2690.96	2691.40	.44	2644.16
2733.04	2743.64	10.60	41.64
2752.32	2798.56	46.24	8.68
2842.56	2842.67	.11	44.00

DATA LIST FILE = "15.3"

I	F	TC	TS
36.03	112.65	76.62	36.03
114.85	116.55	1.70	2.20
118.09	119.41	1.32	1.54
134.68	135.23	.55	15.27
136.82	138.30	1.48	1.59
154.34	156.21	1.87	16.04
157.91	159.72	1.81	1.70
2333.34	2334.83	1.49	2173.62
2631.92	2633.62	1.70	297.09
2850.80	2850.80	.00	217.18

DATA LIST FILE = "15.6"

I	F	TC	TS
57.18	57.51	.33	57.18
63.28	63.88	.60	5.77
306.60	307.80	1.20	242.72
315.82	316.87	1.05	8.02
319.17	320.93	1.76	2.30
322.36	323.40	1.04	1.43
325.71	327.25	1.54	2.31
327.85	329.17	1.32	.60
331.26	338.56	7.30	2.09
341.36	342.68	1.32	2.80
482.30	482.96	.66	139.62
485.43	486.15	.72	2.47
525.91	529.92	4.01	39.76
1100.21	1100.93	.72	570.29
1135.26	1137.29	2.03	34.33
1260.65	1263.56	2.91	123.36
1267.08	1267.19	.11	3.52

DATA LIST FILE = "16.1"

I	F	TC	TS
3.96	6.74	2.78	3.96
10.35	11.08	.73	3.61
658.67	666.80	8.13	647.59
674.81	676.83	2.02	8.01
431.23	2431.29	.06	1754.40

DATA LIST FILE = "16.3"

I	F	TC	TS
1391.71	1393.24	1.53	1391.71
1393.74	1394.51	.77	.50
1448.77	1449.43	.66	54.26
1449.93	1450.81	.88	.50
1451.41	1452.07	.66	.60
1456.08	1457.23	1.15	4.01
1461.41	1462.94	1.53	4.18
1482.17	1482.77	.60	19.23
1483.65	1484.47	.82	.88
1486.01	1486.40	.39	1.54
1561.48	1561.48	.00	75.08

DATA LIST FILE = "16.6"

I	F	TC	TS
333.56	334.11	.55	333.56
345.04	346.58	1.54	10.93
352.40	353.72	1.32	5.82
906.77	909.13	2.36	553.05
913.58	916.87	3.29	4.45
917.81	920.55	2.74	.94
921.82	923.35	1.53	1.27
924.12	928.13	4.01	.77
930.38	937.20	6.82	2.25
1150.20	1150.25	.05	213.00

DATA LIST FILE = "17.1"

I	F	TC	TS
1.27	4.45	3.18	1.27
6.32	6.76	.44	1.87
708.05	718.27	10.22	701.29
723.15	725.46	2.31	4.88
729.36	731.67	2.31	3.90
2657.63	2657.68	.05	1925.96

DATA LIST FILE = "17.3"

I	F	TC	TS
234.70	235.63	.93	234.70
551.67	553.71	2.04	316.04
900.78	903.58	2.80	347.07
980.75	984.98	4.23	77.17
1002.45	1002.94	.49	17.47
1009.53	1016.89	7.36	6.59
1081.54	1083.41	1.87	64.65
1466.46	1468.00	1.54	383.05
1470.19	1471.84	1.65	2.19
1473.82	1475.03	1.21	1.98
1479.86	1482.06	2.20	4.83
1484.03	1486.12	2.09	1.97
1488.04	1489.09	1.05	1.92
1496.17	1501.94	5.77	7.08
1509.57	1510.40	.83	7.63
1513.53	1515.56	2.03	3.13
1516.66	1518.14	1.48	1.10
1520.50	1523.03	2.53	2.36
1527.15	1529.18	2.03	4.12
1534.56	1536.82	2.26	5.38
1538.90	1540.44	1.54	2.08
1541.71	1545.93	4.22	1.27
1547.97	1555.27	7.30	2.04
1558.90	1561.59	2.69	3.63
1564.33	1565.21	.88	2.74
1566.97	1567.63	.66	1.76
1575.10	1575.10	.00	7.47

DATA LIST FILE = "17.6"

I	F	TC	TS
284.07	285.56	1.49	284.07
1029.30	1029.96	.66	743.74
2192.13	2192.19	.06	1162.17

DATA LIST FILE = "18.1"

I	F	TC	TS
7.25	9.12	1.87	7.25
10.43	11.09	.66	1.31
17.79	.19	1.21	6.70
23.89	24.77	.88	4.89
33.61	35.04	1.43	8.84

I	F	TC	TS
38.83	41.52	2.69	3.79
43.50	47.51	4.01	1.98
49.05	49.71	.66	1.54
93.32	93.87	.55	43.61
132.15	134.78	2.63	38.28
137.81	139.73	1.92	3.03
143.79	145.33	1.54	4.06
147.75	149.67	1.92	2.42
150.55	151.81	1.26	.88
152.91	155.66	2.75	1.10
162.19	164.28	2.09	6.53
171.69	179.49	7.80	7.41
186.74	188.61	1.87	7.25
191.80	193.28	1.48	3.19
207.45	211.46	4.01	14.17
212.17	217.28	5.11	.71
219.48	221.79	2.31	2.20
227.77	231.34	3.57	5.98
239.09	264.30	25.21	7.75
270.07	280.17	10.10	5.77
338.23	340.76	2.53	58.06
374.31	375.80	1.49	33.55
378.27	379.04	.77	2.47
382.39	385.52	3.13	3.35
386.07	386.78	.71	.55
388.71	389.53	.82	1.93
394.03	398.21	4.18	4.50
403.75	413.20	9.45	5.54
597.64	597.70	.06	184.44

DATA LIST FILE = "18.3"

I	F	TC	TS
83.21	84.03	.82	83.21
93.76	97.44	3.68	9.73
262.98	267.87	4.89	165.54
279.51	287.64	8.13	11.64
295.99	299.73	3.74	8.35
304.94	308.35	3.41	5.21
815.64	822.73	7.09	507.29
990.08	990.69	.61	167.35
1002.11	1003.71	1.60	11.42
1079.61	1080.33	.72	75.90
1082.69	1084.94	2.25	2.36
1637.16	1637.27	.11	552.22

DATA LIST FILE = "18.6"

I	F	TC	TS
667.46	672.84	5.38	667.46
683.33	683.66	.33	10.49
732.54	743.20	10.66	48.88
745.18	747.10	1.92	1.98
754.24	754.84	.60	7.14

I	F	TC	TS
759.24	760.94	1.70	4.40
762.26	769.34	7.08	1.32
770.00	771.21	1.21	.66
777.20	779.12	1.92	5.99
780.99	783.24	2.25	1.87
783.73	785.11	1.38	.49
792.36	794.72	2.36	7.25
811.42	821.41	9.99	16.70
821.96	822.95	.99	.55
914.07	916.87	2.80	91.12
918.19	918.91	.72	1.32
920.55	923.90	3.35	1.64
924.34	936.92	12.58	.44
937.52	948.84	11.32	.60
977.46	982.62	5.16	28.62
991.74	995.53	3.79	9.12
997.23	1000.09	2.86	1.70
1006.24	1006.84	.60	6.15
1016.29	1023.98	7.69	9.45
1025.30	1028.70	3.40	1.32
1038.26	1043.86	5.60	9.56
1053.58	1055.56	1.98	9.72
1060.23	1061.66	1.43	4.67
1225.83	1232.58	6.75	164.17
1244.28	1247.85	3.57	11.70
1338.87	1341.50	2.63	91.02
1342.33	1344.91	2.58	.83
1345.73	1346.39	.66	.82
1419.28	1421.86	2.58	72.89
1431.52	1434.16	2.64	9.66
1446.46	1447.95	1.49	12.30
1511.94	1512.16	.22	63.99

DATA LIST FILE = "19.1"

I	F	TC	TS
7.47	7.97	.50	7.47
9.12	10.99	1.87	1.15
12.25	13.13	.88	1.26
32.46	33.23	.77	19.33
35.43	35.87	.44	2.20
179.88	180.43	.55	144.01
205.04	207.29	2.25	24.61
210.26	213.28	3.02	2.97
1404.17	1406.31	2.14	1190.89
1409.06	1409.22	.16	2.75
1423.18	1423.23	.05	13.96

DATA LIST FILE = "19.3"

I	F	TC	TS
2.69	3.41	.72	2.69
4.62	5.60	.98	1.21
6.43	7.09	.66	.83

21.20	21.64	.44	14.11
735.45	737.05	1.60	713.81
936.87	937.25	.38	199.82
955.32	955.71	.39	18.07
961.53	965.81	4.28	5.82
974.38	978.11	3.73	8.57
979.54	980.31	.77	1.43
984.87	985.97	1.10	4.56
988.66	989.26	.60	2.69
991.13	992.18	1.05	1.87
994.43	995.53	1.10	2.25
997.06	1006.46	9.40	1.53
1162.72	1167.83	5.11	156.26
1183.76	1185.73	1.97	15.93
1193.70	1194.91	1.21	7.97
1897.20	2189.72	.00	994.81

DATA LIST FILE = "19.6"

I	F	TC	TS
1743.72	1747.29	3.57	1743.72
1846.43	1846.43	.00	99.14

DATA LIST FILE = "20.1"

I	F	TC	TS
2.47	5.16	2.69	2.47
6.70	8.68	1.98	1.54
17.41	24.17	6.76	8.73
37.13	37.79	.66	12.96
39.60	40.48	.88	1.81
42.29	43.06	.77	1.81
44.16	44.71	.55	1.10
105.24	113.59	8.35	60.53
122.92	123.91	.99	9.33
125.62	126.22	.60	1.71
127.65	129.08	1.43	1.43
129.57	134.84	5.27	.49
139.68	146.43	6.75	4.84
146.98	150.17	3.19	.55
152.80	157.14	4.34	2.63
235.47	235.85	.38	78.33
2238.98	2239.04	.06	2003.13

DATA LIST FILE = "20.3"

I	F	TC	TS
1078.13	1078.90	.77	1078.13
1135.36	1135.91	.55	56.46
1220.82	1221.48	.66	84.91
1423.23	1424.54	1.31	201.75
1435.20	1437.12	1.92	10.66
1441.46	1442.23	.77	4.34
1443.93	1449.97	6.04	1.70
1453.49	1456.35	2.86	3.52

I	F	TC	TS
1460.90	1462.66	1.76	4.55
1463.43	1464.69	1.26	.77
1465.35	1466.29	.94	.66
1466.78	1468.54	1.76	.49
1469.47	1470.19	.72	.93
1780.13	1782.05	1.92	309.94
2105.73	2111.17	5.44	323.68
2162.25	2166.53	4.28	51.08
2173.45	2175.65	2.20	6.92
2176.47	2179.22	2.75	.82
2179.93	2185.65	5.72	.71
2188.83	2206.63	17.80	3.18
2740.67	2744.35	3.68	534.04
2754.78	2755.88	1.10	10.43
3479.31	3479.36	.05	723.43

DATA LIST FILE = "20.6"

I	F	TC	TS
1060.89	1063.58	2.69	1060.89
1066.98	1067.75	.77	3.40
1087.86	1101.97	14.11	20.11
1106.64	1108.62	1.98	4.67
1110.65	1113.78	3.13	2.03
1115.04	1116.91	1.87	1.26
1336.01	1339.03	3.02	219.10
1360.29	1362.65	2.36	21.26
1377.42	1383.90	6.48	14.77
1396.15	1416.53	20.38	12.25
1418.95	1422.96	4.01	2.42
1469.20	1474.97	5.77	46.24
1511.50	1518.75	7.25	36.53
1545.28	1552.36	7.08	26.53
1557.52	1577.68	20.16	5.16
1842.86	1843.36	.50	265.18
1879.72	1879.77	.05	36.36

DATA LIST FILE = "21.1"

I	F	TC	TS
15.44	16.65	1.21	15.44
27.41	27.74	.33	10.76
143.36	144.84	1.48	115.62
484.34	485.82	1.48	339.50
497.52	497.57	.05	11.70

DATA LIST FILE = "21.3"

I	F	TC	TS
1295.64	1295.64	.00	1295.60

DATA LIST FILE = "21.6"

I	F	TC	TS
1095.30	1097.50	2.20	1095.30
1138.73	1138.75	.02	41.23

DATA LIST FILE = "22.1"

I	F	TC	TS
1089.28	1090.66	1.38	1089.28
1138.77	1139.70	.93	48.11
1156.13	1159.92	3.79	16.43
1162.88	1167.39	4.51	2.96
1168.38	1172.66	4.28	.99
2871.56	2871.56	.00	1698.90

DATA LIST FILE = "22.3"

I	F	TC	TS
973.77	975.42	1.65	973.77
981.90	982.89	.99	6.48
1955.51	1960.13	4.62	972.62
2408.81	2409.97	1.16	448.68
2411.06	2412.88	1.82	1.09
2414.14	2415.51	1.37	1.26
2417.05	2418.04	.99	1.54
2418.70	2420.62	1.92	.66
2631.10	2631.81	.71	210.48
2638.73	2640.54	1.81	6.92
2642.74	2644.66	1.92	2.20
2647.68	2649.28	1.60	3.02
2650.26	2652.46	2.20	.98
2653.39	2655.76	2.37	.93
2656.31	2657.57	1.26	.55
2857.72	2857.72	.00	200.15

DATA LIST FILE = "22.6"

I	F	TC	TS
483.07	484.50	1.43	483.07
488.45	493.07	4.62	3.95
497.41	501.36	3.95	4.34
502.07	507.07	5.00	.71
508.56	510.64	2.08	1.49
1150.69	1153.60	2.91	640.05
1154.70	1155.47	.77	1.10
1156.79	1160.63	3.84	1.32
1165.36	1168.32	2.96	4.73
2077.06	2078.11	1.05	908.74
2078.60	2079.81	1.21	.49
2080.80	2081.73	.93	.99
2082.50	2083.05	.55	.77
2084.09	2086.29	2.20	1.04
2087.00	2088.05	1.05	.71
2089.20	2090.03	.83	1.15

I	F	TC	TS
2092.06	2093.16	1.10	2.03
2094.09	2095.41	1.32	.93
2096.01	2096.73	.72	.60
2098.65	2099.09	.44	1.92
2101.78	2103.37	1.59	2.69
2106.56	2107.38	.82	3.19
2108.04	2108.54	.50	.66
2131.60	2132.37	.77	23.06
2135.34	2135.83	.49	2.97
2136.82	2140.06	3.24	.99
2141.60	2147.04	5.44	1.54
2225.53	2226.30	.77	78.49
2276.94	2276.94	.00	50.64

DATA LIST FILE = "23.1"

I	F	TC	TS
1509.13	1510.78	1.65	1509.13
1615.41	1617.33	1.92	104.63
1633.15	1633.15	.00	15.82

DATA LIST FILE = "23.3"

I	F	TC	TS
73.27	74.20	.93	73.27
75.24	83.10	7.86	1.04
517.39	518.60	1.21	434.29
534.81	535.68	.87	16.21
573.25	574.41	1.16	37.57
577.81	587.86	10.05	3.40
601.26	601.92	.66	13.40
615.33	616.09	.76	13.41
640.81	642.79	1.98	24.72
646.47	655.97	9.50	3.68
817.95	820.91	2.96	161.98
845.46	852.49	7.03	24.55
1152.06	1156.23	4.17	299.57
1238.07	1241.70	3.63	81.84
1253.34	1255.87	2.53	11.64
1257.02	1259.44	2.42	1.15
1358.25	1367.09	8.84	98.81
1368.35	1376.43	8.08	1.26
1472.49	1476.39	3.90	96.06
1486.39	1491.61	5.22	10.00
1492.76	1498.64	5.88	1.15
1577.62	1577.84	.22	78.98
1606.51	1613.10	6.59	28.67
1633.15	1633.81	.66	20.05
2465.33	2468.29	2.96	831.52
2530.30	2533.21	2.91	62.01
2778.51	2778.95	.44	245.30
2784.66	2787.02	2.36	5.71
2963.61	2968.66	5.05	176.59
2973.99	2988.82	14.83	5.33

I	F	TC	TS
2991.13	3000.69	9.56	2.31
3006.12	3008.81	2.69	5.43
3255.43	3257.02	1.59	246.62
3259.27	3259.27	.00	2.25

DATA LIST FILE = "23.6"

I	F	TC	TS
503.01	503.94	.93	503.01
505.15	508.06	2.91	1.21
509.55	514.11	4.56	1.49
514.82	518.00	.00	3.89
574.25	578.53	4.28	56.25
610.11	613.19	3.08	31.58
688.93	695.14	6.21	75.74
835.58	838.71	3.13	140.44
1170.46	1171.78	1.32	331.75
1219.02	1221.98	2.96	47.24
1675.18	1676.71	1.53	453.20
2613.52	2613.58	.06	936.81

DATA LIST FILE = "24.1"

I	F	TC	TS
3008.87	3009.91	1.04	3008.87
3366.98	3367.04	.06	357.07

DATA LIST FILE = "24.3"

I	F	TC	TS
2192.79	2195.81	3.02	2192.79
2201.47	2205.81	4.34	5.66
2210.53	2216.08	5.55	4.72
2218.72	2238.71	19.99	2.64
2815.81	2820.70	4.89	577.10
2838.93	2846.51	7.58	18.23
2856.84	2858.43	1.59	10.33
3079.29	3079.34	.05	220.86

DATA LIST FILE = "24.6"

I	F	TC	TS
13.08	14.01	.93	13.08
15.27	26.97	11.70	1.26
37.90	44.71	6.81	10.93
1544.78	1554.56	9.78	1500.07
1607.84	1608.99	1.15	53.28
1609.38	1613.00	3.62	.39
4220.04	4221.47	.00	2608.47

DATA LIST FILE = "25.1"

I	F	TC	TS
145.67	157.53	11.86	145.67
2689.16	2689.65	.49	2531.63
2698.82	2706.62	7.80	9.17
2707.67	2712.06	4.39	1.05
2716.84	2717.99	1.15	4.78
2720.13	2734.85	14.72	2.14
2926.43	2927.37	.94	191.58
2929.18	2935.72	6.54	1.81
2944.12	2945.44	1.32	8.40
3056.33	3057.43	1.10	110.89
3658.43	3661.17	2.74	601.00
3689.79	3689.84	.05	28.62

DATA LIST FILE = "25.3"

I	F	TC	TS
325.38	326.48	1.10	325.38
1804.42	1805.24	.82	1477.94
1888.07	1889.22	1.15	82.83
1896.31	1897.62	1.31	7.09
1900.54	1901.69	1.15	2.92
2000.28	2007.04	6.76	98.59
2063.28	2068.06	4.78	56.24
2762.37	2762.43	.06	694.31

DATA LIST FILE = "25.6"

I	F	TC	TS
2950.81	2968.83	18.02	2950.81
2979.54	2982.07	2.53	10.71
3115.09	3118.88	3.79	133.02
3346.06	3346.11	.05	227.18
4377.61	4377.61	.00	1031.61

DATA LIST FILE = "26.1"

I	F	TC	TS
124.30	125.50	1.20	124.30
271.17	272.21	1.04	145.67
310.99	312.69	1.70	38.78
416.28	418.37	2.09	103.59
528.99	531.73	2.74	110.62
532.56	533.99	1.43	.83
536.18	539.75	3.57	2.19
543.21	545.25	2.04	3.46
549.09	552.50	3.41	3.84
624.94	627.08	2.14	72.44
663.12	664.32	1.20	36.04
677.12	679.98	2.86	12.80
971.74	972.95	1.21	291.76
975.86	978.66	2.80	2.91
1087.91	1089.45	1.54	109.25
1095.05	1098.40	3.35	5.60

I	F	TC	TS
1100.32	11.04	3.68	1.92
1122.62	1126.36	3.74	18.62
1163.82	1168.32	4.50	37.46
1325.52	1327.55	2.03	157.20
1341.12	1342.65	1.53	13.57
1376.21	1377.20	.99	33.56
1393.68	1397.58	3.90	16.48
2087.50	2090.08	2.58	689.92
2561.78	2562.93	1.15	471.70
3057.54	3057.54	.00	494.61

DATA LIST FILE = "26.3"

I	F	TC	TS
273.80	274.63	.83	273.80
404.69	405.90	1.21	130.06
460.71	461.76	1.05	54.81
808.78	819.65	10.87	347.02
843.54	848.05	4.51	23.89
852.17	853.65	1.48	4.12
862.60	863.15	.55	8.95
864.14	867.44	3.30	.99
868.59	873.04	4.45	1.15
903.58	910.50	6.92	30.54
931.15	939.28	8.13	20.65
1334.36	1334.36	.00	395.08

DATA LIST FILE = "26.6"

I	F	TC	TS
657.79	666.30	8.51	657.79
896.50	897.54	1.04	230.20
906.55	913.85	7.30	9.01
1147.45	1149.10	1.65	233.60
1545.39	1548.68	3.29	396.29
1549.67	1551.81	2.14	.99
1554.45	1573.12	18.67	2.64
1579.28	1582.68	3.40	6.16
1589.00	1590.10	1.10	6.32
1592.90	1600.37	7.47	2.80
1615.31	1627.72	12.41	14.94
1632.39	1637.99	5.60	4.67
1642.99	1654.08	11.09	5.00
1662.43	1663.09	.66	8.35
1666.06	1667.43	1.37	2.97
1669.41	1675.78	6.37	1.98
1678.86	1685.72	6.86	3.08
1939.97	1941.78	1.81	254.25
2338.68	2339.61	.93	396.90
2370.70	2374.10	3.40	31.09
2823.12	2826.03	2.91	449.02
2941.26	2944.78	3.52	115.23
2947.31	2950.27	2.96	2.53
3103.02	3105.77	2.75	152.75

I	F	TC	TS
3109.83	3114.77	4.94	4.06
3174.15	3185.08	10.93	59.38
3251.70	3251.70	.00	66.62

DATA LIST FILE = "27.1"

I	F	TC	TS
300.07	307.01	6.94	300.07
320.02	334.08	14.06	13.01
345.00	360.01	15.10	10.92
374.26	376.26	2.00	14.25
396.48	440.14	43.66	20.22
450.91	463.54	12.63	10.77
528.57	531.55	2.98	65.03
534.30	624.46	90.16	2.75
645.22	669.48	24.26	20.76
738.91	770.04	31.13	69.43
896.27	954.14	57.87	126.23
1061.27	1094.70	33.43	107.13
1109.01	1198.00	88.99	14.31
1218.20	1259.21	41.01	20.20
1288.69	1338.06	49.37	29.48
2700.00	2700.06	.06	1361.94

DATA LIST FILE = "27.3"

I	F	TC	TS
16.91	19.28	2.37	16.91
38.45	54.81	16.36	19.17
88.98	89.97	.99	34.17
97.44	98.48	1.04	7.47
102.87	103.97	1.10	4.39
104.63	110.01	5.38	.66
111.94	134.95	23.01	1.93
193.34	247.38	54.04	58.39
556.17	559.36	3.19	308.79
584.62	586.16	1.54	25.26
590.94	601.32	10.38	4.78
611.32	615.44	4.12	10.00
665.80	669.98	4.18	50.36
670.97	680.80	9.83	.99
682.28	698.21	15.93	1.48
741.71	756.27	14.56	43.50
757.75	785.60	27.85	1.48
789.94	929.56	139.62	4.34
12.01	1205.06	4.06	271.44
1209.40	1216.82	7.42	4.34
1238.51	1240.76	2.25	21.69
1242.69	1254.11	11.42	1.93
1256.69	1261.64	4.95	2.58
1269.55	1270.53	.98	7.91
1277.62	1290.03	12.41	7.09
1309.15	1322.22	13.07	19.12
1327.27	1339.69	12.42	5.05

I	F	TC	TS
1347.43	1370.77	23.34	7.74
1378.35	1409.83	31.48	7.58
1426.47	1439.70	13.23	16.64
1445.42	1502.26	56.84	5.72
1504.52	1598.16	93.64	2.26
1801.33	1811.82	10.49	203.17
1822.76	1849.34	26.58	10.94
1865.21	1876.97	11.76	15.87
1880.70	1919.26	38.56	3.73
2042.95	2047.29	4.34	123.69
3172.99	3177.66	4.67	1125.70
3179.69	3179.69	.00	2.03
3814.63	3814.68	.05	634.94

DATA LIST FILE = "27.6"

I	F	TC	TS
3811.77	3811.83	.06	3811.77

DATA LIST FILE = "28.1"

I	F	TC	TS
458.79	459.95	1.16	458.79
466.37	468.79	2.42	6.42
1735.70	1735.70	.00	1266.91

DATA LIST FILE = "28.3"

I	F	TC	TS
1689.51	1691.76	2.25	1689.51
1697.47	1726.14	28.67	5.71
1742.73	1775.14	32.41	16.59
1776.67	1783.98	7.31	1.53
1789.25	1793.81	4.56	5.27
1803.37	1805.78	2.41	9.56
1828.52	1831.71	3.19	22.74
1862.08	1865.27	3.19	30.37
1912.67	1923.00	10.33	47.40
2059.10	2060.64	.00	137.55

DATA LIST FILE = "28.6"

I	F	TC	TS
2842.56	2846.13	3.57	2842.56
2860.63	2864.86	4.23	14.50
2875.85	2880.35	4.50	10.99
3444.33	3453.01	8.68	563.98
3613.28	3613.33	.05	160.27

DATA LIST FILE = "29.1"

I	F	TC	TS
56.90	60.96	4.06	56.90
64.37	66.13	1.76	3.41
74.26	84.47	10.21	8.13
100.29	101.88	1.59	15.82

I	F	TC	TS
116.38	117.76	1.38	14.50
124.13	131.76	7.63	6.37
158.95	203.28	44.33	27.19
209.10	219.21	10.11	5.82
226.62	248.87	22.25	7.41
282.64	287.20	4.56	33.77
674.70	675.36	.66	387.50
882.32	882.32	.00	206.96

DATA LIST FILE = "29.3"

I	F	TC	TS
186.86	187.57	.71	186.86
867.72	872.71	4.99	680.15
922.04	939.17	17.13	49.33
1541.76	1542.48	.72	602.59
1846.93	1855.44	8.51	304.45
1858.08	1872.80	14.72	2.64
1924.98	1930.19	5.21	52.18
1962.11	1965.95	3.84	31.92
2093.38	2095.85	2.47	127.43
2100.96	2105.35	4.39	5.11
2337.14	2337.19	.05	231.79

DATA LIST FILE = "29.6"

I	F	TC	TS
2044.61	2050.54	5.93	2044.61
2062.13	2067.73	5.60	11.59
2073.66	2076.68	3.02	5.93
2101.23	2103.65	2.42	24.55
2189.88	2198.78	8.90	86.23
2284.69	2288.86	4.17	85.91
2324.67	2324.73	.06	35.81

DATA LIST FILE = "30.1"

I	F	TC	TS
3.95	5.27	1.32	3.95
8.13	12.57	4.44	2.86
20.59	31.96	11.37	8.02
33.83	56.52	22.69	1.87
58.49	59.43	.94	1.97
2803.61	2805.32	1.71	2744.18
2806.74	2807.79	1.05	1.42
2810.15	2811.36	1.21	2.36
2812.29	2814.54	2.25	.93
2816.52	2817.78	1.26	1.98
2821.63	2823.22	1.59	3.85
3726.86	3726.86	.00	903.64

DATA LIST FILE = "30.3"

I	F	TC	TS
344.88	386.40	41.52	344.88
435.29	436.55	1.26	48.89
442.21	445.72	3.51	5.66
446.82	451.21	4.39	1.10
741.88	742.98	1.10	290.67
1586.85	1587.57	.72	843.87
1591.69	1592.57	.88	4.12
1606.08	1616.84	10.76	13.51
1622.50	1625.47	2.97	5.66
2964.60	2968.83	4.23	1339.13
3209.30	3212.48	3.18	240.47
3212.92	3216.33	3.41	.44
3227.04	3228.19	1.15	10.71
3233.03	3234.45	1.42	4.84
3511.50	3512.82	1.32	277.05
3515.84	3516.72	.88	3.02
3524.35	3531.33	6.98	7.63
3533.25	3538.41	5.16	1.92
3706.43	3715.77	9.34	168.02
3718.51	3740.32	21.81	2.74
3748.45	3749.33	.88	8.13
3762.89	3775.20	12.31	13.56
3778.93	3780.85	1.92	3.73
3781.84	3786.51	4.67	.99
3793.21	3793.21	.00	6.70

DATA LIST FILE = "30.6"

I	F	TC	TS
590.29	591.94	1.65	590.29
597.54	598.58	1.04	5.60
602.54	604.40	1.86	3.96
1762.51	1769.32	6.81	1158.11
1782.23	1786.90	4.67	12.91
1810.07	1816.61	6.54	23.17
1938.22	1943.43	5.21	121.61
1949.69	1951.23	1.54	6.26
1952.88	1957.71	4.83	1.65
1962.27	1967.98	5.71	4.56
1983.69	1992.98	9.29	15.71
1994.40	2013.63	19.23	1.42
2017.03	2024.61	7.58	3.40
2026.87	2032.96	6.09	2.26
2035.05	2037.41	2.36	2.09
2037.96	2040.38	2.42	.55
2050.76	2063.99	13.23	10.38
2076.57	2079.54	2.97	12.58
2081.41	2082.45	1.04	1.87
2131.22	2131.94	.72	48.77
2134.24	2135.29	1.05	2.30
2147.65	2148.14	.49	12.36
2184.83	2191.97	7.14	36.69

I	F	TC	TS
2196.91	2200.92	4.01	4.94
2209.38	2210.10	.72	8.46
2267.16	2267.82	.66	57.06
2285.40	2286.55	1.15	17.58
2287.10	2289.41	2.31	.55
2290.45	2298.91	8.46	1.04
2300.12	2304.35	4.23	1.21
2325.17	2336.92	11.75	20.82
2341.59	2344.17	2.58	4.67
2380.86	2389.81	8.95	36.69
2408.65	2415.68	7.03	18.84
2420.63	2425.40	4.77	4.95
2532.51	25.33	.49	107.11
3229.24	3229.29	.05	696.24

DATA LIST FILE = "32.1"

I	F	TC	TS
51.52	54.21	2.69	51.52
1210.39	1211.43	1.04	1156.18
1331.17	1333.04	1.87	119.74
1340.45	1343.58	3.13	7.41
1791.23	1793.04	1.81	447.65
1794.19	1796.44	2.25	1.15
1801.39	1809.08	7.69	4.95
1811.55	1822.64	11.09	2.47
1830.22	1831.82	1.60	7.58
1896.74	1902.67	5.93	64.92
1915.52	1919.53	4.01	12.85
1923.54	1930.13	6.59	4.01
2195.53	2197.67	2.14	265.40
2326.04	2327.24	1.20	128.37
2714.14	2721.22	7.08	386.90
3206.71	3206.71	.00	485.49

DATA LIST FILE = "32.3"

I	F	TC	TS
299.78	301.32	1.54	299.78
337.79	338.61	.82	36.47
462.69	463.62	.93	124.08
468.13	479.55	11.42	4.51
480.92	485.21	4.29	1.37
497.79	501.47	3.68	12.58
502.73	509.43	6.70	1.26
510.80	515.14	4.34	1.37
681.18	684.64	3.46	166.04
711.12	713.59	2.47	26.48
883.69	936.64	52.95	170.10
974.32	976.57	2.25	37.68
988.00	1018.26	30.26	11.43
1023.09	1045.94	22.85	4.83
1286.30	1292.89	.00	246.95
1969.73	1971.82	2.09	676.84

1979.46	1983.19	3.73	7.64
1988.35	1992.86	4.51	5.16
2025.92	2027.35	1.43	33.06
2044.21	2047.12	2.91	16.86
2055.25	2056.74	1.49	8.13
2061.29	2123.52	.00	66.78
2270.51	2271.77	1.26	146.99
2291.21	2292.20	.99	19.44
2305.33	2306.21	.88	13.13
2331.91	2339.66	7.75	25.70
2342.13	2356.08	13.95	2.47
2361.19	2365.31	4.12	5.11
2368.55	2372.78	4.23	3.24
2434.73	2441.65	6.92	61.95
2443.58	2450.61	7.03	1.93
2452.86	2452.86	.00	2.25

DATA LIST FILE = "32.6"

I	F	TC	TS
2404.86	2406.73	1.87	2404.86
2422.82	2424.20	1.38	16.09
2456.55	2457.75	1.20	32.35
2459.84	2461.11	1.27	2.09
3560.71	3563.62	2.91	1099.60

DATA LIST FILE = "33.1"

I	F	TC	TS
56.13	59.81	3.68	56.13
66.73	68.05	1.32	6.92
3002.72	3003.93	1.21	2934.67
3005.08	3006.62	1.54	1.15
3012.33	3040.67	28.34	5.71
3051.71	3062.75	11.04	11.04
3095.65	3109.50	13.85	32.90
3114.16	3130.42	16.26	4.66
3144.81	3162.28	17.47	14.39
3182.66	3198.31	15.65	20.38
3452.12	3452.18	.06	253.81
3808.48	3808.53	.05	356.30

DATA LIST FILE = "33.3"

I	F	TC	TS
47.62	51.25	3.63	47.62
575.68	577.10	1.42	524.43
603.36	606.93	3.57	26.26
624.61	631.21	6.60	17.68
650.48	6.64	13.52	19.27
666.47	670.04	3.57	2.47
674.87	700.19	25.32	4.83
703.60	742.21	38.61	3.41
1200.56	1200.62	.06	458.35

DATA LIST FILE = "33.6"

I	F	TC	TS
10.70	1071.98	1.98	1070.00
1074.39	1076.15	1.76	2.41
1090.49	1096.14	5.65	14.34
2517.67	2517.73	.06	1421.53

DATA LIST FILE = "35.1"

I	F	TC	TS
48.94	55.20	6.26	48.94
57.94	69.75	11.81	2.74
70.85	103.04	32.19	1.10
105.34	112.32	6.98	2.30
525.09	527.78	2.69	412.77
818.94	843.76	24.82	291.16
2053.99	2056.41	2.42	1210.23
2057.01	2059.32	2.31	.60
2060.31	2063.38	3.07	.99
2064.10	2066.08	1.98	.72
2348.94	2349.11	.17	282.86

DATA LIST FILE = "35.3"

I	F	TC	TS
26.64	27.36	.72	26.64
30.93	31.31	.38	3.57
40.37	41.58	1.21	9.06
65.04	65.86	.82	23.46
66.68	69.76	3.08	.82
78.82	80.85	2.03	9.06
83.44	89.26	5.82	2.59
91.34	93.05	1.71	2.08
94.97	97.06	2.09	1.92
100.41	102.55	2.14	3.35
107.77	109.91	2.14	5.22
110.57	112.49	1.92	.66
118.48	125.01	6.53	5.99
127.05	129.68	2.63	2.04
130.45	142.32	11.87	.77
144.46	149.68	5.22	2.14
151.60	157.91	6.31	1.92
160.77	171.32	10.55	2.86
175.38	176.64	1.26	4.06
178.13	227.23	49.10	1.49
230.31	232.78	2.47	3.08
235.69	250.63	14.94	2.91
251.62	260.35	8.73	.99
320.22	322.97	2.75	59.87
481.87	482.30	.43	158.90
483.62	484.72	1.10	1.32
739.74	741.94	2.20	255.02
749.74	751.27	1.53	7.80
755.23	759.29	4.06	3.96
760.78	762.53	1.75	1.49

770.28	779.23	8.95	7.75
785.49	786.54	1.05	6.26
788.02	789.28	1.26	1.48
790.93	799.00	8.07	1.65
801.59	809.17	7.58	2.59
809.99	812.63	2.64	.82
817.68	821.96	4.28	5.05
834.21	836.02	1.81	12.25
838.72	848.22	9.50	2.70
851.62	854.70	3.08	3.40
855.25	857.23	1.98	.55
859.09	865.63	6.54	1.86
867.77	871.73	3.96	2.14
876.94	879.36	2.42	5.21
885.46	890.62	5.16	6.10
892.21	897.49	5.28	1.59
901.33	904.74	3.41	3.84
905.78	911.60	5.82	1.04
912.54	973.34	60.80	.94
976.63	977.90	1.27	3.29
1293.39	1294.10	.71	315.49
1630.08	1630.41	.33	335.98

DATA LIST FILE = "35.6"

I	F	TC	TS
1799.86	1799.91	.05	1799.86

DATA LIST FILE = "36.1"

I	F	TC	TS
833.61	833.77	.16	833.61

DATA LIST FILE = "36.3"

I	F	TC	TS
2331.04	2340.81	9.77	2331.04
2342.57	2347.24	4.67	1.76
2348.78	2376.79	28.01	1.54
2377.83	2385.80	7.97	1.04
2386.46	2392.17	5.71	.66
2392.66	2394.81	2.15	.49
2398.71	2406.40	7.69	3.90
2407.05	2428.59	21.54	.65
2429.30	2434.57	5.27	.71
2437.65	2447.70	10.05	3.08
2450.23	2457.37	7.14	2.53
2458.14	2460.39	2.25	.77
2461.38	2466.81	5.43	.99
2467.31	2471.98	4.67	.50
3589.88	3594.87	4.99	1117.90
3595.31	3600.09	4.78	.44
3602.40	3603.50	1.10	2.31
3606.24	3609.87	3.63	2.74
3848.24	3856.32	8.08	238.37
3857.64	3860.93	3.29	1.32

3861.92	3865.44	3.52	.99
3865.99	3870.11	4.12	.55
3870.49	3875.27	4.78	.38
3876.48	3879.77	3.29	1.21
3880.54	3883.23	2.69	.77
3884.17	3891.58	7.41	.94
3893.17	3894.11	.94	1.59
3895.65	3898.61	2.96	1.54
3907.02	3908.83	1.81	8.41
3909.43	3911.79	2.36	.60
3912.62	3915.91	3.29	.83
3918.99	3920.14	1.15	3.08
3920.75	3921.79	1.04	.61
3923.82	3925.09	1.27	2.03
3955.84	3956.56	.72	30.75
3960.79	3962.00	1.21	4.23
3982.37	3988.30	5.93	20.37
4176.70	4176.75	.05	188.40

DATA LIST FILE = "36.6"

I	F	TC	TS
395.74	396.24	.50	395.74
398.43	402.55	4.12	2.19
408.38	410.90	2.52	5.83
415.46	419.42	3.96	4.56
420.07	421.67	1.60	.65
453.30	454.24	.94	31.63
535.14	540.47	5.33	80.90
563.32	565.90	2.58	22.85
567.00	568.37	1.37	1.10
569.25	570.90	1.65	.88
582.16	583.75	1.59	11.26
632.75	635.11	2.36	49.00
646.75	662.13	15.38	11.64
663.06	666.91	3.85	.93
704.04	707.72	3.68	37.13
872.66	873.37	.71	164.94
2017.64	2019.89	2.25	1144.27
2062.95	2066.74	3.79	43.06
2246.02	2246.84	.82	179.28
2522.20	2253.87	1.65	5.38
2255.35	2256.45	1.10	1.48
2277.93	2278.04	.11	21.48

DATA LIST FILE = "37.1"

I	F	TC	TS
1986.22	1987.87	1.65	1986.22
1988.96	1993.08	4.12	1.09
2020.22	2026.97	6.75	27.14
2033.40	2040.59	7.19	6.43
2160.22	2162.09	1.87	119.63
2171.04	2172.09	1.05	8.95

2222.01	2224.59	2.58	49.92
2302.92	2323.35	20.43	78.33
2335.16	2336.70	1.54	11.81
2350.70	2355.10	4.40	14.00
2364.38	2372.01	7.63	9.28
2373.66	2388.77	15.11	1.65
2782.03	2782.20	.17	393.26

DATA LIST FILE = "37.3"

I	F	TC	TS
930.44	933.46	3.02	930.44
947.36	949.56	2.20	13.90
1045.24	1048.09	2.85	95.68
1049.30	1051.28	1.98	1.21
1057.05	1062.48	5.43	5.77
1065.06	1067.92	2.86	2.58
1074.68	1081.65	6.97	6.76
1083.57	1088.96	5.39	1.92
1089.78	1100.38	10.60	.82
1113.29	1116.69	3.40	12.91
1119.33	1120.48	1.15	2.64
1294.32	1297.89	3.57	173.84
1762.89	1770.09	7.20	465.00
1784.92	1786.24	1.32	14.83
1790.74	1791.45	.71	4.50
2729.75	2729.91	.16	938.30

DATA LIST FILE = "37.6"

I	F	TC	TS
2858.32	2864.70	6.38	2858.32
2957.41	2972.02	14.61	92.71
3094.61	3103.57	8.96	122.59
3262.08	3268.62	6.54	158.51
3344.53	3347.00	2.47	75.91
3435.15	3440.75	5.60	88.15
3450.97	3458.66	7.69	10.22
3550.33	3555.55	5.22	91.67
3557.80	3557.97	.17	2.25

DATA LIST FILE = "38.1"

I	F	TC	TS
1018.16	1019.64	1.48	1018.16
1778.32	1779.70	1.38	758.68
2245.69	2247.28	1.59	465.99
2749.68	2749.79	.11	502.40

DATA LIST FILE = "38.3"

I	F	TC	TS
2044.16	2046.36	2.20	2044.16
2047.95	2051.03	3.08	1.59
2055.26	2056.30	1.04	4.23
2059.21	2060.69	1.48	2.91

2062.07	2064.43	2.36	1.38
2065.20	2084.64	19.44	.77
2635.65	2635.82	.17	551.01

DATA LIST FILE = "38.6"

I	F	TC	TS
1167.49	1169.19	1.70	1167.49
1468.10	1471.07	2.97	298.91
2110.73	2118.36	7.63	639.66
2126.71	2134.73	8.02	8.35
3786.12	3786.23	.11	1651.39

DATA LIST FILE = "39.1"

I	F	TC	TS
451.10	454.45	3.35	451.10
734.57	739.57	5.00	280.12
740.34	741.77	1.43	.77
744.41	749.79	5.38	2.64
758.41	769.07	10.66	8.62
832.56	834.59	2.03	63.49
835.97	840.86	4.89	1.38
841.73	845.96	4.23	.87
846.57	851.57	5.00	.61
852.39	863.32	10.93	.82
871.78	872.44	.66	8.46
884.41	889.19	4.78	11.97
1213.09	1213.19	.10	323.90

DATA LIST FILE = "39.3"

I	F	TC	TS
1617.99	1621.12	3.13	1617.99
1622.83	1628.15	5.32	1.71
1886.52	1887.62	1.10	258.37
1894.27	1896.30	2.03	6.65
1900.26	1901.41	1.15	3.96
1902.29	1904.16	1.87	.88
1904.76	1909.21	4.45	.60
1910.36	1913.55	3.19	1.15
1967.81	1969.63	1.82	54.26
1978.58	1983.41	4.83	8.95
1985.12	1993.74	8.62	1.71
2012.30	2016.75	4.45	18.56
2022.79	2028.34	5.55	6.04
2080.63	2086.23	5.60	52.29
2087.39	2088.71	1.32	1.16
2093.15	2097.66	4.51	4.44
2098.37	2100.24	1.87	.71
2101.28	2105.84	4.56	1.04
2106.94	2112.38	5.44	1.10
2114.52	2119.57	5.05	2.14
2122.43	2136.66	14.23	2.86

2138.47	2142.42	3.95	1.81
2149.34	2151.76	2.42	6.92
2152.47	2165.00	12.53	.71
2407.16	2415.73	8.57	242.16
2422.21	2425.84	3.63	6.48
2554.64	2554.80	.16	128.80

DATA LIST FILE = "39.6"

I	F	TC	TS
1487.50	1489.09	1.59	1487.50
1703.30	1708.68	5.38	214.21
1752.18	1755.70	3.52	43.50
1762.40	1765.80	3.40	6.70
1891.25	1898.17	6.92	125.45
1900.48	1903.94	3.46	2.31
2602.32	2607.48	5.16	698.38
2728.59	2733.59	5.00	121.11
3682.21	3682.43	.22	948.62

DATA LIST FILE = "40.1"

I	F	TC	TS
82.50	85.02	2.52	82.50
86.34	89.53	3.19	1.32
90.30	91.56	1.26	.77
92.77	93.87	1.10	1.21
112.43	114.63	2.20	18.56
130.78	139.68	8.90	16.15
142.09	144.78	2.69	2.41
157.20	157.97	.77	12.42
159.78	162.03	2.25	1.81
162.52	167.41	4.89	.49
175.27	179.06	3.79	7.86
180.05	181.69	1.64	.99
182.68	183.95	1.27	.99
184.82	186.47	1.65	.87
187.52	189.44	1.92	1.05
190.37	194.77	4.40	.93
195.31	197.24	1.93	.54
197.79	204.21	6.42	.55
204.98	207.40	2.42	.77
207.89	211.68	3.79	.49
213.93	215.97	2.04	2.25
217.89	220.03	2.14	1.92
225.52	228.49	2.97	5.49
233.38	234.48	1.10	4.89
236.07	239.64	3.57	1.59
241.40	243.70	2.30	1.76
248.32	249.86	1.54	4.62
253.81	255.51	1.70	3.95
257.93	260.68	2.75	2.42
261.55	263.86	2.31	.87
264.52	267.27	2.75	.66

269.79	272.21	2.42	2.52
275.29	279.13	3.84	3.08
280.34	282.48	2.14	1.21
285.56	287.75	2.19	3.08
289.57	291.93	2.36	1.82
293.25	295.72	2.47	1.32
296.49	299.62	3.13	.77
300.50	308.08	7.58	.88
309.18	313.46	4.28	1.10
317.91	331.97	14.06	4.45
332.52	336.03	3.51	.55
337.13	341.75	4.62	1.10
355.42	365.91	10.49	13.67
374.26	375.53	1.27	8.35
379.97	383.32	3.35	4.44
402.33	405.24	2.91	19.01
406.83	409.41	2.58	1.59
421.33	422.71	1.38	11.92
425.18	426.55	1.37	2.47
427.81	429.19	1.38	1.26
430.40	432.87	2.47	1.21
437.43	439.40	1.97	4.56
442.09	445.01	2.92	2.69
446.71	449.24	2.53	1.70
450.99	463.96	12.97	1.75
471.15	473.40	2.25	7.19
481.53	482.36	.83	8.13
549.36	551.07	1.71	67.00
554.80	557.99	3.19	3.73
559.91	576.94	17.03	1.92
577.65	580.51	2.86	.71
581.94	584.19	2.25	1.43
588.03	602.75	14.72	3.84
609.89	623.95	14.06	7.14
625.05	628.46	3.41	1.10
630.05	658.34	28.29	1.59
688.11	690.19	2.08	29.77
691.07	696.02	4.95	.88
696.89	700.90	4.01	.87
701.95	709.53	7.58	1.05
712.00	717.88	5.88	2.47
719.19	736.88	17.69	1.31
739.52	745.28	5.76	2.64
745.83	774.17	28.34	.55
779.01	782.91	3.90	4.84
783.90	791.31	7.41	.99
795.32	805.92	10.60	4.01
806.58	816.63	10.05	.66
826.41	831.90	5.49	9.78
835.36	844.15	8.79	3.46
844.97	862.55	17.58	.82
864.36	877.38	13.02	1.81

878.04	899.90	21.86	.66
900.94	922.36	21.42	1.04
926.43	932.85	6.42	4.07
933.51	957.19	23.68	.66
987.29	989.21	1.92	30.10
989.87	992.39	2.52	.66
992.83	998.33	5.50	.44
1000.30	1012.99	12.69	1.97
1013.92	1028.70	14.78	.93
1264.27	1268.94	4.67	235.57
1291.52	1398.57	107.05	22.58
1399.28	1427.79	28.51	.71
1428.72	1446.52	17.80	.93
1448.77	1456.84	8.07	2.25
1457.39	1490.46	33.07	.55
1494.85	1512.21	17.36	4.39
1516.71	1536.38	19.67	4.50
1536.92	1564.83	27.91	.54
1565.93	1606.79	40.86	1.10
1608.27	1622.33	14.06	1.48
1628.32	1753.33	125.01	5.99
1764.04	1785.35	21.31	10.71
1786.40	1813.36	26.96	1.05
1814.08	1934.42	120.34	.72
1935.57	1939.53	3.96	1.15
1944.09	1950.62	6.53	4.56
1951.94	1953.31	1.37	1.32
1959.41	1980.56	21.15	6.10
1982.65	2005.99	23.34	2.09
2009.06	2038.34	29.28	3.07
2039.27	2086.45	47.18	.93
2092.33	2100.79	8.46	5.88
2117.60	2123.64	6.04	16.81
2139.90	2228.44	88.54	16.26
2229.04	2249.69	20.65	.60
2264.74	2304.34	39.60	15.05
2304.84	2320.60	15.76	.50
2322.08	2324.45	2.37	1.48
2325.76	2350.32	24.56	1.31
2350.70	2353.39	2.69	.38
2354.16	2354.93	.77	.77
2383.49	2406.83	23.34	28.56
2407.60	2416.23	8.63	.77
2419.25	2421.83	2.58	3.02
2423.15	2423.70	.55	1.32
2426.44	2427.21	.77	2.74
2427.98	2443.14	15.16	.77
2533.77	2553.16	19.39	90.63
2560.30	2565.62	5.32	7.14
2583.26	2601.49	18.23	17.64
2641.70	2663.61	21.91	40.21
2664.71	2748.75	84.04	1.10

2750.28	2773.96	23.68	1.53
2774.84	2784.83	9.99	.88
2787.69	2790.10	2.41	2.86
2791.53	2798.62	7.09	1.43
2800.82	2805.76	4.94	2.20
2811.09	2829.10	18.01	5.33
2829.54	2837.78	8.24	.44
3347.93	3348.04	.11	510.15

DATA LIST FILE = "40.3"

I	F	TC	TS
1711.97	1713.07	1.10	1711.97
2671.85	2671.96	.11	958.78

DATA LIST FILE = "40.6"

I	F	TC	TS
40.21	40.81	.60	40.21
209.98	210.48	.50	169.17
212.07	213.22	1.15	1.59
217.34	217.95	.61	4.12
1321.29	1321.35	.06	1103.34

DATA LIST FILE = "41.1"

I	F	TC	TS
451.65	452.91	1.26	451.65
457.42	457.97	.55	4.51
459.94	461.10	1.16	1.97
465.60	466.04	.44	4.50
466.97	470.65	3.68	.93
1113.50	1114.38	.88	642.85
1115.10	1117.13	2.03	.72
1117.90	1120.15	2.25	.77
2475.00	2475.00	.00	1354.85

DATA LIST FILE = "41.3"

I	F	TC	TS
3432.79	3433.29	.50	3432.79
3434.06	3435.48	1.42	.77
3453.44	3453.50	.06	17.96

DATA LIST FILE = "41.6"

I	F	TC	TS
567.77	568.70	.93	567.77
583.59	585.89	2.30	14.89
872.38	877.27	4.89	286.49
929.51	931.54	2.03	52.24
992.23	998.16	5.93	60.69
1101.26	1102.52	1.26	103.10
1106.64	1107.68	1.04	4.12
1110.21	1111.86	1.65	2.53
1127.46	1130.04	2.58	15.60
1133.17	1134.16	.99	3.13
3064.57	3064.68	.11	1930.41

DATA LIST FILE = "42.1"

I	F	TC	TS
197.52	198.89	1.37	197.52
199.82	201.47	1.65	.93
220.37	221.13	.76	18.90
723.10	747.49	24.39	501.97
752.70	757.59	4.89	5.21
758.42	760.01	1.59	.83
771.93	778.46	6.53	11.92
875.13	876.62	1.49	96.67
885.84	892.21	6.37	9.22
902.38	905.89	3.51	10.17
906.49	910.56	4.07	.60
914.46	919.02	4.56	3.90
926.82	928.52	1.70	7.80
942.03	949.34	7.31	13.51
950.00	972.46	22.46	.66
984.27	990.92	6.65	11.81
1000.80	1003.60	2.80	9.88
1014.04	1015.25	1.21	10.44
1223.03	1226.22	3.19	207.78
1229.90	1236.43	6.53	3.68
1238.30	1248.46	10.16	1.87
1303.72	1312.01	8.29	55.26
1317.39	1323.05	5.66	5.38
1326.89	1334.31	7.42	3.84
1339.20	1362.05	22.85	4.89
1363.37	1373.14	9.77	1.32
1378.52	1462.51	83.99	5.38
1466.08	1485.68	19.60	3.57
1489.36	1522.26	32.90	3.68
1545.66	1549.18	3.52	23.40
1550.28	1563.18	12.90	1.10
1570.38	1572.30	1.92	7.20
1580.98	1584.50	3.52	8.68
1595.59	1596.63	1.04	11.09
1613.88	1630.85	16.97	17.25
1718.29	1733.45	15.16	87.44
1736.36	1743.67	7.31	2.91
1745.48	1758.33	12.85	1.81
1764.87	1804.14	39.27	6.54
1808.32	1827.81	19.49	4.18
1828.97	1841.99	13.02	1.16
1843.08	1857.04	13.96	1.09
1858.24	1859.78	1.54	1.20
1861.98	1870.66	8.68	2.20
1873.57	1882.58	9.01	2.91
1884.00	1889.33	5.33	1.42
2310.61	2310.66	.05	421.28

DATA LIST FILE = "42.3"

I	F	TC	TS
1938.54	1944.42	5.88	1938.54
1949.42	1956.06	6.64	5.00
1957.22	1959.80	2.58	1.16
1978.80	1981.77	2.97	19.00
2048.61	2050.37	1.76	66.84
2052.02	2052.84	.82	1.65
2054.82	2055.21	.39	1.98
2080.91	2088.11	7.20	25.70
2090.63	2226.08	135.45	2.52
2231.19	2261.40	30.21	5.11
2628.24	2844.81	216.57	366.84
2847.89	2894.85	46.96	3.08
2898.26	2937.86	39.60	3.41
2946.81	2957.08	10.27	8.95
2963.73	2976.86	13.13	6.65
2979.66	2990.92	11.26	2.80
2993.83	2995.42	1.59	2.91
2996.85	3019.20	22.35	1.43
3024.59	3034.91	10.32	5.39
3073.47	3086.87	13.40	38.56
3110.87	3117.41	6.54	24.00
3152.89	3164.65	11.76	35.48
3705.99	3740.04	34.05	541.34
3988.58	3992.87	4.29	248.54
4036.92	4088.33	51.41	44.05
4604.68	4605.67	.99	516.35
4609.35	4641.26	31.91	3.68
4811.53	4811.64	.11	170.27

DATA LIST FILE = "42.6"

I	F	TC	TS
238.98	242.77	3.79	238.98
246.89	247.38	.49	4.12
248.32	248.76	.44	.94
249.53	254.25	4.72	.77
407.38	408.59	1.21	153.13
443.85	447.70	3.85	35.26
452.70	458.68	5.98	5.00
503.23	505.75	2.52	44.55
604.67	611.21	6.54	98.92
618.90	619.34	.44	7.69
632.30	635.87	3.57	12.96
651.09	661.91	10.82	15.22
672.45	673.61	1.16	10.54
795.54	804.71	9.17	121.93
808.28	817.29	9.01	3.57
1267.35	1272.84	5.49	450.06
1546.37	1547.42	1.05	273.53
1567.13	1571.42	4.29	19.71
1574.27	1574.93	.66	2.85
1583.83	1586.47	2.64	8.90

2647.02	2650.21	3.19	1060.55
2813.50	2814.82	1.32	163.29
2815.43	2817.79	2.36	.61
2938.68	2940.88	2.20	120.89
2945.49	2947.08	1.59	4.61
3073.25	3075.17	1.92	126.17
3076.49	3080.72	4.23	1.32
3088.08	3092.47	4.39	7.36
3093.18	3095.93	2.75	.71
3096.92	3100.65	3.73	.99
3101.37	3111.64	10.27	.72
3115.92	3117.02	1.10	4.28
3117.85	3129.60	11.75	.83
3132.35	3149.98	17.63	2.75
3632.77	3632.83	.06	482.79

DATA LIST FILE = "44.1"

I	F	TC	TS
4899.19	4905.78	6.59	4899.19
5206.17	5206.22	.05	300.39

DATA LIST FILE = "44.3"

I	F	TC	TS
2018.68	2020.16	1.48	2018.68
2021.59	2022.47	.88	1.43
2023.13	2028.62	5.49	.66
2029.39	2032.25	2.86	.77
2033.18	2044.28	11.10	.93
2049.82	2056.63	6.81	5.54
2058.28	2063.28	5.00	1.65
2073.77	2077.07	3.30	10.49
2165.00	2167.20	2.20	87.93
2168.35	2288.58	120.23	1.15
2290.34	2387.18	96.84	1.76
2388.66	2391.73	3.07	1.48
2393.16	2405.91	12.75	1.43
2406.84	2415.52	8.68	.93
2416.78	2422.82	6.04	1.26
2571.84	2583.04	11.20	149.02
2584.08	2587.54	3.46	1.04
2588.26	2595.62	7.36	.72
2596.61	2597.98	1.37	.99
2670.81	2710.80	39.99	72.83
2723.92	27.32	8.08	13.12
2733.59	2735.68	2.09	1.59
2737.16	2738.59	1.43	1.48
2739.58	2740.18	.60	.99
2740.79	2742.71	1.92	.61
2743.31	2748.97	5.66	.60
2749.96	2763.58	13.62	.99
2765.28	2768.36	3.08	1.70

2768.80	2770.89	2.09	.44
2771.98	2774.51	2.53	1.09
2775.33	2804.17	28.84	.82
2805.87	2832.07	26.20	1.70
2836.69	2849.10	12.41	4.62
2850.58	2857.12	6.54	1.48
2860.19	2864.86	4.67	3.07
2879.03	2879.75	.72	14.17
2880.24	2883.32	3.08	.49
2892.38	2893.37	.99	9.06
3060.18	3060.18	.00	166.81

DATA LIST FILE = "44.6"

I	F	TC	TS
1306.40	1314.70	8.30	1306.40
1850.00	1857.36	7.36	535.30
1860.55	1868.46	7.91	3.19
1872.96	1879.33	6.37	4.50
1890.54	1896.85	6.31	11.21
1904.93	1905.92	.99	8.08
1908.22	1914.59	6.37	2.30
1915.53	1918.27	2.74	.94
1919.26	1923.99	4.73	.99
1925.14	1929.09	3.95	1.15
1929.86	1930.74	.88	.77
1931.40	1934.59	3.19	.66
1936.51	1939.53	3.02	1.92
1940.68	1944.86	4.18	1.15
1945.19	1947.27	2.08	.33
1948.59	1950.57	1.98	1.32
1950.95	1952.16	1.21	.38
1952.77	1957.11	4.34	.61
1957.93	1961.39	3.46	.82
1965.07	1974.24	9.17	3.68
1975.95	1984.68	8.73	1.71
1992.75	1994.13	1.38	8.07
1999.29	2004.56	5.27	5.16
2011.32	2016.65	5.33	6.76
2025.16	2029.88	4.72	8.51
2032.24	2036.36	4.12	2.36
2037.19	2041.97	4.78	.83
2045.54	2050.04	4.50	3.57
2050.53	2055.97	5.44	.49
2056.80	2059.71	2.91	.83
2062.56	2079.43	16.87	2.85
2080.69	2084.04	3.35	1.26
2087.28	2087.99	.71	3.24
2131.17	2132.65	1.48	43.18
2135.23	2137.65	2.42	2.58
2151.49	2161.21	9.72	13.84
2163.19	2165.93	2.74	1.98

2185.54	2196.03	10.49	19.61
2200.21	2202.24	2.03	4.18
2203.61	2208.23	4.62	1.37
2209.16	2211.30	2.14	.93
2212.24	2215.09	2.85	.94
2216.24	2225.53	9.29	1.15
2232.56	2238.65	6.09	7.03
2244.04	2248.43	4.39	5.39
2249.47	2253.70	4.23	1.04
2260.79	2266.39	5.60	7.09
2356.25	2358.12	1.87	89.86
2371.57	2375.64	4.07	13.45
2376.30	2386.40	10.10	.66
2390.03	2398.98	8.95	3.63
2406.40	2417.38	10.98	7.42
2492.08	2499.22	7.14	74.70
2531.13	2532.23	1.10	31.91
2545.69	2547.56	1.87	13.46
2553.98	2554.04	.06	6.42

DATA LIST FILE = "45.1"

I	F	TC	TS
91.62	123.31	31.69	91.62
155.11	159.01	3.90	31.80
492.30	505.70	13.40	333.29
534.15	549.20	15.05	28.45
553.38	570.46	17.08	4.18
595.12	595.61	.49	24.66
598.52	604.24	5.72	2.91
710.19	713.54	3.35	105.95
1219.40	1220.67	1.27	505.86
1225.88	1227.59	1.71	5.21
1228.57	1244.34	15.77	.98
1256.92	1266.80	9.88	12.58
1460.42	1460.42	.00	193.62

DATA LIST FILE = "45.3"

I	F	TC	TS
61.90	64.16	2.26	61.90
70.69	75.31	4.62	6.53
174.01	178.95	4.94	98.70
188.89	189.44	.55	9.94
497.57	501.75	4.18	308.13
530.20	563.65	33.45	28.45
564.91	583.92	19.01	1.26
778.90	780.77	1.87	194.98
783.52	786.15	2.63	2.75
787.31	790.71	3.40	1.16
808.78	820.70	11.92	18.07
889.69	901.77	12.08	68.99
1391.10	1400.88	9.78	489.33

1402.75	1406.15	3.40	1.87
1514.57	1518.53	3.96	108.42
1526.60	1530.01	3.41	8.07
1534.51	1536.22	1.71	4.50
1541.21	1546.71	5.50	4.99
1568.57	1571.37	2.80	21.86
1606.90	1614.70	7.80	35.53
1615.80	1622.06	6.26	1.10
1781.07	1789.86	8.79	159.01
1803.04	1803.87	.83	13.18
1878.46	1882.63	4.17	74.59
2798.51	2798.51	.00	915.88

DATA LIST FILE = "45.6"

I	F	TC	TS
383.33	386.13	2.80	383.33
481.31	481.92	.61	95.18
1140.31	1152.94	12.63	658.39
1154.21	1163.21	9.00	1.27
1412.03	1427.41	15.38	248.82
1512.98	1513.20	.22	85.57
1782.00	1783.05	1.05	268.80
1783.98	1786.01	2.03	.93
1914.32	1915.53	1.21	128.31
1916.24	1917.62	1.38	.71
2002.37	2003.35	.98	84.75
2004.23	2005.50	1.27	.88
2034.72	2035.71	.99	29.22
2104.53	2106.45	1.92	68.82
2260.13	2263.10	2.97	153.68
2331.15	2331.70	.55	68.05
2521.69	2521.69	.00	189.99

DATA LIST FILE = "46.1"

I	F	TC	TS
10.11	11.32	1.21	10.11
14.25	21.27	7.02	2.93
2847.70	2852.98	5.28	2826.43
2873.25	2874.31	1.06	20.27

DATA LIST FILE = "46.3"

I	F	TC	TS
2981.47	2982.10	.69	2981.47
3105.14	3105.20	.06	122.98

DATA LIST FILE = "46.6"

I	F	TC	TS
791.04	791.86	.82	791.04
795.93	796.64	.71	4.07
1837.10	1837.15	.05	1040.46

DATA LIST FILE = "47.1"

I	F	TC	TS
1832.20	1832.81	.61	1832.20
2018.35	2019.11	.76	185.54
2063.05	2063.60	.55	43.94
2354.60	2355.15	.55	291.00
2381.40	2382.01	.61	26.25
2385.25	2385.74	.49	3.24
2387.99	2389.92	1.93	2.25
2391.29	2393.49	2.20	1.37
2668.17	2668.83	.66	274.68
2720.68	2721.28	.60	51.85
2755.83	2756.49	.66	34.55
2824.54	2825.20	.66	68.05
3017.38	3017.88	.50	192.18
3026.34	3027.00	.66	8.46
3066.93	3067.42	.49	39.93
3092.96	3093.79	.83	25.54
3096.31	3097.85	1.54	2.52
3100.32	3101.09	.77	2.47
3102.08	3104.33	2.25	.99
3107.68	3108.56	.88	3.35
3110.48	3111.42	.94	1.92
3113.72	3115.59	1.87	2.30
3120.43	3122.46	2.03	4.84
3129.87	3130.92	1.05	7.41
3132.89	3134.10	1.21	1.97
3262.41	3262.46	.05	128.31

DATA LIST FILE = "47.3"

I	F	TC	TS
478.35	479.34	.99	478.35
936.87	938.84	1.97	457.53
971.69	978.33	6.64	32.85
986.96	988.17	1.21	8.63
1055.67	1055.72	.05	67.50

DATA LIST FILE = "47.6"

I	F	TC	TS
526.95	540.69	13.74	526.95
553.32	556.72	3.40	12.63
700.08	701.56	1.48	143.36
707.38	707.44	.06	5.82

DATA LIST FILE = "48.1"

I	F	TC	TS
36.68	40.20	3.52	36.68
47.18	49.48	2.30	6.98
103.45	116.12	12.67	53.97
127.23	128.44	1.21	11.11
156.76	177.21	20.45	28.32

206.85	215.95	9.10	29.64
228.16	260.54	32.38	12.21
346.54	347.50	.96	86.00
912.62	912.62	.00	565.12

DATA LIST FILE = "47.1"

I	F	TC	TS
1832.20	1832.81	.61	1832.20
2018.35	2019.11	.76	185.54
2063.05	2063.60	.55	43.94
2354.60	2355.15	.55	291.00
2381.40	2382.01	.61	26.25
2385.25	2385.74	.49	3.24
2387.99	2389.92	1.93	2.25
2391.29	2393.49	2.20	1.37
2668.17	2668.83	.66	274.68
2720.68	2721.28	.60	51.85
2755.83	2756.49	.66	34.55
2824.54	2825.20	.66	68.05
3017.38	3017.88	.50	192.18
3026.34	30.27	.66	8.46
3066.93	3067.42	.49	39.93
3092.96	3093.79	.83	25.54
3096.31	3097.85	1.54	2.52
3100.32	3101.09	.77	2.47
3102.08	3104.33	2.25	.99
3107.68	3108.56	.88	3.35
3110.48	3111.42	.94	1.92
3113.72	3115.59	1.87	2.30
3120.43	3122.46	2.03	4.84
3129.87	3130.92	1.05	7.41
3132.89	3134.10	1.21	1.97
3262.41	3262.46	.05	128.31

DATA LIST FILE = "47.1"

I	F	TC	TS
1832.20	1832.81	.61	1832.20
2018.35	2019.11	.76	185.54
2063.05	2063.60	.55	43.94
2354.60	2355.15	.55	291.00
2381.40	2382.01	.61	26.25
2385.25	2385.74	.49	3.24
2387.99	2389.92	1.93	2.25
2391.29	2393.49	2.20	1.37
2668.17	2668.83	.66	274.68
2720.68	2721.28	.60	51.85
2755.83	2756.49	.66	34.55
2824.54	2825.20	.66	68.05
3017.38	3017.88	.50	192.18
3026.34	3027.00	.66	8.46
3066.93	3067.42	.49	39.93

3092.96	3093.79	.83	25.54
3096.31	3097.85	1.54	2.52
3100.32	3101.09	.77	2.47
3102.08	3104.33	2.25	.99
3107.68	3108.56	.88	3.35
3110.48	3111.42	.94	1.92
3113.72	3115.59	1.87	2.30
3120.43	3122.46	2.03	4.84
3129.87	3130.92	1.05	7.41
3132.89	3134.10	1.21	1.97
3262.41	3262.46	.05	128.31

DATA LIST FILE = "48.3"

I	F	TC	TS
2.37	19.17	16.80	2.37
39.06	39.60	.54	19.89
53.45	71.57	18.12	13.85
234.43	238.11	3.68	162.86
239.53	240.14	.61	1.42
243.76	253.65	9.89	3.62
256.23	266.12	9.89	2.58
282.54	283.20	.66	16.42
283.86	286.11	2.25	.66
290.72	298.41	7.69	4.61
314.12	316.10	1.98	15.71
322.09	334.28	12.19	5.99
713.76	715.63	1.87	379.48
775.88	792.14	16.26	60.25
795.54	798.46	2.92	3.40
817.18	818.34	1.16	18.72
819.11	835.04	15.93	.77
1530.72	1536.38	5.66	695.68
1539.73	1539.73	.00	3.35

DATA LIST FILE = "48.6"

I	F	TC	TS
858.48	860.57	2.09	858.48
862.71	869.63	6.92	2.14
885.18	887.15	1.97	15.55
949.71	953.61	3.90	62.56
1122.73	1122.73	.00	169.12

DATA LIST FILE = "49.1"

I	F	TC	TS
249.75	250.13	.38	249.75
253.37	254.36	.99	3.24
277.71	279.63	1.92	23.35
321.54	323.24	1.70	41.91
324.39	329.72	5.33	1.15
330.49	343.12	12.63	.77
685.25	685.31	.06	342.13

DATA LIST FILE = "49.3"

I	F	TC	TS
1.48	10.27	8.79	1.48
11.64	19.61	7.97	1.37
27.30	30.04	2.74	7.69
34.11	41.36	7.25	4.07
44.38	51.46	7.08	3.02
62.56	64.04	1.48	11.10
64.54	66.46	1.92	.50
69.97	73.54	3.57	3.51
74.64	83.98	9.34	1.10
85.68	86.34	.66	1.70
86.78	96.56	9.78	.44
97.27	102.54	5.27	.71
103.86	108.04	4.18	1.32
109.36	135.83	26.47	1.32
180.65	199.87	19.22	44.82
210.47	221.62	11.15	10.60
235.08	297.91	62.83	13.46
306.43	309.23	2.80	8.52
311.37	385.47	74.10	2.14
423.97	424.08	.11	38.50
860.85	860.90	.05	436.77

DATA LIST FILE = "49.6"

I	F	TC	TS
1323.45	1327.66	4.21	1323.45
1350.12	1355.42	5.30	22.46
2056.75	2079.11	22.36	701.33
2085.28	2095.82	10.54	6.17
2099.00	2107.76	8.76	3.18
2122.62	2126.02	3.40	14.86
2201.34	2201.39	.50	75.32

DATA LIST FILE = "50.1"

I	F	TC	TS
331.92	332.30	.38	331.92
335.76	336.53	.77	3.46
339.17	339.77	.60	2.64
340.54	376.57	36.03	.77
377.50	410.41	32.91	.93
1689.35	1690.28	.93	1278.94
1693.41	1694.95	1.54	3.13
1749.32	1750.20	.88	54.37
1752.29	1764.43	12.14	2.09
1855.77	1862.85	7.08	91.34
1863.73	1870.54	6.81	.88
1893.28	1893.56	.28	22.74
1894.11	1894.38	.27	.55
1894.93	1895.21	.28	.55
1896.30	1897.02	.72	1.09
1899.16	1911.68	12.52	2.14
1925.47	1926.95	1.48	13.79
2197.19	2197.19	.00	270.24

DATA LIST FILE = "50.3"

I	F	TC	TS
175.23	176.57	1.34	175.23
818.00	828.45	10.45	641.43
912.67	913.54	.87	84.22
1453.16	1453.78	.62	539.62
1860.04	1868.46	8.42	406.26
1902.59	1903.34	.75	34.13

I	F	TC	TS
1904.26	1904.44	.18	.92
1905.31	1906.65	1.34	.87
2002.47	2006.57	4.10	95.82
2232.06	2232.10	.04	225.49

DATA LIST FILE = "50.6"

I	F	TC	TS
904.29	905.01	.72	904.29
908.14	909.24	1.10	3.13
910.61	914.95	4.34	1.37
921.92	922.86	.94	6.97
924.01	929.45	5.44	1.15
934.28	934.94	.66	4.83
1785.19	1785.19	.00	850.25

DATA LIST FILE = "51.1"

I	F	TC	TS
318.79	319.84	1.05	318.79
326.33	327.57	1.24	6.49
2001.35	2001.35	.00	1673.78

DATA LIST FILE = "51.3"

I	F	TC	TS
5.77	14.83	9.06	5.77
21.53	32.79	11.26	6.70
82.94	89.03	6.09	50.15
143.08	149.62	6.54	54.05
253.87	254.91	1.04	104.25
279.57	280.67	1.10	24.66
322.74	324.28	1.54	42.07
627.58	630.98	3.40	303.30
632.03	639.00	6.97	1.05
641.37	660.92	19.55	2.37
665.09	675.53	10.44	4.17
873.26	878.04	4.78	197.73
891.17	897.43	6.26	13.13
921.32	925.77	4.45	23.89
1015.35	1019.53	4.18	89.58
1036.11	1038.53	2.42	16.58
1061.71	1061.76	.05	23.18

DATA LIST FILE = "51.6"

I	F	TC	TS
1427.02	1430.59	3.57	1427.02
1553.29	1571.36	18.07	122.70
1581.30	1586.68	5.38	9.94
1588.88	1595.36	6.48	2.20
1600.42	1604.04	3.62	5.06
1605.63	1611.51	5.88	1.59
1631.56	1636.12	4.56	20.05
1637.22	1640.95	3.73	1.10
1721.31	1721.31	.00	80.36

DATA LIST FILE = "52.1"

I	F	TC	TS
1097.21	1097.44	.23	1097.21
1103.88	1104.52	.64	6.44
1114.95	1115.33	.38	10.43
1126.05	1127.08	1.03	10.72
1280.00	1280.00	.00	152.92

DATA LIST FILE = "52.3"

I	F	TC	TS
50.26	51.30	1.04	50.26
67.39	69.21	1.82	16.09
192.13	197.07	4.94	122.92
249.91	252.22	2.31	52.84
278.47	281.38	2.91	26.25
297.97	305.77	7.80	16.59
417.60	419.25	1.65	111.83
597.92	636.81	38.89	178.67
642.13	672.18	30.05	5.32
674.27	683.00	8.73	2.09
704.69	705.57	.88	21.69
715.79	716.34	.55	10.22
717.38	722.49	5.11	1.04
734.13	734.13	.00	11.64

DATA LIST FILE = "52.6"

I	F	TC	TS
225.36	226.68	1.32	225.36
260.30	263.10	2.80	33.62
280.07	281.28	1.21	16.97
284.79	286.06	1.27	3.51
288.09	298.80	10.71	2.03
320.33	330.38	10.05	21.53
337.80	340.87	3.07	7.42
364.98	366.41	1.43	24.11
537.12	539.04	1.92	170.71
674.05	680.53	6.48	135.01
781.87	782.47	.60	101.34
916.11	916.16	.05	133.64

DATA LIST FILE = "53.1"

I	F	TC	TS
268.14	268.86	.72	268.14
292.81	293.58	.77	23.95
303.68	304.29	.61	10.10
596.32	596.82	.50	292.03
878.26	878.92	.66	281.44
881.17	881.88	.71	2.25
883.37	884.13	.76	1.49
896.49	897.43	.94	12.36
937.63	938.57	.94	40.20
1039.02	1039.46	.44	100.45
1560.82	1562.41	1.59	521.36
2220.80	2221.84	1.04	658.39
2222.89	2231.46	8.57	1.05
2232.01	2236.24	4.23	.55
2237.94	2255.40	17.46	1.70
2260.24	2263.64	3.40	4.84
2272.05	2274.41	2.36	8.41
2276.17	2278.36	2.19	1.76
2279.74	2286.60	6.86	1.38
2312.09	2312.97	.88	25.49
2947.52	2949.39	1.87	634.55
2951.20	2953.23	2.03	1.81
3038.37	3039.69	1.32	85.14
3184.63	3185.68	1.05	144.94
3186.39	3186.83	.44	.71
3187.82	3189.19	1.37	.99
3190.40	3192.87	2.47	1.21
3193.92	3220.99	27.07	1.05
3241.76	3251.86	10.10	20.77
3281.19	3282.40	1.21	29.33
3289.60	3290.15	.55	7.20
3295.80	3297.07	1.27	5.65
3298.33	3319.09	20.76	1.26
3322.17	3349.57	27.40	3.08
3351.61	3365.78	14.17	2.04
3367.15	3370.83	3.68	1.37
3371.98	3373.58	1.60	1.15
3385.17	3386.92	1.75	11.59
3391.15	3395.77	4.62	4.23
3397.96	3416.69	18.73	2.19
3419.60	3428.61	9.01	2.91
3430.37	3434.87	4.50	1.76
3444.54	3452.01	7.47	9.67
3457.06	3461.51	4.45	5.05
3463.66	3475.79	12.13	2.15
3478.70	3484.36	5.66	2.91
3485.68	3513.69	28.01	1.32
3515.23	3524.90	9.67	1.54
3525.61	3597.78	72.17	.71
3601.85	3605.36	3.51	4.07
3631.12	3632.33	1.21	25.76

3664.41	3668.09	3.68	32.08
3711.15	3711.20	.05	43.06

DATA LIST FILE = "53.3"

I	F	TC	TS
16.25	16.75	.50	16.25
18.83	20.70	1.87	2.08
25.87	27.90	2.03	5.17
31.19	32.24	1.05	3.29
35.15	36.41	1.26	2.91
37.62	42.56	4.94	1.21
51.79	52.50	.71	9.23
56.40	57.34	.94	3.90
63.27	64.59	1.32	5.93
74.64	75.24	.60	10.05
92.93	93.86	.93	17.69
480.32	482.08	1.76	386.46
486.09	486.53	.44	4.01
498.11	503.11	5.00	11.58
515.80	525.03	9.23	12.69
526.24	539.53	13.29	1.21
543.65	567.27	23.62	4.12
568.04	597.58	29.54	.77
601.05	605.11	4.06	3.47
608.24	621.64	13.40	3.13
626.92	658.72	31.80	5.28
679.37	681.35	1.98	20.65
683.27	696.56	13.29	1.92
708.64	711.94	3.30	12.08
777.52	778.95	1.43	65.58
780.82	782.96	2.14	1.87
785.10	785.87	.77	2.14
1078.02	1079.56	1.54	292.15
1084.88	1086.48	1.60	5.32
1123.22	1124.21	.99	36.74
1126.46	1127.34	.88	2.25
1202.15	1204.02	1.87	74.81
1238.62	1239.77	1.15	34.60
1339.13	1339.85	.72	99.36
1377.03	1378.85	1.82	37.18
1434.26	1435.03	.77	55.41
1437.84	1438.88	1.04	2.81
1439.65	1442.34	2.69	.77
1483.86	1484.36	.50	41.52
1592.29	1593.88	1.59	107.93
1623.37	1624.09	.72	29.49
1625.90	1626.45	.55	1.81
1631.94	1632.82	.88	5.49
1636.01	1637.87	1.86	3.19
1645.34	1647.60	2.26	7.47
1649.13	1654.41	5.28	1.53

1657.92	1681.48	23.56	3.51
1685.99	1689.72	3.73	4.51
1691.26	1699.12	7.86	1.54
1699.77	1718.28	18.51	.65
1719.22	1740.09	20.87	.94
1741.08	1744.37	3.29	.99
1748.44	1779.58	31.14	4.07
1780.35	1836.37	56.02	.77
1839.94	1842.03	2.09	3.57
1843.02	1847.19	4.17	.99
1848.40	1850.98	2.58	1.21
1858.78	1864.11	5.33	7.80
1866.36	1869.99	3.63	2.25
1895.69	1897.18	1.49	25.70
2046.79	2048.99	2.20	149.61
2121.88	2123.36	1.48	72.89
2124.13	2125.56	1.43	.77
2129.46	2148.57	19.11	3.90
2150.88	2161.04	10.16	2.31
2163.18	2166.53	3.35	2.14
2169.83	2176.64	6.81	3.30
2191.30	2192.73	1.43	14.66
2193.61	2201.08	7.47	.88
2203.33	2271.27	67.94	2.25
2272.76	2297.31	24.55	1.49
2298.24	2362.23	63.99	.93
2363.49	2448.13	84.64	1.26
2449.78	2538.32	88.54	1.65
2539.92	2545.13	5.21	1.60
2545.63	2567.21	21.58	.50
2568.75	2603.57	34.82	1.54
2605.33	2672.89	67.56	1.76
2741.05	2747.53	6.48	68.16
2799.66	2824.21	24.55	52.13
2828.05	2830.25	2.20	3.84
2892.15	2893.25	1.10	61.90
2894.40	2905.88	11.48	1.15
2910.44	2911.71	1.27	4.56
2919.18	2923.73	4.55	7.47
2938.29	2955.65	17.36	14.56
2957.13	2980.97	23.84	1.48
2982.56	3012.16	29.60	1.59
3013.26	3015.62	2.36	1.10
3017.44	3027.65	10.21	1.82
3033.53	3042.65	9.12	5.88
3064.62	3071.81	7.19	21.97
3073.63	3074.67	1.04	1.82
3075.44	3085.87	10.43	.77
3088.40	3102.02	13.62	2.53
3103.18	3107.57	4.39	1.16
3108.83	3108.94	.11	1.26

DATA LIST FILE = "53.6"

I	F	TC	TS
641.14	641.91	.77	641.14
785.98	793.12	7.14	144.07
798.39	800.92	2.53	5.27
802.46	807.18	4.72	1.54
808.61	811.58	2.97	1.43
812.18	817.73	5.55	.60
842.66	853.98	11.32	24.93
863.97	872.21	8.24	9.99
873.04	875.56	2.52	.83
888.25	895.12	6.87	12.69
991.51	996.78	5.27	96.39
999.20	1002.44	3.24	2.42
1050.50	1051.27	.77	48.06
1244.28	1245.65	1.37	193.01
1246.86	1247.68	.82	1.21
1254.82	1255.70	.88	7.14
1286.79	1287.34	.55	31.09
1306.07	1306.12	.05	18.73

DATA LIST FILE = "54.1"

I	F	TC	TS
398.32	398.98	.66	398.32
427.26	428.14	.88	28.28
489.55	490.37	.82	61.41
491.58	492.79	1.21	1.21
495.48	496.03	.55	2.69
1088.13	1089.06	.93	592.10
1090.76	1091.48	.72	1.70
1092.52	1093.13	.61	1.04
2610.11	2610.50	.39	1516.98
2938.84	2939.06	.22	328.34
2940.60	2940.87	.27	1.54

DATA LIST FILE = "54.3"

I	F	TC	TS
36.80	37.40	.60	36.80
48.33	48.39	.06	10.93
152.86	153.68	.82	104.47
159.12	159.83	.71	5.44
160.87	162.63	1.76	1.04
163.46	164.77	1.31	.83
165.87	168.12	2.25	1.10
172.02	174.06	2.04	3.90
175.27	176.20	.93	1.21
184.66	186.09	1.43	8.46
188.89	189.77	.88	2.80
190.48	191.30	.82	.71
1431.03	1432.62	1.59	1239.73
1454.21	1456.95	2.74	21.59
1462.06	1463.60	1.54	5.11

1471.34	1473.48	2.14	7.74
1474.97	1476.18	1.21	1.49
1479.09	1480.08	.99	2.91
1492.65	1493.70	1.05	12.57
1495.18	1496.33	1.15	1.48
2275.18	2275.23	.05	778.85

DATA LIST FILE = "55.1"

I	F	TC	TS
262.43	264.58	2.15	262.43
266.77	270.29	3.52	2.19
271.39	274.79	3.40	1.10
280.40	281.49	1.09	5.61
282.04	285.89	3.85	.55
292.48	293.36	.88	6.59
296.21	303.63	7.42	2.85
304.34	315.60	11.26	.71
316.87	322.25	5.38	1.27
322.80	338.45	15.65	.55
339.00	343.34	4.34	.55
345.87	347.35	1.48	2.53
352.02	353.39	1.37	4.67
359.54	385.69	26.15	6.15
386.18	403.54	17.36	.49
580.40	588.09	7.69	176.86
589.90	595.72	5.82	1.81
599.95	605.94	5.99	4.23
607.26	608.79	1.53	1.32
679.15	686.24	7.09	70.36
687.61	695.30	7.69	1.37
701.67	742.37	40.70	6.37
743.25	768.68	25.43	.88
1037.82	1041.99	4.17	269.14
1119.82	1130.15	10.33	77.83
1172.55	1178.98	6.43	42.40
1547.14	1627.17	80.03	368.16
1632.50	1639.25	6.75	5.33
1640.13	1640.57	.44	.88
1642.00	1678.85	36.85	1.43
1700.93	1744.65	43.72	22.08
1746.96	1759.81	12.85	2.31
1776.24	1829.07	52.83	16.43
2023.24	2035.05	11.81	194.17
2159.62	2160.93	1.31	124.57
2713.92	2715.24	1.32	552.99
2719.80	2722.22	2.42	4.56
2727.55	2728.97	1.42	5.33
2740.34	2742.71	2.37	11.37
2743.86	2748.03	4.17	1.15
2876.06	2877.49	1.43	128.03
2878.65	2879.52	.87	1.16

3111.09	3114.94	3.85	231.57
3121.36	3121.86	.50	6.42
3387.42	3393.02	5.60	265.56
3397.97	3415.38	17.41	4.95
3490.30	3515.51	25.21	74.92
3519.74	3519.85	.11	4.23

DATA LIST FILE = "55.3"

I	F	TC	TS
72.88	73.49	.61	72.88
79.47	80.52	1.05	5.98
96.39	96.94	.55	15.87
352.40	352.73	.33	255.46
353.72	354.98	1.26	.99
358.66	359.65	.99	3.68
360.31	362.72	2.41	.66
369.64	371.35	1.71	6.92
374.04	374.75	.71	2.69
400.02	400.79	.77	25.27
432.09	432.86	.77	31.30
445.28	445.77	.49	12.42
450.33	450.88	.55	4.56
453.41	454.06	.65	2.53
464.83	466.31	1.48	10.77
467.25	469.94	2.69	.94
475.60	476.47	.87	5.66
478.56	478.95	.39	2.09
484.00	484.38	.38	5.05
487.95	488.56	.61	3.57
492.73	495.97	3.24	4.17
498.17	503.33	5.16	2.20
514.48	515.25	.77	11.15
520.69	521.84	1.15	5.44
524.04	525.19	1.15	2.20
526.18	528.32	2.14	.99
530.19	531.29	1.10	1.87
532.61	533.71	1.10	1.32
537.00	537.83	.83	3.29
576.66	579.68	3.02	38.83
587.70	588.47	.77	8.02
589.62	592.15	2.53	1.15
604.89	605.55	.66	12.74
609.01	609.45	.44	3.46
626.75	627.41	.66	17.30
628.12	631.80	3.68	.71
634.55	635.26	.71	2.75
637.02	637.79	.77	1.76
640.21	640.54	.33	2.42
651.36	652.24	.88	10.82
700.19	700.63	.44	47.95
715.02	716.00	.98	14.39

718.42	719.41	.99	2.42
732.04	732.65	.61	12.63
889.84	890.45	.61	157.19
895.56	896.05	.49	5.11
924.50	925.66	1.16	28.45
1028.70	1030.62	1.92	103.04
1042.32	1044.51	2.19	11.70
1159.69	1161.72	2.03	115.18
1211.54	1212.26	.72	49.82
1213.74	1215.06	1.32	1.48
1274.98	1277.07	2.09	59.92
1343.91	1345.23	1.32	66.84
1435.86	1436.79	.93	90.63
3645.35	3645.79	.44	2208.56

DATA LIST FILE = "55.6"

I	F	TC	TS
932.41	933.23	.82	932.41
985.58	988.76	3.18	52.35
1531.98	1534.89	2.91	543.22
1537.25	1538.51	1.26	2.36
1540.05	1542.47	2.42	1.54
1543.62	1549.50	5.88	1.15
1550.10	1552.30	2.20	.60
1603.11	1603.49	.38	50.81
1650.01	1652.54	2.53	46.52
1664.90	1667.31	2.41	12.36
1678.02	1678.57	.55	10.71
1714.99	1716.86	1.87	36.42
1735.64	1736.58	.94	18.78
1743.50	1745.14	1.64	6.92
1779.47	1780.57	1.10	34.33
1781.23	1784.14	2.91	.66
1793.26	1794.14	.88	9.12
1796.61	1797.49	.88	2.47
1811.33	1812.15	.82	13.84
1812.81	1815.83	3.02	.66
1829.84	1834.18	4.34	14.01
1840.82	1842.31	1.49	6.64
1851.31	1861.15	9.84	9.00
1884.82	1889.87	5.05	23.67
1894.54	1899.76	5.22	4.67
1906.40	1907.61	1.21	6.64
1908.33	1909.59	1.26	.72
1929.36	1936.78	7.42	19.77
1940.35	1942.22	1.87	3.57
1944.63	1946.01	1.38	2.41
1960.89	1963.31	2.42	14.88
1964.08	1966.22	2.14	.77
1966.93	1974.02	7.09	.71
1976.00	1980.39	4.39	1.98

1984.12	1989.40	5.28	3.73
1991.32	1992.09	.77	1.92
1996.70	1997.36	.66	4.61
1999.12	2008.95	9.83	1.76
2024.33	2025.98	1.65	15.38
2050.69	2052.34	1.65	24.71
2058.05	2058.66	.61	5.71
2081.23	2082.55	1.32	22.57
2085.46	2088.10	2.64	2.91
2089.03	2090.41	1.38	.93
2093.87	2096.94	3.07	3.46
2098.37	2100.68	2.31	1.43
2108.31	2113.20	4.89	7.63
2114.85	2115.95	1.10	1.65
2121.88	2123.80	1.92	5.93
2267.43	2268.31	.88	143.63
2346.30	2347.24	.94	77.99
2362.51	2366.19	3.68	15.27
2381.46	2385.30	3.84	15.27
2395.19	2400.68	5.49	9.89
2403.32	2405.51	2.19	2.64
2409.63	2410.24	.61	4.12
2422.81	2426.05	3.24	12.57
2427.59	2444.62	17.03	1.54
2445.55	2446.32	.77	.93
2448.85	2455.60	6.75	2.53
2517.84	2519.21	1.37	62.24
2553.87	2557.60	3.73	34.66
2596.76	2607.58	10.82	39.16
2609.73	2617.53	7.80	2.15
2618.68	2622.91	4.23	1.15
2650.48	2654.22	3.74	27.57
2657.68	2659.05	1.37	3.46
2660.15	2664.98	4.83	1.10
2667.67	2669.70	2.03	2.69
2675.09	2678.00	2.91	5.39
2679.10	2683.55	4.45	1.10
2685.14	2689.81	4.67	1.59
2698.92	2702.55	3.63	9.11
2704.14	2706.28	2.14	1.59
2707.05	2736.82	29.77	.77
2814.32	2825.20	10.88	77.50
2835.08	2844.09	9.01	9.88
2845.36	2848.54	3.18	1.27
2854.75	2863.32	8.57	6.21
2864.53	2870.46	5.93	1.21
2875.67	2877.76	2.09	5.21
2878.53	2882.98	4.45	.77
2890.72	2892.70	1.98	7.74
2894.02	2903.36	9.34	1.32
2904.18	2908.14	3.96	.82
2911.87	2926.54	14.67	3.73

2930.93	2933.51	2.58	4.39
2934.50	2936.86	2.36	.99
2938.45	2940.16	1.71	1.59

2941.09	2944.28	3.19	.93
2945.43	2947.52	2.09	1.15
2948.67	2951.14	2.47	1.15
2952.90	2958.89	5.99	1.76
2962.13	2967.24	5.11	3.24
2974.87	2976.63	1.76	7.63
2977.23	2987.61	10.38	.60
2988.82	2988.88	.06	1.21

DATA LIST FILE = "56.1"

I	F	TC	TS
841.13	846.18	5.05	841.13
956.97	957.13	.16	110.79

DATA LIST FILE = "56.3"

I	F	TC	TS
657.19	659.16	1.97	657.19
2083.05	2083.27	.22	1423.89

DATA LIST FILE = "56.6"

I	F	TC	TS
6.86	7.80	.94	6.86
9.83	10.65	.82	2.03
288.46	292.75	4.29	277.81
293.35	296.04	2.69	.60
317.08	326.20	9.12	21.04
341.30	354.49	13.19	15.10
396.12	409.47	13.35	41.63
499.71	503.39	3.68	90.24
525.58	536.01	10.43	22.19
544.42	547.55	3.13	8.41
549.09	557.54	8.45	1.54
578.31	585.06	6.75	20.77
948.28	950.48	2.20	363.22
988.38	992.23	3.85	37.90
1113.01	1113.99	.98	120.78
1114.82	1121.63	6.81	.83
1193.09	1197.87	4.78	71.46
1200.78	1204.07	3.29	2.91
1210.88	1214.89	4.01	6.81
1387.47	1395.21	7.74	172.58
1403.67	1418.50	14.83	8.46
1474.14	1476.28	2.14	55.64
1566.25	1568.12	1.87	89.97
1570.70	1573.89	3.19	2.58
1599.92	1609.59	9.67	26.03
1618.49	1623.59	5.10	8.90
1624.42	1628.54	4.12	.83
1650.84	1662.76	11.92	22.30

1664.57	1667.31	2.74	1.81
1684.78	1690.71	5.93	17.47
1700.76	1714.22	13.46	10.05
1730.59	1731.25	.66	16.37
1732.13	1732.84	.71	.88
1733.83	1736.47	2.64	.99
1739.87	1741.02	1.15	3.40
1742.12	1742.73	.61	1.10
1749.48	1751.46	1.98	6.75
1760.52	1763.21	2.69	9.06
1771.67	1774.80	3.13	8.46
1775.85	1783.43	7.58	1.05
1789.47	1802.60	13.13	6.04
1804.19	1816.38	12.19	1.59
1934.09	1936.45	2.36	117.71
1981.10	1985.88	4.78	44.65
2416.61	2417.76	1.15	430.73
2421.61	2422.21	.60	3.85
2431.05	2433.36	2.31	8.84
2434.51	2436.22	1.71	1.15
2437.48	2438.69	1.21	1.26
2444.78	2445.83	1.05	6.09
2446.60	2447.92	1.32	.77
2501.30	2502.40	1.10	53.38
2503.06	2505.26	2.20	.66
2533.27	2535.85	2.58	28.01
2538.60	2540.68	2.08	2.75
2542.33	2544.31	1.98	1.65
2548.48	2550.35	1.87	4.17
2552.44	2554.53	2.09	2.09
2556.72	2559.08	2.36	2.19
2571.00	2575.12	4.12	11.92
2576.33	2577.37	1.04	1.21
2578.69	2599.56	20.87	1.32
2600.22	2605.50	5.28	.66
2606.54	2610.17	3.63	1.04
2615.38	2618.40	3.02	5.21
2632.36	2636.20	3.84	13.96
2637.24	2638.40	1.16	1.04
2681.13	2684.92	3.79	42.73
2687.01	2689.70	2.69	2.09
2696.78	2703.76	6.98	7.08
2715.90	2719.96	4.06	12.14
2852.77	2854.42	1.65	132.81
3048.97	3050.12	1.15	194.55
3316.84	3328.37	11.53	266.72
3669.62	3677.75	8.13	341.25
3754.54	3755.86	1.32	76.79
3766.24	3767.34	1.10	10.38
3772.77	3776.73	3.96	5.43
3781.07	3786.94	5.87	4.34
3804.74	3805.45	.71	17.80

3806.94	3807.65	.71	1.49
3809.08	3809.74	.66	1.43
3811.72	3813.31	1.59	1.98
3815.40	3816.33	.93	2.09
3820.17	3820.67	.50	3.84
3824.40	3826.11	1.71	3.73
3843.85	3847.53	3.68	17.74
3849.12	3855.49	6.37	1.59
3857.52	3859.39	1.87	2.03
4017.96	4019.94	1.98	158.57
4021.26	4023.18	1.92	1.32
4053.00	4056.13	3.13	29.82
4056.79	4072.06	15.27	.66
4196.85	4200.42	3.57	124.79
4225.36	4228.44	3.08	24.94
4229.09	4243.48	14.39	.65
4244.42	4246.95	2.53	.94
4248.54	4253.21	4.67	1.59
4254.09	4255.62	1.53	.88
4273.58	4273.86	.28	17.96

DATA LIST FILE = "57.1"

I	F	TC	TS
57.34	58.11	.77	57.34
63.00	82.12	19.12	4.89
83.16	85.91	2.75	1.04
87.22	88.38	1.16	1.31
90.90	92.55	1.65	2.52
94.14	95.90	1.76	1.59
101.28	109.41	8.13	5.38
214.60	221.90	7.30	105.19
222.45	224.59	2.14	.55
225.31	226.84	1.53	.72
228.33	230.25	1.92	1.49
3366.99	3367.04	.05	3136.74

DATA LIST FILE = "57.3"

I	F	TC	TS
380.31	380.91	.60	380.31
742.81	743.91	1.10	361.90
894.08	911.65	17.57	150.17
913.03	940.16	27.13	1.38
1683.96	1686.87	2.91	743.80
1688.19	1689.67	1.48	1.32
1690.33	1692.04	1.71	.66
1739.27	1742.29	3.02	47.23
1746.30	1747.62	1.32	4.01
1853.41	1854.51	1.10	105.79
1857.47	1859.28	1.81	2.96
1862.20	1864.50	2.30	2.92
1867.58	1869.94	2.36	3.08

1902.13	1914.87	12.74	32.19
1962.38	1964.25	1.87	47.51
1971.44	1973.86	2.42	7.19
1975.67	1999.67	24.00	1.81
2001.93	2009.12	7.19	2.26
2013.51	2025.16	11.65	4.39
2025.98	2049.88	23.90	.82
2538.60	2538.77	.17	488.72

DATA LIST FILE = "57.6"

I	F	TC	TS
303.13	305.38	2.25	303.13
310.22	311.70	1.48	4.84
312.30	313.62	1.32	.60
317.03	318.57	1.54	3.41
1023.59	1023.92	.33	705.02
1161.78	1162.61	.83	137.86
1696.10	1698.02	1.92	533.49
1758.93	1760.08	1.15	60.91
1993.85	1994.73	.88	233.77
1995.44	1995.88	.44	.71
2026.97	2028.01	1.04	31.09
2029.88	2033.12	3.24	1.87
2421.72	2421.83	.11	388.60

DATA LIST FILE = "58.1"

I	F	TC	TS
624.45	626.48	2.03	624.45
1018.76	1019.53	.77	392.28
2233.49	2234.37	.88	1213.96
2275.79	2275.95	.16	41.42

DATA LIST FILE = "58.3"

I	F	TC	TS
278.97	279.41	.44	278.97
287.48	288.36	.88	8.07
727.43	728.75	1.32	439.07
1056.82	1056.99	.17	328.07
1058.69	1059.07	.38	1.70
1079.29	1079.45	.16	20.22
1083.41	1083.95	.54	3.96
1086.59	1088.07	1.48	2.64
1088.95	1090.71	1.76	.88
1099.83	1106.36	6.53	9.12
1112.74	1121.19	8.45	6.38
1143.88	1146.84	2.96	22.69
1154.20	1156.90	2.70	7.36
1162.28	1168.54	6.26	5.38
1206.44	1208.69	2.25	37.90
1211.88	1213.14	1.26	3.19

1217.75	1218.69	.94	4.61
1219.73	1220.55	.82	1.04
1243.62	1244.50	.88	23.07
1274.16	1275.15	.99	29.66
1297.94	1299.92	1.98	22.79
1439.16	1440.48	1.32	139.24
1441.25	1443.50	2.25	.77
1444.27	1448.71	4.44	.77
1449.59	1450.80	1.21	.88
1452.56	1453.27	.71	1.76
1454.15	1455.47	1.32	.88
1457.45	1458.55	1.10	1.98
1459.37	1461.51	2.14	.82
1466.29	1467.17	.88	4.78
1467.88	1475.35	7.47	.71
1479.42	1491.17	11.75	4.07
1770.41	1772.12	1.71	279.24
1772.78	1773.54	.76	.66
1778.54	1779.48	.94	5.00
1785.02	1785.74	.72	5.54
1793.32	1796.39	3.07	7.58
1797.44	1801.06	3.62	1.05
1810.78	1811.55	.77	9.72
1859.72	1860.05	.33	48.17
1892.07	1892.68	.61	32.02
1896.69	1897.73	1.04	4.01
1901.30	1902.07	.77	3.57
1907.89	1909.32	1.43	5.82
1912.01	1915.86	3.85	2.69
2102.88	2103.65	.77	187.02
2108.59	2109.47	.88	4.94
2110.18	2111.61	1.43	.71
2113.81	2115.51	1.70	2.20
2117.93	2119.41	1.48	2.42
2120.07	2123.97	3.90	.66
2124.85	2127.37	2.52	.88
2143.74	2144.84	1.10	16.37
2149.12	2150.77	1.65	4.28
2188.95	2190.76	1.81	38.18
2219.48	2220.31	.83	28.72
2250.90	2251.62	.72	30.59
2270.62	2271.61	.99	19.00
2300.61	2304.73	4.12	29.00
2312.14	2314.89	2.75	7.41
2373.93	2374.37	.44	59.04
2380.14	2382.61	2.47	5.77
2390.69	2391.95	1.26	8.08
2408.54	2411.83	3.29	16.59
2415.24	2417.55	2.31	3.41
2419.19	2420.79	1.60	1.64
2425.07	2427.98	2.91	4.28
2434.19	2434.90	.71	6.21

2438.86	2440.94	2.08	3.96
2442.43	2443.91	1.48	1.49
2448.19	2449.73	1.54	4.28
2451.38	2453.52	2.14	1.65
2454.51	2466.21	11.70	.99
2466.87	2476.37	9.50	.66
2479.61	2495.81	16.20	3.24
2496.86	2499.60	2.74	1.05
2523.77	2526.30	2.53	24.17
2528.82	2529.37	.55	2.52
2531.85	2543.22	11.37	2.48
2544.09	2550.30	6.21	.87
2552.99	2557.22	4.23	2.69
2582.49	2584.46	1.97	25.27
2591.22	2592.21	.99	6.76
2601.88	2603.85	1.97	9.67
2614.78	2616.76	1.98	10.93
2620.88	2624.01	3.13	4.12
2637.80	2639.77	1.97	13.79
2649.83	2653.23	3.40	10.06
2703.98	2712.77	8.79	50.75
2721.67	2724.41	2.74	8.90
2756.33	2757.53	1.20	31.92
2797.79	2799.66	1.87	40.26
3469.97	3471.07	1.10	670.31
3479.97	3481.01	1.04	8.90
3488.10	3489.36	1.26	7.09
3507.98	3516.17	8.19	18.62
3517.26	3530.89	13.63	1.09
3550.22	3553.24	3.02	19.33
3557.47	3560.98	3.51	4.23
3562.63	3567.03	4.40	1.65
3569.83	3578.89	9.06	2.80
3580.76	3590.70	9.94	1.87
3592.46	3601.03	8.57	1.76
3603.55	3605.64	2.09	2.52
3616.13	3621.68	5.55	10.49
3622.39	3623.43	1.04	.71
3644.69	3646.23	1.54	21.26
3649.69	3654.25	4.56	3.46
3698.74	3703.35	4.61	44.49
3708.95	3714.12	5.17	5.60
3715.11	3719.01	3.90	.99
3788.54	3789.58	1.04	69.53
3794.03	3797.60	3.57	4.45
3799.20	3803.15	3.95	1.60
3810.07	3811.72	1.65	6.92
3812.43	3816.77	4.34	.71
3819.08	3822.05	2.97	2.31
3886.20	3886.86	.66	64.15
3911.08	3912.40	1.32	24.22

I	F	TC	TS
3936.29	3939.20	2.91	23.89
3946.45	3947.72	1.27	7.25
3963.26	3971.72	8.46	15.54
3983.58	3984.57	.99	11.86
3989.18	3992.48	3.30	4.61
3995.45	4006.32	10.87	2.97
4039.33	4041.03	1.70	33.01
4063.39	4065.09	1.70	22.36
4066.52	4067.73	1.21	1.43
4107.77	4109.53	1.76	40.04
4111.50	4113.59	2.09	1.97
4115.35	4116.01	.66	1.76
4118.04	4119.85	1.81	2.03
4121.06	4140.17	19.11	1.21
4141.38	4144.40	3.02	1.21
4145.50	4150.88	5.38	1.10
4154.29	4158.46	4.17	3.41
4161.65	4162.36	.71	3.19
4222.73	4222.84	.11	60.37

DATA LIST FILE = "58.6"

I	F	TC	TS
698.82	700.36	1.54	698.82
739.57	740.62	1.05	39.21
882.99	900.12	17.13	142.37
903.58	910.17	6.59	3.46
911.55	919.18	7.63	1.38
924.45	934.01	9.56	5.27
1028.26	1033.26	5.00	94.25
1113.34	1114.77	1.43	80.08
1128.01	1132.84	4.83	13.24
1134.49	1136.80	2.31	1.65
1139.60	1147.29	7.69	2.80
1147.89	1162.23	14.34	.60
1163.93	1184.53	20.60	1.70
1187.16	1190.18	3.02	2.63
1201.94	1203.37	1.43	11.76
1204.46	1211.60	7.14	1.09
1289.05	1292.51	3.46	77.45
1338.54	1343.43	4.89	46.03
1438.39	1439.82	1.43	94.96
1466.40	1470.41	4.01	26.58
1531.77	1533.80	2.03	61.36
1537.48	1546.76	9.28	3.68
1577.74	1584.33	6.59	30.98
1610.36	1617.72	7.36	26.03
2115.29	2116.34	1.05	497.57
2121.56	2123.26	1.70	5.22
2157.42	2171.87	14.45	34.16
2173.35	2180.05	6.70	1.48
2188.73	2193.73	5.00	8.68

2201.20	2205.04	3.84	7.47
2208.72	2228.71	19.99	3.68
2231.52	2235.03	3.51	2.81
2267.44	2282.71	15.27	32.41
2284.41	2285.73	1.32	1.70
2296.22	2297.87	1.65	10.49
2328.95	2330.99	2.04	31.08
2340.21	2343.34	3.13	9.22
2356.75	2362.51	5.76	13.41
3279.22	3284.88	5.66	916.71
3300.64	3303.61	2.97	15.76
3308.39	3321.24	12.85	4.78
3325.14	3326.62	1.48	3.90
3329.75	3333.27	3.52	3.13
3347.99	3351.28	3.29	14.72
3357.38	3366.17	8.79	6.10
3373.69	3380.34	6.65	7.52
3383.41	3384.62	1.21	3.07
3385.83	3386.71	.88	1.21
3388.41	3389.35	.94	1.70
3390.28	3390.88	.60	.93
3392.09	3393.14	1.05	1.21
3394.29	3395.44	1.15	1.15
3404.45	3405.44	.99	9.01
3406.54	3407.36	.82	1.10
3412.03	3414.01	1.98	4.67
3421.70	3422.52	.82	7.69
3431.53	3433.34	1.81	9.01
3481.13	3482.22	1.09	47.79
3482.88	3484.92	2.04	.66
3486.34	3487.66	1.32	1.42
3488.82	3490.24	1.42	1.16
4243.77	4246.18	2.41	753.53
4510.05	4510.16	.11	263.87

DATA LIST FILE = "59.1"

I	F	TC	TS
4188.24	4188.34	.10	4188.24

DATA LIST FILE = "59.3"

I	F	TC	TS
188.83	190.48	1.65	188.83
224.04	227.01	2.97	33.56
345.70	358.00	12.30	118.69
430.61	435.45	4.84	72.61
458.79	461.48	2.69	23.34
462.36	464.06	1.70	.88
471.53	472.63	1.10	7.47
979.76	980.91	1.15	507.13
1026.17	1027.60	1.43	45.26
1248.67	1260.43	11.76	221.07

2374.32	2374.59	.27	1113.89
2375.47	2377.83	2.36	.88
2379.04	2400.08	21.04	1.21
2402.55	2428.75	26.20	2.47
2772.91	2773.08	.17	344.16

DATA LIST FILE = "59.6"

I	F	TC	TS
245.73	247.60	1.87	245.73
474.83	477.30	2.47	227.23
814.43	815.97	1.54	337.13
903.74	906.71	2.97	87.77
908.35	909.34	.99	1.64
929.94	930.60	.66	20.60
1035.56	1036.33	.77	104.96
1101.42	1102.85	1.43	65.09
1248.45	1249.66	1.21	145.60
1251.53	1254.00	2.47	1.87
1254.72	1256.20	1.48	.72
1270.04	1272.02	1.98	13.84
1272.79	1275.64	2.85	.77
1278.55	1280.69	2.14	2.91
1281.90	1286.13	4.23	1.21
1729.44	1730.31	.87	443.31
1735.15	1738.11	2.96	4.84
1740.59	1742.56	1.97	2.48
1743.55	1745.42	1.87	.99
1759.54	1765.96	6.42	14.12
1902.29	1912.01	9.72	136.33
2063.71	2068.00	4.29	151.70
2197.24	2202.95	5.71	129.24
2226.84	2234.09	7.25	23.89
2235.03	2248.43	13.40	.94
2268.20	2269.41	1.21	19.77
2523.00	2524.43	1.43	253.59
2541.78	2545.08	3.30	17.35
3189.19	3189.85	.66	644.11
3338.81	3340.02	1.21	148.96
3349.30	3351.22	1.92	9.28
3428.83	3432.57	3.74	77.61
3563.29	3564.83	1.54	130.72
3642.82	3643.37	.55	77.99
3644.30	3646.06	1.76	.93
3658.64	3665.45	6.81	12.58
3666.22	3678.52	12.30	.77
3693.52	3703.13	9.61	15.00
3814.30	3816.33	2.03	111.17
3914.37	3916.79	2.42	98.04
3960.89	3965.18	4.29	44.10
4267.76	4267.93	.17	302.58

DATA LIST FILE = "60.1"

I	F	TC	TS
5.66	7.03	1.37	5.66
8.41	9.34	.93	1.38
9.89	13.19	3.30	.55
14.12	30.65	16.53	.93
31.04	41.20	10.16	.39
49.88	50.86	.98	8.68
162.69	176.42	13.73	111.83
480.33	482.41	2.08	303.91
567.88	568.76	.88	85.47
627.75	629.01	1.26	58.99
630.27	631.54	1.27	1.26
632.09	641.59	9.50	.55
642.47	662.62	20.15	.88
687.51	687.78	.27	24.89
705.85	709.20	3.35	18.07
840.53	841.02	.49	131.33
842.23	843.38	1.15	1.21
845.36	847.28	1.92	1.98
848.44	859.26	10.82	1.16
861.84	869.53	7.69	2.58
871.01	879.47	8.46	1.48
882.16	899.02	16.86	2.69
911.99	912.21	.22	12.97

DATA LIST FILE = "60.3"

I	F	TC	TS
759.29	759.62	.33	759.29
1261.75	1264.66	2.91	502.13
1729.98	1730.15	.17	465.32

DATA LIST FILE = "60.6"

I	F	TC	TS
1523.80	1523.97	.17	1523.80

DATA LIST FILE = "61.1"

I	F	TC	TS
525.03	526.02	.99	525.03
614.72	615.11	.39	88.70
681.02	682.17	1.15	65.91
683.76	684.86	1.10	1.59
686.95	687.61	.66	2.09
702.11	702.77	.66	14.50
704.58	707.60	3.02	1.81
708.48	709.47	.99	.88
719.52	722.60	3.08	10.05
723.42	726.94	3.52	.82
728.14	728.75	.61	1.20
1218.90	1219.67	.77	490.15
1221.54	1222.14	.60	1.87

1228.02	1228.73	.71	5.88
1235.38	1239.94	4.56	6.65
1240.71	1244.00	3.29	.77
1253.40	1255.43	2.03	9.40
1256.97	1264.93	7.96	1.54
1514.90	1569.82	54.92	249.97
1570.76	1577.84	7.08	.94
1578.50	1586.52	8.02	.66
1591.68	1594.10	2.42	5.16
1597.39	1646.00	48.61	3.29
1653.20	1657.32	4.12	7.20
1659.84	1670.56	10.72	2.52
1672.04	1674.84	2.80	1.48

DATA LIST FILE = "61.3"

I	F	TC	TS
3636.18	3636.40	.22	3636.18

DATA LIST FILE = "61.6"

I	F	TC	TS
1352.04	1373.24	21.20	1352.04
1378.02	1380.99	2.97	4.78
1381.76	1385.88	4.12	.77
1386.87	1394.72	7.85	.99
1400.49	1404.06	3.57	5.77
1404.55	1409.77	5.22	.49
1455.85	1468.43	12.58	46.08
1470.46	1476.18	5.72	2.03
1478.92	1484.25	5.33	2.74
2168.68	2168.79	.11	684.43

DATA LIST FILE = "62.1"

I	F	TC	TS
265.40	267.71	2.31	265.40
304.29	306.27	1.98	36.58
306.82	309.78	2.96	.55
310.61	311.38	.77	.83
884.80	885.46	.66	573.42
1012.94	1013.82	.88	127.48
1018.32	1018.87	.55	4.50
1159.53	1160.14	.61	140.66
1166.18	1167.33	1.15	6.04
1207.37	1208.47	1.10	40.04
1223.80	1225.17	1.37	15.33
1225.94	1229.29	3.35	.77
1295.48	1295.97	.49	66.19
1297.89	1298.61	.72	1.92
1303.93	1304.59	.66	5.32
1307.39	1308.33	.94	2.80
1313.49	1314.97	1.48	5.16

1316.57	1319.53	2.96	1.60
1321.46	1324.20	2.74	1.93
1378.96	1379.68	.72	54.76
1383.91	1384.84	.93	4.23
1387.59	1388.41	.82	2.75
1390.55	1391.70	1.15	2.14
1395.00	1396.43	1.43	3.30
1426.36	1427.02	.66	29.93
1429.00	1431.69	2.69	1.98
1443.11	1444.71	1.60	11.42
1451.85	1452.56	.71	7.14
1458.05	1463.71	5.66	5.49
1469.48	1471.02	1.54	5.77
1475.69	1478.27	2.58	4.67
1481.07	1483.49	2.42	2.80
1490.96	1493.48	2.52	7.47
1495.51	1497.16	1.65	2.03
1514.74	1516.11	1.37	17.58
1554.23	1556.04	1.81	38.12
1562.25	1566.26	4.01	6.21
1568.89	1572.24	3.35	2.63
1575.98	1576.80	.82	3.74
1581.64	1584.93	3.29	4.84
1586.91	1588.78	1.87	1.98
1589.71	1593.06	3.35	.93
1594.38	1595.37	.99	1.32
2153.85	2154.07	.22	558.48

DATA LIST FILE = "62.3"

I	F	TC	TS
407.10	407.71	.61	407.10
726.17	727.10	.93	318.46
728.69	729.19	.50	1.59
736.16	737.59	1.43	6.97
738.31	740.56	2.25	.72
982.94	983.49	.55	242.38
985.14	985.52	.38	1.65
987.45	988.00	.55	1.93
1450.41	1450.58	.17	462.41

DATA LIST FILE = "63.1"

I	F	TC	TS
301.38	302.31	.93	301.38
315.49	315.93	.44	13.18
320.38	321.04	.66	4.45
1942.28	1943.87	1.59	1621.24
2710.91	2711.23	.32	767.04
3332.22	3333.21	.99	620.99
3334.20	3334.75	.55	.99
3335.85	3337.61	1.76	1.10

3339.64	3341.34	1.70	2.03
3342.60	3344.36	1.76	1.26
3345.40	3347.55	2.15	1.04
3363.53	3364.96	1.43	15.98
3365.89	3366.88	.99	.93
3368.75	3371.16	2.41	1.87
3372.87	3384.84	11.97	1.71
3390.06	3411.97	21.91	5.22
3412.80	3414.34	1.54	.83
3432.19	3433.01	.82	17.85
3434.33	3444.11	9.78	1.32

DATA LIST FILE = "63.3"

I	F	TC	TS
933.13	942.25	9.12	933.13
962.19	975.97	13.78	19.94
992.51	1002.01	9.50	16.54
1004.26	1007.50	3.24	2.25
1093.57	1093.95	.38	86.07
1150.25	1151.46	1.21	56.30
1162.72	1165.74	3.02	11.26
1167.39	1169.59	2.20	1.65
1170.85	1172.72	1.87	1.26
1174.58	1178.59	4.01	1.86
1183.10	1188.42	5.32	4.51
1189.80	1201.17	11.37	1.38
1744.88	1746.19	1.31	543.71
1854.51	1860.49	5.98	108.32
2975.04	2977.18	2.14	1114.55
3083.79	3084.67	.88	106.61
3091.04	3092.91	1.87	6.37
3099.67	3101.64	1.97	6.76
3103.24	3104.72	1.48	1.60
3109.55	3111.31	1.76	4.83
3127.95	3130.04	2.09	16.64
3131.69	3135.48	3.79	1.65
3171.84	3173.49	1.65	36.36
3422.85	3425.05	2.20	249.36
3556.81	3558.24	1.43	131.76
3561.48	3564.34	2.86	3.24
3618.82	3621.79	2.97	54.48
3628.54	3629.48	.94	6.75
3662.98	3666.50	3.52	33.50
3688.69	3690.78	2.09	22.19
3693.19	3700.17	6.98	2.41

DATA LIST FILE = "63.6"

I	F	TC	TS
.77	6.42	5.65	.77
26.25	26.86	.61	19.83
230.24	231.18	.94	203.38
279.84	283.74	3.90	48.66
284.79	287.42	2.63	1.05
308.68	313.84	5.16	21.26
314.56	315.71	1.15	.72
333.94	340.53	6.59	18.23
341.91	344.93	3.02	1.38
388.16	399.91	11.75	43.23
478.40	479.77	1.37	78.49
484.49	485.10	.61	4.72
486.31	491.20	4.89	1.21
514.87	517.23	2.36	23.67
517.89	522.39	4.50	.66
532.22	545.68	13.46	9.83
566.22	572.43	6.21	20.54
600.44	606.26	5.82	28.01
630.43	637.35	6.92	24.17
672.78	676.02	3.24	35.43
728.91	735.34	6.43	52.89
754.78	755.50	.72	19.44
756.49	768.79	12.30	.99
804.49	810.81	6.32	35.70
884.30	885.56	1.26	73.49
886.11	887.92	1.81	.55
1148.93	1149.75	.82	261.01
1223.08	1224.01	.93	73.33
2429.57	2431.22	1.65	1205.56
2453.13	2454.40	1.27	21.91
2478.67	2488.89	10.22	24.27
2490.98	2496.53	5.55	2.09
2517.78	2521.41	3.63	21.25
2564.41	2570.02	5.61	43.00
2573.81	2583.20	9.39	3.79
2583.86	2589.51	5.65	.66
2592.53	2595.67	3.14	3.02
2596.82	2613.68	16.86	1.15
2617.80	2621.37	3.57	4.12
2795.21	2798.78	3.57	173.84
2818.17	2821.19	3.02	19.39
2837.78	2840.52	2.74	16.59
2916.82	2928.02	11.20	76.30
2933.07	2946.58	13.51	5.05
3068.90	3074.34	5.44	122.32
3101.14	3102.13	.99	26.80
3102.85	3104.33	1.48	.72
3123.28	3132.84	9.56	18.95
3136.96	3149.26	12.30	4.12
3167.06	3182.49	15.43	17.80

Instituto Superior de Psicología Aplicada
BIBLIOTECA

3212.48	3215.34	2.86	29.99
3219.73	3230.99	11.26	4.39
3237.52	3239.23	1.71	6.53
3240.27	3241.26	.99	1.04
3251.53	3254.00	2.47	10.27
3256.75	3265.43	8.68	2.75
3274.76	3279.98	5.22	9.33
3283.33	3291.85	8.52	3.35
3293.11	3301.29	8.18	1.26
3301.90	3311.34	9.44	.61
3315.13	3322.77	7.64	3.79
3341.44	3341.94	.50	18.67
3342.38	3346.22	3.84	.44
3357.54	3365.83	8.29	11.32
3416.31	3419.44	3.13	50.48
3442.12	3444.70	2.58	22.68
3468.76	3471.29	2.53	24.06
3479.09	3485.90	6.81	7.80
3552.91	3553.02	.11	67.01